



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

VANESSA DE CARVALHO FORTE

MARIA DA GLÓRIA FERREIRA FAÇANHA E A CONSOLIDAÇÃO DO ENSINO
DA ENFERMAGEM NO CEARÁ

FORTALEZA – CEARÁ
2021

VANESSA DE CARVALHO FORTE

MARIA DA GLÓRIA FERREIRA FAÇANHA E A CONSOLIDAÇÃO DO ENSINO DA
ENFERMAGEM NO CEARÁ

Tese apresentada ao Curso de Doutorado Acadêmico em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de doutora em educação. Área de Concentração: Formação de professores.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Sílvia Maria Nóbrega-Therrien.

FORTALEZA – CEARÁ

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Estadual do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Forte, Vanessa de Carvalho.

Maria da Glória Ferreira Façanha e a
consolidação do ensino da enfermagem no Ceará
[recurso eletrônico] / Vanessa de Carvalho Forte.
- 2021.

380 f. : il.

Tese (DOUTORADO ACADÊMICO) - Universidade
Estadual do Ceará, Centro de Educação, Curso de
Programa de Pós-graduação Em Educação - Doutorado
Acadêmico, Fortaleza, 2021.

Orientação: Prof.^a Dra. Sílvia Maria Nóbrega-
therrien..

1. História e Memória. Enfermagem. Educação.
História Oral. Formação de Professores.. I.
Título.

VANESSA DE CARVALHO FORTE

MARIA DA GLÓRIA FERREIRA FAÇANHA E A CONSOLIDAÇÃO DO ENSINO DA
ENFERMAGEM NO CEARÁ

Tese apresentada ao Curso de Doutorado em
Educação do Programa de Pós-Graduação em
Educação do Centro de Educação da
Universidade Estadual do Ceará, como
requisito parcial para a obtenção do título de
Doutora em Educação. Área de Concentração:
Formação de Professores.

Aprovada em: 30 de agosto de 2021.

BANCA EXAMINADORA



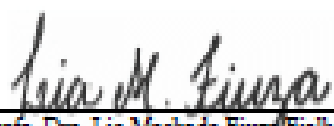
Profa. Dra. Silvana Maria Nobrega-Therrien (Orientadora)
Universidade Estadual do Ceará – PPGE/UECE



Profa. Dra. Isabel Maria Sabino de Farias
Universidade Estadual do Ceará – PPGE/UECE



Prof. Dr. Gisafra Nazareno Mota Jucá
Universidade Federal do Ceará – PPGE/UFC



Profa. Dra. Lía Machado Fiuza Fialho
Universidade Estadual do Ceará – PPGE/UECE



Profa. Dra. Maria Irismar de Almeida
Universidade Estadual do Ceará – RENASE/PPGSE/UECE

À minha amada (mãe), Izolda Forte, ao meu (pai), Airton Forte (*in memoriam*), as minhas (irmãs) Aline e Dayse, aos meus (filhos) Giovana Yasmin e Theo Magno e ao meu (esposo), Christopher, que reforçaram com amorosidade e apoio o alicerce para que eu pudesse construir este trabalho.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por estar viva e com saúde, pela força e perseverança, por tudo que sou e tenho. **Graças, Pai!**

A minha mãe, Izolda Forte, minha eterna gratidão, pela vida, pelo exemplo de persistência e amor, pelos estudos, pela dedicação e por tudo que sempre fez por mim sem medir esforços. Amo-te.

Ao meu pai, Airton Forte (*in memoriam*), que sempre acreditou e brincava dizendo, antes mesmo de me ver no curso: “*minha doutora!*”, posso agora, sim, dizer: Sou doutora. Amo-te.

Aos meus filhos Giovana Yasmin e Theo Magno, tão amados, crianças que sempre despertaram em mim os mais valiosos sentimentos, fazendo-me ter vontade de ser cada vez melhor. Amo vocês.

As minhas irmãs Aline Forte e Dayse Forte, por serem e estarem em minha vida nos momentos de apoio e colaboração nas questões mais adversas, sempre juntas. Amo vocês.

Ao meu esposo, Christopher Gonçalves, pela parceria na caminhada e na renovação de sermos um. Amo-te.

À Profa. Dra. Sílvia Maria Nóbrega-Therrein, por ter me dado mais de uma oportunidade para concluir esta árdua trajetória rumo ao crescimento acadêmico que não foi fácil. Agradeço sua condução com sabedoria e rigor, sobretudo sua paciência em ensinar e direcionar este trabalho. A caminhada foi difícil, mas chegamos. Gratidão.

A Maria da Glória Ferreira Façanha (*in memoriam*) e sua família, por compartilharem seus saberes e vivências sobre desenvolvimento pessoal e profissional desvelando a formação da enfermeira docente no ensino superior cearense. Foram momentos singulares, preciosos, e de muita aprendizagem. Gratidão.

À professora Dra. Isabel Maria Sabino de Farias, pela qual tenho grande apreço, carinho e admiração. Sou grata pela oportunidade de ingressar no grupo EDUCAS e por ter participado do OBEDUC. Foi uma experiência pessoal e acadêmica engrandecedora.

À professora Dra. Maria Irismar Almeida, pela oportunidade de realizar meu estágio supervisionado em sua disciplina e por poder aprender com sua didática e gentileza que transborda seu fazer docente na enfermagem.

Ao professor Dr. Gisafran Nazareno Mota Jucá, que não só indicou leituras sobre a história como compartilhou seus saberes em livros apresentando suas pesquisas que subsidiaram este trabalho.

À professora Dra. Lia Machado Fiuza Fialho que, com sua análise e contribuições acadêmicas, pôde agregar e melhorar o trabalho deixando-o apto a novos rumos, como as publicações.

Ao professor Dr. Antônio Germano Magalhães Júnior que, me acompanhou na trajetória acadêmica sendo meu orientador de mestrado, e agora, contribuindo com a pesquisa de doutorado.

À professora Dra. Valéria Aparecida Alves por aceitar contribuir com este trabalho.

Ao grupo de Pesquisa Educação, História e Saúde Coletiva (GPEHSC), coordenado pela professora Dr. Sílvia Maria Nóbrega-Therrien e Maria Irismar de Almeida. E aos colegas de grupo: Andrea Costa, Mariza Pereira, Sarlene Souza, Samara Moura, César Sadalla, Paulo Rogério, Elane Barbosa. Em especial, agradeço à professora Rachel Azevedo, que vem colaborando nesse grupo de estudo e pesquisa e por também ter me dado oportunidade de acompanhá-la no estágio docente. Grata.

Aos amigos que, ao longo desses anos, foram suporte, verdadeiro apoio emocional e afetivo nessa construção: Luciane Bezerra, Iana Lívia, Marcôncio Moura, Terezinha Gondim e todos que, de certo modo, contribuíram para esse momento. Grata.

Agradeço ao NUDIHME, na pessoa da Silvana Monteiro Nóbrega, pelo apoio incondicional, por todo o suporte e contribuições, e na de Jônia, por sua presteza e colaboração sempre que foi necessária a consulta ao acervo do NUDIHME. Grata.

Ao PPGE/UECE, em nome do coordenador Prof. Dr. José Airton, pela sensibilidade em acompanhar com zelo os alunos num período tão atípico vivenciado por todos.

Aos professores que lecionaram na turma de 2017, do doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará (PPGE-UECE), pelos conhecimentos compartilhados e pelas valiosas contribuições para a minha formação. À secretaria do PPGE-UECE, nas figuras singulares de Jonelma e Rosângela, que sempre realizam seus atendimentos com cordialidade e atenção.

Aos colegas do doutorado, turma 2017, que tanto valor acrescentaram a este trabalho com suas incessantes e preciosas contribuições, dividindo angústias, aprendizagem e alegrias vivenciadas em momentos memoráveis.

Às colaboradoras, professoras e enfermeiras participantes desta pesquisa, Jeanette Klein Antunes, Rogena Weaver Noronha Brasil, Francisca Lucélia Ribeiro de Farias,

Maria Graciema Daniel Silveira e Rachel Gomes de Mattos Bastos, pela disponibilidade em participarem deste estudo.

GRATIDÃO!

“Retrato do Poeta Quando Jovem

Há na memória um rio onde navegam os barcos da infância, em arcadas de ramos inquietos que despregam sobre as águas as folhas recurvadas.

Há um bater de remos compassado no silêncio da lisa madrugada, ondas brancas se afastam para o lado com o rumor da seda amarrotada.

Há um nascer do sol no sítio exato, à hora que mais conta duma vida, um acordar dos olhos e do tacto, um ansiar de sede inextinguida.

Há um retrato de água e de quebranto que do fundo rompeu desta memória, e tudo quanto é rio abre no canto que conta do retrato a velha história”.

(José Saramago)

RESUMO

A pesquisa versa sobre a história e a memória de Maria da Glória Ferreira Façanha (1932-2021) – mulher, enfermeira, professora e gestora. A partir da constituição de uma historiografia temática, objetiva demarcar na história da enfermagem a participação de Maria da Glória Ferreira Façanha na consolidação do ensino superior cearense, por meio da sua inserção na Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo, bem como na Universidade de Fortaleza, nos idos de 1968 a 1980. A pesquisa está inserida no campo da história e da educação, amparada na perspectiva da história cultural, e utiliza a metodologia da história oral entrecruzada com a análise documental para os direcionamentos e análises do material inventariado nesta produção. O estudo tem como relevância a contribuição desta mulher, enquanto enfermeira e professora, para com a historiografia das mulheres enfermeiras e profissionais da educação, sobretudo no ensino de enfermagem cearense, dos quais ainda pouco escritos registram suas protagonistas, configurando uma lacuna nesse tipo de produção. Glória Façanha era mineira, formou-se enfermeira e iniciou seus trabalhos, em 1956, na Fundação de Saúde Pública Especial (Fundação SESP). Na construção da história permeada por suas memórias identificamos sua participação como primeira diretora laica da Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo (1968-1972). Nesta escola demonstrou habilidades organizacionais, administrativas e também da área contábil. Ajudou, sobretudo, na parte pedagógica, reorganizou as matrizes curriculares do curso de acordo com a reforma universitária (Lei 5540/68), visando sua federalização. No ensino superior também implantou o curso superior de enfermagem na primeira universidade privada do Ceará, a Universidade de Fortaleza (UNIFOR), sendo coordenadora e professora (1973-1977) desta instituição. Trabalhou pela excelência no ensino e formação de enfermeiras cearenses, tendo como atenção a assistência e o cuidado com os pacientes e com suas alunas. A narrativa da trajetória de Glória Façanha revelou sua posição de protagonismo na história do ensino da enfermagem cearense e brasileira, uma vez que deixou nesse campo um legado à profissão.

Palavras-chave: História e Memória. Enfermagem. Educação. História Oral. Formação de Professores.

ABSTRACT

The research deals with the history and memory of Maria da Glória Ferreira Façanha (1932-2021) – woman, nurse, teacher and manager. From the constitution of a thematic historiography, the objective is to demarcate in Nursing History the participation of Maria da Glória Ferreira Façanha in the consolidation of higher education in Ceará, through her insertion at the São Vicente de Paulo School of Nursing, as well as at the University of Fortaleza, from 1968 to 1980. The research is inserted in the field of History and Education, supported by the perspective of Cultural History and uses the methodology of Oral History intertwined with documental analysis to guide and analyze the material inventoried in this production. The study has as relevance the contribution of this woman as a nurse and teacher to the historiography of women, nurses and education professionals, especially in Nursing education in Ceará, whose main characters are still poorly written, configuring a gap in this type of production. Glória Façanha was from Minas Gerais, graduated as a nurse and began her work in 1956 at the Special Public Health Foundation (Fundação SESP). In the construction of history permeated by her memories, we identified her participation as the first lay director of the São Vicente de Paulo School of Nursing (1968-1972). In this school he demonstrated organizational, administrative and also from the accounting area. It helped above all in the pedagogical part, reorganizing the course's curricular matrices in accordance with the University Reform (Law 5540/68), aiming at its federalization. In higher education, she also implemented a higher nursing course at the first private university in Ceará, the University of Fortaleza (UNIFOR), being coordinator and professor (1973-1977) of this institution. She worked for excellence in the teaching and training of nurses from Ceará, focusing on assistance and care for patients and their students. The narrative of Glória Façanha's trajectory revealed her leading position in the history of nursing education in Ceará and in Brazil, as she left the profession a legacy in this field.

Keywords: History and memory. Nursing. Education. Oral History. Teacher education.

RESUMEN

La investigación trata sobre la historia y la memoria de Maria da Glória Ferreira Façanha (1932-2021), mujer, enfermera, maestra y administradora. A partir de la constitución de una historiografía temática, pretende demarcar en Historia de la Enfermería la participación de Maria da Glória Ferreira Façanha en la consolidación de la educación superior en Ceará, a través de su inserción en la Escuela de Enfermería de São Vicente de Paulo, así como en la Universidad de Fortaleza, de 1968 a 1980. La investigación se inserta en el campo de la Historia y la Educación, sustentada en la perspectiva de la Historia Cultural y utiliza la metodología de la Historia Oral entrelazada con el análisis documental para orientar y analizar el material inventariado en esta producción. El estudio tiene como relevancia el aporte de esta mujer como enfermera y docente a la historiografía de mujeres, enfermeras y profesionales de la educación, especialmente en la formación de Enfermería en Ceará, cuyos protagonistas aún están mal escritos, configurando una brecha en este tipo de producción. Glória Façanha era de Minas Gerais, se graduó de enfermera y comenzó su trabajo en 1956 en la Fundación Especial de Salud Pública (Fundação SESP). En la construcción de la historia impregnada de sus recuerdos, identificamos su participación como la primera directora laica de la São Escuela de Enfermería Vicente de Paulo (1968-1972). En esta escuela demostró habilidades organizativas, administrativas y también del área contable. Ayudó sobre todo en la parte pedagógica, reorganizando el plan de estudios de la asignatura de acuerdo con la Reforma Universitaria (Ley 5540/68), con miras a su federalización. En la educación superior, también implementó un curso superior de enfermería en la primera universidad privada de Ceará, la Universidad de Fortaleza (UNIFOR), siendo coordinadora y profesora (1973-1977) de esta institución. Trabajó por excelencia en la docencia y formación de enfermeras de Ceará, enfocándose en la atención y atención a los pacientes y sus estudiantes. La narrativa de la trayectoria de Glória Façanha reveló su posición de liderazgo en la historia de la educación en enfermería en Ceará y en Brasil, ya que dejó un legado a la profesión en este campo.

Palabras-clave: Historia y memoria. Enfermería. Educación. Historia oral. Formación de profesores.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	Relação dos descritores articulados na busca das produções relacionadas ao tema da pesquisa. Fortaleza/CE, 2021.....	49
Quadro 2 –	Quantitativo de trabalhos identificados na Biblioteca Virtual em Saúde Regional (BVS-Regional). Fortaleza/CE, 2021.....	50
Quadro 3 –	Trabalhos selecionados na Biblioteca Virtual em Saúde Regional (BVS-Regional). Fortaleza/CE, 2021.....	51
Quadro 4 –	Quantitativo de trabalhos identificados na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) relacionados ao tema da pesquisa. Fortaleza/CE, 2021.....	62
Quadro 5 –	Trabalhos identificados na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) articulados ao tema da pesquisa. Fortaleza/CE, 2021.....	64
Quadro 6 –	Quantitativo de trabalhos identificados na Revista Brasileira de Enfermagem (REBEn) relacionados ao tema da pesquisa. Fortaleza/CE, 2021.....	72
Quadro 7 –	Síntese dos trabalhos identificados na Revista Brasileira de Enfermagem (REBEn) Fortaleza/CE, 2021.....	74
Quadro 8 –	Quantitativo de trabalhos identificados na História de Enfermagem Revista Eletrônica (HERE) que faz articulação com o objeto. Fortaleza/CE, 2021.....	81
Quadro 9 –	Quantitativo de livros/capítulos do acervo pessoal. Fortaleza/CE, 2021.....	90
Quadro 10 –	Trabalhos identificados no Grupo de Pesquisa Educação, História e Saúde Coletiva – Teses e Dissertações do PPGE/UECE. Fortaleza/CE, 2021.....	93
Quadro 11 –	Enfermeiras biografadas presentes em nosso Estado da Questão. Fortaleza/CE, 2021.....	95

Quadro 12	Quantitativo de atas do conselho universitário da Universidade Federal do Ceará (1955-1970), Fortaleza/Ceará.....	106
Quadro 13	Atas do Conselho Universitário da Universidade Federal do Ceará que referenciam em pauta a Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo (1955-1970)	107
Quadro 14	Colaboradores da pesquisa – História Oral (Entrevistas) Fortaleza/Ce, 2021.....	110
Quadro 15	Escolas de enfermagem ‘padrão Ana Neri’ pelo Brasil. Fortaleza/CE, 2021.....	128

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Tabela 1 –	Categorias de agrupamento dos trabalhos válidos na Biblioteca Virtual em Saúde Regional (BVS-Regional). Fortaleza/CE, 2021.....	50
Tabela 2 –	Categorias de agrupamento das Teses/Dissertações – Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD). Fortaleza/CE, 2021.....	63
Tabela 3 –	Categorias de agrupamento dos trabalhos válidos na Revista Brasileira de Enfermagem (REBen). Fortaleza/CE, 2021.....	73
Tabela 4 –	Categorias de agrupamento dos trabalhos achados na História de Enfermagem Revista Eletrônica (HERE). Fortaleza/CE, 2021.....	80
Gráfico 1 –	Teses e dissertações com relação ao objeto por região brasileira.....	65

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Categorias teóricas da pesquisa – Fortaleza/CE, 2021.....	97
Figura 2 –	Irmã Margarida Breves – primeira diretora da Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo (1943-1946)	134
Figura 3 –	Antigo prédio da Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo (1945)	135
Figura 4 –	Imóvel pertencente à Congregação das Irmãs de Caridade, onde funcionou a Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo (dias atuais)	136
Figura 5 –	Maria de Oliveira Ferreira e José Custódio Ferreira – pais de Maria da Glória de Ferreira. Cataguases – Minas Gerais (1940)	162
Figura 6 –	Fachada da Escola Normal Nossa Senhora do Carmo, Santana de Cataguases – MG (1925)	166
Figura 7 –	Fachada Atual da Escola Normal Nossa Senhora do Carmo (2021)	167
Figura 8 –	Normalistas do Colégio Nossa Senhora do Carmo - pátio (1948)	168
Figura 9 –	Fachada atual da Escola de Enfermeiras Ana Neri – Universidade do Rio de Janeiro (2021)	170
Figura 10 –	Maria da Glória Ferreira Façanha no pátio da Escola de Enfermeiras Ana Neri (1950)	172
Figura 11 –	Maria da Glória Ferreira Façanha está na terceira posição, “no centro”, entre as colegas do curso, trajando a roupa de gala. Rio de Janeiro (1951)	173
Figura 12 –	Foto de Maria da Glória Ferreira Façanha na solenidade de colação da insígnia (broche no colarinho de seu uniforme) em 20 de janeiro de 1951.....	174
Figura 13 –	Foto do Hospital São Francisco de Assis, Rio de Janeiro (1965)	175

Figura 14 –	Maria da Glória Ferreira Façanha, formatura Escola de Enfermagem Ana Neri (1953)	177
Figura 15 –	Foto do diploma de conclusão de curso da Maria da Glória Ferreira Façanha – Universidade do Brasil/ escola de Enfermeiras Ana Neri, Rio de Janeiro, 1953.....	178
Figura 16 –	Mapa do Brasil com os postos de trabalho da Fundação SESP, 1953.....	182
Figura 17 –	Foto de Maria da Glória Ferreira Façanha e grupo de enfermeiras em Santarém – PA, 1953. Maria da Glória está no centro da foto segurando um “cone”	185
Figura 18 –	Mapa do estado do Pará – Marcação da região de trabalho da Maria da Glória Ferreira Façanha.....	187
Figura 19 –	Foto do casamento de Maria da Glória Ferreira e agora Façanha – 27 de maio de 1957, Pará.....	189
Figura 20 –	Grupo de enfermeiras no curso de visitadoras sanitárias, Recife, 1963.....	191
Figura 21 –	Mapa do Ceará – cidades cearenses supervisionadas (FSESP) por Maria da Glória Ferreira Façanha de 1964 a 1967	193
Figura 22 –	Foto da declaração original de Glória Façanha como membro da Diretoria Colegiada da Escola de Enfermagem SVP – 1968.....	209
Figura 23 –	Foto da Transcrição da ata de posse da diretoria da Escola de Enfermagem SVP, registrada em cartório, 1969.....	216
Figura 24 –	Foto da declaração de diretora da Escola de Enfermagem SVP de Maria da Glória Ferreira Façanha (1969-1972)	218
Figura 25 –	(Abcd) - Solenidade de Conclusão de Curso de Auxiliares de Enfermagem turma. Fortaleza – Ceará, 1969.....	226

Figura 26 –	Transcrição da carta de Maria Ivete Ribeiro de Oliveira destinada a Maria da Glória Ferreira Façanha, 5 de janeiro de 1971.....	246
Figura 27 –	Declaração de permanência na diretoria da Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo – janeiro de 1969 a abril de 1972	261
Figura 28 –	Lista de colaboradores para o projeto da Universidade de Fortaleza (1972)	269
Figura 29 –	Organização Universitária da Universidade de Fortaleza (Projeto 1 e 2) (UNIFOR), 1972, Ceará.....	271
Figura 30 –	Lista de cursos da Universidade de Fortaleza (UNIFOR), 1972, Ceará.....	272
Figura 31 –	Assinatura dos documentos de criação da Fundação Edson Queiroz, 1971, Ceará.....	275
Figura 32 –	Solenidade de inauguração da Universidade de Fortaleza (UNIFOR), 1973, Ceará.....	277
Figura 33 –	Organograma do curso de enfermagem da Universidade de Fortaleza, 1973 – Ceará.....	282
Figura 34 –	Diagrama de comunicação discente da Universidade de Fortaleza, 1973, Ceará.....	293
Figura 35 –	Diploma de graduação em administração na UNIFOR, 1982.....	308
Figura 36 –	Mapa do Ceará – cidades cearenses supervisionadas (FSESP) por Maria da Glória Ferreira Façanha de 1977 a 1980	312
Figura 37 –	Foto da placa em homenagem a Maria da Glória Ferreira Façanha, UNIFOR, 2003.....	317
Figura 38 –	Medalha em homenagem a Maria da Glória Ferreira Façanha em reconhecimento à coordenação exercida no curso de enfermagem da UNIFOR, 2012.....	318
Figura 39 –	Recebimento da comenda da UNIFOR em sua homenagem ocorrida em 2012, 2018.....	320

Figura 40 –	Encontro de entrega da comenda a Glória Façanha, 2018.....	321
Figura 41 –	Entrada do NUDIHME n, UECE campus Itaperi, Ceará, 2018.....	322
Figura 42 –	Expositor com objetos pessoais pertencentes a Glória Façanha, NUDHIMEn, 2018.....	323
Figura 43 –	Quadro de Glória Façanha exposto no NUDIHME n, 2018.....	324
Figura 44 –	Documentos doados ao NUDIHME n, UECE, Ceará, 2018.....	325
Figura 45 –	Livro da solenidade de Imposição de insígnias, Escola de Enfermagem Ana Neri, 1951.....	326
Figura 46 –	Descerramento da placa de inauguração do Museu da Enfermagem- Núcleo de Documentação, Informação, História e Memória da Enfermagem, UECE, 2018.....	328
Figura 47 –	Professora Dra. Sílvia Nóbrega-Therrien discursando na solenidade de inauguração do Museu, UECE, 2018	329
Figura 48 –	Maria da Glória Ferreira Façanha observando o expositor em sua homenagem.....	330
Figura 49 –	Glória Façanha na inauguração do NUDIHME n, 2018.....	331

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABEn	Associação Brasileira de Enfermagem
ABED	Associação Brasileira das Enfermeiras Diplomadas
ACEn	Academia Cearense de Enfermagem
ACESP	Academia Cearense de Saúde Pública
ACM	Academia Cearense de Medicina
ADUFC	Associação dos Docentes da Universidade Federal do Ceará
APESC	Associação dos Professores do Ensino Superior do Ceará
AL&C	América Latina e Caribe
ANCAR	Associação Nordestina de Crédito e Assistência Rural
BCG	<i>Bacillus Calmette-Guérin</i> (vacina contra a tuberculose)
BDTD	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações
BIREME	Biblioteca Regional de Medicina
BVS-R	Biblioteca Virtual em Saúde Regional
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CBEn	Congresso Brasileiro de Enfermagem
CCS	Centro de Ciências da Saúde
CCT	Centro de Ciências Tecnológicas
CED	Centro de Educação
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CEPEn	Centro de Estudos e Pesquisas em Enfermagem
CFE	Conselho Federal de Educação
CLT	Consolidação das Leis do Trabalho
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
COFEn	Conselho Federal de Enfermagem
CONSUNI	Conselho Universitário
COREn	Conselho Regional de Enfermagem
CPDOC	Centro de Pesquisa e Documentação
DeCS	Descritores em Ciências da Saúde
DENF	Departamento de Enfermagem
DER	Departamento de Estradas e Rodagem

DOU	Diário Oficial da União
DST	Doenças Sexualmente Transmissíveis
DTP	Difteria, Tétano e Pertussis (vacina Difiteria, Tétano e Coqueluche).
DTS	Departamento Técnico de Saúde
EAM-CE	Escola de Aprendizes de Marinheiros do Ceará
EEAAC	Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa
EECERA	<i>European Early Childhood Research Association</i>
EDUCAS	Educação, Cultura Escolar e Sociedade
EEAN	Escola de Enfermagem Anna Nery
EEAP	Escola de Enfermagem Alfredo Pinto
EECC	Escola de Enfermagem Carlos Chagas
EERP	Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto
EESVP	Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo
EEUFBA	Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia
EEUSP	Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo
EQ	Estado da Questão
EUA	Estados Unidos da América
FEB	Força Expedicionária Brasileira
FFOE	Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem
FUNEDUC	Fundação Educacional do Estado do Ceará
FUNCAP	Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico
FSESP	Fundação Serviço Especial de Saúde Pública
GPEHSC	Grupo de Pesquisa Educação, História e Saúde Coletiva
GT	Grupo de Trabalho
HERE	História da Enfermagem Revista Eletrônica
HGV	Hospital Getúlio Vargas
HO	História Oral
HOH	História Oral Híbrida
HOT	História Oral Temática
HOV	História Oral de Vida
HUWC	Hospital Universitário Walter Cantídio
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia

ILTB	Infecção Latente Da Tuberculose
INAMPS	Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social
LBA	Legião Brasileira de Assistência
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
LILACS	Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde
MEC	Ministério da Educação e Cultura
NHC	Nova História Cultural
NUDHIMEn	Núcleo de Documentos, Informação, História e Memória da Enfermagem
NUPES	Núcleo de Pesquisas sobre Ensino Superior
OBEDUC	Observatório da Educação
OEA	Organização dos Estados Americanos
OMS	Organização Mundial da Saúde
OPAS	Organização Pan-Americana da Saúde
PIPMO	Preparo Intensivo de Pessoal de Mão de Obra
PPGE	Programa de Pós Graduação em Educação
ProPGeo	Programa de Pós-Graduação em Geografia
PT	Prova Tuberculínica
PPD	Purified Protein Derivative (Derivado Proteico Purificado)
REBEn	Revista Brasileira de Enfermagem
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UC	Universidade do Ceará
UECE	Universidade Estadual do Ceará
UERJ	Universidade Estadual do Rio de Janeiro
UESP	Universidade Estadual de São Paulo
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UFRS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UNIFESP	Universidade Federal de São Paulo
UNIFOR	Universidade de Fortaleza
URCA	Universidade Regional do Cariri
UREBE	União das Religiosas Enfermeiras do Brasil
US	Unidade de Saúde
USP	Universidade de São Paulo
UVA	Universidade Estadual Vale do Acaraú

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO: ACENDENDO A LÂMPADA PARA PÔR-SE À CAMINHO DO OBJETO DE INVESTIGAÇÃO.....	27
1.1	A pesquisadora e a pesquisa: tecendo os laços.....	33
1.2	Problemática, objeto de estudo, pressuposto de tese.....	38
2	OBJETIVOS.....	45
2.1	Geral.....	45
2.2	Específicos.....	45
3	ESTUDOS SOBRE HISTÓRIA E MEMÓRIA DE ENFERMEIRAS BRASILEIRAS PIONEIRAS NA PROFISSÃO: O ESTADO DA MINHA QUESTÃO.....	46
3.1	Primeiro percurso – Biblioteca Virtual em Saúde Regional (BVS)	49
3.2	Segundo percurso – Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD)	61
3.3	Terceiro percurso – Revista Brasileira de Enfermagem – REBEn.....	72
3.4	Quarto percurso: História da Enfermagem Revista Eletrônica – HERE.....	79
3.5	Quinto percurso: Acervo pessoal.....	90
3.6	Contribuições do Estado da Questão para nossa pesquisa.....	94
4	CAMINHOS DE BUSCAS E BAÚ DOS ACHADOS: A METODOLOGIA.....	99
4.1	Tipo de pesquisa, abordagem do estudo e método escolhido.....	100
4.2	Fonte de dados que contam a história de Maria da Glória Ferreira Façanha.....	104
4.3	Fontes documentais: na busca e no encontro de trilhas.....	105
4.4	Fontes orais: colaboradora e os participantes da pesquisa.	109
4.5	Análise dos dados.....	113
4.6	Procedimentos Éticos.....	113

5	HISTÓRIA E MEMÓRIA: ELEMENTOS FUNDANTES NA CONSTITUIÇÃO DA TRAJETÓRIA DE UMA ENFERMEIRA E PROFESSORA.....	115
5.1	História e Memória: Constructo teórico inicial como âncora de fundamentos para o campo da enfermagem.....	116
5.2	As primeiras escolas de enfermagem: uma história que chega ao Ceará.....	124
5.3	Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo: criação e caminho de inserção em campos científicos universitários..	132
6	A PRESENÇA DE MARIA DA GLÓRIA FERREIRA FAÇANHA: FRAGMENTOS DE VIDA EM HISTÓRIAS E MEMÓRIAS QUE IMPORTAM REGISTRAR.....	159
6.1	Laços de família: nascimento e letramento.....	161
6.2	Formação na Escola de Enfermagem Ana Neri – experiência de inserção e convicção de profissão.....	169
6.3	Caminho profissional: experiências e vivências na Fundação Serviços Especiais em Saúde Pública – FSESP....	180
7	CHEGADA À ESCOLA DE ENFERMAGEM SÃO VICENTE DE PAULO: DESAFIO E LUTA PELA FEDERALIZAÇÃO DO CURSO	202
7.1	Universidade do Ceará: início de uma caminhada no ensino superior.....	203
7.2	Glória Façanha: luta pela federalização da Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo.....	207
7.2.1	Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo – 1968: Direção Colegiada.....	207
7.2.2	Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo – 1969: 1ª diretora laica.....	216
7.2.3	Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo – 1971/1972: mesmos poderes outros desafios	244
8	A ENFERMAGEM CHEGANDO À UNIVERSIDADE DE FORTALEZA: INSERÇÃO E TRABALHO DE GLÓRIA FAÇANHA.....	263

8.1	A Universidade privada no Brasil: um projeto em construção no Ceará.....	263
8.2	A enfermagem na Universidade de Fortaleza-UNIFOR: trabalho e dedicação na consolidação de um curso.....	278
8.3	Retorno à Fundação SESP: de volta ao começo	307
9	TRABALHO, HONRA E OUSADIA: TEMPO DE RECONHECER.....	314
9.1	UNIFOR 20 anos de existência - 1993.....	314
9.2	UNIFOR: 30 anos de existência.....	316
9.3	UNIFOR: 39 anos de existência – 2012	317
9.4	HOMENAGEM do Museu da Enfermagem NUDHIMEn – 2018	322
10	MARIA DA GLÓRIA FERREIRA FAÇANHA E A CONSOLIDAÇÃO DO ENSINO DE ENFERMAGEM NO CEARÁ: LEGADO QUE COMPÕE A HISTÓRIA	333
	REFERÊNCIAS.....	341
	APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	356
	ANEXO A – DOCUMENTAÇÃO DO PERCURSO FORMATIVO DE MARIA DA GLÓRIA FERREIRA FAÇANHA (1952-1987) ..	357
	ANEXO B – ATA 266 ^a 13/12/1968 CONSUNI, UFC.....	363
	ANEXO C – ATA 272 ^a 13/12/1969 CONSUNI, UFC.....	368
	ANEXO D – RELATÓRIO DE ENFERMAGEM FSESP – MARIA DA GLÓRIA FERREIRA FAÇANHA, FEVEREIRO DE 1964	371
	ANEXO E – MATRIZ CURRICULAR DA ESCOLA DE ENFERMAGEM SÃO VICENTE DE PAULO (EESVP) – ANO 1967 A 1969	374
	ANEXO F – MATRIZ CURRICULAR DA ESCOLA DE ENFERMAGEM SÃO VICENTE DE PAULO (EESVP) – ESTÁGIOS PRÁTICOS, 1967 A 1969.....	375
	ANEXO G – MATRIZ CURRICULAR DA ESCOLA DE ENFERMAGEM SÃO VICENTE DE PAULO (EESVP) – ANO 1970 A 1973	376

ANEXO H – MATRIZ CURRICULAR DA ESCOLA DE ENFERMAGEM SÃO VICENTE DE PAULO (EESVP) – ESTÁGIOS PRÁTICOS, ANO 1970 A 1973	377
ANEXO I – MATRIZ CURRICULAR DA ESCOLA DE ENFERMAGEM SÃO VICENTE DE PAULO (EESVP) – ANO 1974 A 1978	378
ANEXO J – OFÍCIO ACESSO AS ATAS DE REUNIÕES DO CONSELHO UNIVERSITÁRIO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (1955-1969), FORTALEZA/CEARÁ.....	380

1 INTRODUÇÃO: ACENDENDO A LÂMPADA PARA PÔR-SE À CAMINHO DO OBJETO DE INVESTIGAÇÃO

Escolhi os plantões porque sei que o escuro da noite amedronta os enfermos. Escolhi estar presente na dor porque já estive muito perto do sofrimento. Escolhi servir ao próximo porque sei que todos nós, um dia, precisamos de ajuda. Escolhi o branco porque quero transmitir paz. **Escolhi estudar** métodos de trabalho porque os livros são fonte de saber. Escolhi ser enfermeira porque amo e respeito a vida!!! (Florence Nigthingale)¹ (Grifo nosso)

Na epígrafe que abre este escrito grifamos “*Escolhi estudar*” por concordarmos com Florence Nigthingale² que estudar é e sempre será fundamental para nos mantermos qualificados para exercer nossa profissão, seja na saúde, na profissão de enfermeira, seja na educação como docente. Esta última é a profissão que desenvolvemos e que agora nos encontramos pesquisadores inseridos nessa interface saúde e educação, mais especificamente, encontramos pesquisadores inseridos nessa realidade da pesquisa da história da enfermagem em consonância à formação docente sob a contribuição de personalidades que marcaram esse percurso histórico.

Personalidades, no caso, que se distinguem de outras e que, para nós, são pioneiras, as primeiras que abrem ou descobrem um caminho, que antecedem e, nesse sentido, marcam ou demarcam a sua posição e contribuição no processo de consolidação e escrita da história de formação profissional.

A presente proposta de tese, nesse sentido, visa colaborar com os estudos acadêmicos, mais especificamente, com os estudos e pesquisas sobre a enfermagem e a educação no campo historiográfico, por meio das contribuições da trajetória de vida profissional de Maria da Glória Ferreira Façanha, personalidade que nos revelará

¹ Frase atribuída a Florence Nightngale, pesquisada no site: O cuidar nas mãos de Florence. <https://enfermagem522.wordpress.com/2016/05/26/o-cuidar-nas-maos-de-florence/> 29/12/2021.

² Florence Nightingale, nascida em 12 de maio de 1820, é considerada a fundadora da Enfermagem Moderna em todo o mundo, obtendo projeção maior a partir de sua participação como voluntária na Guerra da Criméia (1854-1856). “Ao retornar da guerra, esta se tornou uma figura popular nacionalmente; seu nome era sinônimo de eficiência e heroísmo. O trabalho que realizara durante a guerra teve um impacto muito maior do que simplesmente a ação de reorganizar a enfermagem e salvar vidas. Ela quebrara o preconceito que existia em torno da participação da mulher no Exército e transformara a visão da sociedade inglesa em relação à enfermagem e ao estabelecimento de uma ocupação útil para a mulher”. (COSTA, et Al, 2009).

ao ser, de certa forma, biografada por seus *expertises* vivenciais presentes, sobretudo na história dos cursos de ensino superior em enfermagem no Ceará.

Para qualquer área, não nos cabe parar de estudar, pesquisar e aperfeiçoar nosso aprendizado profissional. Temos que seguir nesse caminho, sobretudo em áreas de intensa mobilidade como, por exemplo: a docência e a enfermagem, que também exigem atualização constante dos saberes, entendendo que a formação é um processo contínuo do inacabamento humano. Essa mobilização de saberes, quando problematizados, e partindo do caráter histórico e da historicidade dos homens, num movimento reflexivo consciente da incompletude de cada indivíduo, apresenta para Freire (1996, p.22), “na verdade, o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital”. Onde há vida, há inacabamento, mas só entre mulheres e homens, o “inacabamento tornou-se consciente”.

Em sua construção teórica, o inacabamento, a incompletude do ser humano tornou-se consciente do devir da realidade. Associamos o inacabamento ao processo de desenvolvimento ao transpormos estes conceitos para formação do docente ou do enfermeiro, profissões contempladas neste estudo, uma vez que compreendemos o entrelaçar de continuidade do processo formativo desses profissionais que se pode dar de forma consciente, sobretudo ao verificarmos em sua formação a busca pela continuidade dos seus estudos. Dessa forma, ratificamos o ato consciente assinalado por Freire (1996, p. 24), do “*movimento de busca*” para sua formação.

Percebemos nesse movimento formativo de constituição do profissional a exiguidade, predicado oportuno que impera a continuidade da formação. Neste estudo de tese destacamos, portanto, o inacabamento da formação do docente e do enfermeiro, sujeitos que desenvolvem suas atividades laborais no cuidado do outro condizente aos profissionais de desenvolvimento humano.

As mudanças, as adequações e as inovações são mister para atuação do profissional de desenvolvimento humano, conceito trabalhado, dentre outros estudiosos por João Formosinho (2009), que define estes (profissionais docentes e enfermeiros), entre diversas categorias, como os que trabalham em contato direto com o outro, com o humano, num processo interpessoal, sendo a interação com o outro indivíduo o próprio elemento de sua atuação profissional. Para o autor, os efeitos desses processos de desenvolvimento humano assumem a forma de aprendizagem e incrementos, conforme as áreas de sua intervenção, modificando, se necessário,

comportamentos, atitudes ou hábitos, adesão a normas ou modos de vida no mundo da vida.

Para João Formosinho, os *profissionais de desenvolvimento humano* estão categorizados na área da saúde e bem-estar, como: enfermeiros, técnicos de enfermagem, terapeutas, psicólogos e, no trabalho social, como: assistentes sociais e técnicos do serviço social; e, na educação, como os professores, assistentes técnico-pedagógicos, entre outros. Estas profissões, porém, foram na década de 1960 englobadas e ou identificadas pela sociologia das profissões, no conceito de semiprofissões³ (ETZIONI, 1969) ou pseudoprofissões, por não serem vistas como necessitando de um saber especializado, de uma formação intelectual com campo científico próprio e por permitirem um controle hierárquico por superiores e não apenas o controle profissional pelos pares.

De certa forma, na linha desse raciocínio, vêm sendo acrescentadas discussões como as assinaladas no século XXI por Nóbrega-Therrien e Almeida, em 2007, e ainda por Formosinho, em 2009, que adverte no sentido de assegurar a estas profissões, enquanto falta atenção da universidade, que ao formar *agentes de desenvolvimento humano* “[...]deve fomentar um espírito de pesquisa para a resolução dos problemas profissionais e uma autonomia profissional, individual e coletiva, que se traduza em competências e atitudes relevantes para a vida dos contextos profissionais e organizacionais em que decorre a atividade laboral” (FORMOSINHO, 2009, p. 23).

É nítida a compreensão de que a formação acadêmica pode e deve imprimir oportunidades para que em profissões que trazem ou se ancoram em algumas discussões e produções nestes conceitos e compreensões, como as semiprofissões, sejam desmitificadas e, nesse sentido, estimuladas ao estudo

³ O conceito de “semiprofissão” surgiu principalmente nos anos de 1950, “afirmando-se na década seguinte no mundo anglo-saxônico, para designar profissões ocupadas principalmente por mulheres, a exemplo da docência, da enfermagem, do serviço social e mesmo o trabalho em arquivos e bibliotecas, tendo a sua teorização ficado muito a dever ao hoje relativamente pouco conhecido sociólogo Amitai Etzioni, na sua obra *The Semi-Professions and their Organization* (1969). A “semiprofissão” foi conceito trabalhado por Nóbrega-Therrien e Almeida (2007), trata-se de um tema pouco referenciado e analisado, mas que está sempre presente em uma categoria eminentemente feminina, caracterizada como “semiprofissão”, que se encontra em situações de trabalho determinantes e determinadas, onde as posições mais prestigiosas vão habitualmente para os homens, onde as hierarquias são nítidas e as assimetrias de direitos e deveres sempre apenas; uma profissão com baixo prestígio profissional e poucas recompensas financeiras”. (NÓBREGA-THERRIEN e ALMEIDA, 2007).

contínuo, ao desenvolvimento de pesquisas e ao aperfeiçoamento, no caso da própria docência universitária quando esta ocorre. A discussão ancorada na busca da profissionalização no campo da enfermagem, para Nóbrega-Therrien e Almeida (2007, p.27), já foi superada, haja vista que a enfermeira, entre outras questões, respondeu às estruturas de dominação e coerção anteriormente existentes e evidenciou a cientificidade de seu campo profissional, cientificidade novamente comprovada na tese defendida por membro de nosso grupo de pesquisa Educação, História e Saúde coletiva.⁴

Daí, entendemos que as respostas das enfermeiras quanto à resistência das estruturas reverberam na defesa da atividade humana e, enquanto *profissional do desenvolvimento humano*, a formação é mister. No caso da formação docente é bom lembrar que esta se inicia antes da formação inicial universitária, pois os docentes trazem consigo uma bagagem experiencial dos professores que corroboraram ou não em sua formação. Essa contribuição docente, por vezes, é marcada pela emoção.

No entendimento de Marcelo Garcia (1999), os aspirantes a professores não são “vasos vazios” quando chegam a uma instituição de formação inicial docente, já possuem ideias e crenças fortemente estabelecidas sobre o que é ensinar e aprender, tendo em vista que passaram pela vida estudantil, pelos bancos da escola e agregaram muito de seus professores, por vezes mais as atitudes destes do que o conhecimento científico por eles trabalhado, legitimando a ideia das emoções trazidas em seu escrito pelo autor.

Dentro do contexto da enfermagem, a emoção foi durante certo tempo representada em outro sentimento, a caridade. Ao estudar a história da enfermagem, Oguisso (2007) fez a trajetória histórica e legal da enfermagem, trazendo os precursores da enfermagem moderna. Inicia por países da Grécia e Roma, com as diferentes formas de cuidar dos doentes, geralmente pedindo ajuda aos deuses. Em seguida, a autora, apresenta Hipócrates, considerado o pai da enfermagem, por estabelecer a dissociação da medicina com as superstições, começando a estudar o lado biológico dos indivíduos. Seguindo a exposição cronológica temporal, com a influência do cristianismo, matronas e diaconisas, além de outras mulheres e homens, passaram a dedicar sua vida ao cuidado dos doentes, tornando-se precursores da enfermagem.

⁴ SILVA, Andréa da Costa. Dissertação (Mestrado em Educação): Formação em Enfermagem: estudo à luz da construção de um campo de conhecimento refletido em matrizes curriculares, UECE: 2021.

As diaconisas do primeiro século do período cristão foram tidas como as primeiras *damas da lâmpada*, muitos séculos depois, Florence Nightingale passa a ser a autêntica Dama da Lâmpada, mulher singular que mudou a ideia da enfermagem “caridosa” (senso comum) do cuidado ao enfermo, pela enfermagem “moderna” (científica) do cuidado (OGUISSO, 2007, p. 56).

Oguisso retrata em seu texto que Florence nasceu no dia 12 de maio de 1820, na cidade de Florença, Itália, em uma família aristocrática de origem inglesa. Nesse período, os países ainda eram essencialmente agrícolas, com poucas zonas urbanas. As meninas estudavam em casa, com os pais, mestres ou governantas. Seu pai era formado e muito estudioso, a convivência com ele e outros preceptores ajudou na aquisição de conhecimentos científicos, no seio da família desenvolveu o senso humanitário e em favor dos que sofrem.

Aos 17 anos, Florence viajou com a família por quase dois anos pela França, Suíça, Itália e Egito, na França (1839), completou seus estudos na área, com as Filhas da Caridade em Paris, conhecendo o trabalho da Filhas da Caridade São Vicente de Paulo, posteriormente, teve oportunidade de cuidar de parentes enfermos. Quando esteve em Alexandria, Egito, novamente teve contato com a Filhas de Caridade São Vicente de Paulo (1849); podendo rever a prática da enfermagem e conhecer as comunidades religiosas. Frequentou também círculos da sociedade nos quais conheceu senhoras de classe mais favorecidas cultural e economicamente que atuavam em obras sociais. Com essa nova visão, Florence despertou o movimento valorativo do estudo, do aprimoramento, para atuar em sua profissão. Apesar dessa vivência com as religiosas católicas, Florence era anglicana e não tinha interesse em mudar de religião ou fundar alguma ordem religiosa. Ela não queria criar uma nova ordem ou congregação feminina, mas estabelecer uma carreira secular para as mulheres (OGUISSO, 2007, p.71), como eram as carreiras da medicina e de direito para homens.

Essa trajetória de Florence na busca de conhecimento e aperfeiçoamento da prática profissional, embora muito anterior aos estudos hodiernos de Formosinho, insere-se nas ideias desse autor anteriormente expostas sobre *o profissional de desenvolvimento humano* e considerações que foram postas também sobre profissões de docente e da enfermagem. Reiteramos, portanto, a máxima de que o exercício profissional se fortalece e cientificiza quando ocorre a valoração dos estudos, como assinalado desde nossa epígrafe de abertura deste escrito.

Vislumbrando agora nossa contemporaneidade e, seguindo essa reflexão sobre o *profissional de desenvolvimento humano*, buscamos em um passado recente um exemplo profissional, o de Maria da Glória Ferreira Façanha, que notadamente teve participação como pioneira na história da profissão do enfermeiro(a), em nosso caso, particularmente, no campo da enfermagem aliada ao seu ensino no Ceará.

Trouxemos então, nesse escrito, a experiência vivida pela profissional de desenvolvimento humano Maria da Glória Ferreira Façanha, enfermeira, docente e gestora, que teve sua formação profissional como enfermeira, no ano de 1953, aos 21 anos de idade, na Escola de Enfermeiras Ana Néri (EEAN), a primeira escola de enfermagem padrão do Brasil, assim denominada e estabelecida pelo Decreto Nº 20.109, de 15 de junho de 1931, art. 2º, localizada no estado do Rio de Janeiro.

Glória Façanha é funcionária aposentada do Ministério da Educação e Saúde no Serviço Especial de Saúde Pública (1953 a 1980), totalizando 27 anos, tempo previsto para aposentadoria especial⁵.

Teve seu desenvolvimento profissional de enfermeira permeado também pela atuação no ensino superior (1967-1980) iniciado na Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo (EESVP)⁶, no Ceará, criada em 1943, sendo a primeira escola do Nordeste e a primeira do Ceará. Nesta primeira escola de enfermagem cearense,

⁵ “Tem direito à aposentadoria especial os segurados que desempenham atividades consideradas insalubres, perigosas ou penosas, estas atividades podem causar danos à saúde ao longo do tempo. Estes segurados têm direito a se aposentar com 15, 20 ou 25 anos de contribuição. Para que seja concedido esse tipo de aposentadoria, o trabalhador precisa comprovar que o trabalho o qual desempenhou se enquadra em uma dessas categorias, ou seja, que era exposto a agentes químicos, físicos ou biológicos”. Para os profissionais da área da saúde, essa exposição é constante, haja vista o contato direto com pessoas doentes, ainda que esses ambientes sejam equipados para esse fim, há exposição insalubre. “Para esclarecer o que se entende por insalubridade, cita-se o artigo 189 da CLT interpretada, inclusive com a interpretação: Art. 189 – Serão consideradas atividades ou operações insalubres aquelas que, por sua natureza, condições ou métodos de trabalho, exponham os empregados a agentes nocivos à saúde, acima dos limites de tolerância fixados em razão da natureza e da intensidade do agente e do tempo de exposição aos seus efeitos”. (Artigo com redação dada pela Lei nº 6.514, de 22.12.1977). (OLIVEIRA e GOLVEIA, 2021).

⁶ “O ensino de enfermagem no Ceará teve o seu início oficial em 1943, reconhecido pelo Decreto-Lei nº 21.885, de 26/9/1946, logo, há mais de 70 anos, com a instalação da Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo (1943), que futuramente viria a ser congregada a outras escolas e faculdades para dar guarida ao surgimento da Universidade Estadual do Ceará-UECE, em 1975. A escola foi anexada oficialmente à UECE com a Lei nº 9.753, de 18 de outubro de 1973, que autoriza o Poder Executivo a instituir a Fundação Educacional do Estado do Ceará (FUNEDUCE). Com a resolução Nº 2, de 5 de março de 1975, do Conselho Diretor, referendada pelo Decreto Estadual nº 11.233, de 10 de março do mesmo ano. Essa pioneira escola de enfermagem cearense nasceu dos cursos de Emergência de Voluntários Socorristas e de Defesa Passiva Antiaérea, ministrados no Patronato Nossa Senhora Auxiliadora (dirigido, à época, pelas irmãs de caridade), de agosto de 1942 a janeiro de 1943, com duração de quatro meses”. (NÓBREGA-THERRIEN *et.al*, 2008).

Glória Façanha foi, em 1969, sua primeira diretora laica. Após a experiência na Escola de Enfermagem SVP, Glória Façanha corroborou com a criação do curso de enfermagem da UNIFOR (1973), primeira universidade privada do estado do Ceará com curso de enfermagem, sendo coordenadora e professora de disciplinas do curso, marcando com pioneirismo o ingresso à formação dos(as) futuros(as) enfermeiros(as) nordestinos(as) e notadamente cearenses.

Incitamos, portanto, a reconstituição da história e memória dessa personagem nesta tese doutoral que integra a linha de pesquisa Formação e Desenvolvimento Profissional Docente, que compõe o Núcleo: Formação, Profissão e Práticas Educativas em Saúde, do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), da Universidade Estadual do Ceará (UECE), com o estudo intitulado: MARIA DA GLÓRIA FERREIRA FAÇANHA e a consolidação do ensino da enfermagem no Ceará. Tese que aborda a história e a memória da enfermeira professora Glória Façanha revelando para a sociedade as contribuições dessa enfermeira para a consolidação do ensino da enfermagem cearense, fortalecendo a reconstrução desse campo histórico e científico na profissão.

A seguir, apresentamos o relato do encontro da pesquisadora com a temática deste estudo, experiências, inquietações e hipóteses. Continuaremos ainda com as subseções desta tese que tratam da problemática, da nossa questão de estudo, do pressuposto e dos objetivos desta investigação.

1.1 A pesquisadora e a pesquisa: tecendo os laços

O conhecimento do objeto investigado nos envolve em sua complexidade de tal modo que se constrói uma identificação com o que somos, isto é, nossa identidade pessoal acaba por se identificar com o objeto, dado nosso envolvimento e imbricação com o real. (GHEDIN; FRANCO, 2006, p. 9)

Um objeto de estudo não surge de repente, não nasce do nada, é o que nos dizem Evandro Ghedin e Maria Amélia Franco (2006) no excerto que abre esta subseção. A tessitura de um objeto de estudo decorre de um enredamento de interesses, situações e experiências – que, no percurso de nossa caminhada e das relações constituídas, compõe-nos como ser no mundo. É este entendimento que se encontra no centro das reflexões aqui registradas, as quais buscam evidenciar as trilhas que paulatinamente nos fizeram olhar e eleger a história e memória da

enfermeira docente Maria da Glória Ferreira Façanha, por seu legado, sobretudo educacional, na área do ensino em enfermagem cearense e brasileiro.

Como se delineou o meu⁷ encontro com este foco temático? Localizo-o inicialmente no ingresso no Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará (UECE), no ano de 1997, a raiz dessa aproximação, assim como na inserção na docência na educação infantil, ainda no segundo semestre desse mesmo ano, em uma instituição privada de Fortaleza. Nesse contexto de atuação profissional permaneci por dez anos na área de informática educativa, desenvolvendo projetos diversos relacionados às tecnologias e ao processo de aprendizagem infantil. Momento em que me constituo docente e em que também me confronto com os desafios que atravessam a profissão, delineando pautas que me provocam e estimulam a investir em meu crescimento profissional.

O curso de especialização em informática educativa (2003), realizado na UFC, foi o caminho vislumbrado inicialmente para prosseguir, bem como a realização de outra graduação, também licenciatura, mas em área específica: no caso, biologia (2006), pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Esta segunda formação possibilitou o exercício na área de ciências e, algum tempo depois, atuar na coordenação dessa área de estudos para os anos finais do ensino fundamental (6º ao 9º ano), embora ainda na rede privada de ensino.

Estas experiências profissionais foram basilares para sedimentar a decisão de dar mais um passo em meu desenvolvimento acadêmico-profissional: o mestrado em educação na UECE⁸. Um tempo de aprofundamento e de síntese dos aprendizados acumulados na trajetória de formação docente, sintetizada na pesquisa “Formação de formadores uma experiência no curso de administração a distância” (FORTE, 2010), que abordou a história do primeiro curso na modalidade a distância da UECE com foco na formação dos tutores que atuavam na mediação do curso. Produção em que identifico a formação de professores em seu percurso, analisando suas estratégias e metodologias praticadas nas disciplinas a distância para desenvolver a aprendizagem dos alunos, numa função que inova a condução docente

⁷ Nessa subseção da tese, a escrita do texto estará na primeira pessoa por se tratar da experiência acadêmico-profissional da autora.

⁸ O curso de mestrado acadêmico em educação desta universidade, vinculado ao Centro de Educação – CED, por meio do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE, assume a formação de professores como área de concentração de suas pesquisas.

na universidade. Aqui localizo o gosto por estudos no campo da história, no caso, da educação.

Estudar, desvelar a constituição e gerência de novas aquisições sempre me despertou interesse. Percebi nos encontros com minha orientadora de doutorado que imergir na narrativa da enfermeira docente, que fora a primeira diretora laica do primeiro curso de enfermagem do Ceará, bem como aquela que implanta (junto a uma comissão) o primeiro curso de enfermagem em uma universidade privada cearense, e conhecer sua história de pioneirismo, tratava-se de um estudo relevante no campo historiográfico e de formação na profissão.

Evidenciar as contribuições da personagem (pessoa notável) na formação deste profissional no estado na época se torna importante e pertinente, sobretudo quando por meio do seu conhecimento e atuação viabilizou junto a outros o início de um processo de institucionalização da Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo (EESVP), não mais como instituição agregada à Universidade do Ceará (UC), ação ocorrida em 1955⁹, mas como uma preparação para se tornar parte integrante desta instituição nos idos de 1968-1970. Movimento que cinco anos depois, em 1975, caminha em outra direção e leva a anexação desse curso a outros, no caso, para fundarem juntos à Universidade Estadual do Ceará (UECE)¹⁰, assunto antes assinalado. A biografada é bom lembrar, também é partícipe da criação do primeiro curso de enfermagem em outra instituição universitária no estado, a Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Toda essa história ressignificou e foi de grande valia e importância, para mim enquanto pesquisadora e professora, uma vez que suscitou e agregou um conhecimento mais amplo, caminhando das *expertises* da educação básica para a consolidação dos elementos constituintes do ensino superior, no caso, com foco na formação em enfermagem.

⁹ A Universidade do Ceará (UC), criada pela Lei 2.373, de 16 de dezembro de 1954, atual Universidade Federal do Ceará (UFC), manteve o nome Universidade do Ceará até o dia 25 de junho de 1965, quando passou a ser chamada Universidade Federal do Ceará (UFC).

¹⁰ A Universidade Estadual do Ceará (UECE) começa com a Lei nº 9.753, de 18 de outubro de 1973, que autoriza o Poder Executivo a instituir a Fundação Educacional do Estado do Ceará (FUNEDUCE). “Com a resolução Nº 2, de 5 de março de 1975, do Conselho Diretor, referendada pelo Decreto Estadual nº 11.233, de 10 de março do mesmo ano. Credenciada inicialmente pelo Ministério da Educação (MEC), nos termos do Decreto nº 79.172, de 25 de janeiro de 1977, teve incorporada ao seu patrimônio as unidades de ensino superior existentes na época (1975): Escola de Administração do Ceará, Faculdade de Veterinária do Ceará, Escola de Serviço Social de Fortaleza, Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo, Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos, em Limoeiro do Norte, além da Televisão Educativa Canal 5”. (BRASIL, 1977).

O retorno à academia propiciou amadurecimento intelectual e profissional – como formadora e pesquisadora, aclarando e estendendo minha compreensão de práxis pedagógica, até então apenas estudada, mas que passou a ser sentida e vivenciada com racionalidade reflexiva. Este crescimento resultou na inserção no magistério público municipal (2012), quando passei a trabalhar como professora efetiva, com turmas do ensino fundamental (anos iniciais) e da educação de jovens e adultos (EJA) na Prefeitura de Fortaleza (PMF). Outro contexto, outras demandas, novas lições, mais busca por aprimoramento, corroborando com a ideia inicial de que o desenvolvimento profissional é verdadeiramente inacabado. Desta feita, a consciência da contínua necessidade de melhorar impulsionou investimentos em oportunidades para aprender para além da escola, precisamente mediante a participação em grupos de pesquisa.

A inserção no grupo de pesquisa Educação, Cultura Escolar e Sociedade¹¹ (EDUCAS) propiciou a vivência em investigação¹² ampla sobre desenvolvimento profissional docente e inovação pedagógica. Este momento foi muito significativo, tanto pelo aprendizado metodológico no campo da investigação qualitativa quanto pelo que descortinou acerca do debate sobre o desenvolvimento profissional de professores.

A compreensão de que a formação não é a única via de desenvolvimento docente (IMBÉRNON¹³, 1999) e que se desenvolver profissionalmente se caracteriza como “um processo mais vivencial e integrador do que a formação contínua” (OLIVEIRA-FORMOSINHO¹⁴, 2009) possibilitou percebê-lo como contemplando variadas situações de aprendizagem ao longo da vida do professor. Este entendimento, de certo modo, ancorou a decisão de conhecer por meio da história e

¹¹ Esta equipe cadastrada no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq, desde 2006, é liderada pela Profa. Dra. Isabel Maria Sabino de Farias e vinculada à linha de pesquisa Formação e Desenvolvimento Profissional em Educação do PPGE/UECE. No período de 2013 a 2017, foi realizada, no âmbito dessa equipe, a pesquisa em rede “Desenvolvimento Profissional Docente e Inovação Pedagógica: estudo exploratório sobre contribuições do Pibid”, iniciativa que contou com o apoio do Programa Observatório da Educação (OBEDUC/CAPEs). (FARIAS *et.al.*, 2018).

¹² Iniciei no Projeto OBEDUC, em 2015, como voluntária e, posteriormente, fui vinculada como pesquisadora na categoria professora da educação básica.

¹³ Francisco Imbérron, pesquisador e professor da Universidade de Barcelona, Espanha, licenciado e com doutorado em Filosofia e Ciências da Educação, estuda a formação inicial e desenvolvimento profissional docente de todos os níveis educativos.

¹⁴ Júlia Oliveira-Formosinho, professora aposentada da Universidade do Minho, Braga, Portugal, e professora da Universidade Católica Portuguesa. Fundadora da Associação Criança onde dirige o Centro de Investigação. Membro da direção da EECERA (European Early Childhood Research Association) onde é responsável pelos números monográficos da respectiva revista.

memória da enfermeira Glória Façanha a caminhada rumo à institucionalização dos cursos superiores, no caso, da enfermagem (EESVP e UNIFOR), e as contribuições para a consolidação do seu ensino no Ceará, fortalecendo o interesse nessa temática de pesquisa no curso de doutorado do PPGE/UECE, onde ingressei em 2017.

A tessitura desse foco temático obviamente não estava dada desde o começo. O pesquisador, esclarecem Ghedin e Franco (2006), “está sempre a caminho, entre idas e vindas que o processo exige, mas isso não significa que ele está à deriva, sem rumos”. O diálogo com as idas e vindas, os aprendizados e os desafios por certo descortinam novas possibilidades, dentre as quais situo a presente pesquisa, decorrente da aprovação¹⁵ no curso de doutorado em educação da UECE, na linha “Formação e Desenvolvimento Profissional em Educação”, no Núcleo Temático “Formação, Profissão e Práticas Educativas em Saúde¹⁶”.

A incorporação aos estudos desse núcleo temático no PPGE/UECE me aproximou do grupo de pesquisa¹⁷ e do Laboratório de Educação, História e Saúde Coletiva, liderado pelas professoras Dra. Sílvia Maria Nóbrega-Therrien e professora Dra. Maria Irismar de Almeida, inscrito no Diretório do CNPq desde o ano 2000, que suscitou retomarmos o caminho da história da educação, agora pesquisando o curso de enfermagem, na pessoa da enfermeira Maria da Glória Ferreira Façanha. Grupo interdisciplinar composto por profissionais de distintas áreas (pedagogia, enfermagem, educação física, psicologia, história), que desenvolve estudos acerca da história e memória, objetivando a preservação, sobretudo desse campo na enfermagem.

A imersão no campo da enfermagem também se deu através da participação ativa no Núcleo de Documentação História e Memória da Enfermagem (NUDIHME¹⁸), que

¹⁵Particpei de duas seleções no PPGE/UECE: para a turma 2016 (ano 2015) e para a turma 2017 (ano 2016). Na primeira seleção, fui classificada, embora tenha ficado fora do número de vagas ofertadas, o que levou a me matricular como aluna especial no programa, uma vez que esta é uma possibilidade ofertada aos candidatos nessa situação.

¹⁶ Este núcleo, conforme sua ementa, “Focaliza, no campo da saúde, o percurso formativo, a história docente, a profissão, o ensino, a prática educativa e a pesquisa. Investiga a formação docente do profissional da área da saúde, na educação básica e no ensino superior. Desenvolve estudos acerca da pesquisa, formação, ensino, currículo, propostas metodológicas, utilização e elaboração de tecnologias, análise e avaliação curricular no campo da saúde, incluindo também as especificidades e nuances do ensino na saúde, especialmente em enfermagem, educação física escolar e psicomotricidade (UECE. PPGE, 2018). Nesse contexto, a tese insere-se no desvelar da docência, que, por sua vez, foca a história de um curso universitário, no caso, o da enfermagem no estado do Ceará.

¹⁷Grupo de Pesquisa Educação, História e Saúde Coletiva e Coordenadora do Laboratório- GPHSC coordenado pelas professoras Sílvia Maria Nóbrega-Therrien e Maria Irismar de Almeida.

¹⁸ O Núcleo de Documentação Informação, História e Memória da Enfermagem (NUDIHME) foi inaugurado no dia 29 de maio de 2018, na Universidade Estadual do Ceará (UECE), e é fruto de uma parceria da instituição com a Academia Cearense de Enfermagem. O objetivo do espaço é ser um

é coordenado pelas professoras Sílvia Maria Nóbrega-Therrien e Maria Irismar de Almeida. Esta experiência foi um dos veios para o universo da enfermagem, da história e de suas contribuições para e na educação.

1.2 Problemática, objeto de estudo, pressuposto de tese

A história de um povo deve ser revitalizada para que possamos recordar, relembrar ou mesmo conhecer as vivências, os dias passados, como leitura do vivido, em implicação sincrônica e diacrônica. Assim, a preservação histórica e memorialística de um povo, de um país, de uma universidade ou de uma profissão precisa ser registrada, preservada, uma vez que carecemos de projetos e espaços que favoreçam essa salvaguarda.

Ancoramo-nos no entendimento do historiador e professor José Assunção Barros¹⁹ (2011) para elucidar, de forma breve, os termos história e memória, visto que estes serão melhor trabalhados posteriormente. Barros (2011) sugere que a história e a memória caminham juntas, embora cada uma tenha a sua especificidade, sobretudo quando considera a memória, baseada na linguagem falada ou escrita num campo da experiência perceptiva individual e adquire a possibilidade de ser comunicada, isto é, socializada.

Já a história parte do que os grupos sociais são representados na sociedade. Ainda dentro dessa discussão conceitual Barros (2011, p. 331) indica que “a história e a memória entrelaçam-se nas memórias históricas para preencher uma função importante [que é] quando a memória viva de determinados processos e acontecimentos começa a se dissolver através do desaparecimento natural das

local de guarda, memória e pesquisa da história da enfermagem no Ceará, que comemorou 75 anos da fundação de seu primeiro curso - inicialmente oferecido na Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo, criada em 1943, sendo a terceira escola do país e a primeira do Nordeste. O núcleo é coordenado pela professora Sílvia Maria Nóbrega-Therrien, cujo discurso proferido na abertura e inauguração do espaço expressou o significado desse local: “Um lugar para reflexão, produção e valorização da história dessa profissão”, tendo, portanto, o objetivo de revelar em sua história, fatos, relatos, que sejam importantes para a preservação da história da enfermagem no Ceará. Discurso de inauguração das salas do Museu da Enfermagem no Ceará (NÓBREGA-THERRIEN, Sílvia Maria. Discurso Inauguração do Núcleo de Documentos, Informação, História e Memória da Enfermagem (NUDHIMEn), UECE, 2018).

¹⁹José D'Assunção Barros, doutor em História pela Universidade Federal Fluminense. Professor da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e professor- colaborador do Programa de Pós-Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Tem se dedicado a produções importantes nesse campo historiográfico.

gerações que os vivenciaram, começa a se tornar ainda mais necessário um movimento de registro destas memórias.

Compreendemos, portanto, quão mister é trabalhar com a memória e a história no sentido de conservar para manter vivo e passível de conhecimentos e estudos o objeto a ser preservado, oportunizando o registro e a socialização desse material.

Por sua parte Jacques Le Goff ²⁰(1990), teórico francês no campo da história, sobretudo medieval, em seu livro *História e Memória*, um clássico nessa temática, pontua que é na memória que a história cresce, que, por sua vez, alimenta-a, e esta procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. E nesse sentido ou pensando dessa forma se deve trabalhar para que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens (LE GOFF, 1990, p. 478). A frase final de Le Goff lembra-nos muito o nosso educador Paulo Freire que, por diversas vezes, em seus escritos sobre educação, remete-nos à compreensão do conhecimento como ponte para libertação.

Essas considerações, que de certa forma problematizam a temática como importante para ser investigada, registrada e socializada, ancoram-se também na lacuna de estudos sobre a história de enfermeiras pioneiras e que se destacaram em sua profissão e com ela contribuíram para seu crescimento. Esta lacuna de estudos pode ser mapeada na realização do nosso estado da questão, na terceira seção desta tese. De um total de 339 trabalhos inventariados nos bancos de dados, como na Biblioteca Virtual de Saúde (n=134 aproximados 11) Biblioteca Digital de Dissertações e Teses – BDTD (n=32 aproximados 8), Revista HERE (n=147 aproximados 10) e a Revista Brasileira de Enfermagem-REBEn (n=23 aproximados 6), somente 35 deles, dentre artigos, dissertações e teses, aproximam-se da nossa temática e em nenhum deles consta a história e contribuições da enfermeira, docente e gestora Maria da Glória Ferreira Façanha. Dado que evidencia a importância e o ineditismo do estudo desta tese.

Em meio a este problema epistemológico evidenciado pela lacuna e a esse contexto libertador apontado por João Formosinho e Paulo Freire trouxemos, portanto,

²⁰ Jacques Le Goff foi um grande historiador francês especialista em Idade Média. Autor de dezenas de livros e trabalhos, era membro da Escola dos Annales, pertencente à terceira geração, empregou-se em antropologia histórica do ocidente medieval. No Brasil, seu livro mais conhecido e que se tornou um clássico é *História e Memória* ao qual nos ancoramos em grande parte para escrever essa seção.

um veio que o ensino na história da enfermagem pautada na história e memória da enfermeira-docente Maria da Glória Ferreira Façanha, figura importante no processo acadêmico da enfermagem cearense, sendo exemplo e ainda participante ativo nesse registro, uma vez que se encontra viva, contribuindo como “colaboradora”²¹ maior nos fatos e acontecimentos investigados nesta pesquisa doutoral. O termo “colaboradora”, segundo José Carlos Meihy²² e Fabíola Holanda,²³ é usado para se referir aos entrevistados, é empregado justamente por se reconhecer o trabalho cooperativo que existe dentro da história oral entre o pesquisador e o(os) sujeito(s) pesquisado(s). Esta ligação vai além da relação entrevistador/entrevistado, porque exige do pesquisador uma devolutiva de seus estudos frente às vidas reveladas. (MEIHY; HOLANDA, 2010), bem como um aprofundamento do que se busca ocorrido em vários encontros com aquele que colabora, no caso, nossa, podemos dizer, quase biografada. Dito de outra forma, é nesse processo de salvaguardar, conhecer e registrar a história e a memória que perpassa a enfermagem que podemos evitar relegar ao esquecimento as *expertises* de uma profissão, como propõe Nóbrega-Therrien (2008, p. 129).

A questão está aberta e a história não existe se não for registrada, contada e preservada. Do exposto, conclui-se a necessidade de historicizar a memória, e, portanto, multiplicar as contribuições que se insiram numa linha, no caso, de História da Memória da Enfermagem, fazendo justiça aos precursores desta história e, conseqüentemente, construindo um porto seguro para o presente e o futuro dessa profissão. Vítimas do silêncio estariam relegadas ao esquecimento (NÓBREGA; THERRIEN, 2008, p. 129)

É nesse reencontro que, entre idas e vindas, tecemos o **objeto de estudo desta tese**, que é a consolidação do ensino da enfermagem no Ceará.

O processo de reorganização da Escola de Enfermagem SVP(1967-1970) objetivando sua institucionalização à época (1968) como curso inserido e não mais

²¹A colaboradora Maria da Glória Ferreira Façanha participou de cinco entrevistas presenciais, além de dispor de materiais escritos, como agendas e cadernos pessoais e momentos por telefone.

²²José Carlos Sebe Bom Meihy é professor titular aposentado do Departamento de História da Universidade de São Paulo (USP). Tem experiência na área de história, com ênfase em história oral, história moderna e contemporânea, atuando principalmente nos seguintes temas: história oral, teoria e metodologia, cultura brasileira, guerra civil espanhola, literatura e movimentos migratórios. Desenvolve pesquisas sobre processos migratórios em geral, com ênfase no tema dos deslocamentos de brasileiros fora do Brasil. Na Universidade do Grande Rio pesquisa grupos migratórios para a Baixada Fluminense, analisando aspectos subjetivos da negociação de identidades regionais.

²³Fabíola Holanda atua em cooperação técnica no Centro de História e Filosofia das Ciências da Saúde da Unifesp, como professora e pesquisadora. Coordenadora do Grupo de Estudos em História Oral e Saúde.

como agregado (1955) à Universidade do Ceará²⁴ foi um movimento experienciado pela enfermeira Glória Façanha, na época, convidada pelo então reitor Fernando Leite²⁵ para os preparativos organizacionais desse trabalho de inclusão. Glória Façanha ocupou na Escola de Enfermagem SVP, além da função docente, o cargo de gestora. Nomeada em 10 de janeiro de 1969 como diretora da sexta diretoria da Escola de Enfermagem SVP pela Irmã Maria Carmélia Cals de Oliveira²⁶, visitadora em exercício da Congregação das Irmãs de Caridade em Fortaleza, após reunião com a congregação e o então corpo de professores, Glória Façanha assumiu a direção em março de 1969, nos meses anteriores (1967-68), prestou assistência relativa à escola como parte de uma diretoria colegiada (quinta diretoria)²⁷ e responsável também como docente por disciplinas e pela biblioteca. Toda essa vivência acrescida a outras de igual importância foi constituindo sua *expertise* para corroborar também com a criação, na mesma cidade, do curso de enfermagem da Universidade de Fortaleza-UNIFOR (1973)²⁸, a convite do próprio chanceler, a época, o empresário Edson Queiróz. A primeira universidade privada criada no estado do Ceará, em 21 de março de 1973²⁹, na qual Glória Façanha atuou como docente e gestora até o ano de 1977. Essas experiências vivenciadas que implicaram na consolidação destes cursos no

²⁴Instituição universitária que, no ano de 1965, passou a se denominar de Universidade Federal do Ceará (UFC).

²⁵ “Fernando Leite, ex-diretor da Faculdade de Odontologia /UFC, assume a Reitoria da Universidade Federal do Ceará- UFC, fora empossado no Rio de Janeiro pelo ministro da Educação e Cultura”. (AZEVEDO, 1967).

²⁶ “Presidente da Associação São Vicente de Paulo de Fortaleza, de 1969 a 1976, e Madre Provincial da Congregação das Irmãs de Caridade no Ceará, no ano de 1974. Irmã do então governador do estado do Ceará, César Cals de Oliveira Filho, que governou o estado de 1971 a 1975, quando, em 1975, cria a Universidade Estadual do Ceará-UECE. Lembramos que a UECE é formada pela junção de cinco cursos e ou escolas, dentre elas, a Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo”. Fonte: NUDIHME.

²⁷ Glória Façanha atuou na Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo (EESVP) de 1967 a 1969, inicialmente compondo a 5ª Diretoria, sendo esta uma *Diretoria Colegiada*, “composta por seis diretoras coordenadoras: Irmã Syrena de Castro Bonfim; Maria da Glória Ferreira Façanha; Lígia Barros Costa; Rachel Gomes de Matos Bastos; Irmã Francisca das Chagas Figueiredo; e Irmã Tereza Bezerra Bessa e Irmã Orminda Santana de Oliveira”. Fonte: NUDIHME – Quadro das diretorias da Escola de Enfermagem SVP.

²⁸ A Universidade de Fortaleza -UNIFOR foi credenciada pelo Decreto Federal nº 71.655, de 4/1/1973, publicado no Diário Oficial da União (DOU) de 5/1/1973, e reconhecida pela Portaria MEC nº 350, de 12/8/1983 (DOU de 18/8/1983). Registro no Cadastro da Educação Superior do e-MEC.

²⁹ Na meia luz do crepúsculo vespertino de hoje, nesta Fortaleza, vi um homem chorar e uma Universidade nascer”. Foi com essa frase que, em 21 de março de 1973, o então ministro da Educação, Jarbas Passarinho, deu início à aula magna de inauguração da Universidade de Fortaleza. Fruto do sonho do industrial Edson Queiroz, a UNIFOR completou, em 2018, 45 anos de educação de excelência. Atualmente 2021, 47 anos.

(<https://www.unifor.br/-/exposicao-fotografica-conta-a-historia-da-unifor>)

âmbito estadual (enquanto Escola de Enfermagem SVP), federal (UFC) e privado (UNIFOR), tornaram-se a base transcorrida e analisada neste estudo, uma vez que foca caminhos da formação da enfermeira cearense

Consideramos que esses marcos presentes na vida da enfermeira e docente Maria da Glória Ferreira Façanha evidenciaram uma mudança na sociedade fortalezense, notadamente sobre a formação da enfermeira cearense, que pôde ser neste texto de tese conhecida por meio de sua história e memória, uma vez que entendemos a necessidade de evidenciar suas contribuições, inicialmente, para a institucionalização/consolidação do ensino de enfermagem e formação do(a) enfermeiro(a) no âmbito da Escola de Enfermagem SVP que, em 1955, integra-se e agrega a UFC e, em 1975, é encampado(anexado) pela UECE, momento final que já não conta com sua presença, uma vez que já se encontra, desde 1971, nos estudos e preparação para implantação do curso de enfermagem na UNIFOR, o que vem ocorrer em 1973.

Partimos, portanto, do pressuposto de que desenvolver um estudo sobre uma mulher, enfermeira, docente e gestora, que recebeu uma comenda da Universidade de Fortaleza³⁰ e, após 50 anos de sua chegada à Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo (EESVP), recebeu também uma homenagem do Núcleo de Documentação, Informação, História e Memória da Enfermagem Cearense-NUDIHME³¹ como reconhecimento por sua contribuição à profissão e ao ensino da enfermeira no estado, fez-se necessário e oportuno. Os motivos são mencionados desde o texto introdutório desta tese, lembrando, sobretudo, a ausência de produções historiográficas de personalidades dessa profissão no estado do Ceará e Nordeste brasileiro.

A realização desta tese doutoral utilizando como base a história e a memória da enfermeira docente Maria da Glória Ferreira Façanha, os documentos por ela cedidos, relatórios e agendas de trabalho, páginas escritas de próprio punho,

³⁰Comenda da Universidade de Fortaleza (UNIFOR) do ano de 2012 – Em reconhecimento e gratidão aos serviços prestados ao curso de enfermagem da UNIFOR. Esta comenda foi entregue à professora Glória, em 25 de abril de 2018, em mãos, pela professora enfermeira Francisca Lucélia Ribeiro Farias, representando o corpo docente da UNIFOR. A professora enfermeira Lucélia Farias foi aluna da professora Glória na primeira turma (1973) do curso de enfermagem da UNIFOR.

³¹A homenagem consta de registro em um grande quadro de lona com foto e texto sobre a enfermeira Glória Façanha, na sala do Museu da Enfermagem-NUDIHME/UECE, bem como o espaço de um expositor para perpetuar materiais pessoais e profissionais de cunho iconográfico e tridimensional da personagem, com o intuito de guardar e socializar ao público interessado pertences desta pioneira que tanto contribuiu, principalmente, com o ensino da profissão.

fotografias, conversas em momentos diversos e agradáveis em sua residência³² e com quem fez parte de suas vivências, sejam familiares, profissionais e alunas, foi primordial para consolidar nosso estudo sobre um período importante datado de 1967 a 1980. O recorte escolhido configura inicialmente a inserção da enfermeira Maria da Glória Ferreira Façanha no campo educacional da enfermagem cearense, seja na Escola de Enfermagem SVP, seja na UFC, e culmina com o final de seu desenvolvimento profissional na Universidade de Fortaleza (UNIFOR).

Esta história, narrada em grande parte por meio da voz suave e, apesar da idade de 88 anos³³, ainda firme, dessa enfermeira, constitui um legado para gerações presentes e futuras. Com âncora nestas considerações e pertinente ao encaminhamento de um trabalho científico fez-se necessário levantarmos questões que nos instigavam sobre sua história, suas vivências, para que pudéssemos estabelecer um horizonte de partida, bem como para caminharmos construindo o caminho também juntas, chegando a um porto seguro, aquele que evidencia uma trajetória de lutas e conquistas. Deste modo, as indagações elencadas foram as seguintes:

- a) Quem é Maria da Glória Ferreira Façanha?
- b) Como e por que decidiu ser enfermeira?
- c) Como foi o seu percurso enquanto estudante da Escola de Enfermeiras Ana Néri (EEAN)³⁴, primeira escola padrão para enfermeiros (as) do Brasil?
- d) Enquanto profissional enfermeira portadora de diplomada EEAN, recebendo o título de *Enfermeira Diplomada Ana Néri*, como construiu sua expertise na profissão?
- e) Que caminhos a levam à Escola de Enfermagem SVP? O que ela nos conta sobre ser docente e gestora no processo de preparação e organização institucional para inserção (tentativa) da escola como curso

³²Rua Frei Mansueto, 1290. Fortaleza, Ceará – Brasil.

³³Nascida em 15 de agosto de 1932, falecida em 27 de abril de 2021. Participou da pesquisa de 2017 a 2021 ano de seu falecimento.

³⁴Ao consultar o diploma (Figura 14) da Maria da Glória Ferreira Façanha, datado de 25 de agosto de 1953, verificamos que ele é assinado pela enfermeira Waleska Paixão, diretora na época. Com base nesse diploma de 1953, identificamos que a escola intitulava em seus diplomas como: Escola de Enfermeiras Ana Néri da Universidade do Brasil, e não Escola de Enfermagem Ana Néri, como vimos em alguns textos já consultados. Assim, optamos pela nomenclatura oficial: Ana Néri.

definitivo(anexado) à Universidade Federal do Ceará idos de 1968-1970?

- f) O que nos conta sobre a implantação do primeiro curso de enfermagem na Universidade de Fortaleza nos idos de 1973 a 1977, no qual fez parte da comissão dessa implantação?
- g) Como a formação obtida para ser enfermeira na Escola Ana Néri e a experiência adquirida na Fundação SESP incidiram sobre o delineamento do ensino (de um currículo) para formação do(a) enfermeiro(a) desenvolvido na Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo e posteriormente implantado na Universidade de Fortaleza-UNIFOR?

Estas questões reforçaram nossa problemática que é desvelar e tornar público os esforços e luta dessa mulher, enfermeira, docente e gestora nos processos de preparação e implantação de cursos de enfermagem no estado do Ceará.

Assim, pontuando o estudo como **PRESSUPOSTO** dessa tese – a atuação pioneira da enfermeira docente Maria da Glória Ferreira Façanha, por meio de sua expertise profissional, contribuiu para a sociedade cearense e brasileira no fortalecimento da profissão e consolidação do ensino de enfermagem no Ceará.

Os objetivos de nossa tese postos a seguir vão compor o escopo esclarecedor do nosso objeto de pesquisa, a consolidação do ensino de enfermagem no Ceará, descrito em nossa problemática, revelada na tessitura da história e memória da enfermeira docente Maria da Glória Ferreira Façanha. Indicamos desde o texto introdutório o que pretendíamos investigar e caracterizar, bem como posteriormente a nossa tese, usando nossa intencionalidade e inferências.

2 OBJETIVOS

Considerando nosso texto introdutório, nossas inquietações expressadas na problemática e nosso objeto de estudo, desenvolvemos os seguintes objetivos norteadores:

2.1 Geral

Demarcar na história da enfermagem a participação de Maria da Glória Ferreira Façanha na consolidação do ensino superior cearense, a partir da sua inserção na Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo à Universidade de Fortaleza, nos idos de 1968 a 1980.

2.2 Específicos

- a) Situar os estudos sobre a história e memória de enfermeiras pioneiras no ensino de enfermagem no campo da historiografia da profissão;
- b) Registrar a história e memória de Maria da Glória Ferreira Façanha, assim como seus contributos nos cursos de enfermagem cearenses, particularmente no período de 1968 a 1980;
- c) Analisar os elementos predominantes da expertise profissional de Maria da Glória Ferreira Façanha na consolidação do ensino superior de enfermagem do Ceará.

Esses objetivos foram predispostos, considerando a tessitura da história e memória da enfermeira Maria da Glória Ferreira Façanha, atuante como uma das pioneiras no ensino de enfermagem cearense, proporcionando a reflexão, articulação e entendimento dos estudos sobre a história do ensino superior em enfermagem, bem como a implementação deste a respeito do tema em questão.

3 ESTUDOS SOBRE HISTÓRIA E MEMÓRIA DE ENFERMEIRAS BRASILEIRAS PIONEIRAS NA PROFISSÃO: O ESTADO DA MINHA QUESTÃO

Compreender as coisas que nos rodeiam é a melhor preparação para compreender o que há mais além. (Hipátia³⁵)

Dentro da especificidade de um trabalho científico faz-se necessário conhecer mais profundamente o tema a ser pesquisado. Como bem colocou Hipátia, matemática e filósofa, compreender o que nos rodeia nos prepara para compreender o que existe além. Em nosso caso, no ato da pesquisa, isso se dá por meio do levantamento de trabalhos já realizados que nos dão conta do que já existe produzido sobre a nossa temática e ainda pode subsidiar, através do seu referencial teórico, da sua metodologia, a nossa pesquisa.

Podendo usufruir dessas leituras, fazendo a redefinição de nossas categorias, e o mais importante, conseguindo evidenciar as reais contribuições que nossa tese pode trazer ao campo científico pesquisado e realizando um estudo com originalidade e ineditismo.

O trabalho desenvolvido nessa direção tomou por base as formulações de Nóbrega-Therrien e Therrien (2010) sobre o Estado da Questão (EQ), do qual partimos de um levantamento bibliográfico rigoroso, para mantermos a cientificidade sob esse aspecto, desta feita, foi imprescindível para a realização do EQ o acesso a trabalhos de outros pesquisadores interessados por temas similares ao que queríamos pesquisar.

Inicialmente foi estabelecido um inventário com buscas de trabalhos sobre a temática da nossa tese para que pudéssemos averiguar, conhecer, como antes assinalado, o que já fora publicado sobre a história das enfermeiras brasileiras e, em seguida, delimitando para as enfermeiras da nossa região Nordeste. Este, portanto, foi o objetivo principal do mapeamento realizado, conhecer os estudos já existentes, narrativas biográficas sobre as enfermeiras que atuaram no ensino de enfermagem, agora em especial as que atuaram na (EESVP) escola pioneira no ensino de enfermagem na Capital cearense.

³⁵Hipátia ou Hipácia foi uma filósofa, matemática neoplatônica grego-romana. “Foi a primeira mulher documentada como tendo sido matemática. Como chefe da escola platônica em Alexandria também lecionou filosofia e astronomia”. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Hip%C3%A1tia> acessado em 20/4/2021.

Considerando preliminarmente, com a leitura dos trabalhos escolhidos para comporem o nosso EQ, dois elementos destas publicações pesquisadas, sejam eles: o referencial teórico e a metodologia, visto que o referencial teórico trouxe contribuições basilares para fundamentação também do nosso estudo e as metodologias encontradas clarificaram a delimitação e escolha da nossa metodologia de tese, além de evidenciar nos achados a contribuição original deste trabalho, sobretudo no campo do conhecimento científico na área pesquisada. Para Nóbrega-Therrien e Therrien (2010) a finalidade do EQ:

[...] é de levar o pesquisador a registrar, a partir de um rigoroso levantamento bibliográfico, como se encontra o tema ou o objeto de sua investigação no estado atual da ciência ao seu alcance. Trata-se do momento por excelência que resulta na *definição do objeto específico da investigação, dos objetivos da pesquisa, em suma, da delimitação do problema específico de pesquisa*. (2010, p.2) (Grifo nosso).

Conforme descrito pelos autores, a determinação do objeto específico da investigação e demais elementos da pesquisa podem ser mais bem esclarecidos com a elaboração de um levantamento do tipo EQ. O primeiro momento metodológico dessa busca envolveu a determinação do objeto de pesquisa. Assim, iniciamos nos questionando: O que tem sido investigado sobre a história da enfermagem brasileira e cearense? O que se tem pesquisado sobre a história e memória das enfermeiras? Sobretudo as que foram pioneiras do ensino em enfermagem? As perguntas que fizemos às produções encontradas foram: Quantos estudos existem sobre a temática? Como os estudiosos abordam essa temática? Qual foco tem sido abordado? Com que fundamentação teórica e que metodologias têm sido utilizadas?

Iniciamos assim uma caminhada na qual nos encontrávamos ainda insipientes, com pouca informação do território a ser desbravado. As orientações do caminho a ser percorrido foram encontradas na disciplina Estado da Questão, ministrada no Programa de Pós-Graduação (PPGE), no curso de doutorado em Educação da UECE, e na construção de trabalhos acadêmicos. Nesse contexto, além da identificação dos nossos descritores e das fontes, acessamos os bancos de dados e iniciamos a leitura do material identificado, bem como o exame dos aspectos de interesse para nossa pesquisa, seguido da sistematização das análises apresentadas nessa seção.

A busca abrangeu cinco bases de dados a saber: a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS Regional)³⁶, a Base de Dados de Teses e Dissertações (BDTD),³⁷ o Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior (CAPES), neste, consideramos as publicações da Revista Brasileira de Enfermagem (REBEn)³⁸ e da História da Enfermagem Revista Eletrônica (HERE)³⁹ e o acervo pessoal que deram suporte a nossa pesquisa.

Em cada uma dessas bases de dados, realizamos buscas com o mesmo foco temático, ou seja, procuramos identificar trabalhos que abordassem ou se aproximassem do nosso objeto de pesquisa: o percurso de institucionalização da Escola de Enfermagem SVP até ser encampada na UECE e a criação do curso de enfermagem na UNIFOR, que teve a participação de nossa pioneira, enfermeira professora e diretora Maria da Glória Ferreira Façanha, a partir de sua história e memória.

Destarte, a busca assentou-se em estudos relacionando os quatro descritores, testados na plataforma: Descritores em Ciências da Saúde⁴⁰ (DeCS server), (da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), sejam eles: (I) Enfermeiro(a), (II) Escola de Enfermagem, (III) e (IV) Memória, destes descritores, somente a escola de enfermagem não aparece na plataforma, tendo o caráter anunciado em nossa pesquisa em torno da intencionalidade de historicizar o ensino superior em enfermagem do Ceará com foco na história e memória da nossa colaboradora.

A definição dos descritores, isto é, das palavras-chave, permitiu efetuar o processo de garimpagem inicial e, posteriormente, o afinamento dos estudos encontrados. Estes descritores foram articulados usando o boleano AND, nas plataformas que puderam ser colocadas seu uso, já nas plataformas que não continham esse refinamento, utilizamos as temáticas em frases e/ou palavras por vezes tendo por finalidade uma busca mais completa, como descrevemos ao longo

³⁶Biblioteca Virtual em Saúde (BVS Regional) – localizada em: <https://bvsalud.org/> acessada em 8/4/2021.

³⁷Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) – localizada em: <http://bdt.d.ibict.br/vufind/> acessada em 8/4/2021.

³⁸Revista Brasileira de Enfermagem (REBEn) – localizada em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_serial&pid=0034-7167&lng=en&nrm=iso/ acessada em 8/4/2021.

³⁹História da Enfermagem – Revista Eletrônica (HERE) – localizada em: <http://here.abennacional.org.br/revista/here/> acessada em 8/4/2021.

⁴⁰Descritores em Ciências da Saúde: DeCS. 2021. Ed.rev. e ampl. São Paulo: BIREME/ OPAS/ OMS/ OMS2017. Disponível em: <http://decs.bvsalud.org> Acesso em 29/8/2021.

dessa seção. O cruzamento dos descritores e suas combinações está presente no Quadro 1.

Quadro 1 - Relação dos descritores articulados na busca das produções relacionadas ao tema da pesquisa. Fortaleza/CE, 2021

Combinações	Descritores	Descritores	Descritores
1	Enfermeira	História	Memória
2	Escola de Enfermagem	História	Memória

Fonte: Elaborado pela autora.

Ancorada nesses descritores e combinações, fizemos as imersões nas plataformas anteriormente citadas. Nas subseções a seguir, apresentamos cada plataforma e seus respectivos achados.

3.1 Primeiro percurso – Biblioteca Virtual em Saúde Regional (BVS)

A Biblioteca Virtual em Saúde Regional (BVS) foi estabelecida em 1998 como modelo, estratégia e plataforma operacional de cooperação técnica da Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) para gestão da informação e conhecimento em saúde na Região da América Latina e Caribe (AL&C). É um centro especializado da OPAS (BIREME/OPAS/OMS) com a missão de contribuir para o desenvolvimento da saúde, publicação e uso de informação, conhecimento e evidência científica.

O Portal Regional da BVS é o espaço de integração de fontes de informação em saúde que promove a democratização e ampliação do acesso à informação científica e técnica em saúde na AL&C. É desenvolvido e operado pela Biblioteca Regional de Medicina (BIREME) em três idiomas (inglês, português e espanhol). A coleção de fontes de informação do portal está composta de bases de dados bibliográficas produzidas pela Rede BVS, como LILACS, além da base de dados Medline e outros tipos de fontes de informação, tais como recursos educacionais abertos, sites de internet e eventos científicos. (BIREME/OPAS/OMS, 2021). Logo mais, seguem os Quadros 2 e 3 com o detalhamento dos achados na BVS.

Quadro 2 - Quantitativo de trabalhos identificados na Biblioteca Virtual em Saúde Regional (BVS-Regional). Fortaleza/CE, 2021

Nº	Descritores e booleano AND	Encontrados	Trabalhos repetidos	Válidos	Relação ao tema
1	Enfermeira AND História AND memória	80	22	58	09
2	Escola de Enfermagem AND História AND memória	54	16	38	02
	Total	134	38	96	11

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Iniciamos nossa busca no portal Regional da BVS utilizando os descritores indicados no Quadro 1, no Quadro 2, verificamos o resultado de 134 trabalhos. Destes, 38 estavam repetidos, ou seja, apareciam em duplicidade e/ou até em três ou quatro vezes repetidos na busca. 96 trabalhos eram válidos, porém 85 não faziam relação ao objeto da nossa pesquisa, pois tratavam do contexto da enfermagem, mas não se relacionavam à história e memória de uma enfermeira especificamente, tinham outros motes, conforme apresentado na Tabela 1:

Tabela 1 - Categorias de agrupamento dos trabalhos válidos na Biblioteca Virtual em Saúde Regional (BVS-Regional). Fortaleza/CE, 2021

Ordem	Categorias de agrupamento dos trabalhos válidos– BVS	Quantidade	Percentual %
1	História e memória de enfermeiras em escolas/cursos de enfermagem – identidades, trajetórias, percursos. (Válidos)	11	11,5
2	História sobre hospitais com ênfase na enfermagem	14	14,5
3	Memória de pacientes (idosos, mulheres, mulheres negras, pessoas com doenças diversas).	18	18,8
4	Memórias de profissionais da saúde (médicos, terapeutas ocupacionais, enfermeiros e auxiliares).	35	36,5
5	Memória museus/documentos	7	7,2
6	História da Revista Brasileira de Enfermagem (REBEN)	6	6,3
7	Outros (violência física, Cruz Vermelha, vacinas).	5	5,2
Total		96	100

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Foram, portanto, considerados pertinentes à nossa pesquisa 11,5% (n=11) trabalhos, ou seja, pesquisas que em seu título/resumo apresentaram elementos da história da enfermeira ou da escola de enfermagem contada a partir da história de uma enfermeira. O título dos trabalhos selecionados segue apresentado no Quadro 3.

Quadro 3 - Trabalhos selecionados na Biblioteca Virtual em Saúde Regional (BVS-Regional). Fortaleza/CE, 2021

(Continua)

Nº	Título	Autores(as)	Sítio	Ano
1	Maria José de Oliveira: trajetória de vida e contribuições para a construção da identidade profissional da enfermeira na Bahia	Oliveira, Núbia Lino de; Silva, Gilberto Tadeu Reis da.	Hist. Enferm., Rev. Eletrônica	2018
2	História e memória de Maria do Amparo Barbosa	Silva, Francisca Aline Amaral da; Nunes, Benevina Maria Vilar Teixeira.	Hist. Enferm., Rev. Eletrônica	2018
3	100 anos de Haydée Guanais Dourado: contributos para a enfermagem brasileira	Oliveira, Núbia Lino de; Ribeiro, Juliana Costa; Costa, Heloniza Oliveira Gonçalves; Melo, Cristina Maria Meira de; Silva, Gilberto Tadeu Reis da.	Rev. Baiana Enferm.	2016.
4	Oscarina Saraiva Coelho: Uma história de dedicação à enfermagem	Teodósio, Sheila Saint-Clair da Silva; Silva, Edilene Rodrigues da; Backes, Vânia Marli Schubert; Martini, Jussara Gue; Reibnitz, Kenya Schmidt.	Hist. Enferm., Rev. Eletrônica	2013
5	Una vida, una história, una enfermera: Sidênia Alves Sidrião de Alencar Mendes	Abrahão, Ana Lucia; Daher, Donizete Vago; Santos, Nathalia Telles Paschoal.	Rev. Bras. de Enferm.	2012.
6	A inserção de Waleska Paixão na enfermagem	Santos, Geralda Fortina. Caldeira Valda da Penha. Moreira, Sabrina Antonieta.	Esc. Anna Nery Rev. Enferm	2010
7	Ottillie Hammes: pioneira da enfermagem catarinense	Borenstein, Miriam Süsskind, Maria Itayra Padilha, Ana Rosete Maia, Eliani Costal, Vitória Regina Petters Gregóriol, Ana Maria Koerich Espíndola	Rev. Brasileira de Enfermagem	2009
8	Nalva Pereira Caldas, uma trajetória de sucesso	Silva, Renata Lucas Mercês; Barreira, Ieda de Alencar.	Rev. Enferm. UERJ	2005.
9	Hilda Anna Krisch: pioneira na enfermagem catarinense - formação e contribuição	Borenstein, Miriam Süsskind; Padilha, Maria Itayra Coelho de Souza; Caetano, Tatiana Lúcia; Mancia, Joel Rolim.	Rev. Bras. Enferm	2004

(Conclusão)

10	Rachel Haddock Lobo, mito de enfermeira nos anos 30	Santos, Tânia Cristina Franco; Barreira, Ieda de Alencar	Esc. Anna Nery Rev. Enferm	2002.
11	A vida e a obra de Zaíra Cintra Vidal	Lopes, Gertrudes Teixeira; Caldas, Nalva Pereira; Lima, Tábata Cristina Silva; Martingil, Izabella de Carvalho.	Rev. Bras. Enferm	2001.

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Conforme apresentado no Quadro 3, temos onze trabalhos datados do ano de 2001 a 2018, todos eles são artigos publicados em revistas da área de enfermagem, sendo: dois da história da enfermagem Revista Eletrônica – HERE; um da Revista de Enfermagem da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (Rev. UERJ); um da Revista Baiana em Enfermagem; cinco da Revista Brasileira de Enfermagem e dois da Escola Ana Néri.

Os trabalhos versam sobre a apresentação de personalidades da área de enfermagem que marcaram a história dessa profissão. Para facilitar o processo de análise dos trabalhos presentes no Quadro 2, estes foram agrupados em áreas afins, de acordo com esses eixos: 1. Objetivos, 2. Referências teóricas, 3. Metodologias e 4. Resultados/considerações. Seguem nessa subseção os objetivos dos trabalhos pesquisados na Biblioteca Virtual de Saúde:

1. Objetivos pretendidos inseridos nos trabalhos mapeados na BVS
 - a) Oliveira e Silva (2018) tiveram como objetivo: descrever aspectos biográficos de Maria José de Oliveira, analisar sua trajetória de vida e assinalar suas contribuições para o desenvolvimento da escola de enfermagem da Universidade Federal da Bahia.
 - b) Silva e Nunes (2018) - Seu objetivo foi descrever a trajetória de vida e profissional de Maria do Amparo Barbosa, analisar a participação desta no ensino, na assistência e nas organizações de classe da enfermagem piauiense.
 - c) Oliveira *et.al.* (2016) tiveram como objetivo descrever a trajetória de vida de Haydée Guanais Dourado, para reafirmar o seu lugar na história da enfermagem baiana e sua contribuição à memória da enfermagem brasileira.

- d) Teodósio *et.al.* (2013) tiveram como objetivo resgatar a trajetória histórica de uma das pioneiras da enfermagem no Rio Grande do Norte, Oscarina Saraiva Coelho, destacando suas contribuições para a enfermagem potiguar.
- e) Abrahão *et.al.* (2012) - O artigo versa sobre a vida de Sidênia Alves Sidrião, cearense, nascida no Interior, na cidade de Mombaça. Fez sua formação na Escola de Enfermagem SVP, em Fortaleza, e, ao se formar, foi para Niterói – Rio de Janeiro, lá, iniciou sua trajetória profissional na enfermagem que marcaria a história da cidade fluminense.
- f) Santos *et.al.* (2010) objetivaram descrever as circunstâncias relativas à inserção de Waleska Paixão (1903-1993) na enfermagem.
- g) Borenstein *et.al.* (2009), o objetivo foi revelar a trajetória profissional de Otilie Hammes, apresentar alguns traços de sua biografia e analisar sua contribuição para a profissão da enfermagem em Santa Catarina.
- h) Silva *et.al.* (2005) tiveram por objetivo ordenar os dados biográficos coletados (por cronologia e temática); analisar a trajetória de vida da personagem; discutir a importância da contribuição de Nalva Pereira Caldas para o desenvolvimento da enfermagem brasileira.
- i) Borenstein *et. al.* (2004), o objetivo foi desvelar a historicidade da primeira enfermeira catarinense, Hilda Anna Krisch, formada pela Escola de Enfermagem Ana Néri, com atuação de destaque no cenário nacional.
- j) Santos e Oliveira (2002), dentre seus objetivos, estava descrever a trajetória profissional de Rachel Haddock Lobo, analisar as características do processo de mitificação e discutir os efeitos da criação de um mito de enfermeira.
- k) Lopes *et.al.* (2001), cujo objetivo é descrever a trajetória de Zaíra Cintra Vidal, sua inserção na Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo e sua participação na Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn).

Analisando os objetivos dos onze trabalhos, podemos encontrar, em sua maioria, pesquisas que objetivaram estudar a história da enfermagem 64% (n=7) a partir da biografia, trajetória ou história de vida; tivemos 18% (n=2) de trabalhos que versavam sobre a escola de enfermagem, 9% (n=1) de contribuição para o ensino e 9%(n=1) que traz a colaboradora como mito.

2. Referências teóricas dos trabalhos mapeados da BVS:

Ao longo do seu texto, alguns trabalhos não apresentaram diretamente citações de uma ou mais fontes teóricas, nos textos, eram apresentadas apenas citações das colaboradoras. Para fundamentar nossa pesquisa e aprender com os textos utilizados por nossos pesquisadores, fomos às referências dos seus trabalhos e encontramos algumas obras que, para nós, foram destaque e puderam contribuir para nossa pesquisa:

- a) Oliveira e Silva (2018), Jacques Le Goff (história), Oguisso (história da enfermagem) e Verena Alberti (pesquisa/ história oral).
- b) Silva e Nunes (2018), José Carlos Sebe Meyhi (história oral).
- c) Oliveira *et.al.* (2016), Taka Oguisso (história da enfermagem), Verena Alberti (pesquisa/ história oral).
- d) Teodósio *et.al.* (2013), José Carlos Sebe Meyhi (história oral) e Laurence Bardin (análise de conteúdo).
- e) Abrahão *et.al.* (2012), o trabalho não trouxe referências teóricas.
- f) Santos *et.al.* (2010), Waleska Paixão (história da enfermagem), Pierre Bourdieu (poder simbólico).
- g) Borenstein *et. al.* (2009), José Carlos Sebe Meyhi (história oral) e Laurence Bardin (análise de conteúdo), Michel Foucault (poder simbólico), Miriam Borenstein (história da enfermagem).
- h) Silva *et. al.* (2005), só conseguimos localizar o resumo e neste não constava referencial teórico.
- i) Borenstein *et. al.* (2004), Waleska Paixão (história da enfermagem), Miriam Borenstein (história da enfermagem).
- j) Santos e Oliveira (2002), Arnaldo Niskier (História), Rachel Lobo (anais de enfermagem).
- k) Lopes *et.al.* (2001), Pierre Bourdieu (poder simbólico).

Em nosso levantamento na BVS, conseguimos alguns nomes da área de enfermagem, como a enfermeira Waleska Paixão, que escreveu um dos primeiros livros sobre a história da enfermagem, outra autora, mais contemporânea, também presente em alguns artigos, é a Taka Oguisso, professora pesquisadora da história da enfermagem e tem grupo de pesquisa na Universidade de São Paulo (USP). Percebemos em algumas referências que as próprias revistas da enfermagem foram subsídios para a escrita dos novos artigos. Em relação à história & memória, história

oral, muitos trabalhos se fundamentaram em Jacques Le Goff, José Sebe Meihy, Verena Alberti.

Em relação à análise de conteúdo verificamos que dois textos tiveram fundamentação em Bardin que estabelece como método o trabalho com as comunicações. As pesquisas revelaram as relações sociais das enfermeiras em espaços de trabalho, num contexto social de relações, para este aspecto, uma das pesquisas usou Michel Foucault em seu aporte teórico, anunciando a relação de poder, sendo esta prática social constituída historicamente. Outro autor presente nos textos foi Pierre Bourdieu, estudioso de Foucault, nos textos, as ideias de Bourdieu fundamentaram o poder simbólico, presente no capital social e cultural analisado pelos *habitus* desenvolvidos pelas enfermeiras nas instituições, sejam hospitalares, escolares, associações (ABEn) ou na imprensa (REBEn) por elas gerenciadas, apresentando o caráter de poder.

3. Metodologias abordadas nos trabalhos mapeados da BVS:

Nessa subseção elencamos as metodologias compreendendo que o fio condutor da pesquisa parte desse momento de estruturação do fazer nas pesquisas.

- a) Oliveira e Silva (2018) fizeram uma pesquisa descritiva, realizada por meio da análise da história oral de vida relatada pela própria biografada, no período de março a abril de 2015, e de fontes primárias pertencentes ao Núcleo de Memória da Escola de Enfermagem.
- b) Silva e Nunes (2018) realizaram um estudo histórico-social que utilizou fontes orais e escritas, cujas primeiras foram coletadas por meio do depoimento da colaboradora do estudo.
- c) Oliveira *et.al.* (2016) fizeram um estudo descritivo, de cunho histórico-social, baseado em depoimentos orais e documentos textuais pertencentes ao Núcleo de Memória da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia, livros e artigos que retrataram a história de vida de Haydée Guanais Dourado.
- d) Teodósio *et.al* (2013) trataram de um estudo qualitativo com abordagem sócio-histórica, cujos dados foram obtidos por entrevista semiestruturada, utilizando-se o método da história oral temática e de

outras fontes documentais. Os dados foram categorizados utilizando-se a análise de conteúdo.

- e) Abrahão *et.al.* (2012) não apresentaram em seu trabalho a metodologia utilizada.
- f) Santos *et.al.* (2010) fizeram um trabalho de natureza histórico-social. As fontes primárias fazem parte do acervo documental do Centro de Memória da Escola de Enfermagem da UFMG e as secundárias foram constituídas por livros, teses e artigos de periódicos que tratam da história da enfermagem e da história da educação.
- g) Boreinstein *et.al.* (2009) tratam de um estudo sócio-histórico no qual a coleta de dados foi por entrevistas e fontes documentais. Os dados foram categorizados utilizando-se a análise de conteúdo e com base no referencial foucaultiano.
- h) Silva *et.al.* (2005) - Foram consultadas as fontes primárias de documentos do Centro de Memória da Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e da Secretaria de Pós-Graduação da Escola de Enfermagem Ana Néri, curriculum vitae, memorial e depoimentos da personagem. As fontes secundárias são artigos de periódicos. Os dados foram coletados em 2004.
- i) Borenstein *et.al.* (2004) tratam de pesquisa sócio-histórica. Na coleta de dados, foram utilizadas entrevistas arquivadas realizadas com Hilda Anna Krisch e com outras personagens que fizeram parte do cenário da época. Além destas, utilizaram-se outras fontes documentais como: periódicos, livros, cartas, relatórios, histórico escolar e fotografias. Os dados permitiram identificar a origem e a trajetória da enfermeira, bem como os trabalhos desenvolvidos por ela durante sua vida profissional.
- j) Santos e Oliveira (2002) fizeram um estudo realizado na perspectiva da história social, que teve como objeto o processo de mitificação de Rachel Haddock Lobo, após o seu falecimento quando diretora da Escola de Enfermeiras Ana Néri, em 1933. As fontes primárias utilizadas, como fotografias, documentos escritos de caráter oficial e recortes de jornais; as fontes secundárias referem-se à bibliografia sobre a história da enfermagem da época.

- k) Lopes *et. al.* (2001), estudo histórico-social, fundamentado nos conceitos de poder simbólico, *habitus* e luta simbólica de Pierre Bourdieu. As fontes primárias foram documentos existentes no Centro de Documentação da Escola de Enfermagem Ana Neri/UFRJ e no Centro de Memória da Faculdade de Enfermagem Fluminense/UERJ. Os dados foram obtidos no período de agosto de 2000 a abril de 2001 mediante um roteiro de análise documental.

Dos onze trabalhos analisados, 64% (n=7) deixam explícitos a informação de se tratar de um trabalho com abordagem histórico-social, os outros 36% (n=4) não deixam explícita a informação como descritivo. Em relação ao estudo, 36% (n=4) colocam que a pesquisa é qualitativa, os demais 64% (n=7) não trazem essa informação aparente em seu texto, embora ao considerar a abordagem das pesquisas em sua leitura completa compreendemos que todas são qualitativas. Partimos do mesmo pressuposto de Sampieri *et al.* (2013) que nos apresentam a pesquisa qualitativa como a busca de:

[...] compreender a perspectiva dos participantes (...) sobre os fenômenos que os rodeiam, aprofundar em suas experiências pontos de vistas, opiniões e significados, isto é, a forma como os participantes percebem subjetivamente sua realidade. (SAMPIERI *et. al.*, p.376, 2013)

É sabido que, ao trabalhar com a trajetória de vida, com a história e memória, estamos a permear, a conhecer as experiências do outro na sua subjetividade, na realidade por ele vivenciada, como nos falou Hernández Sampieri.

No entanto, para não dar margem a equívocos ou dúvidas na subjetividade trabalhada, a pesquisa deve seguir com o caráter científico, cabe perceber e buscar nos textos lidos a fundamentação teórica, os aspectos metodológicos, sobretudo os caminhos seguidos para o desenvolvimento, análise e conclusão desta.

Sendo assim, como atividade metodológica, identificamos nos trabalhos a descrição da história das colaboradoras, fazendo o uso do método da história oral, história oral de vida (HOV) trabalho 1 – Oliveira e Silva (2018) e 3 – Oliveira *et.al.* (2016), história oral temática (HOT) trabalho 4 – Teodósio *et.al* (2013), os demais não deixam explícito o método utilizado. Em relação à análise dos dados, encontramos dois trabalhos que elencam como suporte a análise de conteúdo trabalho 4 – Teodósio

et.al (2013) e 7 – Borenstein *et.al.* (2009), outro suporte traz a análise documental representada pelo trabalho 11 – Lopes *et.al* (2001). Os demais trabalhos não deixam especificados o método e o tipo de análise.

4. Resultados e considerações encontrados nos trabalhos mapeados na BVS:

Logo abaixo elencamos as considerações apresentadas nos trabalhos mapeados:

- a) Oliveira e Silva (2018), a trajetória de vida de Maria José de Oliveira revelou uma mulher com formação profissional ética, que lutou pela valorização da imagem da enfermeira e da Escola de Enfermagem da Bahia. Como diretora contribuiu para a integração docente assistencial e conquista da independência administrativo-financeira da escola. Destacou-se como primeira egressa a presidir a ABEn-seção BA e a coordenar a residência da escola de enfermagem, representando a nova geração de enfermeiras baianas de nível superior. As conquistas alcançadas ao longo de sua trajetória de vida lhe conferiram credibilidade e reconhecimento de alunos, professores e enfermeiras. Entretanto, a persistência em suas convicções e a postura firme adotada em algumas situações de conflito vivenciadas na EEUFBA nem sempre foram compreendidas pelos pares.
- b) Silva e Nunes (2018), com achados e depoimentos da colaboradora, foi possível delinear a relação da protagonista com a enfermagem piauiense, sendo: Vida e formação; Atuação na área da saúde. Maria do Amparo Barbosa foi uma mulher que superou obstáculos para se tornar enfermeira e conquistar reconhecimento. A atuação dessa protagonista contribuiu para a enfermagem pediátrica e sociedades de classe da enfermagem, sendo imprescindível o registro de sua história e memória para o crescimento da enfermagem piauiense.
- c) Oliveira *et.al.* (2016), a pesquisa fez o resgate da história de Haydée Guanais permitindo a identificação de contornos da sua vida, trajetória profissional e contribuições à enfermagem brasileira. Destacam-se: sua luta na implantação da primeira escola de enfermagem do Norte-Nordeste do país, mobilização para levantamento das necessidades de

enfermagem no Brasil e elaboração da legislação profissional. As autoras concluem seu estudo afirmando que as lutas e ações encampadas por Haydée Guanais confirmam sua atuação para a valorização e construção da identidade profissional na enfermagem brasileira.

- d) Teodósio *et.al.* (2013) os resultados evidenciaram a trajetória profissional da enfermeira Oscarina Saraiva Coelho, como uma das precursoras da enfermagem Potiguar (RN). Destaca-se sua importância para a formação, a organização dos serviços hospitalares e a organização das entidades da categoria. O estudo constitui-se como contribuição para o resgate histórico da profissão e no estímulo ao desenvolvimento de estudos que possam vir a contribuir para a preservação e memória da enfermagem no estado e no país. Trabalhou lá até a década de 90 quando de sua aposentadoria. Depois abriu um curso técnico de enfermagem com outras colegas enfermeiras, para ela, ajudar na formação de novos profissionais era uma missão.
- e) Abrahão *et.al.* (2012) Sidênia Alves Sidrião de Alencar Mendes, professora, chefe de departamento assistente, coordenadora do curso de graduação (por dois mandatos consecutivos), vice-diretora do Centro de Ciências Médicas, diretora (por dois mandatos consecutivos) da EEAAC, vice-presidente de Educação de ABEn nacional, presidente da Associação Brasileira de Enfermagem (Seção Niterói) e assessora do Conselho Regional de Enfermagem do Rio de Janeiro. Dada a sua importância como educadora, pesquisadora, coordenadora do Curso de Graduação, membro da Comissão de Educação da ABEn-Nacional, presidente da ABEn-Niterói, conselheira do COREn-RJ, entre outros, foi eleita diretora da escola de enfermagem da UFF por dois mandatos consecutivos. Ela realiza gestões marcadas pela projeção da escola no cenário nacional e internacional. Ela apoia, incondicionalmente, a ampliação dos projetos de pesquisa e extensão e o número de cursos de especialização e mestrado na escola. Ela imprime uma gestão coletiva que marca de forma indelével sua passagem pela instituição.
- f) Santos *et.al.* (2010), foi possível trazer à tona fragmentos da trajetória pessoal e profissional de Waleska Paixão, mostrando o seu

envolvimento com o campo da educação e da saúde e algumas de suas contribuições para o desenvolvimento da enfermagem brasileira. Waleska Paixão demonstrou ser uma intelectual comprometida com a sociedade em que se insere. Foi precursora com sua publicação sobre a história da enfermagem no Brasil, sua obra tornou-se um *best seller*. Sua condição de aluna, professora e diretora da EECC e, posteriormente, de professora e diretora da Escola de Enfermeiras Ana Neri, perfazendo um período de vinte e cinco anos na gestão das primeiras escolas de enfermagem brasileiras e de membro atuante na ABEn, faz dela uma figura de destaque no campo do ensino e da enfermagem do país.

- g) Boreinstein *et.al.* (2009), os resultados evidenciaram que Otilie Hammes provocou mudanças expressivas na enfermagem catarinense, em consequência da criação da Escola de Auxiliares de Enfermagem; da Associação Brasileira de Enfermagem – SC e do estímulo à promulgação da Lei que possibilitou o enquadramento do enfermeiro na categoria técnica e científica, com consequente desenvolvimento da profissão e melhoria da assistência prestada à população.
- h) Silva *et.al.* (2005). Conclui-se que a trajetória de vida de Nalva Pereira Caldas abrange tanto a administração como a docência e a vida associativa, campos nos quais ela alcançou grandes vitórias.
- i) Borenstein *et.al.* (2004), Podemos concluir a partir da sua formação e trajetória profissional que a enfermeira Hilda Anna Krisch se caracterizou por ser um marco na história da enfermagem brasileira devido aos importantes trabalhos realizados na enfermagem, tanto na associação, como na sua atuação na escola e formação de alunos, como na assessoria de hospitais de grande porte nacional, assim também na esfera estadual, onde imprimiu sua marca na formação de pessoal e na organização e implementação de serviços hospitalares. Além disso, teve importante participação fora da profissão, quando foi responsável durante longo tempo pela organização e manutenção de museu alemão em Joinvile.
- j) Santos e Oliveira (2002), Rachel Haddock Lobo assumiu a direção da Escola de Enfermagem Ana Néri (EEAN). Na Escola de Enfermagem

Ana Néri, Rachel Lobo ministrou as disciplinas de história da enfermagem, ética e massagem. Foi fundadora e redatora-chefe da Revista Annaes de Enfermagem criada em 1932, na qualidade de redatora-chefe, ao elaborar o Editorial do primeiro número da revista, teve o cuidado de registrar a importância da profissão para a sociedade brasileira e os tributos necessários ao exercício da profissão, de modo a atrair as candidatas do tipo desejável e dar visibilidade à profissão que aspirava pelo reconhecimento da elite social da época.

- k) Lopes *et.al.* (2001), os resultados evidenciaram que Zaíra Cintra Vidal, criou a Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo, sendo a primeira diretora por nove anos e participou da diretoria da ABEn e na redação da Revista Anais de Enfermagem.

A plataforma BVS revelou estudos com narrativas, biografias, trajetórias de mulheres enfermeiras que se destacaram nas mais diversas regiões do país. Destacamos: Nordeste – Bahia, Piauí e Rio Grande do Norte, Sudeste – São Paulo e Rio de Janeiro, Sul – Santa Catarina e Porto Alegre.

As pesquisas nos inspiraram a também contribuir, apresentando a nossa colaboradora Glória Façanha, mineira, que constituiu sua trajetória profissional. Logo que se formou na EEAN (RJ), partiu para o Amazonas, em 1953, trabalhando pela Fundação de Serviços de Saúde Pública (SESP), em 1959, pediu transferência para o Ceará, por motivos familiares. Ao chegar às terras cearenses, deu continuidade à sua trajetória profissional impulsionada por trabalho, estudo e muita dedicação. Marcas presentes nas histórias lidas das enfermeiras brasileiras que, saindo da sua cidade natal, marcaram a história da enfermagem com protagonismo, luta e profissionalismo frente às adversidades da vida e da profissão.

3.2 Segundo percurso – Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD)

A segunda trilha percorrida no levantamento bibliográfico do Estado da Questão foi realizada na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), escolhida por sua abrangência nacional e amplo acervo científico⁴¹, a saber: 465.069

⁴¹ Os números são referentes ao dia 29/10/2019. Deve-se levar em consideração que a plataforma é dinâmica e está em constante atualização.

mil dissertações, 169.595 mil teses, 634.663 mil documentos de 121 instituições. Por esses números justificamos também nossa escolha.

A busca foi realizada de 6 de outubro de 2019 a fevereiro de 2020, com os descritores já assinalados no Quadro 1: Relação dos descritores articulados na busca das produções relacionadas ao tema da pesquisa. Com isso, tivemos o intuito de localizar trabalhos que contemplassem o termo igual no seu título ou em seu resumo.

É importante ressaltar que não foi utilizado para esse momento um recorte temporal por tratarmos de uma pesquisa que envolve a história e a memória na enfermagem, profissão com passado recente. Para captar um maior número de trabalhos científicos sobre o tema, utilizamos o caractere booleano AND”, isso nas plataformas que o disponibilizavam, como é o caso da BDTD. A quantidade de trabalhos identificados está registrada no Quadro 4.

Quadro 4 - Quantitativo de trabalhos identificados na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) relacionados ao tema da pesquisa. Fortaleza/CE, 2021

Descritores e booleano AND	Encontrados	Trabalhos repetidos	Válidos	Relação ao tema
Enfermeira AND História AND memória	30	-	30	8
Escola de Enfermagem AND História e memória	5	3	2	-
Total	35	3	32	8

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Como podemos verificar no Quadro 4, na base BDTD, localizamos 35 trabalhos, entre teses e dissertações. O passo seguinte da análise foi retirarmos os repetidos, identificados pelos títulos e autores, num total de três trabalhos. Restaram 32 trabalhos que denominamos válidos. Iniciamos a releitura dos títulos e resumos desses trabalhos para averiguarmos quais os que se aproximavam da nossa temática e ou descritores: história, memória, enfermeira e escola de enfermagem, como eixo central e articulado. Para esse momento separamos, por categorias, as teses e dissertações que estão apresentadas na Tabela 2:

Tabela 2 - Categorias de agrupamento das Teses/Dissertações – Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD). Fortaleza/CE, 2021

<i>Ordem</i>	<i>Categorias de agrupamento – BDTD</i>	<i>Quantidade</i>	<i>Percentual %</i>
1	Memória, história de enfermeiras em faculdades/ cursos de enfermagem – identidade, trajetórias	8	25
2	História sobre hospitais com ênfase na enfermagem	5	15
3	Memória de pacientes (AIDS, tuberculose, hanseníase, gestantes, doadores de sangue, úlceras, dependência química)	9	27
4	Memórias de profissionais da saúde (assistente social, farmacêutico, médicos, enfermeiros(as) em contexto hospitalar).	8	25
5	Outros (história do ensino no 6º ano, história da Revista de Enfermagem).	2	8
<i>Total</i>		32	100

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Conforme a apresentação da Tabela 2, dos 32 trabalhos válidos, 25% (n=8) deles fazem possível relação ao nosso objeto, os demais, apesar de perpetrarem referência à história e memória, foram excluídos porque apresentaram em seus estudos outras temáticas categorizadas na Tabela 2, sejam elas: 15% (n=5) tratam da história de alguns hospitais com ênfase na área de enfermagem. Em relação ao termo “memória”, temos um maior número de trabalhos publicados, dentre eles, 27% (n=9) tratam da memória de pacientes em tratamento, em processo de recuperação ou em internação. Já 25% (n=8) fazem uso da memória dos profissionais da saúde em contexto hospitalar, em trabalhos de cuidado aos pacientes, destes, encontramos falas de médicos, farmacêuticos, assistentes sociais, bons trabalhos, mas que estão distanciados do nosso objeto de pesquisa. Colocamos a categoria outros 8% (n=2) para um trabalho sobre a Revista de Enfermagem e um sobre a história do ensino no 6º ano, distanciando ainda mais do que buscamos.

Assim, oito trabalhos demandaram uma leitura mais acurada para identificação de elementos que se aproximassem do nosso objeto de estudo, relacionando nossos descritores e fazendo ligação perene à temática de interesse em nossa pesquisa. Os títulos e autores destes estão detalhados no Quadro 5.

Quadro 5 - Trabalhos identificados na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) articulados ao tema da pesquisa. Fortaleza/CE, 2021

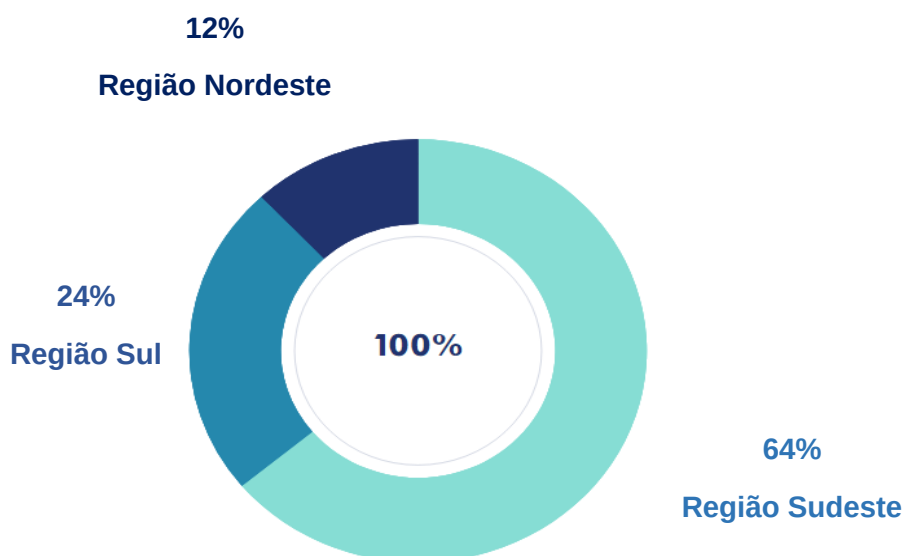
	Título	Autor	IES/Local	Tipo	Ano
1	Registros de uma prática: anotações de enfermagem na memória de enfermeiras da primeira escola nightingaleano no Brasil (1959 - 1970)	CARRIJO, Alessandra Rosa	Escola de Enfermagem da Universidade Estadual de São Paulo	Dissertação	2007
2	O entrelaçar dos fios na construção da identidade docente dos professores do curso de enfermagem da UEMS	MISSIO, Lourdes	Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação	Tese	2007
3	Professor-enfermeiro: significados e profissão docente	CARRASCO, Ana Virgínia de Almeida	Universidade de Santos – UNISANTOS	Dissertação	2009
4	Faculdade Adventista de Enfermagem: memória histórica 1968-1998	KUNTZE, Tânia Denise.	Escola de Enfermagem da Universidade Estadual de São Paulo	Tese	2010
5	A formação da enfermeira cearense e a Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo (1943-1977)	MENDES, Emanuela Therezinha Bessa.	Universidade Estadual do Ceará – UECE	Dissertação	2013
6	Formação e processos identitários de enfermeiros no Rio Grande do Norte: memória de egressos (anos de 1970)	TEODOSIO, Sheila Saint-Clair da Silva	Universidade Federal de Santa Catarina	Tese	2014
7	Escola de Enfermagem Carlos Chagas: projeto, mudanças e resistência - 1933-1950	SANTOS, Fernanda Batista Oliveira	Universidade Federal de Minas Gerais	Dissertação	2014
8	“Sou guerreira, sou valente, do primeiro regimento, enfermeira e combatente”: narrativas sobre a Cabo Toco em Cachoeira do Sul	SILVA, Renata Colbeich	Universidade Federal de Santa Maria	Dissertação	2017

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Entre as oito pesquisas identificadas no Quadro 5, temos três teses e cinco dissertações. São produções que aportaram subsídios plausíveis para nossa pesquisa, pois mantiveram certa proximidade ao nosso objeto. Há uma predominância de trabalhos provenientes da região Sudeste 64% (n=5), em seguida, temos em menor número das regiões: Nordeste 12% (n=1), e Sul 24%(n=2). Não localizamos trabalhos advindos da região Norte e Centro-Oeste que tratassem ou se aproximassem do nosso objetivo nesse EQ. Estes dados apresentados também no gráfico 1 revelam

como é imperativa a realização de estudos dessa natureza para fortalecer a história da enfermagem na nossa região.

Gráfico 1 – Teses e dissertações com relação ao objeto por região brasileira



Fonte: Elaboração própria (2021).

Foi ainda verificado que todos os trabalhos elencados foram escritos por pesquisadoras, deste modo, tratamos destas utilizando o gênero feminino relacionado às referências das autoras no decorrer desta seção. Na sequência, apresentamos os mesmos elementos de análise usados na BVS, sejam eles: os objetivos, as referências teóricas, as metodologias e as considerações/resultados localizados nas pesquisas.

1. Objetivos pretendidos inseridos nas dissertações e teses mapeadas – Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD)
 - a) Carrijo (2007): Apresentar como estas narradoras vivenciaram o processo de sua formação profissional nessa escola, revelando como os registros (anotações) de enfermagem eram ensinados e realizados na década de 1960.
 - b) Missio (2007): compreender como os professores vão se constituindo docentes nas suas trajetórias em um curso superior de enfermagem.

- c) Carrasco (2009): identificar as características do professor-enfermeiro para a docência superior em enfermagem, no município de Santos.
- d) Kuntze (2010): identificar os motivos primordiais para a criação de uma escola de enfermagem, analisar o longo espaçamento entre a ideia original dessa criação e sua efetiva implantação e destacar os aspectos característicos que a diferenciaram na trajetória dos seus primeiros trinta anos.
- e) Mendes (2013): reconstituir a história da formação profissional da enfermeira no estado do Ceará, no período de 1943 a 1977, destacando a trajetória da Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo (EESVP), visando à preservação e socialização da história e da memória desta categoria profissional nesta unidade federada.
- f) Tedósio (2014): compreender como a formação universitária contribuiu para o processo sócio-histórico de construção da identidade profissional de enfermeiros no Rio Grande do Norte.
- g) Santos (2014): analisar a trajetória das relações construídas entre a Escola de Enfermagem Carlos Chagas (EECC) e a saúde em Minas Gerais da perspectiva do atendimento das demandas do Governo do estado mineiro e dos novos campos da saúde, no período de 1933 a 1950.
- h) Silva (2017): compreender a forma como são produzidas as narrativas de Cabo Toco e como circulam estas memórias na cidade de Cachoeira do Sul.

Com base nos objetivos acima descritos, conseguimos identificar os interesses das pesquisadoras conforme a distribuição inicial que fizemos. Quatro pesquisadoras aprofundaram seus estudos na constituição da formação profissional das enfermeiras, são os trabalhos: 1 – Carrijo (2007), 5 – Mendes (2013), 6 – Teodósio (2014) e 8 – Silva (2017). Duas pesquisadoras focaram na formação do(a) professor(a) enfermeiro(a), trabalhos: 2 – Missio (2007) e 3 – Carrasco (2009). E duas pesquisaram as escolas de formação do(a) enfermeiro(a) trabalhos: 4 – Kuntze (2010) e 7 – Santos (2014). No próximo item apresentamos os autores que fundamentaram esses estudos.

2. Referências teóricas das dissertações e tese mapeadas na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD)

- a) Carrijo (2007): Claude Dubar (identidade social e profissional), Moacir Gadotti (educação), Paulo Freire (educação), Selma G. Pimenta (educação), Taka Oguisso (história da enfermagem/ professor enfermeiro), Peter Burke (história).
- b) Missio (2007): Walter Benjamin (análise de conteúdo), Pierre Boudieur (poder simbólico), Maria de Lourde Favero (universidade e poder), Marcos Tarcísio Massetto (docência universitária), José Meihy (história oral), Maria Cecília Minayo (pesquisa social), Philippe Perrenoud (formação do professor), Maurice Tardif (saberes profissionais na educação), Ilma Passos Veiga (docência no ensino superior).
- c) Carrasco (2009): Isabel Alarcão (educação), Marli André (pesquisa em educação), Laurence Bardin (análise de conteúdo), Robert Bogdan e Sari Binklen (pesquisa qualitativa), Paulo Freire (educação), Wanda de Aguiar Horta (processos de enfermagem), Menga Ludke e Marli André (pesquisa em educação), Marcos Tarcísio Massetto (docência universitária), Maria Cecília Minayo (pesquisa social), Antônio Nóvoa (formação docente), Taka Oguisso (história da enfermagem/ professor enfermeiro), Selma G. Pimenta (educação), Antônio Joaquim Severino (trabalho científico).
- d) Kuntze (2010): Sônia Maria de Freitas (história oral), Jacques Le Goff (história e memória), José Meihy (história oral), Maria Cecília Minayo (pesquisa social), Taka Oguisso (história da enfermagem/ professor enfermeiro).
- e) Mendes (2013): Verena Alberti (história oral), Alda Judith Alves-Manzzotti (paradigmas de pesquisa), Marli André (pesquisa), Martin Bauer (análise de conteúdo clássica), Eclea Bosi (memória e sociedade), Maurice Halbwachs (memória coletiva), Gisafran Jucá (memória social), Jacques Le Goff (história oral), Maria Cecília Minayo (pesquisa social), José Meihy (história oral), Sílvia Maria Nóbrega-Therrien (estado da questão), Taka Oguisso (história da enfermagem/ professor enfermeiro).
- f) Teodósio (2014): Laurence Bardin (análise de conteúdo), Ecléa Bosi (memória e sociedade), Peter Burke (memória social), Claude Dubar (identidade social e profissional), Paulo Freire (educação), Maurice

Halbwachs (memória coletiva), Jacques Le Goff (história e memória), José Meihy (história oral), Maria Cecília Minayo (pesquisa social), Taka Oguisso (história da enfermagem/ professor enfermeiro), Paul Ricouer (memória e narrativa).

g) Santos (2014): Jane Almeida (mulher e educação), Michel Certeau (história), Jacques Le Goff (história e memória), Taka Oguisso (história da enfermagem/ professor enfermeiro), Paul Ricouer (memória e narrativa).

h) Silva (2017): Pierre Boudieur (poder simbólico), Maurice Halbwachs (memória coletiva), Marie-Christine Josso (história de vida), Claude Levi-Strauss (Antropologia), Antônio Nóvoa (formação docente), Paul Ricouer (memória e narrativa).

É muito oportuno, ao trabalharmos com o EQ, identificar tantos autores que puderam compor a fundamentação de referência desses estudos. Um diferencial percebido ao lermos as teses e as dissertações é que a gama referencial trabalhada e apresentada no texto, obviamente, é bem maior. Diferente dos artigos que, apesar de mais atualizados pela rapidez na divulgação, a apresentação do referencial fica mais restrito, como percebemos ao analisar os artigos localizados na plataforma BVS.

Ressaltamos que o acesso às referências bibliográficas das teses e dissertações oportunizou um momento de muito aprendizado e estímulo à curiosidade, pois nos instigou a buscar as citações encontradas nos trabalhos lidos direto nas fontes originais pesquisadas. Dentre os autores citados, destacamos por eixos: na história da enfermagem, as obras da pesquisadora Taka Oguisso, professora USP, que vem se dedicando a essa temática e aparece como uma das teóricas mais citadas nos artigos, dissertações e teses analisados. No eixo da história e memória, o referencial é Jacques Le Goff, na história oral, são destaque José Meihy e Verena Alberti, já na análise de conteúdo, o destaque teórico é Laurence Bardin.

Na sequência, apresentamos as metodologias dos trabalhos estudados.

3. Metodologias abordadas nas dissertações e tese mapeadas

a) Carrijo (2007) propõe um estudo qualitativo, de natureza histórica, fazendo uso do método história oral, com sete colaboradoras que atuaram na Escola de Enfermagem Lauriston Job Lane, em seguida, a análise dos dados é feita pelo estudo de conteúdo.

- b) Missio (2007), seu trabalho é de abordagem qualitativa, com uso de fontes orais/ entrevista semiestruturada com dezesseis docentes que assumiram as funções de chefia de departamento e/ou coordenação do curso de enfermagem.
- c) Carrasco (2009), o estudo foi qualitativo, exploratório e descritivo. Adotou a entrevista semiestruturada que envolveu sete professores enfermeiros da Universidade Santista, fez a análise de dados.
- d) Kuntze (2010) desenvolveu uma pesquisa qualitativa, utilizou o método da história oral temática com oito enfermeiros, a análise seguiu uma proposta hermenêutica dialética.
- e) Mendes (2013) fez um estudo com abordagem naturalista/construtivista, qualitativa, num processo histórico descritivo. Usou o método da história oral em relatos de 29 enfermeiras formadas na Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo. A análise foi feita por triangulação dos dados.
- f) Teodósio (2014), pesquisa qualitativa, descritiva com abordagem sócio-histórica, na coleta de dados, utilizou-se a história oral temática, a partir de entrevistas semiestruturadas com dezesseis alunos egressos e quatro professoras da primeira turma do curso de graduação em enfermagem e obstetrícia da UFRN nos anos de 1970. Para análise dos dados coletados, utilizou-se o método da análise de conteúdo temática.
- g) Santos (2014), pesquisa histórico-social, de natureza histórico-documental. Analisou a trajetória das relações construídas entre a Escola de Enfermagem Carlos Chagas (EECC) e a saúde em Minas Gerais, da perspectiva do atendimento das demandas do Governo do estado mineiro e dos novos campos da saúde, no período de 1933 a 1950.
- h) Silva (2017), pesquisa qualitativa, etnográfica com perspectiva antropológica, a coleta de dados foi por meio de narrativas, biografias.

Ao analisar os caminhos metodológicos das oito pesquisas, constatamos que a abordagem qualitativa permeou todos os trabalhos, o contexto histórico-social também foi marcante, com ênfase para a história cultural embasada principalmente por Peter Burkner. A história oral é a mais evidenciada como método a ser utilizado nas pesquisas. Em relação às informações, estas foram apresentadas: a análise temática

ou de conteúdo, a análise de dados e a triangulação, sendo a análise de conteúdos embasada por Bardin, a que mais teve recorrência nos trabalhos.

4. Resultados e considerações encontrados nas dissertações e tese mapeadas na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD)
 - a) Carrijo (2007), pelos depoimentos orais das colaboradoras alunas enfermeiras e uma diretora da Escola de Enfermagem Laurinston Job Lane, foi possível observar, em relação à trajetória histórica dos registros de enfermagem, que as anotações, de acordo com as experiências vividas pelas colaboradoras, tinham a função de comunicação e principalmente documentação para consultas futuras.
 - b) Missio (2007), com seu estudo, tentou salientar a fecundidade do conhecimento das trajetórias dos professores que pode desvendar diferentes sentidos e significados de experiências de formação docente. Os docentes participantes explicitaram e atribuíram diferentes sentidos às suas experiências, mostrando como sua formação, suas ações profissionais e suas produções estão ligadas ao modo de ser e de viver de cada um. A autora trouxe ainda os processos de constituição desse enfermeiro para a docência, eixo que trabalhamos na tessitura da história e memória da enfermeira Glória Façanha.
 - c) Carrasco (2009) concluiu sua dissertação trazendo impressões das falas dos sujeitos resumidas no desempenho da tarefa docente que implicou em preocupações, angústias e alegrias expressadas em suas falas e no compromisso com a educação. Referindo-se à construção da identidade pessoal e profissional deste profissional, pelo ato de cuidar, ensinar e aprender com o próximo ancorado nas ações humanizadas, criativas e competentes, consideramos que a leitura da dissertação de Carrasco foi oportuna e trouxe elementos que puderam contribuir com a nossa tese.
 - d) Kuntze (2010), foi possível resgatar a trajetória histórica da Faculdade Adventista de Enfermagem pelos depoimentos dos personagens entrevistados que permitiram identificar suas características como instituição confessional.
 - e) Mendes (2013), em seu trabalho, reconstituiu e analisou a trajetória de formação da enfermeira cearense na Escola de Enfermagem São

Vicente de Paulo, no período de 1943 a 1977. A leitura do texto de Mendes nos trouxe um aporte histórico fundamental, visto que nossa protagonista Glória Façanha esteve presente nessa história cearense.

- f) Teodósio (2014), em seu trabalho, concluiu que a construção da identidade profissional de enfermeiros é um processo complexo, dinâmico e multifacetário e constitui-se de diferentes processos identitários, tendo a formação um papel preponderante. É na interseção entre o processo formativo, a inserção no processo de trabalho e a projeção de futuro da profissão que os enfermeiros (re)constroem sua identidade. O modo de ser e estar do enfermeiro na profissão contribui para o reconhecimento social e para a (re/des) construção de sua identidade profissional
- g) Santos (2014) analisou a trajetória das relações construídas entre a Escola de Enfermagem Carlos Chagas (EECC) e a saúde em Minas Gerais da perspectiva do atendimento das demandas do Governo do estado mineiro e dos novos campos da Saúde, no período de 1933 a 1950. Estes marcos são, respectivamente, o ano de criação da escola e o ano em que ela foi anexada à Faculdade de Medicina da Universidade de Minas Gerais e federalizada. A escola de enfermagem foi idealizada para ser uma modelar instituição formadora de enfermeiras de “alto nível” para a saúde pública e para os hospitais.
- h) Silva (2017), a pesquisa apresentou o percurso da articulação do reconhecimento de D. Olmira (enfermeira, cabo), enquanto heroína, partindo do local onde viveu seus últimos anos de vida, compartilhando diferentes experiências que se transpuseram na forma de narrativas.

A realização desse mapeamento permitiu ver as singularidades presentes no processo de formação dos docentes enfermeiros, a presença histórica da enfermeira no processo de ensino e a história de algumas escolas de enfermagem, como a Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo e Escola de Enfermagem Carlos Chagas.

Pelos dados examinados, compreendemos que as professoras enfermeiras dessas pesquisas se constituíram docentes em uma trama de muitos fios: relações familiares, classe, relações de gênero, etnia, religiosidade, escolarização (educação

básica e acadêmica), atuação profissional, na relação com seus pares, professores, fatores institucionais, condições de trabalho, dentre outros aspectos.

Essa constituição da enfermeira professora está muito relacionada à história das escolas de enfermagem e posteriormente aos cursos de nível superior, revelando, portanto, quão importante foi a realização desse mapeamento para redirecionamento e enriquecimento também da nossa tese.

3.3 Terceiro percurso – Revista Brasileira de Enfermagem – REBEn

A terceira etapa do levantamento dos estudos relativa ao Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior (CAPES), precisamente nos trabalhos publicados na Revista Brasileira de Enfermagem (REBEn)⁴², esta revista é uma das mais importantes para publicação de estudos dos profissionais da enfermagem. Apesar de não estabelecermos temporalidade, na Revista Brasileira de Enfermagem, pesquisamos na base da revista *on-line* os periódicos disponíveis do ano de 2007 até o ano de 2017.

Quadro 6 - Quantitativo de trabalhos identificados na Revista Brasileira de Enfermagem (REBEn) relacionados ao tema da pesquisa. Fortaleza/CE, 2021

Descritores e booleano AND	Encontrados	Trabalhos repetidos	Válidos	Relação ao tema
Enfermeira AND História AND Memória	5	2	3	-
Escola de Enfermagem AND História e Memória	18	2	16	6
Total	23	4	19	6

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Com a busca no portal da REBEn utilizando os descritores indicados no Quadro 1, tivemos o resultado, presente no Quadro 6, de 23 trabalhos. Destes, quatro

42 “A revista Annaes de Enfermagem foi idealizada por ocasião do primeiro Congresso Quadrienal do Conselho Internacional de Enfermeira, realizado em 1929, no Canadá. A revista foi impressa na gráfica do Jornal do Brasil e o lançamento ocorreu no Pavilhão de Aulas da Escola de Enfermagem Ana Néri, no dia 20 de maio de 1932. Em 1946, a revista passou a denominar-se Anais de Enfermagem e sua capa foi de Enfermagem - REBEn, como é denominada atualmente. Em 1955, a revista passa a denominar-se Revista Brasileira de Enfermagem. A publicação tem periodicidade bimestral, em versão impressa, com tiragem de 1000 exemplares distribuídos a bibliotecas e escolas por meio de permutas e doação e seus assinantes. O formato eletrônico foi divulgado a partir de 2007”. <http://www.abennacional.org.br/centrodememoria/historicoreben.htm> acessado em 2/4/19.

estavam repetidos, ou seja, apareciam em duplicidade. Dezenove trabalhos eram válidos, porém treze não faziam relação ao objeto da nossa pesquisa, pois tratavam do contexto da enfermagem, mas não se relacionavam à história e memória de uma enfermeira especificamente, tinham outros motes, conforme apresentado na Tabela 3.

Tabela 3 - Categorias de agrupamento dos trabalhos válidos na Revista Brasileira de Enfermagem (REBen). Fortaleza/CE, 2021

<i>Ordem</i>	<i>Categorias de agrupamento dos trabalhos válidos– BVS</i>	<i>Quantidade</i>	<i>Percentual%</i>
1	História e memória de enfermeiras em escolas/cursos de enfermagem – identidades, trajetórias, percursos. (Válidos)	6	32
2	Memórias de profissionais da saúde (médicos, terapeutas ocupacionais, parteiras, enfermeiros e auxiliares de enfermagem em contexto hospitalar).	8	43
3	História da Associação Brasileiras de Enfermagem (ABEn)	2	10
4	Outros (Cruz Vermelha, guerras, questões indígenas).	3	15
<i>Total</i>		19	100

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Analisando a Tabela 3, dos dezenove trabalhos considerados válidos por conterem em seu título e resumo com nossos descritores, ao fazer a leitura, realocamos por temáticas. Nessa distribuição, 32% (N=6) foram os trabalhos relacionados a nossa pesquisa, 43% (N=8) estavam voltados à relação da profissão não só do enfermeiro, mas de outros relacionados à saúde e que não foram do nosso interesse por destoar do nosso objeto de pesquisa. 10% (N=2) foram pesquisas que versavam sobre a enfermagem no âmbito da história da revista e, por fim, 15% (N=3) foram duas pesquisas que tratavam do contexto de guerra e atuação do enfermeiro(a) na Cruz Vermelha e uma pesquisa que tratava da questão da enfermagem em comunidade indígena.

Os resultados da busca na Revista Brasileira de Enfermagem (REBen) encontram-se no Quadro 7 identificados como tendo relação com o tema de nossa pesquisa doutoral.

Quadro 7 - Síntese dos trabalhos identificados na Revista Brasileira de Enfermagem (REBEn) Fortaleza/CE, 2021

	Título	Autores(As)	Ano
1	Anna Justina Ferreira Nery: um marco na história da enfermagem brasileira.	CARDOSO, Maria Manuela Vila Nova; MIRANDA, Cristina Maria Loyola.	1999
2	Haydée Guanais Dourado: carisma e personalidade a serviço de um ideal.	BARREIRA, Leda de Alencar; BAPTISTA, Suely de Souza	2002
3	Rachel Haddock Lobo: vida profissional e sua contribuição para a REBEn.	SANTOS, Tânia Cristina Franco; OLIVEIRA, Sonô Taíra.	2002
4	Trajetória de Edith Magalhães Fraenkel.	MANCIA, Joel Rolim; PADILHA, Maria Itayra Coelho Souza	2006
5	Alice Michaud - dedicação e glória: a primeira enfermeira do Paraná.	ERZINGER, Ana Rotilia.	2007
6	Ottillie Hammes: pioneira da enfermagem catarinense.	BORENSTEIN, Miriam Süsskind; PADILHA, Maria Itayra; MAIA, Ana Rosete; COSTA, Eliani GREGÓRIO, Vitória Regina Petters; ESPÍNDOLA Ana Maria Koerich.	2009

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Foram utilizados seis trabalhos, apresentados no Quadro 7, considerando os mesmos critérios de inclusão e exclusão previstos no primeiro percurso, sejam eles, contemplar os estudos sobre: enfermeiro(a), escola de enfermagem, história e memória, embora tenhamos encontrado sete. Dos sete trabalhos um já foi analisado, “A vida e a obra de Zaíra Cintra Vidal”, Lopes (2001), este foi apresentado e discutido na análise da BVS, deste modo, vamos trabalhar com seis trabalhos, sejam eles: 1 – Cardoso e Miranda (1999); 2 – Barreira e Baptista (2002); 3 – Santos e Oliveira(2002); 4 – Mancia e Padilha (2006); 5 – Erzinger (2007) e 6 – Borenstein *et. al.* (2009).

1. Objetivos pretendidos inseridos nos trabalhos pesquisados na Revista Brasileira de Enfermagem (REBEn)

- a) Cardoso e Miranda (1999) tiveram por objetivo caracterizar a vida de Ana Néri sob alguns aspectos relevantes.
- b) Barreira *et.al* (2002) tiveram por objetivo descrever o perfil de Haydée Guanais Dourado como pessoa e como profissional; analisar sua participação na Associação Brasileira de Enfermagem; discutir a relação

entre seus atributos e sua contribuição ao desenvolvimento da enfermagem.

- c) Santos e Oliveira (2002) tiveram por objetivo analisar o processo de formação do *habitus* profissional de Rachel Haddock Lobo mediante a reconstrução de alguns traços de sua biografia e analisar a contribuição dada como primeira redatora-chefe da Revista Annaes de Enfermagem, em 1932, atual Revista Brasileira de Enfermagem.
- d) Mancia e Padilha (2006) tiveram por objetivo tratar da história de vida de Edith de Magalhães Fraenkel no cenário da enfermagem brasileira a partir do início do século 20, privilegiando sua trajetória na Associação Brasileira de Enfermagem.
- e) Erzinger (2007), apresentar parte da biografia de Alice Michaud, primeira enfermeira do estado paranaense formada na terceira turma da Escola de Enfermagem da USP.
- f) Borenstein *et.al.* (2009), cujo objetivo foi revelar a trajetória profissional de Otilie Hammes, apresentou alguns traços de sua biografia e analisou sua contribuição para a profissão da enfermagem em Santa Catarina.

Os objetivos traçados nos trabalhos da REBEn aproximaram-se do que pretendíamos estudar, visto que nossa tese está entrelaçada à história da enfermeira Glória Façanha e sua atuação na enfermagem cearense que será mais bem apresentada no decorrer do nosso trabalho.

2. Fundamentação teórica nos trabalhos pesquisados na Revista Brasileira de Enfermagem (REBEn)

- a) Cardoso e Miranda (1999): Fabíola Holanda (história), Harner (história das mulheres) e Jacques Le Goff (história oral).
- b) Barreira *et.al* (2002): Maurice Hobsbawn (memória coletiva).
- c) Santos e Oliveira (2002): Arnaldo Niskier (história), Rachel Lobo (annaes de enfermagem).
- d) Mancia e Padilha (2006): Pierre Bourdieu (poder simbólico)
- e) Erzinger (2007): Wanda Horta (história da enfermagem).
- f) Borenstein *et.al.* (2009): José Carlos Meihy (história oral), Laurence Bardin (análise de conteúdo)

Mais uma vez a pesquisa e a análise das referências utilizadas nos aproximaram e instigaram a refletir sobre a construção também da nossa

fundamentação e até eleger quais autores utilizaríamos para embasar as questões teóricas.

3. Metodologias abordadas nos trabalhos pesquisados na Revista Brasileira de Enfermagem (REBEn)

- a) Cardoso e Miranda (1999) optaram por (re)construir uma existência pelo método qualitativo, descritivo, de natureza sócio-histórica, e por princípios orientados por uma corrente histórica que subverte o caminho tradicional da história - a história nova. Essa corrente conserva a proposta de uma ciência histórica que não mutile a vida das sociedades e que não eleve entre os diferentes pontos de vista sobre o devir dos homens às barreiras de subdisciplinas - história política, história diplomática, história militar, história econômica e história social ou história cultural (Le Goff, 1993, p.18). Como fontes históricas utilizaram livros, manuscritos, folhetos, jornais, periódicos, dicionários, poemas, repertórios documentais e bibliográficos e obras gerais e específicas. Concluindo a coleta de dados dedicamo-nos à análise documental com uma nova concepção de documento acompanhada da crítica.
- b) Barreira *et.al* (2002), este estudo histórico-social trata da atuação de Haydée Guanais Dourado no cenário da enfermagem brasileira desde meados do século 20. As fontes utilizadas foram a Revista Brasileira de Enfermagem, bem como documentos escritos e depoimentos orais pertencentes ao Centro de Documentação da Escola de Enfermagem Ana Néri, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. A análise e a interpretação dos dados foram feitas mediante a triangulação das fontes primárias e secundárias e a contextualização histórica.
- c) Santos e Oliveira (2002), estudo histórico-social, as fontes primárias preferenciais incluíram documentos escritos e o depoimento de um membro da família de Rachel Haddock Lobo, ambos pertencentes ao Centro de Documentação da Escola de Enfermagem Ana Néri. Os dados foram analisados à luz de conceitos de *habitus* e de configuração social de Nöbert Elias.
- d) Mancia e Padilha (2006), o trabalho desenvolveu a biografia da Edith Magalhães Fraenkel, por ela ter sido presidente da ABEn. Para este itinerário foram utilizadas as entrevistas do acervo Fontes da História da

Enfermagem da ABEn e da coleção pessoal de um dos autores, bem como livros, atas, artigos de periódicos.

- e) Erzinger (2007), o trabalho foi um recorte da biografia de Alice Michaud, a primeira enfermeira do Paraná e primeira presidente da ABEn-PR. Os fatos foram obtidos por meio de: periódicos, entrevistas gravadas com a própria homenageada e, após a sua morte, por documentos fornecidos pela família. Os dados permitiram identificar a origem, a formação, os principais trabalhos desenvolvidos, as homenagens e o reconhecimento público desta enfermeira.
- f) Borenstein *et.al.* (2009), na coleta de dados, foram realizadas entrevistas e utilizadas outras fontes documentais. Os dados foram categorizados utilizando-se análise de conteúdo e com base no referencial foucaultiano.

Dos seis trabalhos apresentados todos trataram de pesquisa qualitativa, de estudo sócio-histórico e como fonte de informação de dados foram utilizados: livros, manuscritos folhetos, jornais, documentos oferecidos pelas famílias, entre outros. Como análise das informações alguns pesquisadores elencaram a análise de conteúdo de Bardin e também uma análise com base no referencial foucaultiano.

4. Resultados e considerações encontrados nos trabalhos pesquisados na Revista Brasileira de Enfermagem (REBEn)

- a) Cardoso e Miranda (1999), o objeto desse estudo foi Ana Néri (1814-1880), mulher anônima, que participou da Guerra do Paraguai (1865-1870). Por fim, deve-se considerar a necessidade de elevar o status social e moral da enfermeira do século XX, tão degradado nos séculos anteriores. Haveria de se encontrar, dentre tantas enfermeiras, aquela que pudesse identificar profissionalmente a enfermeira, que se destacasse socialmente, que possuísse boas condições socioeconômicas, que detivesse uma formação moral e mantivesse um comportamento disciplinado. Ana Néri atenderia a todas as exigências e tornou-se símbolo da enfermagem brasileira.
- b) Lopes *et.al* (2001) fizeram a descrição da trajetória de Zaira Cintra Vidal. Fundamentam-se nos conceitos de poder simbólico, *habitus* e luta simbólica de Pierre Bourdier. Os resultados evidenciaram que Zaira

Cintra Vidal tornou-se enfermeira e primeira diretora da Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo por nove anos e participou da diretoria da Associação Brasileira de Enfermagem – ABEn e da redação da Revista Anais de Enfermagem. Realizou cursos de Supervisão de Escola de Enfermagem e Psicologia Educacional para enfermeiras. Paralelamente ao seu cargo de diretora, a incansável Zaira acumulou as funções de professora lecionando as disciplinas: ética, deontologia, história de enfermagem, ajustamento profissional I e II, drogas e soluções. Criou os primeiros cursos de pós-graduação em enfermagem no país, na área de formação de professores e de chefia de enfermagem. Na atualidade, a Faculdade de Enfermagem da UERJ apresenta uma vocação para a administração, fato que se atribui a Zaira Cintra Vidal que, ao retornar dos Estados Unidos da América (EUA) com um consistente conhecimento nessa área, aplicou seus fundamentos à disciplina "ajustamento profissional".

- c) Barreira *et.al* (2002), o estudo evidenciou a singularidade da figura de Haidee Guanais e o significado de sua contribuição para a institucionalização da enfermagem na sociedade brasileira, mormente no que se refere às bases legais do exercício profissional. Ao escreverem a biografia de Haydée Guanais e como em suas lutas empunharam sempre a bandeira do progresso da enfermagem, tendo sempre a ABEn como fortaleza para a defesa e para o combate e a REBEn como instrumento de luta, visto que, por longo período, trabalhou na revista, ao mesmo tempo em que acompanhou o processo de cientificação da enfermagem e a modernização da sociedade brasileira, tornando-se doutora e docente livre em ética, história e legislação, em 1968, na Escola de Enfermagem Ana Néri/UFRJ, ao defender a tese “Enfermeiras para o Nordeste em desenvolvimento”.
- d) Santos e Oliveira (2002) evidenciam a expressiva contribuição de Rachel Haddock Lobo no processo de criação da Revista Annaes de Enfermagem como estratégia de formação de uma identidade da enfermeira brasileira na sociedade da época. Além de primeira redatora-chefe da Annaes, Rachel Haddock Lobo foi também diretora da Escola

de Enfermagem Ana Néri. Sua presença foi marcante na história da enfermagem.

- e) Mancia e Padilha (2006) falaram sobre a biografia de Edith Magalhães Fraenkel, primeira enfermeira brasileira formada no exterior e que é considerada, de forma unânime, como uma personalidade marcante na história da Associação Brasileira de Enfermagem por sua liderança e visão de futuro, refletida em sua atuação e capacidade de agregar as enfermeiras em torno de seus ideais, o que a tornou uma liderança de longa duração na história da enfermagem brasileira.
- f) Erzinger (2007) fez referência ao recorte biográfico da enfermeira Alice Michaud, vida marcada por ações pioneiras na enfermagem paranaense. Alice foi fundadora e professora das primeiras escolas de enfermagem de Curitiba, seu legado na cidade se tornou histórico. Sua participação na área da saúde foi intensa e expressiva.
- g) Borenstein *et.al.* (2009) apresentaram em seu estudo as evidências da enfermeira Otillie Hammes como personagem provocadora de mudanças expressivas na enfermagem catarinense em consequência da criação da Escola de Auxiliares de Enfermagem; da Associação Brasileira de Enfermagem – SC e do estímulo à promulgação da Lei que possibilitou o enquadramento do enfermeiro na categoria técnica e científica, com consequente desenvolvimento da profissão e melhoria da assistência prestada à população.

Mais um percurso concluído e percebemos como se faz mister nossa tese, uma vez que há lacunas ainda para pesquisa, no intuito de conhecermos mais a história da enfermagem, suas personalidades enfermeiras, suas escolas de formação e seus meios de comunicação, como é o caso da própria revista analisada.

3.4 Quarto percurso: História da Enfermagem Revista Eletrônica – HERE

O quarto percurso do levantamento de artigos publicados foi realizado na História da Enfermagem Revista Eletrônica (HERE), com periodicidade semestral e publicação em versão eletrônica, pela Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn). A consulta a essa base de dados ocorreu em 2017/2018/2019, período de delimitação temporal das buscas. Optamos por este periódico principalmente por ele ter como

compromisso difundir o conhecimento acadêmico, sobretudo em história da enfermagem, possibilitando expandir referenciais teóricos, metodológicos e fontes de pesquisas, notadamente de cunho histórico.

A revista foi criada em 2009, tendo sua primeira publicação em 2010. Desde então, vem publicando artigos em categorias diversas, sendo artigo original, reflexão, biografia, revisão de literatura, resenha, carta ao editor e fac-símile. De 2010 a 2019, a revista conta com nove volumes e um total de 147 estudos.

Todas as 147 publicações na revista tratam de pesquisas históricas. As buscas na HERE não ocorreram com uso dos descritores do Quadro 1, pois, apesar de a revista ter um campo para pesquisa, este se tornou restrito ao digitarmos nossos descritores. Então, acessamos todas as edições e fomos verificando os artigos que faziam relação com nosso estudo. Os critérios de inclusão/exclusão partiram de trabalhos que não tratassem da(s): histórias das enfermeiras, suas biografias e participações das enfermeiras na história das escolas de enfermagem. Os trabalhos achados foram agrupados por temáticas que seguem apresentadas na Tabela 7:

Tabela 7 – Categorias de agrupamento dos trabalhos achados na História de Enfermagem Revista Eletrônica (HERE). Fortaleza/CE, 2021 (continua)

<i>Ordem</i>	<i>Categorias de agrupamento – HERE</i>	<i>Quantidade</i>	<i>Percentual%</i>
1	Memória, história de enfermeiras em faculdades/ cursos de enfermagem – identidade, trajetórias.	10	7
2	História sobre hospitais com ênfase na enfermagem	22	14,5
3	Memória de pacientes (transplante de medula, AIDS, tuberculose, psiquiatria, fisioterapia, saúde mental, drogas ilícitas)	24	16,5
4	Memórias de profissionais da saúde (auxiliares, técnicos e enfermeiros(as) em contexto hospitalar).	24	16,5
5	História sobre associações e revistas de enfermagem (COREn, ABEn, Fórum, Conselho Profissional, REBEn, HERE)	19	12,5
6	História dos laboratórios, museus, centro acadêmicos	3	2
7	História das pós-graduações em enfermagem	4	3
8	História de pesquisas em saúde	18	12
9	História da formação do enfermeiro, avaliação da aprendizagem e currículo, egressos da enfermagem	13	9

(Conclusão)

10	História da enfermagem ou da enfermeira em outros países/cidades exterior (Argentina, Costa Rica, Portugal, México, Lisboa).	10	7
	Total	147	100

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Deste total de estudos, verificamos na Tabela 7 que 7% (n=10) dos trabalhos aproximavam-se do mote de nossa tese. Encontramos 14,5% (n=22) que trataram sobre a história da enfermagem em hospitais brasileiros. 16,5%(n=24) foram pesquisa sobre a história e memória de pacientes. 16,5% (n=24) têm a história e a memória de profissionais da área de saúde, tais como: auxiliares, técnicos e enfermeiros em contexto hospitalar. 12,5% (n=19) são pesquisas que apresentam períodos que trataram da história de meios representativos para os enfermeiros, seja por meio das associações (COREn, ABEn), ou pelas revistas (REBEn, HERE). Em 2% (n=3) encontramos pesquisas como a que analisa o processo de visitação a museus como meio de aprendizagem histórica da enfermagem, uso de modelos em laboratórios e atividades de estudo em centros acadêmicos. 3% (n=4) estudo sobre as pós-graduações em enfermagem, 12% (n= 18) pesquisas em saúde desenvolvidas e publicadas por enfermeiros(as) pesquisadores(as). 9% (n=13) tratam de pesquisas sobre o curso de enfermagem tendo como eixo o currículo, o desenvolvimento da aprendizagem do enfermeiro, o perfil dos egressos da enfermagem e sua formação. 7% (n=10) são publicações que apresentam temáticas diversas da enfermagem em diversos países, formação da enfermeira em Portugal, na Argentina, Costa Rica, entre outros.

Quadro 8 – Quantitativo de trabalhos identificados na História de Enfermagem Revista Eletrônica (HERE) que faz articulação com o objeto. Fortaleza/CE, 2021

(Continua)

	Título	Autores(As)	Ano
1	Grasiela Barroso: ícone da enfermagem.	CAVALCANTE, Maria Beatriz de Paula Tavares. LIMA, Camila Viana. ALVES, Maria Dalva Santos.	2010
2	Fragmentos da trajetória pessoal e profissional de Wanda Horta: contribuições para a área da enfermagem.	PIRES, Sandra Maria Bastos. MÊIER, Marineli, Joaquim. DANSKI, Mitzy Tannia Reichembach.	2011
3	Josete Luzia Leite: opção e trajetória na enfermagem brasileira.	NETO, João Gregório. FREITAS, Genival Fernandes de. BONINI, Barbara Barrionuevo. SILVA, Giane Christina A. da.	2012

(Conclusão)

		Silva, Stael Silvana B. E. da. PORTO, Fernando Rocha.	
4	Maria Rosa Sousa Pinheiro: uma (bela) mulher feita de tango, ousadia e enfermagem	FONSECA, Rosa Maria Godoy Serpa da. FORCELLA, Hideko Takeuchi.	2012
5	Enfermeira Elita Marinho: uma representante potiguar na Segunda Guerra Mundial.	CARLOS, Djailson José Delgado. MOREIRA, Jaime Alonso Caravaca. PADILHA, Maria Itayra.	2012
6*	Oscarina Saraiva Coelho: Uma história de dedicação à enfermagem.	TEODÓSIO, Sheila Saint – Clair da Silva. SILVA, Edilene Rodrigues da. BACKES, Vânia Marli Schubert. MARTINI, Jussara Gue., REIBNTIZ, Kenya Schmidt.	2013
7	Isabel Cristina Kowal Olm Cunha: Conhecendo a trajetória de uma enfermeira.	BEZERRA, Camila de Oliveira. FREITAS, Genival Fernandes de Freitas.	2013
8	Maria José de Oliveira: trajetória de vida e contribuições para a construção da identidade profissional da enfermeira na Bahia	OLIVEIRA, Núbia Lino de. SILVA, Gilberto Tadeu Reis da.	2018
9	História e memória de Maria do Amparo Barbosa	SILVA, Francisca Aline Amaral da. NUNES, Benevina Maria Vilar Teixeira.	2018
10	Lenilde Duarte de Sá: vida e docência inspiradas na arte do cuidar	VIDERES, Arieli Rodrigues Nóbrega. NÓBREGA, Maria Miriam Lima da.	2018

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Os dez trabalhos selecionados estão detalhados no Quadro 8. Seguimos a mesma organização de análise das outras bases, ou seja: objetivos, referenciais, metodologia, resultados/considerações.

1. Objetivos pretendidos nos achados na revista HERE.

- a) Cavalcante *et.al.* (2010), o objetivo do estudo foi reaver, sob o prisma histórico, a trajetória da enfermeira doutora Maria Grasiela Teixeira Barroso.
- b) Pires *et.al.* (2011), o objetivo foi resgatar aspectos julgados significativos da história de vida da enfermeira Wanda Horta.
- c) Neto *et.al.* (2012) teve como objetivos identificar a inserção dessa personagem na enfermagem, discutir suas contribuições para o desenvolvimento desta e analisar sua participação no campo profissional.

- d) Fonseca e Forcella (2012), o artigo objetivou narrar nuances da vida da enfermeira Maria Rosa de Sousa Pinheiro, formada em 1940, em Toronto, Canadá, para tornar-se membro do primeiro corpo docente da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (EEUSP).
- e) Carlos *et.al.* (2012), o objetivo foi o de historicizar a trajetória da enfermeira Elita Marinho, tomando como referência o período em que exerceu suas funções laborais na Itália, como integrante da Força Expedicionária Brasileira, por ocasião da Segunda Guerra Mundial.
- f) Teodósio *et.al.* (2013), este estudo teve como objetivo resgatar a trajetória histórica de uma das pioneiras da enfermagem no Rio Grande do Norte, destacando suas contribuições para a enfermagem potiguar.
- g) Bezerra e Freitas (2013), este artigo teve como objetivos descrever e analisar a carreira profissional de Isabel Cristina KowalOlm Cunha e suas contribuições à enfermagem brasileira.
- h) Oliveira e Silva (2018), descrever aspectos biográficos de Maria José de Oliveira, analisar sua trajetória de vida e assinalar suas contribuições para o desenvolvimento da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia.
- i) Silva e Nunes (2018), descrever a trajetória de vida e profissional de Maria do Amparo Barbosa, analisar a participação desta no ensino, na assistência e nas organizações de classe da enfermagem piauiense.
- j) Videres e Nóbrega (2018), objetiva historicizar a trajetória de vida pessoal e profissional de Lenilde Duarte de Sá.

Os dez artigos da revista *Here* selecionados trataram de personalidades da enfermagem, em sua maioria, o objetivo principal ficou pautado na trajetória de vida (N= 7), na história de vida (N=1) e campo profissional (N=2), todos objetivando historicizar enfermeiras que protagonizaram e marcaram a história da enfermagem.

2. Referencial teórico nos achados na revista *HERE*.

- a) Cavalcante *et.al.* (2010), nas referências desse trabalho, verificamos obras de simpósios, relatos e algumas publicações da Universidade Federal do Ceará, *lócus* da pesquisa.
- b) Pires *et.al.* (2011), em suas referências: Phillipe Joutard (história oral), Verena Alberti (história oral), Wanda Horta (processos de enfermagem).

- c) Neto *et.al.* (2012), José Sebe Meihy (história oral), Taka Oguisso (história da enfermagem).
- d) Fonseca e Forcella (2012) (mapa astral), Taka Oguisso (história da enfermagem).
- e) 5.Carlos *et.al.* (2012), depoimentos,
- f) Teodósio *et.al.* (2013), José Carlos Sebe Meyhi (história oral) e Bardin (análise de conteúdo).
- g) Bezerra e Freitas (2013), Taka Oguisso (história da enfermagem)
- h) Oliveira e Silva (2018), Jacques Le Goff (história e memória), Taka Oguisso (história da enfermagem).
- i) Silva e Nunes (2018), José Carlos Sebe Meihy (história oral).
- j) Videres e Nóbrega (2018), José Carlos Sebe Meihy (história oral).

Ao analisar os principais referenciais teóricos dos artigos, percebemos como alguns autores são fundamentais para trabalhar alguns conceitos e temáticas. A exemplo, temos na história da enfermagem: Taka Oguisso e Wanda Horta; na história oral: Phillipi Joutard, Verena Alberti, José Meihy, na história e memória; Jacques Le Goff e, nas análises de conteúdo: Bardin.

3. Metodologias abordadas nos achados na revista HERE.

- a) Cavalcante *et.al.* (2010), uma pesquisa histórico-social, na qual foram empregados como fontes de pesquisa documentários do curso, artigos publicados sobre a doutora Maria Grasiela Teixeira Barroso, seu arquivo pessoal, bem como a base de informações do Sistema de Currículos Lattes e depoimentos concedidos por colegas, ex-alunos e amigos seus.
- b) Pires *et.al.* (2011) foi uma pesquisa de cunho histórico com abordagem qualitativa. Usou o método da história oral, por meio de entrevista com seu irmão e também por documento escolar e memorial escrito pela própria teórica - entregue à Escola de Enfermagem da USP, para Concurso de Professor Adjunto - para compor os instrumentos de pesquisa.
- c) Neto *et.al.* (2012), foi um estudo biográfico referenciado pela narrativa com finalidade histórica, pautado em entrevista e documentações. Considerou-se como documento do tipo escrito o “*Curriculum Lattes*” da biografada e a historiografia de aproximação da história da enfermagem brasileira, constituindo-se no eixo condutor para o alcance dos objetivos

traçados. Esta articulação pauta-se no método da história oral de vida. A entrevista foi do tipo semiestruturada. O roteiro da entrevista constava de perguntas contemplando a trajetória acadêmica e profissional, as situações especiais vivenciadas pela entrevistada.

- d) Fonseca e Forcella (2012), não deixa explícita a metodologia do trabalho.
- e) Carlos *et.al.* (2012), tratou-se de um estudo bibliográfico de natureza sócio-histórica, realizada a partir de consultas a fontes secundárias, tais como: livros (dezesseis), artigos de periódicos (quatro) e produções acadêmicas (três teses e duas dissertações); a partir dos quais fez-se a leitura criteriosa do material sobre a participação da Força Expedicionária Brasileira(FEB) na II Guerra Mundial e a busca de trechos que tratassem sobre a nossa personagem.
- f) Teodósio *et.al.* (2013), tratou-se de um estudo qualitativo com abordagem sócio-histórica, cujos dados foram obtidos através de entrevista semiestruturada, utilizando-se o método da história oral temática e de outras fontes documentais. Os dados foram categorizados utilizando-se a análise de conteúdo.
- g) Bezerra e Freitas (2013), trata-se de estudo da biografia da enfermeira e docente Isabel Cristina Kowal Olm Cunha. A coleta de dados se deu pela história oral. Primeiramente foi realizado contato prévio com a entrevistada para, em seguida, ocorrer a realização. Depois, fez-se a transcrição agrupando as perguntas e as respostas aos temas. Após essa etapa, considerou-se encerrada a segunda textualização e cumprida a etapa de conferência e legitimação.
- h) Oliveira e Silva (2018), trata-se de uma pesquisa descritiva, histórica, de abordagem qualitativa, que utilizou o método da história oral de vida, pois entende-se que, por meio dela, é possível compreender o sujeito como um indivíduo único e singular em nossa história. Os dados foram obtidos por meio de entrevistas realizadas com Maria José, em sua residência, no período de março a abril de 2015, direcionadas por um roteiro semiestruturado, previamente elaborado, contendo questões que nortearam a construção da narrativa.
- i) Silva e Nunes (2018), estudo de natureza histórico-social que utilizou fontes primárias orais e escritas, cujas primeiras foram coletadas por meio

do depoimento da colaboradora do estudo, que foi identificada pelo próprio nome, conforme autorização assinada no Termo de Transferência de Direitos Autorais. As fontes escritas constituíram-se de documentos escritos, como atas e resoluções, bem como fotografias cedidas pela colaboradora. As consultas aos documentos foram realizadas na sede do COREN-PI e da ABEn-PI, após autorização das instituições.

- j) Videres e Nóbrega (2018), estudo de natureza histórico-social que utilizou fontes primárias orais e escritas, cujas primeiras foram coletadas por meio do depoimento da colaboradora do estudo, que foi identificada pelo próprio nome, conforme autorização assinada no Termo de Transferência de Direitos Autorais. As fontes escritas constituíram-se de documentos escritos, como atas e resoluções, bem como fotografias cedidas pela colaboradora. As consultas aos documentos foram realizadas na sede do COREN-PI e da ABEn-PI, após autorização das instituições.

Por se tratar de artigos que historiciza a vida de personalidades da enfermagem, os estudos em sua totalidade se apresentaram numa abordagem qualitativa, de natureza histórico-social, que trabalharam com fontes orais, documentais e iconográficas. Sete trabalhos evidenciaram o uso de entrevistas como procedimento de recolha de dados.

4. Resultados e considerações nos achados na revista *HERE*.

- a) Cavalcante *et.al.* (2010), a enfermeira Graziela atuou no curso de enfermagem da Universidade Federal do Ceará (UFC), sua trajetória de vida confunde-se com a história da enfermagem, pois, de maneira ímpar, ela atuou plenamente para o crescimento e desenvolvimento da profissão, sendo, segundo os autores, considerada um símbolo de enfermeira, professora, e, principalmente, de pessoa humana.
- b) Pires *et.al.* (2011), segundo os autores, os dados analisados caracterizaram a enfermeira Wanda Horta como uma pessoa de personalidade forte e sensível, profissional visionária, reconhecida pela sua obra inovadora na área da enfermagem, que teve significado especial por ela ter sido a primeira teórica brasileira; seus artigos e o livro foram considerados inovadores, estimulantes e complexos para a época. Wanda Horta foi comprometida com a profissão e determinada na luta

por mais saúde, qualidade de vida da população e, conseqüentemente, por mais justiça social.

- c) Neto *et.al.* (2012), através da biografia de Josete Luzia Leite (suas ações, inserções e lutas) foi possível reconhecer a centralidade e o itinerário, além de uma história de vida que retrata parte da própria história da enfermagem brasileira. São inegáveis as contribuições dela para a consolidação da enfermagem e suas transformações, como exemplo de profissional engajada na vida acadêmica e associativa, participante das mudanças históricas ao longo de sua trajetória de vida.
- d) Fonseca e Forcella (2012), a enfermeira Maria Rosa foi docente, vice-diretora e diretora, constituindo um dos principais pilares de sustentação ética, moral e profissional daquela instituição (EEUSP) e de outras da enfermagem brasileira. Foi a primeira mulher do Conselho Universitário da USP. Segundo as autoras, Maria Rosa Sousa Pinheiro viveu uma vida simples e morreu em 21 de junho de 2002, aos 93 anos, de maneira mais simples ainda, contudo sua grandeza permanecerá para sempre indelével na memória dos que tiveram a felicidade de conhecê-la e com ela conviver.
- e) Carlos *et.al.* (2012), os autores propõem que o acesso às referências elogiosas dos boletins informativos utilizados pelas autoridades brasileiras no *front* proporcionou aproximações sobre o cotidiano das enfermeiras da FEB, assim como oportunizou conhecer um pouco mais dessa história. Especificamente sobre a enfermeira Elita Marinho, a realização oportunizou reconstituir parte de sua vida profissional, que, segundo os registros, foi marcada pela capacidade, esmero, coragem e tranquilidade. Por fim, realizar estudos dessa natureza assume relevância por fornecerem subsídios a assuntos da história contemporânea pouco explorada, bem como pela possibilidade de contribuir para a memória da profissão, trazendo à tona personagens da enfermagem até então anônimos.
- f) Teodósio *et.al.* (2013), os resultados evidenciaram a trajetória profissional da enfermeira Oscarina Saraiva Coelho como uma das precursoras da enfermagem Potiguar (RN). Destaca-se sua importância para a formação, a organização dos serviços hospitalares e a

organização das entidades da categoria. O estudo constitui-se como contribuição para o resgate histórico da profissão e no estímulo ao desenvolvimento de estudos que possam vir a contribuir para a preservação e memória da enfermagem no estado e no país. Trabalhou lá até a década de 90, quando de sua aposentadoria. Depois abriu um curso técnico de enfermagem com outras colegas enfermeiras. Para ela, ajudar na formação de novos profissionais era uma missão.

- g) Bezerra e Freitas (2013), pelas inúmeras atividades desenvolvidas, as contribuições da professora Isabel Cristina são marcantes por sua dedicação profissional nas múltiplas dimensões da assistência, da gestão, da docência e, sobretudo, da sua inserção nas entidades de classe na enfermagem, tornando-se, dessa maneira, em exemplo edificante para todas as gerações de enfermeiros. Com isso, sua trajetória de vida profissional lhe permite assumir uma posição de liderança nacional à frente do nosso tempo, na formação de profissionais competentes para o exercício, a docência, a pesquisa e a gestão de serviços de enfermagem e de saúde.
- h) Oliveira e Silva (2018), a trajetória de vida de Maria José de Oliveira revelou uma mulher com formação profissional ética, que lutou pela valorização da imagem da enfermeira e da escola de enfermagem da Bahia. Como diretora contribuiu para a integração docente assistencial e conquista da independência administrativo-financeira da escola. Destacou-se como primeira egressa a presidir a ABEn-seção BA e a coordenar a residência da escola de enfermagem, representando a nova geração de enfermeiras baianas de nível superior. Seu comprometimento profissional e a luta em prol da enfermagem levam à compreensão da conformação da Escola de Enfermagem, em seus aspectos político-pedagógicos e ideológicos, bem como a afirmação da enfermeira na Bahia
- i) Silva e Nunes (2018), Maria do Amparo Barbosa formou-se com bolsa na Escola de Enfermagem de São Luiz e, ao concluir, retornou para Teresina, sua cidade natal. Para resolver o problema de carência no Hospital Getúlio Vargas (HGV), a Irmã Abrahilde Alvarenga e outras irmãs da Caridade de São Vicente de Paulo, seguindo a filosofia da

União das Religiosas Enfermeiras do Brasil (UREB), que estimulava as congregações a criarem escolas, formaram nas dependências do HGV as primeiras turmas do curso de auxiliar de enfermagem Maria Antoinette Blanchot. Com a criação do curso de enfermagem na Universidade Federal do Piauí, em 1975, foi convidada a ministrar aulas para o ciclo profissionalizante do curso, na área de pediatria. Assumiu a disciplina de enfermagem pediátrica enquanto o curso era estruturado, não podendo permanecer na instituição por ter outros vínculos empregatícios, entre eles, um federal. Aplicou os conhecimentos obtidos arduamente como forma de superação e crescimento profissional, fazendo crescer também a enfermagem piauiense.

- j) Videres e Nóbrega (2018), Lenilde Duarte de Sá foi detentora de uma vasta produção bibliográfica publicada em periódicos de elevado impacto para o desenvolvimento da ciência e da enfermagem. Atuou como revisora de periódico da Revista Latino-americana de Enfermagem, Revista da Escola de Enfermagem da USP e Revista Brasileira de Enfermagem. Desenvolveu atividades como membro do corpo editorial de periódicos, como a Revista Íbero-Americana de Saúde e Envelhecimento, a Revista Aquichan de la Facultad de Enfermería, a Revista da Escola de Enfermagem da USP, a Revista de Enfermagem UFPE On Line, Religare (UFPB) e o Caderno de Enfermagem, Ciência e Cultura. A busca pelo ideal moral da enfermagem fez com que rompesse com o instituído, modelo fragilizado de atenção à saúde centrado no paradigma cartesiano, que já não responde pelas necessidades humanas do indivíduo como um *continuum* corpo-mente-espírito.

Os dez artigos apresentados nos revelaram as histórias de enfermeiras que atuaram no Brasil, em vários estados brasileiros, sejam eles; Ceará, São Paulo, Rio Grande do Norte, Bahia, Piauí, Minas Gerais. Tivemos histórias que revelaram enfermeiras ousadas que influenciaram e fizeram crescer a presença participativa das enfermeiras na academia, como fez Graziela Barroso no Ceará, os estudos teóricos da enfermagem publicados por Wanda Horta, o profissionalismo presente na história de vida de Josete Luzia Leite, Maria Rosa na EEUSP, Elita Marinho evidenciando a memória da profissão, Oscarina Coelho deixando seu legado na história da

enfermagem no Rio Grande do Norte, Isabel Cristina referência na gestão da enfermagem, Maria José de Oliveira deixou seu legado na EEBA, Maria do Amparo protagonizou a história da enfermagem no Piauí e Lenilde Duarte, assim como Wanda Horta, teve destaque com publicações acerca da enfermagem.

Encerramos esse percurso que nos propiciou conhecer estudos sobre personalidades da enfermagem, sobre a história dessa profissão, evidenciando o que já existe publicado sobre a temática na ciência ao nosso alcance. Na próxima seção, apresentamos e fazemos uma breve análise sobre os materiais do nosso acervo pessoal que lançamos como fundamentação teórica, já por nós apropriados, para evidenciar a aproximação com nossa proposta de estudo.

3.5 Quinto percurso: Acervo pessoal

Para aprofundarmos nossos conhecimentos e buscarmos mais materiais que tratassem do nosso objeto fizemos uso desses livros, dos quais destacamos em suas/seus partes/capítulos informações pertinentes para o desenvolvimento desse estudo doutoral

Quadro 9 – Quantitativo de livros/capítulos do acervo pessoal. Fortaleza/CE, 2021

Nº	Livro	Autores(As)	Ano
1	Trajetória histórica e legal da enfermagem.	OGUISSO, Taka (organizadora).	2007
2	Enfermeira. Profissão, saberes e prática: potencialidades, limites e possibilidades.	NÓBREGA-TERRIEN, Sílvia Maria. ALMEIDA, Maria Irismar.	2007
3	Pesquisa em história da enfermagem.	OGUISSO, Taka, FREITAS, Genival Fernandes, GONZÁLES, José Siles (Organizadores).	2011
4	Enfermagem: história, cultura dos cuidados e métodos.	OGUISSO, Taka, FREITAS, Genival Fernandes, GONZÁLES, José Siles.	2016

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

No primeiro livro, *Trajetória histórica e legal da enfermagem*, organizado por Taka Oguisso (2007), destacamos a leitura dos seguintes capítulos e colaboradores:

Capítulo 4 – A profissionalização da enfermagem, escrito por Almerinda Moreira, no texto, a autora historiciza a profissão da enfermeira, descreve o primeiro modelo brasileiro de ensino de enfermagem no Brasil, apresenta os primeiros professores de enfermagem e lista os primeiros cursos de enfermagem criados no Brasil. Na sequência, temos o Capítulo 7 – Fundamentos para o estudo de história da enfermagem, escrito por Paulo Fernando de Souza Campos. O texto proporciona a identificação do que é história e ofício do historiador e ajuda na compreensão do que é tempo histórico, níveis e ritmos de acontecimentos e, por fim, identifica algumas fontes para pesquisa da história da enfermagem.

No segundo livro, *Enfermeira. Profissão, saberes e prática: potencialidades, limites e possibilidades*, escrito por Sílvia Maria Nóbrega-Therrien e Maria Irismar Almeida, versa sobre o panorama da formação da enfermeira brasileira e mais especificamente da enfermeira cearense. Dessa obra trabalhamos com mais afinco o Capítulo 3 – Enfermeira: profissão e formação. O texto historiciza a formação da enfermeira, apresenta o encontro da formação com a profissionalização e elucida os processos históricos, socioeconômicos influenciadores na formação da enfermeira e por fim, apresenta o estado do Ceará e a estrutura do ensino em enfermagem.

O terceiro livro, *Pesquisa em História da Enfermagem*, foi organizado por Taka Oguisso, Paulo Fernando de Souza Campos e Genival Fernandes de Freitas (2011), deste, foram trabalhados: Capítulo 9 – Biografia, escrito por Maria Cristina Sanna, o texto apresenta os processos procedimentais da pesquisa biográfica no campo da enfermagem. O Capítulo 13 – História Oral, de Luciana Barizon Luchesi e Gertrudes Teixeira Lopes, apresenta a HO como produtora de conhecimentos, fonte de pesquisa, anuncia e descreve as metodologias utilizadas em HO e apresenta a produção de enfermagem utilizando HO no Brasil.

O quarto livro, *Enfermagem: história, cultura dos cuidados e métodos*, escrito por Taka Oguisso, Genival Fernandes de Freitas e José Siles Gonzáles, está subdividido em três partes, a saber: história que aborda estudos biográficos, a cultura dos cuidados e os métodos históricos enfocando bases teóricas nas investigações da enfermagem. Dessas partes indicadas nos debruçamos sobre a primeira que traz biografias de enfermeiras:

Capítulo 1 – Maria Rosa Sousa Pinheiro: mulher enfermeira e líder, escrito por Emiliane Silva Santiago e Taka Oguisso, apresenta a história de vida de Maria Rosa Sousa Pinheiro, formou-se enfermeira em Toronto, Canadá, por meio de bolsa

oferecida pela Fundação Rockefeller, ao concluir, retornou a sua cidade natal, São Paulo, onde passou a coordenar as atividades na escola de enfermagem da Universidade de São Paulo, atuou na ABEn sendo presidente desta por dois mandatos. Assumiu o cargo de diretora da EEUSP de janeiro de 1957 a 1º de dezembro de 1978, permanecendo ininterruptamente por 21 anos. Maria Rosa, segundo as autoras, foi uma mulher à frente de seu tempo, pois tinha ideais vanguardistas próprios.

Capítulo 2 – Trajetória Profissional de Amália, escrito por Taka Oguisso. A autora escreve a história dessa enfermeira que atuou ativamente na enfermagem. Primeiro descreve a vida de Amália, que se formou enfermeira na primeira turma da EEUSP. Por ser uma excelente aluna, foi convidada, ao final do curso, a permanecer na escola e lecionar. Fez cursos de aprofundamento e aperfeiçoamento da enfermagem e seguiu presente na docência.

Capítulo 3 – Dimensões políticas do trabalho de uma enfermeira – Ivete Oliveira.

Capítulo 4 – Grasiela Barroso: meio século de dedicação à enfermagem brasileira, escrito por: Maria Dalva Santos Alves, Ângela Maria Alves e Souza, Maria Isis Freire de Aguiar, Maria Suêda Costa, Marcelo Gurgel Carlos da Silva e Maria Beatriz de Paula T. Cavalcante. Os autores trazem a história de Grasiela Barroso, cearense formada pela Escola de Enfermagem SVP, atuou por três décadas na UFC no curso de enfermagem, foi participante das associações e conselhos de enfermagem. Publicou artigos e livros na área. Grasiela Barroso, segundo os autores, ocupou lugar de prestígio entre as autoridades cearenses.

Percebemos que os livros apresentaram o arcabouço teórico inicial para nossas discussões, sobretudo os que trazem a história oral de enfermeiras, seja história oral de vida ou temática, pois se aproximam do que utilizamos em nossa tese.

Outro ponto de referência em nosso acervo são os estudos desenvolvidos pelo grupo de pesquisa Educação, História e Saúde Coletiva⁴³ do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará, coordenado pela professora Sílvia Maria Nóbrega-Therrien. Dentre eles, temos artigos, trabalhos de

⁴³Educação, História e Saúde Coletiva Líder: Profa. Sílvia Maria Nóbrega-Therrien E-mail: silnth@terra.com.br

conclusão de curso, dissertações e teses. Segue abaixo o quadro com os trabalhos mapeados de teses e dissertações do PPGE/UECE:

Quadro 10 - Trabalhos identificados no Grupo de Pesquisa Educação, História e Saúde Coletiva – Teses e Dissertações do PPGE/UECE. Fortaleza/CE, 2021

	Título	Autor	Tipo	Ano
1	A formação da enfermeira cearense e a Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo (1943-1977)	Emanoela Therezinha Bessa Mendes	Dissertação	2013
2	A formação da enfermeira no estado do Ceará com base na análise dos currículos (1979-2013): trajetória e tendência.	Andréa da Costa Silva	Dissertação	2015
3	História da formação da enfermeira no Brasil: o estado da arte	Sun-Eiby Siebra Gonçalves	Dissertação	2017
4	Formação e prática da enfermeira cearense: implicações e consequências da implantação da Lei nº 775, de 1949	Roberlandia Evangelista Lopes	Tese	2017
5	O ensino de história da enfermagem: trajetórias e lugar na formação do enfermeiro	Maria Nahir Batista Ferreira Torres	Tese	2019
6	Do estágio ao internato: o percurso da formação da enfermeira para o cuidado	Elane da Silva Barbosa	Tese	2019
7	Formação pedagógica dos docentes enfermeiros: a pesquisa como mediadora da prática professoral e da sua reflexividade crítica	Carla Daniele Mota Rêgo Viana	Tese	2019
8	Saberes docentes e formação pedagógica de professores enfermeiros: um estudo de caso	Luiza Lúlia Feitosa Simões	Tese	2019

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Dos oito trabalhos encontrados e apresentados no Quadro 10, um já foi discutido, o de Mendes (2013), na subseção da BDTD, assim, contaremos desse quadro os outros sete trabalhos. Suas leituras também fizeram fluir mais entendimento sobre a enfermagem. Cada pesquisadora optou por um encaminhamento da área de enfermagem. Considerando que o grupo está inserido no programa de educação com ênfase na formação de professores, o estudo sobre o profissional enfermeiro docente se torna o veio principal, como observamos nas pesquisas, que ora tratam da

formação da enfermeira, ora da Escola de Enfermagem SVP, UECE, UFC, instituições educacionais em nível superior do estado cearense, além de estudos que resgatam a história e a memória da profissão. Ressaltamos que as produções dessas pesquisas enriqueceram o acervo do PPGE/UECE, do Grupo de Pesquisa Educação, História e Saúde Coletiva e evidenciaram a enfermagem por meio de seus profissionais e pesquisadores.

3.6 Contribuições do Estado da Questão para nossa pesquisa

A tessitura do Estado da Questão nos proporcionou uma experiência acadêmica basilar, sobretudo quando nos aproximamos dos caminhos percorridos por outros pesquisadores, tendo por finalidade a construção do nosso caminho, evidenciando o que existe de ineditismo no nosso estudo. Importa destacar que, em nossa trajetória, passamos por cinco percursos que nos mostraram o que existe publicado a respeito de nossa temática, contribuindo também na redefinição de categorias, objetivos, base de fundamentos e metodologias. Os trabalhos foram localizados em bases de dados distintas e reconhecidas academicamente, o que demonstra um dos critérios do Estado da Questão anteriormente citado, o rigor científico no mapeamento.

Propusemo-nos a investigar o que vem sendo estudado, pesquisado, sobre a história e memória de enfermeiras atuantes em escolas de enfermagem. Sobre esse tema encontramos publicações e localizamos sítios específicos de divulgação da enfermagem.

Das cinco bases de dados utilizadas (BVS, BDTD, REBEn, HERE e acervo pessoal), foram selecionados para este EQ um total de 46 produções. Na BVS tivemos onze artigos, todos sobre personalidades da enfermagem, destacando o papel da mulher na construção dessa profissão. Na BDTD, as cinco dissertações e as três teses apresentaram pesquisas sobre as escolas de enfermagem no Brasil e, em sua maioria, as pesquisas trabalharam com mais de uma colaboradora e trataram da perspectiva da professora enfermeira, da formação da enfermeira e da trajetória das escolas de enfermagem. Na REBEn, foram seis artigos, na HERE, dez artigos todos tratando de trajetória de personalidades da enfermagem. Nos quatro livros do acervo, destacamos os capítulos que também trataram dessa temática e conseguimos encontrar outros nomes de personalidades da enfermagem. E por fim sete trabalhos,

destes, duas dissertações e cinco teses presentes no acervo do PPGE/UECE. Destes trabalhos elencamos os que mais se aproximaram da pesquisa tratando da história da Escola de Enfermagem SVP. Nenhum dos trabalhos apresenta diretamente a história de vida, temática ou biográfica de enfermeiras pioneiras no Ceará. Depois de mapearmos e analisarmos todos estes estudos, realizamos, então, um levantamento das enfermeiras biografadas em nosso EQ, apresentado no Quadro 11:

**Quadro 11 – Enfermeiras biografadas presentes em nosso Estado da Questão.
Fortaleza/CE, 2021**

Nº	Enfermeiras biografadas	Estado brasileiro de atuação profissional
1	Alice Michaud	Paraná
2	Amália Corrêa de Carvalho	São Paulo
3	Anayde Corrêa de Carvalho	São Paulo
4	Anna Justina Ferreira Nery	Rio de Janeiro
5	Edith Magalhães Fraenkel.	Rio de Janeiro
6	Elita Marinho	Rio Grande do Norte
7	Grasiela Barroso	Ceará
8	Haydée Guanais Dourado	Bahia
9	Hilda Anna Krisch	Santa Catarina
10	Isabel Cristina Kowal Olm Cunha	São Paulo
11	Ivete Oliveira	Bahia
12	Josete Luzia Leite	Rio de Janeiro (Conclusão)
13	Lenilde Duarte de Sá	Paraíba
14	Maria do Amparo Barbosa	Piauí
15	Maria José de Oliveira	Bahia
16	Maria Rosa Sousa Pinheiro	São Paulo
17	Nalva Pereira Caldas	Rio de Janeiro
18	Oscarina Saraiva Coelho	Rio Grande do Norte
19	Otillie Hammes	Santa Catarina
20	Rachel Haddock Lobo	Rio de Janeiro
21	Sidênia Alves Sidrião de Alencar Mendes	Rio de Janeiro
22	Waleska Paixão	Rio de Janeiro
23	Wanda Horta	São Paulo
24	Zaíra Cintra Vidal	São Paulo

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Podemos observar no Quadro 11 os nomes das biografadas e os estados nos quais elas se destacaram na profissão de enfermeira. Ao ler as biografias, constatamos que a cidade natal não foi necessariamente a cidade de firmamento profissional da maioria das enfermeiras biografadas. A região Sudeste (eixo: Rio/São Paulo) é destaque com 54% (n=13) das biografias, em seguida, vem a região Nordeste com 33%(n=8) das biografias e a região Sul com 13% (n=3) das biografias. Dentre as

biografadas da região Nordeste, especificamente do Ceará, localizamos no mapeamento apenas a enfermeira Grasiela Teixeira Barroso, que desenvolveu sua profissão nesse estado atuando na UFC, tendo sido formada na Escola de Enfermagem SVP. Localizamos outra cearense entre as biografadas, a enfermeira Sidênia Alves Sidrião de Alencar Mendes, nascida em Mombaça, Interior do Ceará, e que desenvolveu sua profissão fazendo história no Rio de Janeiro, na cidade de Niterói, na Universidade Federal Fluminense - Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa (EEAAC).

Em relação ao nosso objeto e *lôcus* da nossa pesquisa, mais precisamente a Escola de Enfermagem SVP, localizada no Ceará, encontramos nas produções locais, mais precisamente no grupo de pesquisa Educação, História e Saúde Coletiva que vem se dedicando a essa temática nos últimos dez anos, um aporte sobre a história da escola de enfermagem por meio das teses e dissertações, como apresentamos na subseção do acervo pessoal.

Em relação às enfermeiras que atuaram no ensino de enfermagem no Ceará, localizamos a biografia da enfermeira Grasiela Teixeira Barroso, conforme citação anterior.

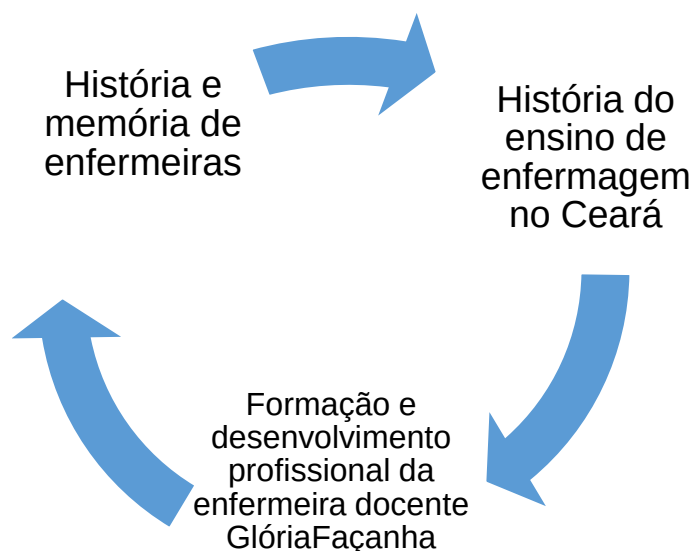
No inventário das produções em bancos de dados constatamos uma lacuna de estudos sobre a história de enfermeiras pioneiras e que se destacaram em sua profissão e com ela contribuíram para seu crescimento. De um total de 343 trabalhos inventariados em bancos, como na Biblioteca Virtual de Saúde-BVS que apresentou 134 resultados, destes, 8,5% (N=11) foram escolhidos na Biblioteca Digital de Dissertações e, teses-BDTD, foram 32 achados, destes, 25% (N=8) compuseram nossa pesquisa, Revista HERE tivemos 147 resultados, 1,47% (N=10) trabalhado no Estado da Questão, e a Revista Brasileira de Enfermagem-REBEn com dezenove achados 31,5% (N= 6), somente 10,5% (N=35), além dos quatro artigos do livro do acervo pessoal e as pesquisas realizadas no curso do PPGE/UECE. Desta feita, foram 46 trabalhos analisados, dentre artigos, dissertações e teses. Apesar de localizarmos nessas pesquisas proximidades a nossa temática, em nenhum deles consta a história e contribuições da enfermeira, docente e gestora, Maria da Glória Ferreira Façanha. Dado que evidencia a importância e o ineditismo desta tese.

A leitura e discussão dos trabalhos mapeados neste EQ evidenciaram, portanto, que as produções existentes tratam de temáticas que se aproximam da atuação profissional da primeira enfermeira laica, diretora da Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo (EESVP), enfermeira Glória Façanha, mas não tratam sobre ela em relação à formação, e temos ainda produções sobre a Escola de Enfermagem SVP.

Com essa análise consideramos oportuno e pertinente o estudo que empreendemos nesta TESE na história da nossa colaboradora Maria da Glória Ferreira Façanha, mineira, que veio para o estado do Ceará com 28 anos, já formada, e que também participou de momentos importantes na história da enfermagem cearense e brasileira, sendo necessário esse desvelar e o seu registro. Sob esse prisma, nossa pesquisa doutoral alinha-se à expectativa de ineditismo e de relevância acadêmica.

Em acordo com o desenvolvimento do Estado da Questão reafirmamos as categorias teóricas que serão mais bem elucidadas ao longo da tese, na tessitura do texto, sejam elas:

Figura 1 – Categorias teóricas da pesquisa – Fortaleza/CE, 2021



Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Consideramos que fundamentar nossas categorias teóricas apresentadas na (Figura 1) é trabalhar o conhecimento científico, aliando as percepções estabelecidas pelo pesquisador em diálogo com o foco das temáticas subsidiadas por estudiosos do tema, além de trabalharmos esses elementos conceituais basilares nele inseridos e em articulação com a história da nossa protagonista, Maria da Glória Ferreira Façanha. A caminhada do EQ foi fundamental nesse desvelamento e compreensão, reafirmando e delineando nossas escolhas para a questão de estudo.

4 CAMINHOS DE BUSCAS E BAÚ DOS ACHADOS: A METODOLOGIA

Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia. (Grande Sertão: Veredas – Guimarães Rosa⁴⁴, 1994)

O percurso adotado ao longo da investigação foi delineando o contexto teórico-metodológico desse escrito para além da apresentação dos instrumentos, das técnicas e procedimentos de coleta e análise dos achados. Trazemos o percurso e os elementos fundantes para esse caminhar evitando o “formalismo árido” e investindo nos aspectos histórico-culturais, presentes na história e memória que permeiam a vida da nossa colaboradora Maria da Glória Ferreira Façanha.

Nesse caminho de buscas, como nos diz Riobaldo, personagem de *Grande Sertão: Veredas* (ROSA, 1994), descobriremos o “real” no meio da travessia. Buscamos, portanto, nos caminhos da história e memória de nossa protagonista, demarcada na travessia dos idos de 1967 a 1980, sua participação efetiva na formação profissional da enfermeira e do enfermeiro no ensino superior cearense.

Importa lembrar mais uma vez que o marco inicial, ano de 1967, deve-se ao ano de inserção de Glória Façanha como docente e gestora na Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo, fortalecendo sua permanência como primeira diretora laica da escola que lutou por sua federalização na UFC. Nesse entremeio de trabalho e desafios também foi convidada a implantar com uma comissão o primeiro curso de enfermagem, em uma universidade de natureza privada, que foi a Universidade de Fortaleza -UNIFOR, no estado do Ceará. O marco final analisado pelo estudo configura-se o ano de 1980, quando após estas ricas experiências e vivências, que a tornaram uma pessoa singular, uma pioneira na história do ensino da enfermagem cearense, ocorre seu desligamento funcional como aposentada da Fundação SESP, onde manteve sua lotação como enfermeira desde os idos de 1951, quando estudante bolsista desta fundação (tempo válido para sua aposentadoria).

A intenção, como posta na seção introdutória desta tese, foi a de registrar e analisar a história e a memória de Maria da Glória Ferreira Façanha, por meio de

⁴⁴João Guimarães Rosa. GUIMARÃES ROSA, J. Grande sertão: veredas. Rio de Janeiro: Nova, 1994. (p. 85) Riobaldo é o “jagunço”, personagem principal da obra, interlocutor da narrativa que se passa no Interior do Brasil. https://joaocamillopenna.files.wordpress.com/2018/03/rosa_j_g_grande_sertao_veredas.pdf

suas vivências no período já demarcado e justificado anteriormente. Para tanto, ficamos atentos a toda a documentação e acervo disponíveis, sejam pessoal ou profissional, ancorados epistemologicamente nesse escrito.

É de nosso interesse enfrentar os desafios da exigência dessa escrita criteriosa que exige, entre outros fatores, realizar escolhas que apresentem consonância entre nossas percepções de mundo e de pesquisa aliadas ao nosso objeto de estudo.

4.1 Tipo de pesquisa, abordagem do estudo e método escolhido

O primeiro desafio a ser considerado foi a escolha do caminho que só aconteceu ao caminhar, pois somente assim, tivemos clareza para realizar uma escolha coerente de estradas a percorrer e de trilhas por onde enveredar.

Nesta, tornaram-se evidentes dois elementos que configuraram nosso agir científico: (i) A condição de pesquisadora individual, que difere de um pesquisador institucional, que pode contar com colaboradores, aporte financeiro e temporal visando ampliar a investigação. (ii) Pela natureza do fenômeno social a ser investigado, fenômeno este do campo educacional, que perpassa as áreas de educação, história e enfermagem, entre outros elementos basilares de inserção em contextos políticos, sociais, econômicos e culturais. Com clareza destas condições pessoais e de estrutura, bem como da natureza da investigação, iniciamos o caminho.

A existência de um tripé de saberes da educação, história e enfermagem com leituras e discussões próprias favoreceu o trabalho em movimento entre esses campos. Em outras palavras, estes três campos estiveram imbricados em nosso estudo com o viés focado para a *formação docente* que, no caso, insere-se, de forma indireta, no ensino de uma profissão ou nas contribuições de uma enfermeira docente para com ele.

Feitas estas considerações podemos inferir que as pesquisas podem ser trabalhadas sob diferentes aspectos, de acordo com os objetivos propostos no trabalho investigativo. Como contemplar estes objetivos, acaba por indicar o caminho, abordagem, método, técnica e instrumentos mais adequados para respondê-los.

Desse modo, optamos nessa tese pela abordagem qualitativa, buscando responder de forma contextualizada nossas indagações, envolvendo nossa protagonista, a professora e enfermeira Glória Façanha. Partimos do seu grupo social

e de trabalho, mundo no qual emerge sua história, alicerçada em acervos e documentos da época cedidos por ela própria e buscados em outras fontes.

O foco da abordagem qualitativa é compreender e aprofundar os fenômenos, sobretudo os que são explorados, no caso, a partir da perspectiva dos participantes, dentre eles, principalmente nossa protagonista, inseridos em um ambiente natural e em relação a um determinado contexto. Nessa abordagem verificamos que a pesquisa tem aspectos mais subjetivos, relacionados a fenômenos sociais, grupos sociais e afins que podem permitir a construção de uma análise contextualizada socialmente em todas as suas dimensões, sejam elas: “internas e externas, passadas e presentes”. Essa é uma posição mensurada por Hernández Sampieri (2013, p. 377), mas que sabemos da nossa limitação como não historiadoras no trabalho complexo desse movimento de inserção do fenômeno em seus variados contextos.

As dimensões (internas, externas, passado e presente) manifestadas por Hernández Sampieri (2013) nos oferecem a luz para o caminhar no estudo, uma vez que se trata de uma pesquisa do tipo histórica e que envolveu questões internas e externas para compreender o momento vivido na história da nossa protagonista, rememorando seu passado recente no tempo presente, sobretudo na descrição densa do fenômeno e também no aporte documental exigido para sua compreensão e acreditação. É uma questão *sine qua non* de condução das buscas, dos achados e das discussões nesta tese, mesmo diante das limitações (dificuldades de inserção dos contextos) há pouco assinaladas.

Ao tratar da pesquisa histórica, no entanto, há clareza, sobretudo de um conhecimento que é construído socialmente e culturalmente e que o pesquisador passa a analisar esse conhecimento numa perspectiva de um passado recente. Nesse sentido, estamos constituindo a história e a memória de uma das profissionais da enfermagem que marcou essa profissão no Ceará pelos motivos já antes assinalados.

Para nos aproximarmos desse estudo da história da enfermagem, no campo da história dessa profissão, tendo a memória como elemento, apropriamo-nos da nova história cultural (NHC) como campo de entendimento epistemológico. Segundo o historiador francês Peter Burke⁴⁵, a nova história cultural passou por um

⁴⁵O historiador Peter Burke, na obra "O que é história cultural?", divide a história cultural em quatro fases: a primeira é a história cultural clássica (1800 e 1950), período no qual os historiadores culturais se concentravam na história dos clássicos da arte, da literatura, da filosofia e da ciência, colocando-

surto de expansão da memória, algumas vezes descrita como “memória social” ou “memória cultural”. Esse interesse cada vez maior provavelmente é uma reação à aceleração das mudanças sociais e culturais que ameaçam as identidades, ao separar o que somos daquilo que fomos. A preocupação aqui é fazer o registro e não perder a história. Peter Burke coloca em seu livro: *O que é História Cultural?* exemplos de eventos históricos que foram rememorados de tragédias vividas como o Holocausto, a Primeira e Segunda Guerras Mundiais. Depois escreve que uma dada memória pode se sobressair a outra (BURKE, 2008, p. 88).

A importância de estabelecer essa conexão social da história na nova história cultural permitiu proporcionar uma maior variedade de evidências, atribuindo não só ênfase às fontes escritas (história tradicional), em detrimento à relevância do uso da história oral e demais artefatos (documentais, iconográficos), mas uma mudança que amplia o trabalho com mais evidências, além das documentais, sendo que estas, por muito tempo, foram consideradas as mais importantes na construção da história. Agora temos a ressignificação da oralidade e a inserção dela nas pesquisas validadas, por termos agora na memória um elemento científico no qual “um encontro é um acontecimento e assim nos leva a considerar o possível lugar na história cultural” (BURKE, 2008, p. 157). Para Gisafran Jucá em seu livro: *Seminário da Prainha: indícios da memória individual e da memória coletiva* (2014), a decisão de uso da história oral permitiu uma análise “da fonte que fala e com a qual o pesquisador dialoga e que expressa muito mais do que uma simples informação”, sobretudo revelando com sutileza a “sensibilidade de quem é entrevistado”, propiciando, conquanto, um viés mais assertivo nas questões subjetivas tratadas com o colaborador (JUCÁ, 2014, p. 29).

A história oral na obra de José Carlos Sebe Bom Meihy⁴⁶, *Memórias e narrativas – história oral aplicada*, destaca quatro eixos relacionados aos gêneros

as em seu contexto histórico por sua interpretação. A segunda, história social da arte (1930-1940), nesse período, a história cultural era interpretada a partir da ideia de esquemas. A terceira fase história cultural popular (1950-1960) é o momento trabalhado pela cultura na qual se incluem as pessoas comuns, a história política e econômica que antes eram deixadas de fora. Por último, a nova história cultural (1980), a palavra “nova” serve para distinguir a história cultural de suas irmãs (história tradicional, história social), optamos por utilizar em nosso texto a nomenclatura original. Esta última é a referenciada em nosso texto. BURKE, Peter. *O que é história cultural?* 2. ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

⁴⁶José Carlos Sebe Bom Meihy é estudioso sobre história oral. Para ele, a HO ergue-se segundo pressupostos que privilegiam as entrevistas como motivo central dos estudos. Trata-se, em outras palavras, de prezar as entrevistas como ponto central das análises. MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA,

narrativos, sejam eles: história oral de vida, história oral temática, história oral testemunhal e tradição oral.

A *história oral de vida*: remete ao registro da experiência pessoal, obedece a um procedimento conhecido por entrevistas livres, sem questionários ou perguntas diretamente indutivas, isto se dá, pois os questionários impedem a livre expressão do enunciatador, enquadram a expressão mnêmica (memória) e acarretam interrupções na construção da autoimagem do entrevistado. As informações sobre detalhes ou parcelas da vida do colaborador têm relativa importância, da mesma forma a exatidão dos dados.

A história oral de vida apoia-se na memória dos emittentes e obedece a comandos derivados de decisões pessoais, ou seja, a “verdade” depende exclusivamente de quem concede a entrevista e, por mais controversa que seja, as informações devem ser respeitadas.

Sob esse olhar da história de vida encontramos os trabalhos de Ecléa Bosi que também trabalha com a memória cultural, ela defende que: “uma história de vida não é feita para ser guardada numa gaveta como coisa, mas existe para transformar” (BOSI, 2018, p.69).

Consideramos oportuna a fala de Ecléa Bosi quanto à memória e consideramos que esta faz parte da construção ativa da narrativa expressa no texto. No entanto, este gênero não é por nós utilizado devido à “liberdade” de fala narrativa, visto que temos uma proposta mais definida ao compor os registros e análises da história e memória da nossa protagonista Glória Façanha, ancoradas no seu desenvolvimento profissional humano, como enfermeira e docente.

Segundo José Meihy, o trabalho com história oral pode ser diversificado considerando os tipos: a *história oral temática*, que está mais vinculada ao depoimento e à abordagem sobre algum assunto específico, aborda questões externas, objetivas, factuais e temáticas. Nesses casos, busca-se a contextualização de informações do colaborador associada à proposta de pesquisa, que pode ser subdividida em história oral pura e história oral híbrida, sendo esta última a escolha para esse escrito. A *história oral testemunhal*, por sua parte, é um gênero narrativo que envolve a história de vida e a história temática. E o último gênero, que é a *tradição oral*, conceituada ou

definida como aquela que está atenta às transmissões do arcaico, percebe o indivíduo enquanto um veículo de transmissão de mitos e tradições antigas que, na maioria das vezes, transcende o narrador. (MEIHY, 2020, p. 49-69).

Desta feita, após analisarmos os gêneros orais estabelecidos por José Meihy, ratificamos como ora apresentado que o gênero mais adequado para o estudo do nosso objeto de tese é a história oral híbrida, uma vez que temos o foco central de trabalhar a história e a memória, com o aporte das memórias sociais, individuais e coletivas em entrevista da nossa protagonista, que gerou o eixo central da pesquisa, e demais colaboradores que se dispuseram a complementar a memória coletiva desse período de representação da implantação dos cursos superiores de enfermagem no Ceará (1967-1980), em consonância aos documentos coletados.

Nesse sentido, destacamos a importância da reconstituição social dos sujeitos dentro do seu contexto. Para nós, o recorte da atuação da docente enfermeira Maria da Glória Ferreira Façanha está nos períodos de: 1967 (chegada à EESVP); 1972-1977 (chegada e saída da UNIFOR: enquanto profissional); 1978-1984 (aluna de graduação em bacharel em Administração de Empresas/UNIFOR); 1980 (encerramento dos trabalhos com a fundação SESP).

4.2 Fonte de dados que contam a história de Maria da Glória Ferreira Façanha

A escolha de dados desta pesquisa envolveu a utilização da história oral híbrida, nela inserida a participação ativa da nossa protagonista e dos nossos colaboradores⁴⁷ que apoiaram com os elementos necessários à narrativa de sua história e memória, com documentos históricos doados/emprestados, fotografias, para embasar e ilustrar nosso texto, adjuntos à história e memória da enfermeira docente Glória Façanha para tessitura dessa pesquisa doutoral.

O outro meio de coleta de dados utilizado também inserido no entendimento da história oral híbrida foi o inventário documental, fotografias, atas, documentos escritos e de caráter pessoal, oficial, currículos e jornais. Essas fontes documentais primárias foram requisitos basilares para nossa produção e sistematização histórica por situarem particularidades da época, facilitando o surgimento das lembranças, bem como identificando personagens, locais e

⁴⁷Colaboradores agregados: são pessoas que conviveram profissionalmente com nossa protagonista, como: primeiras alunas, professoras e gestoras.

acontecimentos importantes relacionados à formação em enfermagem. Para fontes secundárias foram utilizados artigos de periódicos, livros, teses e dissertações.

4.3 Fontes documentais: na busca e no encontro de trilhas

Podemos considerar como fontes documentais aqueles materiais coletados e que trazem certa oficialidade, proporcionando o entrelaçar dos fios na construção da escrita. Em relação aos documentos individuais de Glória Façanha, coletamos: certidões, certificados, carteiras (ABEn; UNIFOR), diários, agendas, cartas Maria Ivete Ribeiro (UFBA) e Maria da Glória Ferreira Façanha (EESVP), manuscritos e anotações; relatórios, além de fotografias, insígnias e medalhas.

Nos documentos grupais coletamos: documentos com finalidade oficial como atas do CONSUNI (UFC) e da EESVP, declarações (EESVP), discursos, entre outros. Conseguimos assim elencar, pelo que propõe Sampieri (2013), estes que chamamos de “achados” na pesquisa que compõe a análise e composição da nossa narrativa, no decorrer dos capítulos dos quais fazemos a apresentação desses elementos na tessitura da história e memória de Glória Façanha (SAMPIERI, p. 441)

Para Silva Junior (2011 p.339), esses elementos são todos os vestígios do passado, passíveis de análise histórica. O que foi feito ao analisar estes documentos, “decifrando sua mensagem na pesquisa”, foi o que o transformou em fonte histórica. Para nosso entendimento essas fontes históricas são valiosas, pois ajudam a entender o fenômeno central do nosso estudo e se tornam ainda mais fortes quando narradas, apresentadas por nossos colaboradores.

Alguns lugares nos proporcionam encanto por permitir vivenciar o resgate da história, não como passado, mas, como já falamos, espaço histórico para pensarmos e refletirmos nosso presente. Dentre esses espaços destacamos os museus, as exposições, as bibliotecas, os arquivos e demais locais que podem subsidiar uma busca documental. Para a escrita da nossa tese fomos ao NUDIHME, que permitiu o acesso direto e indireto de fontes documentais da História da Enfermagem no Ceará. Este se localiza no Laboratório e GPEHSC da UECE campus Itaperi, como já citado e descrito na seção da introdução.

O acervo do NUDHIME preserva arquivos da Escola Enfermagem SVP, apresentada em subseção específica, e que foi um dos *lócus* de trabalho sobre a enfermeira Glória Façanha. Entre as fontes documentais do museu temos alguns

artefatos como: quadros de formatura, expositores com objetos pessoais pertencentes às enfermeiras cearenses que foram por elas ou seus familiares doados ao museu. O museu, em sua inauguração, homenageou algumas personalidades da enfermagem que atuaram na Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo.

Dessas personalidades localizamos objetos, fotos, quadros, como o que traz a biografia resumida da nossa protagonista e de outras duas personalidades (Rachel Gomes de Mattos Bastos e Ir. Margarida Breves). Encontramos no museu também livros de assinaturas das colações de grau e entrega de diplomas, registros das aulas práticas e as pastas das alunas (1943-1980). Nos livros de atas das colações de grau da Escola de Enfermagem SVP, do período de 1967 a 1969, localizamos a assinatura da nossa protagonista como diretora na escola.

Fomos também ao Arquivo da UFC, local de guarda documental (Anexo J) – Ofício acesso as Atas de reuniões do Conselho Universitário da Universidade Federal Do Ceará (1955-1969), para buscar as atas das reuniões do conselho universitário daquela instituição. Fonte documental valerosa para o nosso estudo. As atas do Conselho Universitário (CONSUNI) da Universidade Federal do Ceará eram datadas do período de 1955 (inserção da Escola de Enfermagem SVP como agregada na UFC) – ao ano de 1970 (fim dos encaminhamentos para federalização da escola à UFC), nesse local conseguimos 369 atas (digitalizadas), no Quadro 12 verificamos o quantitativo de atas por ano, que foram analisadas com foco na participação, primeiro, da Escola de Enfermagem SVP, representada por suas diretoras e, por fim, na observação da participação de Glória Façanha. Foram encontradas 28 atas que fizeram referencia a Escola de Enfermagem SVP, conforme podemos observar no Quadro 13.

Quadro 12 – Quantitativo de atas do conselho universitário da Universidade Federal do Ceará (1955-1970), Fortaleza/Ceará

(Continua)

ANO	Número de Atas	Presença de pauta da EESVP ⁴⁸
1955	17	Sim

⁴⁸As pautas, ou seja, os pontos a serem discutidos e apresentados nas reuniões pelas diretoras representantes da escola, que foram mais significativas e relacionados ao nosso objeto de pesquisa, estão assinaladas e discutidas na subseção: 5.3. Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo: criação e caminho de inserção em campos científicos universitários.

(Conclusão)

1956	42	Sim
1957	19	Sim
1958	27	Sim
1959	22	Sim
1960	22	Não
1961	27	Não
1962	38	Sim
1963	31	Sim
1964	Pasta não localizada	-----
1965	26	
1966	Pasta não localizada	-----
1967	29	Sim
1968	30	Sim
1969	19	Sim
1970	20	Sim
Total de Atas	369	

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Iniciando em 1955, temos ao longo dos 15 anos de participação da Escola de Enfermagem SVP, que a escola teve matéria em pauta em onze dos anos analisados, sendo que nos anos de 1960 e 1961 não apareceram registros de pauta indicados pela escola. As atas do ano de 1964 e 1966 não foram localizadas pelo arquivista Antônio Aritomar Barros, no dia 18 de julho de 2019 (Anexo G - Ofício) da UFC.

Quadro 13 – Atas do Conselho Universitário da Universidade Federal do Ceará que referenciam em pauta a Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo (1955-1970)

(Continua)

Ordem	Atas Consideradas – Escola de Enfermagem SVP	Data
01	Ata da 4ª Sessão Extraordinária do Conselho Universitário	01/10/1955
02	Ata da 3ª Sessão Ordinária do Conselho Universitário	10/11/1955

(Conclusão)

03	Ata da 5ª Sessão Extraordinária do Conselho Universitário	09/12/1955
04	Ata da 6ª Sessão Extraordinária do Conselho Universitário	10/01/1956
05	Ata da 9ª Sessão Extraordinária do Conselho Universitário	17/02/1956
06	Ata da 14ª Sessão Extraordinária do Conselho Universitário	24/04/1956
07	Ata da 12ª Sessão Ordinária do Conselho Universitário	11/03/1957
08	Ata da 16ª Sessão Ordinária do Conselho Universitário	05/07/1957
09	Ata da 25ª Sessão Ordinária do Conselho Universitário	01/04/1958
10	Ata da 32ª Sessão Ordinária do Conselho Universitário	14/11/1958
11	Ata da 45ª Sessão Ordinária do Conselho Universitário	23/12/1959
12	Ata da 82ª Sessão Ordinária do Conselho Universitário	07/12/1962
13	Ata da 89ª Sessão Ordinária do Conselho Universitário	19/06/1962
14	Ata da 93ª Sessão extraordinária do Conselho Universitário	29/08/1962
15	Ata da 108ª Sessão Ordinária do Conselho Universitário	05/02/1965
16	Ata da 113ª Sessão Ordinária do Conselho Universitário	02/07/1965
17	Ata da 246ª Sessão Extraordinária do Conselho Universitário	14/11/1967
18	Ata da 145ª Sessão Ordinária do Conselho Universitário	09/05/1968
19	Ata da 258ª Sessão Extraordinária do Conselho Universitário	29/07/1968
20	Ata da 259ª Sessão Extraordinária do Conselho Universitário	30/07/1968
21	Ata da 264ª Sessão Extraordinária do Conselho Universitário	13/11/1968
22	Ata da 265ª Sessão Extraordinária do Conselho Universitário	06/12/1968
23	Ata da 266ª Sessão Extraordinária do Conselho Universitário	13/12/1968
24	Ata da 2ª Sessão Ordinária do Conselho Universitário	11/07/1969
25	Ata da 272ª Sessão Extraordinária do Conselho Universitário	13/12/1969
26	Ata da 3ª Sessão Extraordinária do Conselho Universitário	30/12/1969
27	Ata 4ª Sessão Extraordinária do Conselho Universitário	14/07/1970
28	Ata 5ª Sessão Extraordinária do Conselho Universitário	23/01/1970

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Nos anos de 1968 e 1969, a Escola de Enfermagem SVP teve pauta com discussões mais densas apresentadas ao CONSUNI e presenciadas por nossa protagonista, enfermeira Maria da Glória Ferreira Façanha, e que tratamos com mais detalhes no decorrer do escrito com as devidas análises.

Além dessas fontes citadas anteriormente, tivemos acesso aos documentos pessoais de Glória Façanha: carteiras de identificação: Registro Geral (1953) e do Ministério da Saúde (1970), carteira de estudante do período do curso de Administração na

UNIFOR (1978-1982), carteiras de Associações: Associação dos Professores do Ensino Superior do Ceará (APESC), 1967 - 1969 e Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn) 1969 - 1974. Foram apresentados trinta certificados, oito diplomas, onze declarações, dois atestados, duas certidões, um contrato, um ofício e duas atas registradas em cartório que seguem descritos no Anexo A: Documentação do percurso formativo de Glória Façanha enquanto enfermeira e docente datado de 1952 a 1987.

Todo o material cedido pelo NUDIHME n a nossa pesquisa, como: os registros de agendas e relatórios datados de 1967 a 1980, foi basilar na constituição do texto. Além destes, conseguimos ainda dois discursos, uma reportagem e duas cartas. Todos os materiais cedidos por Glória Façanha contribuíram para a construção de sua história, que pôde ser mais bem embasada com estes documentos orais e escritos.

Na próxima seção apresentamos nossas fontes orais em busca de registrar a construção da história desse período demarcado e vivenciado por Glória Façanha, como também por meio de sua memória, das lembranças, elementos fundantes que compuseram o texto de tese.

4.4 Fontes orais: colaboradora e os participantes da pesquisa

Falar em fonte oral implica lembrar que estamos inseridos na metodologia da história oral híbrida (HOH), como campo de entendimento adotado anteriormente nessa seção de caminho do estudo realizado. Falar em fonte oral também nos leva especificamente às entrevistas, aceitando-as como “procedimentos que são feitos no presente”, por meio de gravação, e que devem ser articuladas, como já assinalamos na proposta da pesquisa. A entrevista, portanto, “é a manifestação do que se convencionou chamar de documento oral”, material concebido da linguagem falada, gravada em meio eletrônico, no entendimento do historiador José Meihy (MEIHY, 2019, p. 14). A explicação mais técnica de Meihy nos oferece o aporte para seriedade desse momento com o outro, dando-nos oportunidade de imergir em um campo diverso, plural, experiencial.

As primeiras entrevistas ocorreram de forma presencial, como deve ser, para que o pesquisador possa observar, sentir os elementos que não ficam explícitos nas falas, como as reações e emoções que conseguimos perceber em cada história

lembrada, rememorada, que por vezes foi refletida com sorrisos, olhares e gestos, tornando a pesquisa humanizada.

Em nossa metodologia tivemos que fazer uso de entrevistas em ambientes remotos, devido à pandemia da Covid-19⁴⁹, com o uso do *Google Meet*. O uso desse recurso nos possibilitou visualizar as colaboradoras entrevistadas que estiveram presentes na formação e desenvolvimento profissional de Glória Façanha. No Quadro 14 a seguir temos a relação das colaboradoras entrevistadas, incluindo a nossa fonte oral principal Glória Façanha:

Quadro 14 – Colaboradores da pesquisa – História Oral (Entrevistas)
Fortaleza/Ce, 2021

(Continua)

Entrevistado	Relação com a protagonista	Data/período	Duração	Meio presencial ou remoto
Rachel Gomes de Mattos Bastos	Ex-aluna da EESVP. Colega de trabalho. Foi vice-diretora e diretora da Escola de Enfermagem SVP de 1975 – 1976.	1º/12/2017	1h15min10s	História oral (presencial)
Maria Graciema Daniel Silveira	Ex-aluna da EESVP. Colega de trabalho. Professora da UNIFOR de 1975 – 1978.	- 8/11/2019 - 20/6/2021	1h4min1s	História oral (presencial) Depoimento breve (mensagem digital) sobre a colaboradora Glória Façanha.
Jeanette Klein Antunes	Ex-aluna da UNIFOR 1ª turma (1976). Foi professora e coordenadora do curso de enfermagem da UNIFOR.	- 12/11/2020	43min2s	História oral (presencial) Discurso em solenidade festiva na UNIFOR (20 anos do curso de enfermagem) em homenagem a Maria da Glória Ferreira Façanha.
Rogena Weaver Noronha Brasil	Ex-aluna da UNIFOR 1ª turma (1976). Atualmente é	7/7/2021	1h7min12s	História oral via Meet

⁴⁹ Devido à pandemia enfrentada pelo mundo, a Covid-19, doença causada por uma nova espécie de coronavírus, denominado SARS-CoV-2. Esse vírus foi responsável por essa pandemia mundial iniciada no final de 2019, na China, chegando ao Brasil no início de 2021. Por sua rápida contaminação, um dos meios de contê-la foi o isolamento e o distanciamento social, além do uso de máscaras e higienização das mãos. No Brasil, em julho de 2021, já estávamos com 522 mil mortos. Uma tragédia dada a severidade dos sintomas em algumas pessoas e a ausência de vacinas. Daí a necessidade de cumprir as normas e realizar as entrevistas que faltaram por meio remoto com o uso do programa *Google Meet*, que permitiu realizar vídeoconferências e gravá-las.

(Conclusão)

	professora da Universidade Vale do Acaraú (UVA).			
Francisca Lucélia Ribeiro de Farias	Ex-aluna da UNIFOR 2ª turma (1977). Atualmente é professora da UNIFOR.	- 15/9/2020	1h5min7s	História oral via Meet
Maria da Glória Ferreira Façanha	A própria	- 4/4/2018 - 25/4/2018 - 20/6/2019 - 17/11/2019 - 15/1/2020	1h8min29s 1h45min9s 40min17s 1h4min27s 1h14min42s	História oral – presencial (2018, 2019 e 2020). Contatos por telefone (junho/novembro 2020) (janeiro/abril 2021) *7 de abril 2021 – último contato).

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Das cinco entrevistadas, temos duas colegas de trabalho: a Rachel Bastos, que atuou com Glória Façanha na Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo, e Graciema Silveira, que trabalhou com Glória Façanha na Universidade de Fortaleza. Contatamos também três ex-alunas do curso de enfermagem da UNIFOR, Jeanette Antunes, Rogena Brasil e Lucélia Farias. A seguir vamos conhecê-las um pouco mais:

Rachel Gomes de Mattos Bastos é enfermeira aposentada e foi aluna formada na Escola de Enfermagem SVP. Trabalhou com nossa protagonista na Escola de Enfermagem SVP, também assumiu a coordenação do curso de enfermagem (1975-1976), quando este já estava estadualizado à Universidade Estadual do Ceará.

Maria Graciema Daniel Silveira é enfermeira aposentada e foi aluna formada na Escola de Enfermagem SVP. Trabalhou com nossa protagonista na Universidade de Fortaleza (UNIFOR). A participante trouxe aspectos da vida profissional, rememorou o encontro e acolhida por Glória Façanha que, à época, era coordenadora do curso, quando a acolheu. Graciema Silveira ministrou na UNIFOR a disciplina de psiquiatria.

Jeanette Klein Antunes é enfermeira formada na 1ª turma de enfermagem da UNIFOR (1976). Foi aluna da nossa protagonista Glória Façanha. Jeanette Antunes é especialista em enfermagem materno-infantil, foi professora da disciplina ética em enfermagem da Universidade de Fortaleza – UNIFOR. Sobre Glória Façanha falou emocionada sobre sua postura ética, firme e sempre cuidadosa com todos.

Rogena Weaver Noronha Brasil é enfermeira formada na primeira turma de enfermagem da UNIFOR(1976). *Foi aluna da nossa protagonista Glória Façanha.* Mestre em Saúde Pública pela Universidade Estadual do Ceará-UECE (1997). Assessora do Conselho Estadual da Saúde CESAU Ceará. Docente do curso de enfermagem da Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA.

Francisca Lucélia Ribeiro de Farias é enfermeira formada na segunda turma de enfermagem da UNIFOR (1977). Foi aluna da nossa protagonista Glória Façanha. Doutora em enfermagem pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto-EERP-USP, pós-doutorado em enfermagem pelo curso de enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande- UFRG-RS. Mestrado em enfermagem pela Escola de Enfermagem Ana Neri da Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ. Atualmente é professora titular do curso de graduação em enfermagem da Universidade de Fortaleza-UNIFOR onde ministra as disciplinas enfermagem em saúde mental e dependência química.

Todas as colaboradoras são graduadas em enfermagem e atuam/atuaram também na docência universitária formando enfermeiros(as). Em relação à idade elas possuem entre 65 a 88 anos de muitas vivências. Nossa protagonista Glória Façanha, com 88 anos de muita experiência a ser compartilhada, é lembrada com carinho por nossas colaboradoras em suas entrevistas.

Temos, por fim, as entrevistas com Maria da Glória Ferreira Façanha, que aconteceram em sua própria casa⁵⁰, em um ambiente tranquilo, arejado, preparado para receber. E sempre em determinada hora acontecia um café com bolo, sucos e guloseimas e as conversas seguiam o rumo das recordações ao olhar as fotos e lembrar os tempos se inserirem nas temporalidades, aprendizados e risos. Maria da Glória Ferreira Façanha é nossa protagonista e colaboradora principal.

A partir de sua história, de sua memória, fomos organizando a tessitura desse trabalho que permeia sua vida e participação na formação do profissional de enfermagem do Ceará. Sobre ela dedicamos esta tese que entrelaça sua participação no ensino superior cearense na universidade. Na seção 6, a presença de Maria da Glória Ferreira Façanha: fragmentos de vida em histórias e memórias, que importam registrar, apresentamos sua trajetória inicial que não comporta uma vida, mas que

⁵⁰ Colaboradora: Maria da Glória Ferreira Façanha, endereço: Rua Frei Mansueto, 1290, Aldeota Fortaleza/Ceará.

proporciona parte singular da formação de uma profissional voltada à educação e enfermagem. Nas seções seguintes da tese damos continuidade à história de Glória Façanha em seu percurso profissional até sua aposentadoria.

4.5 Análise dos dados

A análise dos achados foi fundamentada na técnica da história oral que, mesmo carregada de subjetividade, permanece fundamentada numa metodologia de análise que possibilita o entrelaçar dos elementos conceituais à interpretação coerente, proporcionando uma inferência, fundamentada em nossos objetivos e no rigor científico que a pesquisa exige.

As etapas de análise partiram primeiro da organização, ou seja, do levantamento e leitura inicial dos documentos, das entrevistas e demais registros de pesquisa. Algo que fizemos ao analisar as atas do CONSUNI, os relatórios da Fundação SESP, as agendas pessoais e principalmente as entrevistas realizadas. Em segundo, fizemos a divisão temática (vida e formação inicial, início da profissão, desenvolvimento da profissão e atuação no ensino superior), cabe afirmar que, a cada temática, foram inferidos os elementos analisados e categorizados. A exemplo, ao tratar das atas do CONSUNI e trechos das entrevistas com Glória Façanha sobre esse assunto, constituímos a história da Escola de Enfermagem SVP e a participação de Glória Façanha na busca pela federalização, que é vista mais à frente, em detalhes, nas próximas seções.

Com este exemplo associamos também um último passo, que foi a verificação dos objetivos da pesquisa para inferir e interpretar os dados mesmo que, por vezes, carregados de subjetividade, mantendo o rigor e metodologia, exigências de uma escrita acadêmica seguindo uma fundamentação teórica para erigir nossa estratégia metodológica. Todo esse arcabouço foi usado em nossa análise e interpretação dos materiais coletados sobre nossa protagonista Maria da Glória Ferreira Façanha.

4.6 Procedimentos Éticos

Acerca dos aspectos éticos da pesquisa, o desenvolvimento desta pesquisa está ancorado no parecer de um projeto maior intitulado Preservação da

Memória da Enfermagem no Estado do Ceará: a história da profissão e o Núcleo de Documentação, sendo este projeto submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Estadual do Ceará, obedecendo à recomendação do Conselho Nacional de Saúde, aprovado conforme Processo nº 10461873-6, onde foram respeitadas as normas de rigor ético em pesquisa com pessoas humanas - *in anima nobili* – conforme as Resoluções números 466/2012 e 510/2016.

Os participantes da pesquisa receberam as informações sobre a pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética, contidas no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice), que foram devidamente assinados pelos entrevistados voluntariamente, autorizando o uso dos dados. Vale ressaltar que, apesar de as resoluções assegurarem o anonimato, os participantes concordaram em utilizar o nome completo para levantamento de dados da biografada.

A participação não é obrigatória e a qualquer momento o participante poderá desistir. Além disso, o participante receberá uma cópia do termo no qual consta o telefone das pesquisadoras, podendo ser tirada dúvidas a qualquer momento.

Na próxima seção tratamos do constructo teórico clarificando nossas escolhas e contribuindo para um melhor entendimento dos conceitos da nossa tese, bem como as apresentadas nessa seção.

5 HISTÓRIA E MEMÓRIA: ELEMENTOS FUNDANTES NA CONSTITUIÇÃO DA TRAJETÓRIA DE UMA ENFERMEIRA E PROFESSORA

Gosto de ser gente porque a História em que me faço com os outros e de cuja feitura tomo parte é um tempo de possibilidades não de determinismo. (Paulo Freire, 1996, p. 58)

Nessa seção trabalhamos inicialmente com construtos de entendimento teóricos sobre história e memória. A finalidade desta discussão teórica, de certa forma, é evidenciar a importância da memória, no caso, da enfermeira no campo da historiografia de sua formação e profissão como elemento fundante de preservação de um passado recente. A reconstituição da trajetória da enfermeira docente Maria da Glória Ferreira Façanha no ensino de enfermagem cearense, no período que vai de 1968-1980, foi possível ser resgatada e registrada por meio, sobretudo, de sua memória. Essa memória em documentos, textos, falas e fotos constitui a história dessa profissão, na qual Glória Façanha “toma parte” com foco no ensino e em sua consolidação, em “um tempo de possibilidades” (FREIRE, 1996), em instituições universitárias cearenses.

Criamos nesse texto as subseções epistemológicas relacionadas primeiramente à história e memória: como constructos teóricos iniciais, escrito já comentado há pouco, e no movimento entrelaçamos estes à segunda subseção que trata das primeiras escolas de enfermagem no país: uma história que chega ao Ceará e que descreve as primeiras instituições de ensino de enfermagem, buscando contextualizá-las, de forma breve, no cenário brasileiro e cearense, tendo este último como palco de resistência e resiliência as mudanças ocorridas principalmente após a legislação de nº 775, de 1949⁵¹, que alterou a estrutura de organização do ensino de enfermagem nestas escolas, denominadas até então de escola padrão Ana Néri, voltadas para a formação da enfermeira, e redesenha a profissão, a formação e a prática desse profissional no Brasil e conseqüentemente no Ceará. A terceira subseção focaliza a trajetória da primeira escola de enfermagem do Ceará criada em 1943, a Escola de Enfermagem SVP, bem como seu caminho em busca de inserção

⁵¹LOPES, Roberlandia Evangelista; NÓBREGA-Therriem, Sílvia Maria. Formação e prática da Enfermeira: implicações da Lei nº 775 de 1949.

em instituições universitárias, trajetória na qual se insere a participação da nossa personalidade estudada, a enfermeira e docente Maria da Glória Ferreira Façanha, nos caminhos de reestruturação desta escola no contexto do ensino superior no estado. Finalmente como quarta e última subseção temos o eixo da nossa biografada que congrega a Universidade de Fortaleza, quando nasce o primeiro curso de enfermagem de natureza privada na qual trazemos no contexto da educação superior no estado o surgimento dessa instituição, a primeira no gênero, e que em seu desenho insere o curso de enfermagem. Nele, vamos encontrar também a participação da nossa personagem foco desta tese.

5.1 História e Memória: Constructo teórico inicial como âncora de fundamentos para o campo da enfermagem

História e memória são construções sociais nas quais os elementos que as caracterizam se diferem, conquanto, a história é regulada cientificamente, a memória parte de um acontecimento de normatização resoluto conexa, a lembrança. Nessa seção fizemos a escrita desses eixos ancorada inicialmente nas posições epistemológicas de Jacques Le Goff (2013), José Assunção Barros (2011) e Gisafran Nazareno Mota Jucá (2014). Peter Burke (2012), também permeia nosso constructo com questões referenciais da trajetória dos *Annales* trazendo também aspectos sobre a história cultural. Maurice Halbwachs (2013) ampara o conceito de memória coletiva e Ecléa Bosi (1993, 1994 e 2018) traz as lembranças da memória, entre outros, que insurgiram no percurso fornecendo apoio.

Dentre os mais diversos conceitos de história, Jacques Le Goff (1924-2014), historiador francês, em seu livro *História e Memória*, apresenta três sentidos para a história, primeiro, proveniente de Heródoto – considerado ‘pai da história’, advindo da sociedade grega, que considerava a história como “investigação das ações realizadas pelos homens”, numa proposição na qual se ‘indaga’, se testemunha”; segundo, proveniente do historiador Paul Veyne⁵², que diz “a História quer uma série de acontecimentos, quer a narrativa desta série de acontecimentos”, e finaliza com um terceiro sentido de história, no qual considera a história como – “uma narrativa,

⁵²Paul Veyne, historiador e arqueólogo especializado na Roma Antiga, é citado por Foucault em “A História da Sexualidade” para rebater a ideia do cristianismo como marco da repressão sexual, pois já existiriam restrições no período greco-romano.

verdadeira ou falsa, com base em fatos reais ou no imaginário do historiador” (LE GOFF, 2013, p.22).

No Brasil, durante muito tempo, as palavras história e estória seguiam este padrão descrito na terceira situação proposta por Le Goff, mas com o novo acordo ortográfico da Língua Portuguesa⁵³, passou-se a usar a palavra história, somente com “h”, sendo que, ao se tratar da ciência, esta deveria vir com letra maiúscula e com o minúsculo o que pertencera ao imaginário. Sobre o imaginário do historiador, pode-se explicar as ações dos homens pelos documentos, tornando o passado concreto. Por outro lado, Le Goff propõe ainda mais necessário que o historiador deve buscar pela imaginação, pelo poder do abstrato, para estabelecer uma melhor compreensão de mundo.

Apesar de proposições sobre o imaginário e seguindo o percurso histórico da ciência história, segundo Le Goff (2013), no século XIX, Leopold von Ranke foi o historiador mais respeitado do período, com a contribuição da ascensão de uma história do Estado. A revolução histórica associada a Ranke, no entendimento do historiador britânico Peter Burke (2012, p.21)⁵⁴, era sobretudo, uma revolução nas fontes e métodos, pois antes, para falar sobre os ‘heróis’, usavam-se as “crônicas”, com a proposta rankeana, que foram substituídas por documentos oficiais do governo, ou seja, os novos ‘heróis’ tinham suas histórias reveladas pelos documentos oficiais. Os adeptos a essas práticas rankeanas consideravam esse modelo de pesquisa “mais real” ou “mais sério” do que o de estudo da sociedade ou da cultura.

Essa “história política tradicional” tornou o trabalho dos historiadores do século XIX mais limitado e até mais “antiquado do que seus predecessores do século

⁵³ O Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990 veio substituir o Formulário Ortográfico de 1943, definindo novas regras ortográficas para a língua portuguesa, comumente chamadas de “nova ortografia” ou “ortografia oficial”. O novo acordo ortográfico visa unificar a escrita nos diversos países falantes do português. Em vigor no Brasil desde 2009, o seu uso passou a ser obrigatório a partir do dia 1º de janeiro de 2016. Norma culta, site: < <https://www.normaculta.com.br/novo-acordo-ortografico/> > acessado em 27/09/2021.

⁵⁴ “Peter Burke nasceu em Stanmore, em 16 de agosto de 1937, é um historiador inglês. Foi professor de História das Ideias na School of European Studies, da Universidade de Essex, e deu aulas por 16 anos na própria Universidade de Sussex. Atualmente é professor emérito da Universidade de Cambridge. Especialista em Idade Moderna europeia, enfatiza em suas análises a relevância dos aspectos socioculturais. Foi professor-visitante do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (IEA-USP) de 1994-1995”. É autor de mais de trinta livros, muitos deles publicados no Brasil. www.institutocpfl.org.br > 2010/07/01 > peter-burke Acesso em 17.10.2021.

XVIII”, além disso, estes pesquisadores deixavam de considerar deliberadamente tudo que não se encaixava no modelo padrão.

Ainda com base no texto de Peter Burke (2012, p.32), que caminha para uma historiografia da própria história em sua temporalidade focando seu aspecto de ciência e ou campo científico, que descreve obedecendo a uma linha do tempo, vamos expondo algumas considerações sobre esse caminho.

No final do século XIX, para Burke (2012), alguns historiadores como Karl Lamprecht (1856-1915), historiador alemão, e Frederick Jackson Turner (1861-1932), historiador norte-americano, mostraram-se insatisfeitos com as produções no campo da história e, por meio de suas publicações e estudos, apresentaram novos estilos de desenvolver pesquisas no campo da história envolvendo outras ciências da atividade humana. Além desses historiadores, Marc Block (1886-1944) e Lucien Febvre (1878-1956), ambos historiadores franceses, publicaram críticas na revista fundada por eles, *Annales d'Histoire Économique et Sociale* [Anais de História Econômica e Social], contra essa história política ‘tradicional ‘rankeana’, sugerindo a necessidade de uma “história” mais humana e mais ampla. (BURKE, 2012)

Assim, o movimento dos “*Annales* iniciou no ano de 1929, com Marc Bloch e Lucien Febvre”, dando uma importante contribuição para a história qualitativa. A revista passou por quatro fases nas quais se destacaram: na primeira, “os fundadores anteriormente citados, Marc Bloch e Lucien Febvre. (BURKE, 2012)

A segunda fase, por volta de 1950, marcada pela produção de Fernand Braudel”. Na terceira fase, temos como destaque “Jacques Le Goff, Pierre Nora e Michel Foucault, este último contribuindo com seus estudos sobre poder saber”. Essa fase igualmente sinalizada por Le Goff de a ‘Nova História’ marca uma mudança no conceito das fontes utilizadas nas pesquisas historiográficas. A quarta fase, da “Escola de *Annales*, é iniciada em 1989 e dirigida por Georges Duby e Jacques Revel”. (BURKE, 2012)

Podemos observar que esta revolução do pensamento e de suas ideias em narrativas de produções historiográficas marca o divisor de águas que se evidencia mais concretizado na França e que daí caminha para o restante dos países, inclusive o Brasil.

A revista *Annales* foi demarcadora, portanto, de mudança nessa área historiográfica, passando de uma história positivista, tradicional e associada à política,

para uma perspectiva de história múltipla, aliada a diversas dimensões, denominada por Jacques Le Goff como 'História Nova', citada anteriormente na terceira geração.

O século XIX, portanto, foi considerado o século da história, pois concebe ao mesmo tempo os preceitos que privilegiam a história dentro do saber – historismo ou historicismo, e uma categoria do real, a historicidade. A historicidade é vista como a possibilidade de negar a “sociedade sem história”, ela “obriga a inserir a própria história numa perspectiva histórica” (LE GOFF, 2013, p. 23). De certa forma, esta tese se encarrega de realizar este feito, com o estudo da trajetória da enfermeira e docente Glória Façanha, entrelaçada ao ensino de enfermagem em dado período no universo da sociedade cearense.

Com essas influências do entendimento de historicidade, por exemplo, as pesquisas no século XX passaram a ter mais liberdade de relacionar a história a outras ciências sociais, tais como a sociologia, a antropologia, a psicologia que passaram a compor o arcabouço científico do trabalho dos historiadores, que favoreceram o enriquecimento do campo pesquisado.

Consideramos oportuno revelar que no desenvolvimento dessa tessitura está envolta a história sociocultural e colaborativa defendida por Peter Burke, fugindo da narrativa linear, positivista. A história, desta feita, deve ser apresentada de forma crítica, não só com as ocorrências dos fatos, mas compreendendo estes e contextualizando-os no tempo histórico. É relevante a percepção de trabalhar os campos de estudos, sociais e filosóficos com transversalidade e diálogo, uma vez que estes elementos propiciam a constituição dos saberes importantes para desvelar e constituir os estudos, em nosso caso, sobre o desenvolvimento profissional na área da enfermagem e da educação.

Por isso, ao trabalharmos a história da enfermagem, pilar do nosso estudo, estamos desenvolvendo um diálogo entre áreas do conhecimento favorecendo, como assinala a enfermeira historiadora Taka Oguisso, *et. al.* (2011, p.113), essa construção interdisciplinar com a sensibilidade humana sem perder o rigor intelectual.

É bom lembrar que um dos critérios de desenvolvimento de uma pesquisa científica está relacionado ao seu rigor. Osnir Silva Junior *et.al.* (2016, p.286), enfermeiro e historiador, lembra-nos com relação às considerações que vêm sendo postas nesse texto que o debate entre os historiadores, no século XIX, foi acirrado e envolveu profundas mudanças na Filosofia, na teoria, na metodologia, na produção e

no consumo da história a partir da revista *Annales*. Com mudanças na concepção de história, muda também o jeito ou forma de como contá-la e onde buscá-la.

Algumas fontes que antes não eram referências para o desenvolvimento de pesquisas científicas passam a ser incorporadas. Outro fator em destaque foi as temáticas de pesquisa que tiveram ampliação social. Deste modo, nossa tese ganhou com esses avanços, pois tratamos da historiografia de uma mulher, enfermeira em sua profissão, utilizando relatos, documentos e outras evidências que agora podem ser usados com o rigor e credibilidade científica em uma produção acadêmica. Em outras palavras, a dimensão da história social no entendimento do enfermeiro e historiador Osnir Silva Júnior (2016, 286) nos permite “[...] amplas possibilidades temáticas, teóricas e metodológicas, exige pesquisa e interpretações dos fatos, ideias, eventos e pessoas que, em condições particulares, contribuíram e contribuem com o desenvolvimento da enfermagem na História, tanto com o passado em si e sua memória quanto suas explicações.

Nessa citação, além da referência à história, outro ponto que para nós é caro nesse constructo é a memória, uma vez que, ao trabalharmos com a história da nossa colaboradora Maria da Glória Ferreira Façanha, estamos evocando por sua memória e a memória dos que com ela conviveram, registrando e analisando apresentando seu passado recente e revelando a história da enfermagem no contexto social da época vivida.

Le Goff (2013, p. 387), ainda em seu clássico livro sobre História e Memória, ajuda a conceituar a memória sendo esta tratada como um fenômeno individual e psicológico, adjunto à ‘vida social’. Na memória é possível “conservar certas informações” na qual o indivíduo pode “atualizar impressões ou informações passadas”, que ele pode externalizar, ou seja, assim representar de modo oral ou escrito, favorecendo o conhecimento. O autor apresenta ramificações e conceitos de memória, como: memória coletiva, memória social, exemplificadas pela antiguidade dos povos primitivos, inicialmente apenas pela oralidade, sem estabelecer a escrita e, depois, com o advento da escrita, permitindo a comunicação pelo “tempo e espaço”, deixando memórias, registros, marcas históricas.

Ao longo dos séculos XVIII e XIX, o autor historiador francês ressalta a memória urbana ao falar das cidades, memória funerária, que representou um papel importante na evolução do retrato. Com o desenvolvimento e chegada no século XX,

faz referência à memória biológica e memória eletrônica, considerando esta última “a mais espetacular”. (LE GOFF, 2013, p. 391)

No século XX, complementa ainda Le Goff, com o avançar das transformações da memória coletiva, sobretudo com a constituição das ciências sociais, houve uma interdisciplinaridade entre elas, agregando a Sociologia, a Psicologia Social e a Antropologia. A memória coletiva, portanto, “faz parte das grandes questões das sociedades desenvolvidas e das sociedades em vias de desenvolvimento” e, ao trabalhar com as outras ciências, fica melhor a compreensão da história dessas sociedades, pela “dominação da recordação e da tradição” manifestada (LE GOFF, 2013, p. 435).

Maurice Halbwachs (1877-1945)⁵⁵, sociólogo francês da escola durkheimiana, criou o conceito de “memória coletiva”, no qual a reconstrução da memória se dá num contexto social, assim sendo, as recordações e lembranças de um indivíduo não podem coexistir fora da coletividade, de um grupo social, mesmo sabendo que as “lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos”. Isto acontece porque “jamais estamos sós”. Para tanto, ainda segundo Halbwachs (2013, p.30), faz-se necessário que todos tenham tido a mesma convivência ou contato com os objetos para que essa lembrança seja compartilhada e rememorada.

No Brasil, Ecléa Bosi (1936-2017), psicóloga brasileira, foi professora titular do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP), em seu estudo *Memória e Sociedade: lembranças de velhos* (1994) e *O tempo vivo da memória* (2003), debate as zonas limite entre história e memória, articuladoras da vivência. Considerando que a história que se apoia apenas em documentos oficiais, pode não dar conta de “paixões individuais” que possam se apresentar pela palavra (BOSI, 2018, p. 15). É dela a bela frase quando pensa nas lembranças que alimentam a memória:

Se as lembranças às vezes afloram ou emergem, quase sempre são uma tarefa, uma paciente reconstituição[...]. Lembrança puxa lembrança e seria

⁵⁵Maurice Halbwachs foi um sociólogo francês da escola durkheimiana.”Escreveu uma tese sobre o nível de vida dos operários e sua obra mais célebre é o estudo do conceito de memória coletiva que ele criou”. [www.infopedia.pt \\$maurice-halbwachs](http://www.infopedia.pt/$maurice-halbwachs). Acesso em 17.10.2021.

preciso um escutador infinito. Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. (BOSI, 1994, p. 39) (Grifo nosso).

Os verbos grifados na citação da pesquisadora Ecléa Bosi nos remetem à impressão de continuidade, de refazer o ciclo partindo das experiências passadas, o “refazer, reconstruir, repensar” são ações importantes a serem realizadas quando estamos dispostos a ouvir e estabelecer nossa compreensão dessa escuta, fazendo perpetuar a memória.

O professor Gisafran Nazareno Mota Jucá (1948), historiador brasileiro do Departamento de História da Universidade Estadual do Ceará (UECE), em seu estudo intitulado *Seminário da Prainha: indícios da memória individual e da memória coletiva*, fala-nos de histórias de vida e histórias de uma cidade. Ao tratar da vida reporta a memória individual, ao tratar da cidade, a memória coletiva, e alvitra a estreita relação entre elas, visto que, em seu entendimento, “nenhuma memória individual existe sem a sua relação com o social” e também “a memória coletiva nada significaria sem a presença do individual” (JUCÁ, 2014, p. 33).

Bosi e Jucá trabalharam o conceito de memória coletiva baseado nos estudos do sociólogo Maurice Halbwachs, considerando que cada pessoa traz consigo suas lembranças pessoais (memória individual), embora este mesmo indivíduo esteja num contexto sociocultural, sofrendo, portanto, a influência das memórias que o cercam (memória coletiva).

Com essa compreensão assinalam que podemos dizer que a memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe, com a escola, com a igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e com os grupos de referência peculiares a esse indivíduo (BOSI, 1994, p. 17). Também nesse entendimento não podemos ter uma memória individual sem a memória coletiva, pois estas, para Jucá (2014, p. 33), “[...] se entrelaçam e, apesar do reconhecido valor da definição da identidade social dos envolvidos no processo histórico analisado, o individual não deve ser menosprezado ou colocado a reboque das experiências coletivas”.

A nossa tarefa, portanto, diante de tão ricas contribuições e entendimentos, não foi subjugar neste estudo a memória individual ou a coletiva, tampouco afastar essa versão emitida do passado. A memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, como refere Le Goff (2013, p. 437), procura salvar o passado para

servir ao presente e ao futuro. E complementa referindo que devemos trabalhar de forma que a “memória coletiva sirva para libertação e não para servidão dos homens”, âncora de pensamento que submerge por toda esta tese.

Dito de outra maneira, o conceito de história e memória, aqui brevemente discutido por e com historiadores de renome na comunidade científica e com os quais nos filiamos e ancoramos, evidencia nosso entendimento e posição assumida nesta tese.

Anteriormente, no texto da Introdução deste estudo, foi inserida uma posição nossa sobre história e memória que agora retomamos parte dela para sínteses desta seção. Perguntávamos ali, naquele trecho: mas o que seria história e memória? Terá diferença a compreensão dessa terminologia ou seu conceito de entendimento?

Ancoramo-nos inicialmente, no nosso trecho introdutório, no entendimento do historiador e professor José Assunção Barros (2011), que segue a lógica de pensamento dos autores com os quais trabalhamos nesse texto teórico para esclarecer o debate sobre o conceito de história e memória e deixarmos claras nossa posição e compreensão. Barros, na nossa concepção, acrescenta uma posição importante para o nosso objeto de tese, quando assinala que a história e a memória caminham juntas, embora cada uma tenha a sua especificidade, sobretudo quando considera a memória “algo interno” aos grupos sociais, mediado pela linguagem falada ou escrita num campo da experiência perceptiva individual quando adquire a possibilidade de ser comunicada, isto é, socializada.

Já a história vem do ‘externo,’ do que os grupos sociais são representados na sociedade. Ainda dentro dessa discussão conceitual Barros (2011, p. 331) indica que “a história e a memória entrelaçam-se nas memórias históricas para preencher uma função importante: quando a memória viva de determinados processos e acontecimentos começa a se dissolver através do desaparecimento natural das gerações que os vivenciaram, começa a se tornar ainda mais necessário um movimento de registro dessas memórias. O que procuramos realizar é o registro do que é importante e que está se dissolvendo.

Com esse entendimento final encontramos o motivo não só de abrir o debate epistemológico antes exposto, como evidenciar a importância de sua articulação a esse estudo de tese que busca trabalhar com a memória e a história de uma mulher, no sentido de conservar, para manter vivo e passível de conhecimentos

e estudos, fatos ocorridos, não somente em um tempo importante da história, no caso, do ensino de enfermagem no estado do Ceará, como a sua inserção como protagonista destes acontecimentos que trazem a sua marca, fatos resgatados das lembranças de sua memória e dos que com ela vivenciaram.

Nesta subseção trabalhamos, portanto, os conceitos de história e memória para melhor embasar a historiografia da nossa colaboradora Maria da Glória Ferreira Façanha, enfermeira e docente. Na próxima subseção, em um *continuum* de desenho de contexto institucionais amplos, posteriormente lócus de vivência da nossa colaboradora, trazemos considerações acerca da história das escolas de enfermagem brasileiras com ênfase nas que foram consolidadas no Ceará. Situando é o início do devir.

5.2 As primeiras escolas de enfermagem: uma história que chega ao Ceará

As escolas de enfermagem surgem como instituições organizadas no Brasil somente no século XIX (1890), final do Império, depois do aparelhamento do ensino médico. Para contextualizar historicamente esse processo de ensino nos remetemos a 1808, ano em que a Corte Portuguesa vem para o Brasil, ao se instalar no Brasil, torna-se evidente para D. João VI a necessidade de formação de outros profissionais da saúde para ampliar o atendimento aos seus subordinados e consequentemente às populações com as quais passa a dividir os espaços de moradia. Assim, cria as primeiras Faculdades de Medicina, a de Salvador, criada em 18 de fevereiro de 1808, e a segunda, no Rio de Janeiro, criada em 5 de novembro do mesmo ano.

Sebastião Ponte⁵⁶, historiador cearense, em seu estudo sobre ruralização e urbanização histórica do Ceará, relata que no século XIX somente oitenta cearenses foram diplomados pelas duas faculdades brasileiras, destes, trinta retornaram ao Ceará e ressalta:

Alguns dos médicos de destaque dessa época foram José Lourenço de Castro Silva, que liderou o combate e o tratamento da peste e de febre amarela no estado, em 1851, Meton de Alencar, Guilherme Studart, dentre outros. Nesse período, além das secas, várias pestes assolaram o

⁵⁶Sebastião Rogério de Barros da Ponte é historiador pela Universidade Federal do Ceará (1978) e mestrado em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1992). Atualmente é professor-adjunto da Universidade Federal do Ceará. Tem experiência na área de história, com ênfase em história do Brasil, atuando principalmente nos seguintes temas: controle social, urbanização, autoritarismo, modernidade e cidadania.

estado: varíola, febre amarela e cólera foram as piores. Em todo o estado havia poucas instituições hospitalares, destacando-se unicamente a Santa Casa de Misericórdia de Fortaleza, primeiro hospital, fundada em 1861. (PONTE, 1993, p. 78)

Nesse período imperial, a igreja ainda era muito presente e as instituições hospitalares eram poucas e instaladas em prédios já existentes da Igreja Católica, (PONTE, 1993). Por vezes, essas instituições eram regidas por religiosos que também tinham formação na área da saúde. Apesar de as instituições hospitalares terem sido criadas em várias regiões, o tratamento aos doentes ainda era conduzido pelos próprios familiares, ou pessoas próximas, seguindo orientações de curandeiros, boticários, parteiras, fazendo uso dos conhecimentos locais, crendices, menzinhas.

Márcio de Sousa Soares (2001), historiador, em seu trabalho *Médicos e menzinhos na corte Imperial*, descreve que, entre os devotos da fé católica, quem estava quase sempre à cabeceira do moribundo nos momentos derradeiros era a figura de um padre e não a de um médico e completa:

Essa preferência, comum a todos os segmentos sociais, é bastante compreensível, considerando-se que, quando um indivíduo adoecia de uma moléstia mais grave, a probabilidade de ele vir a falecer era muito grande. As pessoas de posses, quando recorriam à assistência dos médicos, faziam-no em seus domicílios ou nas residências dos próprios facultativos. Como os pobres não simpatizavam com os médicos e muito menos possuíam os recursos, salvo uma ou outra exceção, necessários para pagar uma visita médica domiciliar, fatalmente o encontro entre ambos quase sempre ocorria, muito a contragosto do enfermo, no hospital, e este era o último lugar para onde desejavam ir. (SOARES, 2001, p. 426)

Soares (2001) relata que os médicos formados até metade do século XIX, que atuavam principalmente na Corte, reconheciam e aceitavam a relação com essa medicina popular como uma espécie de mal necessário e, portanto, as pessoas leigas em medicina, mas experientes na arte de curar, podiam praticar seus conhecimentos, desde que se submetessem a um exame de um físico ou cirurgião nomeado pela entidade médica. Tratava-se, com certeza, de uma tentativa de controle sobre essas práticas. A estes era dada uma carta de comprovação para esse exercício. (p. 428)

Na segunda metade do século XIX, essa prática de emissão das cartas pelos médicos, que não toleravam mais essas ações não científicas, foi suspensa. Isto ocorreu com mais força quando foi fundada a Sociedade de Medicina e institucionalizado o ensino médico, sendo, pois, os filiados a esta afastados cada vez mais das práticas populares de curar doenças. (SOARES, 2001, 428).

No final do século XIX, o Estado rompe com a igreja, ainda assim, muitas instituições de saúde seguem com o apoio de religiosos e religiosas, sobretudo nas casas de caridade. Em 15 de novembro de 1889, é proclamada a República, Pedro II foi deposto por um repentino golpe de Estado liderado por uma facção de líderes militares e civis cujo propósito era a formação de uma república presidencialista, dando início ao Regime Republicano no país. Nesse novo contexto sociopolítico os portos são abertos para a exportação de café e borracha. Com isso, muitos imigrantes contaminados com doenças, que ainda não estavam presentes em terras brasileiras, entraram no país. A saúde pública do Brasil inicia a luta contra as doenças coletivas, epidemias de febre amarela, peste bubônica, varíola. Para lidar com essa situação, além das ações médicas, havia as ações sanitárias, pois era de interesse da nova República que a mão de obra, os libertos e comerciantes, não adoecesse.

A concentração dos doentes estava nos centros urbanos e os esforços na realização de campanhas sanitárias eram para que essas doenças não se espalhassem em direção ao Interior do país. Nessa batalha intensa pela saúde, retomamos a premissa de que os médicos não poderiam trabalhar sozinhos. Eles precisavam de apoio profissional mais especializado e os pacientes necessitavam de cuidados específicos. Nessa perspectiva, como também por outros motivos que não vamos adentrar, a profissão da enfermeira com formação, além da prática, era essencial.

Geralmente, exigia-se disponibilidade quase que integral das enfermeiras-práticas nos poucos hospitais existentes, além de serem exigidos nos aspectos físicos: força e agilidade, pois as ações desse ocupacional estavam relacionadas à época, sobretudo ao caráter prático-religioso, sendo, com o surgimento das escolas, a formalização do ensino, que empreende uma caminhada atrelada às descobertas da medicina, também direcionada para o aspecto teórico-científico. As descobertas científicas não somente trazem ensinamentos e exigências para o campo da enfermagem, mas também para o campo médico, bem como o farmacológico. No bojo das descobertas, todo o cenário, não somente de saúde, mas igualmente o econômico, social, político e religioso, era atingido pelas mudanças (SOARES, 2001).

Em 1890, foi implantada a primeira Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras, no Rio de Janeiro, em um hospital psiquiátrico, escola que três décadas depois, no ano de 1921, passa a ser chamada Escola de Enfermagem Alfredo Pinto – que posteriormente se insere na Universidade do Rio de Janeiro-UNIRIO, Esta escola

foi criada pelo Decreto Federal nº 791, de 27 de setembro de 1890. Organizada em torno das demandas, sobretudo da medicina, e focada na área de saúde mental, a escola, uma vez que nasce em hospital psiquiátrico, teve sua direção coordenada por profissionais médicos. Não vamos nos deter nas dificuldades de direção e administração do hospital gerando conflitos entre as Irmãs de Caridade e os médicos, fator que impulsiona a saída das irmãs em bloco da instituição e da necessidade urgente de treinamento de pessoal para assumir as funções de enfermagem (SOARES, 2001).

Para além da formação das enfermeiras profissionais, existiam cursos que preparavam voluntários. Nosso destaque vai para a Cruz Vermelha Brasileira, que foi organizada e instalada no Brasil em fins de 1908, tendo como primeiro presidente o médico Oswaldo Cruz. A Cruz Vermelha Brasileira foi destaque por sua atuação durante a I Guerra Mundial (1914-1918). Assim, com o advento da guerra, é que se fez necessária a prestação de serviço voluntário. Em 20 de outubro de 1914, iniciou-se o primeiro curso para formar o corpo de enfermeiras voluntárias, em seguida, foi criada a Escola Prática de Enfermeiras, na sede provisória da Cruz Vermelha Brasileira, em 16 de março de 1916, como também um novo curso para enfermeiras profissionais.

Durante a epidemia de gripe espanhola (1918), as voluntárias da Cruz Vermelha e as enfermeiras profissionais colaboraram na organização de trabalhos associados às questões sanitárias e de saúde pública, este momento foi marcante na história da enfermagem pelas campanhas, uma vez que foi preciso mais profissionais da área para atender às epidemias. As enfermeiras, além de se ocuparem com o cuidado físico dos pacientes, trabalhavam as profilaxias e orientações, por meio da educação, nas campanhas de vacinação, que eram comuns nesse período no país.

Em 31 de dezembro de 1921, pelo Decreto nº 15.230, criaram-se também as Escolas de Formação Sanitária Divisionárias, subordinadas à Diretoria de Saúde da Guerra. Estas escolas eram destinadas a formar enfermeiros militares que constituiriam exclusivamente o quadro de enfermeiros dos hospitais militares. Para “trabalhar as medidas sanitárias devidas, o governo da época nomeou Carlos Chagas” para dar um novo formato à política sanitária do país (FUNDAÇÃO ROCKFELLER, 2021).

Foi criado ainda o Departamento Nacional de Saúde Pública. Sob sua tutela, em 1923, ocorreu a instalação do Programa de Instrução da Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública, escola que posteriormente, em 1926, passou a ser denominada de *Escola de Enfermeiras Ana Neri*. A escola era pautada nos modelos de ensino americanos trazidos pelas enfermeiras da Fundação Rockefeller⁵⁷, na qual se mantém, em 15 de junho de 1931, pelo Decreto nº 20.109, que trata do exercício da enfermagem regulamentado pelo Governo brasileiro, estabelecendo como *escola padrão*, determinando, portanto, com este decreto, que o título de enfermeiro diplomado somente poderia ser utilizado por aqueles que tivessem seus diplomas expedidos pelas escolas ‘padrão’ (FUNDAÇÃO ROCKFELLER, 2021).

Nesse sentido, as próximas escolas criadas a partir daquela data deveriam, portanto, seguir os mesmos modelos e programa de ensino para serem autorizadas recebendo acreditação na forma da lei. Logo mais, temos o Quadro 15 que relaciona as escolas de enfermagem ‘padrão Ana Neri’ criadas/equiparadas em territórios brasileiros.

Quadro 15 – Escolas de enfermagem ‘padrão Ana Neri’ pelo Brasil.

Fortaleza/CE, 2021

(Continua)

Escola de Enfermagem (EE)	Cidade/Estado	Criação
EE Carlos Chagas	Belo Horizonte/MG	1933
EE Florence Nigthingale	Anápolis/GO	1933
EE Cruzeiro do Sul	Rio Verde/GO	1937
EE Hospital São Paulo	São Paulo/SP	1938
EE Luíza de Marillac	Rio de Janeiro/RJ	1939
EE Universidade de São Paulo	São Paulo/SP	1942
EE Hospital São Vicente de Paulo	Goiânia/GO	1943

⁵⁷Associação beneficente não governamental criada, em 1913, nos EUA, cuja missão era promover, no exterior o estímulo à saúde pública, ao ensino, à pesquisa e à filantropia; utilizava recursos próprios para realizar suas ações em vários países, principalmente nos subdesenvolvidos. A Fundação Rockefeller chega ao Brasil mediante entendimento realizado com o médico Carlos Chagas, chefe do DNSP, que, em viagem realizada em 1921 aos EUA, acertou a vinda de uma Missão de Cooperação Técnica para o Desenvolvimento da Enfermagem no Brasil. O Plano da Missão incluía a organização de uma escola de enfermeiras de alto padrão e de um serviço de enfermeiras de saúde pública, nos moldes norte-americanos. A referida Fundação permaneceu no Brasil por dez anos (1921-1931). Nessa mesma época a Fundação Rockefeller auxiliou na introdução da enfermagem em saúde pública em outros países latino-americanos, sendo eles, Chile, Panamá, Argentina, Colômbia e Venezuela. Disponível em: <http://www.rockefellerfoundation.org/about-us> Acesso 21/06/2021.

(Conclusão)

EE São Vicente de Paulo	Fortaleza/CE	1943
EE Estado do Rio	Nitéroi/RJ	1944
EE Magalhães Barata	Belém/PA	1944
EE Rachel Haddock Lobo	Rio de Janeiro/RJ	1944
EE Hugo Werneck	Belo Horizonte/MG	1945
EE Nossa Senhora das Graças	Recife/PE	1945
EE São Francisco de Assis	São Luiz/MA	1945
EE Hurmanita Beraldo	Juiz de Fora/MG	1946
EE Universidade da Bahia	Salvador/BA	1946
EE de Pernambuco	Recife/PE	1947
EE Frei Eugênio	Uberaba/MG	1948
EE Madre Maria Teodora	Campinas/SP	1949

Fonte: Adaptado de Oguisso *et. Al* p. 197, (2011).

Observando o Quadro 15, por esse período que vai desde o ano de 1933 ao ano de 1949, o que equivale a 16 anos, temos um total de dezoito escolas criadas em território brasileiro, sendo: na região Norte 5,2%(n=1) escolas criadas; no Centro-Oeste 15,8% (n=3); no Nordeste 27% (n=5); no Sudeste 52% (n=10) e no Sul nenhuma escola nesse período. A região Sudeste tem mais da metade das escolas e verificamos como polo o eixo Rio/São Paulo. Isto se dá, entre outros fatores, principalmente porque as escolas precisavam estar vinculadas a hospitais e, nestes centros maiores e mais desenvolvidos, em termos políticos, econômicos e sociais, o número de hospitais, embora não atendesse à grande demanda, ainda era em número bem superior, se comparado ao restante dos estados brasileiros, principalmente ao Ceará, estado com um passado pobre e com dificuldades contínuas de secas e epidemias que perduram até hoje.

Com esse panorama posto no Quadro 15 ressaltamos que a formação nessas escolas estava seguindo as leis e seus decretos que habilitavam diversas nomenclaturas para formação e ensino em enfermagem, dependendo da escola, foco e nível de formação a citar:

- a) Enfermeiro(a) Diplomado(a), Decreto nº 20.109, de 15 de junho de 1931.
- b) Enfermeiras obstétricas, Decreto nº 20.865, de 28 de dezembro de 1931.
- c) Parteira e enfermeira especializada Decreto nº 20.931, de 11 de janeiro de 1932.

- d) Enfermeiro obstétrico, Decreto nº 21.128, de 7 de março de 1932.
- e) Enfermeiros do Exército, Decreto nº 21.141, de 10 de março de 1932.
- f) Enfermeiros práticos Decreto nº 23.774, 22 de janeiro de 1934.

Para essas variações existiam, como antes assinalado, formações distintas nas escolas de cursos que exigiram menor escolarização e tempo de formação, aos que exigiam maior titulação e tempo, no caso, três anos para formação, como nos cursos para enfermeiros diplomados, este último tem como exemplo de cursista Glória Façanha. Essa variedade de formação e níveis com praticamente uma só denominação vai contribuir para uma disfunção de imagem e identidade da enfermeira enquanto profissional **por um longo tempo**, temática que não cabe ser aqui abordada. A ideia da escola padrão Ana Neri, surgia, à época, já como uma tentativa de integralizar modelo e programa de formação que, de certa forma, funciona até o surgimento da Lei nº 775, de 1949, na qual voltaremos a discutir.

Observando ainda o Quadro 15, identificamos que o Ceará é o primeiro estado do Nordeste a ter uma escola de enfermagem padrão “Ana Neri”, assim considerada em 1946, quando forma sua primeira turma de enfermeiras e recebe a visita da enfermeira representante do Ministério de Educação e Saúde, à época, também ocupando o cargo de diretora da Escola Ana Néri a senhora Laís Netto dos Reis

Essas escolas apresentadas no Quadro 15 inauguradas seguindo o “padrão”, até a promulgação da Lei n. 775 de 1949⁵⁸, sancionada pelo presidente Eurico Gaspar Dutra, lei que cria a figura do auxiliar de enfermagem e que muito se discutiu sobre seu texto, recentemente analisado, trazendo suas implicações para a profissão, pelas autoras Lopes e Nóbrega-Therrien (2019). No mesmo ano de promulgação da referida lei, surgiu o Decreto nº 27.426, de 14 de novembro, para facilitar sua aplicabilidade, trazendo algumas disposições mais específicas sobre o ensino da enfermagem no país. Este decreto aprovou o regulamento básico para o curso de formação da enfermeira e da auxiliar de enfermagem. Fechava-se um ciclo de modelo e tipo de escola e profissão: escola padrão e enfermeira diplomada e, claro, abria-se outro (LOPES e NÓBREGA-THERRIEN, 2019).

⁵⁸Brasil. Lei no. 775, de 6 de agosto de 1949. Dispõe sobre o ensino de enfermagem no Brasil e dá outras providências. Ministério da Saúde. Fundação de Serviços de Saúde Pública. Link <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1930-1949/l775.htm> acessado em 29/9/2021.

Extinto o padrão Ana Neri, possibilitou-se mais facilmente o surgimento de outras escolas, com os cursos de enfermeiras e auxiliares de enfermagem. A Lei. Nº 2.604/55⁵⁹, assinada pelo então presidente João Café Filho, surge posteriormente para facilitar esse processo ao regular o exercício da enfermagem profissional. Em seu texto, o Artigo 3º (BRASIL, 1955) dispõe sobre as atribuições dos enfermeiros, além do exercício de enfermagem, os de atuação nas escolas de formação, função que criou demarcadores nas histórias relatadas por ocasião também de trajetórias das pioneiras no ensino de enfermagem, seja: na participação no ensino em escolas de enfermagem e de auxiliar de enfermagem; seja na direção de escolas de enfermagem e de auxiliar de enfermagem; seja a participação nas bancas examinadoras de práticos de enfermagem, que demoraram muito para desaparecer das unidades hospitalares e de saúde pública.

Assim, com o tempo, o número de enfermeiras, que atuavam como professoras para formar seus pares para atuação profissional e também pedagogicamente, cresceu dentro das escolas de enfermagem brasileiras. Em nosso inventariado, na seção do Estado da Questão desta tese, tomamos conhecimento de outras profissionais enfermeiras que também marcaram história em suas regiões e cidades ao participarem desse processo de desenvolvimento de formação profissional.

Destacamos nos estudos inventariados, na seção do EQ: os de Oliveira e Silva (2018), que trataram da biografia da enfermeira Maria José de Oliveira, atuante da escola de enfermagem da Universidade Federal da Bahia (EEUFBA); no texto de Abrahão *et. al.* (2012), estes trouxeram a história de vida de Sidênia Alves Sidrão, cearense formada pela (EESVP). Ela foi professora, coordenadora e diretora da Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa (EEAAC), da Universidade Federal Fluminense (RJ); o de Santos *et.al.* (2010), contou a história de Waleska Paixão,

⁵⁹ Lei. Nº 2.604/55, de 17 de setembro de 1955. “Assinada no governo do presidente Café Filho, esta lei regula o exercício da enfermagem profissional. Destaca as atribuições das enfermeiras, dentre elas, administrar e ensinar. Já aos auxiliares de enfermagem com as demais ações práticas da enfermagem. A Lei 2064/55 perdurou até 1986 quando foi substituída pela Lei 7498/86, de 25 de junho 1986, assinada pelo então presidente José Sarney”. A Lei de 1986 está em vigor até os dias atuais.

Lei. Nº 2.604/55, de 17 de setembro de 1955 < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l2604.htm> acessado em 29/9/2021.

Lei 7498/86, de 25 de junho 1986 < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7498.htm> acessado em 29/9/2021.

nascida no Rio de Janeiro, que estudou e trabalhou na Escola de Enfermagem Carlos Chagas (EECC), depois, sua atuação foi na Escola de Enfermeiras Ana Néri (EEAN); teve forte atuação na história da enfermagem com suas publicações. Estas, entre tantas outras mulheres enfermeiras inventariadas no nosso EQ, fortaleceram os motivos historiográficos para registro da história e memória da nossa colaboradora Maria da Glória Ferreira Façanha.

A caminhada das escolas e ou faculdades e os cursos isolados para inserção em campos científicos universitários, sejam de enfermagem ou de outras profissões, são geralmente semelhantes ao que vai acontecer mais ou menos no país na década de 1950. Lembrando que, em outros países, a existência de universidades já era motivo suficiente para que almejássemos criá-las aumentando o padrão do ensino, da pesquisa, em solo brasileiro. Essa história é resgatada por Anísio Teixeira (1989) que apresenta as escolas em nível superior como instituições isoladas e voltadas principalmente para a formação profissional técnica e contínua.

Uma das mudanças ocorridas ao levar as escolas superiores a congregarem-se em universidades era a ampliação desses estudos que, para além do técnico, poderia desenvolver pesquisas e dar continuidade às atividades acadêmicas, inclusive de extensão. Com as escolas de enfermagem não acontece de forma diferente, é o que podemos pontuar em seções posteriores delineando o caminho percorrido pela Escola de Enfermagem SVP (1955-1975), bem como de outro curso de enfermagem que, no caso, já nasce em 1973, inserido em uma universidade privada, a Universidade de Fortaleza-UNIFOR. As duas, no estado do Ceará, possuem relação direta e estreita com a trajetória da nossa enfermeira docente Maria da Glória Ferreira Façanha.

5.3 Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo⁶⁰: criação e caminho de inserção em campos científicos universitários

A Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo foi a primeira criada para o ensino de enfermagem no estado do Ceará e primeira escola de enfermagem do Norte/Nordeste. Pelo Decreto nº133, de 24 de agosto de 1943, adquiriu personalidade

⁶⁰“Grande parte das informações postas no texto sobre a escola é proveniente das publicações da enfermeira e professora Sílvia Maria Nóbrega-Therrien e seu grupo de pesquisa”. NOBREGA-THERRIEN, 2015)

jurídica e, aos 9 de janeiro de 1946, pelo Decreto-Lei nº1.577/46, conforme documento, processo Nº 23001.000363/88-09 MEC/CFE, que trata do reconhecimento da licenciatura do curso de enfermagem na UECE. Assim, foi reconhecida como de utilidade pública (FRAZÃO, 1973, p.2). Foi no ano de 1946 também que a Escola de Enfermagem SVP foi equiparada à Escola Ana Néri, de acordo com o Decreto nº 21.855 - DOU 26/09/46, apresentado a seguir:

DECRETO Nº 21.855, DE 26 DE SETEMBRO DE 1946⁶¹.

Concede equiparação à Escola de Enfermagem "São Vicente de Paulo". O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, usando da atribuição que lhe confere o artigo 87, número I, da Constituição, Decreta:

Art. 1º Fica concedida equiparação à Escola de Enfermagem "São Vicente de Paulo", com sede em Fortaleza, no Estado do Ceará, para que goze de todos os direitos, vantagens e prerrogativas outorgados pela lei.

Art. 2º Este decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º Revogam-se as disposições em contrário.

Rio de Janeiro, 26 de setembro de 1946; 125º da Independência e 58º da República.

Eurico G. Dutra

Ernesto de Souza Campos

A Escola de Enfermagem SVP, diferentemente de outras escolas de enfermagem que apareceram agregadas a um hospital ou a uma escola de medicina, surge em um patronato da iniciativa de uma Congregação Católica (São Vicente de Paulo), portanto de orientação religiosa, bem como de anseios de uma sociedade civil com vasta demanda para atuação desse profissional no estado.

Antes da criação da Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo, ocorrem a criação e a equiparação do Patronato Nossa Senhora Auxiliadora⁶², responsável, então, pela criação da escola de enfermagem, mais especificamente, em março de 1942⁶³ após os primeiros cursos de formação emergencial de enfermeira.

⁶¹<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1940-1949/decreto-21855-26-setembro-1946-341734-publicacaooriginal-1-pe.html>. Consulta realizada em 13 de janeiro de 2021.

⁶²Fundada pela Ir. Margarida Breves, em 24 de maio de 1926, a instituição estava situada na Av. Imperador, 1490 – no bairro Centro, com o CEP. 60.015-051, em Fortaleza – Ceará. “Em seu histórico educativo, era mantida com verba federal recebida no final de cada ano letivo, subvenções do governador do Estado e de outros políticos e de bolsas de estudo oferecidas às alunas pela Campanha Nacional contra a Tuberculose. Foi de Ir. Margarida Breves também a iniciativa de conseguir o aval da Associação de São Vicente de Paulo para se tornar a mantenedora da nova Instituição”. Link: <<https://www.localprayers.com/BR/Fortaleza/110478132433971/Col%C3%A9gio-Nossa-Senhora-Auxiliadora>> acessado em 8/01/2021.

⁶³Em tempos de Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e sob a “chancela da Cruz Vermelha cearense e intermediada pelo Departamento Nacional de Saúde Pública do Ceará foi oferecido o primeiro curso para preparação de enfermeiras de emergência em Fortaleza. O segundo ofertado pela Cruz Vermelha ocorreu em junho de 1942, todos com duração de três meses e motivados pelo contexto

A Irmã Margarida Breves (Figura 2), primeira diretora da escola, teve a iniciativa de conseguir o aval da Associação São Vicente de Paulo para que esta se tornasse a mantenedora da nova instituição escolar, auxiliando financeiramente a Escola de Enfermagem SVP, até quando fosse possível (NÓBREGA-THERRIEN *et. al*, 2008). As questões financeiras da Escola de Enfermagem SVP sempre foram foco de constantes preocupações do seu corpo administrativo, motivo pelo qual a Irmã Breves, ocasionalmente, viesse aos jornais apelar pela ajuda da sociedade civil cearense.

Figura 2 – Irmã Margarida Breves – primeira diretora da Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo (1943-1946)



Fonte: NUDHIMEn

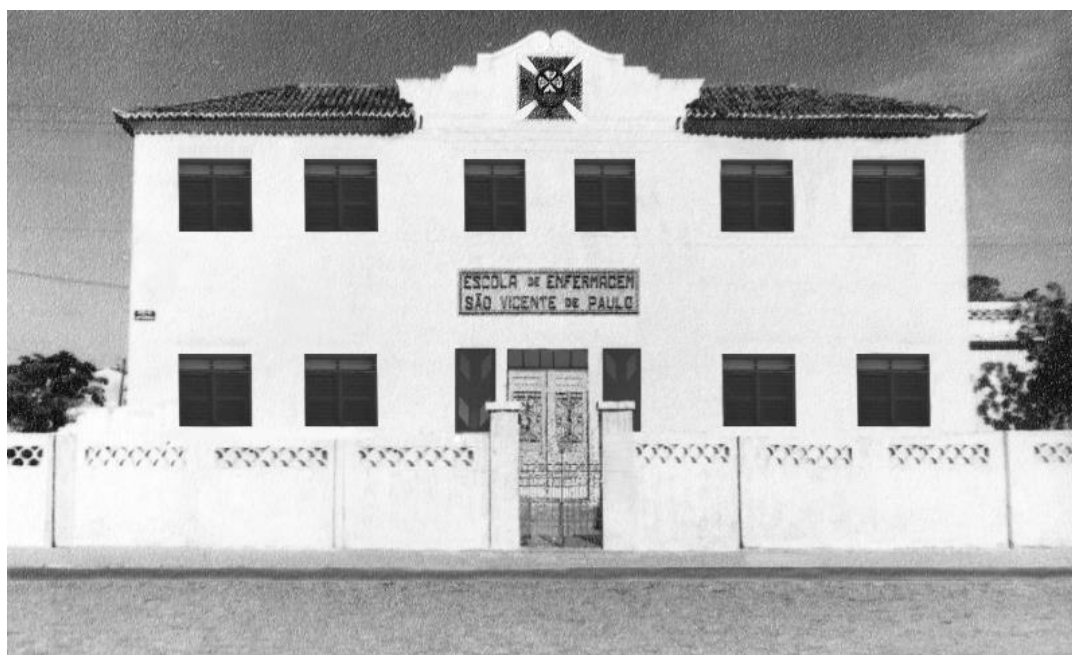
Quando a escola foi criada, sequer possuía prédio próprio, sendo este construído em terreno doado e a construção iniciada com a maior parte dos recursos vinda da congregação e de eventos produzidos pelas irmãs para arrecadação.

As aulas das primeiras turmas de alunas aconteceram por dois anos seguidos nas salas do Patronato Nossa Senhora Auxiliadora, pertencente à

bélico”, informação conferida através de pesquisa de reconstituição desse período histórico realizada por Nóbrega-Therrien e Almeida (2007, p. 254) e já publicada em outros veículos.

congregação. Somente no dia 25 de março de 1945 foi que o prédio da escola foi inaugurado⁶⁴. A seguir, a Figura 3 comprova sua grandeza como unidade educacional.

Figura 3 – Antigo prédio da Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo (1945)



Fonte: NUNDIHMEEn (2021).

Na Figura 3, vislumbramos a bela visão arquitetônica para a época. A estrutura possuía dois pisos e doze janelas, distribuídas equitativamente, dando equilíbrio estético à fachada do prédio. A coberta, composta de telhas portuguesas, encontra-se em harmonia com a estrutura central estilizada para inserir o monograma da escola, que é a Cruz de Malta⁶⁵, símbolo cristão utilizado pela congregação, sobressaindo nela a lâmpada e as palavras em latim *Luz A qua Luz* (luz de onde vem a luz) e as letras gregas - Alfa e Ômega que significam: início e fim (NOBREGA-THERRIEN, 2021, Visita Guiada do Museu). Na figura 4 a seguir temos a imagem da frente do prédio em dias atuais.

⁶⁴A escola teve o seu prédio próprio na Avenida do Imperador, 1.367, Fortaleza-Ceará, inaugurado em 25 de março de 1945 com seis salas de aula e as dependências para funcionamento do internato das alunas. “Em 16 de julho de 1946, após inspeção do Ministério da Educação e Saúde, a escola foi equiparada à Escola de Enfermagem Ana Néri, padrão no país; ano em que a escola conferia diploma a cinco concludentes do curso”. (NÓBREGA-THERRIEN; ALMEIDA e SILVA, 2008).

⁶⁵Monograma utilizado no alto da fachada do prédio da escola, em suas bandeiras, nos diplomas, braçadeiras e broches dos uniformes das alunas. Acervo da visita Guiada do Museu do NUNDIHMEEn (2021)

Figura 4 – Imóvel pertencente à Congregação das Irmãs de Caridade, onde funcionou a Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo (dias atuais)



Fonte: Fonte: Arquivo Elmo Vasconceloss.d.⁶⁶

Ressaltamos que a ideia de criação de uma escola de enfermagem no modelo “Ana Néri”, sendo ainda a primeira no Nordeste, era naquela época um grande desafio a ser assumido pela congregação. Arcar com a manutenção, sobretudo financeira da escola, não foi tarefa fácil. O estado, diante dos períodos prolongados de seca, respondia aos apelos financeiros da Irmã Margarida Breves apresentando sempre esses motivos para a recusa de ajuda.

Na linha do tempo, a Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo construiu uma trajetória em busca de excelência no ensino, inicialmente, com foco na técnica, depois, nos princípios científicos, nas teorias, na busca concreta pelo caminho de inserção em campos científicos universitários, temática na qual inserimos nosso debate e nossa protagonista, a enfermeira e docente Glória Façanha.

Já faz parte dos trabalhos publicados pelos membros do nosso grupo de pesquisa a divisão dos períodos de vivências demarcadas da escola. O primeiro, que se identifica como *escola isolada*, que vai de 1943 a 1955, quando ela se insere como

⁶⁶Professor do ProPgeo- Programa de Pós-Graduação em Geografia da UECE.

escola agregada na Universidade do Ceará. O segundo inicia-se com um novo período de vivências da escola, período que vai de 1955 a 1975, espaço no qual ocorre a luta da escola para sua anexação à UFC que compreende duas décadas de lutas e conflitos que toma corpo e define seus vencedores. Finalmente, no terceiro período, juntamente com outros cursos e faculdades, a escola funda a Universidade Estadual do Ceará, data que vai do ano de 1975 até o presente momento.

O período que vamos nos deter para analisar e debater é o segundo (1955-1975) quando a escola, como agregada da Universidade do Ceará (UFC a partir de 1965), luta pela sua anexação ou incorporação nessa universidade. Lembramos mais uma vez que a nossa protagonista, a enfermeira Maria da Glória Ferreira Façanha, insere-se nesse espaço temporal, mais precisamente nos anos de 1967, quando é convidada a participar da gestão da Escola de Enfermagem SVP, a 1972, término da gestão e ida para a Universidade de Fortaleza (UNIFOR).

Voltando ao caminho de criação e inserção em campos científicos universitários dos nossos cursos, escolas, faculdades, sobretudo no breve contexto do que existia no nosso ensino superior no Ceará.

As escolas e faculdades cearenses funcionavam de forma isolada. As escolas eram a periferia do ensino superior por serem julgadas menos intelectualistas e mais práticas. Daí a necessidade de se vincularem a outros cursos superiores para que fosse aprofundado o processo de fundamentação científica. Sob esse contexto, um dos passos estabelecidos pela diretora Irmã Margarida Breves e o diretor administrativo Jurandir Moraes Picanço⁶⁷ foi procurar uma associação/ agregação, no caso, a Universidade do Ceará, para buscar uma equidade no ensino, na construção

⁶⁷Jurandir Marães Picanço ajudou Irmã Breves a fundar a Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo, tendo sido professor e diretor administrativo. “Nasceu em Belém/PA, em 7 de janeiro de 1902, filho do seringalista Miguel de Aguiar Picanço e Gertrudes Marães Picanço. Veio criança para o Ceará. Formou-se em medicina no Rio de Janeiro, em 1927. Clinicou no Piauí, Rio Grande do Norte e Ceará. Foi médico do Pronto Socorro do Hospital de Isolamento da Saúde Pública Estadual e do Hospital Psiquiátrico São Vicente de Paulo. Exerceu a função de diretor clínico da Santa Casa de Misericórdia. Fundou e dirigiu a Casa de Saúde São Gerardo, do Instituto de Psiquiatria do Ceará. Foi um dos fundadores e professor da Faculdade de Medicina do Ceará. Recebeu valiosas comendas, condecorações e medalhas de entidades médicas. Foi autor de vários estudos sobre temas médicos, escreveu também Pedro Nava, memorialista (1973), História da Psiquiatria no Ceará (1975) e A Velhice na Sociedade Moderna (1976). Morreu em Fortaleza, no dia 4 de janeiro de 1977. É patrono da cadeira da Academia Cearense de Medicina. Portal da História do Ceará”. http://portal.Ceara.pro.br/index.php?searchword=jurandir+pican%C3%A7o&ordering=date&searchphrase=all&Itemid=133&view=pesquisa&option=com_pesquisa Acesso em 15 de janeiro de 2021.

do currículo e das disciplinas, atendendo ao ensejo de aprofundar as questões teórico-científicas.

Com a finalidade de nos ampararmos para essa construção da história da Escola de Enfermagem SVP, nesse processo que parte do período de agregação (1956), a “tentativa” de incorporação (1968) à UC, pesquisamos nas atas do Conselho Universitário (CONSUNI⁶⁸) da UC e também dialogamos com as obras do professor e primeiro reitor dessa universidade, Antônio Martins Filho⁶⁹, que já externalizava sua preocupação com essas atividades superiores isoladas, na qual defendeu:

É que, dando ao ensino superior unidade administrativa e didática, cria um ambiente propício ao desenvolvimento uniforme do ensino em todas as suas modalidades; possibilita meios para melhor aprendizagem técnico-científica; favorece e estimula o campo da pesquisa, estreitando os laços de solidariedade humana, no terreno cultural e social. (MARTINS FILHO, 2004, p. 13)

Sua ideia e de outros representantes de instituições isoladas era criar a primeira universidade do Ceará. Esse plano de ação e organização estava pautado na união de três categorias de estabelecimentos: a) mantidos pelo Governo do Estado, ou seja, a Escola de Agronomia, a Faculdade de Ciências Econômicas e a de Farmácia e Odontologia; b) a Faculdade de Direito, mantida pelo Governo Federal e c) Faculdade de Filosofia e Medicina, pertencentes a instituições privadas e que seriam agregadas em virtude de acordo com o Governo Federal. (MARTINS FILHO, p.13)

⁶⁸O Conselho Universitário da Universidade Federal do Ceará é o órgão superior deliberativo e consultivo responsável por traçar a política universitária e decidir em matéria de administração, inclusive gestão econômico-financeira. <http://www.ufc.br/a-universidade/administracao-da-ufc/84-conselhos-superiores> acessado em: 31/1/2021

⁶⁹Antônio Martins Filho foi professor do Liceu e de outras instituições de ensino de Fortaleza e, em 1945, tornou-se professor catedrático por concurso e doutor em direito pela Faculdade de Direito do Ceará. Em 1948, “toma a liderança no processo de criação da antiga Universidade do Ceará, atual UFC, que se torna uma “campanha política”, uma vez que, depois desse esforço de estabelecer bases para um projeto de universidade, tanto o governo de Faustino de Albuquerque quanto a mídia nacional, com debate na revista O Cruzeiro entre Martins Filho e Gilberto Freire, que defendia que a Universidade do Recife era suficiente para a região. A universidade foi finalmente criada em 1954 e instalada em 1955 e, até 1967, teve como reitor Martins Filho, que deu prosseguimento à criação de uma infraestrutura para a universidade criando a Imprensa Universitária, adquirindo o atual prédio da Reitoria e da Casa de José de Alencar e criando condições para que a universidade pudesse continuar crescendo. Aposentou-se em 1974, mas fundou também a Universidade Estadual do Ceará – UECE, em 1977, e a Universidade Regional do Cariri – URCA, em 1986. Foi membro do Conselho Nacional de Educação, na década de 1960, tendo permanecido no conselho por treze anos. Foi representante do Brasil na OEA, no comitê Latino-Americano de Avaliação dos Sistemas de Bolsas de Estudos. Colaborou para a fundação de mais vinte universidades brasileiras”. Fonte: Wikipédia https://pt.wikipedia.org/wiki/Ant%C3%B4nio_Martins_Filho acesso em: 29/12/2021.

Destas unidades isoladas, a primeira instituição de ensino superior cearense foi a Faculdade de Direito do Ceará, fundada em 1903, seguida da Faculdade de Farmácia e Odontologia do Ceará, criada três anos depois, em 1916, depois, a Escola de Agronomia do Ceará, criada em 1918, e a Faculdade de Medicina, criada em 1948, estas formaram, em 16 de dezembro de 1954, pela Lei federal 2.373, a Universidade do Ceará, sendo a primeira do estado.

Se por um lado a primeira Universidade era criada, por outro, havia a constante preocupação da Congregação Vicentina, não somente com a manutenção financeira da escola, mas com sua incorporação como curso de ensino superior a uma instituição universitária.

A preocupação por parte da congregação e também de alguns médicos professores dessa instituição, entre eles, o médico e professor Jurandir Picanço, e de enfermeiras já formadas, tinha como foco não somente que a universidade se responsabilizasse por sua viabilização contínua, enquanto curso, bem como contribuísse com a excelência do ensino e formação de uma profissão nobre e tão necessária à sociedade cearense.

Assim, os responsáveis pela Escola de Enfermagem SVP prepararam o documento de solicitação de agregação da escola à universidade. Sabe-se que a agregação implica em manter-se economicamente com autonomia não sendo amparada pelo governo, contudo o currículo e as demais atividades vigoram e equiparam-se no conhecimento teórico científico, como já exposto anteriormente pelo professor Martins Filho.

O pedido de agregação da Escola de Enfermagem SVP foi levado ao CONSUNI, que mantinha em suas reuniões os representantes das primeiras faculdades incorporadas, sejam elas: Direito, Medicina, Farmácia e Odontologia e Agronomia. As tomadas de decisões dos mais diversos pontos relacionados ao jurídico, financeiro e pedagógico da Universidade eram discutidas em sessões que, à época (1954), eram presididas pelo reitor Antônio Martins Filho, junto aos conselheiros que, por vezes, eram os diretores dos cursos ou representantes indicados por eles. Para melhor conhecer a história, fomos à Universidade Federal do Ceará, mais precisamente ao setor de arquivamento do CONSUNI, para coletar as atas das reuniões do período de estudo do nosso interesse (1955-1970), período de participação da Escola de Enfermagem SVP nessa universidade.

Nos anos de 1968 e 1969, a Escola de Enfermagem SVP teve pauta com discussões mais densas apresentadas ao CONSUNI. Vale ressaltar que esses anos marcaram as projeções da Escola de Enfermagem SVP de ser incorporada à Universidade Federal do Ceará (anos presenciados por nossa protagonista enfermeira Maria da Glória Ferreira Façanha) e que tratamos com mais detalhes ao longo dessa subseção.

As atas foram analisadas a partir de 1955, traziam como pauta prioritária e mais recorrente ao longo dos anos os aspectos financeiros, sejam em prestação de contas a decisões e remanejamentos de gastos dos recursos recebidos. Nesse íterim inicial, foi levado ao reitor da Universidade Federal do Ceará o processo de agregação da Escola de Enfermagem SVP à universidade. Na ata da terceira sessão ordinária do conselho Universitário, realizada em 10 de novembro de 1955, presidida pelo então reitor Antônio Martins Filho, ocorreu a votação do processo de agregação da Faculdade de Filosofia e da Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo à Universidade do Ceará, destacamos o seguinte trecho do documento:

AGREGAÇÃO À UNIVERSIDADE DA ESCOLA DE ENFERMAGEM SÃO VICENTE DE PAULO: O Magnífico Reitor passou o processo de agregação da Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo nas mãos do relator conselheiro Fernando Leite, que fez a leitura de seu parecer, ao qual anexou uma minuta do acordo de agregação. Procedeu-se, a seguir, como em relação ao processo da Faculdade de Filosofia. Encerrada a discussão, pôs o Magnífico Reitor a matéria em votação. Votaram todos os presentes aprovando o parecer do relator e a minuta de acordo, com as modificações sugeridas, consubstanciando a forma aprovada às mesmas condições estipuladas para a agregação da Faculdade de Filosofia, *ad-referendum* do Governo Federal, na forma da lei e do Estatuto da Universidade. (CONSUNI, Ata 3ª Sessão 10/11/1955)

Após a votação do parecer de Agregação da Escola de Enfermagem SVP à UC, o documento foi enviado ao Conselho Nacional de Educação para ser homologado. Na ata da quinta sessão do dia 9 de dezembro de 1955 consta a fala do reitor Antônio Martins Filho declarando:

Terem recebido parecer favorável do Conselho Nacional de Educação e que estavam no Gabinete do Ministro para homologação. Os órgãos competentes do Ministério também se pronunciaram favoravelmente aprovação da decisão do Conselho Universitário nos referidos processos e manifestaram a opinião de que os mesmos estavam muito bem instruídos. Uma vez homologados pelo Ministro de Estado, voltariam à Universidade, a fim de serem lavados os acordos de agregação. (CONSUNI, Ata 5ª Sessão, 09/12/1955)

Em 10 de janeiro de 1956, na sexta sessão do conselho universitário, o reitor Antônio Martins Filho comunicou:

Sua Ex.^a, o ministro da Educação e Cultura, Dr. Abgar Renault, homologou dois pareceres do Conselho Nacional de Educação sobre a agregação à Universidade da Faculdade de Filosofia e da Escola de Enfermagem, ambos favoráveis à medida pleiteada. Fez, a seguir, a leitura da íntegra dos aludidos pareceres e declarou que, estando **encerrados os processos de agregação das duas escolas, faltava apenas a assinatura solene dos respectivos termos de acordo**. Propunha que **o ato se realizasse por ocasião da próxima instalação da Escola de Engenharia da Universidade**. O Reverendíssimo Irmão Estanislau Fernandes, representante legal da entidade mantenedora da Faculdade de Filosofia, e a **Reverendíssima Irmã Cecília Fernandes**, diretora da Escola de Enfermagem, que haviam sido convidados pelo Magnífico Reitor para assistir àquela sessão, o que **deveriam assinar os acordos de agregação, concordaram também com a fixação da data referida**. Pedindo a palavra, a Irmã Cecília Fernandes expressou seus agradecimentos ao Magnífico Reitor e aos demais membros do Conselho Universitário, pelo interesse e boa vontade demonstrados no processo de agregação de sua escola à Universidade. (CONSUNI, Ata 6^a Sessão, 10/1/1956)

Após a apresentação dos novos membros do conselho o Irmão Estanislau Fernandes e A Irmã Cecília Fernandes (Maria Hercília Fernandes Pequeno) são convocados para participar das próximas reuniões. Nessa reunião (10/1/1956) de apresentação, não fica clara a função participativa deles no conselho. Em continuidade à análise das atas do CONSUNI localizamos na ata da nona sessão, do dia 17 de fevereiro de 1956, a pauta sobre a participação das faculdades e escolas agregadas no Conselho Universitário. Segue trecho da ata nona 17/2/1956:

PARTICIPAÇÃO NO CONSELHO UNIVERSITÁRIO DAS FACULDADES AGREGADAS A UNIVERSIDADE:

Tendo em vista que no **dia vinte e um (21) de janeiro passado foram assinados os acordos de agregação entre a Universidade** e a Faculdade Católica de Filosofia do Ceará e a Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo, que passaram a denominar-se Faculdade de Filosofia e **Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo da Universidade do Ceará**, propôs o Magnífico Reitor que fossem convidados para participar das sessões do Conselho Universitário os diretores das unidades, observadas as restrições estatutárias no que diz respeito ao direito de voto, **por não contarem ainda as referidas escolas com professores catedráticos efetivos**. A proposta foi aprovada por unanimidade. (CONSUNI, Ata 9^a Sessão, 17/2/1956)

Na ata da nona sessão apresentada acima verificamos que os representantes de escolas agregadas não têm direito a voto por restrições estatutárias da universidade, como apresentado na justificativa de ausência de professores

catedráticos no curso, mais adiante, em outras atas, sobrevém uma melhor explicação sobre esse assunto.

A seguir, verificamos que a diretora da Escola de Enfermagem SVP da Universidade do Ceará, Irmã Cecília Fernandes (Maria Hercília Fernandes Pequeno), manteve-se presente às reuniões do CONSUNI. Isto foi localizado principalmente por sempre haver o registro no documento com seu nome no início das sessões e/ou no final. A exemplo, temos na décima sessão do conselho universitário, do dia 22 de março de 1956, a localização, pois, ao final da ata, encontra-se o nome da diretora Irmã Cecília Fernandes, que representava a escola nas reuniões do conselho universitário, e, em sua ausência, poderia responder a Irmã Leonie (Syrena de Castro Bonfim), fato ocorrido nas atas da 27ª sessão, de 30 de dezembro de 1957, e 22ª sessão, de 29 de janeiro de 1958.

A Irmã Cecília Fernandes fez parte da segunda diretoria da Escola de Enfermagem SVP/UC, ficou como diretora da escola no período de 1946 a 1958. Abaixo, elencamos os momentos de participação da irmã nas reuniões.

Na reunião da 12ª sessão, de 11 de março de 1957, Irmã Cecília Fernandes convidou o conselho universitário a participar de uma aula inaugural com palestra proferida pelo professor Ubirajara Negreiros.

Em ata da 16ª sessão, de 5 de julho de 1957, a Ir. Cecília Fernandes foi parabenizada pelo magnífico reitor Antônio Martins Filho, pelo auxílio que tinha sido aprovado para melhoria das instalações da escola. A irmã agradeceu e convidou o reitor e todos do conselho a participarem da formatura de conclusão de mais uma turma de enfermeiras, no dia 19 do mesmo mês.

Não há registro de pauta da escola nas reuniões seguintes até a 32ª sessão, de 14 de novembro de 1958, quando na pauta é anunciada a mudança de diretoria da Escola de Enfermagem SVP. O reitor Antônio Martins Filho apresentou a nova diretora, Irmã Syrena de Castro Bonfim, e homenageou a Irmã Cecília Fernandes pelos relevantes serviços prestados à Universidade do Ceará.

A Irmã Syrena de Castro Bomfim (Ir. Leoni) foi diretora juntamente com outras duas irmãs, a Ir. Eneida Ferreira Schramm e Ir. Áurea dos Santos Silva. As três compuseram a terceira diretoria da Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo, de 1958 a 1965. Praticamente uns oito anos, o que evidenciava uma não regularidade temporal nos mandatos dessas diretorias. No ano de início dessa terceira diretoria, o

curso de auxiliar de enfermagem é reconhecido pelo Governo Federal, conforme o decreto a seguir:

Decreto nº 44.052, de 22 de julho de 1958⁷⁰

Concede reconhecimento ao curso de auxiliar de enfermagem da Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, usando da atribuição que lhe confere o artigo 87, item I, da Constituição, e nos termos do artigo 14 da Lei nº 775, de 6 de agosto de 1949, decreta:

Artigo único. É concedido reconhecimento ao curso de auxiliar de enfermagem da Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo, mantida pela Associação de São Vicente de Paulo, situada em Fortaleza, Capital do estado do Ceará, e agregada à Universidade do Ceará.

Rio de Janeiro, em 22 de julho de 1958; 137º da Independência e 70º da República. Juscelino Kubitschek Clóvis Salgado Este texto não substitui o original publicado no Diário Oficial da União - Seção 1 de 4/9/1958

Vê-se, no decreto, a posição da Escola de Enfermagem SVP enquanto agregada à Universidade do Ceará. Os certificados e diplomas da escola já saíam com o nome da Universidade do Ceará.

Na ata da 34ª sessão, de três de janeiro de 1959, foi esclarecido pelo reitor Antônio Martins Filho que assuntos relacionados à constituição da comissão de Finanças e Orçamentos deveriam votar e ser votados apenas pelos diretores e representantes das unidades federadas, enquanto os assuntos relativos à comissão de Ensino e Legislação votariam agora também os diretores das escolas agregadas. Com essa decisão, a direção da Escola de Enfermagem SVP passa a exercer direito de voto na comissão de ensino.

A Ir. Syrena de Castro Bomfim colocou em pauta, na 39ª sessão, de 30 de junho de 1959, o processo de nº 3371/59 do Concurso de Habilitação da Escola de Enfermagem SVP. A diretora comunicou que o conselho técnico-administrativo da referida unidade universitária resolveu, com a finalidade de melhor selecionar os candidatos ao curso de enfermagem e melhorar o nível cultural das futuras enfermeiras, acrescentar a cadeira de português no concurso de habilitação. O pedido foi aprovado por unanimidade no conselho. Dos meses de julho a novembro não tivemos a Escola de Enfermagem SVP em pauta nas reuniões.

Na última reunião do ano de 1959 vemos na pauta do orçamento para o ano de 1960. Ata da 45ª sessão, de 23 de dezembro de 1959:

⁷⁰<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1950-1959/decreto-44052-22-julho-1958-383213-publicacaooriginal-1-pe.html> acessado em 20 de janeiro de 2021

Solenidade única de colação de grau:

Reportou-se inicialmente a solenidade única de colação de grau dos concludentes de cursos de 1959, das várias escolas e faculdades da Universidade do Ceará, realizada no dia 16 de dezembro, destacando o êxito de que se revestira a cerimônia, na Concha Acústica e Auditório da Reitoria. Disse que brilhantismo daquela festa constituir, sem dúvida, um motivo de estímulo no sentido de maior esforço para só assegurar, nos anos futuros, um caráter ainda mais imponente a solenidades idênticas.

Orçamento da República para 1960:

A seguir, referiu-se o Magnífico Reitor à publicação no Diário Oficial da União, de 14 de dezembro de 1959, do orçamento geral da República para 1960, salientando que já agora dispunha a Reitoria dos acessórios elementos para a elaboração da proposta do orçamento interno da Universidade para o próximo exercício. Informando que há verbas consignadas no orçamento da República para a Universidade do Ceará - excluídas as dotações para o Instituto de Tecnologia Rural e outras resultantes de convênios -totalizando a importância de 45071025000 (quatrocentos e cinquenta milhões, setecentos e dez mil e duzentos e cinquenta cruzeiros), fez, a propósito, um estudo comparativo dessas verbas com as das universidades congêneres e teceu considerações sobre a situação da nossa universidade em relação às demais do país. Aludiu as verbas específicas destinadas às escolas agregadas, tais como: a Faculdade de Filosofia, a Faculdade de Ciências Econômicas, a Escola de Enfermagem e a Escola de Serviço Social, acentuando que todas foram majoradas em relação ao exercício anterior. Ressaltou, finalmente, que as rendas próprias previstas para 1960 montam a importância de Cr 681600000 (seis milhões oitocentos e doze mil e seiscentos e cinquenta cruzeiros), que, adicionadas aos fundos provenientes do Orçamento Geral da República, totalizam a importância de Cr. 457.526.250,00 (quatrocentos e cinquenta milhões, quinhentos e vinte e seis mil e duzentos e cinquenta cruzeiros).

Verba de representação:

Ainda com palavra, informou o Magnífico Reitor que, reunida a Comissão de Finanças e Orçamento, está na forma do Regimento Interno do Egrégio Conselho Universitário e de posteriores decisões deste, resolvera fixar, para o exercício de 1960, as gratificações de representação vigorantes em 1959, com uma majoração de 20% (vinte por cento), abrangendo essa majoração o "Jeton" atribuído aos representantes das congregações e dos estudantes, junto ao mencionado órgão, e aos diretores das escolas agregadas, que também o integram. (CONSUNI, Ata 45ª 23/12/1959)

Na ata supracitada, de 23 de dezembro de 1959, é votado o orçamento com destino/distribuição da verba esperada à instituição. Chamou-nos atenção a palavra "*jeton*", que, no caso dessas reuniões, era a gratificação financeira dada ao conselheiro por sua participação nestas.

Nos anos de 1960 e 1961, não ocorreram registros da Escola de Enfermagem SVP em pauta, constavam, como já colocamos no início, registros de ordem financeira e educacional envolvendo as faculdades federadas, em sua maioria,

e, ao longo desses dois anos, apenas dois registros de pauta da Escola de Filosofia (agregada), sobre cursos de extensão.

A seguir, foram apresentadas as emendas do Estatuto Federal referente às Escolas Agregadas, na Ata de reunião da 89ª Sessão, de 19 de junho de 1962:

TÍTULO V - Dos estabelecimentos agregados: Falando pela Comissão especial, como seu relator, o conselheiro Renato Braga esclareceu que, de acordo com emendas aprovadas pela mesma comissão à matéria estatutária relativa a estabelecimentos agregados, deveria constituir o TÍTULO V, por ele lido e, a seguir, discutido e aprovado pela unanimidade dos senhores conselheiros e na íntegra transcrito a seguir:

TÍTULO V - DOS ESTABELECIMENTOS AGREGADOS –

Capítulo I - AGREGAÇÃO –

Art. 82 - Os estabelecimentos isolados, mantidos pelo poder público estadual, municipal e por entidades privadas, com sede em qualquer localidade do estado do Ceará, quando reconhecidos na forma da Lei, poderão ser agregados à universidade, desde que assim o requeiram as respectivas entidades mantenedoras e a agregação seja concedida por deliberação aprovada por dois terços ($\frac{2}{3}$) dos membros do Conselho Universitário.

1º - A agregação será feita por meio de convênio e terá por objetivo a orientação, a fiscalização e o aperfeiçoamento das atividades de ensino, pesquisa e extensão.

2º - O estabelecimento conservará sua denominação, acrescida de sua condição de agregada à universidade.

Art. 83 - O estabelecimento agregado ficará sujeito às demais disposições do presente Estatuto, no que não estiver expressamente disposto neste Título.

CAPÍTULO II - ADMINISTRAÇÃO –

Art. 84 - A Universidade não interferirá na administração e nas finanças dos estabelecimentos agregados, que permanecerão sob o controle das entidades que os mantêm.

Art. 85 - O diretor do estabelecimento agregado será designado pela entidade mantenedora, na forma do respectivo regimento.

Art. 86 - O diretor do estabelecimento agregado apresentará anualmente ao reitor relatório circunstanciado das atividades desenvolvidas pela unidade no período considerado.

Parágrafo único - Além do relatório a que se refere este artigo, o diretor prestará ao reitor e ao Conselho Universitário as informações que lhe forem solicitadas, quanto aos diversos aspectos abrangidos pela agregação.

Art. 87 - Cada estabelecimento agregado se fará representar no Conselho Universitário pelo respectivo Diretor. Parágrafo único - o representante do estabelecimento agregado junto ao Conselho Universitário não poderá: a) votar e ser votado na composição da lista tríplice para escolha do Reitor e no processo de eleição do Vice-Reitor; b) participar do processo de destituição do Reitor; c) deliberar em matéria de economia e finanças da Universidade; d) participar de deliberação sobre o provimento de cátedras das unidades incorporadas.

Art. 88 - Os estabelecimentos agregados prestarão contas ao Reitor de quaisquer auxílios porventura recebidos diretamente da Universidade e, por intermédio do Reitor, ao Ministério da Educação e Cultura, de quaisquer auxílios ou subvenções recebidos da União. CAPÍTULO III- CORPO DOCENTE –

Art. 89 - À admissão de professores nos estabelecimentos agregados será feita na forma dos respectivos regimentos e dependerá de aprovação do Conselho Universitário, quanto à idoneidade profissional dos candidatos escolhidos.

CAPÍTULO VI- DESAGREGAÇÃO –

Art. 90 - A desagregação poderá ocorrer por iniciativa da Universidade ou da entidade mantenedora do estabelecimento agregado, dependendo, na primeira hipótese, de aprovação do Conselho Universitário por maioria de votos dos seus membros componentes. (CONSUNI, Ata 89ª 19/6/1962)

Nessa ata (19/6/1962) fica mais bem esclarecida a participação das escolas agregadas nas reuniões do conselho universitário. Pelo proposto no documento, uma escola agregada à universidade ganha apoio nas atividades de ensino, pesquisa e extensão, proposta já desejada pelo professor e reitor Martins Filho. Confirma-se ainda o que fora visto em atas anteriores que os representantes de escolas agregadas têm sua participação nas decisões das reuniões bem limitada, visto que não podem emitir seu voto para assuntos que não sejam sobre ensino. Os registros analisados até o momento nos apresentam precisamente a comunicação sobre cursos de extensão, colação de grau e ações diretas ao pedagógico da Escola de Enfermagem SVP. No entanto, sabemos que a parte financeira é ponto de tensão e, desde as primeiras atas, percebe-se que o rateio do investimento federal vai para as instituições incorporadas, o que para Escola de Enfermagem SVP causa um impacto por essa ser também uma fragilidade que inicialmente se pensou que seria sanada. Com efeito, na ata da 82ª sessão ordinária do conselho universitário, de 7 de dezembro de 1962, a Escola de Enfermagem SVP recebe um auxílio, como verificamos no registro a seguir:

Auxílio do Ponto IV - à **Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo**: À irmã Eneida Schramm, Diretora da Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo, **comunicou que recebera** naqueles dias a visita de assessor da Organização Mundial da Saúde, do Ponto IV, que viera estudar um plano de ajuda ao curso de auxiliares de enfermagem, em 1963. O auxílio, que será dado em equipamento e através da concessão de bolsas de estudos, constituirá preciosa colaboração à escola. (CONSUNI, Ata 82ª 07/12/1962)

Em reunião, com a participação da Irmã Eneida Schramm, inferimos que, na ata do dia 7 de dezembro de 1962, ela partilha uma proposta de ação da Organização Mundial da Saúde (OMS) para melhorar os equipamentos da escola e oferecer bolsa de estudos às alunas do curso de auxiliar de enfermagem. Não esteve presente nas outras atas a efetivação dessa ajuda da Organização Mundial de Saúde e mais detalhes sobre a ação.

Nos anos de 1963, a Escola de Enfermagem SVP não entrou com nenhuma pauta, embora tenhamos visto o registro, seja no início das atas ou no final, o nome da Irmã Áurea dos Anjos como representante da diretoria da escola. Infelizmente não temos registro do ano de 1964 (como dito anteriormente esta pasta não fora localizada

no arquivo da universidade). No ano de 1965, a Universidade do Ceará passa a chamar-se Universidade Federal do Ceará – UFC, seguindo a padronização das federais de todo o Brasil. Nesse ano de 1965, a Escola de Enfermagem SVP esteve com pauta em duas reuniões. A primeira, em 5 de fevereiro, na qual a Irmã Syrena de Castro Bonfim teve a palavra facultada para informar que reassumiria as suas funções de diretora da Escola de Enfermagem SVP, das quais esteve afastada por motivo superior. Na ocasião, o reitor Martins Filho disse que era motivo de satisfação seu comparecimento e solicitou que este fosse registrado em ata.

E em 2 de julho de 1965, na ata da sessão 113ª, a Irmã Syrena de Castro Bonfim informou ao conselho que o Curso de Extensão Universitária realizado pela Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo tinha alcançado seus objetivos, graças aos esforços dos professores e encarregados do curso. Informou ainda que, a fim de participar do XVII Congresso de Enfermagem, a realizar-se no estado da Guanabara, deveria ausentar-se por trinta dias.

Com a 122ª sessão ordinária, em 1º de abril de 1966, é anunciada a representante da quarta diretoria da Escola de Enfermagem SVP. Sob a responsabilidade da Irmã Antônia Alves de Oliveira.

POSSE DA NOVA DIRETORA DA ESCOLA DE ENFERMAGEM SÃO VICENTE DE PAULO COMO MEMBRO DO CONSELHO UNIVERSITÁRIO: O Magnífico Reitor anunciou que estava presente ao recinto a Irmã Antônia Alves de Oliveira, recentemente designada para exercer as funções de diretora da **Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo**, devendo, nessa qualidade, tomar posse como representante da referida escola junto ao Conselho Universitário. Depois de prestar o compromisso de praxe e de assegurar o seu propósito de respeitar as leis vigentes no país, bem como **as normas regimentais e estatutárias em vigor**, o Magnífico Reitor declarou a Irmã Antônia Alves de Oliveira empossada em suas novas funções, congratulando-se com o conselho por aquelas investiduras. (CONSUNI, Ata 122ª 01/04/1966)

Como anunciado desde a terceira diretoria da escola, o documento com o nome da diretora é levado ao conselho para sua aprovação e, após esse anúncio, se positivo, a diretora passa a frequentar as reuniões. Das atas estudadas até o momento, todas as diretorias apresentadas foram aprovadas pelo conselho.

Não há registro de assuntos da Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo nas atas do ano de 1967. No entanto, alguns fatos relevantes foram constatados nos documentos, como a mudança de reitor, pois passa a exercer essa função o professor e médico Fernando Leite, que fora representante no conselho como diretor

dos cursos de Farmácia e Odontologia, e que permaneceu na função de reitor até o ano de 1971. No ano de 1967 é iniciada a reforma universitária⁷¹, na ata de 11 de janeiro de 1967 está em pauta a construção de normas para servir de orientação nos trabalhos da reforma universitária. Nesse mesmo ano, há o registro da greve dos estudantes universitários, ocasionando a parada nas atividades da universidade. Nas atas de 1967, os registros apresentam a presença da Irmã. Antônia Alves de Oliveira como diretora da Escola. No ano de 1968, é oficializada a entrada da enfermeira Glória Façanha na Escola de Enfermagem SVP. Ratificamos a informação com a ata da 145ª sessão ordinária, de 9 de maio, com o registro da Escola de Enfermagem SVP:

LEITURA DE EXPEDIENTES ORIGINÁRIOS DA ESCOLA DE ENFERMAGEM SÃO VICENTE DE PAULO:

Antes de dar início aos trabalhos da Ordem do Dia, o Magnífico Reitor trouxe ao conhecimento do Conselho o teor de dois (2) expedientes originários da Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo, agregada a esta Universidade, datados, respectivamente, de **dois e seis de maio do ano em curso**. O primeiro dizia respeito ao afastamento, para o exterior, da Diretora da referida Escola, Irmã Antônia Alves de Oliveira, a fim de participar de um Congresso a realizar-se em Munique, na Alemanha, como também de submeter-se a um estágio de treinamento profissional no Antigo Continente. Quanto ao segundo expediente, continha a informação de que, para substituir a atual Diretora durante a sua permanência no exterior, havia sido constituída uma **Diretoria Colegiada** para responder pela administração da mencionada Escola, estando composta dos seguintes membros: Irmã Syrena de Castro Bonfim (Presidenta), **Maria da Glória Façanha**, Rachel Gomes de Mattos Bastos, Lígia Barros Costa, Irmã Tereza Bezerra Bessa, Irmã Orminda Santana de Oliveira, Irmã Francisca das Chagas Figueiredo e Maria Valquíria Albuquerque Sacramento. O Magnífico Reitor manifestou, finalmente, satisfação de todos os membros do Conselho em virtude da presença no plenário da Irmã Syrena de Castro Bonfim, na qualidade de Presidenta da Diretoria Colegiada que responde atualmente pela administração da Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo. (CONSUNI, Ata 145ª 09/05/1968)

⁷¹ A reforma universitária da ditadura militar (às vezes chamada também de reforma universitária de 1968) trata-se de uma série de leis que modificaram o ensino superior no Brasil, nas décadas de 1960 e 1970, incluindo como medidas, dentre outras, a substituição do sistema de cátedras pelo de departamentos, institutos e centros, e a desintegração das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras. Dentre alguns importantes marcos da reforma amparados pelo Ato Institucional n. 5 (1968), estiveram o Relatório Atcon (1966, 1970), a Lei n. 5.540 (1968), o Relatório Meira Mattos (1968), e o Decreto-lei n. 477 (1969).

Em termos territoriais, a reforma representou uma mudança de organização. No Brasil, as primeiras universidades, datadas do início do século XX, foram instituídas pela reunião de faculdades isoladas já existentes. Mais tarde, veio o modelo de cidade universitária, com faculdades autônomas, em edifícios isolados, distribuídos em uma extensa área, urbana ou rural. Com a reforma universitária, adotou-se o modelo americano de campus, com instalações separadas das cidades, possuindo edifícios com funções bem delimitadas, primando pelo racionalismo da arquitetura modernista.

Wikipédia acessado em 31/1/2021

Nessa ata, trata-se do comunicado da ausência da Irmã Antônia Alves de Oliveira por motivo de formação profissional e, para sua substituição, é criada uma diretoria colegiada. Apesar de verificarmos na ata os nomes de oito pessoas, sejam elas: Irmã Syrena de Castro Bonfim (presidenta), Maria da Glória Façanha, Rachel Gomes de Mattos Bastos, Lúgia Barros Costa, Irmã Tereza Bezerra Bessa, Irmã Orminda Santana de Oliveira, Irmã Francisca das Chagas Figueiredo e Maria Valquíria Albuquerque Sacramento.

Destas citadas, duas, a Irmã Orminda Santana de Oliveira e Maria Valquíria Albuquerque Sacramento, estavam como apoio, sendo esta última a secretária da escola, que tanto se dedicou e trabalhou quando a enfermeira Glória Façanha assumiu a diretoria sozinha, sendo Valquíria Sacramento, inclusive, assim como nossa protagonista, uma das homenageadas na inauguração do NUDIHME.

É nessa quinta diretoria, portanto, que nossa protagonista, a enfermeira Maria Glória Ferreira Façanha, insere-se.

Em material doado pela enfermeira Glória Façanha, temos a seguinte transcrição de sua participação na Escola de Enfermagem SVP:

- Membro da direção colegiada – Maio a dezembro de 1968.
- Atuou no Curso de Auxiliar de Enfermagem; ministrou Higiene e Profilaxia – de 1969 a 1971.
- Dia 31.12.1969 – Irmã Carmélia Nogueira – visitadora, em exercício, da Associação de São Vicente de Paulo, nomeia a enfermeira Maria da Glória Ferreira Façanha, na qualidade de diretora da Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo, e a secretária Maria Valquíria Albuquerque Sacramento como tesoureira.
- Diretora da Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo – Janeiro 1969 a abril de 1972. (Material pessoal de Glória Façanha).

Nos meses de junho a novembro de 1968, não há registros em pauta da Escola de Enfermagem SVP.

Encontramos na ata 266^a da sessão, de 13 de dezembro de 1968 (Anexo B), dois pontos em pauta. O primeiro pronunciado pela Irmã Syrena de Castro Bonfim que comunicou ao conselho haver recebido expediente originário do Ministério da Educação e Cultura, destinado a atender encargos com o aproveitamento de alunos excedentes de 1967 na Escola de Enfermagem SVP.

CONTRIBUIÇÃO DESTINADA À ESCOLA SÃO VICENTE DE PAULO, PELO
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA:

A Exma. Sra. Irmã Syrena de Castro Bonfim comunicou ao conselho haver recebido expediente originário do Ministério da Educação e Cultura, com a informação de que o titular da Pasta, professor Tarso Dutra, havia concedido uma contribuição, na importância de N\$ 9.000,00 (nove mil cruzeiros novos), destinada a atender aos cargos com o aproveitamento de alunos excedentes de 1967, da Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo. O Magnífico Reitor congratulou-se com a diretoria da referida escola e declarou que, sobre o assunto, recebera igualmente comunicação do Ministério da Educação, através do Retemec. (CONSUNI, Ata 266ª 13/12/1968)

Ainda nessa reunião (13/12/1968), como segundo ponto em pauta foi lido o processo nº 15.660/68 (memorial dirigido à Reitoria pela Escola de Enfermagem SVP) que está em anexo na íntegra. O conselheiro Eduardo Saboia de Carvalho submeteu o processo para análise do conselho que registrou o interesse da escola de enfermagem em ser federalizada. Abaixo alguns trechos:

PROCESSO NÚMERO 15.660/68 (MEMORIAL DIRIGIDO À REITORIA PELA
ESCOLA DE ENFERMAGEM SÃO VICENTE DE PAULO)

Abertos aos trabalhos da Ordem do dia, o Magnífico Reitor submeteu inicialmente ao exame do Conselho o processo número quinze mil, seiscentos e sessenta (15.660), relativo a um memorial que lhe fora endereçado pela direção da Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo, no qual pleiteia a sua federalização. Encaminhado o processo a consideração do Vice-Reitor para Assuntos de Planejamento e Finanças, este proferiu despacho no sentido de ser a matéria submetida, preliminarmente, ao exame da Comissão de Implantação da Reforma Universitária. Após os necessários estudos por parte do órgão acima referido, este se manifestara sobre o assunto de que se ocupa o processo em causa, através do seguinte pronunciamento: O Magnífico Reitor submete à apreciação da Comissão de Implantação da Reforma Universitária a exposição de motivos com que a Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo pleiteia a sua integração entre as unidades que compõem a Universidade Federal do Ceará, em razão de carência de recursos e dificuldades outras que impossibilitam o seu funcionamento como instituição de natureza privada.

Era, portanto, favorável a que o Conselho visse, com simpatia, a solicitação de Escola de Enfermagem e aprovasse o memorial em que se postulava e sua incorporação a esta Universidade.

A Diretora da Escola de Enfermagem usou a seguir da palavra, a fim de prestar alguns esclarecimentos ao Conselho. Declarou que, ao tratar do caso junto ao Ministério da Educação e Cultura, havia sido informada, pelo titular da Pasta, de que o problema da federalização da Escola de Enfermagem depende do interesse que a Universidade viesse a manifestar pela iniciativa, desejava, por isso, chamar a atenção do Conselho para a importância da sugestão apresentada pelo Vice-Reitor Aílton Gondim Lóssio, no sentido de ser o processo submetido à consideração do MEC através de exposição de motivos, em que ficasse expresso o desejo da Reitoria, de ver efetivada a federalização.

A esse tempo, em discursos e palestras informais, já havia assumido o compromisso de trabalhar pela incorporação da referida Escola à Universidade, apesar de ter encontrado certa relutância em torno da iniciativa. O Magnífico Reitor concluiu as suas palavras fazendo um apelo aos senhores membros do Conselho, no sentido não apenas de aprovar o parecer da Comissão de Ensino e Legislação, favorável que fosse o processo encaminhado ao Ministério da Educação e Cultura, mas também a sugestão do Vice-Reitor Ailton Gondim Lóssio, para que o assunto fosse encaminhado através de exposição de motivos, em que dada.

O conselheiro Walter de Moura Cantídio (Diretor da Faculdade de Medicina) votou a favor do parecer da Comissão de Ensino e Legislação. Votou, entretanto, contra a sugestão para que o processo fosse encaminhado ao MEC através de exposição de motivos, com manifestação expressa da Reitoria no sentido de ser efetivada a federalização. Como declaração de voto, fez o seguinte pronunciamento: "O Plano de Reestruturação da Universidade Federal do Ceará inclui a implantação de um Curso de Enfermagem, a ser integrado dentro do Centro de Ciências da Saúde e vinculado à Faculdade de Medicina. Evitam se, desse modo, duplicações desnecessárias e custosas, melhoram se as condições de formação profissional, estimulando a sua interação na área da saúde. Daí o motivo pelo qual não posso votar a favor do pedido de federalização da Escola de Enfermagem "São Vicente de Paulo", por mais judiciosos e sentimentais que possam ser os termos do memorial encaminhado à Reitoria da Universidade.

Fez sentir ainda que, uma vez efetivada a incorporação pretendida, a Congregação da Escola de Enfermagem renunciaria judicialmente ao seu pequeno patrimônio, para que tudo fosse encampado à Universidade Federal do Ceará. Tudo isso seria feito em benefício da continuação da Escola, que de outra maneira não teria absolutamente condições de sobreviver. (CONSUNI, Ata 266ª 13/12/1968).

Nessa importante ata (íntegra nos anexos) verificamos a discussão acerca da incorporação da Escola de Enfermagem SVP à UFC e também aparece o curso de serviço social⁷², escola também agregada, que pretendia pleitear a mesma ação de federalização, visto que também era um curso já estabelecido e com grandes expertises.

A discussão expressa na ata 266/68 estava sendo articulada pela representante da Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo, Ir. Syrena de Castro Bonfim, presidenta da diretoria colegiada. Mais adiante encontramos detalhes nos depoimentos da Glória Façanha que participou ativamente da construção do

⁷² A criação do curso serviço social foi em 4 de julho de 1956, nos termos do Decreto nº 39.511, assinado pelo então presidente Juscelino Kubitschek, o curso de serviço social de Fortaleza veio agregar-se à Universidade Federal do Ceará, que firmou um acordo com a Arquidiocese, aprovado e homologado pelo Ministério da Educação em 31/10/56, depois transformado no Decreto nº 49.229. Na condição de agregada permaneceu durante longos 18 anos, quando foi integrada à Fundação Educacional do Estado do Ceará (FUNECE), que tomou a si as diligências necessárias à sua incorporação, através do Decreto nº 11.233/75, de 10/3, do então governador César Cals de Oliveira. Com a incorporação à Universidade Estadual do Ceará, a partir de 1975, o curso de serviço social passou a integrar o conjunto de cursos do centro de estudos sociais aplicados(cesa).

inventário preparando toda a documentação de entrada desse pedido de encampação da Escola de Enfermagem SVP à UFC. O que inferimos no desdobrar das reuniões e leitura das atas posteriores foi uma cisão entre os conselheiros da universidade, que eram a favor, e os que eram contra essa anexação. A maioria dos conselheiros estava a favor da incorporação da Escola à Universidade Federal do Ceará, no entanto, na própria ata, vê-se que a intenção era colocar o curso de enfermagem sob a tutela do curso de medicina, o que geraria atritos na escola que trazia sua estrutura, não só física, mas também de pessoal. Em relação ao patrimônio físico, percebemos na fala da diretora que a Escola de Enfermagem SVP estava disposta a deixar ser incorporado pela universidade “o pequeno patrimônio”, mas não foi tratada a questão do “material humano”, e se o curso seria no âmbito da Faculdade de Medicina, muito provavelmente, seus professores atenderiam a essa nova demanda.

Em entrevista com o professor e médico Marcelo Gurgel⁷³, que na época (1968) era acadêmico do curso de Medicina da UFC. Quando indagado sobre o assunto da Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo, falou que a investida em tornar a Escola de Enfermagem SVP uma faculdade federalizada não prosperou devido a algumas particularidades provenientes de uma entidade privada, religiosa, filantrópica que estava tentando se incorporar a uma estrutura pública federal e que essas questões criaram entraves. O professor Marcelo Gurgel colocou ainda que a parte legislativa estava mais distante e que as entidades tiveram que lidar com o recurso patrimonial, mobiliária e imobiliária pertencentes à Igreja Católica, além de também a União ter que absorver os(as) professores(as) da Escola de Enfermagem SVP ao incorporar a escola à Universidade Federal, parceria que não prosperou. Em seguida, o professor Marcelo Gurgel conclui que a Escola de Enfermagem SVP e outros cursos isolados de esfera estadual deram origem à Universidade Estadual do Ceará (UECE), sejam estas(es) escolas/cursos isoladas(os) do estado como: o curso de Administração, a escola de Serviço Social (vista em discussão na ata 266^a, de 13/12/1968) e o curso de veterinária, que tentou também se agregar à UFC, esse pedido foi registrado em ata do CONSUNI, apresentada mais adiante em nosso texto.

Já nossa protagonista, enfermeira Glória Façanha que, junto às irmãs preparou o memorial, havia expressado inclusive que, ao federalizar a escola, todo o patrimônio seria também incorporado à Universidade Federal do Ceará. Além disso,

⁷³Marcelo Gurgel Carlos da Silva é médico, professor universitário da UECE, pesquisador e autor de obras sobre Saúde Pública e Medicina.

informou que o Ministério de Educação atribuiu à universidade a decisão de querer ou não encampar as escolas agregadas e, pelo que vimos inicialmente, daria certo, mas além de ter a negativa de alguns conselheiros, ao levar para a equipe religiosa da Escola de Enfermagem SVP, que esta iniciaria com dependência ao curso de Medicina, isto não agradou às religiosas, visto que a escola tinha material físico, humano e uma experiência de quase quinze anos só de agregação à UFC. Assim, a vontade de encampação à Universidade Federal do Ceará foi diminuindo. Veremos a seguir o registro em ata do pedido de agregação da faculdade de veterinária à UFC, que apresenta elementos oportunos para compreensão do desdobramento da história de criação da futura universidade estadual. Segue trecho da ata com a solicitação do curso de veterinária:

PROCESSO NÚMERO 9752/1968 (PEDIDO DE AGREGAÇÃO DA FACULDADE DE VETERINÁRIA DO CEARÁ)

[...] Assim o fazemos, porquanto o item I do art. 153 do Estatuto da Universidade estaria sendo preterido, dadas as implicações de ordem financeira que o projeto impõe. Mas, o ponto nuclear da nossa objeção da agregação pura e simples advém de sua incompatibilidade com a filosofia que ordenou o sistema legal aplicável a Universidade brasileira. A agregação afasta a ideia de integração no complexo universitário, impedindo que se estabeleça uma unidade orgânica de objetivos e processos, reduzindo-se apenas a relações de plano financeiro. [...] Parece-nos que a medida legalmente cabível e mais consentânea com a atual política universitária, e que está implícita no conteúdo da proposta, seria promover-se a integração a Universidade, devendo ser observada uma posição coerente, de acordo com o critério sufragado com relação às Escolas de Serviço Social e de Enfermagem. Resolveu a Comissão, em manifestação unânime, pronunciar-se preliminarmente em contrário ao pedido de agregação, considerando, porém, cabível a sua integração à Universidade, na forma acima exposta. [...] Em demorado, pronunciamento, o conselheiro Antônio Martins Filho abordou os seguintes aspectos do problema:

- a) a configuração atribuída inicialmente à figura da agregação, numa das fases de implantação da universidade brasileira, permitindo que unidades isoladas de ensino superior fossem agregadas às universidades existentes no respectivo contexto regional, sem que dessa vinculação lhes resultasse ônus de qualquer natureza;
- b) a concepção dada ao instituto da agregação pela Universidade Federal do Ceará;
- c) as agregações concedidas pela UFC para suprir falhas existentes no mosaico universitário;
- d) instituição, pelo Conselho Federal de Educação, de novos princípios doutrinários, através de numerosos e importantes pareceres, modificando substancialmente a figura da agregação adotada pela UFC, nos seus primórdios. Agora, já na vigência da Lei nº 5.540, acreditava não mais haver razão para que as Escolas mantidas pelo Governo do Estado fossem agregadas à Universidade. Em abono de seu ponto de vista, mencionou o art. 8º do referido diploma legal, consubstanciado nestes termos: "Art. 8º - Os estabelecimentos isolados de ensino superior deverão sempre que possível incorporar-se a universidades ou congregar-se com estabelecimentos isolados da mesma localidade ou de localidades próximas, constituindo,

neste último caso, federações de escolas, regidas por uma administração superior e com regimento unificado”. (CONSUNI, Ata 272ª 13/12/1969).

Pelo que inferimos nessa ata 272ª de 1969 (Anexo C) de pedido e negação de agregação da faculdade de veterinária à UFC é que, no período do processo, as leis em vigor são diferentes da que tínhamos em 1956, quando da agregação da Escola de Enfermagem SVP ou da escola de serviço social. Percebe-se, portanto, que a proposta de agregação da faculdade de veterinária não teria compatibilidade com o atual projeto da UFC, pelo menos essa foi a justificativa dos conselheiros.

Fechando o ciclo de tentativas de encampação da Escola de Enfermagem SVP à UFC, a ata da 3ª sessão, de 30 dezembro de 1969, encerra as discussões sobre a incorporação da Escola de Enfermagem SVP e apresenta em seu corpo, por um dos conselheiros, a ideia de criação de um curso de enfermagem da própria universidade federal:

O conselheiro **Walter de Moura Cantídio** fez uma abordagem em torno de algumas **das disciplinas incluídas na estrutura curricular da Escola de Enfermagem**, enfatizando os pontos conflitantes com a orientação desejada pela Faculdade de Medicina. Disse mais que, uma vez implantado o curso de graduação em Enfermagem, a Faculdade de Medicina deveria **tomar a iniciativa de criar um curso para formação de auxiliar de Enfermagem**, no momento, a de maior necessidade dentro da equipe de saúde. Segundo declarou, a Faculdade de Medicina teria condições excepcionais de, a partir da implantação do curso de graduação, fazer funcionar o curso de auxiliar de Enfermagem **não iria de modo algum funcionar em termos de concorrência com a Escola de Enfermagem**, cuja proposta inicial era no sentido de transferir o seu patrimônio para a Universidade, caso esta concordasse com a encampação, em definitivo, do curso por ela ministrado. Entretanto, como era do conhecimento dos Senhores conselheiros, a **diretoria da própria Escola de Enfermagem, depois de entendimentos vários, chegara à conclusão de que seria mais interessante a continuação daquela unidade como entidade autônoma, funcionando paralelamente com o curso de Enfermagem da Faculdade de Medicina e com este mantendo uma permuta de experiências e colaboração que os viesse a beneficiar mutuamente**. Frisou, a certa altura, que a iniciativa da criação do curso de Enfermagem da UFC somente havia sido tomada depois de vários e demorados entendimentos com a diretoria da Escola, achando elas, inclusive, que a criação do novo Curso de Enfermagem iria contribuir para valorizar ainda mais a classe. Muito embora a direção da Faculdade já estivesse sendo solicitada nesse sentido, o Curso somente deveria funcionar a partir de agosto do corrente ano, dando oportunidade a que a direção da Faculdade pudesse manter contatos com diversos órgãos interessados no problema, como fossem a Organização Pan-Americana de Saúde e o Ministério da Saúde, além de outras Escolas de Enfermagem existente no País, de modo a se fazer **um currículo com todas as exigências e flexibilidade do comportamento científico atual, permitindo a formação de enfermeiras de alta qualificação profissional**. (CONSUNI, Ata 3ª sessão 30/12/1969).

Nessa última ata, com pauta ainda da Escola de Enfermagem SVP, percebemos itens muito importantes a serem discutidos. A faculdade de medicina propõe-se a monitorar o curso de enfermagem indicando inclusive um currículo com todas as exigências e flexibilidade do comportamento científico atual, (aqui determinado pelos médicos) permitindo a formação de enfermeiras de alta qualificação profissional. Subtende-se que o expertise adquirido ao longo dos anos pela escola, inclusive enquanto agregada, o que dava o nível teórico científico em pé de igualdade às faculdades federalizadas, pelo menos esse era o discurso para escolas agregadas.

Entende-se que, pelo bem das transformações e necessidades do corpo médico, essa autonomia da medicina já se fazia registrar na posição também de preparação do programa de curso de auxiliar de enfermagem, fato que a própria escola, desde 1954, vinha fazendo isso e já com turmas formadas. Cabe então trazer uma reflexão de Nóbrega-Therrien, com base em Bourdieu, fazendo uma analogia sobre a relação dos médicos com as enfermeiras, na qual a efervescência das profissões da área da saúde, uma já com status próprio adquirido e de mais poder político de ganhar a luta, que, como relata Bourdieu, ao se referir a apostas, como nos apresenta Nobrega-Therrien:

A definição dos instrumentos e das apostas da luta, ainda segundo Bourdieu, faz parte, com efeito, das apostas de luta. A eficácia relativa dos instrumentos que permitem dominar o jogo se encontra, por sua vez, em jogo, portanto a luta está submetida a variações segundo o curso do jogo. Assim, a luta em cada momento, está exposta a incessantes mudanças. Estão em jogo as lutas, as condições objetivas onde o jogo se realiza e os ingressos, do ponto de vista do capital econômico e cultural das partes envolvidas, que fazem mover o jogo pelos poderes. Também na relação de força entre frações de classe ou grupos analisados por ele, encontramos, por exemplo, o poder legitimado pela posse de um determinado título na sociedade, cuja fração ou grupo, que tem esse poder, já entra no jogo com vantagens, ainda que deste jogo não estejam excluídos os conflitos e, portanto, a existência da luta. Tal “jogo” talvez ocorra nas relações de trabalho das enfermeiras, já identificadas como frações novas da classe média por Bourdieu, com frações da classe dominante, onde se pode encontrar o profissional médico. (NÓBREGA-THERRIEN, p. 143)

Ânimos são aquecidos quando surge uma disputa, um jogo. As indagações e as incertezas sobre a federalização da Escola de Enfermagem SVP ou a criação de novos cursos de enfermagem, sob a tutela do curso de medicina, levaram a direção da escola e demais participantes do processo, sejam as enfermeiras religiosas e as laicas, a refletir sobre o que realmente desejavam, após a negativa de alguns

conselheiros em federalizar a Escola de Enfermagem SVP e a escola de serviço social e também de não agregar a faculdade de veterinária.

Seguindo a leitura da penúltima ata, percebemos ainda que a saída para essas faculdades seria participar de outro núcleo universitário, como proposto pelo conselheiro e ex-reitor da UFC, Antônio Martins Filho, com base no citado Artigo 8º da Lei 5.540. Eis que, com toda prática do conselheiro e ex-reitor da UFC, Martins Filho, vemos o nascer de uma nova universidade cearense. Retomando a última ata, está descrito que:

A diretoria da própria Escola de Enfermagem, depois de entendimentos vários, chegara à conclusão de que seria mais interessante a continuação daquela unidade como entidade autônoma, funcionando paralelamente com o curso de Enfermagem da Faculdade de Medicina e com este mantendo uma permuta de experiências e colaboração que os viesse a beneficiar mutuamente. (CONSUNI, Ata 3ª sessão 30/12/1969).

Nessa participação, a diretora em questão era a enfermeira Glória Façanha, primeira diretora laica da escola. Outra etapa de intenso investimento se inicia em nova caminhada, mas com o mesmo objetivo, seja o de encampar a Escola de Enfermagem SVP a uma universidade.

Em consonância com os então diretores de cada curso a compor a nova universidade e aqui mais especificamente nossa protagonista Glória Façanha, que ainda estava à frente da Escola de Enfermagem SVP, corroborando com toda a sua expertise para preparar a documentação político, financeira e pedagógica até o ano de 1972, a fim de contribuir com a encampação da Escola de Enfermagem SVP à Universidade Estadual do Ceará, saindo, porém, antes de sua concretização, que ocorrera no ano de 1973. Quanto à relevância do papel da Escola de Enfermagem SVP para a criação da UECE, Martins Filho conclui:

O curso de Medicina Veterinária, juntamente com o de Enfermagem, se constituiriam núcleo do Centro de Ciências da Saúde, indispensável à criação da Universidade, pois, conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1968 em vigência, que possibilitava a concepção de uma Universidade pela reunião, sob administração comum, de cinco ou mais estabelecimentos de ensino superior, o Estado já contava com quatro autarquias educacionais [Escola de Administração do Ceará (1957), Faculdade de Veterinária do Ceará (1962), Faculdade de Filosofia do Ceará (1971) e Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos, sediada em Limoeiro do Norte/Ce (1967)], necessitando incorporar mais um estabelecimento de ensino superior a ser escolhido entre as Escolas ou Faculdades particulares, sediadas em Fortaleza. (MARTINS FILHO, 1979; p.16)

Sabemos, porém, que a criação de uma universidade parte de um contexto político. Leal (2017) apresenta em sua tese que o apoio político do governador César Cals⁷⁴ foi decisivo para a criação da Universidade Estadual do Ceará em 1973. Assediado constantemente pelos diretores das escolas estaduais em busca de recursos, César Cals abraçou a ideia de criação de uma instituição estadual de ensino superior, sendo assessorado por Antônio Martins Filho (LEAL, 2017, p.76). Já dos anos de 1975-1978 temos o governo de Adauto Bezerra⁷⁵, que assumiu o Governo e nomeou para duas funções o professor Antônio Martins Filho, para presidente da FUNEDUCE e para reitor da UECE, num ato de reconhecimento a quem tanto contribuiu para a constituição do ensino superior, com a criação de mais uma universidade no estado cearense. Os registros estão nas leis a seguir:

GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ SECRETARIA DE EDUCAÇÃO O GOVERNADOR DO ESTADO DO CEARÁ, no uso de suas atribuições legais, RESOLVE, nos termos do § 3º, do artigo 7º, da Lei nº 9.753, de 18 de outubro de 1973, combinado com os artigos 5º, 8º e 9º, § 2º, do Decreto nº 10.641,

⁷⁴ *César Cals de Oliveira Filho* nasceu em Fortaleza no dia 30 de dezembro de 1926, filho do médico César Cals de Oliveira e de Hilza Diogo de Oliveira. Foi militar; governador/ CE 1971-1975; senador/ CE 1979; ministro de Minas e Energia 1979-1985; Senador/ CE 1985-1987. Em 1970, foi convidado pelo presidente Emílio Garrastazu Médici para substituir Plácido Castelo (1967-1971) no Governo do Ceará. Conhecido como técnico e administrador competente e principalmente como construtor da barragem de Boa Esperança, o que lhe deu notoriedade no Nordeste, teve a indicação do seu nome ratificada pela Assembleia Legislativa cearense, em 3 de outubro de 1970, sendo empossado em 15 de março do ano seguinte. Como governador do Ceará, empenhou-se em assumir o comando político do estado. Para tal, iniciou um programa de renovação nas fileiras do partido governista, a Aliança Renovadora Nacional (Arena), enfrentando os veteranos políticos Virgílio Távora e Adauto Bezerra, membros de tradicionais famílias do Ceará. A hostilidade ao senador Virgílio Távora e aos seus correligionários gerou uma cisão no partido, que se dividiu em duas alas: uma comandada pelo senador e a outra por César Cals. As duas alas da Arena apresentaram alguns nomes para a sucessão do Governo do Estado. O grupo liderado por Cals indicou o coronel Luciano Salgado e o superintendente da Sudene, João Gonçalves de Sousa. A ala virgilista lançou o deputado estadual Adauto Bezerra, que acabou sendo o escolhido pelo Governo Federal. A derrota de Cals consumou-se em 3 de outubro de 1974, com a eleição de Bezerra para o Governo cearense pela Assembleia Legislativa. <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/cesar-cals-de-oliveira-filho> Acesso: 10/2/2021.

⁷⁵ Militar; governador/ CE 1975-1978; deputado federal/ CE 1979-1983; superintendente da Sudene 1990-1991.

Nasceu em Juazeiro do Norte (CE), no dia 3 de julho de 1926, filho de José Bezerra de Meneses e de Maria Amélia Bezerra de Meneses. Em maio de 1974, foi indicado pelo presidente da República, general Ernesto Geisel, como seu candidato ao Governo do Ceará. Contando com o apoio de uma ala da Arena liderada pelo veterano político cearense Virgílio Távora, sua candidatura prevaleceu sobre a do coronel Luciano Salgado, que era apoiado pelo então governador César Cals – o qual, por sua vez, tinha como vice-governador Humberto Bezerra, seu irmão. Eleito pela Assembleia Legislativa cearense em outubro de 1974, foi empossado no Governo do Estado em março do ano seguinte. Como governador, liderou a campanha da Arena cearense para as eleições municipais de novembro de 1976, tendo prometido ao presidente Geisel a vitória do partido governista em 90% dos 141 municípios do estado. Após a apuração, apresentou a Geisel um quadro geral dos resultados, mostrando que a Arena havia obtido 55% dos votos em Fortaleza e 84% no Interior.

de 28 de dezembro de 1973, nomear ANTÔNIO MARTINS FILHO para exercer as funções do cargo de presidente da Fundação Educacional do Estado do Ceará — FUNEDUCE — com mandato de 04 (quatro) anos. PALÁCIO DO GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ, em Fortaleza, 5 de novembro de 1975.

ADAUTO BEZERRA

Murilo Serpa

GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ SECRETARIA DE EDUCAÇÃO O GOVERNADOR DO ESTADO DO CEARÁ, no uso de suas atribuições legais, RESOLVE, com fundamento no art. 14, da Lei nº 9.753, de 18 de outubro de 1973, nomear o professor ANTÔNIO MARTINS FILHO, Reitor Pró-Tempore da Universidade Estadual do Ceará, criada pela Resolução nº 02/75, do Conselho Diretor da Fundação Educacional do Estado do Ceará — FUNEDUCE, homologada pelo Decreto nº 11.233, do dia 10 de março de 1975, sem ônus para a FUNEDUCE. PALÁCIO DO GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ, em Fortaleza, 5 de novembro de 1975.

ADAUTO BEZERRA

Murilo Serpa

Com reitor e mantenedores registrados os cursos foram sendo redefinidos. Sendo assim, destacamos a criação do curso de enfermagem da Universidade Estadual do Ceará mediante a anexação do quadro social (alunos, professores e funcionários) da então extinta Escola de Enfermagem SVP. A incorporação foi formalizada mediante Parecer nº 764/77 do Conselho Federal de Educação e Resolução nº3/75 do conselho diretor da FUNEDUCE. Sabe-se ainda que, mediante a incorporação do patrimônio físico e principalmente o humano, tudo ficou mais tranquilo.

Sabendo que nossa protagonista, enfermeira Glória Façanha, tem muita habilidade e uma inquietação que a impulsiona a novos desafios, em meio aos estudos de documentos, leis e acertos financeiros, seja da escola de enfermagem, seja na sua atuação na Fundação SESP, foi convidada a participar de mais um, o curso de enfermagem da primeira “universidade” privada do Ceará, a Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Essa experiência será contada em subseção própria em nossa tese.

6 A PRESENÇA DE MARIA DA GLÓRIA FERREIRA FAÇANHA: FRAGMENTOS DE VIDA EM HISTÓRIAS E MEMÓRIAS QUE IMPORTAM REGISTRAR

Renda-se, como eu me rendi. Mergulhe no que você não conhece como eu mergulhei. Não se preocupe em entender, viver ultrapassa qualquer entendimento. (Clarice Lispector)

Nessa seção da tese compomos um quadro com fragmentos da vida pessoal e profissional de Maria da Glória Ferreira Façanha. Com o objetivo de ir situando e contextualizando sua existência em termos de temporalidades, passamos a conhecer um pouco essa figura singular que muito ousou e como nos diz Clarice Lispector na abertura dessa seção “viver ultrapassa qualquer entendimento”, notamos isso ao fazermos nossas escolhas ora assertivas, ora não. Mas que sem elas, não construiríamos nossas aprendizagens, não viveríamos.

Pensando assim, no primeiro tempo ou momento, abrimos uma subseção, que denominamos de *laços de família*⁷⁶, que mostra um pouco seu lugar de nascimento e família de pertencimento, tempo que envolve infância e adolescência de “Maria da Glória Ferreira⁷⁷”, chegando à fase de adulto jovem. No segundo tempo ou momento surge outra subseção, intitulada *Formação na Escola de Enfermagem Ana Neri – experiência de inserção e convicção de profissão*, e, nela, já nos deparamos com a inserção da “Maria da Glória Ferreira” na profissão enquanto estudante de enfermagem da Escola Ana Neri, na cidade do Rio de Janeiro, caminho que leva sua formação a um ciclo de vivências e experiências que se inicia profissionalmente após sua formação no ano de 1953. É quando abrimos a terceira subseção deste escrito, que se intitula *Caminho profissional: Experiência e vivências na Fundação SESP*, temos, então, na trajetória profissional, que não se afasta da pessoal, uma parte vivenciada por Maria da Glória, inicialmente como enfermeira na região amazônica, após três anos de formada, com estado civil solteira (até seus 24 anos), e outra na qual nossa protagonista, no meio do exercício profissional, casa-se com um jovem odontólogo cearense que, em busca de oportunidade de trabalho, foi para a região

⁷⁶Utilizamos um dos títulos dos contos escritos por Clarice Lispector em 1960. Uma das autoras brasileiras mais solicitadas por editoras estrangeiras. Estamos agora em época de comemoração de seu centenário.

⁷⁷No início da primeira subseção usaremos o nome de nascimento de Maria da Glória Ferreira para representar nossa protagonista, pois o codinome Glória Façanha só virá após seu casamento (1956) visto que Façanha é o sobrenome do seu esposo Domingos Oliveira Façanha.

Norte do Brasil passando a trabalhar na mesma cidade da nossa protagonista. Começam uma bela amizade que culmina com uma relação mais profunda que os leva ao matrimônio em 1956. É nesse entrelaçar pessoal e profissional que fechamos essa seção com o trabalho no programa da Amazônia na Fundação SESP.

A apreciação da construção e realização de uma profissão está imbricada por símbolos e signos que desvelamos pautados nas ideias de Pierre Bourdieu⁷⁸, ao reconhecermos nesses elementos inseridos numa dada realidade e ou como “*o poder simbólico*”. Posição que leva à reflexão sobre a construção formativa do indivíduo em sociedade, ora pautada em alguns conceitos como: habitus, campo, capital simbólico e cultural⁷⁹, discutidos a partir da estrutura educacional francesa, visto que foi essa a área de sua formação e atuação de sociólogo (Bourdieu, 1930-2002) e que nos ajuda, juntamente com a fundamentação epistemológica contida nesta tese sobre história e memória, a discutir alguns destes elementos, sobretudo os simbólicos, presentes na formação educacional e profissional de nossa protagonista.

Para Bourdieu (1989), os sistemas simbólicos compreendem um poder de elaboração da realidade que constitui o conhecimento humano, não só científico, mas geral, sobretudo se se observar o sentido imediato do mundo e, em particular, do mundo social. Falar da vida educacional e profissional de uma enfermeira e educadora em seu mundo social pode, e esta é nossa intenção, desdobrar o poder simbólico implícito nessas áreas (educação e enfermagem) que marcam essa profissão. (BOURDIEU, 1989, p. 9)

Assim sendo, os símbolos são os instrumentos por excelência da integração social, pois enquanto instrumentos de conhecimento e comunicação, eles

⁷⁸Pierre Félix Bourdieu, sociólogo francês, foi docente na *École de Sociologie du Collège de France*. Bourdieu dedicou parte significativa de seus mais de 40 anos de vida acadêmica aos estudos no campo da educação, tendo exercido influência em gerações de intelectuais de diversas áreas, mas principalmente aos que se dedicaram a estudos sobre educação, com uma riqueza de obras publicadas. https://pt.wikipedia.org/wiki/Pierre_Bourdieu acessado em 25/02/2021

⁷⁹Habitus – é um conhecimento adquirido e também um haver, um capital (de um sujeito transcendental na tradição idealista) o habitus, a *hexis* indica a disposição incorporada, quase postural. (BOURDIEU, 1989, P. 61)

Campo – O campo, no seu conjunto, define-se como um sistema de desvio de níveis diferentes e nada, nem nas instituições ou nos agentes, nem nos atos ou nos discursos que eles produzem, tem sentido senão relacionalmente, por meio do jogo das oposições e das distinções. (BOURDIEU, 1989, P. 179)

O capital simbólico – outro nome da distinção – não é outra coisa senão o capital, qualquer que seja a sua espécie, quando percebido por um agente dotado de categorias de percepção resultantes da incorporação da estrutura da sua distribuição, quer dizer, quando conhecido e reconhecido como algo óbvio. (BOURDIEU, 1989, P. 145).

tornam possível o consenso acerca do sentido do mundo social que contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social (BOURDIEU, 1989, p.10)

Pelos estudos de Bourdieu, o aluno traz consigo uma consciência elaborada de conceitos vivenciados em sua família, que ele considera como capital social, e crítica as realidades díspares entre os alunos e suas oportunidades, pois um aluno com maior conhecimento de mundo, nesse caso possuidor de capital cultural, terá mais oportunidade de avançar e seguir sua instrução mesmo frente à classe dominante.

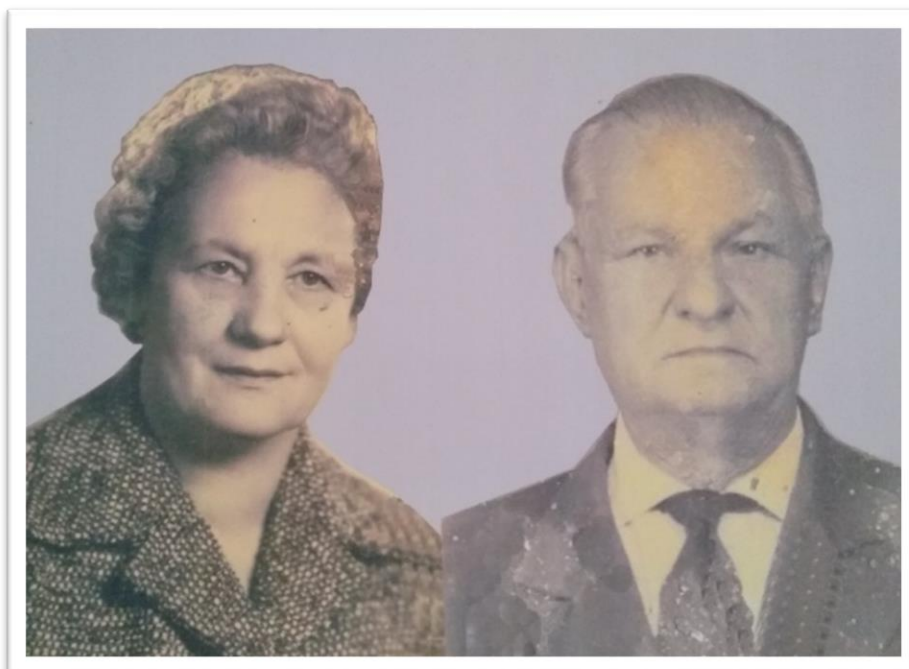
Com esses pensamentos de Pierre Bourdieu e a história e memória de Maria da Glória Ferreira Façanha daremos continuidade às subseções que tratam de seu nascimento, letramento e formação profissional permeada pelos elementos teóricos assinalados.

6.1 Laços de família: nascimento e letramento

A cidade de Santana de Cataguases foi criada nos últimos anos da existência do Império (1822-1889)⁸⁰. Conhecida como uma cidade de pessoas carismáticas e hospitaleiras, fica localizada no distrito do município de Cataguases, Minas Gerais. Nessa cidadezinha, que mesmo nos dias de hoje permanece com belos rios e cachoeiras, além de áreas florestais remanescentes da Mata Atlântica, no dia 15 de agosto de 1932, em uma manhã de verão, nascia Maria da Glória Ferreira, filha do casal Maria de Oliveira Ferreira e José Custódio Ferreira. Na imagem que se segue podemos observar os pais de nossa protagonista. Ela, dona de casa, tinha o primário e ele, dentista prático, tinha formação técnica e atendia em consultório na cidade de Cataguases.

⁸⁰ Santana de Cataguases é uma cidade que teve origem no arraial formado no século XIX nos arredores da capela de Santana. O povoado tornou-se distrito do município de Cataguases em 1882, sendo emancipado em 30 de dezembro de 1962, ou seja, há pouco tempo. Hoje, a economia da cidade gira em torno das micro e pequenas empresas, destacam-se os laticínios e confecções de roupas.

Figura 5 – Maria de Oliveira Ferreira e José Custódio Ferreira – pais de Maria da Glória de Ferreira. Cataguases – Minas Gerais (1940)



Fonte: acervo familiar.

Filha de José Custódio Ferreira e Maria de Oliveira Ferreira (Figura 6), que se casaram em 1926 e tiveram nove filhos, Maria da Glória era a sexta de nove irmãos, sendo sete mulheres e dois homens. Portanto, uma família onde a presença feminina era bastante demarcada. Na foto podemos observar o modelo seguido pelos fotógrafos da época, década de 1940 e 1950. O dia de retirada da foto era anteriormente marcado e o casal se aprontava colocando sua melhor indumentária. O homem vestia camisa de mangas longas e gola, paletó e gravata e a mulher colocava seu vestido mais belo, às vezes brincos e colar. A maquiagem era simples e os cabelos passavam por uma arrumação finalizada com o spray de laquê. Vemos o quanto nossa protagonista tinha semelhanças fisionômicas com sua parte materna.

Na relação de seus nove irmãos o primogênito foi Alceu Ferreira, sacerdote. A segunda filha, Elenita Ferreira, freira. A terceira, Terezinha Ferreira, casada. A quarta, Neonéia Ferreira, casada. A quinta filha, Celina Ferreira, casada. A sexta filha, Maria da Glória Ferreira, enfermeira. O sétimo filho, Vandrízio Ferreira, militar. A oitava, Tereza Ferreira, casada, e a nona, Maria do Carmo Ferreira, casada, nossa protagonista, Maria da Glória Ferreira, e sua irmã caçula, Maria do Carmo Ferreira, que se encontra em coma há dez anos. Seu pai exercia a profissão de dentista prático

e sua mãe era doméstica. Iniciaram sua vida de casados no distrito de Santana de Cataguases, em um sítio, depois, estabilizaram-se na cidade de Cataguases.

Maria da Glória foi a sexta filha do casal, a irmã mais próxima e que compartilhava brincadeiras e tarefas no sítio era Celina. A família não era muito grande para os tempos em que nasceu. Viviam em um sítio pertencente ao seu pai, o que facilitava a convivência com a natureza, sempre com muitas frutas, verduras e espaços para divertidas brincadeiras. Aos seis anos, em 1938, Maria da Glória mudou-se com toda a família para a cidade de Cataguases. Foi uma época de poucas lembranças, na fala de nossa protagonista, mas estas memórias que nos foram compartilhadas lhe recordaram um tempo de paz que ficou no tempo vivido.

Naquela época, no ano de 1938 (quando ela tinha 6 anos), eram poucas as instituições de ensino existentes nas pequenas cidades brasileiras e, em Cataguases, município de Minas Gerais, esse modelo também era seguido. Nesse período, o Brasil era governado pelo presidente Getúlio Vargas que, em 1930, criou o Ministério dos Negócios da Educação e Saúde Pública sob o Decreto nº 19.402, de 14 de novembro de 1930.

Além da educação, o ministério desenvolvia atividades pertinentes à saúde, ao esporte e ao meio ambiente. O primeiro ministro da Educação, em 1930, foi o também mineiro, como nossa protagonista, Francisco Campos⁸¹, que promoveu a reforma do ensino secundário e universitário. Deixou o cargo de ministro em 1932 em 1934, assumiu a pasta Gustavo Capanema⁸², também mineiro, que permaneceu na função por onze anos. Dentre as ações de Capanema que marcaram os estudantes daquele período e, no caso, da nossa protagonista, está a defesa por um ensino laico e universal. (Saviani, 2007, p. 267),

⁸¹ Francisco Luís da Silva Campos nasceu em Dolores do Indaiá (MG), em 1891. Advogado e jurista, formou-se pela Faculdade Livre de Direito de Belo Horizonte, em 1914. Em 1919, iniciou sua carreira política elegendo-se deputado estadual em Minas Gerais na legenda do Partido Republicano Mineiro (PRM). Assumiu a direção do recém-criado Ministério da Educação e Saúde, credenciado por sua atuação à frente dos assuntos educacionais de Minas. Promoveu, então, a reforma do ensino secundário e universitário no país. https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/francisco_campos Acesso 25/02/2021

⁸² Gustavo Capanema Filho nasceu em Pitangui (MG), em 1900. Formou-se pela Faculdade de Direito de Minas Gerais, em 1923. Capanema foi designado pelo presidente para dirigir o Ministério da Educação e Saúde. Nomeado em julho de 1934, permaneceria no cargo até o fim do Estado Novo, em outubro de 1945. Sua gestão no ministério foi marcada pela centralização federal das iniciativas no campo da educação e saúde pública no Brasil. https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/gustavo_capanema acessado em 25/2/2021

É interessante verificar a reincidência de representantes mineiros nos cargos federais estaduais e municipais. Nesse período, dominavam os grupos político-econômicos de São Paulo/Minas Gerais, resquícios da República “café com leite” que elegia representações prioritariamente desses dois estados até a chegada de Vargas, que era gaúcho, mas tinha vínculos partidários com o grupo mineiro. Daí a indicação de mineiros às pastas do seu governo. Gustavo Capanema, em 1938, promoveu a criação do Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), cuja direção ficou a cargo de Lourenço Filho que promulgou as leis orgânicas do ensino conhecidas como Reforma de Capanema (SAVIANI, 2007, p. 268), inclusive que faziam alusão ao ensino primário e ao ensino secundário que seriam vividos por nossa protagonista Maria da Glória.

Para as primeiras letras era ofertado nas capitais e municípios mais desenvolvidos o curso primário em grupos escolares e, em algumas cidades, existiam também os colégios privados. O caminho do letramento que para muitos também se iniciava em casa, para a nossa protagonista, ela já se inseriu no curso primário do grupo escolar Coronel Vieira⁸³ que, na lembrança de Maria da Glória, era muito organizado e não se pagava nada para frequentá-lo, pois era gratuito. Conferindo com o Art. 150 da Constituição, de 16 de julho de 1934: “somente estava assegurado o acesso gratuito ao ensino primário integral”. Nesse período, ainda era da responsabilidade federal o ensino primário. Com a Lei de Diretrizes e Base da Educação, de 20 de dezembro de 1996, LDB 9394/96, no qual o antigo primário passa a ser denominado de ensino o fundamental inserido na educação básica, passando a ser de responsabilidade das prefeituras.

Já no ensino dito colegial (ensino médio também da educação básica, porém de responsabilidade dos estados), o estudante poderia seguir no colegial as disciplinas científicas ou o curso técnico que, no caso das mulheres e de Maria da

83

O então Grupo Escolar Coronel Vieira foi inaugurado em 1913 e criado pelo Governo Estadual de Minas, através do Decreto nº 3723, de 8 de outubro de 1912. A Escola Estadual Coronel Vieira (2021) fica localizada na Av. Astolfo Dutra e o prédio que a abriga ainda apresenta a linguagem, a planta arquitetônica original da época em que foi construído. O nome da escola é uma homenagem ao coronel José Vieira de Resende e Silva (1829/1881), nascido em Lagoa Dourada-MG, filho do major Joaquim Vieira da Silva Pinto, com quem se transferiu para Cataguases, em 1842. O nome de Cataguases foi dado por ele, lembrando a um riacho do mesmo nome que passava próximo da casa onde nascera, em Lagoa Dourada. Site: Pátria Mineira <http://www.patriamineira.com.br/> acessado em 6/6/2021.

Glória, era mais comum o curso normal, que habilitava as jovens a serem professoras do então ensino primário.

Geralmente este estudo ocorria em colégios privados que eram quase sempre de responsabilidade de congregações religiosas. Durante as reformas educacionais empreendidas ainda por Campos e continuadas por Capanema, elas trouxeram a marca do pacto com a Igreja Católica costurado por Francisco Campos no início de 1930. Por esse pacto, Vargas recebeu apoio político da igreja em troca de teses católicas inseridas na Constituição de 1934. Portanto, a marca e a presença da igreja, por mais discreta se comparada ao Período Jesuítico, permaneciam presentes no Brasil (SAVIANI, 2007, p. 269). Com essas reformas educacionais (Reformas Capanema) o ensino passou por uma reorganização que incluiu no ensino secundário (antigo colegial): o curso técnico, o curso normal e o curso agrícola, agora também gratuito.

Nossa protagonista cursou o ensino secundário na Escola Normal de Cataguases⁸⁴, no período de 1946 – 1949. O colégio Nossa Senhora do Carmo é administrado pela Congregação das Irmãs Carmelitas da Divina Providência e fica localizado na Praça Santa Rita, 340, bem no Centro de Cataguases. O colégio mantém pleno funcionamento em 2021. Maria da Glória foi matriculada no colégio por sua irmã Celina Ferreira que sempre a acompanhava. Esses colégios católicos eram privados, mas além de atenderem alunos, que pudessem pagar por sua formação, também ofereciam bolsas de filantropia a alunos com dificuldades financeiras. Como era próprio da época, os colégios dirigidos pelas congregações recebiam as alunas em regime de internato, semi-internato ou externato e muitos deles, durante o turno da noite, ensinavam gratuitamente.

Vemos, a seguir, a fachada do colégio numa foto (Figura 6) do ano de 1925. O prédio conta com janelões e portas largas. A fachada do colégio, nos dias atuais,

⁸⁴ O colégio Nossa Senhora do Carmo passou, em 1925, a funcionar também com o curso normal pelo Decreto nº 6791. O movimento de criação de escolas normais no Brasil esteve marcado por diversos movimentos de afirmação e de reformulações, mas, não obstante a isso, o ensino normal atravessou a República e chegou aos anos 1940/50, como instituição pública fundamental no papel de formadora dos quadros docentes para o ensino primário em todo o país. Com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), de 1971, ocorre a substituição das escolas normais pela habilitação específica de magistério. Com a LDB 9394/96, Art. 62. A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura plena, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nos cinco primeiros anos do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade normal. (Redação dada pela Lei nº 13.415, de 2017).

(Figura 7), foi conservada e o colégio permanece atendendo às famílias de Cataguases.

Figura 6 – Fachada da Escola Normal Nossa Senhora do Carmo, Santana de Cataguases – MG (1925)



Fonte: Site do Colégio <https://www.colegiocarmo.com.br/colégio>.

Figura 7 - Fachada Atual da Escola Normal Nossa Senhora do Carmo (2021)



Fonte: Site do Colégio <https://www.colegiocarmo.com.br/colégio>.

Como todos os colégios com esta estrutura e administração religiosa dessa época (1938), o dia começava cedo, uma vez que era iniciado com o tocar do sino às 6h15. As alunas, principalmente as internas, seguiam em fila para a capela onde rezavam a missa e o terço.

Depois seguiam para o refeitório. As aulas começavam às 7h. Como a tradição europeia indicava, havia aulas de piano, boas maneiras, cursos de bordados, flores. Estudavam-se francês, literatura e artes. Na Figura 8, coletada no histórico do site do colégio, vemos as alunas em momento recreativo, de descontração, no pátio. Esta imagem é datada do mesmo período em que Glória Façanha cursou o ensino médio (escola normal), o que nos leva a inferir que ela pode ter passado por esse ambiente de descontração.

Figura 8 – Normalistas do Colégio Nossa Senhora do Carmo - pátio (1948)



Fonte: Site do Colégio <https://www.colegiocarmo.com.br/colégio>.

As alunas usavam uniforme padrão com blusa branca, uma gravata, saia de cor marinho e sapatos pretos. À noite, recolhiam-se aos dormitórios em horas já marcadas, apagavam-se todas as luzes e reinava o silêncio absoluto. Mesmo frequentando o colégio em regime de internato, como no caso da nossa protagonista, a disciplina e a harmonia repartida em momentos vivenciados e demarcados pelo tocar do sino que indicava cedo, pela manhã, fila no pátio para entoar o hino do colégio, da Independência, ou da bandeira, dependendo das comemorações. Em torno das 9 horas, sirene para o recreio e, logo mais, avisando seu término. Finalmente, às 11h30, tocava indicando o fim de um turno de aulas e a hora do almoço. O sino determinava o compasso das atividades e consequentemente de vivência de toda a comunidade escolar.

E assim aconteceu o letramento e a formação escolar da Maria da Glória, que saiu do curso secundário como normalista dessa instituição de ensino religiosa,

preparada para ensinar no curso primário, profissão que não foi seguida por nossa protagonista, quando recebeu seu diploma de professora aos 17 anos de idade. Desse período, após concluir o curso normal, passou um ano na casa de seus pais foi quando decidiu, com o apoio de sua irmã Celina Ferreira, partir para outra formação profissional que detalhamos na subseção a seguir.

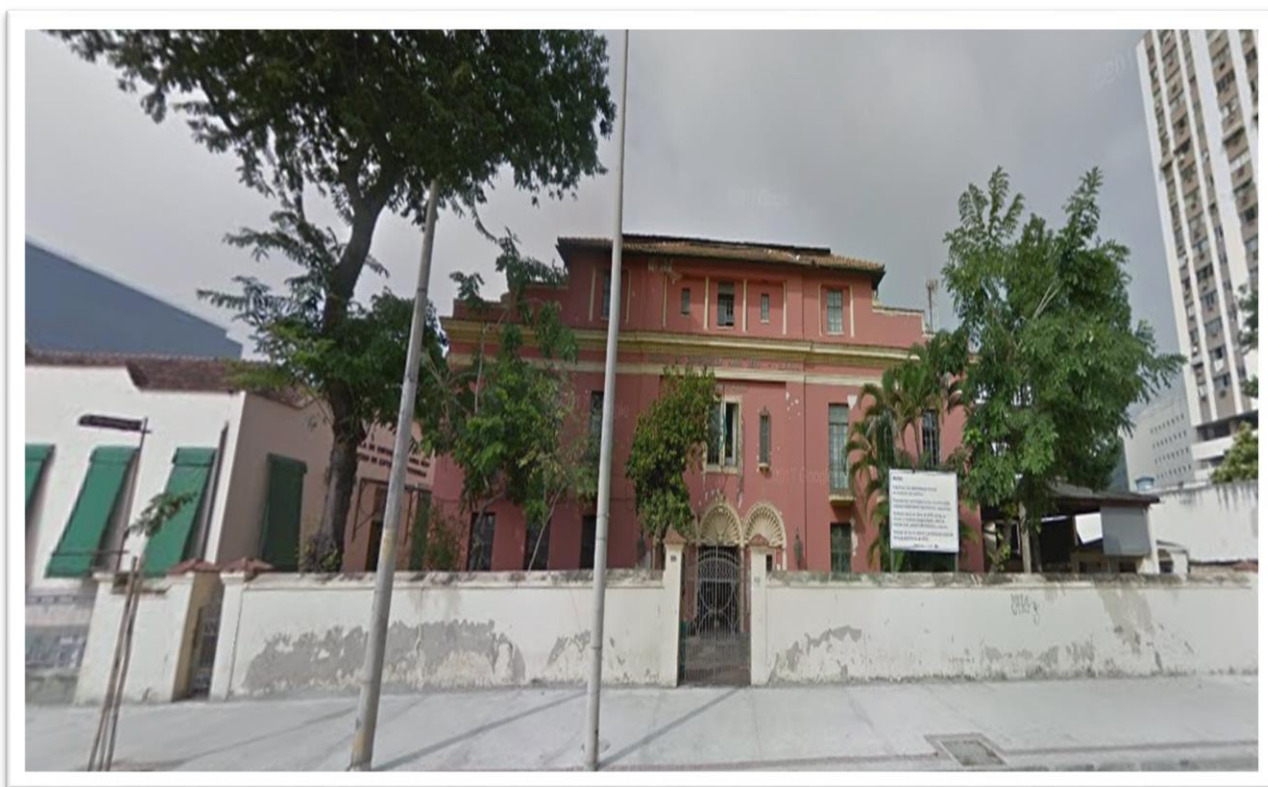
6.2 Formação na Escola de Enfermagem Ana Neri – experiência de inserção e convicção de profissão

Com o diploma de professora em mãos, no ano de 1950, com a idade de 18 anos, nossa protagonista já possuía uma carreira e, se não fosse posteriormente coincidência, Maria da Glória poderia ter iniciado seu trabalho nesse campo da docência, no entanto, na época, ela não tinha essa pretensão. Podemos constatar que nela a docência sempre esteve presente.

Sem motivação para o ensino de crianças em escolas e buscando outras inserções profissionais, lembrando aqui que por esta época as escolhas das mulheres para o trabalho fora do lar eram bastante limitadas. Para a mulher o futuro consistia em casamento, prole e afazeres domésticos, porém, na Segunda Grande Guerra (1939-1945), além de muitas mortes e destruição, abriu-se um campo maior de inserção da mulher fora do lar sem comprometimento moral. A Primeira Guerra (1914), de certa forma, tinha iniciado esse processo. As profissões de professoras, enfermeiras, secretarias, bibliotecárias e de assistência social são algumas das que se fortaleceram em períodos bélicos e, após seu término, as mulheres inseriram-se com mais facilidade em outras áreas.

Maria da Glória relembra que sua irmã, Celina Ferreira (quinta filha da família), de idade mais próxima a dela, dois anos a mais, foi quem incentivou sua escolha de sair da cidade de Cataguases e ir para o Rio de Janeiro cursar enfermagem. No Rio de Janeiro, morava sua irmã Neonézia Ferreira (quarta filha da família), que acolheu Maria da Glória no período de realização da preparação, pois para a inscrição não havia exigência de comprovação, a época, do segundo grau (ensino médio, LDB 9394/96). Embora Maria da Glória já tivesse seu curso normal completo, precisava realizar e ser aprovada na avaliação seletiva para ter acesso à Escola de Enfermagem Ana Neri – Figura 9.

Figura 9 – Fachada atual da Escola de Enfermeiras Ana Neri⁸⁵ – Universidade do Rio de Janeiro (2021)



Fonte: Site, Patrimônio Cultural Brasileiro, (2021).

Maria da Glória rememora que, no dia da prova, a diretora da Escola de Enfermagem Ana Neri, a enfermeira Laís Netto dos Reis⁸⁶, faleceu. Foi um acontecimento triste, pois era uma grande referência, inclusive como representante do Ministério da Educação, para reconhecimentos de cursos de enfermagem como escola padrão Ana Neri, em todo o país. Com o ocorrido a prova foi remarcada para outro dia. Maria da Glória relatou que não eram muitas candidatas concorrendo, não recorda quantas se inscreveram para as vagas, mas que ela passou na seleção de vestibular na primeira tentativa.

Sobre a escola a característica marcante viva em sua memória é a organização, a competência do corpo docente, além de falar com entusiasmo dos longos períodos dedicados aos estudos. Lembra sobre o sistema de honra que existia

⁸⁵ Fonte: site Patrimônio Cultural Brasileiro, acesso:<<http://www.ipatrimonio.org/rio-de-janeiro-escola-de-enfermagem-ana-neri>> 30/10/2021

⁸⁶ Laís Netto dos Reis nasceu em 22 de setembro de 1893. Foi organizadora das primeiras escolas de enfermagem estaduais no Brasil. Criou a Escola de Enfermagem Carlos Chagas. Em 1938, dirigiu a Escola Ana Neri. Faleceu em 3 de julho de 1950.

na realização das provas, pois elas não precisavam ser fiscalizadas. A professora poderia sair e deixar a turma sozinha na classe que nenhuma olhava ou discutia as questões umas com as outras. Tinham e exerciam rigor e ética em respeito à seriedade da profissão que estavam procurando se formar para exercer. Como ela própria expressa a seguir:

Comecei o curso e meu interesse só fez aumentar. A escola era muito organizada, tudo planejado, e tinha um sistema de honra incrível. Na hora da prova, a professora aplicava e ia embora, ninguém pescava de ninguém e era realmente preciso estudar muito. Seis meses foi só estudo, entrei com bolsa da própria faculdade, que era uma escola federal, e eu recebia na época Cr\$ 200,00 (duzentos cruzeiros). Com essa quantia eu pagava o fardamento, os sapatos, as meias e o restante era para uso pessoal. Eu tinha tudo que precisava, a escola funcionava praticamente como um hotel. Tinha transporte porque o estágio era em outro lugar, tinha alimentação e até dentista. O regime era bem sério, quando terminava o almoço, só podia levantar quando todos terminassem. Toda sexta tinha uma festa, uma comemoração, iam pessoas para dançar balé, tocavam músicas clássicas. Tinha uma boa radiola e, à noite, íamos dançar umas com as outras. Não havia televisão naquela época. Era muito conforto. A festa de formatura era muito linda, vinha até orquestra e tinha todo um ritual maravilhoso (Maria da Glória Ferreira Façanha).

Para Bourdieu (2013, p. 115), o ato de manter nas atividades escolares o regime de honra, o uniforme, o ritual das festas é uma simbologia inserida de símbolos que, como uma segunda natureza, passou a fazer parte da formação da enfermeira. Vale ressaltar que a própria formação da enfermeira na EEAN já traz consigo um alto valor simbólico por trazer prestígio e reconhecimento como ‘escola padrão’.

Em sua fala, Maria da Glória também traz o valor da bolsa de estudos recebida, que era de Cr\$ 200,00 cruzeiros, valor considerável, visto que, de 1943 até 1951, o salário mínimo no Brasil era de Cr\$ 380,00 cruzeiros, segundo o Decreto-Lei 5977, de 1943. Somente em janeiro de 1952 é que o salário mínimo passa a ser de Cr\$ 1.200,00 cruzeiros pelo Decreto-Lei 30342, de 1951. Já com esse novo valor salarial a bolsa de estudos se torna realmente uma ajuda de custo, embora para ela ainda favorável porque seus gastos eram poucos, como foi lembrado em sua fala. Temos a seguir imagens que evidenciam momentos de vivência na Escola Ana Neri, em 1950.

Figura 10 – Maria da Glória Ferreira Façanha no pátio da Escola de Enfermeiras Ana Neri (1950)



Fonte: Arquivo pessoal

Na imagem exposta na Figura 10, temos duas fotos que retratam a vivência de um tempo de Maria da Glória na Escola de Enfermagem Ana Néri. Nas duas, ela se encontra no pátio da escola, uma sozinha e a outra com uma colega de turma. As duas vestem o traje de aula: vestido com colarinho e mangas curtas na cor branca e por cima um avental branco, laçando a parte de trás da cintura, e touca fixada no cabelo, sapato e meias brancas. Encontram-se no pátio de entrada da Escola de Enfermagem AN e a foto foi tirada logo no seu primeiro ano de chegada à escola, em 1950.

O entusiasmo e olhos brilhantes e a força da juventude, seguidos de um belo sorriso, vieram com a recordação das sextas-feiras dançantes e dos bailes de formatura. A convivência com as colegas, a participação nos bailes, que eram muito requintados, nos quais as futuras enfermeiras vestiam seus trajes de gala, eram momentos muito esperados. Logo a seguir podemos observar nossa protagonista acompanhada de quatro amigas (Figura 11), enfileiradas nos degraus da escada que dá acesso ao espaço externo da Escola de Enfermagem AN, devidamente

paramentadas com suas vestes brancas, vestido com mangas compridas, manto cinza, sapato branco, meias transparentes, touca e, é claro, na gola, o broche gravado com a insígnia da escola que a seguir comentamos.

Figura 11 – Maria da Glória Ferreira Façanha está na terceira posição, “no centro”, entre as colegas do curso, trajando a roupa de gala. Rio de Janeiro (1951)



Fonte: Acervo particular

Escrito pelo próprio punho Maria da Glória registra com letra firme, em um tipo de diário ou caderneta de lembranças, que:

“Após os seis meses iniciais de estudos teóricos na escola, período de adaptação e muito estudo, nós, alunas e futuras enfermeiras, passávamos por um momento festivo no qual recebíamos uma insígnia, que consistia de um broche em bronze, com a cruz de malta. Símbolo de pertencimento àquela

instituição educativa e evidenciada pelo corpo docente com aptidão para iniciar a prática e o cuidado em saúde”. (Maria da Glória Ferreira Façanha)

Temos o broche, para além dos trajes ou uniformes, como elemento simbólico de acreditação, reconhecimento, que trazia status e poder balizador de uma etapa vencida.

Esse momento marcava um ritual de passagem para o “ciclo clínico”, no qual as alunas estariam preparadas para iniciar o estágio nas unidades hospitalares, principalmente. “A solenidade de colação do broche como insígnia foi um dia inesquecível para mim, era 20 de janeiro de 1951”, disse: Maria da Glória. Foram 24 alunas participantes dessa turma. Na Figura 12, vemos o momento eternizado no qual a insígnia é colocada no colarinho da capa, roupa de gala vista anteriormente na Figura 11.

Figura 12 – Foto de Maria da Glória Ferreira Façanha na solenidade de colação da insígnia (broche no colarinho de seu uniforme) em 20 de janeiro de 1951



Fonte: Acervo particular

Após sua creditação, demarcada pela entrega da insígnia (Figura 12), Maria da Glória iniciou a fase prática do curso na unidade hospitalar São Francisco de Assis⁸⁷ (Figura 13), localizada no Rio de Janeiro, na qual eram realizados os atendimentos à população carente, permitindo o contato e a aprendizagem da assistência quando da prestação do cuidado. Nessa instituição, as alunas permaneciam diuturnamente para cumprir o tempo de estágio que significava uma exigência que, juntamente com os estudos teóricos, promovia o desenvolvimento de sua habilidade e de competência para o domínio da assistência ou do cuidado de enfermagem.

Figura 13 – Foto do Hospital São Francisco de Assis⁸⁸, Rio de Janeiro (1965)



Fonte: site Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

⁸⁷Em 10 de julho de 1879, Dom Pedro II inaugurava na Cidade Nova o Asylo da Mendicidade, único exemplar de arquitetura panóptica (que permite uma visão de todos os ângulos) da América Latina. A construção monumental, de estilo neoclássico foi tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Lá, funciona o Hospital Escola São Francisco de Assis, que pertence à UFRJ. Está nos planos da UFRJ a devolução de um elemento curioso do hospital: um túnel por baixo da Rua Afonso Cavalcanti que, no passado, ligava o São Francisco de Assis à Escola de Enfermagem Ana Néri, do outro lado da rua. Os prédios do século XIX mantêm essa configuração, com a torre no meio, que se comunica com três prédios frontais e outros três radiais. O engenheiro Heitor Rademacker Grünewald havia visitado prisões da Europa antes de projetar o espaço.

<https://oglobo.globo.com/rio/design-rio/hospital-escola-sao-francisco-de-assis-colando-os-cacos-de-135-anos-de-historia-12678787> acessado em 25/2/2021

⁸⁸Fonte: Divulgação/UFRJ / acessado em: <https://oglobo.globo.com/rio/design-rio/hospital-escola-sao-francisco-de-assis-colando-os-cacos-de-135-anos-de-historia-12678787>

Sobre esse momento de estágio a nossa protagonista traz fragmentos de suas lembranças retomadas pelo fio da memória quanto à rotina vivenciada no campo de estágio, narrando sua história de formação na profissão.

Agora você aprendia mesmo! Na escola tinha um transporte, um ônibus, que nos levava para o estágio que ficava no centro da cidade, no hospital São Francisco de Assis. Quando terminávamos o longo turno, novamente o motorista do ônibus ia nos buscar. A aula teórica e estudos aconteciam num prédio próximo ao hospital no qual, quando íamos para o estágio, caminhávamos por um túnel para chegar, era mais ou menos um quarteirão, também ficava lá perto a escola, toda aquela estrutura, praticamente, era só para morar. Quando comecei a estagiar, logo me apaixonei pelo que fazia, eu adorava estar entre os doentes, era um trabalho muito duro que exigia muito esforço, havia enfermaria com 40 leitos. Fazíamos de tudo no atendimento aos doentes, desde o banho no leito, colocávamos a comadre, tudo que tínhamos aprendido. Dávamos a medicação sempre atenta aos chamados, mas eu não gostava de pacientes em estado grave com risco de morte, era duro quando isso acontecia, porém precisava aguentar. E tinha ainda os plantões. Os plantões eram de nove da noite às sete da manhã e não podia nem sentar. A coordenadora da sala estava sempre na supervisão, vigiando-nos atenta e questionava "O quê você está fazendo? 'Estou descansando um pouquinho', mas aqui não temos tempo para isso, e dizia "bora vambora". (Maria da Glória Ferreira Façanha)

No segundo ano do curso Maria da Glória, que recebia uma bolsa da escola de enfermagem para que tivesse condições de permanência como aluna interna, foi com uma colega de curso conhecer o Serviço Especial de Saúde Pública⁸⁹ para pleitear uma segunda bolsa, o que era um movimento comum naquele tempo. A escola e ou programas de saúde forneciam bolsas ou a própria aluna podia buscar isso por meio de informações que circulavam na própria escola. Assim nos conta Maria da Glória esse episódio:

Essa colega não era muito boa da cabeça e foi ideia dela arranjarmos uma bolsa de estudos. "Ela soube que um determinado SESP estava ofertando bolsa de estudo. Vamos lá?". Aí nós fomos até a Fundação SESP. Naquela época, o que existia era um convênio entre os Estados Unidos e o Brasil. Eles estavam interessados na borracha, tudo ainda girava em torno da guerra. Chegamos lá, fomos muito bem recebidas. Os enfermeiros com uma longa conversa "pra gente é uma alegria receber vocês." Claro que arranjamos uma bolsa de estudos muito boa. Quando eu terminei o curso, eu estava empregada até porque uma das exigências da bolsa era que a aluna bolsista sespiana, ao se formar, integraria-se nesta instituição para trabalhar por um período de, no mínimo, dois anos. (Maria da Glória Ferreira Façanha)

⁸⁹Os Serviços Especiais de Saúde Pública (SESP) foi criado em julho de 1942. Sua história será mais bem detalhada na próxima subseção.

Era uma época de muita demanda para a profissão, praticamente toda a turma já saía da formatura com não somente uma, mas algumas propostas de emprego. Maria da Glória concluiu seus estudos na EEAN, no ano de 1953. Na Figura 16 vemos o diploma que confere a Maria da Glória Ferreira aptidão para o exercício de enfermeira diplomada, amparada na rotina disciplinar que a instituição padrão demandava e que, de certa forma, oferecia uma formação que a destacava. Na Figura 14 – Maria da Glória posa para uma bela foto com sua roupa de gala, quando de sua formatura.

Figura 14 – Maria da Glória Ferreira Façanha, formatura Escola de Enfermagem Ana Neri (1953)



Fonte: Acervo particular

Figura 15 - Foto do diploma de conclusão de curso da Maria da Glória Ferreira Façanha – Universidade do Brasil/ escola de Enfermeiras Ana Néri, Rio de Janeiro, 1953



Fonte: acervo particular

O diploma de conclusão de curso de enfermeira de Maria da Glória (Figura 15) foi assinado pela diretora do curso, a enfermeira Waleska Paixão⁹⁰. Para rememorar um pouco, a enfermeira Waleska Paixão, além de ser diretora da Escola de Enfermagem Ana Neri por 16 anos, escreveu e publicou livros sobre a história da enfermagem⁹¹. Esta obra sobre a temática foi uma das mais consultadas e descritas nas referências de trabalhos de enfermagem, como vimos no capítulo do nosso Estado da Questão. Sobre a diretora Waleska Paixão, Maria da Glória rememora que ela era uma pessoa muito sábia, preparada, organizava todos os meses as festas dançantes, além de acompanhar de perto as alunas. O sistema da Escola de Enfermagem AN era bem rigoroso e o acompanhamento às alunas era muito próximo, principalmente em relação aos horários de entrada e saída, as folgas que as internas tinham direito e a própria aprendizagem e desenvolvimento de cada profissional.

Ser enfermeira diplomada pela Escola Ana Neri era uma conquista diante do reconhecimento da escola com elevado status social. As enfermeiras, diante da escassez desses profissionais e sendo formada em escola tão renomada, tinham espaço profissional nas instituições, na maioria das vezes, no exercício de uma função de chefia, na supervisão e orientação às enfermeiras práticas auxiliares.

Maria da Glória, munida com seu diploma de enfermeira formada na EEAN, tendo iniciado seu curso em 1º de agosto de 1950, aos 18 anos de idade, como uma jovem estudiosa inserida na escola em regime de internato, recebendo inicialmente uma bolsa da escola e posteriormente no serviço SESP, finaliza sua formação em 31 de agosto de 1953. No mês de setembro, já estava, como rezava seu contrato, como bolsista contratada para o cargo de enfermeira na Fundação SESP. Esta fase da vida profissional de Maria da Glória é tratada na subseção a seguir.

⁹⁰Em junho do mesmo ano, a enfermeira Waleska Paixão foi admitida na EAN, segundo a Portaria nº 91, de 24 de junho de 1948; publicada no Diário Oficial de 30/6/1948, sendo sua posse para exercer o cargo de enfermeira, em 1º de julho de 1948. Após dois anos no cargo de professora e de atividades de contribuição à diretoria da escola, em 10 de julho de 1950, foi nomeada pelo presidente da República, Eurico Gaspar Dutra, para exercer o cargo de diretora da Escola Ana Néri da Universidade do Brasil, vago em virtude do falecimento de D. Laís. Ela foi diretora da EEAN durante 16 anos (1950-1966)

⁹¹Seu livro foi referência para vários pesquisadores, sobretudo nos estudos sobre a história da enfermagem. A primeira edição do livro "História da Enfermagem" foi publicada em 1951 pela Universidade do Brasil. A segunda (1960), terceira (1963) e quarta (1968) edições foram publicadas pelo editor Bruno Buccini. A quinta e última edição foi publicada em 1979 pela Júlio C. Reis Livraria.

6.3 Caminho profissional: experiências e vivências na Fundação Serviços Especiais em Saúde Pública – FSESP

Com a criação do Ministério da Saúde e Educação no governo Vargas (1930-1945, 1º Governo, e 1950-1954, 2º Governo), a ideia era mobilizar ações unificadoras e nacionalistas, promovendo a implementação de serviços sanitários a todas as regiões do país, sendo criado o Serviço Especial de Saúde Pública (SESP). Para o funcionamento desse órgão, o Governo brasileiro fez parceria com os Estados Unidos que tinham interesse nesse investimento, principalmente a época da Segunda Grande Guerra e do pós-guerra, pois teriam em troca a aquisição de bens primários como a borracha (região amazônica) e minério de ferro (região Centro-Oeste “Vale do Rio Doce”), além de afastar o Brasil de negociações com outros países, como Alemanha, por exemplo. Dentre as ações sanitárias do SESP estavam o controle de doenças como a malária, além das transmissíveis, e a formação de profissionais da saúde: médicos, enfermeiras e agentes sanitários para distribuição em áreas estratégicas deste território tão vasto.

Em 1960, o SESP passou à categoria de Fundação, vinculado ao Ministério da Saúde, e pela Lei 3.750 adquiriu caráter permanente, e não temporário, expandindo territorialmente sua atuação a todas as unidades da Federação e, no plano municipal, desenvolvia contratos de construção de sistemas de abastecimento d’água e tratamento de esgotos, o que contribuía fortemente para diminuição e ou erradicação de doenças advindas da falta de saneamento no país.

A Fundação SESP estabeleceu algumas estratégias de trabalho no Brasil, sendo a primeira no envio de enfermeiras americanas para analisar a situação formativa dos profissionais da saúde, momento em que se constatou, em caráter de urgência, intensificar o número de profissionais formados, principalmente enfermeiras, visto que o número existente era pouco significativo, além da necessidade de melhorar as estruturas das atuais escolas de formação.

Outra estratégia foi a concessão de bolsas para que as jovens fizessem os cursos em formato de internato e posteriormente, já formadas, inserissem-se na instituição. Também se preocupavam com a criação de cursos de auxiliar de enfermagem e visitadoras sanitárias. No caso das visitadoras, geralmente, eram recrutadas jovens da própria comunidade para exercer essa prática após a realização de uma formação de curto período. Tanto para as enfermeiras quanto para as

visitadoras, o contrato de bolsas para formação criava, como já assinalado, um vínculo de dois anos de serviços prestados à Fundação após a formatura.

É nessa Fundação, com características e objetivos claros de trabalho a ser realizado por todo o território nacional, que a enfermeira Maria da Glória se inicia profissionalmente logo após sua formatura na Escola de Enfermeiras Ana Neri, no ano de 1953 e permanece nela até o dia de sua aposentadoria, em 1980, com quase 30 anos de SESP.

O vínculo de estudante-bolsista com a Fundação SESP proporcionou uma relação direta da formação acadêmica para a vivência profissional. Em fase de conclusão do curso, Maria da Glória foi com suas colegas, também bolsistas, à Fundação SESP para se informar sobre as ações a serem desenvolvidas após a formatura. A memória traz-lhe as lembranças daqueles dias:

Quando fui terminando o curso, nós fomos lá, na Fundação, para saber como estava a nossa situação. A enfermeira que nos recebeu disse: vocês sabem que receberam as bolsas praticamente sem exigências, então, vocês têm o compromisso de trabalhar dois anos, depois de formadas, na Fundação SESP. Depois de dois anos, se não quiserem mais trabalhar na Fundação, não tem problema. "Vou mostrar onde vai ser o trabalho de vocês". Aí começou a mostrar uns desenhos, umas fotografias e a gente era muito nova e animada para o trabalho. " Eu tenho vaga em Juazeiro da Bahia, no Espírito Santo e no programa da Amazônia. O programa da Amazônia acontece entre o estado do Pará e Amazonas, então, vocês escolhem para onde querem ir". Nós éramos três, eu e duas irmãs. "A Tereza disse: eu quero ir para Juazeiro na Bahia, porque eu sou alagoana e fica mais perto do meu estado natal", a outra, irmã da Tereza, disse: "Eu quero ir para o Espírito Santo porque fica mais perto do Rio e fica mais fácil de voltar aqui". Quando chegou a minha vez "e você?" não sobrou muita coisa, só sobrou de fato uma então eu disse: "eu quero ir para o programa da Amazônia." Aí elas me deram uns beliscões, "você tá doida?" Eu disse "longe por longe eu quero ir longe mesmo. Eu não conheço nada, então, vou pelo menos conhecer ", mas foi tão direta e prática a conversa e também interessante. Então, a enfermeira falou: "Tudo bem, mas eu vou saber primeiro se querem você lá, porque o pessoal daqui do Sul vai para lá e depois fica querendo voltar e isso traz o maior problema pra gente aqui". (Maria da Glória Ferreira Façanha)

Observando a extensão do nosso país no mapa (Figura 16), inferimos que Maria da Glória agiu com ousadia ao se dispor a sair do Rio de Janeiro para trabalhar na localidade mais longe oferecida pela Fundação SESP. O estado da Amazônia naquela época, e entendemos ainda hoje, apresenta-se como diferente e longínquo. Conforme vimos, Maria da Glória escolheu o Pará e "brincou que longe, por longe, iria pro mais longe que tivesse e conheceria novos lugares". Brincadeiras à parte, antes de efetivar sua partida, ela solicitou à Fundação uma licença de 15 dias para ficar com

sua família em Belo Horizonte e também ler um pouco sobre aquela parte do país. Nas recordações desses tempos que são muito marcantes a enfermeira Maria da Glória relembrou que a viagem para Belo Horizonte foi muito sofisticada e que tinha sido a primeira vez que viajara de avião. Ressaltou ainda que tudo fora pago pela Fundação SESP.

Figura 16 – Mapa do Brasil com os postos de trabalho da Fundação SESP, 1953



Fonte: elaborado pela autora (2021).

No mapa Figura 16, verificamos os postos de trabalho da Fundação SESP que foram apresentados para Maria da Glória e suas amigas para que escolhessem onde iriam trabalhar. Ao retornar de sua visita aos pais em Minas Gerais, para o Rio de Janeiro, preparou-se para a tão esperada viagem ao estado do Pará (uma viagem de 3111 km). O primeiro registro profissional cedido por Maria da Glória foi retirado de suas anotações em diário, nas quais tinha a descrição lembrando como ela era lotada no programa da Amazônia, além de observações das viagens (idas e vindas), até sua fixação na Unidade de Saúde(U.S.) da cidade de Soure com a designação até o ano de 1956, nos quais aqui temos registrados e fixados como responsável pelo serviço de enfermagem das unidades de saúde (U.S.) de Soure, Gurupá, Chaves e Altamira. Seguem trechos dessa escrita:

Serviço Especial de Saúde Pública.
Aviso ao servidor sobre medidas adotadas.
Nome – Maria da Glória Ferreira.
Localidade: Rio de Janeiro.
Natureza da medida: Admissão.
Data: 17 setembro de 1953.
Cargo: Enfermeira –
Vencimento: Cr\$ 3.990,00. N° 498/53.
Lotação: Programa da Amazônia.
Sup. Dr. Ernani Braga
Serviço Especial de Saúde Pública.
Natureza da medida: Remoção.
Localidade: Belém, 31.12.53.
Data: 1° de janeiro de 1954. N° 1676. Cr\$ 4.00,00 + 1.200,00.
Lotação: Seção de enfermagem.
Posto de Soure.
Observações: De acordo com o Memorando. 614 de 28.12.53 da Diretoria do Programa – P. Soure D. S. Belém.
Diretor do Programa Amazônia – Dr. Amirton Basto

Serviço Especial de Saúde Pública.
Aviso ao servidor sobre medidas adotadas.
Nome – Maria da Glória Ferreira. Localidade: Belém – Data 23.11.1954 – N° 1008.
Natureza da medida: Licença para Tratamento de Saúde.
Data: 4.11.54 – Cargo: Enfermeira.
Lotação: U.S. Soure.
Observações: Período de 4 a 23.11.54 (20 dias)
Chefe de seção de pessoas – Atalá de A ramos.

Natureza da medida: designação. Data: 4.1.55.
N° 20 – Lotação: U.S. Soure.
OBS: Responsável pelo serviço de enfermagem das U.S. de Soure, Gurupá, Chaves e Altamira.
Vencimento: Cr\$ 4.500,00 + Cr\$ 1.300,00.
Data: 1° de janeiro de 1955. Dr. Garibaldi Faria – Diretor Pará.

Serviço Especial de Saúde Pública.
 Aviso ao servidor sobre medidas adotadas.
 Nome – Maria da Glória Ferreira.
 Localidade: Belém – Data 27.06.1955 – N° 1646.
 Natureza da medida: Reajustamento.
 Data: 1° de maio de 1955 – Cargo: Enfermeira.
 Lotação – U.S. Soure.
 Natureza da medida: Aumento de vencimentos – 16.11.1956. N° 1.200 –
 Data: 1° de outubro 1956.
 Lotação: U.S. Breves.
 Vencimento: Cr\$ 5.000,00 + Cr\$ 2.500,00 adicional – para Cr\$ 5.500,00 +
 Cr\$ 2.750,00 adicional.
 Função: enfermeira chefe.
 Dr. Garibaldi Farias – Diretor P. Pará.
 (Maria da Glória Ferreira Façanha, Registros de Diário pessoal, 2018).

Nessa adaptação no Programa da Amazônia, quando chegou ao Pará, precisou optar inicialmente pelo menos por um dos programas de trabalho do serviço SESP, sejam eles: hospital, saúde pública ou ensino. Sua opção foi pela saúde pública, pois estavam precisando de enfermeiras no Posto de Santarém⁹², então, Maria da Glória foi para lá e permaneceu por três meses (setembro a dezembro), quando retorna em janeiro de 1954 para Belém.

O trabalho era de orientação de um grupo de enfermeiras sobre as atividades a serem realizadas pelos vários territórios de abrangência. Logo a seguir, na Figura 17, vemos Maria da Glória e o grupo de enfermeiras na unidade de saúde pública de Santarém.

⁹² “Santarém é um município brasileiro do estado do Pará, o terceiro mais populoso do estado, atrás somente da Capital, Belém, e Ananindeua, sendo o principal centro urbano, financeiro, comercial e cultural do oeste do estado. É sede da região metropolitana de Santarém, o segundo maior aglomerado urbano do Pará. Pertence à mesorregião do Baixo Amazonas e a microrregião de mesmo nome. Situa-se na confluência dos rios Tapajós e Amazonas. Localizada a cerca de 800 km das metrópoles da Amazônia (Manaus e Belém), ficou conhecida poeticamente como Pérola do Tapajós”.
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Santar%C3%A9m_\(Par%C3%A1\)#:~:text=308%20339%20hab.&text=Sa%20ntar%C3%A9m%20\(AFI%3A%20%5Bs%C9%90%CC%83ta%CB%88%C9%BE%E1%BA%BDj%5D,cultural%20do%20oeste%20do%20estado](https://pt.wikipedia.org/wiki/Santar%C3%A9m_(Par%C3%A1)#:~:text=308%20339%20hab.&text=Sa%20ntar%C3%A9m%20(AFI%3A%20%5Bs%C9%90%CC%83ta%CB%88%C9%BE%E1%BA%BDj%5D,cultural%20do%20oeste%20do%20estado). Acessado em 20/08/2021

Figura 17 – Foto de Maria da Glória Ferreira Façanha e grupo de enfermeiras em Santarém – PA, 1953. Maria da Glória está no centro da foto segurando um “cone”



Fonte: Acervo particular

A Fundação SESP exigia padrão e responsabilidade em todas as atividades, seja na parte de acompanhamento das documentações e relatórios (veremos posteriormente em detalhes essa exigência sendo executada pela enfermeira Maria da Glória), seja no uniforme Figura 17, este, de caráter obrigatório, era composto por uma saia na cor azul escura, blusa branca de mangas curtas, o clássico sapato preto fechado, meias brancas e deveria ser mantido limpo como garantia de boa aparência e marca não só da profissão, mas do perfil sespiano.

Ao sair de Santarém, foi para cidade de Soure⁹³, permaneceu no período de 1954 a 1955, como registros antes já apresentados, pois havia surgido uma vaga para saúde pública, sua primeira opção no programa da Fundação SESP. Além de Soure, sua lotação inicial, outras cidades foram agregadas para que ela visitasse, como as grifadas no registro (4 de janeiro de 1955), como Gurupá, Chaves e Altamira. Ainda nesse período, temos o registro de uma participação como membro do XII Congresso Brasileiro de Higiene, ocorrido no período de 9 a 15 de janeiro de 1955, na cidade de Belém.

A participação em cursos e eventos passou a ser mais intensa no decorrer dos anos, como verificaremos mais adiante, sendo exigência da formação continuada incentivada pela Fundação. Os cursos realizados fazem parte da formação continuada e do desenvolvimento do ser profissional, para que ocorram, é necessária muitas vezes a manutenção da parceria profissional e instituição de trabalho.

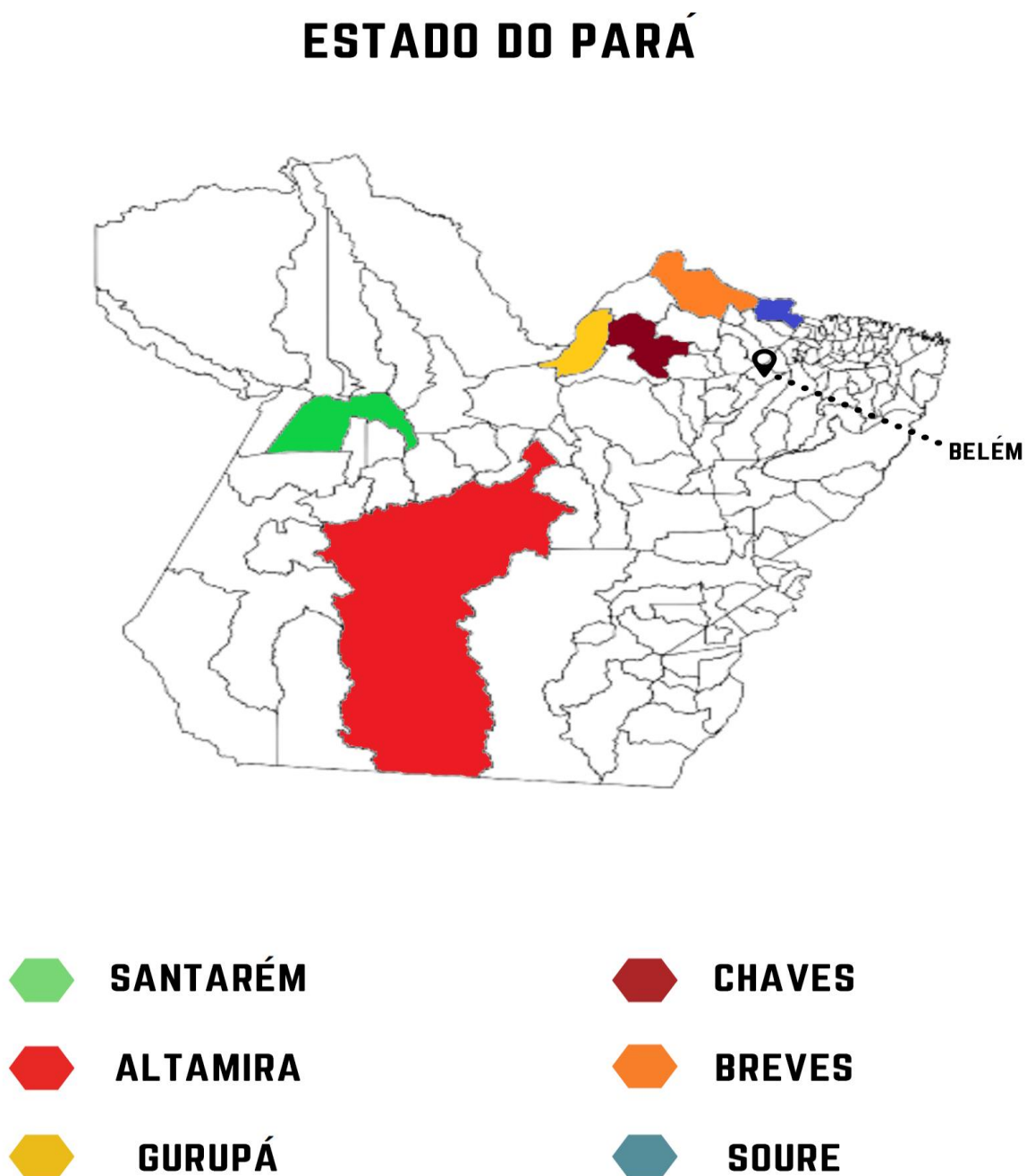
Na unidade de Soure, Gurupá, Chaves e Altamira, de sua responsabilidade, dentre as atividades desenvolvidas por Maria da Glória estava o acompanhamento do trabalho das enfermeiras, a orientação de gestantes, de famílias com crianças menores de dois anos de idade e de pessoas com doenças transmissíveis. Daí a importância de aprimorar seus conhecimentos sobre higiene, tema do curso realizado em Belém, no ano de 1955. Sobre os cursos e participação em eventos, enquanto nos mostrava seus diplomas e certificados durante os encontros em sua casa, comentava, viajando no tempo de tantos acontecimentos vividos: “Eu sei que eu não parava, mas foi também um tempo divertido e de muita aprendizagem. Como eu adorei tudo aquilo!” Glória, sempre expressava a satisfação em ser, fazer e aprender ter sido realizado e aprendido o que, à época, o trabalho lhe proporcionava.

A carência de serviços sanitários na região Norte era imensa, um país com tamanho continental deixava muitos habitantes à margem de ajudas esporádicas, principalmente por causa das distâncias, dos difíceis acessos, além da dificuldade nos transportes que eram utilizados à época. Observamos, na Figura 18 do mapa do estado do Pará, as cidades supervisionadas por Maria da Glória em destaque. Fazendo um adendo, ao qual retomaremos, é a inserção da cidade de Breves quando

93 “Soure é um município brasileiro localizado na zona fisiográfica da Ilha de Marajó, no estado do Pará, na região Norte do Brasil. Fica a 80 km da Capital, Belém. Tem 3.551.863 km²”. [https://pt.wikipedia.org/wiki/Soure_\(Par%C3%A1\)#:~:text=Soure%20%C3%A9%20um%20munic%C3%ADpio%20brasileiro,uma%20altitude%20de%2010%20metros](https://pt.wikipedia.org/wiki/Soure_(Par%C3%A1)#:~:text=Soure%20%C3%A9%20um%20munic%C3%ADpio%20brasileiro,uma%20altitude%20de%2010%20metros). Acessado em 2021;

Maria da Glória passa a ter a chefia de enfermagem, em 1956, três anos após sua formatura.

Figura 18 - Mapa do estado do Pará – Marcação da região de trabalho da Maria da Glória Ferreira Façanha



Fonte: <https://pt.mapsofworld.com/brasil/estados/maps/para-mapa.jpg> acessado em (9/11/2021).

Apesar das dificuldades para a enfermeira e desde sempre educadora, já que saúde e educação não se separam nas orientações dos cuidados, Maria da Glória, em suas lembranças e com muito humor, rememora com um viés de aventura todas às vezes que precisou supervisionar a cidade de Altamira, pois viajava em avião monomotor, que pousava na água, e ela precisava saltar num barco. Ao relatar essas atividades, brinca dizendo que era “muita coragem na época enfrentar tantas adversidades”. Esta foi uma das lembranças mais rememoradas por Glória Façanha em nossos encontros.

Em 1956, passou a enfermeira-chefe e foi lotada na cidade de Breves⁹⁴, lá, vivenciou outras experiências. Na cidade não havia transportes motorizados, então, suas visitas aos locais necessários eram realizadas de bicicleta ou a pé, além disso, brincava dizendo que, na cidade, “era mato na frente e água atrás”. A cidade de Breves reservou, para além da experiência profissional, uma mudança de vida pessoal de Maria da Glória, pois lá conheceu seu esposo. Ele fazia parte do grupo de profissionais de saúde que atendia a cidade, no caso, na assistência odontológica particular. Domingos Oliveira Façanha era dentista e natural de Russas, município do Ceará. Entre namoro e casamento foi um ano de amizade sendo construída. A seguir, temos a Figura 19 da foto do casamento de Maria da Glória Ferreira e Domingos Oliveira Façanha.

94 “Breves é um município brasileiro do estado do Pará. Localiza-se no norte brasileiro, ao sudoeste, na Ilha de Marajó. Tem uma área de 9 562,240 km², sendo, portanto, a maior e principal cidade da Ilha de Marajó”. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Breves#:~:text=Breves%20%C3%A9%20um%20munic%C3%ADpio%20brasileiro,longitude%2050%C2%BA28'49%22%20oeste>. Acessado em 23/07/2021

Figura 19 – Foto do casamento de Maria da Glória Ferreira e agora Façanha – 27 de maio de 1957, Pará.



Fonte: Acervo próprio

Na Figura 19, vemos um casal cheio de felicidade e afeto. Uma foto clássica que registra um momento divisor de águas na vida de todos os imortais que se encontram abrindo um novo caminho de vida e formando uma nova família. A noiva Maria da Glória e seu noivo Domingos Oliveira Façanha. Na Figura 19, Maria da Glória se apresenta com uma luz interior própria do momento, portando uma coroa de pérolas sustentando uma grinalda curta, que segue até a cintura, um belo vestido branco com brocados e um buquê de flores brancas na mão. O noivo, a caráter, com camisa, acreditamos de linho branco, com colarinho, gravata preta com bolinhas brancas e um bonito terno com a elegância que a data exigia. No bolso do terno um lençinho muito utilizado à época como efeito mais cerimonial. Situado logo atrás da noiva, ele a segura com sua mão firme denotando proteção e amor. O casamento ocorreu em 29 de maio de 1957, ela, com 25 anos, e seu noivo, 29 anos. Domingos Oliveira Façanha, cearense formado em Odontologia, que a convite de um colega tinha ido iniciar a carreira no Pará. Ele não pertencia à Fundação SESP, trabalhava

em consultório particular. Agora Maria da Glória Ferreira Façanha⁹⁵, nome de casada, ao descrever para nós seu companheiro de sete décadas de convivência, seus olhos brilharam e as lembranças surgem em revoadas:

Ele, que era cearense, e um colega, que era médico, foram trabalhar na cidade de Belém e, depois, foram transferidos para minha cidade (Breves). Ele foi primeiro trabalhar odontologia em Belém e esse amigo falou com ele: "Rapaz se você quiser ganhar algum dinheiro venha para cá. Aqui estamos sem dentista há não sei quanto tempo". E ele foi. A gente era muito amigo e aquela coisa toda que se sabe. Como não tínhamos onde morar, o SESP construiu três casinhas de madeira. Uma casinha para o médico chefe, uma para o médico assistente e uma para a enfermeira e eram assim as três no quintal do hospital. Ali eu fiquei durante um ano e logo a gente estava casado. Não vou entrar em detalhes, mas ele tinha uma namorada no Ceará (risos). Aquela confusão que isso acrescenta, mas em um ano a gente estava casado. A minha mãe dizia assim: "Eu tenho uma filha solteira no Pará, essa filha casa e ninguém viu esse casamento, de jeito nenhum, tem que casar também aqui." Aí meu irmão, que é padre, casou-nos novamente. Eu vim conhecer a família dele aqui no Ceará e voltamos novamente para o Pará. Passamos mais oito anos em Breves. Não, espera aí, seis anos casada lá em Breves. A gente quando tá com o marido do lado, tudo é bom, nada é ruim. Eu toda vida tive o temperamento assim, muito alegre. E foi muito bom. Muito bom. (Maria da Glória Ferreira Façanha)

Após o casamento, em 1957, permaneceram em Breves até 1963, nesse ano, Glória Façanha fechou dez anos de trabalho no programa da Amazônia. O casal decidiu vir morar no Ceará, a escolha, além de ser por causa da cidade do esposo, tinha também correlação com a transferência a ser conseguida pela Fundação SESP. Em Minas era mais difícil de conseguir, lembrando do início de sua trajetória quando as enfermeiras que a atenderam no Rio de Janeiro disseram que as vagas geralmente eram para locais mais distantes. E relembra:

Eu pedi minha transferência para Fortaleza porque ele é cearense e, em Minas, não tinha condições de ser transferida, e conseguimos. Tinha uma pessoa que era lá da diretoria e que era muito amiga da minha irmã. Ela justificou que era parente da gente, umas mentirinhas no meio, e que os meninos já estavam crescendo e precisavam estudar, o que era verdade, e trouxeram-me para cá. Vim para assumir aqui nos Serviços Cooperativos de Saúde do Ceará. Naquele tempo existia o convênio entre o Federal e o Estadual, Serviços Cooperativos de Saúde do Ceará. Convênio entre a Fundação SESP e o Estado do Ceará.

Para assumir as funções no Ceará a enfermeira Glória Façanha foi enviada primeiramente para ministrar um curso de visitadora sanitária em Recife-

⁹⁵Eis que voltamos a trazer em nosso texto o nome da nossa protagonista Glória Façanha, seu segundo nome e o sobrenome de seu esposo.

Pernambuco. Na Figura 21, a seguir, vemos Glória Façanha junto às enfermeiras participantes do curso. Elas estão com jardineira branca e vestido azul-marinho mangas curtas e todas portam bolsa padronizada.

Figura 20 – Grupo de enfermeiras no curso de visitadoras sanitárias, Recife, 1963



Fonte: acervo particular.

No local do curso era preciso ficar por três meses, mas Glória Façanha só ficou dois por motivos pessoais. O fato de já ser casada e ter três filhos (Paulo Sérgio Ferreira Façanha, mais velho, Luiza Ferreira Façanha e Henrique Ferreira Façanha) dificultava um pouco as longas saídas de tal modo que precisou retornar ao Ceará.

Ao assumir a função de enfermeira na Fundação SESP, em 1953, Glória Façanha era solteira e, de certo modo, essa condição tornava sua rotina mais maleável, se tratarmos de questões como: mobilidade para viagens, visitas aos postos de saúde e desenvolvimento de campanhas, entre outras ações, e em localidades diversas, que eram objetivos dos programas da Fundação. Ao casar e ter filhos, não só a responsabilidade aumentou, mas também toda a carga de trabalho doméstico, seja de educar os filhos, seja de conduzir a manutenção da casa, ações somadas à

vida de profissional que geram sobrecarga às mulheres devido ainda a nossa cultura patriarcal. Assim, os papéis de mãe, esposa e enfermeira tornaram-se desafiadores.

Ao chegar à cidade de Fortaleza, em 1963, permaneceu com a função de supervisora, mas agora pelo convênio da Fundação SESP e o Governo do Estado do Ceará. Para além dos trabalhos na Fundação SESP, Glória Façanha cooperava com o trabalho de enfermagem nas outras instituições, inclusive ligadas à Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn-CE), nesta, como membro dos eventos, dentre eles, o XV Congresso Brasileiro de Enfermagem, promovido pela ABEn Ceará⁹⁶, no ano de 1963, inclusive comprovado pelo certificado recebido no evento. O Congresso Brasileiro de Enfermagem reunia profissionais associados à ABEn de cada região, oportunizando a troca de experiências entre os pares, além de discussões temáticas com palestrantes e estudiosos que trabalhavam questões relevantes para o desenvolvimento da carreira dessas profissionais. Para Glória Façanha foi uma boa oportunidade estar chegando ao Ceará e poder participar desse evento.

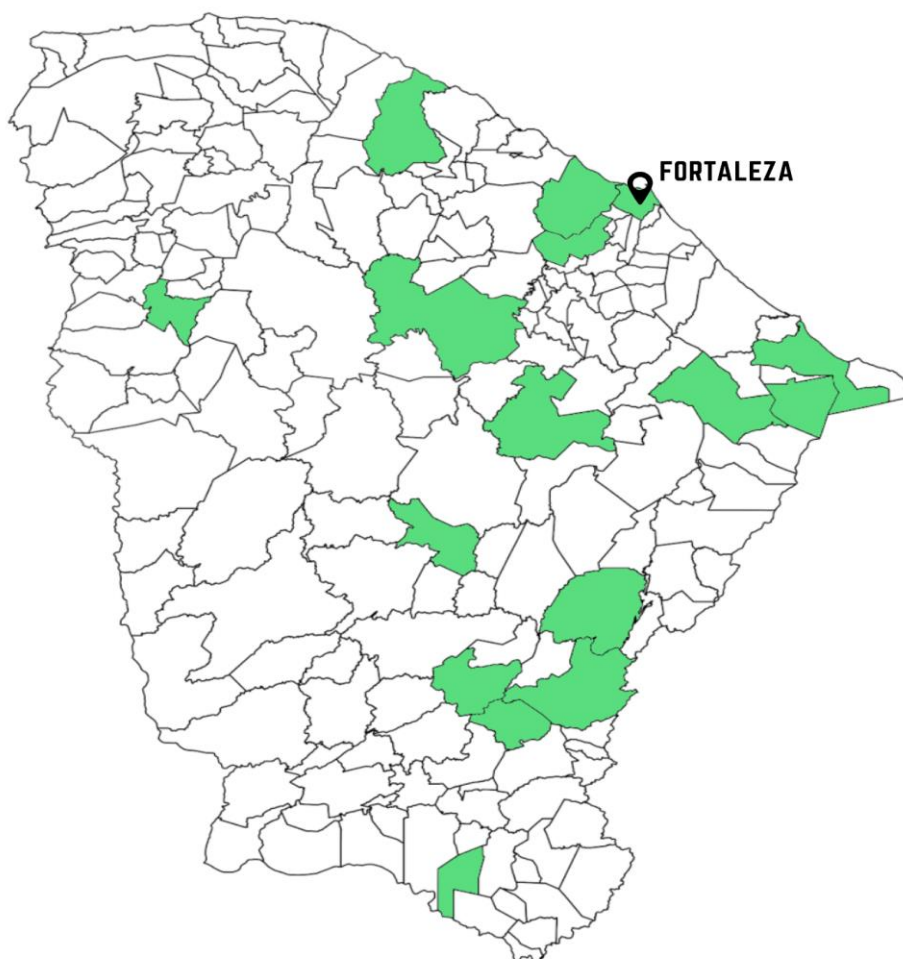
Em seu contrato de trabalho no Ceará, constava sua função de supervisora de enfermagem do Serviço Cooperativo de Saúde Pública do Estado do Ceará (Convênio entre a Fundação SESP e o Governo do Estado do Ceará⁹⁷. Válido de 2.1.1964 a 1º/1/1966). Com esse convênio, ela assumiu 16 cidades cearenses (Figura 21 – Mapa do Ceará) para supervisionar: Jaguaribe, Iguatu, Itapipoca, Cedro, Quixadá, Icó, Canindé, Aracati, Jaguaruana, Crato, Juazeiro do Norte, Ipu, Russas, Senador Pompeu, Maranguape, Fortaleza.

⁹⁶A história da ABEn Ceará inicia-se quando” Irmã Cecília Fernandes Pequena, então diretora da Escola de Enfermagem São Vicente de Paula, após participar do IV CBen realizado na Bahia, no ano de 1960, incentiva um grupo de enfermeiras docentes a congregar movimento em prol da Fundação da Seção Cearense de Enfermagem. Em 18 de junho de 1961, toma posse a sua primeira diretoria, tendo como sede a referida escola, que ficou assim constituída: presidente: Ir. Cecília Fernandes Pequena; vice-presidente: Maria de Jesus do Vale; primeira secretária: Maria Luisa Teixeira de Alcântara; segunda secretária: Maria de Lourdes Costa; tesoureira: Suzi Annete Cunha Lima. A solenidade de posse contou com a presença de 21 enfermeiros e foi pautada no compromisso de fortalecer o associativismo no seio da enfermagem cearense”. Site ABEn-Ceará < <https://www.aben-ce.com.br/historico/> > acessado em 18/03/2021.

⁹⁷ “O Estado possui uma área de 148.886,3 km², equivalente a 9,58% da área pertencente à região Nordeste e 1,75% da área do Brasil. Desta forma, o Ceará é o 4º maior da região Nordeste e o 17º entre os Estados brasileiros em termos de extensão territorial”. Em pesquisa sobre o distanciamento das cidades tomamos por ponto de referência Fortaleza e buscamos a cidade mais longe da capital visitada por Glória Façanha, no caso Juazeiro do Norte que fica “há 400.66 km de distância de Fortaleza e 562 km por estrada. Juazeiro do Norte e Fortaleza são 6 horas 53 mins de distância”. <http://www2.ipece.ce.gov.br/atlas/capitulo1/11.htm> acessado em 25/08/2021

Figura 21 – Mapa do Ceará Mapa do Ceará – cidades cearenses supervisionadas por Maria da Glória Ferreira Façanha de 1964 a 1967

ESTADO DO CEARÁ



CIDADES SUPERVISIONADAS POR GLÓRIA FAÇANHA - 1964

IGUATU	ARACATI	RUSSAS	ICÓ
CAUCAIA	JAGUARUANA	QUIXADÁ	CEDRO
FORTALEZA	CANINDÉ	JAGUARIBE	JUAZEIRO DO NORTE
ITAPIPOCA	MARANGUAPE	SENADOR POMPEU	
IPU			

Fonte: elaborado pela autora (2021)

Para além da supervisão, tinha a incumbência de ministrar cursos de visitadora sanitária e aperfeiçoamento aos funcionários das unidades de saúde (US).

Havia muita demanda nessa época (1964) e, como eram pequenas as cidades e sem pessoal formado para o mínimo de atendimento possível, a Fundação SESP e o Governo do Estado ficavam com este desbravamento levando a atenção e saúde para os interiores, oportunizando aos mais distantes e desassistidos com o mínimo possível.

A todos os profissionais da Fundação era solicitado um relatório mensal das atividades relacionadas às atividades realizadas, inclusive as viagens. Os sespianos deveriam fazer todos os registros no relatório das atividades feitas no período, tarefa que alimentou este hábito da nossa protagonista de tudo registrar, material que enriquece esse escrito sobre suas experiências e vivências. Ela desenvolvia relatórios detalhados para Fundação SESP, dirigido ao Serviço Cooperativo de Saúde do Ceará, setor de seu exercício profissional. Esta exigência e costume, como antes assinalado, agora contribuíram com dados valiosos para traçarmos a trajetória da enfermeira e professora.

A própria Glória Façanha nos forneceu esses relatórios que nos ‘muniram’ de mais informações para trabalharmos sua história profissional. Ao ouvir e analisar esses documentos cedidos por ela, percebemos uma característica muito positiva e que nos ajuda a entrelaçar sua trajetória com suas memórias: a organização e a objetividade, elementos preponderantes nos seus registros. A seguir, entendemos ser importante trazer um registro completo de um entre tantos outros relatórios que seguem praticamente o mesmo modelo, notadamente com conteúdos outros conexos às realidades visitadas e aos trabalhos vivenciados no mês. Segue nos anexos um dos relatórios *ipsis literis* referentes ao mês de fevereiro de 1964.

Com base no relatório verificamos como era intensa a semana, o mês de trabalho de Glória Façanha, dentre as atribuições presentes registradas. Destacamos ministrar e acompanhar os cursos de aperfeiçoamento para enfermeiras, visitadoras, atendentes e demais funcionários das unidades de saúde e fora delas. No início do relatório podemos observar que Glória Façanha recebeu a incumbência para comparecimento em um curso sobre saúde pública, que seria ministrado às Irmãs de Caridade por solicitação da congregação, para lhes dar conhecimentos básicos sobre assuntos gerais que facilitassem o trabalho delas junto aos menos desfavorecidos. Dentre as atribuições e afazeres das irmãs estavam as visitas aos pobres; deste modo, nessas visitas, elas poderiam aproveitar para levar algumas informações/orientações sobre higiene materno-infantil, saneamento e outros, eram

irmãs mais voltadas também à assistência social, outras ações da Congregação das Filhas de Caridade São Vicente de Paulo eram assistência à saúde e à educação.

Segundo o relatório de Glória Façanha, a seção inaugural não foi presenciada por sua equipe em virtude de terem que realizar uma viagem de urgência. Assim sendo, as referidas Irmãs tinham sido divididas em três grupos para estudar quais as suas atribuições e quais os assuntos que mais lhes interessavam. Aqui fica evidente a exigência quase de congregação religiosa da dedicação da enfermeira ao trabalho longe dos seus. Disciplina e dedicação integral fazem parte de uma formação que vinha praticamente de organizações religiosas, no cuidado aos pobres, trabalho vocacional que assim se perpetuou durante certo tempo, inclusive na enfermagem parte dele foi inserido.

Esse foi então o primeiro contato de Glória Façanha com as irmãs vicentinas, das quais posteriormente ela viria a contribuir no curso de formação de auxiliar de enfermagem e, sobretudo, no de enfermeiras na Capital cearense.

Nas visitas às U.S eram supervisionados os arquivos, o almoxarifado, a farmácia e o ambulatório. Quando percebiam que uma ajuda maior deveria ser dada, os responsáveis eram convidados a fazer os cursos de aperfeiçoamento ou a visitar outras unidades para observarem como deveriam proceder. Sobre essas ações Glória Façanha rememora que, em visitas às US, era perceptível o despreparo quanto à organização, não havia profissionalismo, eram auxiliares sem treinamento:

O pessoal não tinha gosto de nada ou não sabiam Tudo desarrumado. Eu chegava lá o almoxarifado estava todo praticamente arrebitado. Uma desorganização total, mas eu, com toda a calma, com toda a técnica. Aí , "gente, vamos fazer o seguinte: quem é o responsável pelo almoxarifado? 'É o 'fulano", Então, vamos fazer uma arrumaçõzinha aqui, vamos?" Aí tirava tudo, botava para fazer limpeza, pegava os remédios e botava em ordem alfabética. Ia lá no arquivo, uma bagunça danada "Vamos organizar isso 'assim, assim, assim', isso aqui residente ou não residente". Ia no ambulatório saber como é que estavam fazendo. Então, eu perdia... Perdia não, porque não era perder tempo, mas eu gastei muito tempo nesse trabalho. Então, eu chegava às 7 horas da manhã na cidade, saindo às 6 horas da manhã daqui de Fortaleza, de carro. Chegava lá às 7h30 começava o trabalho até 11h30. Aí ia para casa, almoçava às 13h30, e ficava até 17h30. Quando chegava 17h30, eu dizia: "Nós vamos em casa jantar e voltar todo mundo para cá." O pessoal ficava "doidim". Voltava às 17h30 e, quando era 19h, o pessoal estava de volta e ficava até 22 h. Aí, no dia seguinte, cedinho, viajava para outra cidade. (Maria da Glória Ferreira Façanha)

A rotina de Glória Façanha era intensa, passava a semana viajando e voltava nos fins de semana para casa. Sobre esse período recorda com graça de uma

brincadeira de seu esposo perguntando se ele havia casado com uma “caixeira viajante?”.

Claro que o desgaste é grande na família e, um dia, meu marido falou: não sabia que tinha casado com uma caixeira viajante. E eu respondi, “Meu filho só tem um jeito, eu peço minha demissão e você aguenta sozinho [o sustento financeiro da casa].” Foi ainda no início, quando Ele foi transferido para cá e estava começando o trabalho, ganhando pouco ainda. Ele então disse “É, não tem jeito não. É o jeito você continuar.” (risos) Aí eu fui fazendo isso o ano todo. Até que o estado recebeu de volta as unidades a eles pertencentes e nós ficamos somente com as unidades da Fundação SESP. Aí, das quase vinte cidades de nossa responsabilidade, passou para sete. Aí ficou mais fácil porque viajávamos menos e podíamos dar mais atenção em casa aos filhos. (Maria da Glória Ferreira Façanha)

Ser mulher, mãe, esposa e trabalhar fora de casa sempre foi desafiador. Concomitante ao trabalho, ela também se dedicava aos estudos e, em 1965, foi fazer especialização em Curso Básico de Saúde Pública para Enfermeiros, realizado de 25 de março de 1965 a 28 de fevereiro de 1966, pela Escola Nacional de Saúde Pública no Rio de Janeiro. Entre as viagens a trabalho e estudos seguia sua rotina na Fundação SESP e junto a sua família. Entre os muitos encontros com a enfermeira e professora Glória Façanha as lembranças, ao serem trazidas pela memória, a fazia parar, pensar e sorrir... e, então, dizia: “Meu Deus, onde é que eu arrumei tempo para fazer tanta coisa [risos]”.

Em 1966 foi encerrado o convênio entre a Fundação SESP e o Governo do Estado do Ceará, com isso, o número de cidades a serem visitadas, como antes assinalado, passou para sete, que eram Fortaleza, Russas, Maranguape, Jaguaribe, Crato, Juazeiro e Icó. Em visita era observado se as unidades de saúde seguiam o padrão da Fundação SESP, sendo analisados os elementos das US, anteriormente citados, e outros necessários à realidade e assistência da época. Podemos dizer que diminuiu o número de cidades, mas não os desafios, as responsabilidades. No mês de fevereiro de 1967, o diretor da Fundação SESP, no Ceará, convidou Glória Façanha para assumir uma turma do Curso de Visitadoras Sanitárias em Maranguape. Esses cursos tinham duração de seis meses e ocorriam em regime de internato, o que para Glória Façanha seria muito difícil permanecer todo esse tempo longe da família. Então ela lembra sobre esse momento:

Quando chego aqui em Fortaleza, a FSESP tinha que ofertar um curso de visitadora sanitária, que seria realizado na cidade de Maranguape. Era pertinho de Fortaleza, mas a enfermeira convidada para dirigir o curso tinha que morar na casa onde as alunas se encontravam alojadas. Essa enfermeira disse que não, não podia, porque era casada há pouco tempo. Então a

dispensaram do emprego e quem foi dar o curso? “A pobre da Glória”. Era assim, trabalhar na Fundação. Passei seis meses lá em Maranguape, morando na casa de uma das alunas e ministrando o curso. Eu tinha uma colega, que era do estado, ela era cearense e foi fazer o estágio comigo, eu dizia: aguarde mais um pouco que eu vou ver meu marido, pois não posso deixá-lo sozinho seis meses. Então, quando eu chegava no meio da semana, eu dizia para ela que ia visitar minha família. Ela também vinha ver a dela em Fortaleza. Aí, de madrugada, meu esposo ia me deixar lá no curso, foram seis meses assim. (Maria da Glória Ferreira Façanha)

Terminado o curso, Glória Façanha retoma a rotina das viagens pelas sete cidades cearenses, antes assinaladas e pelas quais se responsabilizava. Em seus registros escritos ainda do ano de 1967 e também de 1968, além das atividades de costume da supervisão, ela iniciou um trabalho de estudo clínico com aplicação de testes tuberculínicos⁹⁸. Segue um dos registros em relatório, do mês de setembro de 1967, que fala dessa atividade que fazia parte de um trabalho desenvolvido no país o qual contava também com a Fundação. A finalidade do teste seria “verificar a resistência do indivíduo à infecção por tuberculose, diante de uma reação de hipersensibilidade cutânea, após a aplicação do teste intradérmico, PPD (Derivado Proteico Purificado), que seria lida de 48 a 72 horas, após a aplicação do teste, para o diagnosticar e conseqüentemente por em prática as medidas de tratamento e o controle da doença.

Relatório de Enfermagem
Enfª Maria da Glória F. Façanha
Setembro, 1967

- **18.9.1967** – Viajamos para Maranguape para usarmos o referido antígeno em indivíduos tuberculosos, em tratamento ou recém-tratados.

Com o chefe da unidade, Dr. Ilo Chaves, esclarecemos a finalidade de nossa presença, iniciamos os testes. Aplicamos o teste em 7(sete) pessoas, sendo um prejudicado (perdeu-se parte do antígeno), nas seguintes idades: 22 a 27 anos = 4; 40 a 45 anos = 2; 46 a + anos = 1.

⁹⁸“A prova tuberculínica (PT) é um exame de extrema relevância para o diagnóstico da infecção latente da tuberculose (ILTb) no Brasil. Ela consiste da infusão de protéico do *M. tuberculosis* (PPD) no subcutâneo para medir a resposta imune celular do indivíduo. Nesse contexto, a padronização das técnicas de aplicação e de leitura da PT confere ao exame maior confiabilidade e precisão na indicação do tratamento da infecção latente da tuberculose, sendo essa uma das medidas mais importantes para o controle da doença. Apesar disso, a realização da prova tuberculínica nem sempre é possível devido às dificuldades inerentes ao processo de treinamento de técnicas de aplicação e de leitura da PT após a infusão do PPD. Sendo assim, o que se observa no cenário brasileiro é a falta de disponibilidade desse exame na rotina dos diferentes tipos de unidades de saúde e, em geral, pode-se dizer que a disponibilidade da prova tuberculínica ainda se encontra relativamente restrita a serviços de referência em tuberculose, hospitais e clínicas especializadas de determinadas regiões do país”. (BRASIL, 2011b). <https://www.tuasaude.com/ppd-exame-da-tuberculose>. Acesso 03/04/2021.

Todos estavam em tratamento, com exceção de 2 (um terminou o tratamento há 16 dias e outro suspendeu por ser considerado crônico).

• **20.9.1967:**

Viajamos para Maranguape para lermos o resultante dos testes (48 horas) e verificamos: 1= 4mm; 1= 5mm (teste prejudicado).

Os demais, em número de cinco, apresentaram:

1mm, 12mm, 13mm, 14mm, 15mm, sendo dois com eritema ao redor da enduração.

Com o chefe da Unidade, combinamos entrar em contato com a diretora e professoras do Grupo Escolar Rio Grande do Norte, escolhido entre os demais, e foi aprazada a reunião para segunda-feira, dia 23/10, pela manhã, e neste dia, na impossibilidade de viajarmos pela manhã, entramos em contato com Dr. Ilo remarcando a reunião para a tarde.

Viajamos à tarde e conversamos com Dr. Ilo que havia entrado em contato com algumas professoras no Grupo Escolar Rio Grande do Norte, conversamos com a diretora e professoras do 2º e 3º turnos. Deixamos os cartões "Ficha Individual" orientando o preenchimento, informando que iniciariamos o trabalho no dia seguinte: 24.10. Fomos à casa de uma professora do 1º turno para orientá-la.

Estivemos com a extensionista da ANCAR, Srta. Maria Zenir Pinheiro Pimentel, que se prontificou a entrar em contato com duas escolas da área rural, orientando as professoras sobre a pesquisa e trazendo a listagem dos alunos para preenchermos as fichas. Iremos a Cajazeiras, que tem 120 alunos, e Amanari.

• **24.10.1967:**

Iniciamos o nosso trabalho de aplicação dos dois testes, nº 1 e 5, utilizando material completamente separado. Na fervura do material será usada água destilada. As professoras fizeram as anotações dos antígenos a ser aplicados em primeiro lugar e o local e achamos um pouco demorado o trabalho, pois tínhamos o máximo cuidado para que não houvesse trocas.

Foram realizados 144 testes no primeiro dia e 118 no segundo dia. Total 262 testes.

Conversamos com as crianças e, por meio de explicações e brincadeiras, elas se mostravam menos amedrontadas. Das 262 crianças, menos de dez choraram. Até as do jardim se achavam importantes porque não choravam.

Observação: Estes alunos do grupo escolar já haviam sido anteriormente vacinados com antitetânica e antivariólica pela F. SESP local.

Dia 26 – Leitura dos Testes aplicados dia 24.

Dia 27 – Leitura dos Testes aplicados dia 25.

OBS: O 1º TURNO apresentou maior número de faltosos, por ausência da diretora, não tendo quem a substituísse.

Três professoras faltaram no dia da leitura, pela manhã, e conseguimos que as crianças mais velhas fossem à residência dos faltosos, diminuindo esse número.

MAPA DE APURAÇÃO DOS TESTES TUBERCULÍNICOS

Grupo ETÁRIO	Nº TESTADO
0 – 4	6
5 – 9	92
10 – 14	132 – TOTAL 230

MAPA DE APURAÇÃO DOS TESTES TUBERCULÍNICOS

TAM mm	TIPO I	TIPO V	TAM. mm	TIPO I	TIPO V	TAM. Mm	TIPO I	TIPO V
0	72	146	10	3	0	20	0	0
1	16	18	11	4	3	21	0	0
2	43	30	12	2	2	22	0	0
3	20	6	13	0	0	23	0	2
4	23	6	14	1	1	24	0	0
5	8	1	15	0	0	25	1	1
6	11	2	16	0	1	26	0	0
7	9	1	17	0	1	27	0	0
8	11	6	18	0	1	28	0	0
9	6°	TOT	19	0	1	29	0	0
-	219	216	-	10	10	30	01	03

APLICAÇÃO E LEITURA DOS TESTES TUBERCULÍNICOS POR DIA E POR TUNO ESCOLAR 1967

DATA APLI	I° TU R	II° TU R	III° TU R	TOTA L	DATA LEIT.	I° TUR	II° TUR	III° TUR	TOTA L	FALTOS OS
24/10	76	67	1	144	26/10	52	64	1	117	27
25/10	41	58	19	118	27/10	38	56	19	113	5
TOTA L	117	125	20	262	TOTA L	90	120	20	230	32

(Relatório FSESP, Maria da Glória Ferreira Façanha, 1967).

Em 2010, o Conselho Federal de Enfermagem-COFEN emitiu o Parecer de nº 024/2010 relacionado à atribuição do enfermeiro na realização e leitura do teste tuberculínico PPD, bem como a emissão do laudo ao paciente de tuberculose. Diante

da exigência de uma habilidade técnica e científica para aplicação seguida de análise da leitura do resultado, no tempo da Glória Façanha, elas aprendiam a dominar essas atividades, mas não havia uma legislação de amparo, ou seja, era preciso atenção redobrada na aplicação, leitura e condução do diagnóstico.

Em seu relatório podemos verificar atuações em escolas, o que nos remete que atuar em escolas, inclusive posteriormente a de Aprendizes de Marinheiros, evidencia que os grupos a serem assistidos podiam ser localizados nos ambientes escolares, nos quartéis, ou onde fosse preciso, as sespianas inseriam-se e atendiam com medidas sanitárias. Em novembro de 1967, as viagens para realização a dos testes foram suspensas. Em março de 1968, os testes foram realizados em Fortaleza, na Escola de Aprendizes de Marinheiros⁹⁹. Sobre esse período, a memória encontra-se já registrada em mais um de seus relatórios bem elaborados.

Entramos em contato com o Dr. Maximus Codes, a fim de reiniciarmos os trabalhos sobre os testes tuberculínicos, marcamos visita à Escola “Aprendizes de Marinheiros”, para o mesmo, dia 5/03 à tarde. Falamos com o Imediato, que nos levou ao comandante, e após reunião sobre o assunto, ficou estabelecido que poderíamos iniciar os testes em 13/03 e, como sempre, a a finalidade seria a de verificar a resistência do indivíduo à infecção. Ficamos de voltar no dia seguinte, 6/3, para conhecer o médico Dr. Bandeira e o ambulatório onde iríamos trabalhar. E nos meses finais de 1968 conseguiram concluir os testes em Maranguape fechando esse estudo clínico.

No dia 15/11/1968 – Dr. Maximus Coddess esteve na diretoria e, através de entendimentos com Dr. José Agripino Mendes, estando todos nós presentes, estabeleceu-se que o trabalho seria encerrado em Maranguape após mais uma semana de trabalho. Estivemos nos dias 19 e 20/11 aplicando o teste, pela manhã e realizando as leituras nos dias 21 e 22/11.

TESTES APLICADOS – 19/11/68 -----	101
TESTES LIDOS – 21/11/68 -----	99
TESTES NÃO LIDOS -----	02

TESTES APLICADOS (20/11/68) -----	78
TESTES LIDOS (21/11/68) -----	74
TESTES NÃO LIDOS -----	04

TOTAL GERAL – TESTES APLICADOS EM MARANGUAPE	
TESTES APLICADOS -----	595
TESTES LIDOS -----	552

⁹⁹Sob o título de Companhia de Aprendizes-Marinheiros, a escola foi criada em 26 de novembro de 1864, mas foi instalada somente em 26 de fevereiro de 1865. Por ocasião da Guerra do Paraguai houve uma ampliação das instalações com a finalidade de formar 300 aprendizes/ano para atender à demanda da Esquadra à época. No início do século, especificamente na data de 1º de outubro de 1908 e já com a denominação de Escola de Aprendizes-Marinheiros do Ceará, foi transferida para Jacarecanga, onde passou a ocupar um prédio de dois andares. Hoje, a EAM-CE tem estrutura adequada e é capaz de formar cerca de 500 marinheiros por ano, além de prover assistência médico-odontológica, psicológica, jurídica e social aos militares da ativa e da reserva da Marinha no Ceará, bem como a dependentes e pensionistas. Site da Marinha do Ceará <https://www.marinha.mil.br/eamce/?q=node/23> acesso em 18/03/2021.

TESTE ----- 43
(Relatório de Maria da Glória Ferreira Façanha, 1968)

Com o relatório acima no trecho de novembro observamos a finalização da aplicação dos testes na cidade de Maranguape e acreditamos que na Escola de Aprendizes Marinheiros esta também foi finalizada posteriormente. Glória Façanha continuou sua rotina de visitas às unidades de saúde sespianas na Capital e no Interior fazendo e ensinando o necessário para eficiência dos serviços promovidos pela Fundação. Seus inúmeros relatórios mensais demonstram a dimensão dos serviços prestados a esta instituição pela nossa protagonista. No ano de 1967, Glória Façanha foi convidada a participar de uma diretoria colegiada na Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo, função e cargo que serão mais bem trabalhados em uma próxima seção.

7 CHEGADA À ESCOLA DE ENFERMAGEM SÃO VICENTE DE PAULO: DESAFIO E LUTA PELA FEDERALIZAÇÃO DO CURSO

"Não venci todas as vezes que lutei, mas perdi todas as vezes que deixei de lutar". (Cecília Meireles)

Nessa seção tratamos da chegada de Glória Façanha à Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo, nos idos de 1967, quando foi acolhida com o desafio de preparar o curso desta escola para sua federalização junto à Universidade do Ceará. Uma luta que Glória Façanha abraçou sem poupar esforços para vencer todos os desafios, pois não quis, como diz Cecília Meireles, perder por deixar de lutar, vemos sempre a luta como marca expressiva na trajetória dessa mulher.

Buscando contextualizar tempo, trabalho e desafios, iniciamos este escrito com um breve histórico sobre o surgimento das primeiras universidades no Brasil, nestas, posteriormente, a Universidade Federal do Ceará. Com âncora nesse histórico, inserimos a trajetória percorrida por nossa biografada na luta e em seus movimentos em busca desta federalização.

A criação das primeiras universidades brasileiras ocorreu no período conhecido como Primeira República (1889-1930), que foi marcado, dentre outros fatores, pela grande procura pela educação superior das famílias que possuíam melhores condições financeiras para formar seus filhos como também pelo processo de mudança da economia do país e surgimento do poder republicano marcado pela descentralização política. Com isso, foi possível criar universidades em alguns estados, que posteriormente não vieram a se firmar, como foi o caso no Amazonas em (1909), São Paulo (1911) e Paraná (1911)¹⁰⁰. Conforme assinalado, estas universidades foram logo descontinuadas (SOUZA, 1996).

A Universidade do Rio de Janeiro foi criada no início do século passado pelo Decreto Federal nº 14.343, de 7 de setembro de 1920, que reunia, administrativamente, faculdades profissionais preexistentes, esta universidade se

¹⁰⁰ "Em 1909, foi criada a Universidade de Manaus, em pleno período de prosperidade da região com a exploração da borracha. Em 1926, sofrendo de falta de alunos e de recursos estatais em razão do declínio do ciclo da borracha, a Universidade de Manaus foi dissolvida. As universidades precisavam sobreviver à Reforma Carlos Maximiliano, realizada em 1915. Com efeito retroativo, a reforma não concedia equiparação de escolas superiores em cidades com menos de cem mil habitantes e em Capital de estado com menos de um milhão de habitantes". (SOUZA, 1996)

manteve após sua criação. Foi então considerada a primeira universidade brasileira. Geraldo Souza (1996) destaca em seu escrito que, no final da era Vargas (1930-1945), tinham sido originadas no país: a Universidade do Brasil, antiga Universidade do Rio de Janeiro, criada em 1920, posteriormente, surgiu a Universidade Técnica do Rio Grande do Sul, em 1928, a Universidade de São Paulo, em 1934, a Universidade do Distrito Federal, em 1935, e a Universidade Católica do Rio de Janeiro, em 1940. Até praticamente meados do século passado (1950) eram estas as universidades existentes no país.

No período de transição do governo de Getúlio Vargas para Juscelino Kubistchek (1956-1961), tomou posse como presidente da República o vice-presidente do governo de Getúlio Vargas, João Café Filho, que governou no período de 1954-1955, para nós, um registro político importante, pois nesse Governo foi criada a primeira universidade cearense, a Universidade do Ceará – UC, no dia 16 de dezembro de 1954, pela Lei federal 2.373, sendo esta assinada em 26 de dezembro de 1954, pelo então presidente: João Café Filho (1954-1955) (SOUZA, 1996).

O ensino superior brasileiro poderia se organizar na forma de universidade (pública ou privada) ou de instituto isolado, com a administração de um núcleo central formado pelo reitor, por um Conselho Universitário e por uma Assembleia Universitária (ou Congregação). Vemos na subseção a seguir como aconteceu esse processo no estado cearense.

7.1 Universidade Federal do Ceará: início de uma caminhada no ensino superior

Nessa subseção vamos tratar de um tempo em que as universidades eram constituídas de faculdades e escolas superiores e que essa conduta não foi diferente na criação da primeira Universidade do Ceará. Na sua Lei de criação, Lei nº 2.373/54, podemos visualizar mais uma vez os cursos que a formaram e demais despachos.

No Artigo 2º da Lei 2.373/54, localizamos os cursos federalizados que compuseram a Universidade do Ceará, são eles: direito, farmácia e odontologia, agronomia e medicina. Na sequência, verificamos, no parágrafo único, a disposição sobre agregação de curso ou outro estabelecimento, dependendo do parecer favorável do conselho universitário e da autorização do governo.

Com base nesse parágrafo único e nas atas do Conselho Universitário da UFC, analisadas na subseção 5.3 – *Escola De Enfermagem São Vicente de Paulo:*

criação e caminho de inserção em campos científicos universitários, constatamos na ata da 3ª sessão ordinária do conselho universitário, realizada em 10 de novembro de 1955, presidida pelo então reitor Antônio Martins Filho, que ocorreu a votação do processo de agregação da Faculdade de Filosofia e da Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo à Universidade Federal do Ceará, tendo, nessa mesma reunião, a aprovação do CONSUNI para se tornarem agregadas à referida universidade.

O trabalho com as atas da Universidade Federal do Ceará, datadas de 1955 a 1970, contava com a representação da diretoria da Escola de Enfermagem SVP nas reuniões. O estudo dessas atas apresentadas e na subseção: 5.3 Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo: criação caminho e inserção em campos universitários favoreceu a identificação da intencionalidade e tentativa de federalização da Escola de Enfermagem SVP à UFC.

A Escola de Enfermagem SVP foi agregada à UC em 10 de janeiro de 1956, segundo registro da ata da 6ª sessão ordinária do mesmo ano, passando, portanto, a pertencer a essa instituição nessa modalidade (agregada) para efeitos acadêmicos.

Quando consultamos as atas do CONSUNI, por meio das leituras, conseguimos construir oficialmente uma trajetória de caminho, de organização e condução da Escola de Enfermagem SVP no Ceará, além de identificar a participação de Glória Façanha, nossa protagonista, respondendo, no caso, pelo curso da então Escola de Enfermagem SVP, à época, sua agregada, desenvolvendo importante papel na luta pela federalização da escola à UFC.

Percorremos, portanto, parte deste caminho examinando as atas produzidas nas reuniões do CONSUNI, arquivadas¹⁰¹ na instituição para consultas. Dito de outra forma, escolhemos para proceder às análises as atas do CONSUNI datadas dos anos de 1955 a 1970, temporalidade que marca entrada e saída desta escola no âmbito da UFC. Identificamos nesse espaço de tempo quinze anos de participação da Escola de Enfermagem SVP, por meio de seus representantes, nas reuniões do referido conselho, sendo, na maioria das vezes, para ratificar um pedido oficial de anexação da Escola de Enfermagem SVP à própria UFC.

O trabalho com as atas teve, por conseguinte, a intencionalidade de visualizarmos e evidenciarmos a posição oficial, ou seja, registrada em ata pela

¹⁰¹Atas do Conselho Universitário da Universidade Federal do Ceará, datadas de 1955 a 1969, localizadas pelo arquivista Antônio Aritomar Barros e coletadas pelas pesquisadoras no dia 18 de julho de 2019. (Anexo F – Ofício UFC).

instituição quanto a favor ou contrária à federalização da Escola de Enfermagem SVP, o que vem a ocorrer na ata 266^a da Sessão Ordinária, de 13 de dezembro de 1968, na qual foi lido o processo nº 15.660/68 com um Memorial da Escola de Enfermagem SVP e sua intenção de se tornar federalizada (anexada) à universidade.

É sabido que aqui (ata 266^a da sessão ordinária, de 13 de dezembro de 1968), já há a oficialidade do pedido com regimento pronto e atendimento de exigências da UFC que vinham sendo feitas, com o passar dos anos, à referida escola e que iam surgindo cada vez mais em razão da eleição de novos conselheiros para representar o CONSUNI, outras demandas e exigências para o pleito de federalização. A escola, desde sua inserção em 1955 na Universidade do Ceará, já adentrava com este propósito e intenção, apesar de verificarmos que não há registro explícito nas atas anteriores a 1968 sobre essa questão, como observamos ao desenvolver a análise na subseção 5.3, que trata da história da Escola de Enfermagem SVP.

Partindo do momento em questão: da ata 266/68, que apresenta o processo de pedido da federalização da Escola de Enfermagem SVP à UFC, o contexto político desse período na educação estava pautado no regime militar (1964 a 1985). Para além disso, a educação passou por diferentes reformas. Damos ênfase à reforma universitária da qual e na qual Glória Façanha esteve inserida e é com base nela que fez as adequações do currículo da Escola de Enfermagem SVP à época. A reforma promulgada no governo do presidente Artur da Costa e Silva (1967-1969), dirigida pelo ministro da Educação, Tarso Dutra (1967-1969), continuada pelo presidente, Emílio Garrastazu Médici (1969-1974), e pelo ministro da Educação, Jarbas Passarinho (1969-1974), nesse momento ditatorial do Governo, buscou estabelecer a hegemonia política e o desenvolvimento econômico do país. Para tanto, instituiu mudanças na educação com a finalidade de atender ao mercado de trabalho com profissionais treinados e qualificados a fim de garantir a modernização do país. Pelo menos esta era a proposta inserida nos discursos, projetos e políticas em movimento no país.

Demerval Saviani (2007), em seu livro *História das ideias pedagógicas no Brasil*, destaca, nessa temporalidade da educação brasileira, a predominância da pedagogia tecnicista e conceitua o tecnicismo como uma: “organização racional capaz de minimizar as interferências subjetivas que pudessem pôr em risco sua eficiência”, sendo, pois, um veio principal à própria “organização racional dos meios”, na qual as

figuras dos docentes e discentes passam a executores de uma proposta planejada previamente por especialistas habilitados, favorecendo nesse enfoque o controle militar (SAVIANI, 2007, p. 380).

Deste modo, excetuando a reforma universitária, houve também a reforma no “ensino secundário”, atual ensino médio, que visava à formação também de técnicos, cuja obtenção nesse nível de escolarização tornaria a “mão de obra” mais acessível, qualificada e preparada para o mercado de trabalho, síntese maior da pedagogia tecnicista em consonância com a época de regime militar então presente no país e consequentemente influenciando e demarcando o contexto e os conteúdos da educação.

No ano de 1966, o Conselho Federal de Educação (CFE), na pessoa de Valnir Chagas¹⁰², elaborou um parecer com ideias também tecnicistas na organização do sistema de ensino. Com o texto de Valnir Chagas; “Reestruturação das universidades brasileiras”, baixou-se o Decreto-Lei, de nº 53, de 18 de novembro de 1966, que foi complementado pelo Decreto-Lei de nº 252, de 28 de fevereiro de 1967, também relatado pelo CFE, por Valnir Chagas. Segundo Saviani (2007), no auge do movimento estudantil, foi criado um Grupo de Trabalho (GT), para elaborar a reforma universitária. Valnir Chagas participou dessa construção do projeto que se converteu na Lei 5540/68, (reforma universitária), promulgada em 28 de novembro de 1968. (SAVIANI, 2007, p. 371).

A Lei 5540/68 criava os departamentos, o sistema de créditos, o vestibular classificatório, os cursos de curta duração, o ciclo básico, dentre outras inovações. As universidades tiveram que se adequar à reforma. É nesse desvelar e reestruturar dos cursos superiores que visualizamos, constatamos a participação efetiva da nossa protagonista, que atuou na mudança estrutural do curso de Enfermagem da Escola de Enfermagem SVP, para que esta se encontrasse apta a ser incorporada à UFC de acordo com os requisitos da reforma universitária e as exigências desta instituição.

¹⁰²Raimundo VALNIR Cavalcante CHAGAS - Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Ceará (turma de 1945). Foi professor de espanhol da Escola Preparatória de Cadetes de Fortaleza e da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Ceará. De 1948 a 1953, organizou, instalou e dirigiu o Departamento Regional do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac). Com a criação da Universidade Federal do Ceará (UFC), dedicou-se ao ensino superior e dirigiu o Departamento de Educação e Cultura dessa instituição, de 1958 a 1962. Nesse período, orientou e coordenou três seminários anuais de professores dessa universidade, incrementando no estado o movimento então nascente da reforma universitária (1959/1961); Foi técnico do Ministério da Educação, em Brasília, sendo nomeado consecutivamente como conselheiro até o limite da lei, perfazendo o período de quatorze anos, de 1962 a 1976.

7.2 Glória Façanha: luta pela federalização da Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo

No ano de 1964, como vimos em seções anteriores, no trecho do relatório¹⁰³ de Glória Façanha que se encontra na íntegra na seção 6 deste escrito, ocorreu o primeiro contato dela com as irmãs de caridade na Escola de Enfermagem SVP. As irmãs de caridade, também reconhecidas como: vicentinas, solicitaram um curso sobre saúde pública à Fundação SESP, sendo ela a indicada para ministrá-lo junto também a um grupo de enfermeiras professoras. Depois dessa experiência, como era também de incumbência da Fundação SESP exercer a formação de ocupacionais da enfermagem no nível auxiliar e dada a competência já adquirida, Glória Façanha ministrou diversos cursos dessa natureza em todo o estado.

Após mais ou menos três anos dessa experiência e aproximação de Glória Façanha à Escola de Enfermagem SVP, o reitor, professor Fernando Leite (1967-1971), sucessor do ex-reitor e fundador da UFC, Martins Filho (1955-1967), fez então a solicitação ao diretor da Fundação SESP, Dr. José Agripino Mendes, de uma enfermeira com experiência para ajudar a Escola de Enfermagem SVP a se preparar para a ‘possível’ anexação à UFC. O diretor da Fundação, então, indicou a enfermeira Maria da Glória Ferreira Façanha para prestar esse serviço que objetivava a reorganização da escola, nos âmbitos administrativo e pedagógico exigidos para esta transição, e em acordo com a reforma universitária (1968). Nas subseções, vemos essa trajetória de Glória Ferreira Façanha na Escola de Enfermagem SVP.

7.2.1 Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo – 1968: Direção Colegiada

Com o convite recebido pelo reitor da UFC, Glória Façanha agora inicia seu tempo de vivência e experiência na escola, inicialmente fazendo parte de uma diretoria colegiada, com mais cinco outras enfermeiras, sendo duas religiosas e três laicas. A seguir, podemos comprovar, em declaração assinada pela então Irmã Orminda

¹⁰³Relatórios: eram uma exigência da Fundação SESP, documentos de natureza primária de grande valor, uma vez que, por meio deles, foi possível resgatar as atividades desenvolvidas por nossa protagonista, além do registro fidedigno feito no calor e no movimento das tentativas de federalização da EESVP.

Santana de Oliveira¹⁰⁴, a inserção de nossa protagonista à escola e ainda de como ela ficou sabendo da solicitação do reitor da UFC de uma enfermeira à Fundação SESP para ajudar na organização do curso de enfermagem da Escola SVP em sua caminhada à anexação a esta instituição.

A participação na diretoria colegiada da Escola de Enfermagem SVP, comprovada no documento (Figura 23), durou oito meses, indo de 4 de maio a 31 de dezembro de 1968. Na Escola de Enfermagem SVP, Glória Façanha iniciou a organização administrativa, ministrou cursos para auxiliares de enfermagem e ministrou as disciplinas de ética e profilaxia de higiene no curso de formação de enfermeiras. Também participava das reuniões colegiadas para discutir os encaminhamentos e adequação do programa de ensino do curso da escola para entrada na UFC como curso anexado. Glória Façanha passou a dividir seus horários com as atividades da Fundação SESP e a escola de enfermagem. É mister ressaltar que eram atividades de meio expediente cada e que, quando necessário, como no caso de viagens, por exemplo, para uma das partes, cobria o turno integral

¹⁰⁴Observando a data 25 de agosto de 1972 da assinatura posta no documento, entendemos que indica que esta declaração foi solicitada por esta época, quando a diretora da escola já era a Irmã Orminda Santana de Oliveira.

Figura 22 – Foto da declaração original ¹⁰⁵de Glória Façanha como membro da Diretoria Colegiada da Escola de Enfermagem SVP – 1968

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
UNIVERSIDADE DO CEARÁ
ESCOLA DE ENFERMAGEM SÃO VICENTE DE PAULO
AVENIDA DO IMPERADOR, 1367 FONE: 26-15-23
FORTALEZA — CEARÁ

D E C L A R A Ç Ã O

DECLARO, para os devidos fins, que MARIA DA GLÓRIA FERREIRA FAÇANHA foi membro da direção colegiada desta Escola, durante o período de 04 de maio a 31 de dezembro de 1968

Fortaleza, 25 de agosto de 1972

Orminda Santana de Oliveira
Orminda Santana de Oliveira
Diretora

RECONHEÇO a _____
Orminda Santana de Oliveira
Dado em Fortaleza, 30 de 08 de 1972
Em testemunho da verdade
Milton Morais Correia
TABELÃO DO 4º Ofício
Angela Maria Morais Correia Vianna
SUBSTITUTA
Celis Maria Morais Correia
SACRILEGENTE SUBSTITUTA

CARTÓRIO MORAIS CORREIA
RUA MAJOR FACUNDO, 976

Fonte: Acervo particular

Glória Façanha encontrava-se viajando em visita de supervisão no interior cearense pela Fundação SESP, quando o reitor da UFC, professor Fernando Leite, fez a solicitação, há pouco comentada, ao diretor da Fundação, Dr. José Agripino Mendes. Ela, então, traz nas lembranças o momento em que toma conhecimento de sua nova tarefa, ao nos relatar:

¹⁰⁵ Declaração de 1968: Declaro para os devidos fins que MARIA DA GLÓRIA FERREIRA FAÇANHA foi membro da diretoria colegiada desta Escola, drante o período de 04 de maio a 31 de dezembro de 1968..

Quando eu voltei para Fortaleza soube que o reitor da Federal [Fernando Leite] estava com problema na Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo. E foi lá na FSESP saber se havia uma enfermeira que pudesse dar uma ajuda à escola. Éramos duas enfermeiras, à época, e o diretor decidiu que seria eu a escolhida para esta tarefa. Eu era mais nova e creio que ele achou que eu tinha mais condições de trabalho. Mandou-me para escola a de enfermagem. Era uma direção colegiada com seis pessoas, imagina seis pessoas mandando, o quê poderia dar?

(Maria da Glória Ferreira Façanha)

Glória Façanha estranha o trabalho com a direção colegiada mostrando dificuldade no consenso, mas segue com as atividades nas duas instituições ao longo do ano (1968). Com base em seus relatórios, seguem algumas atividades realizadas em sua gestão colegiada, relacionadas ao primeiro trimestre de 1968, na Escola de Enfermagem SVP:

**FUNDAÇÃO SERVIÇOS DE SAÚDE PÚBLICA
ESCOLA DE ENFERMAGEM SÃO VICENTE DE PAULO
RELATÓRIO – 1968 (1º TRIMESTRE)**

- 1 – Levantamento da situação socioeconômica das alunas para possível triagem quanto a bolsas de estudo.
- 2 – Reunião com as alunas do 1º, 2º e 3º ano, formulando questionários sobre a situação da aluna, frente à escola de enfermagem, à universidade e à profissão a abraçar.
- 3 – Reunião com o curso de auxiliar de enfermagem, formulando questionário sobre sua situação na escola de enfermagem e assuntos relativos à profissão.
- 4 – Reunião com o Diretório Acadêmico Florence Nightingale sobre as necessidades atuais do referido diretório e das alunas, de um modo geral.
- 5 – Entrevistas com:
 - Várias alunas procurando resolver, de acordo com as possibilidades, problemas relacionados à escola e questões individuais.
 - Dr. Walter de Moura Cantídio¹⁰⁶, diretor da Faculdade de Medicina, informando à direção colegiada.
 - Diretor da FSESP, Dr. Paiva, sobre bolsas de estudo.
 - Vice-reitor, Aílton Gondim Lóssio, sobre assunto estudantil, acomodação para quatro alunas.
 - Irmã Leoni sobre a vinda da Hilda [Lozier] para revisão do currículo da escola de enfermagem.

¹⁰⁶ “Walter de Moura Cantídio (1913-2007) foi médico, professor e escritor brasileiro, além de um dos fundadores da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará. Em 1942, ingressou no Departamento Estadual de Saúde. De 1951 a 1954, foi secretário de Saúde do governo de Raul Barbosa, além de secretário de Educação do Ceará. Walter Cantídio foi o terceiro reitor da Universidade Federal do Ceará, entre os anos de 1971 e 1974, e foi na gestão do professor Cantídio que a UFC fez a reforma universitária, expandindo-se para o Campus do Pici. Wikipedia <https://pt.wikipedia.org/wiki/Walter_de_Moura_Cant%C3%ADdio> acessado em 11/04/2021.

No relatório do primeiro trimestre, identificamos ações oportunas de conhecimento das alunas e suas condições sociais para que, além da formação, elas pudessem receber bolsas de estudo, acomodação, no caso das que ficassem no internato, e realizar os estágios. Observamos ainda o contato com o professor Dr. Walter de Moura Cantídio, à época, diretor da Faculdade de Medicina, com quem Glória Façanha se reuniu, algumas vezes, para também conversar sobre a anexação da Escola de Enfermagem SVP à UFC, uma vez que a ideia, desde o início, pelo menos por aquele período (1968/1969), era que a escola de enfermagem se inserisse na universidade através da Faculdade de Medicina, conforme Ata do CONSUNI, ata da 3ª sessão 30/12/1969, e não como um curso independente, já que a nova estrutura assumida pela reforma universitária tornava esse o caminho mais viável, segundo posição da universidade.

Para tanto, uma das ações necessárias era a reforma do currículo da escola. A Faculdade de Medicina, por meio de seus representantes, direcionava ou se mostrava com direitos de indicar os conteúdos do currículo para alinhamento com o seu referido curso no qual a escola iria se inserir. A exemplo desse direcionamento temos o registro da ata 30.12.1969 na qual, “o conselheiro Walter de Moura Cantídio fez uma abordagem em torno de algumas das disciplinas incluídas na estrutura curricular da escola de enfermagem, enfatizando os pontos conflitantes com a orientação desejada pela Faculdade de Medicina”.

Em registro no relatório de Glória Façanha destacamos também a preparação necessária da escola para receber a enfermeira Hilda Lozier, assessora de enfermagem da Zona V - OPAS/OMS ¹⁰⁷(Oficina Pan-Americana de Saúde/Organização Mundial de Saúde), que vinha compartilhar suas experiências e revisar o currículo da Escola de Enfermagem SVP. O contato feito com a enfermeira Hilda Lozie para revisar o currículo e estruturar as disciplinas do curso, como também mudanças de hora aula para nomenclatura de crédito e de ano para semestre, formato usado nas universidades com a reforma, não fica claro, no entanto procurando manter

¹⁰⁷A enfermagem começa a demarcar seu espaço na estrutura organizacional a partir de 1947, quando se cria uma seção de enfermagem, à época, intitulada Oficina Internacional das Repúblicas Americanas, posteriormente, denominada de Oficina Sanitária Pan-Americana. A seção de enfermagem da OPAS surge, assim, com o propósito fundamental de prestar cooperação técnico-científica no desenvolvimento de programas de educação e da prática assistencial em vista da necessidade de atender a sua inserção nas políticas de saúde dos países membros da organização. TYRRELL, Maria Antonieta Rubio, CARVALHO, Vilma de. Homenagem a OPAS nos cem anos de sua existência <https://cdn.publisher.gn1.link/eean.edu.br/pdf/v6n3a01.pdf> Esc. Anna Nery R. Enferm., Rio de Janeiro, v. 6, n. 3, p. 341 - 351 dez. 2002

o formato da enfermagem ou o proposto pelo curso de medicina. Entendemos que se buscou ajuda de enfermeiras com o intuito de manter o perfil desse profissional nos conteúdos ensinados.

No segundo trimestre de 1968, com base nas entrevistas e pesquisas documentais da Escola de Enfermagem SVP, foi comprovado que a escola estava atravessando uma série de problemas, inclusive de ordem financeira, e que somente a agregação à UFC não lhe permitia contar com um recurso próprio e permanente. O reitor recebia um montante de recursos proveniente do MEC para as ‘agregadas’ e, de acordo com motivos e decisões tomadas na reitoria, ocorriam a dotação e o repasse do recurso, que não era também recebido com periodicidade. Sem uma renda determinada e permanente, os problemas financeiros da escola só se agravavam. Assim, tornava-se imperativa a sua anexação/federalização, pois sem essa esperança, a escola estaria fadada a fechar suas portas ou pelo menos cancelar as novas entradas de aspirantes à formação na profissão por meio de oferta do vestibular de 1969.

Entendemos que outras questões relacionadas à inserção com todo o corpo docente da escola na UFC traziam incompreensões e recusas, bem como o repasse do patrimônio, como vimos em trecho da ata 266ª 13/12/1968: que assinala “Fez sentir ainda que, uma vez efetivada a incorporação pretendida, a congregação da escola de enfermagem renunciaria judicialmente ao seu pequeno patrimônio para que tudo fosse encampado à Universidade Federal do Ceará. Tudo isso seria feito em benefício da continuação da escola que, de outra maneira, não teria absolutamente condições de sobreviver”.

As dificuldades de manutenção da escola existem desde sua criação, em 1943, e fica evidente que a Congregação das Filhas de Caridade foi sua mantenedora, mas com ajudas esporádicas também do estado, do município e da sociedade civil em geral. A federalização, portanto, era a saída que se buscava praticamente desde sua criação e, até então, por questões não resolvidas entre as partes, esta questão permanecia. Pessoas eram convidadas, como Glória Façanha, para ajudar também a minimizar as diferenças acadêmicas e procurar consensos. As atas das reuniões do CONSUNI da UFC, nas quais as diretoras da escola participavam como curso-agregado, com direito à voz somente se constatadas algumas dificuldades para estes encaminhamentos por parte da instituição e da outra parte interessada, a escola, algumas até já assinaladas em trechos anteriores neste escrito.

Temos o registro dos relatos e relatórios de Glória Façanha e podemos ler em seus escritos o que vinha em parte acontecendo concretamente com cada setor da escola. Continuamos agora com os registros postos no relatório do segundo trimestre de 1968, que foca os itens relacionados à situação financeira; a pessoal, transporte, campo de estágios e trabalho executado:

**FUNDAÇÃO SERVIÇOS DE SAÚDE PÚBLICA
ESCOLA DE ENFERMAGEM SÃO VICENTE DE PAULO
RELATÓRIO – 1968 (2º TRIMESTRE)**

1 – SITUAÇÃO FINANCEIRA: O orçamento foi alçado em 90.000,00.cruzeiros.

POSSIBILIDADE DE RECEBIMENTO DE VERBA:

1.1. – Reitoria da UFC – 30.000,00 em parcelas trimestrais de 7.500,00. Até o momento apenas uma parcela foi recebida.

1.2. MEC – 25.000,00 para o Curso de Graduação.

MEC – 18.000,00 para o Curso de Auxiliar.

Até o momento nenhuma notícia de verba.

1.3. – Bolsas de estudo de algumas Instituições e do MEC, cobrindo assim a despesa das alunas que não têm condição para o pagamento de mensalidades.

Ou seja, situação financeira péssima mesmo com a escola em organização, a vinda de verbas nunca foi continua e nem sempre se cumpria com o que se prometia. Planejamento sem recursos para desenvolvê-lo a contento fica difícil.

2 – PESSOAL:

Os professores que vinham nos anos anteriores colaborando com a Escola, permanecem, apesar do atraso dos vencimentos. O motivo seria porque a Escola constitui um dos vários trabalhos exercidos por eles. Ou seja, podem se manter com outra renda.

E creio que porque alguns já faziam parte do esforço de manutenção da Escola como resistência ao fechamento de suas portas. Sentimento de pertença. Quanto ao pessoal de enfermagem, cuja remuneração depende unicamente da Escola, torna-se mais difícil a situação. Temos, entretanto várias pessoas, Vários funcionários de enfermagem que são cedidos por outros órgãos.

3 – TRANSPORTE:

A Escola de Enfermagem, tem como transporte, apenas um micro-ônibus doado pelo FISI ¹⁰⁸(Fundo das Nações Unidas para a Infância) sempre com problemas, por motivo de falta de peças originais. As existentes no comércio não são eficientes. Há mais de um ano vêm sendo solicitado, sem nenhuma resposta.

4 – CAMPO DE ESTÁGIO:

108 A Assembleia-Geral das Nações Unidas criou o FISI como órgão das Nações Unidas com o propósito de satisfazer, pelo fornecimento de suprimentos e dos serviços de treinamento e assessoria, as necessidades urgentes e em longo prazo da infância, assim como suas necessidades permanentes, principalmente nos países subdesenvolvidos, com o propósito de reforçar, onde oportuno, os programas permanentes de saúde e bem-estar infantil dos países que recebem assistência. DECRETO No 62.125, DE 16 DE JANEIRO DE 1968. Promulga o Acordo entre o Fundo das Nações Unidas para a Infância e o Governo dos Estados Unidos do Brasil. Acessado em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1950-1969/D62125.htm 10/4/2021.

Apesar da boa vontade encontrada nos vários serviços, a falta de profissional de enfermagem preparado para receber alunos, quer do Curso de Graduação, quer do Curso de Auxiliar, dificulta a programação e execução das técnicas de ensino. Faltando monitores.

Por falta de enfermeiros formados em número suficiente nos hospitais e unidades de saúde muitos estágios eram acompanhados por monitores que na maioria eram alunas que estavam no último ano da escola. Foi-nos colocado à disposição dos alunos para o estágio, o Hospital do INPS, para futuro bem próximo.

5 – TRABALHO EXECUTADO:

Apesar de todas as dificuldades, notamos a boa vontade com que os professores vêm colaborado com o ensino.

Contamos com a colaboração indispensável de enfermeiras como Lígia Barros Costa e conseguimos organizar o estatuto para o Curso de Auxiliares de Enfermagem, Curso este em caráter experimental. Este Curso terá a duração de um ano. O regimento do Curso de Graduação deverá sofrer modificações, afim de se atualizar dentro da Reforma Universitária.

(Relatório de trabalho EESVP – 1968 Maria da Glória Ferreira Façanha)

Como antes explicitado, até então, a escola era agregada e as verbas não tinham obrigatoriedade nem valores certos e nem contínuos para chegar à administração dessa instituição. O reitor da UFC era quem destinava o que considerasse mais adequado para cada curso agregado, inviabilizando ou viabilizando a organização financeira desses cursos e escolas. Dificuldades desta ordem inviabilizavam planejamentos, mudanças e aprendizagens efetivas e pertinentes. Sobre essa situação as responsáveis pela gestão, a época, em forma colegiada da escola, realizavam várias reuniões buscando resolver pendências, não só no planejado, como de demanda espontânea. Destacamos algumas registradas em relatórios escritos por Glória Façanha, acontecidas com a diretoria, bem como com outros órgãos e instituições.

FUNDAÇÃO SERVIÇOS DE SAÚDE PÚBLICA ESCOLA DE ENFERMAGEM SÃO VICENTE DE PAULO RELATÓRIO DE REUNIÕES – 1968

1 – Com o magnífico Reitor da Universidade Federal do Ceará, Dr. Fernando Leite, sobre a Federalização da Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo.

2 – Com o diretor da Faculdade de Medicina, Dr. Walter de Moura Cantídio sobre:

2.1. – Federalização da Escola de Enfermagem

2.2 – Curso de Prática de Enfermagem para os acadêmicos de medicina.

2.3. – Campos de estágios para estudantes de enfermagem para as aulas práticas e conclusão de seus estudos.

3 – Com o diretor da Fundação SESP, Dr. José Agripino Mendes

3.1. – Colaboração do serviço de contabilidade [organizar contabilidade da Escola]

3.2. – Colaboração do mecânico da FSESP (ônibus da Escola)

3.3. – Colaboração de professores [para ministrar disciplinas]

4 – Com o diretor da SUMOV:

- 4.1. – Isenção na taxa de asfalto, alçada em. 4000,00. Encaminhado ofício ao Prefeito, que indeferiu.
- 5 – Com o diretor do Hospital das Clínicas, Dr. Geraldo Wilson Gonçalves sobre o curso de Auxiliar de Enfermagem e Estágio.
- 6 – Com a enfermeira Marisa do INPS sobre o estágio e depois com o diretor.
- 7 – Reunião com a enfermeira Madalena Joca sobre estágio e problemas das alunas.
- 8 – Reunião com vários alunos do 1º, 2º e 3º ano sobre:
 - 8.1.- Problemas de faltas
 - 8.2. – Comportamento no hospital
 - 8.3. – Estágio.
- 9 – Reunião com a irmã assistente, Irmã Nogueira e demais professoras, sobre o Regimento da Escola de Enfermagem.
- 10 – Reunião mensal na Fundação SESP.

Constatamos, diante dos registros e motivos, que o ano de 1968 foi intenso, muitas decisões, solicitações e encaminhamentos evidenciados de forma detalhada nos relatórios de Glória Façanha, que complementa seus registros com as dificuldades, a experiência com uma direção colegiada que para ela não foi boa. Ela havia sido convidada para organizar as ações administrativas e pedagógicas da escola e, com tantas pessoas no comando, não estava conseguindo caminhar. Estas dificuldades a fizeram decidir voltar no término de seu tempo para a Fundação SESP e deixar a direção colegiada da Escola de Enfermagem SVP, continuando o trabalho. Sobre essa situação, ao ser entrevistada, ela pensa e busca no tempo a lembrança desses momentos e fala:

Quando eu voltei para a FSESP a madre provincial geral, não sei o nome dela [*Carmélia Nogueira*], que era a chefe-geral das freiras, a superiora da congregação no estado, foi minha casa para conversar comigo. Então, falei para essa provincial que não havia mais condições de ficar com tantas pessoas decidindo. Ela então falou: “volte, volte, professora, deixa lá que, com elas e entre elas, resolvemos por lá”. Não posso ficar sem você, porque você organizou tudo, está dando-nos uma ajuda muito grande, eu não posso ficar sem você”. Então, fiquei sensibilizada e falei: então, vamos conversar com o diretor do programa na FSESP. Aí, ela foi falar com o diretor do programa e ele ainda ajudou, ao dizer: “bom, eu só aceito se ela ficar só”, assim, poderia tocar as coisas. Foi aí que eu entrei como diretora.
(Maria da Glória Ferreira Façanha)

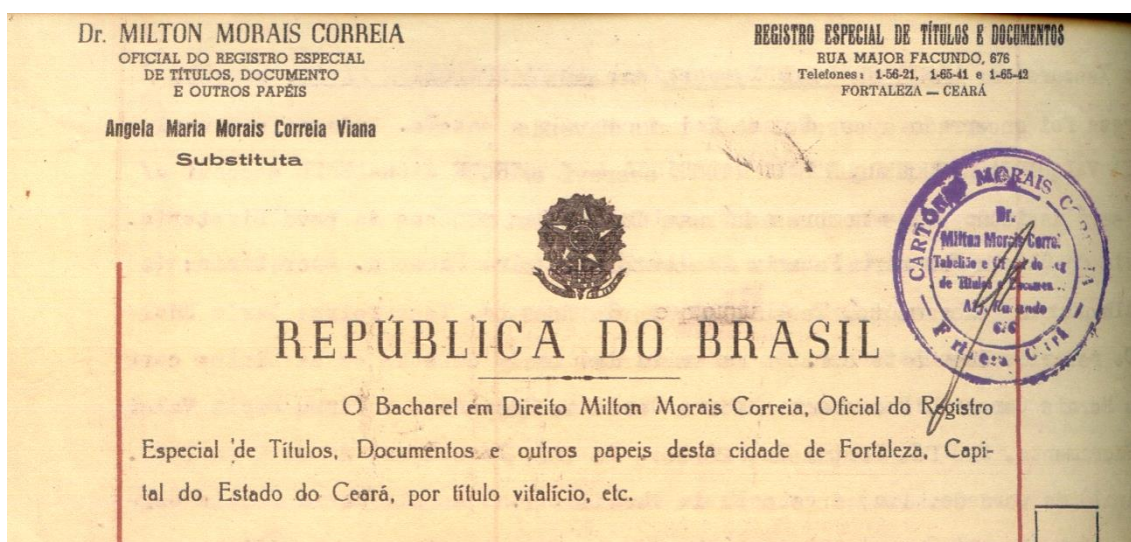
Com a resolução entre o diretor da Fundação SESP, Dr. Agripino Mendes, e a Irmã superiora Carmélia Nogueira, Glória Façanha passa a assumir sozinha a direção da escola pelo período de 1º de janeiro de 1969 a 4 de maio de 1972.

7.2.2 Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo – 1969: 1ª diretora laica

Não ficava claro quem determinava a extensão do período de permanência na escola, mas se o motivo era ajudar na federalização, acreditamos que, com essa parte resolvida, a tarefa tinha sido executada e consequentemente o período se finalizava.

Ao assumir agora a escola, ela era a primeira enfermeira laica a exercer essa diretoria, portanto um acontecimento importante na história da escola e do ensino da enfermagem e da própria Glória Façanha. Conforme as imagens: postas na figura 23 e 24 registradas em cartório, temos essa confirmação em documento contendo ata de posse.

Figura 23 – Transcrição da ata de posse da diretoria da Escola de Enfermagem SVP, registrada em cartório, 1969



Certifica, por solicitação da própria parte interessada, que revende em seu poder e Cartório, o Livro "B-10", de REGISTRO INTEGRAL DE TÍTULOS, DOCUMENTOS E OUTROS PAPEIS, dele, às fls. 581, sob o nº de ordem 5062, em data de 02 de Junho de 1969, consta o Registro de uma Ata, que me foi apresentada, pela ESCOLA DE ENFERMAGEM SÃO VICENTE DE PAULO, apontando sob o nº de ordem 20.769 do Protocolo Geral nº 2, de teor o seguinte: Ata da sessão extraordinária, realizada no dia 10 de Janeiro de 1969. Aos dez (10) dias do mês de janeiro do ano de mil novecentos e sessenta e nove (1969), às quatro (4) horas, na sede da Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo, agregada a Universidade Federal do Ceará, realizou-se uma sessão extraordinária para posse de uma nova diretoria da referida Escola a fim de substituir a Equipe Diretora, cujo mandato tinha terminado no dia 31 de dezembro do ano passado. Iniciada a sessão, a Respeitável Irmã Carmélia Nogueira, visitadora em exercício, da Associação

de São Vicente de Paulo, comunicou que, como Presidente da entidade Mantenedora e de acordo com os estatutos da mesma, resolveu nomear a Enfermeira Maria da Glória Ferreira Façanha, na qualidade de Diretora. Ficando assim constituída a atual diretoria da Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo. Para diretora: ENFERMEIRA MARIA DA GLÓRIA FERREIRA FAÇANHA, para Secretária: MARIA VALQUÍRIA ALBUQUERQUE SACRAMENTO. Sendo posteriormente designada para Tesoureira: MARIA EDALCLISE MATOS, tomando posse de seus cargos foi encerrada a sessão. Nada mais havendo a tratar eu, MARIA VALQUÍRIA ALBUQUERQUE SACRAMENTO escrevi a presente ata que será assinada pelos membros da nova Diretoria. Diretora: (a) Maria da Glória Ferreira Façanha. Secretária: (a) Maria Valquíria Albuquerque Sacramento. Tesoureira: Maria Edalclise de Matos. De referido documento constam os seguintes carimbos: 1º) Cartório Moraes Correia. Reconheço a firma Maria Valquíria Albuquerque Sacramento. Dou fé. Fortaleza, 28 de 5 de 1969. Em testemunho (sinal) da verdade. (a) Ângela Maria Moraes Correia Viana. 2º) Cartório Moraes Correia – Reconheço a firma Maria Edalclise de Matos. Dou fé. Fortaleza, 29 de 5 de 1969. Em testemunho (sinal) da verdade. (a) Ângela Maria Moraes Correia Viana. 3º) Cartório Martins. Reconheço a firma Maria da Glória Ferreira Façanha. Dou fé. Fortaleza, 20 de Maio de 1969. Era o que se continha em dito documento, para aqui bem e fielmente transcrito com a mesma pontuação e ortografia. Dou fé. Fortaleza, 02 de Junho de 1969. Escrevi e assino. A Sub-Oficial Diva Maria Sampaio. Ressalvo as palavras rasuradas onde se lê: “5062”, “referida”; “resolveu”; “ficando”; “Albuquerque” e “Valquíria”. Eu, Diva Maria Sampaio, datilografei a presente certidão. E eu, (...) a conferi. O referido é verdade. Dou fé. Fortaleza, 03 de Junho de 1969.



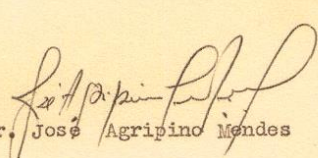
Fonte: acervo particular

Figura 24 – Foto da declaração de diretora da Escola de Enfermagem SVP de Maria da Glória Ferreira Façanha (1969-1972)

- D E C L A R A Ç Ã O -

DECLARAMOS que a Sra. MARIA DA GLÓRIA FERREIRA FAÇANHA, Enfermeira FS-28.II.3 da Parte Suplementar dos quadros da Fundação-Serviços de Saúde Pública, foi posta à disposição da Universidade Federal do Ceará, no período de 01.01.69 a 03.04.1972, para dirigir a Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo.

Fortaleza, 29 de agosto de 1972


 Dr. José Agripino Mendes

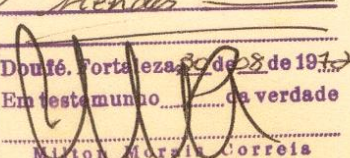
FUNDAÇÃO-SERVIÇOS DE SAÚDE PÚBLICA
(DECRETO-LEI N.º 904, DE 01-10-69)

RECONHEÇO a Assinatura

José Agripino Mendes

Domé. Fortaleza, 29 de agosto de 1972

Em testemunho da verdade



Milton Moraes Correia
TABELÃO DO 4.º OFÍCIO
Angela Maria Moraes Correia Viana
SUBSTITUTA
Celia Maria Moraes Correia
ESCREVENTE SUBSTITUTA

CAI - ORIO MORAIS CORREIA
RUA MAJOR FACUNDO 67

Fonte: acervo particular

Para seguir com esse trabalho na direção da escola, agora sozinha na gestão, no período de 01 de janeiro de 1969 à 03 abril de 1972, no qual foi posta a disposição da Universidade Federal do Ceará (Figura 24), contou com um bom contador, Sr. Rui Dourado, também da Fundação SESP, que organizou a contabilidade da escola juntamente com as nomeadas Maria Valquíria Albuquerque Sacramento¹⁰⁹, como secretária, e Maria Edaclise Matos, como tesoureira, todos responsáveis pelas atividades da escola naquele período. Glória Façanha, em seu relatório de atividades de 1969, bem como o de 1968, segue apresentando as atividades então desenvolvidas, sendo que agora (ano de 1969) passa a ser a única no comando. O relatório de 1969 inicia com um sumário do que vai ser apresentado e, como pertencente à Fundação SESP, a este o relatório também se encaminha, como o fez todos os demais anteriores e posteriores.

**FUNDAÇÃO SERVIÇOS DE SAÚDE PÚBLICA
ESCOLA DE ENFERMAGEM SÃO VICENTE DE PAULO
RELATÓRIO – 1969**

- I – INTRODUÇÃO
- II – SITUAÇÃO ENCONTRADA
- III – TRABALHO REALIZADO
- IV – REUNIÕES
- V – OUTRAS ATIVIDADES
- VI – AVALIAÇÃO

I – INTRODUÇÃO:

Tendo sido designada para prestar assistência técnica à Universidade Federal do Ceará fomos a 10/01/1969 nomeada “Diretora da Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo”, pela reverendíssima Irmã Maria Carmélia Nogueira, visitadora em exercício, após reunião com congregação dos professores.

Assumimos completamente as funções em março de 1969, muito embora nos meses anteriores tenhamos dado uma assistência relativa à referida Escola.

II – SITUAÇÃO ENCONTRADA:

1 – FINANCEIRA: Encontramos a contabilidade necessitando ser organizada com urgência. Nenhum saldo para 1969, embora as dívidas do ano de 1968 tenham sido poucas.

2 – PESSOAL ADMINISTRATIVO:

- a) SECRETARIA: pessoal reduzido, sobrecarregado e precisando mais planejamento no trabalho.
- b) SERVIÇAIIS: também em número reduzido, precisando orientação.
- c) RESPONSÁVEL PELA PORTARIA: Funcionário tempo parcial.

3 – PESSOAL TÉCNICO-CIENTÍFICO:

¹⁰⁹Maria Valquíria Albuquerque Sacramento teve a inserção direta junto não somente ao curso de formação da enfermeira, mas, sobretudo, na história da Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo, quando foi coordenadora do curso de auxiliar de enfermagem (1955-1961) e, conforme documento anexo, secretária da escola de enfermagem no período de 1969-1972, desenvolvendo um trabalho contínuo com nossa protagonista Glória Façanha.

- a) PROFESSORES: Os mesmos dos anos anteriores, com poucas modificações, grandes colaboradores, recebendo por hora-aula, sem nenhum vínculo empregatício. A falta de contratos e outros vínculos, fez com que em algumas disciplinas houvesse desistência [ou seja não fossem ofertadas] às vésperas do início das mesmas, prejudicando o bom andamento dos trabalhos.
 - b) ENFERMEIRAS: Nenhuma enfermeira contratada pela Escola. Duas cedidas pela Reitoria e as demais recebendo hora-aula. Tivemos dificuldades em conseguir monitoras para acompanhamento das alunas, nos diversos estágios, por não poder dar estabilidade às mesmas.
- 4 – CAMPO DE ESTÁGIO: Os mesmos dos anos anteriores. As enfermeiras monitoras, em número reduzido e nem sempre em condições de dar aos alunos a segurança necessária. Necessidade de preparo dos Campos de Estágio para melhor receptividade dos alunos, em alguns locais.
- 5 – TRANSPORTE: Um micro-ônibus com problemas de peças, trazendo vários transtornos no transporte das alunas para o estágio.

Na parte inicial do relatório, Glória Façanha fez o levantamento do quadro geral da Escola de Enfermagem SVP, os tópicos levantados dizem respeito a ações administrativas da escola. A seguir, ela apresenta o trabalho realizado para tentar sanar esses problemas:

III – TRABALHO REALIZADO:

1 – FINANÇAS:

- a) Organização da contabilidade pelo Sr. Rui Dourado que foi cedido pela Fundação SESP, não mediu esforços para deixar em ordem a contabilidade e orientou os responsáveis pela mesma
- b) Verbas – Lutamos com dificuldades tremendas, pois as fontes são poucas e instáveis. A Entidade Mantenedora sem condições de dispender nenhuma dotação. A Universidade Federal do Ceará, nos prometeu NCr\$ 30.000,00, dividindo em quatro parcelas, estando a última ainda por receber. O Ministério da Educação e Cultura, que prometeu uma verba bem considerável, nos proporcionou uma de 16.000,00, recebida no ano de 1968. Fizemos convênios e várias solicitações. Recebemos doações de bolsas do UNICEF e de irmãos do Canadá, de modo que conseguimos encerrar o ano com todas as despesas pagas, e assim iniciamos o ano de 1970 em condições de melhorar um pouco a situação financeira da Escola. Todavia muita coisa precisa ainda ser resolvida.

2 – PESSOAL ADMINISTRATIVO:

Melhoramos o quadro e procuramos organizar um pouco mais o trabalho. Todavia muita coisa precisa ainda ser resolvida, na secretaria. Procuramos orientar os serviços, conseguindo contratar mais um, por demissão de um deles. A funcionária da portaria passou a tempo integral.

3 – PESSOAL TÉCNICO-CIENTÍFICO:

Temos a relatar a grande colaboração e apoio da Diretoria Regional de Saúde do Ceará:

3.1. – Dr. José Agripino Mendes – Diretor da F. SESP, que colaborou cedendo o pessoal necessário e sempre nos incentivou nos momentos mais difíceis.

3.2. – Dr. Mauro Carmélio dos Santos Costa – coordenando as atividades no Ceará, proferiu aula inaugural e sempre nos orientou sobre assuntos administrativos.

3.3. – Dr. João da Silveira Gadelha, ministrou aulas de Epidemiologia.

3.4. – Dr. Galba Florentino Costa, ministrou aulas de Epidemiologia.

3.5. – Sr. Cleber Nogueira, ministrou curso completo de Educação Sanitária.

3.6. – Enfermeira Ester Colares, colaborou quando solicitada.

3.7. – Sr. Otacílio Raulino Matos, verificando as instalações sanitárias da Escola e nos orientou sobre o trabalho a ser realizado.

4 – ENFERMEIRAS:

Conseguimos através de vários contatos com o diretor do Hospital das Clínicas que as enfermeiras do referido Hospital colaborassem conosco no acompanhamento das alunas nos diversos estágios, no Hospital. Mantínhamos reuniões semanais afim de tratarmos de assuntos referentes a estágios, grande colaboração foi dada, pelas alunas estagiárias, pois o Hospital no momento passava por uma crise de pessoal auxiliar, apesar da boa vontade de ambas as partes, sentimos a necessidade de maior preparo do pessoal de campo para recebimento dos alunos.

5 – CAMPO DE ESTÁGIO:

Conforme exposição anterior, apesar da boa vontade reinante de ambas as partes, houve uma série de falhas, que serão possivelmente sanadas em 1970 com um melhor planejamento por parte da Escola e um melhor preparo do pessoal de campo, para o recebimento das alunas estagiárias.

6 – TRANSPORTE:

Continuamos com o ônibus, mas em melhores condições.

Assim como fazia no serviço da fundação SESP, de organizar as unidades de saúde em suas visitas pelo Interior do Ceará, podemos ver que a enfermeira e professora Glória Façanha utiliza sua expertise e vai deixando tudo no lugar com articulação, administração, organização e diálogo, buscando consenso e saídas. Até o momento seu foco maior esteve na gestão administrativa da Escola de Enfermagem SVP. Podemos perceber que a procura de ajuda em parcerias funciona no ano de 1969, inclusive por parte do gestor da UFC, que abria as portas oferecendo seu hospital para estágio e enfermeiras para acompanhar as alunas da escola, já em outro momento de crise, pelo qual passava o hospital universitário, a escola ajuda com suas alunas e enfermeiras professoras. As reuniões a seguir evidenciam o movimento de busca de ajuda na resolução dos problemas, que parecem muitos, mas ao mesmo tempo diagnosticados, sob seu controle, resolvidos. Segue o relatório, no seu tópico IV, sobre reuniões e entrevistas realizadas no ano de 1969

IV – REUNIÕES E ENTREVISTAS:

1 – Mensais, na Fundação SESP, sobre vários assuntos.

2 – Semanais: no Hospital das Clínicas sobre o estágio das alunas.

3 – Várias reuniões foram realizadas com as demais enfermeiras da Escola de Enfermagem.

4 – Várias reuniões foram realizadas com o magnífico reitor da Universidade Federal do Ceará sobre a Escola de Enfermagem e a integração da mesma na Universidade.

5 – Várias entrevistas com o Diretor da Faculdade de Medicina sobre a Federalização da Escola de Enfermagem.

- 6 – Algumas entrevistas com a irmã visitadora, Irmã Carmélia Nogueira, sobre os andamentos da incorporação da escola de enfermagem à universidade.
- 7 – Entrevista com o governador do Estado do Ceará [Plácido Aderaldo Castelo], sobre assuntos relacionados às alunas, funcionárias do Estado.
- 8 – Entrevistas com o Presidente da SUMOV sobre o problema do pagamento do asfalto das duas ruas onde a Escola de Enfermagem está localizada.
- 9 – Reuniões com as alunas sobre assuntos diversos.

Dentre as reuniões expressas destacamos suas idas à UFC para participar também do CONSUNI, reuniões registradas em atas, algumas já assinaladas antes, suas entrevistas e reuniões com o reitor da universidade, com o diretor da Faculdade de Medicina, Dr. Walter de Moura Cantídio, vislumbrando a incorporação da escola à Universidade Federal. Foi um início de ano em que houve muita pressão por parte da diretora, escola e visitadora da congregação buscando resolver o caso da federalização. Até com o governador do estado cearense, a época, Plácido Aderaldo Castelo (1966-1971).

Com tudo organizado conforme exigências do reitor da UFC, que solicitou e ia solicitando sua ajuda, Glória Façanha assumiu a direção da escola que, como unidade agregada, dava a esta (e as demais diretorias anteriores) o direito de participar das reuniões do conselho universitário da UFC. Focando o lado destas reuniões assuntos e decisões, ela, como as direções anteriores, sempre trabalharam voltadas a uma proposta de incorporação da Escola de Enfermagem SVP à UFC. Como vimos nas atas do CONSUNI, em especial na ata 266^a 13/12/1968, que em pauta foi lido o processo nº 15.660/68 (Memorial dirigido à reitoria pela EESVP), podemos constatar que ela não se intimidava frente ao conselho, defendendo a ideia trazida no CONSUNI, como lembra:

Era engraçado, eu tinha que representar a escola nas reuniões, com o reitor com várias pessoas, todos homens, somente eu de mulher. Então eu falei, em um dado momento: 'só tem um jeito de a escola de enfermagem entrar como curso de enfermagem da Faculdade de Medicina, porque nós estamos organizando, quando a gente organizar o currículo de todos, ela desaparece [da Faculdade de Medicina] e fica somente como curso de enfermagem e curso de medicina segue [sozinho novamente]. Era só para se adaptar. Quando eu falei isso, quase que me engolem e disseram que não, de jeito nenhum, claro! Ficaria um só. Aí eu escrevi para uma enfermeira lá da Bahia, uma pessoa muito preparada, que veio conversar comigo. Foi a Ivete¹¹⁰. Ela

¹¹⁰Maria Ivete Ribeiro de Oliveira, enfermeira, graduada em enfermagem e em filosofia pela UFBA; mestre em Ciências Humanas pela mesma universidade; doutora em enfermagem pela USP- 1973 com a tese: O papel do enfermeiro como coordenador da assistência ao paciente, que a tornou uma referência nos cursos de administração aplicada à enfermagem. Faleceu em Salvador, em 29 de junho de 2003, aos 74 anos de idade. Presidente da ABEn-Nacional gestão 1984-1986, quando presidiu os congressos de 1985 (Recife) e 1986 (Rio de Janeiro); coordenadora da Comissão de

disse: tem que ser assim mesmo [créditos e semestre] [As irmãs enfermeiras e outras laicas da escola] não aceitaram de jeito nenhum. Como a escola tinha que passar a ser crédito porque era [divido em] primeiro ano, segundo ano, terceiro ano, o Viliberto¹¹¹ foi me ajudar nessas organizações curriculares. Foi uma lindeza, juntamos as disciplinas, os horários, tenho até aqui comigo. Organizamos tudo direitinho. Viliberto me ajudou muito, porque, quando fui lá para UNIFOR, este conhecimento me ajudou muito.
(Maria da Glória Ferreira Façanha)

No ano de 1968, quando Glória Façanha fez parte da diretoria colegiada, estava em vigência a matriz curricular¹¹² (1967-1969) apresentada no Anexo E. Nessa matriz curricular vemos a divisão do curso em três anos e as disciplinas em carga horária. O curso de três anos contava com a carga horária de 4.450 h/a (três anos + estágios práticos). As matrizes dos estágios práticos, encontram-se nos Anexos F e H. Além das disciplinas referentes à enfermagem, observamos outras como: filosofia, sociologia e cultura religiosa, sendo esta última dividida pelos três anos de curso, trabalhada principalmente devido à instituição pertencer a uma congregação religiosa.

Na sequência, vemos a matriz curricular do período de 1970 a 1973, Anexo G, em que observamos algumas mudanças na quantidade de disciplinas e na carga horária. Houve a inclusão das disciplinas Moral e Cívica I 28h, Moral e Cívica II

Temas do XVI Congresso Brasileiro de Enfermagem (1964) em Salvador; e coordenadora da Comissão de Educação da ABEn por dois períodos. Ao longo de sua carreira, exerceu os seguintes cargos: presidente do Diretório de Estudantes da UFBA (1949-50); presidente da ABEn/BA em dois mandatos (1958-1962); diretora da Escola de Enfermagem – UFBA (1963-1970); pró-reitora acadêmica da UFBA; secretária do Trabalho e Bem-Estar Social do Estado da Bahia, no governo de Roberto Santos, de 1974 a 1979. Presidente do Conselho Federal de Enfermagem na gestão 1979-1982; uma das fundadoras da Fundação Baiana para o Trabalho. Pela UFBA, recebeu o título de professor. Joel Rolim Mancia, MARIA IVETE: uma personalidade da enfermagem brasileira *Rev Bras Enferm*, maio/jun;56(3):219-220 Brasília (DF) 2003. Acessado <https://www.researchgate.net/publication/262599126_Maria_Ivete_uma_personalidade_da_Enfermagem_Brasileira> 10/4/2021. Foi publicado no ano de 2016, o texto intitulado: Dimensões políticas do trabalho de uma enfermeira – Ivete Oliveira, presente na obra de OGUISSO, Taka; FREITAS, Genival Fernandes de; SILES GONZÁLEZ, José. *Enfermagem: história, cultura dos cuidados e métodos*. [S.l.: s.n.], 2016

¹¹¹Viliberto Cavalcante Porto. Apresenta três aspectos de sua vida profissional (médico, educador e anatomista), além de trazer aspectos históricos da anatomia cearense. A metodologia do trabalho consistiu em resgatar artigos e livros sobre história da medicina no Ceará, bem como relato de pessoas contemporâneas ao biografado, assim como suas publicações. Sob três facetas, temos o professor Viliberto. Médico: natural de Aracati. Ingressou na Faculdade de Medicina do Ceará em 1951, transferindo-se para a Faculdade Nacional de Medicina, onde se graduou em 1956. Prestou relevantes serviços em sua cidade natal além de trabalhar no DER e antigo INAMPS. Foi membro titular da ACM, ocupando a cadeira 31. Educador: ingressou na docência, em 1959, como instrutor de ensino de anatomia. Foi coordenador, chefe de departamento e pró-reitor na UFC. Participou da formação e implantação do curso de medicina da UECE. Foi um dos fundadores e primeiro vice-reitor da UNIFOR. Ele ajudou também a fazer o regimento do NUDIHME.

¹¹²As matrizes curriculares analisadas neste estudo compreendem a trajetória do curso de enfermagem, desde a criação da EESVP até a UECE, e foram oriundas de produções do grupo do NUDIHME e já publicadas nos trabalhos dissertativos de Emanuela Bessa (2012) e Andrea Silva (2015), mencionados no EQ.

(Problemas Brasileiros) 28h, Moral e Cívica III 28h, uma em cada ano do curso, atendendo ao Decreto-Lei nº 869, de 12 de setembro de 1969, que dispõe sobre a inclusão da Educação Moral e Cívica como disciplina obrigatória, nas escolas de todos os graus e modalidades, dos sistemas de ensino no país, prezando pelo nacionalismo, patriotismo, incorporando a necessidade de reconhecer deveres à pátria, comum nas matrizes curriculares do período comandando pelo militarismo.

Na matriz curricular Anexo I de 1974 a 1978, essa disciplina já não consta e temos a divisão segundo a reforma universitária do curso em semestres e créditos.

Na matriz curricular de 1974 a 1978 (Anexo I), podemos observar a divisão das disciplinas em semestres e as atribuições da carga horária em créditos. Esse trabalho foi desenvolvido também por Glória Façanha sendo, sempre que possível, assessorada por colaboradores como professor Viliberto Porto, parceiro muito presente que a ajudou na reestruturação do curso em créditos, organizando disciplinas em semestres e também no formato do vestibular para que ficasse mais próximo do que era feito na UFC (ação da reforma universitária). Outra colaboradora citada foi a enfermeira Ivete Oliveira, professora da Universidade Federal da Bahia (UFBA), nomes que encontramos em seus registros, além, é claro, das enfermeiras e irmãs de caridade que também atuaram diretamente na Escola de Enfermagem SVP participando desse processo de reconstrução pedagógica.

Evidenciamos nestas mudanças promovidas, sobretudo pela nossa protagonista, um trabalho pedagógico realizando-se, ao adequar o currículo da escola à proposta da Reforma Universitária/68, e, notadamente, as exigências da UFC às mudanças administrativas, organizacionais sendo realizadas desde 1967, como já assinalado, inclusive registrado, nos relatórios mensais da enfermeira e professora Glória Façanha.

Parece-nos, diante dessas idas e vindas, que o problema da escola estava sendo empurrado, como se diz no senso comum, com a 'barriga', arrastando-se para que ela mesma resolvesse, submetendo-se às condições postas e já discutidas, ou não se resolvessem. Continuando o relatório, chegamos ao V. tópico relacionado a OUTRAS ATIVIDADES (Ano 1969).

V – OUTRAS ATIVIDADES:

- 1 – Ficamos responsáveis pela disciplina “Ética profissional”, para o 1º ano de Enfermagem e “Higiene” para o curso de Auxiliar de Enfermagem.
- 2 – Iniciamos o Curso de Auxiliar de Enfermagem Intensivo, com duração de 11 meses. As alunas selecionadas, todas, possuindo curso ginásial, evitando, assim que fossem incluídas matérias do ginásio. A experiência foi realmente muito boa, e o aproveitamento excelente. As alunas terminaram o curso com bastante experiência, sendo contratadas pelos hospitais pouco antes do término do curso, este curso foi realizado em outros Estados, em caráter experimental.
- 3 – Formatura: 26 Enfermeiras concluíram o 3º ano de Enfermagem. Receberam o Certificado de Conclusão do Curso de Auxiliar de Enfermagem: 70 alunas, sendo 38 alunas do curso de 1º ano e 32 do curso de 2 anos. Estivemos presentes em ambas as solenidades.
- 4 – Recebemos a visita da Enfermeira Maria Ivete Ribeiro, Diretora da Escola de Enfermagem da Bahia, que veio solicitada por nós para colaborar, com sua experiência sobre a criação do Departamento de Enfermagem na Faculdade de Medicina. [Federalização da Escola]
- 5 – Recebemos a visita da Enfermeira Lídia Damasceno da CRIESP e Enfermeira Florinda do DMS, interessadas no curso experimental de auxiliares de enfermagem.
- 6 – Solicitamos à Fundação SESP, a Superintendência, que consiga junto à Campanha Nacional Contra a Tuberculose, a disponibilidade da Enfermeira Silvia Campos para colaborar com a Escola de Enfermagem na disciplina Enfermagem Cirúrgica, por não contarmos, no momento que possua esta especialidade.
- 7 – Convênio com LBA, Legião Brasileira de Assistência para prepararmos o pessoal de enfermagem que trabalha nos postos de saúde daquela Organização, com sede na Capital.
- 8 – Vários cursinhos e palestras sobre saúde foram realizados pelas alunas do 3º ano de enfermagem sob orientação da enfermeira Lúcia Barros Costa, em diversos bairros de Fortaleza.
- 9 – Fomos eleitas na última eleição para a Comissão de Ensino na ABEN, seção Ceará.

Nessa parte do relatório é feita a explanação das outras atividades realizadas, estas com cunho pedagógico relacionado à gestão acadêmica. Constatamos sua participação na Comissão de Ensino na Associação Brasileira de Enfermagem, Seção Ceará, evidenciando seu papel ampliado de profissional e educadora, bem como a criação do curso de auxiliares de enfermagem intensivo, que chamou a atenção de enfermeiras externas, e o registro da formatura de auxiliares de enfermagem a qual volta à lembrança em algumas fotos e mostram o trabalho dando frutos. Como refere Glória Façanha, elas receberam o Certificado de Conclusão do Curso de Auxiliar de Enfermagem: 70 alunas, foram duas turmas que, mesmo terminando em anos diferentes, tiveram sua comemoração de recebimento de certificado juntas, no auditório do Patronato Nossa Senhora Auxiliadora. A seguir na Figura 25, fizemos uma composição de 4 fotos que registram o momento celebrativo de conclusão de curso.

Figura 25 - (abcd) - Solenidade de Conclusão de Curso de Auxiliares de Enfermagem turma. Fortaleza – Ceará ,1969



Fonte: Acervo particular

A foto da Figura 25a registra a bênção de Deus ao grupo de formandas, todas de uniforme branco com a boina de organdi sobre suas cabeças. A imagem seguinte já registra - 25b - a entrega de certificados pelas professoras Glória Façanha e Rachel Bastos durante a Solenidade de Conclusão de Curso de Auxiliares de Enfermagem. Na imagem que se segue - 25c – visualizamos, da direita para a esquerda, Maria da Glória Ferreira Façanha, uma das alunas do grupo, professora Rachel Gomes de Mattos Bastos, e uma das alunas recebendo seu certificado das mãos da professora Glória Façanha. Outro registro é feito - 25d, no qual observamos, da direita para a esquerda, a professora Rachel Bastos portando um vestido de rendas, na cor branca, com mangas cumpridas, elegante para a ocasião,

acompanhado de sapatos de salto alto, na cor branca; o padrinho da aluna, que veio vestido com uniforme militar, a aluna concludente, com seu uniforme impecável e sapatos brancos, e a professora Glória Façanha vestida a caráter, na foto, portando bolsa e sapatos de saltos altos na cor preta. Outro registro feito na solenidade retrata as professoras, os formandos e o padrinho. Visualizamos dois alunos, um do sexo masculino e outro do sexo feminino, sendo formados já nesta turma de 1969. Da direita para a esquerda, a professora Glória Façanha, o padrinho dos formandos, um senhor com traje composto de calça, paletó e gravata na cor escura, os dois formandos e a professora Raquel Bastos com seu vestido bordado de rendas, no caso, portando bolsa e sapato brancos. Os registros narram os acontecimentos, um dos ocorridos na escola no ano de 1969.

Podemos visualizar, nas quatro imagens, o ritual das solenidades: a missa, a entrega do certificado, as comemorações e as fotos das professoras responsáveis sempre presentes, no caso, Glória Façanha e Rachel Bastos, nas fotos com cada aluna ou aluno acompanhados de suas madrinhas e seus padrinhos.

Outro fato narrado em relatório foi a procura, por parte de Glória Façanha, de um contato com cunho pedagógico e político, como a enfermeira Maria Ivete Ribeiro de Oliveira, 'diretora da Escola de Enfermagem da Bahia, considerada um ícone da enfermagem moderna no país, por sua força aliada à competência administrativa, pedagógica e política, constatada em apresentações feitas anteriormente em nota de rodapé e livro publicado sobre suas contribuições à enfermagem baiana e brasileira.

O curso da escola de enfermagem da Bahia foi criado em 1946, três anos depois do curso de enfermagem daqui do estado do Ceará. Ivete Oliveira conseguiu, com a força política, inserir na reforma feita na Universidade Federal da Bahia, como curso independente: o de enfermagem. Houve, parece-nos, vontade política (na Bahia) e outros elementos que, por falta de conhecimento, não podemos apresentar e analisar, mas queremos mostrar a luta e a garra, bem como as adversidades, de Glória Façanha e do grupo de enfermeiras cearenses que, desde a inserção da escola na UFC, não deixou de se movimentar também para conseguir este feito. Ivete Oliveira foi convidada para conversar sobre a questão da incorporação da Escola de Enfermagem SVP, os impasses e de certa forma ajudá-la na criação do Departamento de Enfermagem para inserção na UFC. A solicitação de ajuda vem bem antes da visita da professora Ivete Oliveira, já que foi um convite da escola. Tempos depois vamos

ter notícias da professora Ivete Oliveira respondendo a uma carta enviada por Glória Façanha, depois de sua visita à escola cearense com notícias sobre o andamento desta situação e mais solicitação de ajuda. Seguimos com a apresentação do relatório da professora Glória Façanha à Fundação SESP, chegando ao VI tópico relacionado à avaliação das atividades relativas ao ano de 1969.

VI – AVALIAÇÃO:

Sentimos que muito ainda precisa ser feito pela Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo. Acreditamos que demos tudo de nós para conseguirmos vencer o ano de 1969. Creio que mais não poderíamos ter feito, visto termos recebido uma série de responsabilidades, sem um bom preparo prévio. Sentimos que conseguimos perfeitamente elevar o nome da FSESP, pelos vários contatos que tivemos e sentimos que a Fundação SESP é bastante conhecida e respeitada por tudo que vem fazendo, pela grandeza da saúde do Ceará.

OBSERVAÇÕES:

A nossa **meta em 1969 foi a Federalização da Escola de Enfermagem** e para isso foi enviada à Universidade Federal do Ceará uma “*Exposição de Motivos*”, mostrando a situação da Enfermagem no Brasil e no Nordeste, a necessidade de enfermeiras no Ceará e a sua localização no Brasil.

Infelizmente não seria possível a incorporação à Universidade como Unidade Autônoma, segundo informações da Reitoria. Trabalhamos para que fosse aceito o Curso de Enfermagem que funcionaria como Departamento da Faculdade de Medicina. Para tal foram inúmeras caminhadas à Reitoria e a Faculdade de Medicina, tendo ainda conseguido que a Diretora da Escola de Enfermagem da Bahia, Srta Ivete Oliveira viesse ao Ceará para nos orientar como melhor proceder. Com tudo mais ou menos normalizado, foi-nos solicitado outro trabalho, resumindo tudo aquilo que pedimos anteriormente. Novas cartas, novas solicitações, enfim, o ano terminou e nada ficou determinado, a não ser que não deveríamos fazer o vestibular em fevereiro e sim, em junho, porque não haveria tempo suficiente para que o Departamento pudesse ser estruturado, para começar a funcionar.

Temos a relatar que o patrimônio da Escola, seria totalmente entregue a Universidade e para tal, já temos em mão todos os documentos passados, para que a nova Diretora pudesse assumir toda a responsabilidade.

Os dois prédios de dois andares, cada, foram avaliados em 1968 em NCr\$ 400.000.00 e o material existente em mais de NCr\$ 300.000.00, num total de NCr\$ 700.000.00, patrimônio que não é de se desprezar!

Nenhuma resposta oficial chegou-nos às mãos, dando-nos algum documento onde nos baseamos para aceitarmos, a não abertura do vestibular, na época prevista, ou mesmo, oficializando a abertura do vestibular em junho. Diante da falta de comunicação via documentação o Conselho formado na Escola achou por bem, abrir o vestibular um pouco atrasado devido ainda a quase pressão por parte dos vestibulandos.

Diante disto o Diretor da Faculdade de Medicina, Dr. Walter de Moura Cantídio, quando em entrevista, na qual relatamos a situação, recebeu-nos muito bem, apoiando a nossa resolução, mas falando explicitamente que o “**Meu Curso**”, como ele se expressou, “será aberto” independente da Escola. Outra expressão sua foi “você não sabe que peso você tirou de minha cabeça” e “não vai haver rivalidades; vocês abrem o vestibular em fevereiro e nós em junho”.

Infelizmente, segundo entrevistas posteriores na reitoria, fomos nós levadas a desistir [da federalização] do nosso curso, o que até, provavelmente, tenha sido um ponto positivo.

Sabendo assim que a Universidade Federal tencionava abrir uma Escola ou curso de Enfermagem para compor a Universidade, e sabendo também que o Secretário de Saúde, Dr. Rocha Furtado, tinha sido designado pelo governador [*Cesar Cals de Oliveira*] para entrar em contato com a Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo, um grupo de enfermeiras, representando a ABEN, procurou o mesmo, a fim de relatar a situação atual da referida Escola. Assunto e a situação foi bem aceita e aguardamos pronunciamento do então Secretário de Saúde. Esperamos, que o ano de 1970 nos traga melhores condições de trabalho.

(Maria da Glória Ferreira Façanha)

A demora nas respostas resolutivas se arrastava por meses e as exigências, por parte da UFC, eram contínuas, o que demonstrava, pelo menos no final da década de 1960 e início da de 1970, uma morte anunciada. A esperança e o desejo faziam a luta do grupo continuar, apesar dos pesares.

O que fica evidente é que, no início, com a escola agregada, vai ocorrer uma posição favorável a sua federalização, mas com o tempo e as mudanças de reitor, diretores, conselheiros universitários e até de regime político brasileiro, quando entramos em tempos de ditadura militar (AI5), essa posição favorável vai diminuindo e as intenções da universidade de sua direção passa a ser outra, que acaba por surgir posteriormente com a criação, no ano de 1970, de uma comissão para implantar um curso de enfermagem próprio da universidade.

Notadamente, o foco de trajetória dessa experiência encontra âncora nos documentos de natureza primária relacionados aos relatórios escritos pela própria Glória Façanha, encaminhados à Fundação SESP, bem como as entrevistas realizadas com ela e demais colaboradoras e registro das atas do CONSUNI.

Em outros termos, por considerarmos muito importante o registro do relatório, fazemo-lo, em sua íntegra, abrangendo inicialmente o 1º semestre de 1970, para discussões e análises posteriores, e, em seguida, o 2º semestre do mesmo ano. Sabemos que um registro de uma das partes, no caso da própria Glória Façanha, era articulado quando era preciso obter dados das atas do CONSUNI e das entrevistas realizadas com personagens que conviveram esse tempo com ela na escola.

Lembramos que o ano de 1970 foi o ano das decisões, por um lado, advindas da Universidade-UFC e, por outro, resultantes do movimento de luta de nossa protagonista e grupo de enfermeiras da escola. Esse grupo lutou até o fim para reverter e reencaminhar a federalização do curso de enfermagem, mesmo em cenário tão complexo e adverso. Apresentamos a seguir o referido relatório, que vem composto de um sumário indicando sua organização em oito itens:

**FUNDAÇÃO SERVIÇOS DE SAÚDE PÚBLICA
ESCOLA DE ENFERMAGEM SÃO VICENTE DE PAULO
RELATÓRIO – 1970 (1º SEMESTRE)**

- I – Introdução
- II – Situação Financeira
- III – Funcionamento da escola
- IV – Processo nº 595/70
- V – Curso de Enfermagem
- VI – Audiência com o Exmo. Sr. Gal. Jaime Portela, Comandante da 10ª Região.
- VII – Viagem
 - 1 – Seminário
 - 2 – Audiência com Exmo. Sr. Ministro da Educação, Cel. Jarbas Passarinho.
 - 3 – Observação de Escolas de Enfermagem.
 - 4 – Outras atividades.
- VIII – Conclusão.

I – INTRODUÇÃO.

Iniciamos o ano de 1970 em melhores condições financeiras que o anterior; colocamos em dia o pagamento dos professores e funcionários e fizemos algumas modificações no prédio, internamente, ampliando três salas de aula, dando condições de abrigar um maior número de alunos. Providenciamos um local mais adequado para o funcionamento da Diretoria e uma sala para os professores. Embora a Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo continue seu funcionamento dentro da possível normalidade, permanecemos com os mesmos problemas abordados anteriormente: dificuldades financeiras e dificuldades em ser integrada à Universidade.

II – SITUAÇÃO FINANCEIRA

Apesar de tantos problemas, sentimos que muitas das nossas Enfermeiras têm se conscientizado da necessidade de apoiar e colaborar com a Escola o que tem nos ajudado a vencer sérias barreiras que vêm aumentando dia a dia.

A verba votada pela Reitoria **foi reduzida para Cr\$ 10.000,00** e subdividida em quatro (4) parcelas trimestrais, tendo até o momento sido liberada apenas a primeira parcela. Mesmo assim a escola está mais ou menos em dia com o pagamento dos professores que vêm recebendo uma quantia bastante irrisória por aulas dadas; entretanto apesar disso, a colaboração tem sido fabulosa, por parte de todos.

A nossa preocupação, todavia, é que a partir de julho não há mais possibilidade de se conseguir verba, a não ser que o Ministro da Educação nos envie com certa brevidade.

1 – Contabilidade:

A partir de 1970, após a organização da contabilidade pelo Sr. Rui Dourado, convidamos, por sugestão do mesmo, ao Sr. Glauber Viana Almeida para assessorar o trabalho do funcionário responsável. Deste modo, a ajuda prestada pela FSESP neste setor, foi imensa. Temos procurado fazer os pagamentos por meio de cheques, facilitando assim as prestações de conta. É um dos setores que vem funcionando certo.

Podemos inferir e discutir, com base nesse relatório, que já possui mais de 50 anos de existência, com relação ao item I. Introdução e II. Situação financeira - que nossa protagonista dá ciência que, no início do ano de 1970, os pagamentos das professoras e funcionários foram feitos e até algumas benfeitorias estruturais foram realizadas ampliando a escola. Explicita a ajuda das enfermeiras professoras que recebem salário irrisório, mas que em muito contribuíram com seu trabalho para manutenção da escola. Também se refere às últimas verbas provenientes da UFC, que foram drasticamente resumidas com relação ao prometido, de Cr\$30.000,00 para Cr\$10.000,00, temática já abordada nos anos e em itens anteriores e que tornava difícil a manutenção, organização e funcionamento da escola, ou seja, com relação à normalidade de entrada de recursos, continuava o mesmo problema, bem como a questão da federalização, mas já com decisões tomadas pela UFC nesse ano.

Podemos observar que, com muito 'jogo de cintura', coisas iam acontecendo na escola, embora os dois elementos principais continuassem inicialmente sem definição, uma vez que as próximas contas a pagar permaneciam sem clareza de onde poderia surgir o recurso e a federalização que não caminhava para o lado da escola, mas, sim, contra ela.

Retornando ao relatório, destacamos no item II – situação financeira o registro de promessa do ministro da Educação, coronel Jarbas Passarinho, de envio de verbas para ajudar a escola com a quantidade de alunas que se inseriram por meio do vestibular nesta instituição. Estamos na época dos coronéis e aqui caberia uma análise da relação dessas congregações com o regime militar que vigorava no Brasil e, destes, também com o ensino superior. Estamos na ditadura e temos consciência de suas implicações em tudo e em todos.

RELATÓRIO – 1970 (1º SEMESTRE) continua...

III – FUNCIONAMENTO DA ESCOLA:

1 – Vestibular

Fomos convidados (verbalmente) a não abrir as inscrições para o vestibular antes de Junho, pelo Diretor da Faculdade de Medicina, Dr. Walter de Moura Cantídio, a quem o Curso de Enfermagem estaria afeto e cuja justificativa seria dar tempo de se estudar o modo pelo qual a Escola de Enfermagem seria incorporada à Universidade. Acontece que passamos todo o ano de 1969 solicitando que se tomassem as devidas providências por escrito e não conseguimos; reunida a Diretoria, chegamos à conclusão que seria por demais perigoso deixarmos de abrir o vestibular e ao abordarmos o diretor da Faculdade de Medicina, sobre a nossa decisão, foi-nos alegado “que então a Faculdade de Medicina abriria o “seu curso”, [enfermagem] que seria iniciado em agosto.

Posteriormente houve um **convite verbal** para que a Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo se responsabilizasse pelo Curso de Enfermagem da Faculdade de Medicina. Naturalmente perguntamos porque a Faculdade de Medicina não incorporava a Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo como haviam solicitado.

Tivemos 110 candidatos para 30 vagas; como consequência tivemos excedentes que foram recebidos pela Escola, perfazendo um número de 55 alunos no 1º ano; 25 no 2º ano; e 28 no 3º ano, num total de 108 alunos.

IV – PROCESSO Nº 595/70

No relatório anterior nos referimos à Criação do Curso de Enfermagem anexo à Faculdade de Medicina, mas somente algum tempo depois nos chegou às mãos o relatório da **“Ata da 5ª Sessão Extraordinária do Conselho Universitário”, realizada no dia 23 de janeiro de 1970, constando o Processo número 595/70 (Proposta de Criação do Curso de Enfermagem)**, cuja cópia segue anexo. Torna-se necessário frisar que na página 10, última linha, encontramos o que se segue: *“Entretanto; como era de conhecimento dos Senhores Conselheiros, a diretoria da própria Escola de Enfermagem, depois de entendimentos vários, chegara à conclusão de que seria mais interessante a continuação daquela unidade como entidade autônoma, funcionando paralelamente com o curso de Enfermagem da Faculdade de Medicina e com este mantendo uma permuta de experiências e colaboração que os viesse a beneficiar mutuamente”*. Frisou a certa altura, que a iniciativa da criação do Curso de Enfermagem da Universidade Federal do Ceará somente havia sido tomada depois de vários e demorados entendimentos com a diretoria da Escola, achando elas, inclusive, que a criação do novo Curso de Enfermagem iria contribuir para valorizar ainda mais a Classe.

[E continuou na Ata] *Muito embora a direção da Faculdade já estivesse sendo solicitada nesse sentido, o Curso somente deveria funcionar a partir de agosto do corrente ano, dando oportunidade a que a direção da Faculdade pudesse manter contatos com diversos órgãos interessados no problema, como fossem a Organização Pan-Americana de Saúde e o Ministério da Saúde etc.”* (Palavras do Dr. Walter de Mora Cantídio – Diretor da Faculdade de Medicina. [Ata da 5ª Sessão Extraordinária do CONSUNI realizada no dia 23 de janeiro de 1970, constando o Processo número 595/70 (Proposta de Criação do Curso de Enfermagem)].

Quando se luta por alguma coisa com todo o entusiasmo e esperança, quando se trabalha como se tem trabalhado em prol da Federalização da Escola de Enfermagem, e após todo esforço despendido, todas as ansiedades e preocupações, sem nenhum outro interesse a não ser salvar a Escola de Enfermagem de um possível fechamento, e se recebe uma [ATA da UFC] como acima descrito de uma reunião que estávamos ausentes (a Escola não é convidada a participar destas reuniões) sem possibilidades de dialogar; quando temos batalhado junto a Reitoria no sentido de mostrar que Fortaleza não tem no momento condições para duas Escolas de Enfermagem; quando é do conhecimento de todos que a abertura do Curso de Enfermagem da Faculdade de Medicina equivale ao fechamento da Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo, e se recebe algo como o que, acabamos de citar, tem-se vontade de desistir de tudo, não por covardia, mas por se sentir como quem se encontra impotentes diante do fato de lutar contra tanta incompreensão!

Até o presente momento, nenhum documento por parte da Reitoria nos chegou às mãos, como resposta às várias solicitações e Exposições de motivos enviadas pela Escola de Enfermagem. [Só se teve acesso posteriormente a Ata]

Sobre o item III Funcionamento da Escola - de certa forma, ele repete sempre a comunicação verbal recebida pela UFC para não abrir o vestibular, mas que este, em reunião na escola, é mantido e realizado, posição que mostra, de certa maneira, uma forte decisão, por parte do grupo da Escola de Enfermagem SVP, de não se submeter a indicações verbais e, portanto, não oficiais e sem mais garantias advindas da UFC. Com decisão tomada também verbalmente foi a escola comunicada de que a Faculdade de Medicina abriria ao mesmo tempo, em agosto, seu curso de enfermagem.

Mais uma vez, 'verbalmente', a escola é convidada para assumir o curso da Faculdade de Medicina, embora não tenham participado da reunião do CONSUNI que estabeleceu essa criação, efetivada pelo Processo Nº 595/70, mesmo sem uma estrutura física e recursos humanos para desenvolvê-lo, segue trecho da ata:

Ata da 5ª Sessão, de 23 de janeiro de 1970, sobre o Plano de Criação do curso, encontramos:

7. Pessoal Docente - o pessoal docente será, dentro do possível, aquele que ministra, na Faculdade de Medicina, matérias comuns, devendo ser admitido pessoal docente de enfermagem para as disciplinas que são peculiares ao Curso, visando a atingir, o mais cedo possível, o número de 8 (oito) professores para a constituição de um Departamento de Enfermagem [...].
8. Durante a fase de instalação do Curso prevê-se a necessidade de adquirir equipamentos e material permanente específicos para o ensino da Enfermagem.
9. Os recursos para a aquisição do material previsto no item anterior, deverão ser destacados em verbas orçamentárias ou extraorçamentárias.
10. As vagas para o primeiro período letivo serão em número de vinte (20).
11. O Exame Vestibular deverá ser realizado antes do Início do 2º Semestre de 1970, de modo que as aulas do novo curso se iniciem em 1º de agosto do corrente ano.
12. A Faculdade de Medicina diligenciará no sentido de conseguir recursos financeiros das instituições governamentais ou privadas, visando ao aperfeiçoamento do Curso de Enfermagem. (ATA DA 5ª SESSÃO /CONSUNI, 23.01.1970)

Embora tenha sido criado oficialmente em documento no ano de 1970, conforme o Processo nº 595/70, o curso de enfermagem da UFC encontrava-se estancado na lei e só começou efetivamente no ano de 1975.

Consta que a escola, a par dessa decisão, pretende manter seu curso autônomo e trocar experiências e ajudas com o criado pela UFC, o que de fato nos parece, pelo registro da professora Glória Façanha, que não é bem assim que acontece. Todo o item IV se dedica ao referido processo de criação ocorrido em reunião do CONSUNI, de 23 de janeiro de 1970, e da qual nenhum representante da

escola foi convidado a participar e que a escola só muito posteriormente toma conhecimento da ata dessa reunião quando a instituição a torna conhecida. Podemos imaginar os ruídos nas comunicações e o desconforto causado, evidências que estão no discurso, na fala ou nas entrelinhas dessa caminhada. Desafios, lutas, desgastes, poder.

RELATÓRIO – 1970 (1º SEMESTRE) continua...

V – CURSO DE ENFERMAGEM

Antes de tomarmos conhecimento da Ata acima em parte descrita, fomos convidadas para comparecer à Faculdade de Medicina tendo recebido **o convite, verbal**, para a Escola de Enfermagem se responsabilizar, em ministrar o Curso de Enfermagem criado pela Faculdade de Medicina. Quando perguntamos ao Diretor Dr. Walter de Moura Cantídio porque não tinha sido aceito a Escola de Enfermagem, nos respondeu que seria bom pensarmos novamente no assunto.

Informamos que os papeis da Escola já estavam em mãos do Secretário de Saúde, Dr. Rocha Furtado mas que seria motivo de novo estudo.

Posteriormente o Dr. Pedro Teixeira Barroso, professor da Faculdade de Odontologia, nos procurou e em reunião com a presença de um grupo de enfermeiras nos cientificou de que a convite do Vice-Reitor Dr. Hiderval Gomes Freire e Dr. Walter Cantídio, se prontificou a ser o interprete junto a Escola de Enfermagem; gostaria de saber qual a nossa pretensão, ao que de comum acordo, chegamos à conclusão que o mínimo seria os 9 elementos para compor o Departamento, seriam nove enfermeiras recebidas como assistente, já que o auxiliar de ensino não pode ser considerado como professor; nenhuma resposta recebemos sobre o assunto. [posteriormente]

VI – AUDIÊNCIA COM O EXMO. SR. GAL. JAIME PORTELA, COMANDANTE DA 10ª REGIÃO

Com a posse de novo Comandante da 10ª Região S.Excia. General Jaime Portela, fomos em companhia de mais três enfermeiras recebidas em audiência, cumprimentá-lo e ao mesmo tempo torná-lo ciente da situação que estávamos atravessando. Recebeu-nos cordialmente, tendo S.Excia. se prontificado a enviar ao Ministro da Educação Cel. Jarbas Passarinho informes sobre o acontecido; deixamos cópias de vários documentos que serviriam de subsídio a nosso favor.

No item V do Relatório - Curso de Enfermagem – que antecede a descoberta da ata, podemos perceber que houve um convite para uma reunião na UFC e outro convite para que a escola se responsabilizasse por ministrar o curso criado pela Faculdade de Medicina e a aceitação de nove professores da escola a serem incorporados ao curso. Professores auxiliares do curso da escola não podiam ser considerados professores pela UFC.

A resposta quanto à federalização era uma certeza anunciada. Podemos ver que essa comprovação chega logo depois. Há evidências de tentativas e de

utilização de mediadores de ambos os lados para o consenso, mas fica claro que esta, como uma luta já muito antiga, só fortaleceu cada parte em separado, mas constatamos que a busca pela federalização continua após a decisão da UFC.

Até porque, no item VI - Audiência com o coronel – item do relatório, observamos que a luta continuava se inserindo em campos políticos e militares, militares e políticos, uma vez que estávamos inseridos em uma ditadura e a posição era a de salvar a escola de um possível fechamento e que a reitoria deveria retroceder e receber a escola. Assim pensando, ocorrem comunicações que envolvem os coronéis Jaime Portela¹¹³ e Mauro Rodrigues¹¹⁴, bem como o ministro Cel. Jarbas Passarinho, nesses apelos e em busca de verbas para o ano de 1970.

RELATÓRIO – 1970 (1º SEMESTRE) continua...

VII - VIAGEM

Viajamos no dia 30/4 com destino ao Rio de Janeiro a fim de participarmos de um Seminário sobre estudo e elaboração do currículo para o curso intensivo de auxiliar de enfermagem. Projeto Brasil 287/6302 – Formação do Auxiliar de Enfermagem.

Anteriormente havíamos solicitado uma audiência com S. Exca. O Ministro da Educação Cel. Jarbas Passarinho, tendo sido confirmada no Rio de Janeiro. Essa audiência só pode ser realizada uma semana após.

1 – Seminário.

Iniciamos os trabalhos do Seminário em 4/5, na Escola Nacional de Saúde Pública, tendo como coordenadora a Enfermeira Judith Feitosa de Carvalho, Coordenadora Nacional do Projeto e assessoria da enfermeira Florinda Molina (OPAS/ONS), além da presença constante da Educadora Sra. Simone From Rivera.

2 – Audiência com Exmo. Sr. Ministro da Educação, Cel. Jarbas Passarinho.

Estando acompanhadas pela Sra. Dolores Lins, Diretora da Escola de Enfermagem Ana Neri e vice-presidente da Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn Central), fomos recebidas por VS.Excia. o Sr. Ministro da Educação Cel. Jarbas Passarinho. Estávamos munidas de toda a documentação, desde os inícios dos trabalhos em prol da Federalização da Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo.

Após apresentação dos documentos que foram observadas rapidamente, fizemos uma exposição oral e sucinta dos últimos acontecimentos que culminaram com a Criação do Curso de Enfermagem pela Universidade. Fomos claras e precisas ao afirmarmos que a abertura desse curso implicaria no fechamento da Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo, que há 26 anos vem prestando grandes serviços ao Ceará. Falamos ainda que o número de candidatos em 1970 que foi de 110 e que

¹¹³Jaime Portela de Melo, foi chefe do Gabinete Militar da Presidência da República, de 1967-1969. Em fevereiro de 1970, assumiu o comando da 10ª Região Militar (10ª RM), com sede em Fortaleza. Permaneceu nesse comando até agosto de 1971, quando assumiu o cargo de terceiro-subchefe do Departamento-Geral de Serviços do Exército, em substituição ao general-de-divisão Nilton Faria Ferreira. Deixou o cargo em fevereiro de 1973 e passou para a reserva. Acervo CPDOC: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/jaime-portela> acessado em 18/05/2021.

¹¹⁴ Mauro da Costa Rodrigues foi coronel e secretário da Educação e Cultura do Estado do Rio Grande do Sul em 1973. Foi um dos mentores do Projeto Rondon (1969), tinha uma ligação estreita com o reitor José Mariano da Rocha Filho. <<https://fonte.ufsm.br/index.php/rodrigues-mauro-da-costa-1927>> acessado em 18/5/2021

recebemos além das vagas previstas mais 25 alunos, que no momento estamos com 108 alunos universitários além do curso de grau médio existente com o nº de 40 alunos.

Foi-nos perguntado da possibilidade de aumentarmos as matrículas, ao que respondemos que desde que a Escola estivesse amparada pela Universidade e tivéssemos verba suficiente para contarmos com maior número de professores, poderíamos aumentar o número de vagas, pois o espaço físico da Escola bem o comporta.

Acrescentamos ainda que a Congregação das Irmãs de São Vicente de Paulo está doando todo o patrimônio da Escola, avaliado em Cr\$ 700.000,00 desde que a Reitoria nos receba.

Fomos encaminhadas ao Sr. Secretário Geral Cel. Mauro da Costa Rodrigues ao qual levamos em mãos os documentos enviados pelo Exmo. Sr. Ministro Cel. Jarbas Passarinho acrescido de algumas anotações, solicitando ao mesmo que marcasse uma entrevista conosco e sugerindo:

- a) Que fosse imediatamente cancelado o Curso de Enfermagem da Faculdade de Medicina.
- b) Que fosse providenciada uma verba para a Escola se manter durante o ano de 1970.
- c) Que fosse estudado um meio junto a Universidade de incorporar a Escola de Enfermagem.

Na entrevista marcada para dois dias depois foi-nos mostrado uma cópia do telegrama para a Universidade no qual solicitava que a Reitoria estudasse um meio de incorporar a Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo à Universidade e acrescentava que era sugestão do Sr. Ministro que fosse imediatamente cancelado o Curso de Enfermagem da Faculdade de Medicina.

Certas de que a situação havia melhorado consideravelmente e felizes por termos tido enfim a compreensão das autoridades competentes, continuamos no Rio de Janeiro os trabalhos do Seminário.

3 – Observação das Escolas de Enfermagem.

Após o encerramento dos trabalhos do Seminário, permanecemos mais alguns dias no Rio, a fim de observarmos o funcionamento de Escolas de Enfermagem.

Escola Ana Neri -

Tivemos um primeiro contato com a diretora da Escola Ana Neri, D. Dolores Lins a fim de solicitarmos a necessária permissão para observarmos o funcionamento da Escola, tivemos ótima receptividade por parte da mesma, colocando-se inclusive a nossa disposição, apesar de seu tempo ser exíguo.

Observamos como funcionam os Departamentos, a parte Administrativa, Secretarias, etc, e como foi implantado o sistema de crédito. Conversamos com várias enfermeiras professoras e observamos a parte de avaliação do aluno. Ficamos muito satisfeitas com a boa acolhida.

Escola de Enfermagem Alfredo Pinto –

Observamos na Escola Alfredo Pinto, além da parte Administrativa e Didática de Curso de Graduação, o funcionamento do Curso Auxiliar de Enfermagem com duração de 11 meses.

Conversamos com a Diretora D. Ana Grijó e professores e tivemos grande colaboração da Educadora Sra. Simone Fromm River.

4 – Outras atividades.

1 – Fundação Serviços de Saúde Pública -

Chegando ao Rio, fomos à FSESP onde nos apresentamos à Dra. Evany Guilberto. Tivemos oportunidade de ser recebidas pelo Superintendente Dr. Brito Bastos.

Sempre que foi possível, estivemos na Superintendência onde tivemos oportunidade de dialogar sobre o trabalho que vimos realizando na Escola de Enfermagem.

Estivemos com D. Ermengarda Farias Alvin, D. Adalgisa Vieira Matos e demais enfermeiras; estivemos ainda com Dra. Corinha e Dr. Carvalhedo.

2 – SERVIÇO DE ENFERMAGEM.

Estivemos com a D. Mercedes, Chefe do Serviço de Enfermagem, afim de nos certificarmos sobre um pedido feito ao referido órgão para nos ceder uma de suas enfermeiras Sílvia Soares Campos, para ministrar a disciplina de Enfermagem Cirúrgica e Centro Cirúrgico, no 2º semestre. Fomos muito bem recebidas e fomos cientificadas de que um ofício havia seguido para Fortaleza, sobre o assunto,

Faz parte do relatório a narrativa de viagem para a realização de um seminário no Rio de Janeiro e, a partir dessa viagem, nossa protagonista e acompanhantes começam a fazer algumas articulações para seguir ainda a meta de federalização da escola. Ela consegue participar de reunião com o então ministro da Educação, Cel. Jarbas Passarinho, que atende e acolhe suas solicitações referentes à escola, o que deixa o grupo com ânimo renovado.

Ainda no Rio de Janeiro retorna à sua casa de formação, a Escola de Enfermagem Ana Neri, que também passou pelas mudanças da reforma universitária. Glória Façanha faz a análise dos documentos pedagógicos da instituição, bem como visita a estrutura do belo prédio para obter mais conhecimento e poder preparar os espaços e documentos da Escola de Enfermagem SVP. Além da Escola de Enfermagem Ana Neri, foi visitar também a Escola de Enfermagem Alfredo Pinto com a mesma intencionalidade. Foi também à Fundação SESP e expressou que sempre, ao ir ao Rio de Janeiro, passava lá para apresentar o trabalho desenvolvido no Ceará.

RELATÓRIO – 1970 (1º SEMESTRE) continua...

VII – CONCLUSÃO

Viajamos para Fortaleza no dia 11/6 e reiniciamos nossas atividades em, 13/7.

PROGRAMAÇÃO PARA O 2º SEMESTRE –

Iniciamos ativamente a programação do 2º semestre, providenciando os professores com as respectivas disciplinas, campos de estágio, horários de aula.

O tempo passou rapidamente e nos vimos a 4/8 reiniciando as aulas regulamentares.

Resumindo:

- a) A situação financeira, que no 2º trimestre foi precária, será agravada tremendamente do 3º trimestre em diante.
- b) O processo nº 595/70 nos abalou profundamente não só por deixar a Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo em situação de fechar suas portas, como por comprometer a Direção da mesma Escola.
- c) Depois de tantos transtornos ainda fomos convidadas a nos responsabilizar pelo funcionamento do referido Curso de Enfermagem anexo à Faculdade de Medicina.
- d) Sentimos que a entrevista com o Exmo. Sr. Comandante da 10ª Região, Gal. Jaime Portela, em muito contribuiu para a cordial receptividade por parte do Exmo. Sr. Ministro da Educação Cel. Jarbas Passarinho.
- e) Nossa viagem ao Rio foi providencial:

- Participamos de um trabalho de grande importância que foi um Seminário sobre estudo e elaboração do currículo para curso intensivo de auxiliar de Enfermagem.
- Conseguimos uma audiência com o Exmo. Sr. Ministro da Educação Cel. Jarbas Passarinho que nos deu grandes esperanças em relação à situação da Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo.
- Conseguimos visitar outras Escolas de Enfermagem e nos atualizarmos com o que há de moderno em relação à Enfermagem,
- Continuamos a contar com o apoio integral da FSESP.
- f) Reiniciamos nossos trabalhos em Fortaleza em tempo de organizarmos as atividades do 2º semestre.

Maria da Glória Ferreira Façanha

No item VII - Conclusão do Relatório – insere-se o retorno da viagem do Rio de Janeiro para Fortaleza, no dia 11 de junho, quando deve ser iniciada a programação das atividades para o 2º semestre da escola, com as aulas sendo iniciadas no dia 4 de agosto de 1970. E, em resumo, escrito pela própria Glória, escolhemos registrar: “A situação financeira que será agravada; o processo nº 595/70 que abalou profundamente o grupo; o convite para se responsabilizar pelo funcionamento do curso de enfermagem da UFC anexo à Faculdade de Medicina; e o encontro com o ministro da Educação, Cel. Jarbas Passarinho, que reacendeu as esperanças”.

Com o retorno de Glória Façanha às atividades da escola de enfermagem no segundo semestre de 1970 podemos mais uma vez constatar, em seu minucioso registro, o movimento e as atividades inseridas nessa temporalidade. Seu relatório se encontra organizado como: trabalho realizado no qual, no item I, trata do corpo docente, o item II, Outras atividades, e o item III, das Conclusão, cada um contendo um grande número de subitens descritivos sobre informações, encaminhamentos e realizações.

**FUNDAÇÃO SERVIÇOS DE SAÚDE PÚBLICA
ESCOLA DE ENFERMAGEM SÃO VICENTE DE PAULO
RELATÓRIO – 1970 (2º SEMESTRE)**

Animadas com a perspectiva de que a Universidade procuraria um meio de absorver a Escola e certas de que o Curso de Enfermagem da UFC não mais funcionaria em julho, como estava previsto, iniciamos o 3º trimestre com mais otimismo.

TRABALHO REALIZADO:

1 – Reunião com a presença do Magnífico Reitor da U.F.Ce., Dr. Fernando Leite, vice-reitor Dr. Hiderval Gomes Freire, ex-Reitor Dr. Martins Filho, na qual relatamos a nossa audiência com o Sr. Ministro da Educação e procurando nos cientificar sobre quais as providências cabíveis, no caso; Dr. Fernando Leite, nos falou que, tudo dependia do Ministro, tendo Dr. Martins Filho sido muito claro, dizendo que, se não viesse uma ordem superior nada conseguiríamos; disse-nos ainda que não seria arquivada a **nossa petição**

para a Universidade Estadual, e em hipótese alguma isto traria problemas quando a Federalização.

2 – Reunião com o Senador Cel. Virgílio Távora que prometeu estudar a nossa situação com as autoridades competentes, em Brasília.

3 – Reunião com o Cel. César Cals de Oliveira Filho, futuro governador do Ceará que nos prometeu ajuda, tão logo fosse empossado em cargo de Governador.

4 – Outra reunião, com um grupo de professoras da Escola, teve lugar em casa da Sra. Amélia Gonçalves, esposa do Senador Wilson Gonçalves, pessoa de prestígio, a quem resolvemos solicitar a colaboração junto às pessoas influentes.

5 – Reunião com o Dr. Livino Virgínio Pinheiro, Diretor da Faculdade de Medicina, em substituição ao Dr. Walter de Moura Cantídio. Prometeu nos dar todo apoio necessário, e o tem feito, chamando a atenção de pessoas influentes sobre a situação que vimos atravessando.

Esperança era a palavra de ordem para esse início de semestre relatado por Glória Façanha. Destacamos o registro sobre a colocação do ex-reitor, Martins Filho, sobre o não arquivamento da petição da Escola de Enfermagem SVP ser estadualizada, caso não fosse federalizada. Ela continua seus registros com as reuniões importantes entre políticos e personalidades que poderiam contribuir para efetivação dessa anexação, mostrando mais uma vez a movimentação em torno dessa busca maior (federalização), razão de sua permanência na escola, embora outras infinidades de problemas surgissem com necessidades de respostas imediatas.

RELATÓRIO – 1970 (2º SEMESTRE) continua...

I - Corpo Docente:

Os professores da Escola de Enfermagem, enfermeiros, são quase sempre cedidos por Entidades que colaboram com a Escola; conseguimos no quarto trimestre que a enfermeira Eneida Schramm ficasse a disposição da Escola, através de pedido à Secretaria de Planejamento, a fim de coordenar a comissão responsável pelo estudo e atualização dos Estatutos. Contratamos algumas enfermeiras para ministrar aulas e para acompanhar alunos ao campo de estágio.

A boa aceitação que tivemos por parte do corpo docente e discente em muito facilitou o nosso trabalho. O número de funcionários, no entanto, sendo diminuído fez com que, nós, por permanecemos tempo integral na Escola, nos responsabilizássemos, dentre outras funções pelos contatos com os Chefes dos Serviços de Enfermagem dos Hospitais, solicitações de campo de estágio, solicitações de verbas, reuniões com as enfermeiras que acompanham os alunos nos estágios, etc.

Estamos com a representação da Escola junto a APESC – Associação dos Professores de Escolas Superiores do Ceará; comparecemos às reuniões, quando convidadas pela Universidade.

Responsabilizamo-nos ainda pela disciplina de Enfermagem Obstétrica, mas contamos para isso com a colaboração de vários professores.

O fato de não termos uma estrutura sólida, por falta de estabilidade, nos traz uma série de problemas, entre os quais, a falta de professor; algumas vezes, depois de contarmos com o professor em determinada disciplina, ele, de última hora informa da impossibilidade de nos prestar a colaboração

desejada, por motivos de outros compromissos, isto nos traz uma série de transtornos.

A FSESP através de seu diretor, Dr. José Agripino Mendes e seus técnicos, têm prestado à Escola de Enfermagem grande colaboração além de nos dar o apoio que realmente necessitamos.

Dr. Mauro Carmélio dos Santos Costa se responsabilizou sobre a disciplina de Epidemiologia e Estatística; Sr. Cléber Nogueira ministrou Educação Sanitária, todas três coordenadas pela disciplina de Saúde Pública. A enfermeira Ester Colares proferiu algumas palestras.

1 – Voltamos várias vezes à Reitoria a fim de conseguirmos notícias sobre a situação da Escola de Enfermagem.

2 – Reunião com um grupo de enfermeiras, em casa da Sra. Luiza Távora esposa do Senador Virgílio Távora, tendo a mesma se prontificado a nos ajudar nesta campanha, em prol da Federalização da Escola de Enfermagem.

3 – Reunião com um grupo de professores em casa do Senador Virgílio Távora; deu-nos informações sobre a sua viagem e o que de positivo conseguiria a nosso favor em sua recente visita a Brasília.

4 – Entrevista com a Rvdma. Irmã Lúcia Cals, Visitadora da Congregação a que temos sempre prestado esclarecimentos, quanto a nossa situação e que se prontificou a, junto ao Cel. César Cals, seu irmão, verificar o andamento do processo enviado ao Sr. Ministro da Educação. Posteriormente nos informou que o processo estava em mãos do Dr. Newton Sucupira¹¹⁵, para estudo.

5 – Viajamos novamente ao Rio e tivemos oportunidade de conversar com Dr. Hipérides Ferreira Melo, Chefe de Gabinete do Sr. Secretário Geral do Ministério da Educação e Cultura, que nos deu várias informações sobre o processo da Escola de Enfermagem.

6 – Entrevista com o Dr. Newton Sucupira, responsável pelo estudo do processo da Escola; disse-nos que já havia devolvido o processo ao Sr. Ministro e que não havia problema algum quanto a incorporação da Escola pela Reitoria e absorção dos professores. Procurei mostrar que se não houvesse uma autorização da Cúpula a situação permaneceria a mesma.

7 – Entrevista com a Sra. Lúcia Dumas, residindo atualmente no Rio, que se prontificou a nos ajudar em nossa campanha.

8 – Reunião com o Dr. Livino Virgínio Pinheiro, Diretor da Faculdade de Medicina, acompanhada por um grupo de enfermeiras, solicitando a sua colaboração, tendo o mesmo se prontificado a nos ajudar no que fosse possível.

9 – Reunião com Sr. Amir Rocha Franco, Diretor do Departamento Estadual da Saúde, tendo o mesmo se prontificado a nos ajudar em nossa campanha.

Quando se refere ao corpo docente no relatório do 2^a semestre do ano de 1970, Glória Façanha deixa clara a fragilidade da escola sempre contando com enfermeiras cedidas por outras instituições para assumir disciplinas. Registra o curso

115 Newton Lins Buarque Sucupira passou à história da educação brasileira como mentor intelectual da regulamentação da pós-graduação e também é autor do texto que deu base à Lei da Reforma Universitária de 1968. Sua função de direção na Divisão de Assuntos Universitários permitiu-lhe concretizar seus ideais de pós-graduação e de ensino superior. No período em que foi membro do CFE (1962-1978), assinou aproximadamente 400 pareceres, sendo os mais notórios o Parecer nº76/62, que trata da autonomia universitária; o Parecer nº 277/62, que estabelece o currículo mínimo do curso de filosofia, e o Parecer nº 977/65, que traça as linhas de implantação da pós-graduação, além, obviamente, do relatório do grupo de trabalho que definiu os termos da reforma de 1968.

BOMENY, Helena. Um personagem e suas histórias. Ciência e Cultura On-line version ISSN 2317-6660 Cienc. Cult. vol.66 no.4 São Paulo Oct./Dec. 2014 <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252014000400013> acessado em 18/05/2021.

de didática frequentado pelas professoras ofertado pela ABEn com professores da UFC. Registra a chegada da professora Eneida Schramm Frazão, que ficou à disposição da escola, por meio de pedido à Secretaria de Planejamento, a fim de coordenar a comissão responsável pelo estudo e atualização dos estatutos.

Os transtornos que tudo isso acarreta são a falta de estabilidade e as dificuldades em manter uma programação pedagógica nos moldes da escola padrão e conseqüentemente a qualidade no ensino. Também é importante referir que, mesmo diante de uma gestão tão complicada, Glória Façanha ainda assume como professora a disciplina de Enfermagem Obstétrica, evidenciando que na profissão caminham juntas a docência, a assistência e, no caso, a gestão como diretora. Fragilidades apresentadas por uma estrutura escolar sem recursos mínimos para sua manutenção, planejamento e organização. Para que tudo corresse a contento, as enfermeiras teriam que se desdobrar aumentando sua carga de trabalho e mais disposição em prol da escola e da profissão.

Identificamos mais uma vez a aproximação de representantes da escola, no caso, a enfermeira e professora Glória Façanha com a Irmã Lúcia Cals, madre provincial da Congregação das Filhas da Caridade, irmã do que seria o futuro governador do Ceará, Cel. César Cals de Oliveira Filho. Entendemos que, por esta época, já se pensava na criação de uma universidade estadual. *Locus* posterior de amparo da escola (registrado como petição no item I – trabalhos realizados, do relatório do 2º semestre de 1970).

RELATÓRIO – 1970 (2º SEMESTRE) continua...

II– OUTRAS ATIVIDADES:

1 – Fomos procuradas pela Srta. Vera Freitas, a fim de colaborar com as Bandeirantes, ministrando curso de Socorros de Urgência para um grupo de 15 alunos para que pudesse atuar ao lado de companheiras de todo o Brasil, numa concentração em Fortaleza, a partir de 11/01/71. O curso foi ministrado de 4 a 8.1.71, num total de 15 horas.

2 – Estivemos na Reitoria com o Dr. Ubirajara Dias, pró-reitor em assuntos de Graduação, conversando sobre “Bolsas de Trabalho”.

3 – Teve lugar na Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo, um curso de Extensão sobre “Atualização em Didática”, ministrado pelo prof. Antônio Carlos de Almeida Machado, da Faculdade de Ciências e Letras da U.F.C. O referido Curso foi programado pela ABEn e teve 44 participantes.

4 - Várias reuniões foram realizadas com os professores enfermeiros da Escola de Enfermagem, dentre as quais foram organizadas comissões: para intensificar ainda mais os trabalhos de Federalização da Escola e foi formada a comissão para os trabalhos do Vestibular, ficando como presidente da mesma a Sra. Rachel Gomes de Matos.

5 – Tivemos oportunidade de mais uma vez entrar em contato com o Cel. Virgílio Távora sobre uma verba prometida pelo Ministro, tendo o mesmo conversado com o Dr. Newton Sucupira sobre o assunto e trazendo notícias positivas; posteriormente ele recebeu telex do Dr. Newton informando da aprovação da verba; todavia até o presente nada recebemos.

6 – Recebemos a visita do Reitor da Universidade Regional de Mossoró, Dr. João Batista Cascudo Rodrigues, solicitando que indicássemos uma enfermeira para assumir a Direção da escola de Enfermagem da referida Universidade. Tivemos oportunidade de saber que a Escola de Enfermagem iniciaria em ótimas condições, e com autonomia.

7 – Participamos no Instituto de Ciências Religiosas, de uma reunião dos Diretores de Colégios Religiosos do Ceará, na qual foi eleita a nova Diretora.

8 – Fomos convidadas pelo Secretário de Saúde do Ceará, a colaborar com o MEC, através do PIPMO (Preparo Intensivo de Pessoal de Mão de Obra) para, no setor da saúde, preparar pessoal para os hospitais. Estivemos com o Coordenador Dr. José Luiz Gonzaga Neto, que desejava, fossem preparados atendentes para os hospitais; conseguimos que o grupo se interessasse, no preparo do pessoal de enfermagem que já trabalho nos hospitais.

Mostramos ainda a necessidade de não só prepararmos o pessoal como organizarmos a parte de enfermagem dos hospitais; achou interessante a sugestão e partimos para o planejamento. Reunimos um grupo de enfermeiras, animadas com o plano e resolvemos preparar em serviço 180 atendentes no ano de 1971; infelizmente ao apresentarmos o plano, foi-nos dito que estavam precisando da cooperação da Escola o que vários itens esperavam que a Escola colaborasse. Fizemos ver ao mesmo que a conversa inicial tinha sido outra e que havíamos relatado todos os problemas que vínhamos atravessando, problemas financeiros e que infelizmente as nossas condições não permitiam a ajuda solicitada. Perguntamos ainda sobre a promessa feita de tentar junto a coordenação central ajuda financeira para o preparo de Auxiliares de Enfermagem que é considerado nível médio, ao que ele respondeu ter conseguido.

Sugerimos então, que fossem pagas 2 enfermeiras para fazermos o levantamento de um determinado Hospital e que se iniciasse um treinamento em serviço de 20 pessoas, após o qual seria feito novo plano.

A sugestão foi aceita e vamos iniciar o trabalho.

9 – Participamos de várias reuniões da FSESP, na qual foram tratados assuntos de interesse geral e sempre fomos ouvidas sobre o trabalho realizado na Escola.

10 – Durante nossas viagens ao Rio, comparecemos várias vezes a FSESP tratando de assuntos relacionados a nossa ida ao Rio.

11 – Participamos neste ano de 1970 de dois Seminários no Rio de Janeiro – Instituto Osvaldo Cruz, sobre Preparo de Currículo Intensivo e Integrado para Auxiliares de Enfermagem.

12 – Tivemos oportunidade de observar o funcionamento de Escolas de Enfermagem no Rio, quando de nossa estada para os Seminários.

13 – Várias entrevistas foram realizadas com a Visitadora da Congregação das Irmãs Vicentinas, Irmã Lúcia Cals nas quais informamos do trabalho que vimos realizando.

III – CONCLUSÃO:

Apesar de todo esforço despendido em prol da Federalização da Escola de Enfermagem, nada conseguimos de positivo sobre o assunto, apesar da boa vontade de muitos em colaborar conosco.

Tivemos um ano exaustivo e guardamos uma definição no início de 1971, sem a qual dificilmente poderemos funcionar a contento.

Iniciamos o vestibular, e vamos aguardar que se dê uma definição desejada e segundo informações mais recentes, seria que após a mudança de Reitor uma possível solução seria dada. No momento 5 escolas tentam a

sua incorporação à Universidade, tais como: Enfermagem, Serviço Social, Administração, Veterinária e Música.

Continuamos ainda otimistas, e aguardando que o ano de 1971 seja definitivo para a Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo.

Maria da Glória Ferreira Façanha

Como vimos em toda esta trajetória, Glória Façanha, em relatório minucioso e extenso, evidencia com clareza a luta incansável travada após o conhecimento da criação do curso de enfermagem da UFC ainda no início do ano (23 de janeiro de 1970). Não só buscava dirigir como responder às exigências para federalização da escola. Inúmeras tentativas ficaram evidentes ainda no 2º semestre deste ano de 1970, desde administrativas, pedagógicas, sociais, econômicas e finalmente as políticas.

Nesse movimento de luta e articulação contou com a ajuda dos pares, bem como de autoridades cearenses, como o superintendente da Fundação SESP, com professores para ministrar disciplinas e com o secretário de Saúde do Estado, o médico José Rocha Furtado, para fortalecerem as questões da escola. Reuniu-se, várias vezes, com o reitor da Universidade, Fernando Leite, com o novo diretor da Faculdade de Medicina, Dr. Livínio Virgínio Pinheiro, que substituíra o professor Dr. Walter Cantídio, para discutirem o eterno problema da federalização. Buscou contatos em encontros com o senador Virgílio Távora e com o Cel. César Cals de Oliveira Filho, que se preparava para se lançar como futuro governador do estado, a Sra. Amélia Gonçalves, esposa do senador Wilson Gonçalves, as senhoras Luiza Távora, Lúcia Dumar, figuras de grande prestígio no estado, para informar a situação da escola com a UFC e pleitear ajuda. Um esforço que demonstra a tenacidade e a determinação em reverter a situação da criação do novo curso de enfermagem pela UFC e resolver de uma vez por todas a inserção da escola à universidade.

Essa luta vem atrelada ao relatório por todo o 2º semestre do ano de 1970 e muitas vezes sem notícias quanto às solicitações encaminhadas à UFC em documento protocolado. Nesse sentido, mais uma viagem é feita ao Rio de Janeiro para contato com o chefe de Gabinete do secretário-geral do Ministério de Educação e Cultura, Dr. Hipérides Ferreira Melo, no caso, para ter conhecimento sobre o andamento do processo da escola, uma vez que a UFC informava ter encaminhado a órgãos superiores a solicitação para decisão. E já em terras cearenses, de volta do Rio de Janeiro, identifica que o processo se encontra em mãos do Dr. Newton Sucupira, ao qual informa que o processo já foi devolvido ao ministro Cel. Jarbas

Passarinho. No processo insere-se também a solicitação de ajuda financeira para manter a escola em funcionamento e quem faz a articulação com o Dr. Newton Sucupira é o Cel. Virgílio Távora. O relatório encerra-se com o processo de federalização em aberto, embora com a notícia de que o reitor traria uma possível solução para o problema. Finalizando o semestre, Glória Façanha e o grupo de enfermeiras da escola iniciam a preparação para o vestibular de 1971 com o desejo e a esperança de que este novo ano (1971) seja decisivo para a escola.

7.2.3 Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo – 1971/1972: mesmos poderes outros desafios

Fechamos as análises da subseção anterior com os dados do relatório relacionados aos anos de 1969/1970 e começamos nesse subitem do escrito a apresentação e as análises dos fatos e dados ocorridos durante os anos de 1971/1972 na direção e vivência da nossa protagonista na escola.

Antes de iniciarmos os acontecimentos do ano de 1971, resolvemos registrar que, no dia 13 de outubro de 1970, Glória Façanha recorreu, desta vez por meio de carta, à enfermeira Maria Ivete Ribeiro de Oliveira, diretora da escola de enfermagem da Bahia, já registrada por nós em seções anteriores desta tese, informando como se encontrava o processo de federalização da escola no momento e solicitando sua contribuição mais uma vez na esfera política, já que esta tinha uma boa articulação política em seu estado que se estendia também ao Ceará e à União. Fato mencionado no relatório de 1969, inclusive com a visita dela à escola (2º semestre de 1969) para ajudar, na época, a conformação do programa curricular, conforme exposto em seções anteriormente.

Registramos nesse espaço a *carta escrita*¹¹⁶ pela enfermeira e professora Ivete Oliveira, em resposta à enviada pela professora Glória Façanha, em outubro de 1970, que apelava pela sua ajuda para conseguir a federalização da escola. Datada de início do ano de 1971, o escrito nesta bela carta deixa evidenciar o movimento dos acontecimentos e possíveis caminhos e pessoas que poderiam ainda ser acionadas politicamente para ajudar no encaminhamento do problema que se mostrava por si só de difícil solução, até porque solucionado em parte já estava pela UFC. Em parte, uma

¹¹⁶Carta guardada por todos estes anos pela enfermeira e professora Glória Façanha e que entrega ao NUDIHME como documentos e registros desta época e desta luta.

vez que ainda não tinha sido encontrada uma enfermeira para coordená-lo. Mariza Pereira (2021), em sua dissertação sobre a enfermeira cearense Grasiela Barroso, expressa que Grasiela havia sido convidada para assumir a coordenação do curso da UFC à época, mas que, mesmo lisonjeada com o convite, recusou por dois motivos, o primeiro por desejar ver a integração da Escola de Enfermagem SVP à UFC e o segundo motivo era porque o curso de enfermagem iria ser estruturado juntamente com o da medicina pautado na filosofia médica. (PEREIRA, 2021 p. 160)

Sem uma coordenadora para levar adiante o processo, este ficou arquivado até 1975, quando Grasiela Barroso foi novamente convidada e aceitou o convite para coordenar o curso de enfermagem da UFC, com a condição de separar o curso da medicina, tarefa que não foi fácil.

Deste modo, em setembro de 1975, Grasiela Barroso recebe o segundo convite, dessa vez pelo odontólogo e então reitor Pedro Teixeira Barroso, para ser contratada como professora auxiliar de ensino da instituição a fim de estruturar o curso de enfermagem da UFC, criado oficialmente em documento no ano de 1970, conforme o Processo nº 595/70, no entanto, apenas em 1975, ele inicia a fase de funcionamento e estruturação. (PEREIRA, 2021, p. 160)

Isto posto, o caminho para a federalização da Escola de Enfermagem SVP, no ano de 1970, ainda era uma realidade possível, visto que o da UFC havia ficado arquivado. Glória Façanha, portanto, continua a busca por contatos que pudessem juntar-se à luta.

A carta da enfermeira e professora Ivete Oliveira, entendemos, é um registro que merece espaço para que se faça conhecer sua existência como evidência, como mais uma tentativa extrema de ajuda para resolução da federalização da escola. Assim, começa a missiva da professora Ivete Oliveira em resposta à carta da professora Glória Façanha:

Figura 26 – Transcrição da carta de Maria Ivete Ribeiro de Oliveira destinada a Maria da Glória Ferreira Façanha, 5 de janeiro de 1971



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
REITORIA

SALVADOR - BA

Sra. MARIA DA GLÓRIA FAÇANHA
Rua Gonçalves Ledo, 261
FORTALEZA - CE

Em 5 de janeiro de 1971

Prezada Glória:

Só agora respondo sua carta de 13 de outubro. Temos tido muito trabalho aqui na Reitoria, com a implantação da Reforma. Esta Universidade tem trabalhado intensamente e já estamos com todos os currículos revistos dentro dos novos moldes. O Catálogo, para o corrente ano, deverá ficar pronto ainda este mês, de modo que as matrículas centralizadas dos alunos, possam se processar sem maiores dificuldade. Mandarei um exemplar dessa publicação para você tomar conhecimento do que estamos fazendo aqui.

Fiquei preocupada com as notícias do curso de enfermagem. É difícil compreender por que as coisas não se arrumaram. Tudo parecia uma questão do Conselho Universitário tomar uma decisão final. A propósito, quando o Dr. Valnir Chagas esteve aqui em dezembro, conversamos sobre a situação e ele também mostra-se admirado com a falta de definição do assunto que tantos prejuízos tem causado. Quero muito saber em que resultou a viagem de vocês a Brasília. Gostaria de poder ajudá-las. Podem dispor. O Ministro está sendo esperado aqui, no fim do mês. Caso haja oportunidade (tudo depende de quanto tempo ele permanecerá na cidade), falarei sobre o assunto. Sei que o Dr. Valnir vai passar todo o mês de janeiro aí em Fortaleza. Será que vocês não poderiam ter um encontro com ele? Um outro encontro que seria muito bom, seria com o Prof. Newton Sucupira, de Recife. Ele é o Chefe do Departamento de Assuntos Universitários do MEC (Antiga Diretoria de Ensino Superior). É pessoa de absoluta confiança do Ministro, principalmente, para assuntos ligados ao ensino superior. Veja, se marcam um encontro com ele, aí em Recife ou falando pelo telefone, para Brasília – 43-08 32 ou para o Rio – 242-6604. Também ele está sendo esperado aqui, com o Ministro, no dia 22 deste, devendo voltar para a reunião do Conselho Federal de Educação no Rio, dia 25. Falarei com ele sobre o caso, todavia, preciso detalhes mais recentes. Assim, você poderia falar-me por telefone – à noite, para minha casa – 5-1098 (depois das 19 horas) ou aqui na Reitoria 5-4282, 5-2483, 5-2484, 5-2485 ou 5-2034.

A demora de dois meses na resposta da carta (Figura 26), segundo a própria professora Ivete Oliveira, ocorreu devido às demandas da Reitoria da UFBA diante da implantação da reforma universitária emergente. Ela indica a Glória Façanha alguns contatos importantes que poderiam ajudá-la no processo de federalização da escola. Cita o professor Valnir Chagas (cearense pertencente ao quadro de professores da UFC), representante do Conselho Federal de Educação, o professor Newton Sucupira, chefe do Departamento de assuntos universitários, ao qual ela já teria mantido contato apoiada pelo Cel. Virgílio Távora, e o próprio ministro da Educação, Cel. Jarbas Passarinho, com quem Glória Façanha esteve reunida em maio de 1970, conforme registro do seu relatório do 1º semestre de 1970 - no item Viagem.

Na oportunidade, apresentou a história da escola de enfermagem, sua importância para a sociedade cearense e o interesse e necessidade de federalizar a escola à UFC. Solicitou ajuda financeira para manter a escola funcionando. As indicações de Ivete Oliveira eram oportunas e demonstravam sua forte relação política na Bahia e fora dela. O fato de não vir nenhuma resposta depois de todas essas investidas registradas por Glória Façanha na conclusão do relatório de 1970 deixava em aberto o ano de 1971, embora com promessas por parte da enfermeira e professora Maria Ivete Ribeiro de Oliveira.

A carta (Figura 26) da professora Ivete Oliveira também lhe deu forças (Glória Façanha) para fazer outra carta, já no início do ano de 1971, revelando tudo que estava acontecendo, para o então ministro da Educação, Cel. Jarbas Passarinho (1969-1974). Entendemos de grande importância também deixar registrada cópia (transcrita) da carta de Glória Façanha enviada ao ministro, uma vez que faz parte desse movimento de seu trabalho e de seus pares nessa empreitada, segue a carta:

Fortaleza, 15 de janeiro de 1971

Em janeiro de 1969, fomos convidados para assumir a Direção da Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo, nesta cidade, cuja Entidade Mantenedora é a Congregação das Irmãs Vicentinas. O fato se ligou à necessidade que sentiu a Congregação, de entregar a referida Escola a Enfermeiras não freiras, na esperança de que, estas mais facilmente conseguissem a sua Federalização. Sendo funcionária da Fundação SESP há 16 anos, dos quais 10 anos prestando serviço na Região Amazônica, fomos colocadas à disposição da Escola de Enfermagem, por tempo limitado e sem ônus para a referida Escola.

Trabalhamos de “corpo e alma”, durante o ano de 1969. Refizemos as relações entre a Escola e a Universidade, Faculdade de Medicina e outros órgãos locais. Solicitamos ajuda financeira em vários locais e Bolsas de Estudo para os alunos pobres. Cooperamos com a Universidade, dando condições ao Hospital das Clínicas de continuar funcionando apesar da saída de 30 Auxiliares de Enfermagem, de uma só vez, para o INPS, os alunos do Curso de Auxiliar, em número de 70, permaneceram estagiando 8 horas por dia, prestando grande colaboração.

Tentamos agradar, através do trabalho, de esforço, de prestação de serviços tudo com uma finalidade última, e eles bem o sabiam – A encampação da Escola pela Universidade Federal do Ceará. Procuramos saltar todos os obstáculos, para dar uma esperança de subsistência a Escola:

1 – Surgiu o problema de não sermos aproveitadas como Unidade Autônoma e sim um Curso funcionando como Departamento da Faculdade de Medicina.

2 – Os professores não poderiam ser aproveitados, com exceção dos Enfermeiros que prestariam Concurso e seriam selecionados. Várias e várias vezes fomos à Reitoria e a Faculdade de Medicina, no entanto, iam adiando, adiando, e oficialmente, nem da primeira exposição de motivos, recebemos resposta, solicitaram verbalmente um resumo da “Exposição de Motivos” e depois, outro resumo. Aceitamos as condições e acreditamos que realmente estávamos conseguindo algo positivo.

O vestibular que seria junto as outras Faculdades, já não poderia mais ser realizado; que ficássemos separados; não havia problema. Quando procuramos nos entender sobre o mesmo, recebemos também verbalmente ordem que somente em julho deveríamos fazê-lo. Achamos que seria perigoso não abrirmos o Vestibular sem uma documentação por escrito da Reitoria, que salvaguardasse a Escola e ao procurarmos o Magníssimo Reitor e o Diretor da Faculdade de Medicina, falamos claramente e honestamente sobre o assunto. CONCLUSÃO: Abrimos o Vestibular que contou com 110 candidatos e a Faculdade de Medicina conseguiu a aprovação do “Curso de Enfermagem” deles, deixando a Escola São Vicente de Paulo à parte. Era apenas uma desculpa para não aceitar a Escola, que realmente não queriam.

O fato nos magoou profundamente, principalmente porque ainda invertemos os papéis, afirmando que nós não aceitamos o Curso. Além do mais, se não estamos numa fase de contenção de despesas, se o governo tudo tem feito para equilibrar as finanças do País, se nós temos uma Escola de Enfermagem equiparada à Escola Ana Neri (Escola Padrão) do Rio de Janeiro, se o PATRIMÔNIO (2 prédios de dois pavimentos, cada) avaliado em 1968 por 4000.000 cruzeiros novos (NCr\$ 4000.000,00), sem contar o material existente, como máquinas de cinema, e slide, Biblioteca, etc., avaliados em NCr\$ 300.000,00 e tudo será doado pela Congregação à Universidade, tendo já autoridade a atual Diretoria para entregar o Patrimônio, se temos bons profissionais e se não temos em maior número é somente por causa de dificuldade financeira, se a cidade de Fortaleza não comporta duas Escolas de Enfermagem por que a criação deste curso?

Temos certeza absoluta que a própria Escola São Vicente teria condições, se ajudada, de acomodação para aumentar o número de

vagas de 30 para 50, e se, necessário, realização de até dois Vestibulares por ano, com muito menos despesa.

Além disso, um Diretor de uma Faculdade, como é a de Medicina, tem problemas suficientes para enfrentar, porque, esta vaidade de criar um Curso de Enfermagem? As razões íntimas, somente ele não dará, tenho certeza.

Infelizmente não temos condições de viajarmos frequentemente à Brasília, a fim de dialogarmos com Sua Excia o Ministro de Educação Jarbas Passarinho, que tenho certeza, se estivesse a par da situação real, daria a nós seu apoio e compreensão.

A “bem da verdade” era necessário que tudo fosse relatado porque a injustiça que se está cometendo é grande a uma Escola que tem 26 anos de serviços prestados ao Ceará e ao Brasil, e cujas enfermeiras vêm prestando relevantes serviços não só a este Estado, como a vários outros do sul do país. Continuamos a enfrentar a situação de cabeça erguida. Até quando conseguiremos lutar, não sei ao certo; somente Deus o dirá. Enfrentaremos sem gritos, discussões, sem escândalos, apenas com coragem e sem desânimo.

No momento, a Universidade Estadual vem sendo estudada, pelas autoridades locais. Iniciamos nova luta, sempre esperançosas de que alguém nos ajude. Todavia não será uma solução imediata, e enquanto isto, 23 alunos que poderiam ser aproveitados (já temos 30), perfazendo um total de 53 alunos, mostra que a Enfermagem está bem aceita pelo povo que sente de perto o problema dos Hospitais do Ceará!

Espero que V.Excia nos perdoe sabemos que os problemas que V.Excia vem enfrentando neste imenso país, são inúmeros. Precisávamos, no entanto, que a verdade fosse dita e assim teremos a consciência mais tranquila, porque sei que só não será feito aquilo que realmente não foi impossível.

A Escola de Enfermagem precisa realmente de ajuda financeira, mas antes de tudo ela precisa do apoio de uma Universidade; o restante virá por acréscimo.

Meu compromisso está limitado até dezembro de 1972. Portanto não vai aqui nenhum interesse pessoal. Ainda mais, tomei esta resolução só, e se houver qualquer problema, enfrentarei só. A Instituição a que pertencço nada tem que ver com esta carta.

Assumo inteira responsabilidade pelo dito.

Maria da Glória Ferreira Façanha

Na carta, percebemos a necessidade de explicitar toda a trajetória de sua luta e trabalho para a federalização da escola, que era merecedora dessa acedência, e que os resultados infelizmente não foram alcançados. Também nos parece um desabafo unido à insatisfação do momento, ao cansaço de toda luta e, claro, fazer chegar ao ministro a versão dela, protagonista maior dessa história da Escola de Enfermagem SVP, para poder ajudá-la. Apesar de naquele momento dos acontecimentos o desejo de Glória Façanha era o de viajar até Brasília e encontrar pessoalmente o ministro para esclarecer que o exposto na reunião que tiveram, em

maio de 1970, quando viajou ao Rio de Janeiro, não tinha sido resolvido, visto que, na época, não houve possibilidades para isso.

Em tom de desabafo sobre a não incorporação, ela atribui não só à UFC, mas também às irmãs da congregação, uma parcela para que não tivessem tido êxito, uma vez que elas não aceitaram entrar como curso anexado à medicina. Com relação a esta posição há toda uma discussão que tem origens bem mais antigas na profissão e cremos que a visão de um ganho de lugar de reconhecimento como profissão, por parte das irmãs e enfermeiras docentes da escola, faziam-nas sentir-se ameaçada ou em retrocesso no caminho da profissão. Daí a resistência em se inserir pela Faculdade de Medicina e creio que depois de toda esta história fica mais fácil perceber que a autonomia seria possível, mas não seria tão fácil, o que pode ser evidenciado na história da professora Grasiela Teixeira Barroso (PEREIRA, 2021), que veio a assumir o curso de enfermagem da UFC, atrelado ao Departamento de Saúde Comunitária, desenvolvendo a constituição do curso de enfermagem da UFC com uma autonomia que não foi fácil conquistar.

Sobre a questão de posteriormente conseguir autonomia a própria Glória Façanha inicialmente, ainda no tempo do diretor da Faculdade de Medicina, Walter de Moura Cantídio, entendia ser um processo mais fácil de conseguir quando afirma que a proposta seria de ir inserido pela faculdade, sendo posteriormente desmembrado e com autonomia, sobre isso expressa:

Desculpe o termo, mas acho que foi burrice. Porque ia dar tudo certo, ia para a Universidade Federal [...] mas a Enfermagem não podia ser um curso da Faculdade de Medicina. Acredito que seria desmembrado, porque estão organizando. A hora que terminar de organizar, ela vai entrar como curso autônomo, depois fica, Medicina, Enfermagem, e ... Odontologia. Mas nós não aceitamos e quando visualizei esta posição falei com o Diretor, e ele disse que não tinha mais condições. Inclusive, o Dr. Cantídio estava lá comigo organizando tudo [dentro da Medicina]. Eu disse: eu não tenho mais condições. O Diretor falou para eu voltar [Voltar para a Fundação SESP].
(Maria da Glória Ferreira Façanha)

Com esse desabafo percebemos que houve, em certo momento inicial, por parte de nossa protagonista, um aceite das condições, mas não por parte das irmãs. Observamos certa insatisfação de Glória Façanha com o resultado dos seus esforços, no entanto permanece na luta pela federalização da escola também em 1971.

Nós não recebemos de Glória Façanha o relatório completo do ano de 1971, mas nos foi cedida a sua agenda antiga, mas bem guardada, com anotações

referentes ao último trimestre desse ano. Segue a transcrição de alguns pontos que indicam os acontecimentos e atividades que nortearão a continuidade de nossa discussão e análises:

AGENDA DE OUTUBRO – 1971

01 a 05/10/71– Seminário Curso Intensivo Auxiliar de Enfermagem (1 a 5/10/1971).

06/10/71 – Audiência – Dr. Cantídio, Judith, Florinda, Glória Façanha.

Dr. Cantídio reclamou desentendimento entre enfermeiras da Escola e Hospital; Curso Auxiliar deve ser só prática no Hospital. Judith mostrou a necessidade de Ensino Teórico-Prático. Falei sobre os entendimentos, inclusive que as Enfermeiras do Hospital estão ensinando na Escola. Falei sobre a necessidade do preparo das Enfermeiras e possível convite de Simone[educadora] no Rio para um Curso para as professoras. A Universidade poderá colaborar.

Falei sobre o Curso de Didática, isto é **Licenciatura em Enfermagem**, possível convênio com a Faculdade de Educação e possível convênio com a Universidade do Rio Grande do Norte para convidar Raimunda para a parte de Didática Aplicada, achou viável a ideia. Judith falou sobre o Curso de Auxiliar de Enfermagem de 1 ano e Dr. Cantídio se mostrou favorável ao mesmo.

12.10.71 – Consegui entrevista com Antônio Carlos vice diretor da Faculdade de Educação. Levei cópia do Curso de Licenciatura de Recife. Achou interessante a ideia e viável. Preciso, no entanto de um Convênio. A Faculdade abrirá tantas vagas junto aos demais alunos. A Escola entrará com a professora de Didática Aplicada. Fiquei de enviar ofício.

14.10.71 – Enviei Ofício solicitando o Curso de Licenciatura, para a Faculdade de Educação – Cópias da Lei e Programa Recife.

15.10.71 – 18h – Encerramento do Curso de Atualização para Auxiliar de Enfermagem em Obstetrícia. Dr. Roberto, Ana Maria e Glória Façanha.

17 a 22.10.71 – I Congresso de Professores do Ensino Superior – 17.10.71 – Abertura do Congresso da Faculdade de Direito. Falou Denisar Macêdo.

22.10.71 – Encerramento do Congresso, no salão da Universidade. Falou Dr. Newton Sucupira e um representante dos Congressistas.

25.10.71:

- 1 – Ofício Dr. Newton Sucupira – Cel Virgílio Távora
- 2 – Telefonar Diretor Faculdade de Educação
- 3 – Preparar Programa LBA (Legião Brasileira de Assistência) – Professor
- 4 – Programar Estágio – 3º ano
- 5 – Programar Estágio – 2º grupo – Auxiliar
- 6 – Certificados do Curso Auxiliar
- 7 – Reunião para 6ª feira as 16 horas
- 8 – Relatório do Curso de Auxiliar
- 9 – Relatório – 3º trimestre – Fundação SESP
- 10 – Marcar entrevista com Dr. Cantídio
- 11 – Marcar entrevista – Ginásio para o trabalho
- 12 – Marcar entrevista com Dr. José Luiz Gonzaga
- 13 – Marcar entrevista Secretário de Educação

- 14 – Marcar entrevista com Secretário de Saúde
- 15 – Visitar os alunos no estágio
- 16 – Verificar os mapas do estágio
- 17 – Marcar para alunas – diariamente – das 10 às 11 horas
- 18 – Programar aulas para o 3º ano
- 19 – Marcar calendário Curso Relações Humanas
- 20 – Agradecer Pessoal do Seminário
- 21 – Verbas PIPMO¹¹⁷(Preparo Intensivo de Pessoal de Mão de Obra industrial) e LBA
- 22 – Relatórios da LBA
- 23 – Despesas ainda do PIPMO
- 24 – Verna Restante – pagamento professores.

Analisando as atividades do ano de 1971, mais precisamente as expressas na agenda de outubro, cedidas por Glória Façanha, verificamos um aspecto mais expressivo voltado à formação de professores de enfermagem. Verifica-se que, até então, as professoras enfermeiras eram bacharéis e complementavam sua formação com cursos e ou disciplinas de didática, apesar de que, desde 6 de dezembro de 1968, por meio do Parecer 995/68-CFE, poderiam ser criados os cursos de Licenciatura em Enfermagem. O Parecer do MEC nº 837/68 – Criação dos Cursos de Licenciatura em Enfermagem estabelece:

Art.1º. O diplomado em curso superior de Enfermagem, parte geral que receber em estudos regulares a formação pedagógica prescrita para os cursos de licenciatura fará jus ao título e ao comprovante de licenciado em Enfermagem.

Parágrafo Único. A formação pedagógica da licenciatura de Enfermagem, na hipótese desse artigo, será feita no mesmo ou em outro estabelecimento, desde que legalmente reconhecido para tanto, e poderá também desenvolver-se paralelamente ao curso de graduação mediante acréscimo das horas - aulas correspondentes.

Art.2º. O licenciado em Enfermagem obterá registro definitivo para o ensino, na escola de segundo grau, das disciplinas e práticas educativas relacionadas com essa especialidade, inclusive Higiene.

Art.3º. Esta Portaria entrará em vigor na data de sua publicação, revogada as disposições em contrário.

Este parecer fixa normas de organização e funcionamento da Licenciatura em Enfermagem, dando orientações sobre o ensino de enfermagem no segundo grau e dá outras providências. Vale ressaltar a busca de Glória Façanha em dialogar com o coordenador do curso de pedagogia para apresentar o programa do curso de

¹¹⁷PIPMO, nascido como “Programa Intensivo de Preparação de Mão de Obra Industrial”, depois estendido para outros setores (Decreto n. 70.882, de 27 de julho de 1972), teve uma duração de quase vinte anos, sendo extinto pelo Decreto n. 87.795, de 11 de novembro de 1982.

licenciatura em enfermagem de Recife com a finalidade de implementar também na Escola de Enfermagem SVP a licenciatura.

Em outro ponto observamos registrada na agenda a discussão entre o Dr. Cantídio, diretor do Hospital Escola, e da enfermeira Judith, responsável pelo acompanhamento das alunas enfermeiras, que é mediada por Glória Façanha ao buscar na Lei e no processo de aprofundamento nos estudos a justificativa de formar as enfermeiras e as professoras enfermeiras num curso completo, como o da licenciatura em enfermagem, que agregaria a disciplina de Didática ao curso de bacharel.

Dito de outro modo, as atividades de Glória Façanha continuaram intensas e comprovamos com a quantidade de 24 itens escritos na sua agenda. Tendo no ano de 1971 sua dedicação em construir o programa de um curso de licenciatura em enfermagem, destacamos a descrição na agenda do dia 6 de outubro de 1971:

Falei sobre o Curso de Didática, isto é Licenciatura em Enfermagem, para um possível convênio com a Faculdade de Educação e possível convênio com a Universidade do Rio Grande do Norte para convidar Raimunda Medeiros Germano¹¹⁸ para a parte de Didática Aplicada, achou viável a ideia. Judith falou sobre o Curso de Auxiliar de Enfermagem de 1 ano e Dr. Cantídio se mostrou favorável ao mesmo. (Maria da Glória Ferreira Façanha – Agenda pessoal, 1971)

Podemos observar que fez falta o relatório acompanhado de mais informações que nos auxiliava a registrar e mentalizar os movimentos ocorridos no ano de 1971 entre escola, UFC, Fundação SESP, bem como as atividades administrativas, pedagógicas, docentes e articulações, sobretudo, políticas.

Para atividade do curso de licenciatura constamos o contato de Glória Façanha com o vice-diretor da Faculdade de Educação, Antônio Carlos de Almeida Machado, para analisar o currículo da Universidade de Recife e contato também com representantes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte para realizar um possível convênio. Daí ela começar a buscar conhecimento técnico-pedagógico que subsidiasse essa construção.

¹¹⁸Raimunda Medeiros Germano – Possui graduação em enfermagem pela Universidade Federal de Pernambuco (1965), graduação em pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (1969), mestrado em educação pela Universidade Estadual de Campinas (1983) e doutorado em educação pela Universidade Estadual de Campinas (1990). Atualmente é professora-adjunta da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Tem experiência na área de enfermagem, com ênfase em ética, atuando principalmente nos seguintes temas: enfermagem, ensino, ética, educação e saúde

A exemplo, participou do I Congresso de Professores do Ensino Superior, Em suas anotações, verificamos que um dos palestrantes era o professor Newton Sucupira, chefe do Departamento de Assuntos Universitários do MEC, citado na carta de Ivete Oliveira como um dos contatos que Glória Façanha deveria procurar.

Ela continuava à frente da direção da escola de enfermagem preparando e investindo no curso de licenciatura em enfermagem, atenta aos treinamentos das auxiliares e aos estágios e disciplinas relacionadas ao curso das alunas e alunos da escola. Realizava atividades relacionadas à Fundação SESP com os programas PIPMO (Preparo Intensivo de Pessoal de Mão de Obra industrial) e da LBA (Legião Brasileira de Assistência).

Estamos finalizando o ano e podemos observar em sua agenda as anotações referentes ao mês de novembro de 1971.

AGENDA DE NOVEMBRO – 1971

16.11.71:

- 1 – Certificado Auxiliar de Enfermagem
- 2 - Relatório – Auxiliar de Enfermagem
- 3 – Relatório F. SESP – 3º Trimestre
- 4 – Marcar entrevista “Ginásio para Trabalho”
- 5 – Marcar Entrevista: Secretário de Educação
- 6 – Visitar alunos – estágio
- 7 – Relatórios L.B.A.
- 8 – Curso Enfermagem Cirúrgica
- 9 – Moral e Cívica – terminou a matéria – 32 horas. 3ª ou 5ª de 16 às 17 h
- 10 – Marcar hora da festa. Hospital Militar
- 11 – Reunião amanhã, 16:30 hs -L.B.A
- 12 – Faculdade de Educação – Curso de Atualização Metodológica para docentes FCE
- 13 – Nova Escola
- 14 – Acomodação 20 estudantes de Odontologia (mulheres)
- 15 – Carta autorizando a saída de Leontina e Ana Maria
- 16 – Telefonar Dr. Roberto. Certificados.

17.11.71 – Faculdade de Educação – 10 vagas para Licenciatura – Reunião com o Dr. Antônio Gomes, amanhã às 8 horas.

9 h – Com o Dr. Hiderval Gomes Freire – Entrevista amanhã com o Enfermeiro.

Célia Maria Barroso Alcântara: 2º ano – Enfermagem – Assistência Municipal (200,00).

16h – Madalena está de licença prêmio, vai assumir a Disciplina na Escola. Vai a São Paulo ou Rio para se atualizar. Pretende ajudar no Hospital Cura D'ares ao Dr. Roberto Furtado.

18 h – Reunião na L.B.A – Dra Estefânia, Dr. Armando, Dr. Bruno, Dr. Roberto, Dr. Jerson Braga Vieira da Fonseca e eu, Glória. Assunto: Curso de Visitadora Sanitária – Local: Escola – N° alunos:20.

Verba: 6.900 para professores e 600,00 para material- Total: 7.500,00 – Despesas divididas – e enfermeiras.

Verba da L.B.A – Obras próprias.

1ª etapa – tantas horas – L.B.A

2ª Etapa – Tantas horas – PIPMO

LBA dará o Curso usando a escola justificativa – PIPMO – 2ª etapa para complementar, começará em janeiro de 1972.

18.11.71 – 9 h – DR. Antônio Gomes – Pró Reitor em Graduação:

1- Vestibular – Será único – 70 vagas (35 + 35);

2 – Ciclo Básico – Amanhã haverá reunião. Prometeu nos ajudar. Levar urgente cópia da carta solicitando a inclusão da Escola no Ciclo Básico;

3 – Falamos sobre o 4º Ano – Obstetrícia e Saúde Pública, sendo programado. Condição Universidade de receber o nosso Ciclo Básico;

4 – Licenciatura em Enfermagem - achou ótimo Dr. Antônio Carlos da Faculdade de Educação, já falei com ele. Convidou. Enfermeira para dar a parte de Enfermagem. Ele acha importante uma enfermeira daqui para estagiar fora, para assumir.

5 – Formatura – Será estudado amanhã. Solicitei Enfermeiras.

10h – DR. Hiderval Gomes Freire (Vice-Reitor) – 4º ano de Enfermagem – Dr. Galba Araújo quer fazer Convênio com a Escola. Deixei. Claro que o 4º ano será da Escola e não da Maternidade. Falei sobre a Legislação da Enfermagem. A Maternidade dará bolsas. Gabinete para a Enfermeira – alimentação para as estagiárias. Prometi marcar com o Dr. Galba Araújo uma entrevista para estudarmos o assunto. Falei da possibilidade de Dr. Hiderval nos ajudar, porque se refere a Ciclo Básico e integração da Escola. Ele disse: “se alguma Escola deve entrar, esta seria a Enfermagem!”

Acreditei para fazer favor. Ele sempre foi contra a Escola e não me esqueço a humilhação que passei “Também, não precisa se desesperar!!!” Vamos para frente que é melhor!

15h – Suely está com os alunos do 3º ano – Tem programa – Supervisão e visitação. Informações: Irmã Leal.

19.11.71 (6ª feira) – Dr. Antônio Gomes. **Vestibular único.** Solicitou que o Ciclo Básico seja junto à Universidade – 35 vagas + 35 vagas. Telefonei para Dr. Antônio Carlos - Educação. Aprovado: Licenciatura com 10 vagas. Telefonei para o Dr. Antônio Gomes – Não será possível o Ciclo Básico.

Observando os quatro dias registrados, de 16 a 19/11/1971, conseguimos verificar muitas atividades a serem desenvolvidas. Preparação (curso de licenciatura, festa de colação da turma de auxiliar de enfermagem, discutida em seção anterior) e acompanhamento (visita de estágio, entrevistas com alunos(as), do curso de auxiliar de enfermagem). Vemos também em suas atividades a construção do relatório da Fundação SESP. Entrevistas para resoluções de atividades diversas. Existe uma anotação sobre a disciplina de Moral Cívica (período áureo de ditadura militar), retomando a matriz curricular de

1970-1973, anteriormente citada, na qual localizamos esta disciplina que permaneceu até o ano de 1972.

Retomando novamente às matrizes curriculares (na subseção 7.2.1 – Direção da Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo – 1969), podemos observar que dos anos de 1964-1978 o primeiro ano funcionava como o chamado de básico. Glória Façanha estava em algumas reuniões com os diretores da UFC decidindo como ficaria esse primeiro ano do curso, haja vista àqueles tempos de incertezas.

23.11.71 (3ª feira) – MANHÃ – Visita ao Hospital Psiquiátrico “Nosso Lar”. Heloisa está realizando um ótimo trabalho. Cel. Antônio Leite, muito distinto, mostrou a casa das crianças. Psiquiatria – Organizado, limpo, área maravilhosa, repouso.

24.11.71 (4ª feira) – Visita Santa Casa. Manhã toda. Terezinha está realizando um trabalho muito bom e digno de ser visto. Centro cirúrgico, espetacular. Limpeza, organização. Ex. Irmã Tereza Bessa, ficaram alunos de Auxiliar. Enfermagem cirúrgica.

26.11.71 – Reunião com as Enfermeiras.

– 10 h – Missa de Término do Curso de Atendentes – Entrega de Certificados (salgadinhos). Bem organizada e tudo ótimo.

RELATÓRIO DAS ALUNAS PARA FUTURAS BOLSAS

2º ANO:

1 – Celia Maria Barroso Alcântara – 200,00 – Consegui mais 10 bolsas.

2 – Francisca Nascimento Silva (fez o Auxiliar o ano passado, está na Santa Casa como Auxiliar. É pobre e precisa.

URGENTE:

3 – Marlene Medeiros de Sousa – 1º ano para o 2º ano. Sua irmã terminou o ginásio e não tem condições de estudar. Falar na LBA sobre bolsa de 200,00.

Iara – Município de Barro (perto de Milagres não tem condições de pagar a anuidade). Fundação Serviço Social.

4 – Ana Maria Santos da Mota e Benedita Santos Mota (Dr. Cantídio) Bolsa de trabalho.

Na análise desse trecho, cabe um adendo sobre a mediação e a busca por bolsas de auxílio às alunas, prática advinda do início dos cursos de enfermagem e continuada. Identificamos alguns nomes de jovens com mais necessidade de bolsas para conseguir realizar o curso de enfermagem. E retomamos que a própria Glória Façanha teve, em sua formação inicial na Escola de Enfermagem Ana Neri, ajuda com bolsas da escola, como também da Fundação SESP. Para as alunas da Escola de Enfermagem SVP, algumas bolsas vinham de órgãos assistenciais,

como a LBA, e outras da própria força de trabalho das estudantes que ingressavam para estudar e trabalhar nos hospitais universitários.

Encontramos ainda na agenda escrita do ano de 1971, em seu final, uma pauta de reunião.

PAUTA DA REUNIÃO

- 1 – Abertura da sessão
- 2 – Leitura da ata
- 3 – Leitura dos ofícios
- 4 – Informações:
 - a) Licenciatura (10 vagas)
 - b) 4º ano;
 - c) Vestibular (35 + 35)
 - d) Ciclo básico.
- 5 – Programas: apresentação, debate
- 6 – Calendário Escolar:

PIPMO – Verba 20.000,00
- 15 h – Comentário da Ata: leitura do ofício – Colação de grau.
O grupo acha que devemos iniciar o Ciclo Básico.

REUNIÃO L.B.A.

- 04 – HABILITAÇÃO a nível de 2º grau.
Definir o currículo para os 3 setores: 1º grau – 8 anos; 2º grau – 3 anos.
Foram criadas outras áreas. Atuar ensino Estadual e outros.
PIPMO – Vai atuar em sistema de crédito.
Pessoal: 1º grau que não pode continuar o 2º grau.
Setor agrícola, indústria, saúde e comércio.
(Programação) – Para atingir a habilitação plena, deve passar por várias cadeiras.
Telefonar para Bahia (Valquíria) Curso Visitadora.
- 02 – Policlínica São Raimundo:
Adultos empregados.
- 1 – Atendentes – selecionar os Hospitais
 - Início – Hospital do Estado.
 - 2 – Atualização de Auxiliar de Enfermagem
 - 3 – Administrativa – Copa, Cozinha, Instalações e Equipamentos.
- Dr. Roberto – Dr. Armendo – Euza.
- 03 – Jovens Desempregados.
Obs: Preparar o levantamento do Curso de Auxiliar de Enfermagem.

L.B.A – Higiene Materno-Infantil

- Programação do pré-natal.
Uso do pessoal em Áreas onde não existem serviços de saúde.
Pessoal auxiliar treinado em nível de visitadora sanitária – 7 centros sociais (2 de cada) – Total – 14+6= 20 vagas. – Auxiliar de Enfermagem.
- 1 – Telefonar para Anunciada sobre a Escola de Serviço dos Auxiliares – sábado e domingo.

PROGRAMAÇÃO DE CURSOS

Projeto 1 – Projeto de Adultos desempregados

Treinamento – PIPMO – DNMD

Departamento Nacional de Mão de Obra

Bolsa de estudo – DNMO

Docentes – PIPMO

Atendentes – mercado de trabalho

Administração: Copa, cozinha, limpeza

-Recepção – Arquivo – Portaria – Lavanderia – Portaria,
Compras, Almoxarifado

- Instalações e equipamentos existentes.

Docentes – Seleção – Entidade executiva.

Relatório final – 5 vias.

TEORIA (19 as 22h) – 16-17-19-22-24-26-29-30.

ESTÁGIO: 1-2-3-4-5-6-7-8-9-10-11 (13h30 às 17h30)

Encerramento – Dia 13 (2ª feira) – 17 horas

Gonçalves Ribeiro Lima – Trabalhou no Colégio Núcleo de
Menores – Olívio Câmara – 5º primário

Dr. Roberto do PIPMO.

Maria de Lourdes Freitas Lima - Formada pelo Maranhão
Enfermeira do Hospital das Clínicas

26 – Dr. Roberto – PIPMO

27 – Terezinha – Curso de Cirurgia

Receita Federal – Dr. Luiz Sampaio.

Tel. 21.5309 – 26.38.20 – Marcar Palestra

6ª feira – 05/11.

1- 6ª feira – 11h – Dr. Cantídio

2- Educação Física: 1º grupo – 8h30h – 10h00

2º grupo – 7h00 – 8h30.

1 – Cel. Virgílio Távora

Evandro – Prova de História da Enfermagem (notas na
secretaria)

Telefonar para SESP

Grupo de Alunos para Estágio

De: 3 a 16/11 – 4 – 9 dias

17 a 29/11 – 3 – 9 dias

30/11 a 10/12 – 3 – 9 dias

Certificado – PIPMO

Ofício – Estágios

Dinheiro LBA e PIPMO

29.11.71 – Passei pela F. SESP com Ester Colares sobre a
visita a Maranguape.

10 h – Reunião com Dr. Almino – Inst. José Frota.

1 – ESTÁGIO – Alunos 2º e 3º ano e Auxiliares;

2 – Total de alunos – 40 em rodízio, distribuindo nas
diversas clinicas;

3 – Supervisão técnica pela Escola, coordenada pela
Chefe de Serviço de Enfermagem do referido Instituto;

4 – Merenda no hospital;

5 – Seguir normas do Hospital.

Preparar convênio.

Arranjar bolsas de trabalho para a assistência. Deixar 3 vagas
para atendentes do Curso de Auxiliar de Enfermagem.

F. SESP - Ester Colares – Visitar alunas do 3º ano a
Maranguape – amanhã 9 horas. Levar escala.

Reunião às 17 horas:

Presidente – Dr. Raimundo Alberto Normando-UFC

Dr. César Nildo Gondim Pamplona;

Diretora Escola Social – D. Aurea Bessa;

Assessor Jurídico E. Social – Dr. João Nazareth Cardoso;
 Secretária E. Social – Maria Zélia Matos Gurgel;
 Diretor E. Administ. – Dr. Júlio César do Moreto;
 Secretário – Dário Barista;
 Escola Enf. S. Vicente de Paulo – Maria Glória F. Façanha.

PAUTA DA REUNIÃO

- 1 – Autorização vestibular – nossos cursos
 - 2 – Normas e Resoluções da Universidade Federal do Ceará
 - 3 – Classificação dos alunos:
 Os alunos serão classificados para as Escolas, apesar de o vestibular ser único. Não serão aproveitados os alunos de uma Faculdade para outra.
 - Dr. Júlio/classificação bem clara.
 - Dr. Normando – Art. 5º da Resolução 243;
 - Ficha de inscrição em duas vias e Edital pela Universidade;
 - Local de provas:
 - 1 – Paulo Saraste – Escola Engenharia;
 Escola Industrial – Colégio Militar;
 Escola Agronomia – Escola de Medicina.
 Inscrição será na Faculdade de Letras, mas, antes o aluno irá a ex. Faculdade de Engenharia, receber o talão para pagar no Banco do Brasil.
- 30.11.71** – Visita a Maranguape com 10 alunas.
 Serviço odontológico – Iracy – Drª Rosa.

No ano de 1971 os alunos faziam vestibular para a escola de enfermagem ainda associada como agregada à UFC. Na agenda observamos uma ressalva que os alunos excedentes de um curso não poderiam passar para outra faculdade. A seguir vamos para o último mês de 1971, acompanhando os registros em agenda pessoal de Glória Façanha:

AGENDA DE DEZEMBRO – 1971

- 1º.12.71** (4ª feira) – Hospital Myra y Lopes.
 Cel. Ézio de Lima Verde
 Diretores: Dr. Roberto Lobo
 Dr. Glauco
 Dr. Leão Santiago
 Conversamos com Terezinha Jóca
 Dr. Alberto Campelo.
- 3.12.71** (5ª feira) – Fui chamada a Universidade Federal do Ceará para uma reunião às 10 horas.
- 13.12.71** – Reunião – Leontina, Ana Maria, Elizabeth, Glória – Estágio de Obstetrícia no INPS.
- 15.12.71** – Plano da Prova de Psiquiatria. Terezinha Jóca.
- 27.12.71:**
 1 – Inscrição vestibular de Enfermagem
 2 – Telefonar Secretário de Educação

- 3 – Marcar com o Dr. Cantídio
- 4 – Normas para o Curso de Licenciatura
- 5 – Normas para o 4º ano
- 6 – Escrever para a Escola Ana Neri (Ana Maria)
- 7 – Férias do pessoal
- 8 – Fichas – Dra Célia – ABEN
- 9 – Relação dos Alunos – Curso Licenciatura
- 10 – Curso Inglês dia 10
- 11 – Bolsa – Estudo – sobrinho
- 12 – Relatório anual.

28.12.71 – Plano para o Curso de Licenciatura (término). Levar ao P^e Luz para observações;
 - Faculdade de Letras – assinei
 43 Candidatas ao vestibular.

A agenda tem poucos dias registrados, mas não poucas atividades. Observamos que Glória Façanha, depois de mais ou menos um ano, conclui o plano para o curso de licenciatura em enfermagem. Sobre o curso tivemos acesso a algumas anotações suas entregues ao NUDIHME, que seguem nos anexos. Localizamos um registro sobre o curso de licenciatura em enfermagem. Nessas anotações constam os nomes das professoras do curso, as disciplinas, departamentos e tabela de vencimentos dos profissionais. São registros que demonstram sua organização e preparo do curso que seria mais adiante incorporado à UECE.

Maria da Glória Ferreira Façanha deixa a direção da Escola de Enfermagem SVP em abril de 1972, mas permanece ministrando algumas disciplinas até o final do mesmo ano. Logo a seguir, temos um documento assinado pela diretora Ir. Orminda Oliveira declarando o tempo de permanência de Glória Façanha na diretoria da Escola de Enfermagem SVP.

**Figura 27 – Declaração de permanência na diretoria da Escola de Enfermagem
São Vicente de Paulo – janeiro de 1969 a abril de 1972**


 MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
 UNIVERSIDADE DO CEARÁ
 ESCOLA DE ENFERMAGEM SÃO VICENTE DE PAULO
 AVENIDA DO IMPERADOR, 1367 FONE: 26-15-23
 FORTALEZA — CEARÁ

D E C L A R A Ç Ã O

DECLARO, para os devidos fins, que MARIA DA GLÓRIA FERREIRA FAÇANHA exerceu o cargo de Diretora desta Escola, durante o período de janeiro de 1969 a abril de 1972.

Fortaleza, 25 de agosto de 1972

Orminda Santana de Oliveira
 Orminda Santana de Oliveira
 Diretora

RECONHEÇO a Orminda Santana de Oliveira
 Dou fé em Fortaleza, 30 de 08 de 1972
 Em testemunho da verdade
 Milton Moraes Correia
 TABELIÃO DO 4º Ofício
 Angela Maria Moraes Correia Viana
 SUBSTITUTA
 Celia Maria Moraes Correia
 SUBSTITUTA

CARLOS MORAIS CORREIA
 BUA MAIOR FACUNDA, 679

Fonte: acervo pessoal

Pode-se observar nessa declaração reconhecida em cartório no dia 30 de agosto de 1972 e assinada pela nova diretora da Escola de Enfermagem SVP, Irmã Orminda Santana de Oliveira (7ª diretoria 1972 – 1974), figura 27, o tempo de diretoria de Glória Façanha na Escola de Enfermagem SVP. Glória Façanha permanece como

professora de algumas disciplinas e sai no final do ano de 1972 da escola deixando-a preparada para uma possível estadualização; com o currículo pronto, como fora antes apresentado na subseção 7.2.1, todo dividido em créditos, disciplinas dispostas em semestres e vestibulares alinhados; além da contabilidade organizada.

Com tudo isso ficou mais atrativa a união da Escola de Enfermagem SVP com outras faculdades para formarem posteriormente a Universidade Estadual do Ceará-UECE, o que é mais uma história da primeira escola de enfermagem do Nordeste, a Escola de Enfermagem SVP. Com a saída da enfermeira e professora Maria da Glória Ferreira Façanha, como vimos na declaração (Figura 27), a diretora da escola passa a ser a Irmã Maria Ormindia Santana de Oliveira. Assim sendo, temos a volta da direção religiosa no comando da escola, permanecendo até 1974 já em processo de estadualização à UECE.

Ao deixar a Escola de Enfermagem SVP, continuou suas atividades na Fundação SESP. Nossa protagonista estava na Fundação quando, em fevereiro de 1972, foi convidada novamente, agora pelo então chanceler Edson Queiroz, a compor o grupo de profissionais para desenvolver a criação da primeira universidade privada do Ceará, a Universidade de Fortaleza (UNIFOR), e nesta, sob sua responsabilidade, o curso de enfermagem. Esta, portanto, é sua próxima caminhada na história do ensino e formação da enfermagem cearense e que, de antemão, já evidencia sua competência e expertise na gestão e na docência, assunto que discutimos na próxima seção.

8 A ENFERMAGEM CHEGANDO À UNIVERSIDADE DE FORTALEZA: INSERÇÃO E TRABALHO DE GLÓRIA FAÇANHA

Esta seção se inicia com a saída de Glória Façanha da Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo (1972) e sua chegada e permanência na Universidade de Fortaleza (1980), desenvolvendo por mais de quatro anos outro trabalho que marcou a história do ensino de enfermagem cearense.

Procurando contextualizar o escrito e a trajetória desta protagonista, fazemos inicialmente um histórico breve do surgimento das universidades privadas no Brasil as quais se inseriram também na reforma universitária com a Lei 5540/68, bem como sua chegada ao Ceará e nela a implantação do primeiro curso de enfermagem aonde a trajetória da enfermeira e professora Glória Façanha vai se inserir.

O período em análise no Brasil ainda é de ditadura militar (1964-1985) e em relação às universidades estas já têm passado pelas devidas adequações da reforma universitária. Em meio à crise da ditadura, os movimentos estudantis tiveram como uma de suas reivindicações mais vagas nas universidades. Mesmo com a reforma e ajustes nos cursos de graduação nas universidades públicas, o número de pessoas que não tinham acesso ao ensino superior por falta de vagas era grande. Daí a necessidade da criação de mais vagas e, por conseguinte, mais universidades, o que gerou interesse das instituições privadas, visto que a reforma tornou mais acessível a realização de projetos dessa natureza, sem falar nas concessões do Governo na ajuda com incentivos.

Com esse contexto de iniciação do interesse de investimento da frente privada em universidades, veremos historicamente como ocorreu a criação da primeira universidade privada do Ceará.

8.1 A Universidade privada no Brasil: um projeto em construção no Ceará

Para essa discussão sobre o ensino superior privado, mais especificamente voltada às universidades, fazemos uma análise desse movimento de institucionalização, a partir da década de 60, devido ao momento forte ocorrido em 1968, com a homologação da Lei 5.540/68 que traçava diretrizes para a reforma universitária, documento este que se tornou importante para a expansão dessas

instituições de ensino. Damos destaque nessa discussão ao ano de 1973, ano de criação da primeira universidade privada do estado do Ceará.

Anísio Teixeira (1969) relata em seu livro: *Ensino Superior no Brasil: análise e interpretação de sua evolução até 1969* que, a partir do ano de 1966, pode ser caracterizado na educação brasileira o momento de maior expansão do ensino superior privado no Brasil. Para ele, o ano de 1969 foi de grande crescimento e comprova, em números, sua fala ao demonstrar que, dos 180 mil estudantes de ensino superior, cerca de 82 mil se encontravam em estabelecimentos privados, número superior ao total de alunos existentes em 1956 em todo o ensino superior do país e superior ao total, em 1966, dos alunos das escolas públicas federais (TEIXEIRA, 1969).

Seguindo a linha de busca por mais dados sobre as universidades privadas, encontramos nos estudos de Helena Sampaio (2000)¹¹⁹ uma complementação aos estudos de Teixeira (1969), uma vez que a autora corrobora trazendo também os números em crescimento de instituições de ensino superior, ratificando essa expansão. Desta feita, com seu trabalho, podemos inferir essa nova realidade no aumento do número de matrículas em instituições privadas no Brasil, num recorte de 1965 -1980, quando, no ano de 1965, elas representavam 43,8% num total de 68.194 matrículas, já no ano de 1980, de acordo com o estudo, apenas 15 anos depois, passam a 63,3% com 852.000 matrículas nestas universidades, comprovando, portanto, em números, o real aumento de instituições privadas no país.

Os dados referentes à demanda de matrículas tiveram seu estopim, tanto nas instituições públicas quanto nas instituições privadas, no ano de 1968, ano da reforma universitária e de movimentos estudantis que também tinham como bandeira a expansão desse número de matrículas para entrarem na universidade, uma vez que era grande a quantidade de excedentes, ou seja, pessoas que eram aprovadas no vestibular, mas não ingressavam na instituição universitária por falta de vagas. Para Otaíza Romanelli ¹²⁰(1986), esse acesso mais restrito ao nível superior ocorreu devido

¹¹⁹Helena Sampaio, antropóloga, estudiosa sobre o ensino superior, escreveu os livros: Durham, E. e Sampaio, H. (Orgs.) "O Ensino Superior em transformação". São Paulo: Núcleo de Pesquisas sobre Ensino Superior: NUPES, 2001, 168p. Já na temática desta seção de nossa tese encontramos da autora a publicação: "O Ensino Superior no Brasil: o setor privado". São Paulo: Hucitec; FAPESP, 2000. 392p. Além desses livros, a autora publicou artigos que tratam do ensino superior.

¹²⁰Sobre o ensino superior Otaíza de Oliveira Romanelli, pedagoga, estudiosa da história da educação, escreveu muito sobre essa temática em seu livro *História da Educação no Brasil de 1930-1973*, no qual ela faz uma análise comparativa da evolução do ensino brasileiro, à época, do chamado 1º

às percentagens de aprovados que estavam relacionadas ao número de vagas das quais não comportavam a demanda e qualificou esse processo como: “uma luta inglória na qual deixa marginalizada a maior parte da juventude brasileira” (ROMANELLI, 1986, p. 86). Eunice Durhan¹²¹ (1998). Em seu estudo, confirma que a demanda dos excedentes criou, portanto, um mercado propício para a iniciativa privada que cresceu aceleradamente nesse período, tanto em termos absolutos como relativos, passando de 45% para 65% do total de matrículas, e complementa que, apesar desse crescimento, as instituições públicas também receberam incentivos, mas que acabaram se perdendo frente à enorme procura (DURHAN, 1998, p. 8). Assim, o setor público teve dificuldade em atender a essa demanda, o que gerou notadamente uma abertura para o setor privado, que viu na Lei 5540/68 maior oportunidade e flexibilização para criação de suas universidades, o que não tem parado desde então, discussão que merece uma seção à parte.

Esse fato legitimou a ideia da sociedade, primeiro, na representação estudantil que se manifestara pela busca das vagas, e, por conseguinte, no poder privado que necessitava de mão de obra qualificada. Assim, as universidades não só precisariam de mais vagas, mas também deveriam ser geradoras de formação técnica e específica, o que anteriormente foi chamada por Teixeira (1989) de formação de “carreiras e serviços” os cursos de curta duração que preparavam para o mercado de trabalho. Essa demanda pressionou as instituições a abrirem mais vagas¹²² no ensino superior privado, que, por vezes, mantinham uma educação desvinculada da pesquisa ministrada em instituições, sendo que boa parte delas era financiada com verba

primeiro grau ao ensino superior. Em relação ao ensino superior apresenta em dados questões importantes desenvolvidas principalmente com a reforma de 1968.

¹²¹Eunice Ribeiro Durhan possui graduação em ciências sociais pela Universidade de São Paulo (1954), mestrado em ciência social (antropologia social) pela Universidade de São Paulo (1964) e doutorado em ciência social (antropologia social) pela Universidade de São Paulo (1967). Professora emérita da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Professora titular aposentada de Antropologia, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

¹²²A abertura por mais vagas no ensino superior foi descrito na carta de Glória Façanha, endereçada ao senhor ministro da Educação, Jarbas Passarinho, na qual colocou que a Escola de Enfermagem SVP estava preparada para aumentar o número de vagas de 30 para 50 e se, necessário, realização de até dois vestibulares por ano com menos despesa. Essa afirmação de Glória Façanha destinada ao ministro da Educação vem do período de tentativas de anexação da escola à UFC, na qual Glória Façanha foi adequando todo o curso para essa federalização, fato não ocorrido, conforme descrito na seção 7 da tese.

pública por via de isenções fiscais¹²³ e auxílios diversos com menor duração e distinção. Durham (1998) afirma ter sido a reforma de 1968 paradoxal, pois, por um lado, induziu a modernização das universidades públicas e, por outro, possibilitou a ampliação de uma rede de qualidade aquém da conferida pelo poder público e, sobretudo, com fins lucrativos (DURHAN, 1998, p. 14)

É nesse contexto de crescimento de instituições privadas e, portanto, de matrículas privadas, que vemos surgir mais um importante capítulo da história da nossa protagonista Glória Façanha, associada a um curso de enfermagem no Ceará, sendo este inserido em uma nova universidade, desta vez, de natureza privada e que contribuiu para o aumento do número de vagas universitárias, no caso, para a enfermagem cearense.

Para contar a história dessa universidade privada também de forma breve o fizemos com a ajuda de uma coletânea de registros em livros do primeiro reitor da Universidade de Fortaleza, o médico e professor Antero Coelho Neto¹²⁴ (1931-2016). Em seu escrito: projeto “UNIFOR: Uma universidade para o Nordeste”, ele afunila essa história especificamente com a lente voltada para o Ceará. Ele escreveu colaborativamente o projeto de elaboração da Universidade de Fortaleza com outros profissionais de diversas áreas, dentre eles, estava nossa protagonista Glória Façanha como vemos no decorrer dessa subseção.

Coelho Neto (1972) indicou no escrito do projeto da UNIFOR (primeiro livro lançado da coletânea: Uma Universidade para o Nordeste, ano de 1972, que a proposta inicial foi realizar o diagnóstico da comunidade e da demanda estudantil. Ele fez a análise do ensino superior cearense, considerando que, desde 1954, a UFC e as escolas agregadas ou isoladas eram as únicas instituições de ensino superior cearense, informações também discutidas nesse escrito. Coelho Neto (1972) coloca no projeto que, em 17 anos (1954-1971) de funcionamento, a universidade implantada

¹²³ Lei nº 5172/66 no Art. 9º É vedado à União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios: IV - cobrar imposto sobre: c) o patrimônio, a renda ou serviços dos partidos políticos, inclusive suas fundações, das entidades sindicais dos trabalhadores, das instituições de educação e de assistência social, sem fins lucrativos, observados os requisitos fixados na Seção II deste Capítulo. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l5172.htm acessada em 21/6/2021.

¹²⁴ Antero Coelho Neto, primeiro reitor da Universidade de Fortaleza, escreveu e publicou o projeto de iniciação da UNIFOR em títulos diversos que trataram não só do projeto, mas de manuais para os alunos, dentre outros documentos explicativos, para que a comunidade conhecesse a universidade. “Uma Universidade para o Nordeste” Projeto da Universidade, 1972; Universidade Verbo IR, 1973; A Universidade verbo IR no Presente do Indicativo, 1977; A Universidade verbo IR no Pretérito Perfeito, 1980. Estes títulos serviram de base para a construção dessa seção da tese.

findou com uma lacuna na quantidade de profissionais formados em nível superior, sobretudo ao deixar de atender às reais necessidades do meio pré-universitário composto por desejosos estudantes, futuros alunos do ensino superior, mas que esbarravam com a escassez de vaga (COELHO NETO, p. 12), ratificando que a população universitária no Brasil vinha aumentando. Como visto nas pesquisas de Teixeira (1969) e Sampaio (2000), compreendemos que, no Ceará, não foi diferente.

No ano de 1971, no Ceará, foram oferecidas pela UFC 1.360 vagas para cerca de 6000 candidatos, dados obtidos nos registros de Coelho Neto (1972). Percebemos, com isso, o grande número de excedentes e a urgência em criar novas vagas universitárias no estado cearense. Diante dos dados, fica evidenciada, portanto, a importância dessa ampliação, principalmente pela falta também de profissionais das carreiras consideradas prioritárias para o desenvolvimento do país. Coelho Neto ainda assinala sobre este assunto que:

1. Torna-se necessária a criação de novos cursos para atender à demanda de vagas, uma vez que a Universidade Federal e as escolas isoladas existentes em Fortaleza não têm a possibilidade de aumentar nem propiciar abertura de novos cursos.
2. Da análise dos índices apresentados, os cursos que deveriam ser oferecidos, prioritariamente por uma nova Instituição abrangeriam as seguintes áreas: Engenharia, Economia, Administração, Contabilidade, Medicina e Odontologia. Por outro lado, deve-se estimular a criação de cursos de curta duração nessas mesmas áreas.
3. Alguns cursos, como de Enfermagem, por exemplo, apesar de menor procura local, constituem prioridade no país, além do que as necessidades nacionais de enfermeiras são ainda maiores que as dos outros profissionais da saúde. Além disso, uma campanha de informação da comunidade poderia esclarecer as reais possibilidades dessa profissão em termos de mercado e de seu exato significado técnico e social.
4. A grande necessidade de professores do 1º e 2º graus, em suas várias áreas, justificaria também a inclusão de outros cursos na lista de ofertas de qualquer instituição (COELHO NETO, 1972, p. 15).

Nas considerações do projeto da UNIFOR, vemos no item 3 a justificativa para a inserção do curso de enfermagem nessa nova instituição, ponto importante e de referência para nós por se tratar do curso que seria pensado e articulado por Glória Façanha, uma das profissionais convidadas a compor a Comissão de Educação da Fundação Edson Queiroz. Sobre os profissionais escolhidos e sua relação com a educação Coelho Neto expõe:

A nossa concepção sobre ensino-aprendizagem, diferentes estruturas orgânicas e funcionais e avaliação sistêmica das atividades universitárias de ensino, pesquisa, extensão e administração havia sido testada com sucesso

e produtividade.

O grupo que colaborou com a germinação das novas ideias foi selecionado com muito rigor e dirigido, essencialmente, para o desenvolvimento de marcos (filosóficos, estratégicos e táticos) previamente determinados.

Tudo foi cumprido como planejado.

Os resultados foram, exatamente, os programados. Em março de 1973 dava-se a inauguração da Universidade de Fortaleza.

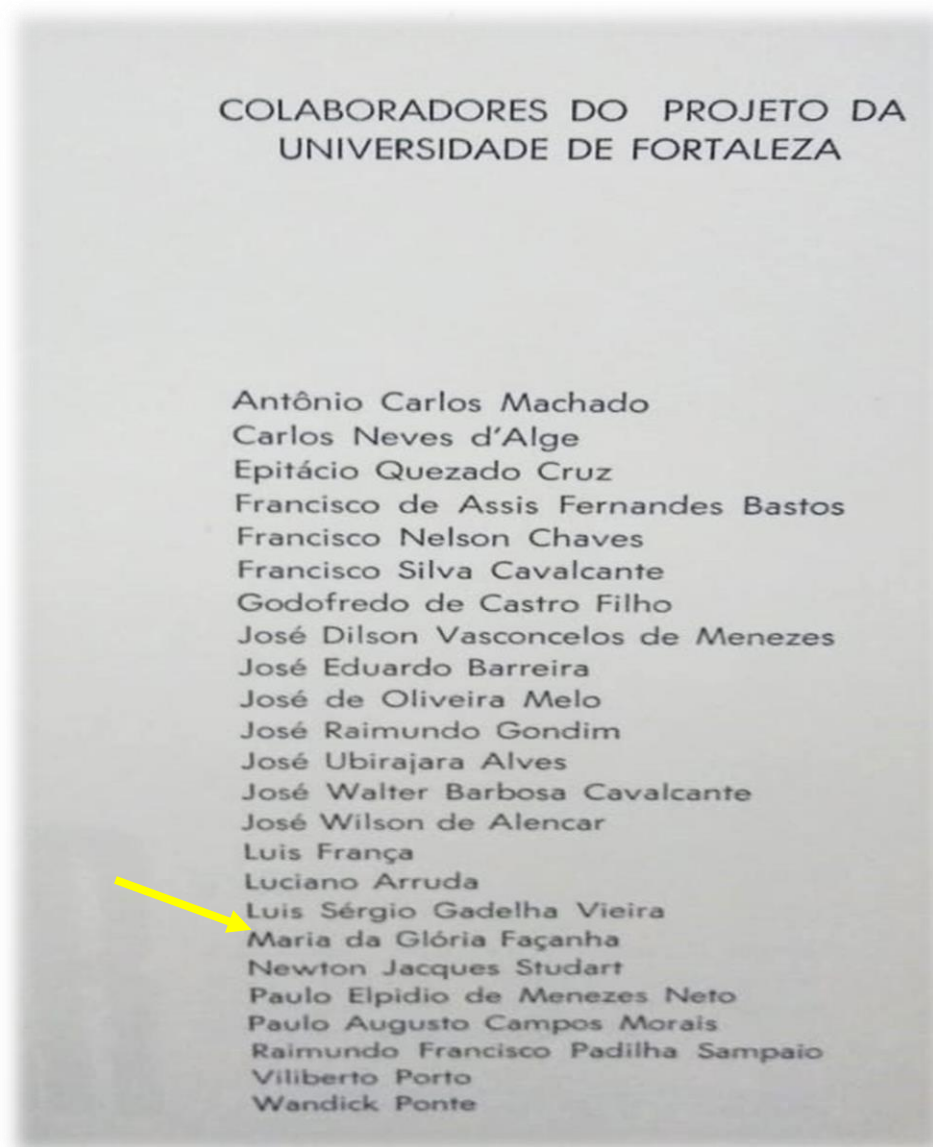
E aceitei então o desafio: ser o primeiro reitor a promover a implantação e desenvolvimento da nova escola, no Nordeste brasileiro. (COELHO NETO, 1977, p.15¹²⁵).

Na Figura 28, que trata da lista de colaboradores do Projeto da Universidade de Fortaleza, encontramos o registro para posteridade da nossa biografada enfermeira e professora Glória Façanha. Numa lista com 23 nomes de colaboradores do gênero masculino identificamos só uma mulher, só uma enfermeira e professora, nossa protagonista Maria da Glória Ferreira Façanha, são mais de vinte profissionais das mais diversas áreas e apenas “ela”, Glória Façanha.

É interessante lembrar que situação semelhante ocorreu nas reuniões do conselho universitário da UFC, na qual a representação maior também era masculina, contexto que evidencia a situação e a presença feminina irrisórias nos cargos e, consequentemente, lugar de decisões em todas as esferas da sociedade cearense e brasileira, como evidencia o protagonismo e o pioneirismo dessa mulher à frente de seu tempo e de sua profissão.

¹²⁵ Antero Coelho Neto escreveu Universidade verbo ir: pretérito perfeito 1973-1977, que se trata, segundo o autor, de uma biografia da universidade. Analisa alguns problemas da educação superior e relata o nascimento de uma universidade brasileira. Através de artigos, conferências e discursos são destacados momentos importantes dessa instituição.

Figura 28 – Lista de colaboradores para o projeto da Universidade de Fortaleza (1972)



Fonte: Livro Verbo Ir (COELHO NETO, p. 7, 1973.).

Vale lembrar que o tempo vivido e lembrado aqui é de 1972 pertencente ainda ao regime militar (1964-1985) que tinha objetivos claros para a educação. Retomando algumas das características educacionais deste interstício de orientação curricular, estes eram direcionados para o tecnicismo com o intuito de formar para o mercado de trabalho. E nesse espaço, bem como no meio militar, a presença masculina ainda se tornava mais evidente. Glória Façanha quebrava esta harmonia e somente com sua presença e representação como enfermeira valorizava a profissão.

É nesse sentido de formar a juventude cearense que a Universidade de

Fortaleza foi pensada por seu chanceler Edson Queiroz¹²⁶ que visualizava ampliar o acesso ao ensino superior, com garantia de formação qualificada e de mão de obra para o desenvolvimento regional bem caracterizado dentro da pedagogia tecnicista utilizada na época. Sua sugestão era ter na universidade cursos de longa e de curta duração, num processo de equidade, porém diferenciado em relação ao ciclo básico de nivelamento. E é claro deveriam ter retorno financeiro, uma vez que se tratava de uma empresa mesmo com a chancela de Fundação.

Antero Coelho Neto (1977), que vinha a ser o primeiro reitor da universidade criada, reconhece que, apesar de se tratar de uma instituição nova, sua organização seria pautada na disposição das instituições já criadas, daí o convite de mais de vinte profissionais experientes advindos de outras instituições superiores para trabalhar nesse projeto.

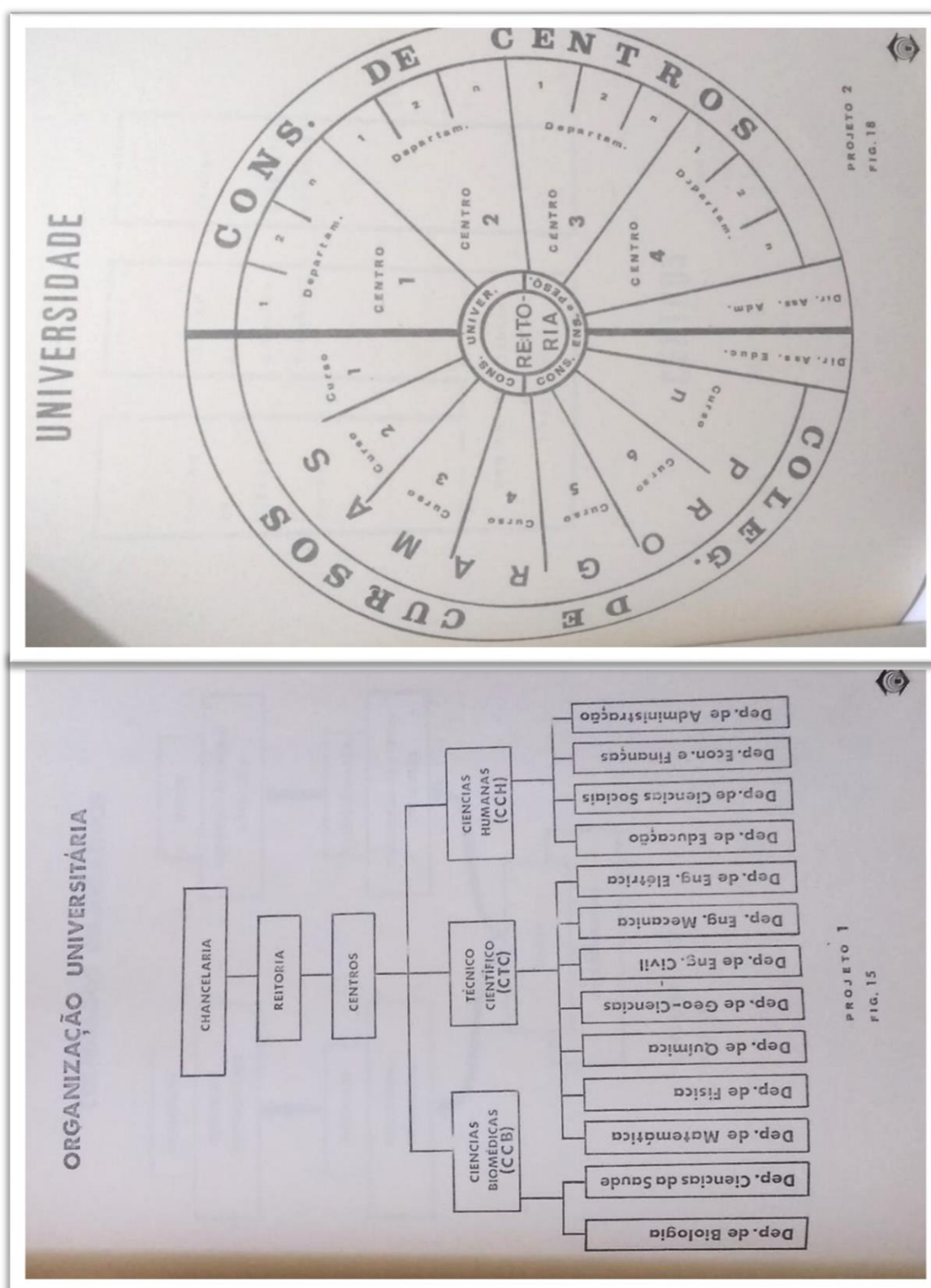
Ao tratar da configuração estrutural da universidade, o autor segue a Lei 5540/68, que fixou normas de organização e funcionamento do ensino superior e corrobora dizendo que a Lei é muito clara em relação aos elementos recomendados para a configuração estrutural das universidades (COELHO NETO, 1972, p. 88).

Com esse entendimento a comissão passa a formular a organização universitária, ver figura 29, no qual, do lado esquerdo, temos o primeiro projeto que insere a organização acadêmica da universidade.

Quanto a essa organização foram disponibilizados, *a priori*, dois projetos com organizações distintas, como vemos a seguir:

¹²⁶ Edson Queiroz (1925-1982), empresário brasileiro. A partir da empresa de distribuição de gás, criou o Grupo Edson Queiroz e a Fundação Edson Queiroz (1971), na qual pôde vincular a Universidade de Fortaleza – UNIFOR (1973).

Figura 29 – Organização Universitária da Universidade de Fortaleza (Projeto 1 e 2) (UNIFOR), 1972, Ceará



Fonte: Uma Universidade para o Nordeste, COELHO NETO, (1972, p. 96 e 99).

Podemos averiguar, na Figura 29, a divisão hierárquica de funções e suas atribuições, sejam elas mais administrativas ou pedagógicas. O curso de enfermagem foi alocado no Centro de Ciências Biológicas, no departamento de Ciências da Saúde (imagem lado esquerdo) do projeto 1. Já na figura do lado direito, em forma de circunferência, temos a divisão em quatro centros, sejam eles: Ciências da Saúde, Ciências da Natureza, Ciências e Tecnologias e Ciências Humanas. No projeto 2, o curso de enfermagem ficou no Centro de Saúde. A opção de organização universitária escolhida para a versão final a ser enviada ao CFE foi a do projeto 2.

À guisa de conclusão do projeto a ser apresentado ao Conselho Federal de Educação, foi estipulada a seguinte lista de cursos, ver figura 30, com as respectivas vagas:

Figura 30 – Lista de cursos da Universidade de Fortaleza (UNIFOR), 1972, Ceará

QUADRO 12
UNIVERSIDADE DE FORTALEZA
CURSOS OFERECIDOS

CURSO	DURAÇÃO EM HORAS			Nº DE CRÉDITOS	ANOS		
	TEMPO ÚTIL	INTEGRAÇÃO ANUAL					
		LIMITE MÍNIMO	LIMITE MÁXIMO				
1. Matemática (*)	2200	-	-	150	3 a 7		
2. Física (*)	2500	-	-	170	3 a 6		
3. Química (*)	2500	-	-	170	3 a 6		
4. Educação Física e Técnico Desportivo	2050	338	810	140	3		
5. Fisioterapia	2160	432	864	150	3		
6. Enfermagem	2430	486	972	162	3		
7. Engenharia Civil	3600	400	900	240	5		
8. Engenharia Elétrica	3600	400	900	240	5		
9. Engenharia Mecânica	3600	400	900	240	5		
10. Engenharia de Operações	2200	432	864	150	3		
11. Geologia	2880	410	823	192	4		
12. Administração	2700	338	772	180	4		
13. Economia	2700	338	772	180	4		
14. Ciências Contábeis	2700	338	772	180	4		
15. Letras (*)	2200	-	-	150	3 a 7		
16. Pedagogia (*)	2200	-	-	150	3 a 7		
17. Estudos Sociais (*)	1200	-	-	80	1 1/2 a 4		

(*) Resolução nº 1/72 CFE

OBS.: Outros cursos estão de acordo com Parecer 52/65. (Publicação: competência do Conselho Federal de Educação).

O curso de enfermagem, ainda em projeto e que seria implantado, seria coordenado por nossa protagonista Glória Façanha que seguia orientações do Conselho de Ensino e Pesquisa, no qual seu diretor era o médico e professor Viliberto Cavalcante Porto¹²⁷.

Na figura 30, que traz a lista de cursos da Universidade de Fortaleza que fora apresentada ao Conselho Federal de Educação para aprovação, localizamos cursos que iniciam as oferta de vagas na Universidade de Fortaleza, o de enfermagem (indicado com uma seta) tem 2.430 horas/aulas, distribuídas em 162 créditos, com a realização em três anos. Glória Façanha, antes de sair da Escola de Enfermagem SVP, deixou a matriz curricular Anexo I do curso da escola de enfermagem (1974-1978) pronta e dividida com a carga horária de 2.745 hora/aulas, distribuídas em 183 créditos.

Identificamos (Figura 30) que os cursos estariam de acordo com o Parecer 52/65. Sobre esse parecer, homologado em 14 de junho de 1965 e respectivo adendo, pela Portaria Ministerial nº 159, que "Fixa sob novos critérios a duração dos Cursos Superiores". É importante ressaltar o interesse dos empregadores em diminuir o tempo, tornando os cursos mais rápidos e preparando para o mercado de trabalho. Esse ponto foi visto principalmente nas instituições privadas, pois por mais que elas desenvolvam um papel social, visam lucro. Daí percebermos que os cursos públicos findam por ter uma carga horária maior.

Tendo como exemplo o curso de enfermagem da UNIFOR, inferimos que o *tempo útil* é de 2.430 horas, sendo esse o tempo obrigatório em todo o país para execução do currículo com o necessário aproveitamento, já o *tempo total* são os limites máximos e mínimos para execução do currículo. No caso da enfermagem, poderia variar de 2,5 (30 meses) a 5 anos (60 meses), sendo o *tempo médio* que se cumpre sem acréscimo ou redução do ano regular os 3 anos (36 meses). A *integração anual* poderá ser de 486h/a, 810h/a, 972h/a ou qualquer outro número de horas/aulas entre os dois extremos, de acordo com a criação ou o número de créditos arbitrados pela escola. (Parecer 52/76)

De acordo com essa carga horária, Glória Façanha construiu o curso de

¹²⁷ Viliberto Porto contribuiu na reformulação do currículo da EESVP ajudando Glória Façanha a deixar compatível aos interesses de uma universidade para federar ou estadualizar o curso. Fato que veio a ocorrer depois de sua saída (a estadualização).

enfermagem fazendo a devida distribuição curricular ao longo dos três anos regulamentados, ou seja, precisou diminuir algumas disciplinas e/ou carga horária para adequar-se ao padrão de mercado.

Voltando à coletânea de Coelho Neto (1972), ele, nesse volume, finaliza seu escrito com uma proposição de formação aos futuros docentes da instituição, ocasião em que convida os profissionais que estiveram na construção do projeto, que atuariam também como docentes, para um momento de formação pedagógica e unicidade das ações na universidade. Para ele, a universidade deve ter em suas regras básicas de referência: “a unidade de ensinamento educacional”, pois, sem o mesmo direcionamento pedagógico, filosófico, entre as diferentes áreas, o projeto pode ir à falência. Finaliza com as seguintes recomendações:

1. No sentido de informação e discussão dos objetivos da UNIFOR e de toda estrutura educacional, deverão ser programados seminários, cursos e conferências.
 2. Com a finalidade de demonstrar a validade dos conceitos aceitos e difundidos pela UNIFOR, serão convidados professores especialistas de outras instituições de ensino da cidade e do país.
- (COELHO NETO, 1972, p. 126)

Para antes mesmo dessas ações, ele acrescenta que a recomendação é que todos os docentes contratados passassem por:

- a) Cursos de atualização de Pedagogia.
 - b) Curso de Legislação do Ensino Superior
 - c) Seminário para determinação dos objetivos de cada curso e disciplina.
- (COELHO NETO, 197, p. 127)

Percebe-se que o modelo de ensino universitário exigido pelo MEC/CFE para sua aprovação, enquanto universidade, deve se sustentar nos pilares do ensino, pesquisa e extensão, estrutura fomentada para essa nova universidade, sobretudo no que se refere à formação pedagógica do corpo docente. Pensar em formar os profissionais, como proposta institucional, é importante para garantir um trabalho coeso e significativo.

O projeto da nova universidade estava criado de acordo com a Lei 5540/68, como já visto no início desta seção, até porque, sem essa adequação, não seria aprovado pelo CFE/MEC. No Art. 4º da referida Lei, inferimos que o meio de uma universidade se instalar nesse período precisava estar vinculado a um mantenedor, seja público ou privado. Este elemento é muito importante, uma vez que vimos, na

seção 7, que a UECE, em sua implantação, seria mantida por uma fundação¹²⁸, a Fundação Educacional do Ceará (FUNEDUCE), criada em 1973, mas que passa a amparar a Escola de ESVP em 1975, quando a Universidade Estadual foi criada. Já a Universidade de Fortaleza UNIFOR, que trazemos nessa seção, também foi criada a partir de uma fundação, no caso, a Fundação Edson Queiroz, datada de 1971 como uma iniciativa privada instalada no Ceará. A seguir, temos imagem da assinatura dos documentos que criavam a Fundação Edson Queiroz.

Figura 31 – Assinatura dos documentos de criação da Fundação Edson Queiroz, 1971, Ceará



Fonte: UNIFOR, (2021).

¹²⁸Fundação é um patrimônio dotado de personalidade jurídica e formado com o objetivo de alcançar determinado fim social. Os procedimentos necessários para a constituição de uma fundação estão devidamente discriminados no Código Civil Brasileiro, sendo esta submetida ao controle do Ministério Público. <https://fundacoes.mppr.mp.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=31> acessado em 20/6/2021

Na figura 31, vemos o chanceler Edson Queiroz assinando o documento, trajado em terno listrado. O governador César Cals, do lado direito de Edson Queiroz, e, um pouco atrás, o ministro coronel Jarbas Passarinho. O ministro Jarbas Passarinho foi citado na seção 7 deste escrito, quando recebera da enfermeira e professora Glória Façanha o encaminhamento de solicitação de recursos financeiros e ajuda para a federalização da Escola de Enfermagem SVP junto à UFC, sendo ele que acompanhou a luta vivida anteriormente por esta protagonista.

O momento da assinatura da nova universidade foi festivo e todos estavam muito felizes, pois dada a criação da fundação, o segundo passo era criar a universidade. Nesse ano de criação da fundação (1971), acompanhamos no início desse escrito a construção do projeto da universidade para que fosse apresentada ao Conselho Federal de Educação com projeto aprovado por ele (CFE), no dia 12 de dezembro de 1971. A comissão de implantação dos cursos teve o ano de 1972 para concluir a proposta final da UNIFOR que fora encaminhada e aprovada com autorização de funcionamento pelo Decreto no 71.655, assinado pelo então presidente, Emílio Garrastazu Médici, publicado pelo Diário Oficial da União, de 4 de janeiro de 1973.

Decreto nº 71.655, de 4 de janeiro de 1973

Autoriza o funcionamento da Universidade de Fortaleza, mantida pela Fundação Educacional Edson Queiroz, Fortaleza, Ceará.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, usando das atribuições que lhe confere o artigo 81, item III, da Constituição, de acordo com o artigo 47, da Lei nº 5.540, de 28 de novembro de 1968, alterado pelo Decreto-lei nº 842, de 9 de setembro de 1969, e tendo em vista o que consta do GM-BSB-7826-72 do Ministério da Educação e Cultura,
DECRETA:

Art. 1º. Fica autorizado o funcionamento da Universidade de Fortaleza, mantida pela Fundação Educacional Edson Queiroz, com sede na cidade de Fortaleza, Estado do Ceará.

Art. 2º. Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Brasília, 4 de janeiro de 1973; 152º da Independência e 85º da República.

EMÍLIO G. MÉDICI
Jarbas G. Passarinho

Com o Decreto Nº 71.655, de 4 de janeiro de 1973, temos legalmente a criação da UNIFOR. A solenidade de inauguração (Figura nº35) ocorreu dois meses

depois da data do Decreto, em 21 de março de 1973, no Anfiteatro da Faculdade de Direito da UFC. Logo a seguir, temos a foto (Figura nº 35) da mesa de abertura da solenidade, na qual vemos presentes, da esquerda para a direita: chanceler Edson Queiroz; o governador do estado do Piauí, Alberto Silva; o governador do estado do Ceará, César Cals; o ministro da Educação, Jarbas Passarinho, e o reitor em exercício, Antero Coelho Neto.

Figura 32 - Solenidade de inauguração da Universidade de Fortaleza (UNIFOR), 1973, Ceará



Fonte: UNIFOR, (2021).

Na figura 32, todos da foto trajam terno, vestimenta cabível para a ocasião solene. Os olhares estão desencontrados, o que podemos inferir que aguardavam a composição da mesa para iniciar os trabalhos. Na festividade estavam também os professores que ajudaram a criar o projeto, funcionários e a comunidade. Todos com

o sentimento de vitória por ver criada mais uma instituição de ensino superior no estado do Ceará.

Com esse gancho, na próxima subseção, damos continuidade à história de criação da UNIFOR e a implantação do primeiro curso de enfermagem dessa instituição com a participação ativa e pioneira de Glória Façanha.

8.2 A enfermagem na Universidade de Fortaleza-UNIFOR: trabalho e dedicação na consolidação de um curso

O escrito dessa subseção foca o trabalho de Glória Façanha na Universidade de Fortaleza como membro, inicialmente, da comissão do projeto dessa universidade respondendo pela criação organizacional e curricular do curso de enfermagem. Lembramos que, em 1972, ela deu continuidade aos seus trabalhos na Fundação SESP e na Escola de Enfermagem SVP, permanecendo como professora na instituição, uma vez que o curso continuava e sua presença nas disciplinas era muito necessária pela própria escassez de docentes. No entanto, só voltava à instituição para ministrar suas aulas, desde que deixou em abril a diretoria

Seu trabalho administrativo, pedagógico e também político na escola pode se considerar mais do que satisfatório, aprovado, e com o dever cumprido. Sua saída da Escola de Enfermagem SVP logra ser compreendida como vitoriosa em nosso entendimento, sobretudo se considerarmos os empreendimentos levados a efeito, as conquistas conseguidas com a organização administrativa, financeira, reestruturação do currículo de ensino, a visibilidade da instituição em um contexto universitário e a valorização da figura da enfermeira e do enfermeiro cearenses. Temos um conjunto de ações registradas em relatórios e agenda e em outros documentos e narrativas de entrevistas de um trabalho contínuo e desafiador firmando a profissão da enfermeira no estado.

Toda essa *expertise* galgada ao longo dos anos (1956-1972), além, é claro, de sua disponibilidade para novas atividades e planos no campo da enfermagem, proporcionou a Glória Façanha novas oportunidades de participação em outros bons projetos. Buscando em sua memória esse período de finalização de serviços dedicados à Escola de Enfermagem SVP, ela rememora um convite importante:

E quando saí como diretora da Escola, esse médico que estava organizando uma nova Universidade, o Doutor Antero [Coelho Neto], estava começando a organizar e reunir, dentistas, médicos do setor sanitário cearense. Estavam reunindo para preparar os cursos da nova universidade a UNIFOR. Aí ele foi bater lá na Fundação SESP: "Olha a senhora já esteve na escola de Enfermagem. Tem uma certa experiência e o Chanceler [Edson Queiroz] quer falar com a senhora". (Maria da Glória Ferreira Façanha)

Esse convite foi inesperado e marca a importância de todo o esforço dedicado à escola, sobretudo em seu campo pedagógico, com a reformulação do currículo dessa instituição para estruturá-lo de acordo com a reforma universitária de 1968, preparando-o principalmente para a federalização. Esse trabalho era visível, o que de certa forma resultou em sua indicação para fazer parte desse grupo de construção desse novo projeto de universidade privada, no caso, no campo da enfermagem. Ao lembrar a importância que era a figura do chanceler Edson Queiroz, comenta, lisonjeada, o convite e fala-nos sobre a entrevista com ele:

Eu cheguei lá para falar com o Chanceler Edson Queiroz. Depois das apresentações e acomodações ele perguntou: "Me diga aqui enfermeira Glória, a senhora acha que a UNIFOR tem condições de abrir um curso de Enfermagem?". Uma grande responsabilidade, né? Aí eu falei "Doutor, eu vou dizer com toda sinceridade. Tem sim! Porque abrir um curso de Enfermagem, que vai ser pago, e tem gente que pode pagar, vai ser muito importante, abre mais espaço para formação dos que não conseguem cursar a Enfermagem por falta de vagas. A necessidade de enfermeiras formadas é imensa. Então ele respondeu: Sendo assim, a senhora vem ficar aqui comigo para nos ajudar a organizar esse curso.' Eu pensei comigo: meu Deus, onde foi que eu fui cair?" Aí a Fundação SESP me cedeu, diante da solicitação do Chanceler. Eu passei [...] Foram uns três anos creio que fiquei na UNIFOR. Eu sei que passei um bocado de tempo lá organizando o curso, coordenando, ministrando aulas e acompanhando estágio. (Maria da Glória Ferreira Façanha)

É com esse preâmbulo que damos continuidade a essas subseções, com mais uma fase da trajetória profissional de Glória Façanha que teve oportunidade de participar, desde a concepção do curso de enfermagem da UNIFOR como responsável pela sua implantação e implementação, atuando como gestora, docente em uma instituição universitária privada no estado cearense. Uma nova experiência se iniciava.

Em fevereiro de 1972, Antero Coelho Neto iniciou a elaboração do projeto global da nova universidade, a fim de conseguir sua autorização no Conselho Federal de Educação. No desenvolver desse projeto de criação de uma universidade privada,

contou com 24 profissionais ¹²⁹de áreas diversas que compuseram esse grupo de trabalho expertises em cada área a ser implantada. O grupo de trabalho fora representado por nomes renomados da educação brasileira e cearense, seleta preciosa de educadores e pesquisadores então responsáveis pela concepção da nova universidade por meio de suas áreas de ensino, dentre eles, como antes assinalado, nossa protagonista, única mulher, única da área de enfermagem, compondo esse grupo a pedido do chanceler Edson Queiroz que a convidou: “Sendo assim, a senhora vai ficar aqui comigo para nos ajudar a organizar esse curso”. E assim, ela aceitou mais um desafio no campo da docência e da gestão na trajetória de sua vida profissional, à época, aos 40 anos de vida e 19 de formada.

Ao concluírem o projeto geral e obterem a aprovação do Conselho Federal de Educação, foi o momento de partir para as especificidades da universidade. Coelho Neto (1973) apresenta uma macroestrutura da universidade constituída por setores de atividades ajustadas às características metodológicas predominantes criando, portanto, os centros já apresentados na subseção anterior.

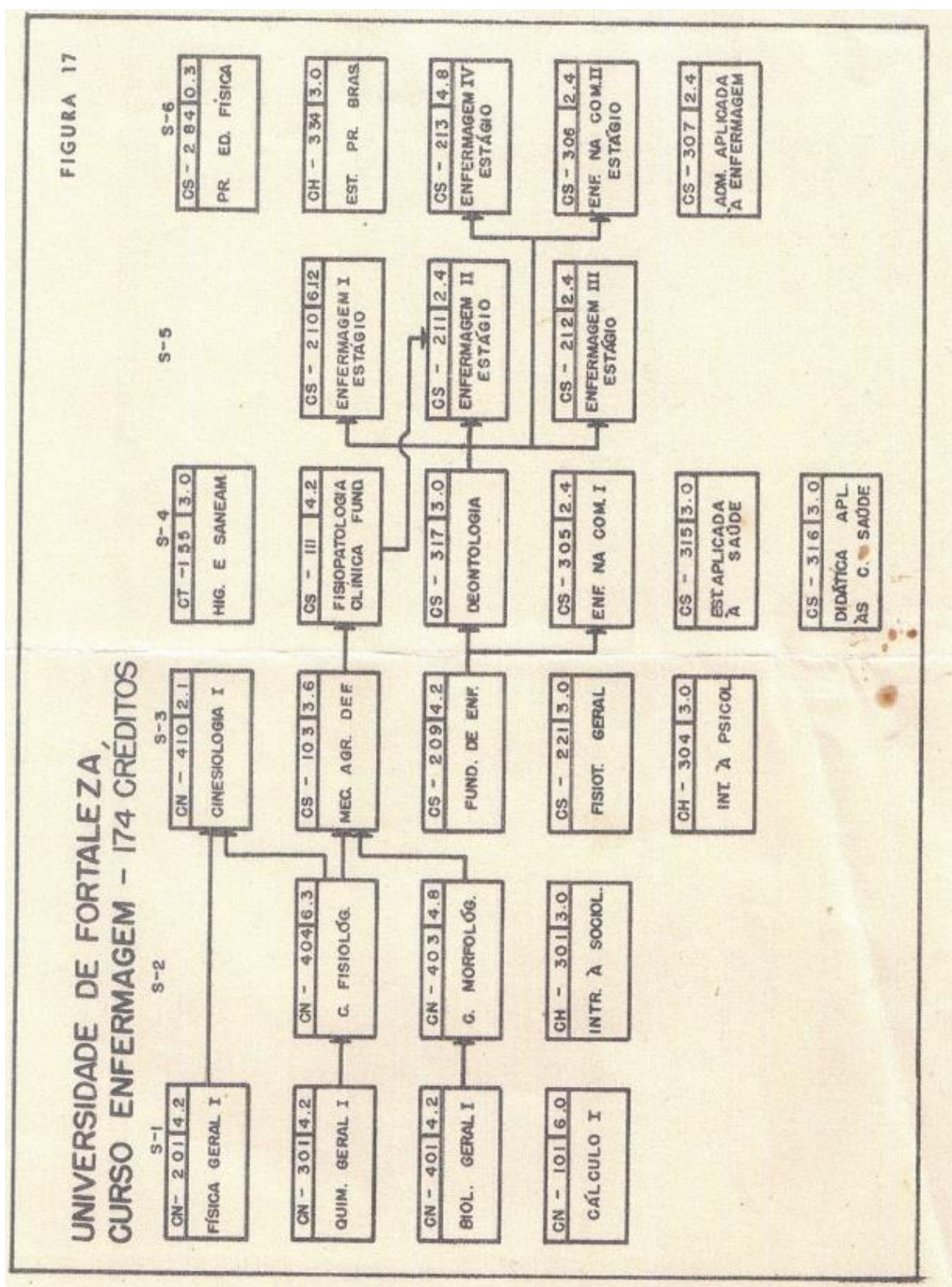
Por terem atividades básicas similares, os centros de saúde e tecnologia tiveram integralizado a sua estrutura funcional o centro de ciências da natureza, isto se dava quando um dos centros tinha necessidade de realizar atividades científicas ligadas aos fenômenos básicos da natureza (ser vivo, meio e as interações ser-meio). Esse princípio estimulava a unicidade entre os centros e a participação de docentes em cursos diversos e afins (COELHO NETO, 1973, p. 72). O curso de enfermagem estava inserido no centro de ciências da saúde com mais dois cursos: o de educação física e o de fisioterapia. Especificamente no centro de ciências da saúde os respectivos coordenadores José Eduardo Gomes Barreira, coordenador da educação física, e Maria da Glória Ferreira Façanha, coordenadora da enfermagem, participaram desde a proposição do projeto inicial da universidade. É bom lembrar que o médico e professor Viliberto Porto a ajudou a reestruturar o currículo da Escola

¹²⁹Antônio Carlos Machado (filosofia), Carlos Neves d’Alge (literatura), Epitácio Quezado Cruz (jornalismo), major Francisco de Assis Fernandes Bastos (professor/militar), Francisco Nelson Chaves (professor), Francisco Silva Cavalcante (professor), Godofredo de Castro Filho (militar), José Dilson Vasconcelos de Menezes (professor), José Eduardo Gomes Barreira (educação física), José Oliveira Melo (professor), José Raimundo Gondim (industrial/SESI/SENAI), José Ubirajara Alves (matemático), José Walter Barbosa Cavalcante (engenheiro), José Wilson de Alencar (agronomia), Luiz de França (medicina), Luciano Arruda (direito), Luís Sérgio Gadelha Vieira (economia), Maria da Glória Ferreira Façanha (enfermagem), Newton Jacques Studart (economia), Paulo Elpídio de Menezes Neto (ciências políticas), Paulo Augusto Campos de Moraes (engenheiro), Raimundo Francisco Padilha Sampaio (professor), Viliberto Cavalcante Porto (medicina) e Vandick Ponte (medicina). (grifo nosso)

de Enfermagem São Vicente de Paulo nos idos de 1969, conforme vimos em suas anotações apresentadas na subseção 7.2, bem como esteve presente na relação de colaboradores do projeto da UNIFOR. Nesta universidade o professor Viliberto, após a conclusão do projeto, foi convidado a assumir a função de conselheiro de Ensino Pesquisa e Extensão, além de ocupar, desde o início, o cargo de vice-reitor de Extensão.

Foi um professor que esteve amparando as três universidades cearenses, uma vez que, anos depois, ele se encaminha para ajudar a criar o curso de medicina da UECE ocupando o cargo de primeiro coordenador do curso. Viliberto Porto colaborou com a construção do organograma do curso de enfermagem da UNIFOR, figura 33, bem como todos os elementos que constituem um curso universitário. Como vimos em anotações de Glória Façanha, suas atividades de gestão envolviam aspectos administrativos como: contratação de professores, insumos de expediente das aulas, bolsas de estudos para as alunas e os aspectos pedagógicos: construção da matriz curricular, implantação, orientação e acompanhamento das disciplinas, acompanhamento dos alunos quanto à disciplina e rendimento. Muitas são as atividades desenvolvidas para fazer funcionar um curso de formação profissional.

Figura 33 – Organograma do curso de enfermagem da Universidade de Fortaleza, 1973 – Ceará



Fonte: Acervo pessoal.

Ao analisarmos a figura 33, verificamos que as disciplinas do primeiro semestre correspondem às pertencentes ao centro de ciências da natureza. Isto se deve ao pertencimento de disciplinas ao primeiro ciclo que favoreceu o “intercâmbio” de professores entre os cursos por ministrarem essas áreas afins. Essas atividades ocorrem devido à mudança de cátedra para departamentos fazendo com que o professor passe por outros cursos afins. Isto ocorreu também com Glória Façanha que ministrou disciplinas nos cursos de educação física e fisioterapia.

Outra inferência que fazemos trata da análise comparativa entre a matriz curricular da Escola de Enfermagem SVP com o organograma pedagógico da UNIFOR. A primeira diferença é quanto à carga horária na Escola de Enfermagem SVP, que é de 2745, e, na UNIFOR, é de 2430. A diferença mais expressiva está na duração do curso, pois enquanto na Escola SVP eles fazem oito semestres, na UNIFOR, são seis semestres. As disciplinas básicas do ciclo inicial (Cálculo, Química, Física e Biologia) estão presentes nas duas. Outro ponto relevante é observarmos que disciplinas como: Nutrição e Dietética, Imunologia, Parasitologia e Estudos dos Problemas Brasileiros não existem, mas estão apresentadas na matriz do curso da UNIFOR.

Com a aprovação da universidade, curso implantado, chega o momento do primeiro vestibular que aconteceu em 17 de fevereiro de 1973, totalizando 2.007 candidatos que disputavam 1.270 vagas distribuídas nos 17 cursos ofertados. No centro de ciências da saúde foram distribuídas 190 vagas, sendo: enfermagem: 40; educação física: 100 e fisioterapia: 50. Glória Façanha acompanhou esse evento e coordenou o curso de enfermagem por três anos, além de coordenar, também ministrava algumas disciplinas, conforme relata:

Quando começou o curso eu ministrava a disciplina de Introdução à Enfermagem. Agora era pouca gente. Como eu dava Introdução à Enfermagem, eu arranjei com o SESP para fazer estágio em Maranguape. Aí a gente ia na Kombi. Para você ver: eram tão poucos alunos, que eu enchia a Kombi e ia para Maranguape fazer o estágio com as alunas da UNIFOR. Era uma beleza! (Maria da Glória Ferreira Façanha)

Apesar de o curso oferecer 40 vagas no vestibular, as primeiras turmas foram formadas com bem menos alunos e alunas. Glória Façanha recorda que o grupo de alunas cabia até em um transporte coletivo (Kombi), usado para levá-las ao estágio no município de Maranguape, pertencente à área da Grande Fortaleza.

Glória Façanha, desenvolveu projetos em alguns municípios, dentre eles, Maranguape, como vimos em suas anotações a partir do ano de 1966, quando fica responsável por visitar dezesseis municípios para supervisão e treinamentos, já apresentados na sexta seção desse escrito. Esse conhecimento proporcionou uma boa experiência em termos de assistência, docência e no combate às doenças e atividades de vacinação da época. Ao associar essas vivências laborais na Fundação SESP ao ensino, ela rememora:

Eu ministrei Ética, Enfermagem na Comunidade I, Enfermagem na Comunidade II. Tem uma relação de disciplinas que ministrei. Foi muita coisa, foram muitos conteúdos. E eu era muito estudiosa. Eu gostava de estudar. E outra coisa, a vivência ajudava. Eu tinha uma vivência muito grande em enfermagem, porque além da supervisão dos lócus lá no "meio do tempo", botando o pessoal para trabalhar Eu ia de sessão em sessão para ver como é que estava funcionando [o posto, a farmácia, o almoxarifado]. Depois saía com a visitadora. E elas faziam de propósito. Às vezes quando eu chegava lá diziam "Vamos fazer uma visita de enfermagem que eu quero ver sua atuação." Elas botavam a casa mais longe que tivesse. (Risos) Porque a gente andava a pé, e mais complicado que tivesse para poder ver o meu atendimento e resolução... E aí com isso a gente vai pegando prática e conhecimento. (Maria da Glória Ferreira Façanha)

Além da prática e do conhecimento finalizado na fala de Glória Façanha, existiram as boas amizades e a afeição pelo local e unidades que supervisionava, de modo que serviu de apoio para levar suas alunas do curso de enfermagem para o momento de prática nas aulas do estágio na UNIFOR. Sobre essas aulas a professora Lucélia Farias¹³⁰rememora como o estágio foi uma disciplina marcante:

Os estágios, nós fazíamos com Maria da Gloria, ela como professora da disciplina de Saúde Pública. Nós íamos para Maranguape com ela, íamos pela manhã e só voltávamos à noite. Lá, nós desenvolvíamos a assistência com pessoas que tinham hanseníase, pessoas que tinham diagnóstico de tuberculose, fazíamos vacinas, isso sob a orientação dela, ela era uma pessoa muito ativa e competente e eu a admirava muito, eu achava muito interessante a proposta de trabalho profissional, então as minhas professoras todas eu admirava muito porque nós ainda não tínhamos o domínio éramos muito jovens e não tínhamos o domínio da informação e formação que é ser enfermeiro então aquela forma de trabalhar ativa, competente, ela conhecedora de situações para nós para mim particularmente era muito bonito. Eu achava maravilhoso. A pessoa tem que ter esse conhecimento, agir dessa forma com os pacientes, trabalhar nesse posto aqui em Maranguape. Ela tinha essa autorização para a gente desenvolver esse estágio em Maranguape. (Francisca Lucélia Ribeiro de Farias)

¹³⁰ Francisca Lucélia Ribeiro de Farias – ex-aluna da Glória Façanha do curso de enfermagem da Universidade de Fortaleza. Foi diretora do centro de ciências da saúde da Universidade Federal de Mato Grosso, professora da Saúde Coletiva. Atualmente é professora da UNIFOR, atuou no mestrado em Promoção da Saúde, que hoje é Saúde Coletiva, desta instituição, depois, decidiu ficar somente na graduação com Saúde Mental. É integrante da Academia Cearense de Enfermeiros (ACEN).

Além de trabalhar os conceitos que ela bem conhecia por ser estudiosa, como relata, também tinha uma grande bagagem experiencial, o que deixou sua formação mais bem consolidada. Ela trabalhava meio expediente na UNIFOR e meio na Fundação SESP e, assim, foi desempenhando suas funções com afinco. Somente em dia de estágio juntava os dois locais de trabalho porque se dirigia ao posto de saúde de Maranguape da Fundação SESP com os alunos da UNIFOR permanecendo até o anoitecer.

Para enriquecer este escrito, mais uma vez, Glória Façanha concedeu as anotações diárias de sua agenda pessoal, na qual estabelece por tópicos as atividades desempenhadas por aquela época na UNIFOR e na Fundação SESP. São registros importantes que a memória sozinha jamais conseguiria recuperar com tantos detalhes de dias e atividades desenvolvidos. São registros que avivam sua memória.

Em anotações de sua agenda disponibilizada por ela para nosso estudo, constatamos as viagens registradas, além da cidade de Maranguape, para onde seguia sempre em estágio, em período de aulas, com as alunas da UNIFOR, onde registra no mês de janeiro 17 dias de atividades nessa localidade e em outras tantas localidades que supervisiona em suas atividades inerentes à Fundação SESP, bem como registra especificando as diárias que teria que receber pelos seus deslocamentos, uma vez que posteriormente o relatório exigia a prestação financeira de gastos com estes. A seguir, as anotações na agenda pessoal do ano de 1973:

AGENDA PESSOAL – 1973

JANEIRO 1973 – MARANGUAPE

2-3-4-5/8-9-10-11-12/15-16/18/22/25-26/29-30.

(ônibus – taxi – 6,00 dia 26)

FEVEREIRO 1973 – MARANGUAPE – (1-2)- 8 1/2d – Total 807,00.

5 a 8/02 – Juazeiro do Norte – adaptação de Eridam.

12 e 13/02 – Jaguaribe com o Dr. Carlos Ivo

14/2 – Limoeiro do Norte com o Dr. Carlos Ivo

15 e 16/02 – Quixadá

20 e 21/03 – Itapipoca com o Dr. Muniz

22 e 23/03 – Canindé com o Dr. Muniz.

- 12/11/1973 – 11 e 12 – Fortaleza – Cascavel – Aracati: (2 diárias) – 206,00

14 - Fortaleza – Canindé – Fortaleza (1/2 diária) – 51,50

17, 18 e 19/11/1973 – Fortaleza – Ipu – ITA – Fortaleza (3 diárias) – 309,00 - 566,50

(Agenda pessoal)

Observamos no registro que, inicialmente, como se trata dos meses de janeiro e fevereiro, que são notadamente os meses de férias das alunas na universidade, a enfermeira e professora Glória Façanha concentrava suas viagens de supervisão exigidas pela Fundação SESP nestas datas e é o que também se verifica no final do ano no mês de novembro, porém em localidades próximas a Fortaleza. Dos meses de março a novembro de 1973, Glória Façanha se encontrava dedicada à coordenação do curso e às disciplinas que foram anteriormente registradas nesta seção, evidenciando seu movimento no curso de enfermagem da Universidade de Fortaleza, porém, em registro, só tivemos o que fora apresentado na agenda.

A seguir, temos as anotações na agenda pessoal do ano de 1974 que trazem mais especificamente as atividades também desenvolvidas na UNIFOR. Segue agenda de 1974:

AGENDA PESSOAL – 1974

Outubro

31/10/1974 – Reunião F SESP

Dr. Agripino, Dr. Vilberto, Dr. Carlos Ivo, Dr. Muniz, Dr. Carlos Dauer, Dr. Lacerda, Cleber, Glória.

Projeto Cascavel – Higiene e Saneamento, Epidemiologia: Dr. Carlos Dauer, Dr. Carlos Ivo, Dr. Muniz, Dr. Mauro.

Nutrição – Sugerir nutricionista.

2ª a sábado – das 9h às 11h30

Fisioterapia e Educação Física

Enfermagem – 75 – Férias

Enfermagem na Comunidade I – 3ª e 5ª e sábado – (7h30 às 11h30)

Novembro

Parte de montagem do programa para UNIFOR

14/11/1974 – Manhã – UNIFOR, com Dr. Vilberto Porto.

Introdução Enfermagem -passou a Fundamentos de Enfermagem

Enfermagem II – passou para Enfermagem IV – Maternidade Infantil

Enfermagem IV – passou para II – Doenças transmissíveis

Farmacologia – passou para = 15 h.

Professora para Nutrição – INPS

Ana Maria – Relação das provas – notas.

Tarde: Lídia – Organograma da F SESP.

Maria Elizabete Sales – Tuberculose.

Mariane Holanda – Paraíba – Calazar

Alunas de fisioterapia.

O registro na agenda do ano de 1974 nos permite captar os passos da enfermeira e professora Glória Façanha, numa dança equilibrada e cheia de harmonia, determinando e dirigindo os passos que entrelaçavam atividades da

Fundação com as da universidade, muitas vezes complementando e enriquecendo uma a outra, uma vez que o serviço se embrenhava nos conteúdos epistemológicos do ensino em sala de aula, produzindo uma sintonia perfeita que saíam todos enriquecidos: ensino, gestão, assistência. Mais especificamente podemos contemplar em sua rotina na UNIFOR que ela desempenhou a construção do projeto curricular, depois, a implantação do curso e, por fim, a administração pedagógica deste, verificando a frequência das alunas, a lotação dos professores, os conteúdos do currículo e as atividades didáticas que estavam sendo desenvolvidas.

A preocupação com as alunas do curso de fisioterapia também fez parte de suas tarefas. Observamos anteriormente que o centro de ciências da saúde possuía três cursos: enfermagem, fisioterapia e educação física. Entendemos que a enfermeira e professora Glória Façanha também ajudava, vez por outra, estes cursos com a busca de professores e ou mesmo ministrando aulas em algumas de suas disciplinas. O registro na agenda confirma esta preocupação e participação, demonstrando sua disponibilidade para cooperar no desenvolvimento de cursos e projetos novos ancorada em sua expertise em gestão e em docência.

Nas demais anotações, Glória Façanha apresenta ações desenvolvidas na Fundação SESP, como: as visitas para testes de tuberculose, calazar, evidenciando sua função no cuidado e na assistência de enfermagem nas demais unidades de saúde ancoradas à Fundação.

No ano de 1975, como as anotações são em maior número do que se vinha observando no registro das agendas dos anos anteriores, para melhor discussão e análise, dividimos estas informações em dois semestres e os semestres, algumas vezes, em meses, para discussões mais pontuais. Podemos observar, diante destes registros, que o ano de 1975 foi de muito movimento e de muito trabalho de nossa protagonista.

AGENDA PESSOAL – 1975 – 1º Semestre

Fevereiro

- 6/2/1975 – UNIFOR (manhã)
- 12/2/1975 – UNIFOR (manhã). Colaborando.
- 13/2/1975 – UNIFOR (manhã)

Julho

- 11/7/75 (6ª feira)
- 1 – Percentual frequência de Enfermagem I e II

- 2 – Viagem a Garanhuns (ficha)
- 3 – Utilizar – atividades didáticas
- 4 – Lídia – créditos
- 5 – Jeanette Klein
- 6 – Corrigir provas – fundamentos de enfermagem
- 7 – Procurar programa Enfermagem Comunidade II
- 8 – Separar material Enfermagem Comunidade I
- 9 – Avaliação dos alunos
- 10 – Passar para o caderno disciplina Enfermagem I (maio)

- 27/7/75 (6ª feira)
- 1 – Correção A.F.C.
- 2 – Despachar processos (3)
- 3 – Programar matrículas para 2ª feira
- 4 – Programa Saúde Pública
- 5 – Conversar sobre Pacatuba
- 6 – Telefonar para Zulene.
- 7 – Telefonar FSESP – 9 horas
- 8 – Objetivo doenças transmissíveis,
- 9 – Mimeografar material para Terezinha
- 10 – Carta de Lídia.

Constatamos, nos registros, a presença e movimento constante da enfermeira e professora Glória Façanha em atividades pedagógicas e administrativas relacionadas à UNIFOR e outras, em menor número, à Fundação SESP. Com relação às atividades pedagógicas observamos sua relação, com frequência, nas disciplinas a serem ministradas, correções de provas, busca de programas para preparação de aulas, avaliação de alunos e registro desta avaliação, atividades didáticas inerentes à função de professora exercida na universidade.

Quanto às atividades mais administrativas, encontra-se na agenda despachar processos e manter contato com a professora e enfermeira Zulene, no caso, Zulene de Vasconcelos Varela, uma das enfermeiras que participara, juntamente com as professoras e enfermeiras Grasiela Teixeira Barroso e Lúgia Barros Costa, da criação do projeto do curso de enfermagem implantado na UFC.

Importa destacar que, no ano de 1975, para o curso de enfermagem, ocorriam a criação e a consagração de vários projetos desse curso na sua inserção universitária no estado do Ceará. Já tínhamos o curso da UFC que, embora criado em 1970, conforme Processo nº 595/70, concretiza-se somente no ano de 1975, de acordo com a Portaria nº 813, de 8 de setembro de 1975, abrindo seu primeiro vestibular, o da UNIFOR, no qual Glória se faz presente e, claro, o da Escola de Enfermagem SVP que termina por se inserir junto a outros cursos e escolas para fundar a Universidade Estadual do Ceará-UECE, criada pelo Decreto nº 11.233, de 10 de março de 1975, ou seja, um ano de concretizações de trabalhos que vinham sendo

realizados na linha do tempo com vistas à abertura de cursos nesta área de enfermagem e sua inserção nas universidades cearenses. O trabalho da própria Glória Façanha insere-se, como é do nosso conhecimento neste escrito, na tentativa de federalização da Escola de Enfermagem SVP à UFC e na criação do curso de enfermagem da Universidade de Fortaleza, evidenciando uma trajetória de luta, desafios e conquistas intimamente articulados à inserção da enfermagem na universidade, no caso, no estado do Ceará. Voltando às demais atividades, seguem registradas as ações do 2º semestre do ano de 1975, na agenda da professora Glória Façanha:

AGENDA PESSOAL - 2º Semestre de 1975

Agosto

- 7/8/75 (5ª feira) – Início das atividades escolares
- Aula Enfermagem Comunidade II, 2h, na FSESP, Enfermagem IV – 2 h na FSESP.
- 8/8/75 (6ª feira) – Enfermagem Comunidade II – Aula 16 h na FSESP.
- 9/8/75 (sábado) – Administração IV – Terezinha 16 h.
- 11/8/75 (2ª feira) - Feriado – Dia do Estudante,
- 13/8/75 (4ª feira) – Enfermagem Comunidade II, 16 h. FSESP.
- 15/8/75 (6ª feira) - Enfermagem Comunidade II, 16 h. FSESP.

16/8/75 – REUNIÃO UNIFOR

Dr. Antero – Sr. Viliberto – Prof. Carlos – Dr. Mauro – Glória Façanha:

1 – Método Operacional:

- a) instrumental
- b) bases de operação
- c) pessoal.

Pessoal – 24 créditos – 14/10

Horas 210/150

Fases – ordem crescente.

Internato – 24 créditos (não cobrar)

- 6/9/75 – UNIFOR

Comemoraram meu aniversário. Recebi uma placa de prata que muito me emocionou. Todos os problemas, incompreensões e esforços dispendidos foram compensados pela compreensão das colegas e amizade dos alunos e colegas. Graciema, Ana Maria, Madalena e Terezinha todas foram muito especiais.

Nos registros, observamos o início do semestre letivo com as aulas e o cuidado da professora em registrar seus horários e disciplinas a serem ministradas no semestre. Um registro importante é a reunião com o reitor, Antero Coelho Neto, o vice-reitor, Viliberto Porto, e os professores Carlos e Mauro. Reuniões com o reitor e vice-reitor fazem parte da rotina dos gestores para alinhamento das ações do curso. Glória

Façonha sempre teve o hábito de, além dos relatórios, expor suas atividades nas reuniões e buscar soluções para possíveis pendências.

Outro registro importante se refere ao dia 6 de setembro de 1975 quando Glória Façonha recebeu uma homenagem das professoras, colegas de trabalho, pelo seu natalício ocorrido no dia 15 de agosto, no qual comemorou 43 anos de idade. Ela registra, de fato, que nem tudo são flores nesse caminho percorrido, mas que se esquece tudo, quando somos reconhecidas pelo trabalho desenvolvido. Nessa festividade menciona os nomes de duas colegas de trabalho, a professora Graciema Silveira¹³¹, a qual posteriormente conseguimos dados sobre a época da vivência dela com a professora Glória Façonha na UNIFOR, e ainda a colega Ana Maria, professora responsável pelo estágio das alunas.

Outros registros da agenda se seguem nesse 2º semestre de 1975 relacionados a partir do mês de setembro.

Setembro

- 8/9/1975 - UNIFOR – Revisão das disciplina de Enfermagem e anotações no caderno.

- Administração – verificar dinheiro para Madalena

- Biblioteca – livros de enfermagem.

PROVIDENCIAR

1 – Dr. Viliberto – sobre o curso de Enfermagem

2 – Cronograma mês setembro

3 – Alunos – Estágio Enfermagem Comunidade I

4 – Madalena – data do término do estágio

10.09 (4ª feira) – planejamento

12.09 (6ª feira) – planejamento

15.09 (2ª feira) – Revisão do plano de estágio de Enfermagem Comunidade I – divisão dos grupos – planejamento, número de horas.

VIAGEM - QUILOMETRAGEM

Fortaleza – Russas 158 km

Russas – Limoeiro do Norte 40 km

Limoeiro – Jaguaribe 110 km

Juagaribe – Icó 66 km

Icó – Juazeiro do Norte 899 km

Juazeiro – Fortaleza 576 Km

- 10/9/1975 – MARANGUAPE – Visita à unidade sanitária.

Palestra de Dra. Tereza:

- Sobre o funcionamento das U.S.

- Prioridades de serviço. Equipe de saúde.

- Trabalho com a gestante e o filho.

¹³¹Maria Graciema Daniel Silveira, enfermeira e professora aposentada, conterrânea de convivência da biografada na Escola de Enfermagem SVP, na mesma época de graduação. A entrevista foi realizada pelo grupo de pesquisa, em 8 de novembro de 2019, na sala do NUDIHME, Fortaleza/CE. Além da entrevista, fizemos contato também, por telefone e pelo aplicativo WhatsApp, em 18 de dezembro de 2021, no qual ela mandou um pequeno relato mais específico sobre Glória Façonha.

-

Criança de 1 a 4 anos [1º grupo]

Doenças transmissíveis: tuberculose-lepra e shistosomose.

Visita a todos os setores.

- 12/9/1975 – 2º Grupo:

Visita a todos os setores. Idem do dia 10.09. Maranguape.

-15/09/1975 – PROGRAMA POLO NORDESTE:

-PROGRAMA DE COMBATE ÀS SECAS: Ministério da Saúde – Fundação SESP – Ceará. MINTER-SUDENE-GOVERNO ESTADO-CEARÁ – SECRETARIA DE AGRICULTURA – ANCAR, CEARÁ.

- Relatório do Curso – Segmento II

- Programa de Educação e Saúde

- Treinamento para Extencionistas Rurais. Nº alunos 6 – Assistente Social: Alda Lima e esposo Dr. Francisco.

- PALESTRA:

16h30 às 17h30 h. Fecundação – Desenvolvimento Fetal. Projeção se slides, cartazes, quadro-negro.

19h30 às 21h30 h. Importância do pré-natal – 2 consultas médicas, no mínimo. Exame de urina, pesquisa de albumina, sangue: pesquisa de sífilis. Alimentação da gestante, tabis alimentar, higiene corporal e mental, enxoval do bebe. (Flanelógrafo – quadro negro – projeção de slides).

- 16/9/1975 (3ª feira):

14 às 18 h – Desconfortos mais comuns na gravidez. Doenças mais graves das gestantes. Preparo do parto hospitalar e domiciliar. Trabalho de parto. Puerpério.... Slides.

20h15 às 21h35 – DR. Viliberto, Dr. Jaime, 6 professores.

Dr. Viliberto – Reunião histórica – implementação do Conselho de Centro - assuntos devem ser resolvidos:

1 – Entre os professores e o coordenador

2 – Entre os coordenadores, quando for o caso

3 – Com o prof. Jaime que é coordenador do programa C.C.S.

4 – Nível de Conselho de Centro

5 – Nível de UPCAP e Reitoria (Conselho de Ensino).

CONSELHO DE ENSINO: De início reuniões informais, estrutura informal.

PARTICIPAÇÃO DE ALUNOS? Não. Iniciado o problema, interação aluno-professor.

- 17/9/1975 (4ª feira) – 16h30 às 17h30

Cuidados imediatos com o recém-nascido. Desenvolvimento da criança. Cálculo de peso e altura. Alimentação até um ano de idade. Desidratação. Importância do leite materno. Diluição do leite de vaca. Diluição do leite em pó. **ESTÁGIO ENF. Comunidade. I. Ana Maria.**

- 18/9/1975 (5ª feira) – 14h às 18h

VACINAS – Doenças – profilaxia: BCG – Tuberculose – Sabin – DTP – A V Anti-sarampo. Socorro de urgência – ferimentos: tipos de fratura, luxações, entorses, queimaduras, picadas de animais venenosos.

- 16/9/75 (3ª feira) – CONTINUAÇÃO/ Conselho de Ensino

Os alunos, de início procuravam o Reitor, pois este absorvia tudo por não ter ainda a estrutura de agora. Hoje, quando o aluno o procura, ele pergunta se a Diretoria do Centro já foi ouvida. Foi falado sobre os problemas da turma de educação física. Orientação psicopedagógica já não existe mais. O prof. Jaime divide com o diretor do centro os problemas pedagógicos; como um vice-diretor. Para o diretor ficam os problemas administrativos. A próxima reunião deverá ter pauta.

Observamos que setembro é um mês muito rico em atividades de viagens e de um acontecimento histórico dito por ela no tocante às atividades desenvolvidas e implementadas na UNIFOR. Constatamos atividades de coordenação e administração mescladas com as pedagógicas, como revisão de disciplina, planos, planejamento providências de listagem de livros para biblioteca.

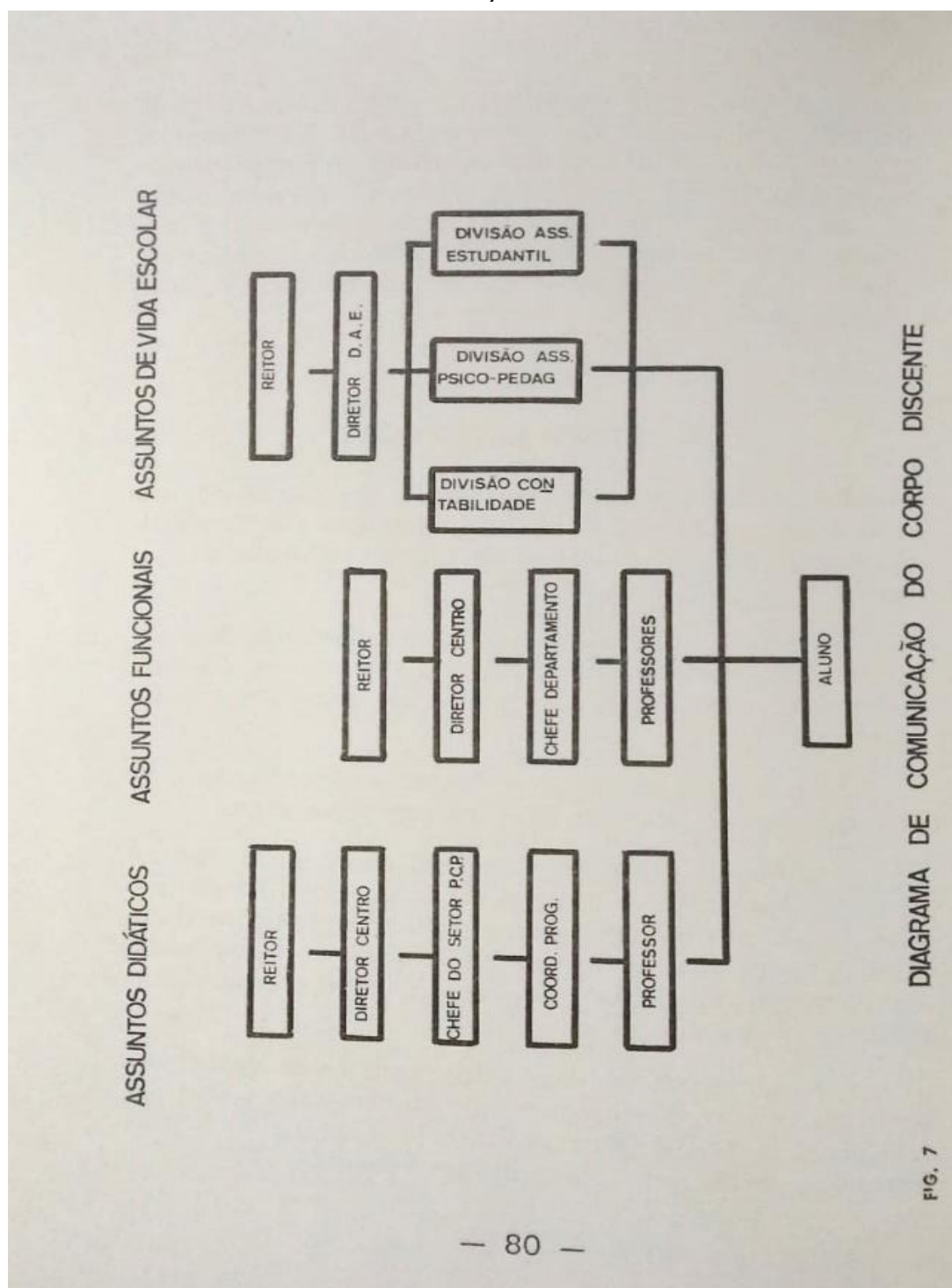
Uma viagem de supervisão a sete cidades do Ceará, com seu término na cidade de Maranguape, onde ocorre uma série de palestras por ela promovidas sobre o funcionamento das unidades de saúde; prioridades de serviço; equipe de saúde, bem como o trabalho com a gestante e o filho, onde podemos mais uma vez constatar o movimento da nossa protagonista entre o serviço e o ensino, um enriquecendo o outro.

Com relação à UNIFOR, o registro, como ela mesma escreve, 'histórico', uma vez que finalmente vai ocorrer a implementação do conselho de centro que vinha acontecendo na informalidade e que Glória Façanha, de antemão, registra a pauta da reunião sobre assuntos que nela devem ser abordados. Observamos sua expertise em gestão antevendo ações e funções que devem ser tratadas e decididas na implementação do conselho de centro e a hierarquia com o conselho de ensino e nestes como ficaria a participação dos alunos. Constatamos mais uma vez, na reunião, a figura de seu amigo Viliberto Porto.

Com relação ao conselho de ensino, faremos uma pausa nesse espaço para exemplificar algo que está registrado no segundo livro¹³² do médico e professor Antero Coelho Neto, que foi reitor desta universidade na época e que traz o manual do aluno publicado no ano de 1973. No livro apresenta a estrutura organizacional em relação à comunicação discente ou órgão que respondesse por esta função e que, pelo visto, não estava em pleno funcionamento uma vez que, por mais que esta tivesse sido apresentada aos alunos, não surtira o efeito desejado, sendo necessárias novas intervenções. Segue a estrutura de comunicação dos discentes para tratar dos assuntos escolares, na Figura 34, a seguir.

¹³² Livro: ANTERO, Coelho Neto. Universidade Verbo IR (1973).

Figura 34 – Diagrama de comunicação discente da Universidade de Fortaleza, 1973, Ceará



Fonte: ANTERO, Coelho Neto. Universidade Verbo IR (1973, p. 80).

Seguindo o diagrama (Figura 34), os discentes não iriam diretamente mais ao reitor, pois poderiam resolver suas questões em outras instâncias, evitando sobrecarregar a reitoria de ensino. Percebemos que, apesar da orientação se

encontrar estabelecida no diagrama desde o ano de 1973, em 1975, procurava-se ainda colocá-la em funcionamento. Alguns ajustes precisaram ser realizados diante da temporalidade e de seu não funcionamento. Vimos isso na reunião entre Glória Façanha e Viliberto Porto.

A seguir, temos as atividades finais do mês de setembro (2º semestre de 1975) nas quais o grande foco ainda é os problemas relacionados aos alunos que a professora Glória Façanha registra na agenda para resolver e até já encaminha ações que foram desenvolvidas nesse sentido.

Setembro (continua)

- 18//1975 – Reunião com o Dr. Winston
Problema da parte prática de Cinesiologia.

Sugestões: professor usar um cadáver.

Horário: um grupo pela manhã; outro das 17 h às 18 h.

CÉLIA – Curso de Enfermagem.

Falei sobre seu comportamento e aproveitamento em Enfermagem na Comunidade I. Aluna – sérios problemas psicológicos relacionados à família onde reside. Tentei ajudar, vários conselhos.

PAULO – Enfermagem Comunidade I – Não consegue acompanhar a turma.

1º APC – Mau; 2º APC – Mau. Desligado da turma. Pretende fazer medicina.

Desajustado na Enfermagem. Tentamos integrá-lo na turma de Deontologia, mas no 1º teste – Mau. Já participa das reuniões e discussões em grupo.

Reunião com o professor Jaime – Resultado da fazenda ambulatório – faltando 6 metros.

MATERIAL CORTADO:

Coberta de pinça – 6 duplas faltando

Fraldas (60x60) – 6 100 x 100 – 2 dupla (40 x 40) 11

Toalha (34x34) – 10 60 x 60 – 6 simples (34 x 34) 14

Capa para luvas – 6 50 x 50 – 6

Capa luva – 9 (25 x 60) dupla 40 x 40 – 1

Campo aberto – 3

Campo fenestrado grande - 1 Pequenos- 2

Coberta dupla bandeja – 90 x 60 – 2

Faixa de contenção 2m x 0,15m (dupla)-3

Inferimos suas ações de atenção aos alunos que ia além da acadêmica, inclusive fazendo aconselhamentos e buscando solucionar problemas familiares, prática revelada desde sua atuação na Escola de Enfermagem SVP.

Observamos anotações na agenda para providências com relação à preparação de material para as aulas práticas e, nesse sentido, relaciona o que vai precisar comprar e providenciar. Entendemos que, à medida que o curso vai acontecendo e com o surgimento dos semestres, novas disciplinas vão sendo necessárias e incorporadas, novas providências precisam ser por ela tomadas e assim acontece. As dificuldades na comunicação também aparecem com a quantidade de alunos que, a cada ano, ingressa na universidade, como também surgem mais

problemas que precisam ser resolvidos como, no caso, a diretoria de centro. As queixas do corpo docente, nesse mês de setembro, também são registradas na agenda.

Temos também, entre outros registros, a inserção da enfermeira e professora Maria Graciema Daniel Silveira, no ano de 1975, no mês de setembro, na universidade e no curso de enfermagem para responder pelo programa de psiquiatria, já que ela é uma enfermeira cearense com especialização na área, uma vez que não há muitas no estado. Sobre Glória Façanha relata Graciema Silveira em sua entrevista:

Eu fui encontrar a Glória Façanha na UNIFOR eu, na época, já estava com o processo correndo no Maranhão e eu tinha perdido o emprego estava nas mãos da justiça quando... não sei como foi, fui chamada para o Jornal O Povo, eu não sei se aquilo foi advogado, se foi militar que me mandaram pra essa entrevista e eu respondi às perguntas feitas e fiquei muito admirada porque eram perguntas bem simples como: a senhora é uma enfermeira especializada? Eu digo: Sim, em enfermagem psiquiátrica. No dia seguinte fui contratada pela UNIFOR e pelo Hospital Mira e Lopes, foi uma coisa assim automática. E a mamãe: “Minha filha, o telefone pra você”. Era primeiro a UNIFOR, pedindo para eu comparecer lá, porque elas estavam precisando de uma enfermeira professora pra Enfermagem psiquiátrica e eles disseram que eu era a única especializada no Ceará. Quando eu cheguei na UNIFOR, o Reitor era Coelho [Antero Coelho Neto] (Maria Graciema Daniel Silveira, 2019)¹³³

Seguindo a fala de Graciema Silveira, vemos como a universidade sempre buscava pessoas especializadas para trabalhar determinados assuntos e foi ela quem iniciou os trabalhos na disciplina de Saúde Mental na UNIFOR. Permaneceu na universidade por mais de dois anos, sendo recebida por Glória Façanha e, quando perguntada se sua vinda tinha sido no período do projeto, revelou:

Não, já era o terceiro ano, porque psiquiatria era no terceiro ano e ele ligou chamou a Glória, era coordenadora, e quando eu cheguei lá ela ficou muito feliz, me deu as boas-vindas, ela é comunicativa demais.
(Maria Graciema Daniel Silveira, 2019)

A percepção sobre Glória Façanha expressada por Graciema Silveira é de cordialidade e confiança e o tempo de convivência só fortaleceu esta impressão que veio à tona na entrevista muitos anos depois. A saída de Graciema da UNIFOR foi por causa de sua militância política que não era bem vista, à época, a uma instituição privada regida em pleno governo militar (ditatorial) em vigor no país. Com base nessa

¹³³ A entrevista foi realizada em 8 de nov. de 2019, na sala do NUDIHMEEn, Fortaleza/CE.

atividade política da professora, ela posteriormente é dispensada do cargo na UNIFOR, ação que nos evidencia que os cursos de enfermagem universitários são praticamente criados em tempos de ditadura militar (1964-1985) e, nesse sentido, são afetados seja em seus conteúdos, controle docente e discente e, sobretudo, de direção maior. Era um tempo que exigia de todos, principalmente dos profissionais, uma conduta de inteira e ou pseudoconcordância com a posição política reinante, são tempos de movimentos cuidadosos por parte da enfermeira e professora Glória Façanha na realização de seu trabalho pedagógico, administrativo e assistencial, já que o eixo político se encontrava controlado.

Setembro (continua)

- 19/9/1975 – REUNIÃO

com Ana Maria sobre estágio.

1 – Departamento Técnico de Saúde DTS, onde era a Escola de Veterinária São Sebastião. Jarina e Giovanne.

1 – Grupos Escolares – PPD intradérmico. Serrinha (m e tarde);

2 – Dona Libânia (Lourdinha). Manhã – Vacinas BCG oral (intradérmico). Tarde -PPD – Ivanilde.

3 – Darcy Vargas – Dr. Wilson Acyole

Dona Libânia – Dr. Jairo Macedo.

- 26/9/1975 – Aula: Enfermagem Comunidade I – sobre Tuberculose.

Dia da Comunicação – Participei da reunião geral dos alunos e fiquei triste com as declarações. Os professores têm se esforçado para manter o curso à altura, mas as queixas foram grandes, principalmente Comunicação. Dificuldades em serem recebidas pelo Coordenador e Diretor do Centro (injusto).

- 27/9/1975 – Graciema trouxe o programa psiquiatria.

- 29/9/1975 – Reunião com o Dr. Viliberto – e Liduina.

1 – Reunião com o Dr. Viliberto – conversei sobre o caso de 6ª feira – Liduina – Matricula Administração.

2 – Com a aluna sobre sua matricula – está bem calminha, e concordou com o fato de não conseguir cursar a disciplina.

- Levei o assunto da reunião de 6ª feira ao Dr. Viliberto.

Percebemos que, nos meses de outubro e novembro de 1975, a agenda traz um registro com o nome da professora Maria Leontina de Lima. Como anteriormente observamos o nome da professora Zulene Vasconcelos Varela do curso de enfermagem da UFC, a professora Maria Leontina de Lima¹³⁴, como constatamos em documentos no NUDIHME, foi professora da Escola de Enfermagem SVP que, em 1975, junta com outros cursos, fundou a UECE e, então, ela passa a ser docente desta universidade recém-criada. Essa articulação da professora Glória Façanha com professoras dos dois cursos evidencia sua expertise no enriquecimento do programa

¹³⁴ Maria Leontina de Lima é enfermeira formada pela Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo da turma de 1958.

de formação de enfermeiros e enfermeiras no campo universitário. Havia uma articulação e ela Glória procurava mantê-la.

Observamos nos registros que, no mês de dezembro, acontecia também nova reunião com os professores Viliberto Porto, Antônio da Silveira Machado Neto(Machadinho), coordenador da fisioterapia, e José Eduardo Gomes Barreira, coordenador da educação física, envolvendo a estrutura departamental (CCS), para sugestões de abertura de novas disciplinas para os cursos inseridos no centro. Como universidade e em estrutura de centro, as decisões caminhavam juntas e amparadas. Uma gestão compartilhada, já que a figura do diretor, parece-nos, ainda continuava sem decisão.

Outubro

SIMPÓSIO SOBRE A PARTICIPAÇÃO DA DISCIPLINA

Economia doméstica no processo de desenvolvimento brasileiro – dias 1, 2 e 3/10/1975.

TRABALHO: Função da Economia Doméstica nas Empresas Públicas e Privadas: Dra. Miranice Gonzaga Sales.

Novembro

- 3/11/1975 – Manhã – UNIFOR:

Tarde – Leontina e Ana Maria.

Estágio: Enfermagem Comunidade I – Ana Maria terminou e Leontina continua.

1 – Tarde: Dias 5 a 6 – 1º grupo – Tarde:14 às 17h.

7 a 10 – 2º grupo (tarde), 14 – 17h; 11 a 12 – 3º grupo – 14 às 17h.

Aulas – Leontina – Dias 8, 18, 20, 22,25 – Centro de Treinamento U.S. Darcy Vargas.

Reunião – Glória, Leontina. Ana Maria. Faltando 5h – aula Yruama – Estágio Santa Casa.

Dezembro

- 1º/12/1975 – Estrutura Departamental (CCS)

Atual:

1 – Morfofisiologia

2 – Patologia

3 – Saúde individual

4 – Saúde coletiva

Reunião Dr. Viliberto, Machadinho, José Eduardo.

Sugestões:

1 – Biologia + Patologia

2 – Educação Física

3 – Fisioterapia e TO

4 – Enfermagem.

Coordenador de curso – Planejador

Chefe de Departamento – Executar

O ano de 1975 termina mostrando uma efervescência de acontecimentos e atividades nos quais Glória Façanha esteve à frente, presente, contribuindo, solicitando parcerias, como as das professoras Zulene Vasconcelos Varela e Maria

Leontina de Lima, implantando oficialmente disciplinas, semestres, centros. A seguir, apresentamos a agenda pessoal do ano de 1976.

AGENDA PESSOAL – 1976

Janeiro

- 5/1/1976 (2ª feira) MANHÃ:

- 1 – Resolvendo problema de notas dos alunos – Turma 73 (56) de Enfermagem IV – Materno Infantil e Comunidade II.
 - 2 – Providenciando histórico escolar de Lúcia junto ao DAE.
 - 3 – Organizando o armário com o servente. Limpamos e começamos a organizar.
- TARDE – FSESP – Respondendo cartas e relatórios.
Providenciando Material para Curso de Visitadora.

- 9/1/1976 (6ª feira) MANHÃ:

- Resolvendo problema de horário de aula.
 - Fundamentos de enfermagem: 3 – 5 – 7 . Horário A e B.
 - Problema de carga horária em Enfermagem IV (Materno Infantil) – Yruane.
 - Faltando folhas de Enfermagem Comunidade I
 - Orientação de dois alunos - fluxograma
- TARDE – FSESP – Relatório mensal e respondendo cartas para as Unidades – mês novembro – Fichas geminadas A.

- 14/1/1976 (4ª feira) – MANHÃ:

Carteira M.T. Ana Maria – Pedido de material permanente e de consumo, inclusive do Laboratório de Enfermagem – Silvia e Jannette, Liduina, estiveram aqui.

TARDE – FSESP –Relatórios.

- 16/1/1976 (sexta-feira) – UNIFOR – Graciema – Solicitar informações na 10ª Região Militar – Vestibular – Dinheiro.
Documento: Ana Maria.
Noite – aniversário do Júnior.

- 26/1/1976 – AUTORIZAÇÃO DE VIAGEM

Nº 18/76 – Fortaleza – Maranguape – Maranguape-Fortaleza:
-Curso de Visitadora – Colaborar. Dias 6, 12 e 19 e 26 – 4 ½ diárias = 2 diárias a 176,00 = 352,00.

-1º/2/1976 (2ª feira) – MANHÃ – UNIFOR – Dr. Viliberto

- Disciplina – Fundamentos de Enfermagem, com Leontina. Incluíram Est. Aplicado Saúde (ótimo).
 - Madalena colaborando com planos de aula. Conferindo as horas aulas das disciplinas do Curso de Enfermagem.
 - Conferi programa Obstetrícia às 11 h.
 - B. Brasil – Cleber (casa), Jaime (José Carlos)
- TARDE – FSESP –Eulália – livro Dr. Brito.
-Preparando mapa de trabalho – diário de pessoal de Enfermagem.
- Hospital São Raimundo – garoto de Iraci está hospitalizado.
- Dr. Plínio (FSESP) em Fortaleza.

No mês de janeiro segue sua rotina entre as atividades da UNIFOR e da Fundação SESP. Na agenda, além das anotações de encaminhamentos, vemos sua

preocupação com os estudantes, sempre buscando resoluções para as problemáticas.

Fevereiro

- 9/2/1976 – SUPERVISÃO – Fortaleza-Quixadá – Quixadá-Fortaleza (1/2 diária / Fortaleza-Cascavel – Cascavel à Fortaleza – (dia 11/2/76 – ½ dia – 176,00).

- 16/2/1976 (2ª feira) – MANHÃ – UNIFOR

- Matricula dos alunos de 73 – barulho terrível – saí às 11h35 cansadíssima
TARDE – FSESP – Relatório mensal unidades. Fichas geminadas (Tuberculose).

15h30 – Fui ao médico

Dra. Maria Ferreira – 16h30 h FSESP – Continuação da correção dos relatórios.

- Início das aulas de Luiza e Henrique no colégio Cearense. – Horário: 6h às 10h15 . Adorei! Filho gostando.

- 17/2/1976 (3ª feira) – MANHÃ – UNIFOR

Turma de 74, mais Ilsa e Sidênia (73). Muito cansativo, Saida às 11h40.

TARDE – FSESP – - Relatório de janeiro.

Terezinha telefonou – livros da biblioteca excelentes, faltando de clínica cirúrgica. Falei sobre a necessidade de pedido para a biblioteca e mais cinco volumes de História da Enfermagem.

- 17 h, cansada física e mentalmente.

- Ester, reunião poliomielite (FSESP).

- Telefonei pedindo carro para Maranguape, amanhã.

- 19/2/1976 (5ª feira) – MANHÃ – UNIFOR

1 – Colaborando e orientando as matrículas

2 – Despachando processo

3 – Entrevista com o major Gondim

Duas meias bolsas

Casa em Cascavel

- Tivemos uma impressão ótima. Conversamos sobre o Curso de Enfermagem e Problemas Administrativos.

TARDE – FSESP –Despachamos várias cartas do Interior sobre relatórios. Corrigimos e tomamos nota para Rio. Dr. Abel esteve na Diretoria muito alegre e satisfeito. Notícias sobre aumento – NADA –

Observando as anotações dos dois primeiros meses de 1976, inferimos que a rotina permanece intensa, seja na UNIFOR, com as reuniões, organização do curso (notas de alunos, organização de disciplinas, lotação de professores), além da parte administrativa (acompanhamento de documentação dos alunos, bolsas, livros para biblioteca, entre tantas atividades); seja na Fundação SESP, realizando as viagens que envolviam todas as demandas de organização das unidades de saúde como formação dos servidores e os relatórios de cada momento vivenciado.

Com essa rotina, pela primeira vez, vemos expresso o desabafo de cansaço, em 16 de fevereiro, “cansadíssima” e, no dia seguinte, 17 de fevereiro,

“cansada física e mentalmente”. Constatamos o trabalho desgastante pedagógico, administrativo, viagens de supervisão, que misturavam duas instituições que exigiam de Glória Façanha uma dedicação e atenção que o corpo e a mente, com o avançar do tempo, vão exigindo paradas de descanso. Lembrando que a enfermeira e professora Glória Façanha era mulher, esposa e mãe de três filhos. Era também filha, irmã e já avó. O trabalho não resumia sua vida, embora a tenha roubado desta em muitos momentos. Ainda na agenda observamos algumas anotações pessoais sobre seus filhos: “Luiza e Henrique no Colégio Cearense”, bem como a necessidade de ida ao médico, o que mais uma vez nos faz lembrar a rotina também doméstica que as mulheres “carregam nos ombros”.

Partes da agenda relacionadas ao ano de 1976, no mês de abril, registram:

Abril

- 13/4/1976 – Nº 198/76 – Acompanhar Dra Célia de LNO. Fortaleza – Limoeiro do Norte – LNO – Fort – ½ diária – 88,00

- 27/4/1976 – MANHÃ UNIFOR

1 – Graciema – Coordenação do Curso de Enfermagem

2 – Prof. Carlos Batista: Assunto – entregar a coordenação do curso

Habilitação

3 – Projeto – vestibular do Curso de Enfermagem Semestral (40+40), fiscalização do Curso de Enfermagem.

4 – Reitor Antero Coelho: - Plano, projeto: unidade integrada de saúde – UNIFOR

Área a ser trabalhada

Inquérito sócio sanitário

Integração da disciplina Enfermagem na Comunidade II.

TARDE – FSESP – Início relatório trimestral. Telefone de Nadja amanhã Amanari. Levantamento escolar PPD – BCG, intradérmico.

28/4/1976 – MANHÃ – UNIFOR

-Amanhã chegando fiscais do Curso.

-Tarde – telefone para Amélia e Madalena – Visita aos hospitais – apresentar cronograma das atividades.

Na agenda de abril de 1976, grifamos a intenção de Glória Façanha em indicar Graciema Silveira para a coordenação do curso. Por já está cansada da rotina exaustiva, iria sair da UNIFOR e permanecer somente na Fundação SESP. Por esta época Glória Façanha se encontra com 44 anos de idade. Embora hoje nos pareça uma idade jovem, sua vida de trabalho foi iniciada em 1953, aos 21 anos, sendo que, no curso de formação, a jornada de estágio, iniciada aos 18 anos, já era bem rigorosa. Uma jornada com carga horária bem expressiva, bem como com exigência de gestão constante, o que se traduz em mais responsabilidades e consequentemente uma conta que seria cobrada posteriormente.

Nos registros da agenda dos meses de maio a novembro de 1976 encontramos:

Maio

- 11 e 13/5/1976 – Nº266/76 – Fort – Maranguape – Mar – Fortaleza. Treinamento BCG e PPD – 1 diária – 176,00.
- 31/5/1976 – Nº 321/76 – FORT. MAR – MAR – FORT – Curso Visitadora – ½ (127,00).

Junho

- 10 a 12/6/1976 – Fort – Quixadá – Quixadá- Fortaleza – Seminário Saúde Escolar – 3 diárias (254,00) – 762,00.
- 14/06/1976 – Reunião com Terezinha – alunos com problemas com Antônia. (onde fica a carótida).
- Centro termo-reguladores – todos os grupos.

Julho

- 26/7/1976 – Nº ?? - FORT. MAR – MAR – FORT – Supervisão PNI – ½ - 127,00.
- Nº 667/76 – 23,24,31/10/76 – Fortaleza – Maceió – Maceió – Penedo – Penedo Maceió – Maceió – Fortaleza – 2 d. 461/7d 254 / 2.700,00 + 1.556,00 + 300,00 / 4.556,00,

Agosto

- 16/8/1976 – REUNIÃO UNIFOR
- Dr Antero Coelho – Viliberto – Prof. Carlos – Dr. Mauro e Glória.
- 1 – Método Operacional:
 - a) instrumental
 - b) bases de operação
 - c) pessoal.
- Pessoal – 24 créditos – 14/10
- Horas 210/150
- Fases – ordem crescente.
- Internato – 24 créditos (não cobrar)
- 18/8/1976 – MARANGUAPE
- Alunos de enfermagem Comunidade II – 8 horas
- Dias: 18,19,20,21,25,26
- 27 (4ª feira) Viajei a Recife
- 28 (5ª feira) Viajei para Garanhuns
- Reuniões: 28,29,30
- 30/8 (sábado) – Viajei para Recife
- 31/8 (domingo) – Viajei para Fortaleza

Novembro

- [..] 10 e 11/11/76 – Nº 727/76 – CASC – FORT / FORT – CASC – 1 diária – 254,00.
- Seleção para Curso de Parteira – Cascavel / Beberibe.
- Pindoretama / Aquiraz / Guanacés / Caponga.
- IMPLANTAÇÃO DOS CURSOS DE PARTEIRAS LEIGAS e ATENDENTE RURAL em Cascavel, Canindé e Quixadá.
- 18/11/1976 – FORT – Cascavel – Canindé – Fortaleza – Quixadá – Fortaleza
- OBS: CAN: 22/11
- FORT: 23/11

QUI: 23/11
 FORT: 26/11----- 3 dias – 762,00
 1 – 2 e 3/9 – Maranguape
 3.9 (4ª feira) – último dia de estágio Enfermagem Comunidade II –

 Maranguape – Avaliação de todos os alunos.
 5/11 (6ª feira) – UNIFOR

 - 12/11/1976 (6ª feira) – Manhã UNIFOR
 Tarde – Lactário – um aluno de fisioterapia
 Centro de Saúde – uma aluna de fisioterapia
 Tarde: Curso de Saúde Pública – 3 alunos
 São Paulo – viagem dia 13 (engano)

Glória Façanha segue sua rotina demonstrando cansaço, mas firmeza nas ações, inclusive realizando cursos de parteiras em cidades visitadas, relacionadas ao trabalho da Fundação SESP, e, na UNIFOR, estendendo suas atividades novamente a outros cursos, como o de fisioterapia, com disciplinas e problemas escolares que surgiam. Devido a problemas familiares, Glória Façanha solicita afastamento (1976) de suas funções na Universidade de Fortaleza. Glória Façanha registra na agenda do mês de abril/1976 a intenção de passar a coordenação para Graciema Silveira, porém isto não ocorreu, Graciema permaneceu como professora e, após a saída de Glória Façanha por volta de dois anos (1979), foi demitida, como assinalado em sua entrevista:

Não, ela [Glória Façanha] saiu antes de mim, quando ela tinha saído estava no lugar dela uma moça formada em Ribeirão Preto [Rosalina Aparecida Partezani Rodrigues] Aí um dia eu recebi um telefonema: “Professora compareça à administração” e eu fui imediatamente, quando cheguei lá era um coronel que era o administrador da UNIFOR e ele disse: “Olha a UNIFOR se beneficiou muito da Senhora, mas infelizmente a Senhora tem um processo muito feio e nós temos que preservar a universidade, antes que venha a público o seu processo, nós vamos dar as suas contas” e aí eu respondi “Tá o Senhor tem razão, não adiantava chorar”.
 (Maria Graciema Daniel Silveira, 2019)

Como antes apontado nos encontrávamos em uma ditadura militar e a professora Graciema Silveira fora envolvida num processo de militância política quando estava no Maranhão. Como ainda estávamos num governo ditatorial e na própria instituição (UNIFOR) tínhamos militares nos departamentos dos cursos, acreditamos que a informação até que demorou a aparecer. Assim sendo, quem assumiu a coordenação do curso foi a enfermeira Rosalina Aparecida Partezani Rodrigues, o que leva Glória Façanha a solicitar sua saída da UNIFOR são problemas

familiares que, associados à intensa rotina de trabalho, causam uma grande sobrecarga, porém ela não sai antes de três importantes vitórias conquistadas.

A primeira foi ver formada sua primeira turma (1973), em 5 de agosto de 1976, com quinze concludentes que, na história da enfermagem, também fariam história pelo país. Ressaltamos isso por verificarmos entre as formadas nomes como o de Sidênia Alves Sidrão de Alencar, uma das enfermeiras já biografadas, biografia encontrada em trabalhos publicados no momento de nossa busca pelo Estado da Questão.

A segunda vitória foi ver o curso de enfermagem da Universidade de Fortaleza reconhecido pelo Decreto publicado no Diário Oficial da União, nº 79.018, de 23.12.1976, que fora assinado pelo presidente da República, Ernesto Beckmann Geisel, quando da formação de sua primeira turma de alunas.

E a terceira vitória foi ser a enfermeira e professora que escreve e lê em solenidade de formatura o discurso dessa trajetória de vitórias. No texto do próprio discurso se constata essa vitória dita pela própria Glória Façanha. Apresentamos, a seguir, a transcrição deste, retirada do Jornal Tribuna do Ceará do dia 6.8.1976, no qual também encontramos os nomes das formadas. Segue o discurso de Glória Façanha.

UNIFOR DIPLOMA 43 PROFISSIONAIS

Terapia ocupacional – quatro concludentes
Educação Física – quatro concludentes
Enfermagem – quinze concludentes

Conclusão da primeira turma de enfermagem da Universidade de Fortaleza – UNIFOR

Concludentes de enfermagem – 1976.2 (primeira turma)

Alzenira Saraiva Lopes Chaves
Antônia Júlia da Silva Mota
Fátima de Maria de Sales Matos
Jeannette Klein Antunes
Lídia Maria de Souza Gondinho
Lívia de Castro Maia
Maria Da Conceição Soares
Maria Doroteia Cortes Lima
Maria Idalba Lopes Sales
Maria Ilsa e Vasconcelos
Maria do Socorro Oliveira
Marília Alves Ferreira
Rogena Weaver Noronha Brasil
Sidênia Alves Sidrão de Alencar
Sílvia Helena Albuquerque Gentil

A solenidade de colação de grau ocorreu no auditório central do Centro de Convenções de Fortaleza e durou cerca de uma hora e meia com a presença das mais destacadas autoridades do estado, intelectuais e universitários, sendo, portanto, uma rica homenagem ao próprio estado ao entregar jovens formados e qualificados ao mercado de trabalho e à sociedade. A solenidade foi iniciada com o Hino Nacional Brasileiro. Em seguida, falaram, representando os concludentes, a aluna: Lívia de Castro Maia; a paraninfa da turma de enfermagem e também representante do corpo docente, professora Maria da Glória Ferreira Façanha, o discurso está aqui apresentado:

DISCURSO DA PROFESSORA MARIA DA GLÓRIA FERREIRA FAÇANHA

PARANINFA DA TURMA

Queridas concludentes,

Foi com imensa satisfação que recebi o honroso convite para estar presente, nesta solenidade, como paraninfa da primeira turma de enfermeiras da Universidade de Fortaleza, e não poderia deixar de agradecer este gesto de carinho e amizade. Este é um instante de grande emoção para nós.

Para vocês o coroar de uma vitória, conseguida com grande sacrifício, são dias e dias de estudos, trabalhos, incertezas, ansiedades, mas a certeza de um dever cumprido.

Ainda as vejo no início do curso ansiosas, preocupadas, querendo insistentemente antecipar os estágios, quando ainda não estavam preparadas para enfrentá-los e muitas vezes inconformadas quando desaconselhávamos a aceitação de uma oferta para trabalhar em hospital. Mais tarde vocês compreenderam que a prática antes da fundamentação técnico-científica poderia dificultar posteriormente a aprendizagem, e agradecerem a interferência oportuna.

Os meses foram passando e os receios foram se desfazendo e ei-las a estagiarem na Santa Casa, Hospital das Clínicas, Hospital São José, São Gerardo, Maternidade Escola, Centro de Saúde Darcy Vargas e finalmente na Fundação SESP, a Maranguape saudosa com as viagens de ida e volta, as andanças cansativas. Tudo foi se transformando em saudades, o tempo jamais apagará.

A universidade de Fortaleza com sua estrutura, com seu corpo docente, será recordada com ternura. Até a H/3, palco de muitas conversas baixinho, mas de muita compreensão, não deixará de ser lembrada.

Para Universidade de Fortaleza este é um instante de muita responsabilidade, quando, a primeira turma de enfermeira está sendo apresentada à comunidade de Fortaleza. E ela confia em todas vocês.

Queridas afilhadas:

A impressão de que a luta terminou não é real! A luta começa agora, quando deixarão o título de estudante para receberem o de profissional.

A importância da enfermeira na equipe de saúde é por demais conhecida por todas, mas realmente, integrá-la como membro atuante, não é tão fácil, não é tão simples.

Vocês estão todas preparadas! Tomem as armas que são os conhecimentos técnicos, científicos, a vivência hospitalar e de saúde comunitária, e a lembrança viva de que a pessoa mais importante no hospital é o DOENTE. Procurem o embasamento de tudo isto com muito amor, muita compreensão e muita disciplina.

O doente precisa de você, enfermeira, tanto do seu preparo científico como do seu calor humano; lembre-se que ele não é um número, não é um prontuário, não é mais um caso 'interessante', não é mais um caso diferente. Lembre-se que ele é gente e como gente precisa ser tratado com dignidade e compreensão, e acima de tudo se você conseguir reconhecer no seu semblante a imagem de Cristo, aí então seu trabalho se tornará mais ameno, mais enternecedor. E Ele, o Cristo, dará forças para que você não esmoreça, para que você não desanime. Ele lhe dará coragem para prosseguir na luta do dia a dia.

Se todos que militam na área da saúde pudessem por alguns instantes meditar o quanto de "caridade" se pode fazer, mesmo cumprindo suas obrigações, haveria mais amor, mais paz, mais ternura nos hospitais e nossos doentes teriam mais forças para suportar os sofrimentos que a doença por si mesma acarreta.

A família do paciente precisa também ser considerada, orientada, informada e recebida com todo carinho e compreensão. Assim ela saberá que poderá confiar nas pessoas e quem por necessidade se viu obrigada a entregar um dos seus entes queridos prezadas concludentes: temos muito a fazer por nossa comunidade e por nossa profissão. Enfrentem o trabalho com coragem, consciência e confiança e tudo o mais lhe será dado por acréscimo.

(Jornal Tribuna do Ceará Jornal, 6 de agosto de 1976)

Em seu discurso Glória Façanha rememora a trajetória de formação das concludentes, destaca as incertezas, os sacrifícios, as lutas com esmero, dias de estudo e dedicação que as levou ao dever cumprido. Ressalta a grande responsabilidade do profissional de enfermagem que está no cuidar, no cuidar bem e com ética daquele que é o principal no meio hospitalar, o DOENTE, "lembrem-se que ele é gente e, como a gente, precisa ser tratado com dignidade e compreensão". Finaliza seu discurso mostrando que há muito a ser feito pela comunidade e pela profissão. Após o discurso de Glória Façanha, houve o juramento coletivo dos concludentes, sequenciado pela colação de grau presidida pelo reitor Antero Coelho Neto. Ao final, discursou o chanceler Edson Queiroz. Os festejos seguiram com uma missa, bênção dos anéis e um culto ecumênico. Além de, no dia seguinte, terem o tradicional baile de formatura no Ideal Clube¹³⁵. É com esse momento celebrativo que encerramos as discussões

¹³⁵ "Ideal Clube – Fundado em 1931, faz esse ano, em 7 de setembro, 90 anos. Este clube reunia as famílias elegantes da sociedade cearense em festas cheias de glamour. Nos anos 50/60/70 eram

sobre as atividades postas na agenda pessoal da enfermeira e professora Glória Façanha, realizadas no ano de 1976.

Inferimos que, ao falar sobre missão cumprida, Glória Façanha não referenciava apenas suas alunas concludentes, mas a ela mesma. Sua trajetória de luta em prol da formação profissional de qualidade nos cursos de enfermagem, por onde passou(EESVP/UFC/UECE/UNIFOR), deixou seu legado.

As alunas entrevistadas convidadas para corroborar com este escrito, Jeanette Antunes e Rogena Brasil e Lucélia Farias, trouxeram as lembranças da professora Glória Façanha, em suas falas, na seção 9, na qual vemos as homenagens prestadas a nossa protagonista que a caracterizaram como uma professora muito organizada, dedicada e que se esforçava para ajudar o próximo. Ainda sobre Glória Façanha, Lucélia Farias (outra aluna entrevistada) ressalta sua importância no curso:

Maria da Glória foi uma pessoa realmente que iniciou essa proposta de formação do nosso curso de enfermagem da Universidade de Fortaleza e que teve o início das atividades em 1973 e ela teve uma participação muito ativa, não só na elaboração do currículo que funcionou muito bem e depois foi mudando com os vários coordenadores que foram passando, adequando a necessidade dos tempos, mas em tudo.

(Francisca Lucélia Ribeiro de Farias)

Glória Façanha ainda permanece no curso até o início de 1977 quando passa a coordenação efetivamente para a enfermeira Rosalina Aparecida Partezani Rodrigues. Mesmo com sua saída, a marca havia ficado no curso, como dito acima Lucélia Farias. “Ela [Glória Façanha] teve uma participação muito ativa, não só na elaboração do currículo que funcionou muito bem...mas em tudo”, e assim foi sua docência e gestão na UNIFOR, com a implantação do curso, sua funcionalidade e reconhecimento legal, tudo transformado em uma grande vitória.

Ela foi comemorada e rememorada pela própria universidade, ex-alunas e ex-colegas de trabalho em alguns eventos que marcaram a lembrança desse período desenvolvido por Glória Façanha, como veremos na seção sobre as homenagens

tempos dos concursos de beleza, e o Ideal sempre sediou os mais importantes, inclusive a escolha da Miss Ceará. Até hoje o Ideal Clube privilegia a beleza feminina em festas, como o Baile de Debutantes, os concursos Glamour Girl e Garota Ideal, que permanecem entre os mais tradicionais do estado”. O clube hoje vem resistindo às adversidades e adaptando-se aos novos conceitos de administração. Adaptado de <http://www.idealclube.org.br/historico.asp> acessado em 9/8/2021

prestadas a ela em reconhecimento. Antes, fechamos essa trajetória histórica com a volta, agora, da enfermeira Glória Façanha à Fundação SESP, na subseção que segue.

8.3 Retorno à Fundação SESP: de volta ao começo

No ano de 1977, Glória Façanha retoma as atividades em tempo integral na Fundação SESP. Foram dez anos (1967-1977) de dupla jornada em instituições diferentes, mas complementares, uma década nas funções de assistência, docência e gestão.

Na Fundação SESP volta com suas viagens pelo estado do Ceará, como podemos verificar nas anotações de sua agenda nesse ano. Quando encerrou suas atividades laborais na UNIFOR, ainda trabalhou mais dois anos na Fundação SESP e solicitou aposentadoria. Sobre isso rememora:

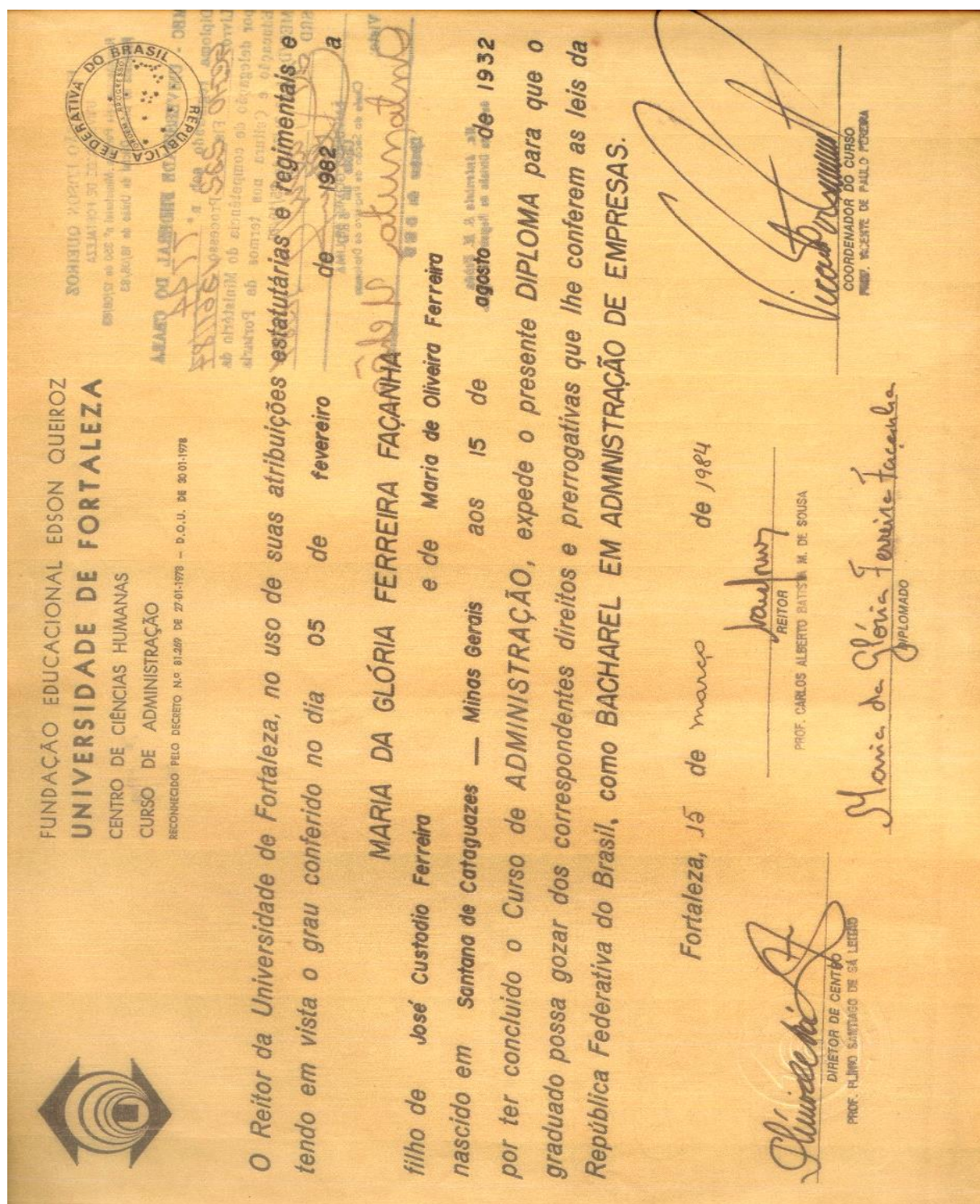
Bom aí chegou um tempo em que eu precisei voltar. O SESP me chamou de volta. Porque não dava mais para manter minha disposição. Arranjaram uma pessoa para coordenar e eu voltei para o SESP. E me aposentei muito nova. Me aposentei antes de 50 anos. Porque meu curso na Escola Ana Neri, com estágio no hospital, era considerado como trabalho. E nós trabalhávamos mesmo. Aí quando foi a época de me aposentar Eu fui prejudicada demais. Porque enquanto a gente estava lá na Fundação SESP, veio uma autorização para você fazer uma opção. Ou ficar na lei trabalhista ou permanecer na Fundação SESP. Para você permanecer na Fundação SESP você poderia ser transferido para qualquer município do Ceará. Aí eu digo "Bom, eu não entendo de nada. Vou ver o que esse pessoal os colegas resolvem." Aí os médicos todinhos assinaram para passar para a lei trabalhista. Eu digo "Se eles passaram é porque entendem. "Aí cá também passei. E me prejudiquei, quando me aposentei acabou meu salário praticamente. Porque o SESP pagava bem. Um bom salário. Mas graças a Deus está dando. (Maria da Glória Ferreira Façanha)

Sobre sua aposentadoria uma insatisfação por não conhecer se era melhor pedir aposentadoria pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) ou deixar pelo Governo Federal, no qual se engajaria como funcionária pública, porém fez a opção pela primeira e perdeu parte de seus rendimentos, no entanto finaliza sua fala sobre o assunto com tranquilidade, mas se evidencia um cenário de tanta dedicação e trabalho que não foi devidamente recompensado quando se pretende e se tem direito de encerrar a carreira. Ela era jovem quando se aposentou porque era ainda mais jovem quando começou seu caminho, sua trajetória de vida no trabalho.

Glória Façanha era visionária e, após seu trabalho na coordenação do curso de enfermagem na UNIFOR, retomou suas atividades na Fundação SESP, mas

não se desvinculou totalmente da UNIFOR, pois foi aluna do curso de administração, tendo concluído em 1982, aos 50 anos de idade. Conforme o diploma expedido em 1984 (Figura 35), o documento traz a assinatura do novo reitor, o odontólogo Carlos Alberto Batista Mendes de Sousa (1980-1989).

Figura 35 – Diploma de graduação em administração na UNIFOR, 1982



Fonte: Acervo pessoal

Paralelo aos estudos em administração, que levava com mais flexibilidade, deu continuidade ao seu trabalho na Fundação SESP. Assim, retomamos sua agenda de atividades do ano de 1977 para seguir com as análises:

AGENDA PESSOAL – 1977

Janeiro

- 3,4,5,6,7/1º/1977 - SELEÇÃO DE ATENDENTES:
– Nº 02/77 – FORT. LNO – Tabuleiro do Norte.
10,11,12/1º/1977 – Russas – ARA – ITA – FORT.

Junho

- 27/6/1977 – VIAGEM DE SUPERVISÃO:
7h – Saída de Fortaleza / 10h chegada em Russas.
- 28/6/1977 - VIAGEM DE SUPERVISÃO:
– 11h – Saída de Russas / 11h45 chegada em Limoeiro do Norte
- 29/6/1977 - VIAGEM DE SUPERVISÃO:
– 12h – Saída de Limoeiro do Norte / 14h chegada em Jaguaribe
- 30/6/1977 - VIAGEM DE SUPERVISÃO:
– 9h30 – Saída de Jaguaribe / 10h40 chegada ao Icó

Julho

- 1º/7/1977 - VIAGEM DE SUPERVISÃO:
– 14h – Saída de Icó / 20h45 Chegada em Fortaleza.
Russas – Correção de relatório mensal.
Limoeiro do Norte – Entregamos a vacina de Russas.
Motorista com autorização para passar aí
Jaguaribe – Fiquei até as 22h35 - Entrevista Serviços.
Limoeiro – Entrevista serviços, artífice e trabalhador, até 19h.
Jaguaribe – Orientação sobre tubérculos – relatório correção rouparia.
Recebimento de material. Corte e costura. Até as 22h
Icó – Rouparia – Conversei com o médico e enfermeira. Contratada costureira (já autorizei) Cozinha (nada). Até 21h. Falei sobre lepra. Lactário. Não fazendo mais BCG intradérmico (nenhum problema).
1 – todas as cores (listrada) para pijama e short para crianças;
2 – Robe azul, 20m; salmon, 6 metros;
3 – Avental azul, 132 m;

Seguindo sua rotina de visitas, verificamos nas anotações que as orientações nas unidades de saúde eram, como sempre, de organização geral, passando pelo trato com os profissionais: ajudantes, cozinheiras, médicos, técnicos em enfermagem e enfermeiras, pelas orientações junto às famílias por intermédio das visitadoras, pelas cozinheiras e até costureiras, inclusive sendo responsável por diversas providências financeiras. Este último ponto foi, como observamos, o diferencial quando precisou organizar a parte financeira da Escola de Enfermagem

SVP, expertise que fomentou todo o diferencial em sua gestão que não foi só pedagógica, mas também administrativa.

Setembro

- 28/9/1977 – 4ª feira – CURSO PARA VISITADORA SANITARIA
Aula inaugural por Dr. Brito Bastos, após solenidade de inauguração da US.
Ressaltou o valor da Visitadora Sanitária.

Dezembro

- 28/12/1977 – IRACEMA – Icó = 7 diárias – 1.778,00

VIAGENS

Arapari – 3 candidatas: 2 fizeram prova; 1 com escoliose avançada

Amontada – 8 candidatas: 5 fizeram a prova;

Ipú – Pires Ferreira – 4 fizeram a prova;

Delmiro Gouveia – 2 fizeram a prova.

15.1 – 9h15 saída de Fortaleza / 11h20 chegada em Itapipoca
(146 kg) – 13h – Saída de Itapipoca / 13h20 chegada Arapari
(7 kg) – 17h – Saída de Arapari / 17h20 chegada em Itapipoca
7:20h – Saída de Itapipoca / 7h50 Chegada em Amontada (30 kg)
16h15 – Saída de Amontada / 16h50 chegada em Itapipoca (30 kg)

17.1 – 4h10 saída de Itapipoca / 9h50 Chegada em Ipu – Total – 349 kg
12h15 – Saída de Ipu / 12h40 Chegada em Pires Ferreira (20 kg)
12h40 – Saída de Pires Ferreira / 18h Chegada em Ipu (20kg)

ARAPARI: Localidade péssima. Sobe uma ladeira, estrada regula. Ninguém de Amontada aceitou ir para Arapari. Grupo escolar com 2 salas – até 4º ano; Bodega só abre a tarde (FOME).

AMONTADA: Localidade boazinha, simpática, maior. Boas candidatas, inclusive de Itapipoca – Grupo escolar – Quadra de esportes – excelente.

PIRES FERREIRA: Situação regular. Localidade não muito grande, mais clima bom, frio. Terreno excelente atrás do grupo escolar. SAAE – Carteiras em péssimo estado no G.E.

DELMIRO GOUVEIA: Local péssimo. 2 candidatas; 1 filha do serviçal de Ipú. Outra sem idade (- de 19 anos). Não tem professora. Mini posto nunca funcionou. 1ª semana. Morada Nova faz prova neste lugar.

NOVA FLORESTA :Boa recepção, bom tratamento. Provas no posto de saúde. Bem cuidado. Bordado filé.

FEITICEIRO: Boa recepção, Dona Socorro. Dormimos lá. Boas candidatas – Dos três é o melhor lugar. Tem curso normal. Bordado filé, lindíssimo.

MAPUÁ: Local muito pequeno. Povo comunicativo. Somente 2 candidatas.

ICÓ – LIMA CAMPOS: Muito perto de Icó. Boas candidatas (inclusive de Icó). Boa recepção.

ICOZINHO: Todas as candidatas de Icó e só 1 de Icozinho, mas mora em Icó. Fomos até lá (subida) e voltamos para fazer a prova em Icó, pois não tinha condições em Icozinho. Casal simpático, vereador e esposa.

DELMIRO GOUVEIA: Prova realizada na igreja [...] assentada no chão de costas para o santo.

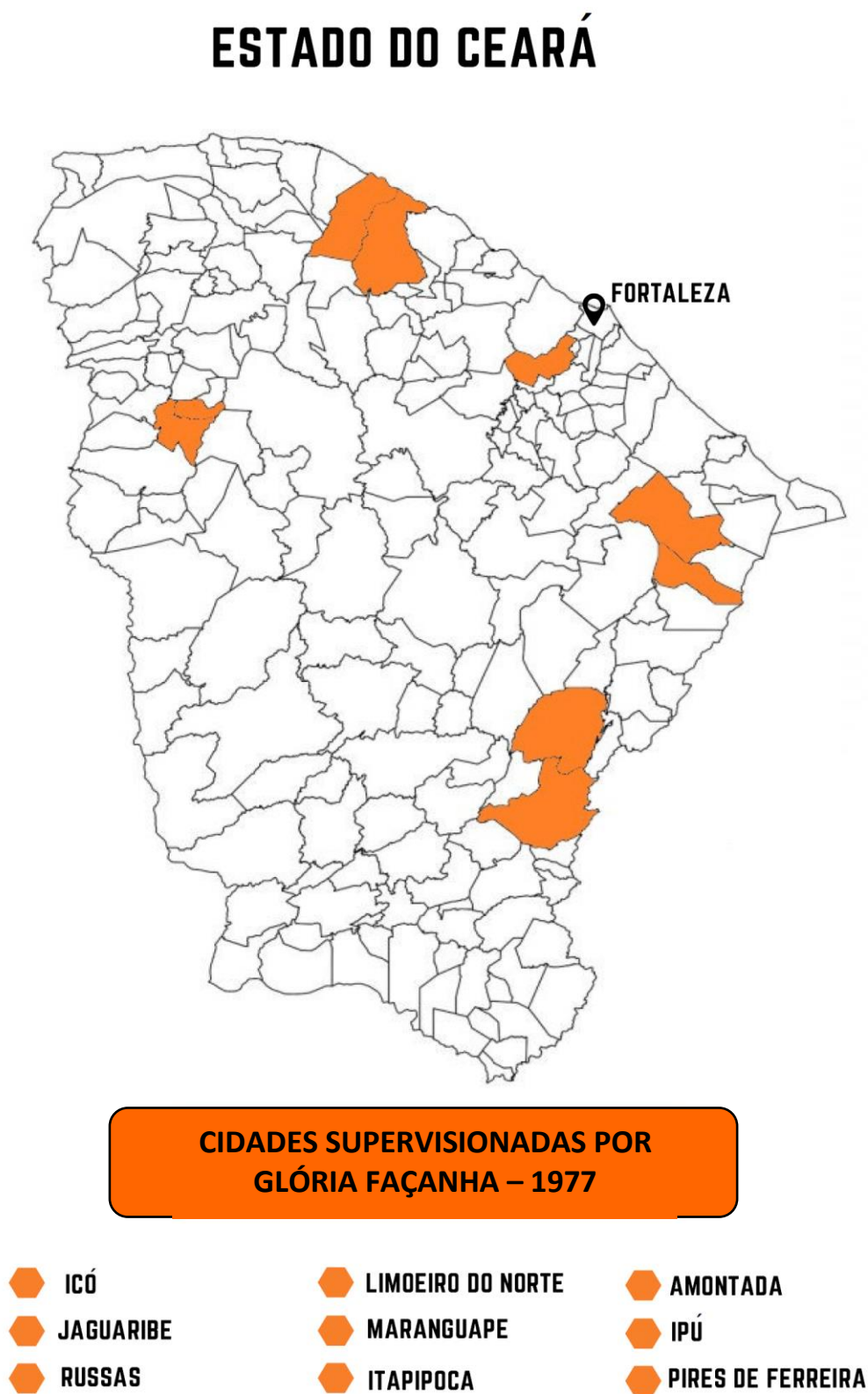
VÁRZEA DO GILÓ; Prova realizada no salão de festa, com bandeirinhas e tudo.

- Ipu: 13h30 – 13h45 Chegada em Jiló (9kg) / 19h15 Saída Giló; 19h30/Ipu saída 9h30.
- Chegada a Fortaleza 16h40 – 397 km.
- 6h30 saída do Ipu, chegada em Delmiro Gouveia 7h / (22km) / 11h30 Saída de Delmiro Gouveia 12h. Chegada em Ipu (22kg).

Observamos que, no ano de 1977, Glória Façanha dá continuidade às viagens de supervisão nas cidades do Interior cearense contribuindo com a assistência e ações de saúde, algumas mais necessárias à época, melhorando a vida da população dessas cidades com instrução sanitária, testes e vacinação, como fez no início de sua carreira nas cidades do Amazonas e do Pará.

Uma militância assistencial, docente e política viva até seus últimos dias de atividades profissionais. Nas anotações do mês de dezembro ela viaja por nove cidades visitando alguns distritos destas. Sobre os municípios visitados apresentamos no mapa do Ceará (Figura 36), para melhor visualização de distâncias e movimentação percorridas por Glória Façanha, para prestação da assistência e do cuidado em enfermagem.

Figura 36 – Mapa do Ceará – cidades cearenses supervisionadas por Maria da Glória Ferreira Façanha de 1977 a 1980



Fonte: elaborado pela autora (2021).

No mapa observamos que Glória Façanha viajou por vários municípios cearenses. Destacamos, por meio das macrorregiões do mapa, que ela passou por: Cariri-Centro-Sul – quando esteve em Icó, Icozinho. Litoral-leste – ao passar por Jaguaribe (Distritos: Nova Floresta, Feiticeiro, Mapuá), Russas e Limoeiro do Norte. Região metropolitana – nas visitas a Maranguape. Litoral-Oeste – quando foi para o município de Itapipoca e Amontada. E por fim, região Sobral-Ibiapaba – na qual ela passou por Ipu, Pires Ferreira, Várzea de Giló¹³⁶. Se lembrarmos do mapa do Ceará – 1964, Figura 21, Glória Façanha visitava 16 municípios do Ceará, no ano de 1977 passa a visitar 9 municípios, o que pra ela gerou uma diminuição considerável ao intenso trabalho.

Percebemos que sua atuação rotineira de supervisora da Fundação SESP, com suas idas e vindas, levava-a para itinerários do norte ao sul do estado cearense para que pudesse contribuir com suas expertises profissionais na área da saúde nessas comunidades, o que evidencia este lado do trabalho no qual ela inicia e finaliza sua profissão.

Com essa seção, na qual se inserem três subseções, sendo que esta se refere a última delas, portanto, no fechamento de uma trajetória, tivemos oportunidade de conhecer mais a vida profissional de Maria da Glória Ferreira Façanha, desde sua formação inicial, sua formação profissional e o desenvolvimento da carreira, que foi de grande valia para a enfermagem cearense, sobretudo no campo universitário, visto que participou de lutas e conquistas pela qualidade e reconhecimento do ensino de enfermagem em nível superior.

¹³⁶ Várzea de Jiló é uma cidade cearense. A escrita do nome nos documentos é com G, diferente do fruto Jiló. Seguimos, portanto, os documentos.

9 TRABALHO, HONRA E OUSADIA: TEMPO DE RECONHECER

Eu sei que o meu trabalho é uma gota no oceano, mas sem ele, o oceano seria menor. (Madre Teresa de Calcutá)

Depois de uma trajetória de vida profissional dedicada à enfermagem, com contribuições no campo da assistência, da gestão e da docência, nessa seção, trazemos o reconhecimento dos pares e das instituições dirigidas, ainda em vida, à pessoa de Maria da Glória Ferreira Façanha. Compreendemos que o trabalho desenvolvido ao longo de uma carreira profissional nem sempre é reconhecido, parafraseando Madre Teresa, na epígrafe desta seção, sem esse trabalho, o oceano do ensino da enfermagem seria menor. É então, nesse espaço, que apresentamos as homenagens e honrarias prestadas a nossa protagonista.

Temos o discurso feito por sua aluna da primeira turma de enfermagem da UNIFOR, datado de 1993, ano em que a universidade completou 20 anos de existência, o registro de uma placa em sua homenagem aos 30 anos da UNIFOR, uma comenda, em 2012, de reconhecimento pelos serviços prestados à UNIFOR, à época, 39 anos de implantação do curso de enfermagem e, por fim, uma homenagem prestada pelo Museu da Enfermagem inserido no Núcleo de Documentação, Informação, História e Memória da Enfermagem no Ceará–NUDIHMEn, no ano de 2018.

9.1 UNIFOR 20 anos de existência - 1993

No ano de 1993, Maria da Glória Ferreira Façanha foi convidada para uma solenidade em comemoração aos 20 anos de implantação do curso de enfermagem na UNIFOR. O convite viera pelo reconhecimento do trabalho realizado no período inicial do curso. O discurso proferido pela ex-aluna da primeira turma e, à época, professora da UNIFOR, Jeanette Klein Antunes, assim refere:

Fortaleza, novembro de 1993

Autoridades presentes,
Senhoras e senhores,
Prezados estudantes,

Existe uma frase que ficou como um paradigma na história da Universidade de Fortaleza: “vi um homem chorar e uma Universidade nascer”; proferida pelo então Ministro da Educação Sr. Jarbas Passarinho por ocasião da inauguração desta Universidade em março de 1973.

Que se comparada a um parto, é o choro a expressão do nascer para a vida. E este homem que chorou foi o seu expoente maior; Sr. Edson Queiroz, que simbolizava o marco referencial da Universidade de Fortaleza, que nasceu para a comunidade para nós que a constituímos.

Na ocasião a universidade abrigava 1.270 alunos dos quais 30 do curso de Enfermagem. Caracterizada por um período de entusiasmo, de confiança, era o segundo curso de Enfermagem a ser criado no Ceará.

A preocupação em qualificar, para atender o mercado de trabalho, sempre foi o objetivo que norteou nossos cursos. E para coordenar o curso de Enfermagem, Glória Façanha. D. Glória como chamávamos, marcou sua presença a partir do vestibular até dezembro de 1976.

Falar de Glória a coordenadora, a professora, a amiga dos alunos, de sua empatia, e ao mesmo tempo, sua seriedade com que sempre conduziu seu trabalho, é para mim um privilégio. Digo isto, porque fui sua aluna, e por coincidência já passei também pela coordenação do curso e cabe a mim hoje, a mesma disciplina que ministrou em 1974 – Deontologia.

Glória Façanha é mineira de Santana de Cataguases, enfermeira formada pela Escola de Enfermagem Ana Neri do Rio de Janeiro. Pós-graduada em Saúde Pública, pela Escola Nacional de Saúde Pública de Manguinhos Rio de Janeiro. Foi chefe do serviço de Enfermagem da unidade de Breves na Ilha do Marajó no Pará por sete anos. Indicada para ser supervisora de enfermagem da Fundação SESP. Diretoria de saúde de 1966-1980.

Foi diretora da Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo (atual curso de Enfermagem da UECE). Participou do projeto da Universidade de Fortaleza em seguida coordenou o curso de Enfermagem. Ministrou as disciplinas: Fundamentos da Enfermagem, Enfermagem na Comunidade III, Deontologia. Tem dois trabalhos publicados: Sensibilidade ao PPD e Inspeção tuberculose em Maranguape-Ceará.

Portanto, não poderíamos hoje, que estamos realizando a III Jornada de Enfermagem, ano em que comemoramos 20 anos da Universidade de Fortaleza, deixar de prestar justa e merecida homenagem a quem, além de sua contribuição profissional para o curso, igualmente teve colaboração para fazer bem a história da Enfermagem no Ceará.

Vivemos um momento político atribulado, nele a saúde parece agonizar, a fome assola o nosso Nordeste, e não poderia deixar de repercutir na Educação e, particularmente, nas escolas privadas. Vinte anos se passaram, hoje com 10.208 alunos com 305 alunos no curso de Enfermagem, com o slogan “ensinando e aprendendo”, quando a UNIFOR atinge sua maioria, mudanças e reformas aconteceram.

E agora, comprometida com a extensão, pós-graduação e a pesquisa, caminha na certeza de estar a serviço daqueles que fazem do estudar sua realização e trabalho.

D. Glória, a senhora bem conhece a carta de São Tiago 3,1. Meus irmãos, que muitos de vocês não assumam o cargo de mestre, a não ser que tenham verdadeira vocação para esse cargo. A senhora com certeza demonstrou verdadeira vocação quando dirigiu e lecionou as disciplinas para as primeiras enfermeiras dessa universidade.

Muito Obrigada!
Jeanette Klein Antunes

Estivemos com a enfermeira e professora Jeanette Antunes, que reforçou as palavras proferidas em seu discurso, e, emocionada, lembrou do início do curso, das disciplinas, colegas de turma e de como foi engrandecedora sua formação. Sobre sua convivência com Glória Façanha, ressaltou a presença firme e muito ética, inclusive recorda da disciplina ministrada por Glória Façanha, Deontologia, e diz ter ministrado essa disciplina e de ter sido também coordenadora do curso de enfermagem da UNIFOR. “Fico feliz em recordar a história dessa enfermeira e professora que marcou minha formação profissional” (Jeanette Antunes).

9.2 UNIFOR: 30 anos de existência – 2003

No ano de 2003, mais uma vez, Glória Façanha é lembrada no curso de enfermagem da UNIFOR, dessa vez, é descerrada uma placa (Figura 37) no prédio do Centro de Ciências da Saúde-CCS, evento ocorrido na Semana da Enfermagem, no período de 19 a 21 de maio do mesmo ano.

Figura 37 – Foto da placa em homenagem a Maria da Glória Ferreira Façanha, UNIFOR, 2003



Fonte: Acervo próprio

Na placa, vemos o nome completo de nossa protagonista, seguido da mensagem de agradecimento em sua homenagem, com a demarcação do período de contribuição à instituição (1973 a 1977). Nas laterais inferiores, à esquerda, logomarca da Universidade de Fortaleza e, à direita, a lâmpada, símbolo da profissão.

9.3 UNIFOR: 39 anos de existência – 2012

Em 2012, Glória Façanha é lembrada para ser homenageada na Semana de Enfermagem da UNIFOR realizada no período de 14 a 16 de maio. Dessa vez, uma das responsáveis pelo evento foi sua ex-aluna Francisca Lucélia Ribeiro de Farias, que nos cedeu depoimentos sobre sua vivência com Glória Façanha, os quais foram relatados em seções anteriores.

Sobre essa semana de comemorações da profissão, Lucélia Farias colocou que a ideia do evento era homenagear as ex-coordenadoras do curso de enfermagem

da UNIFOR até aquela data. Sendo assim, convidaram para o momento: Dra. Maria da Glória Façanha, Dra. Rosalina Partezani, Dra. Jeanette Klein Antunes, Dra. Fátima de Maria Sales Sanford, Dra. Liduína Maria Araújo, Dra. Mirian Calíope Dantas Pinheiro, Dra. Rita de Cássia Moura Diniz, Dra. Miriam Carmen Pardo Soares, Dra. Tatiana de Medeiros Colletti Cavalcante e Dra. Francisca Lígia de Medeiros Martins dos Santos. Cada ex-coordenadora recebeu uma comenda em forma de medalha (figura 38).

Figura 38 – Medalha em homenagem a Maria da Glória Ferreira Façanha em reconhecimento à coordenação exercida no curso de enfermagem da UNIFOR, 2012



Fonte: acervo próprio

A medalha veio em caixa forrada em cetim azul, almofadada dentro para proteção da peça. O suporte (faixa que vai ao pescoço) da medalha é também em cetim azul. A medalha é na cor dourada. Em sua borda e no centro a impressão em película com os dizeres: Dra. Maria da Glória Façanha – Em reconhecimento e gratidão aos serviços prestados ao curso de enfermagem da UNIFOR, ano 2012, e, no fundo, a logomarca da instituição, a UNIFOR.

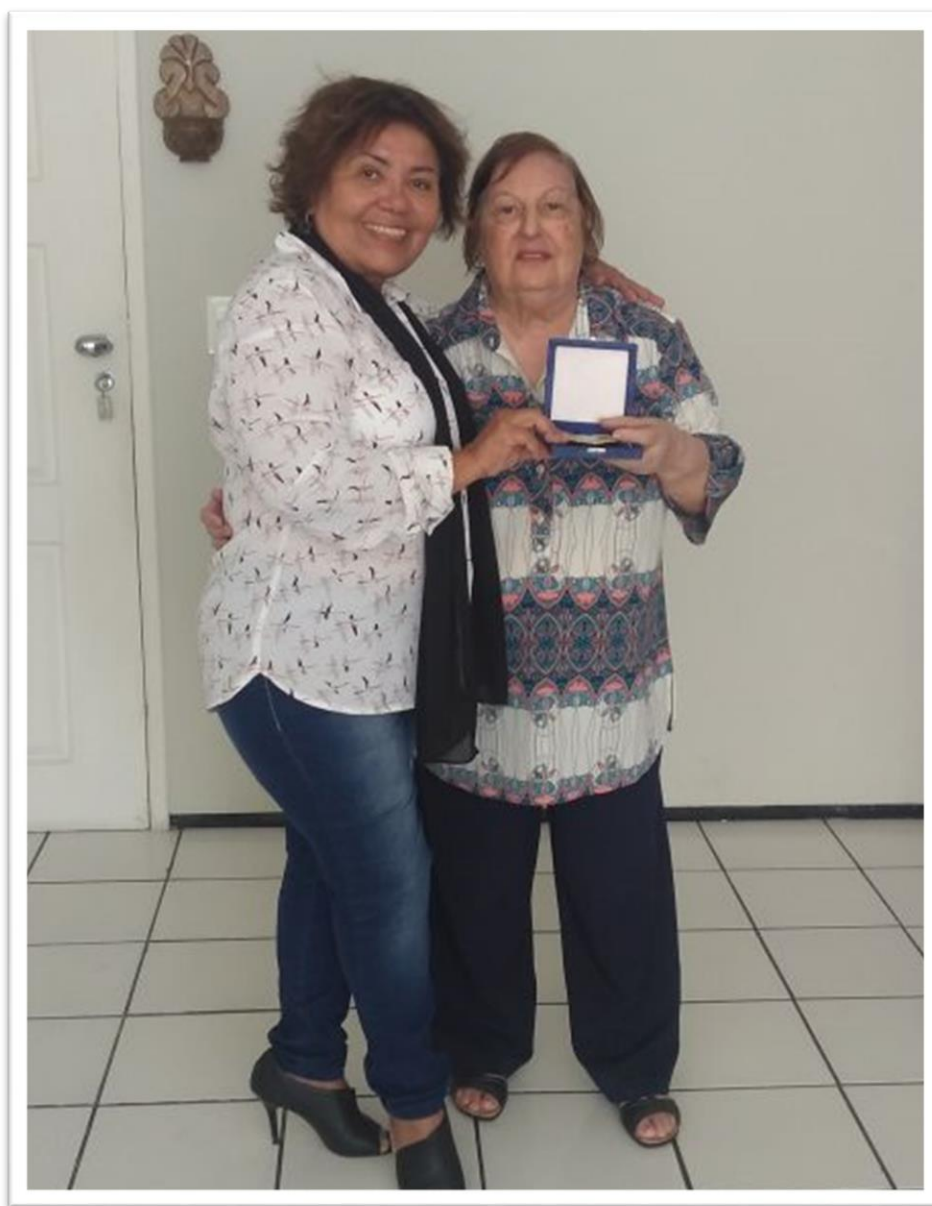
Lucélia Farias relatou que tentou, à época, encontrar a enfermeira e professora Glória Façanha para fazer o convite da solenidade, mas não a localizou no período. Guardou então a comenda para uma entrega futura em mãos. Assim, a professora Lucélia Farias lembra o momento de busca e encontro com Glória Façanha:

Em 2012, nesse trabalho da Semana de Enfermagem, eu fui procurar Maria da Glória. Procurei por todos os locais quem a conhecesse porque eu perdi esse vínculo. Depois, eu fui para ABEN à procura dos vínculos anteriores e ninguém sabia onde é que estava, quando finalmente, no ano de 2017, eu consegui, junto com a Sílvia [Nóbrega-Therrien], nesse trabalho de biografia da professora Glória que ela está desenvolvendo, localizar Maria da Glória. A Sílvia até disse: Lucélia me dê essa comenda que eu entrego, eu disse, de jeito nenhum. Não vou perder essa oportunidade. Eu vou entregar, eu vou sim. Combinamos dia e local, apartamento da Maria da Glória e fomos juntas. Fui entregar a Maria da Glória essa comenda com bem uns 6 anos de atraso, mas isso são as questões da vida, nada acontece por acaso. Eu acho que a situação hoje nós tivemos a oportunidade de estar além da Sílvia, Silvana [Nóbrega] e Vanessa [Forte] também na ocasião lá na casa da Maria da Glória. E é isso, os momentos que eu tive de ensinamento, de participação, reconhecimento e convivência na vida da Maria da Glória.

(Francisca Lucélia Ribeiro de Farias)

A seguir, temos os registros em fotos da entrega dessa comenda, ocorrido no dia 25 de abril de 2018, na residência de Glória Façanha. Foi um momento especial de encontros esperados. A professora e ex-aluna Francisca Lucélia Ribeiro de Farias pôde entregar em mãos a comenda para Glória Façanha (Figura 38). Na ocasião, também estivemos presentes (Figura 39) para registrar o momento.

Figura 39 – Recebimento da comenda da UNIFOR em sua homenagem ocorrida em 2012, 2018



Fonte: acervo particular

Nesse registro, vemos Lucélia Farias fazendo a entrega simbólica da comenda a Glória Façanha, ambas em traje casual, Lucélia Farias, com camisa estampada e echarpe, calça jeans e sandália de salto, Glória Façanha, com blusa comprida estampada e calça em tecido mais leve e sandália baixa preta. Vemos em Lucélia Farias a expressão de alegria no sorriso do encontro com sua mestre

Figura 40 – Encontro de entrega da comenda a Glória Façanha, 2018



Fonte: Acervo particular.

Nessa Figura 40, da esquerda para a direita, a doutoranda do PPGE/UECE Vanessa de Carvalho Forte, a professora Dra. Francisca Lucélia Farias, nossa protagonista Maria da Glória Ferreira Façanha, a coordenadora do Grupo de Pesquisa Educação História e Saúde Coletiva (GPEHSC), professora Dr. Sílvia Maria Nóbrega-Therrien, e a responsável técnica pelo NUDIHME_n, Silvana Monteiro Nóbrega. Para todas foi um momento de alegria e comemoração, início de uma homenagem maior que estava por vir.

Glória Façanha recebeu na data o convite para a inauguração do Museu da Enfermagem inserido no NUDIHME_n, espaço no qual ela seria homenageada como a primeira diretora laica da Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo. Esse evento de inauguração aconteceria no dia 29 de maio de 2018 com a presença do reitor da UECE, professoras pesquisadoras do NUDIHME_n, acadêmicas de enfermagem, autoridades da ABEn, COREn, UFC e UNIFOR e alunas. Homenagem de reconhecimento pela sua luta à frente da direção da escola em período tão conturbado como veremos a seguir.

9.4 HOMENAGEM do Museu da Enfermagem NUDIHMEEn - 2018

Um mês depois do encontro para a entrega da comenda, homenagem da UNIFOR, Glória Façanha é convidada para uma justa homenagem no dia 29 de maio de 2018. Trata-se da inauguração do Museu da Enfermagem inserido no Núcleo de Documentação, Informação, História e Memória da Enfermagem no Ceará (NUDIHMEEn), localizado no espaço do Laboratório e Grupo de Pesquisa Educação, História e Saúde Coletiva – GPEHSC, da UECE, campus Itaperi, em Fortaleza-Ceará. O NUDIHMEEn foi anexado à Academia Cearense de Enfermagem – ACEEn, em reunião realizada em 29 de abril de 2014, e apresentado ao colegiado do curso de enfermagem da UECE, em reunião ordinária realizada em 6 de abril de 2015, para fins de conhecimento, apoio e participação. (FOLDER do Museu, 2010). Na Figura 41, vemos a entrada do Museu da Enfermagem no NUDIHMEEn.

Figura 41 – Entrada do NUDIHMEEn, UECE campus Itaperi, Ceará, 2018



Fonte: acervo próprio

O objetivo do novo espaço é ser um local de guarda, memória e pesquisa da história da enfermagem no Ceará. O espaço foi criado na Universidade Estadual do Ceará – UECE, na qual, como vimos na história da Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo, foi quem estadualizou a escola no ano de 1975. Como a escola foi criada no ano de 1943, o ensino de enfermagem no estado comemorava, em 2018, 75 anos. A Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo, criada em 1943, foi a terceira do país e a primeira fora do eixo Rio-São Paulo, como vimos na história desenvolvida nesse escrito. A fim de ser estadualizada, passou antes por um processo de mudança curricular, ajuste financeiro e outras adequações realizadas por Maria da Glória Ferreira Façanha. Em 1975, a escola foi incorporada, junto com outras unidades e faculdades, fundando a UECE, onde permanece até os dias atuais.

O NUDIHMEEn reúne vasto material coletado, recuperado e recebido como doação – ferramentas, utensílios, fotos, documentos, placas, vestimentas, entre outros. Inclusive recebeu doações de nossa protagonista, como veremos em fotos, os elementos e o expositor (Figura 42) que foram montados com os objetos por ela doados. O expositor é feito em madeira com tampa de acrílico em formato de cubo que guarda pertences pessoais seus e de outra enfermeira e professora com ela homenageada.

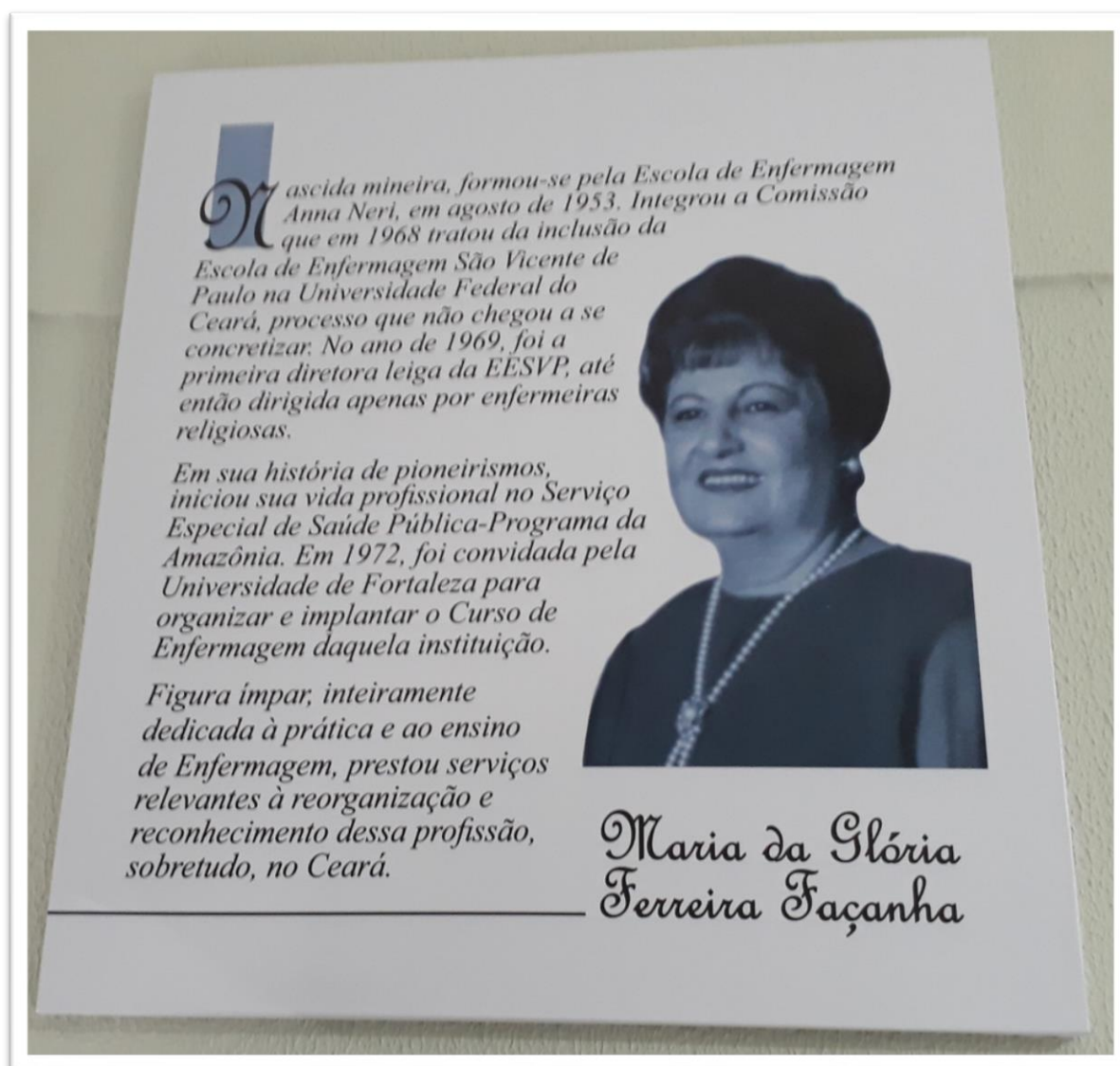
Figura 42 - Expositor com objetos pessoais pertencentes a Glória Façanha, NUDHIMEEn, 2018



Fonte: NUDIHMEEn, UECE, (2021)

Além do expositor (Figura 42), temos no Museu NUDIHME n um quadro em lona, medindo 90cms por 90cms, com a foto e uma breve descrição de vida e profissão de Glória Façanha, ressaltando, sobretudo, sua participação no ensino e formação dos profissionais de enfermagem

Figura 43 – Quadro de Glória Façanha exposto no NUDIHME n, 2018



Fonte: NUDIHME n, UECE, (2021).

No quadro (Figura 43), vemos a foto de Glória Façanha com um largo sorriso nos lábios, cabelo curto e escovado, com pequenas franjas na testa, trajando um vestido de festa, na cor azul escura, com mangas transparentes, portando brincos com uma pérola grande no centro, um colar comprido formado por grandes pérolas e um broche como fecho. Essa foto foi por ela escolhida para ser posta no quadro de

homenagens. Ainda no quadro, como já descrito anteriormente, o registro de sua história pioneira. O quadro com a foto e o escrito homenageando Glória Façanha (Figura 43) está disposto na parede lateral do museu junto a outros dois quadros de profissionais também lembradas e homenageadas na solenidade de inauguração, Ir. Margarida Breves, primeira diretora da EESVP e sua fundadora, e a enfermeira e professora Rachel de Mattos Bastos, diretora e vice-diretora da EESVP, e, posteriormente, do CCS da UECE. A professora e enfermeira Valquíria Albuquerque Sacramento, secretária e professora da EESVP, recebe uma homenagem diferenciada, não só pelo seu trabalho na escola, bem como pela guarda do material dessa instituição e posterior doação ao museu.

Sobre elas já discorreremos em nosso texto, principalmente nos momentos de maior relação com nossa protagonista, a exceção é Ir. Margarida Breves, que vivenciou a escola de enfermagem em outro período que não o de nossa protagonista, uma vez que foi sua fundadora nos idos de 1943.

Dentre os elementos doados por Glória Façanha, temos alguns documentos (Figura 44) e objetos (Figura 42). Em sua trajetória, Glória Façanha participou de muitos eventos e associações. Seguem as imagens de dois documentos expostos no museu:

Figura 44 – Documentos doados ao NUDIHMEN, UECE, Ceará, 2018

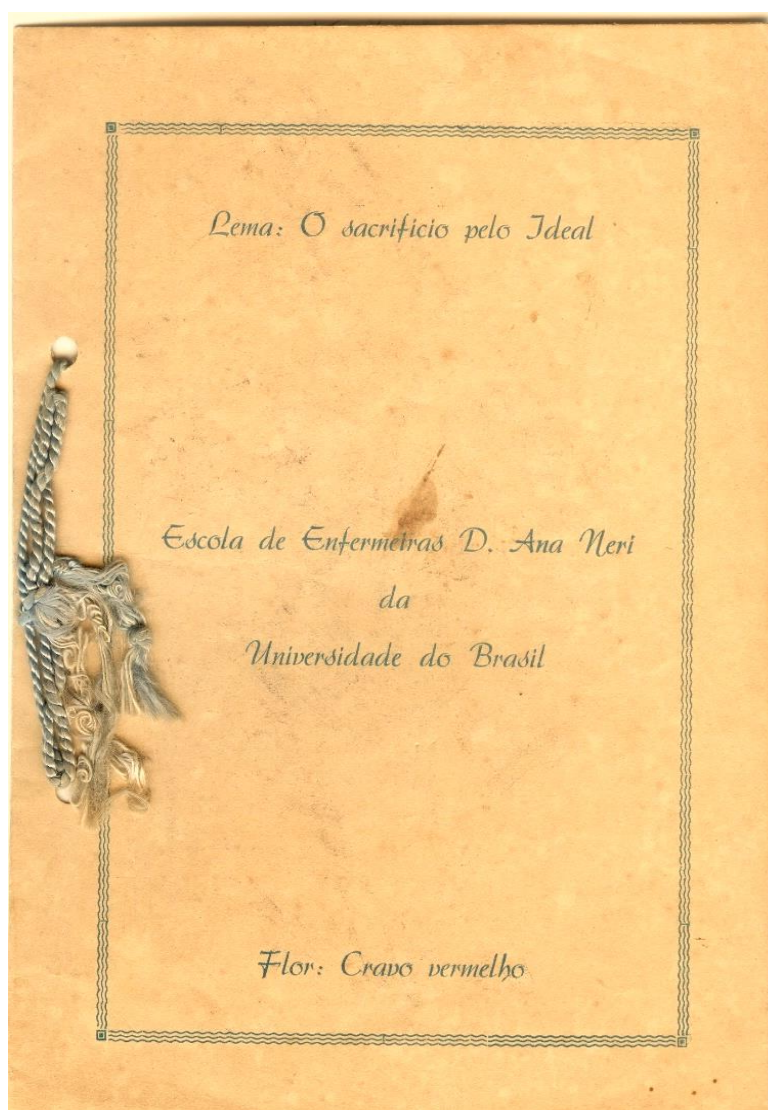


Fonte: NUDIHME, (2021).

Na Figura 46, vemos os documentos que foram doados ao Museu NUDIHME, o documento da esquerda é da Associação dos Professores do Ensino Superior do Ceará (APESC), datado do período em que Glória Façanha foi diretora da Escola de Enfermagem SVP (1969-1972). O documento da direita é da Associação

Brasileira de Enfermagem – Seção Ceará (ABEn/CE), datado de 1969, enquanto Glória Façanha era diretora da Escola de Enfermagem SVP, e 1974, quando já estava na coordenação da UNIFOR. Além desse material, foi doado também o livrinho da solenidade de Imposição de Insígnias (Figura 45). O livro é o convite para essa solenidade da Escola de Enfermagem Ana Neri (1950-1953). Tratamos desse assunto ao discorrer sobre a formação de Glória Façanha nessa instituição.

Figura 45 - Livro da solenidade de Imposição de insígnias, Escola de Enfermagem Ana Neri, 1951



Fonte: NUDHIMEn, UECE, (2021).

Além do livro Figura 45, foram doadas também a comenda – Medalha UNIFOR da homenagem em 2012 (Figura 42), e uma foto de formatura, no ano de

1956, na Escola de Enfermagem Ana Neri (Figura 16). Visualizamos na foto de formatura uma bela jovem com semblante sereno, rosto e cabeça voltados para a lateral, sem focalizar diretamente o fotógrafo. Glória Façanha doou também um traje branco, faixa bracelete branca com o símbolo da cruz de malta bordado, a insígnia também com a cruz de malta e um relógio de pulso.

Tratar dos elementos que fazem o registro de reconhecimento da história e memória de Glória Façanha e que se encontram dispostos à visita do público interessado, no Museu da Enfermagem Cearense-NUDIHME, é uma grande conquista e alegria, uma vez que constatamos a imortalidade dessa trajetória e de seus feitos para a profissão.

Essa seção consagra sua trajetória profissional num momento de emoção e reconhecimento tão importante para a história da enfermagem do Ceará. A solenidade de inauguração do Museu-Núcleo de Documentação Informação História e Memória da Enfermagem no Ceará – NUDIHMEn, ocorreu no dia 29 de maio de 2018, às 9 horas, na UECE, campus Itaperi, Fortaleza Ceará.

Ressaltamos sua presença no museu por ela ter sido a primeira diretora laica da primeira escola de enfermagem do Nordeste e, principalmente, nessa sua biografia mais especificamente, por sua luta em federalizar a Escola de ESVP que, posteriormente, foi estadualizada, bem como por implantar o primeiro curso de enfermagem em uma universidade privada no Ceará.

Estiveram presentes à solenidade profissionais da área da Saúde, Educação e afins, representantes da UECE, de associações, funcionários, professores e estudantes, dentre eles, destacamos as presenças: do reitor da UECE, José Jackson Coelho Sampaio; da diretora do Centro de Ciências da Saúde, Profa. Dra. Gláucia Posso Lima; da coordenadora do Curso de Enfermagem da UECE, Profa. Ms. Francisca Gomes Montesuma; da presidente da Associação Brasileira de Enfermagem Seção Ceará, Profa. Dra. Ana Valeska Siebra e Silva; da presidente da Academia Cearense de Enfermagem, Profa. Dra. Eucléa Gomes Vale; da presidente do Conselho Regional de Enfermagem, Dra. Ana Paula Brandão; da coordenadora do Curso de Enfermagem da UFC, Profa. Dra. Joselane Áfio Caetano; da coordenadora do curso de enfermagem da UNIFOR, Profa. GeisiLanne Muniz Luna.

Também estiveram presentes as homenageadas do dia acompanhadas de familiares. No início do evento, foram homenageadas as enfermeiras diretoras da Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo, enfermeira Ir. Margarida Maria da

Conceição Breves, homenagem (póstuma); Profa. Ms. Maria da Glória Ferreira Façanha, a Profa. Ms. Rachel Gomes de Mattos Bastos e a enfermeira Maria Valquíria, secretária-geral da Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo.

Depois desse momento, todos foram convidados para o lado externo onde ocorreria o descerramento da placa. Foram convidados para o ato de descerramento (Figuras 46): o reitor, Prof. Dr. José Jackson Coelho Sampaio, a Profa. Dra. Sílvia Maria Nóbrega-Therrien, coordenadora-geral do NUDIHMEEn, e a Profa. Dra. Eucléa Gomes Vale, presidente da Academia Cearense de Enfermagem.

**Figura 46 - Descerramento da placa de inauguração do Museu da Enfermagem-
Núcleo de Documentação, Informação, História e Memória da Enfermagem,
UECE, 2018**



Fonte: NUDIHMEEn, UECE, 2021

Observamos, na foto (Figura 46), a presença, à direita, mais à frente, da professora Dra. Sílvia Maria Nóbrega-Therrien, ao fundo, o reitor da UECE, professor

Dr. Jackson Coelho Sampaio, e, do lado esquerdo, a professora Dra. Eucléa Gomes Vale. A professora Dra. Sílvia Maria Nóbrega-Therrien trajava um macacão de mangas longas, na cor preta, portando um belo colar vermelho artesanal. O professor Jackson Sampaio, de camisa social, com mangas longas na cor azul, e calça brim preta. A professora Eucléa Vale vestia um bonito vestido preto com estampa floral, porém o elemento mais importante do momento que veste a todos é o sorriso de alegria e satisfação em inaugurar um espaço historiográfico tão importante, que veio para enriquecer, não só a profissão do enfermeiro e da enfermeira, mas, sobretudo, os estudantes que estão em formação, para que tenham oportunidade de conhecer e aprofundar-se na história e memória da sua profissão.

Após o descerramento da placa, falaram: o reitor, Prof. José Jackson Coelho Sampaio, e a Profa. Sílvia Maria Nóbrega-Therrien (Figura 47):

Figura 47 - Professora Dra. Sílvia Nóbrega-Therrien discursando na solenidade de inauguração do Museu, UECE, 2018



Fonte: NUDIHME, UECE, (2021).

Visualizamos na imagem ao centro a professora Dra. Sílvia Maria Nóbrega-Therrien proferindo seu discurso. Observando o ambiente, vemos os expositores, os

quadros das homenageadas, o quadro de diretoria da Escola de Enfermagem SVP e outros itens.

Após o discurso, o espaço ficou disponível para visita, momento no qual nossa protagonista, Glória Façanha, pôde apreciar os detalhes expostos em sua homenagem, como o expositor com os materiais que ela doou para o Museu-Núcleo. O expositor foi apresentado pela professora Dra. Sílvia Maria Nóbrega-Therrien. Na figura 48, a própria enfermeira e a professora Glória Façanha:

Figura 48 - Glória Façanha observando o expositor em sua homenagem



Fonte: NUDIHMEEn, UECE, (2021).

Na foto (Figura 48), vemos na expressão facial de Glória Façanha, à esquerda, junto ao expositor, sua alegria, admiração e simpatia ao ver seus objetos num espaço que demarca sua história e preserva sua memória, à direita, a professora Sílvia Nóbrega-Therrien apresenta o expositor com um sorriso vitorioso de quem muito trabalhou para que tudo estivesse pronto e em plena harmonia.

Em sua trajetória profissional, Glória Façanha sempre demonstrou articulação política, boa desenvoltura e apreço por boas conversas e isso não se perdeu ao longo do caminho. Vemos, na foto (Figura 49), sua articulação em falar que prende a atenção dos que estão a sua volta.

Figura 49 – Glória Façanha na inauguração do NUDIHMEEn, 2018



Fonte: NUDIHMEEn, UECE, (2021).

Na foto (Figura 49), vemos Glória Façanha conversando com a professora Dra. Irismar de Almeida, trajando blusa branca, calça preta, blazer vinho, portando óculos de grau, a aluna doutoranda Vanessa Forte trajando blusa branca, calça preta e blazer rosa, de costas, está a professora Dra. Sílvia Nóbrega-Therrien, todas muito atentas à fala de Glória Façanha, momento de mais alegria pelo reconhecimento.

Glória Façanha estava encantada com o local e feliz com a homenagem. “É muito bom ser reconhecida por sua caminhada de trabalho”. Podemos dizer que caminhada! Pois vimos na trajetória dela, que percorreu o Sudeste, o Norte e o Nordeste, e, ao chegar ao Ceará, não ficou apenas na capital, viajou por várias cidades, como assinalamos anteriormente, distribuindo cuidados assistenciais às comunidades locais no trabalho laureado realizado pela Fundação SESP.

Estas foram as justas homenagens a quem muito se doou à profissão. Seu esmero e cuidado inerente à formação escolhida de enfermeira, que trabalha com a assistência e o cuidado ao paciente, foram um grande legado a ser reconhecido. Entendemos ser de grande importância Maria da Glória Ferreira Façanha ter participado desses momentos ainda em vida.

10 MARIA DA GLÓRIA FERREIRA FAÇANHA E A CONSOLIDAÇÃO DO ENSINO DE ENFERMAGEM NO CEARÁ: LEGADO QUE COMPÕE A HISTÓRIA

A impressão de que a luta terminou não é real! A luta começa agora, quando deixarão o título de estudante para receberem o de profissional. (Glória Façanha, 1976)

Na seção de introdução desse escrito, quando o registro da caminhada se iniciou, trouxemos na epígrafe a frase de Florence Nigthingale e destacamos as palavras: *“escolhi estudar”*, o que nos propomos ao longo dessa tessitura de tese. Estudamos, analisamos, discutimos, refletimos e narramos num ciclo entrelaçado por histórias e memórias a biografia da enfermeira e professora Maria da Glória Ferreira Façanha e é com ela que abrimos esse último capítulo ou seção que finaliza essa caminhada. Em seu discurso para a primeira turma de enfermeiras formadas da Universidade de Fortaleza (UNIFOR), em 1976, Glória Façanha comunica as alunas recém-formadas que, apesar da conclusão do curso, a luta continua, sobretudo no âmbito profissional.

Glória Façanha, ainda em seu discurso, reforça os cuidados assistenciais que as enfermeiras devem ter com o paciente e seus familiares, especialmente que o foco da profissão é o paciente e é para ele todo o seu cuidado e atenção. Glória Façanha, à época com 44 anos, tinha expertise de uma caminhada profissional vivenciada na construção de um legado, antevia onde outro começo se intuía. Somos solidárias dessa posição por conhecer sua história contada com a ajuda, sobretudo, de lembranças presas na memória.

Para chegarmos à história e contar com a memória de Maria da Glória Ferreira Façanha e colaboradores, passamos pelo percurso do doutorado, com as disciplinas, leituras, participação em grupos de estudo e pesquisa, chegando a uma parada reflexiva que ocorreu no desenvolver dessa escrita, o que nos remete à epígrafe dessa seção dita por Glória Façanha as suas alunas concludentes, na qual reconhecemos também que, ao concluirmos o curso de doutorado acadêmico, nossa luta continua em prol de uma educação que mira seus esforços na emancipação crítico-reflexiva do aprendiz.

Merece destaque nessa caminhada a orientação da e sobre a pesquisa, que não foi só lâmpada clareadora do nosso percorrer, como também guianas escolhas e delineamentos da investigação, sempre com rigor e criticidade.

Nosso objetivo maior nessa inquirição de temática de tese foi '*Demarcar na história profissional de Maria da Glória Ferreira Façanha sua atuação no ensino superior cearenses, a partir da Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo*. Com este propósito traçamos objetivos mais específicos que nos conduziram ao delineamento da pesquisa e, conseqüentemente, ao alcance do que desejávamos contemplar.

Visando contemplar este objetivo maior, nosso caminhar metodológico, posto na seção 4.0 da tese, mostra que desenvolvemos uma pesquisa com abordagem qualitativa de cunho histórico. Foram utilizadas as discussões teóricas ancoradas no conceito de história e memória articuladas à enfermagem, bem como no campo empírico, ancorado nos documentos oficiais, institucionais e privados, como os relatórios que foram feitos para a Fundação SESP e as agendas produzidas naquela época (1967-1980) pela nossa protagonista, assim como pelas atas do CONSUNI da UFC dos anos de 1955 a 1970, material que nos proporcionou verificar com mais detalhes sua atuação na supervisão, gerência, docência e organização do trabalho desta Fundação, da Escola de Enfermagem SVP e na Universidade de Fortaleza.

Esse caminho foi o gerador de dados desta tese enriquecido sobretudo com a história oral produzida nos vários encontros com a professora Glória Façanha em sua casa, conversas memoráveis em registros gravados. Este material foi ancorado em outras entrevistas, duas delas inseridas no banco do NUDIHME e outras quatro realizadas com professoras e ex-alunas da biografada, que nos concederam o uso de suas lembranças. Esses elementos somados aos registros fotográficos e materiais tridimensionais doados ao NUDIHME compuseram a tessitura desse escrito.

Essa pesquisa no campo da história buscou âncora de entendimento na nova história cultural por compreender a renovação historiográfica, representada na história dos *Annales*, na história oral e na história de formação das enfermeiras professoras, pioneiras nessa profissão, campo com possibilidade de conexão com uma diversidade maior de evidências orais, escritas e documentais. Todos estes achados ajudaram a contemplar os objetivos mais pontuais então propostos nesta tese.

A busca por situar os estudos sobre a história e memória de enfermeiras pioneiras no ensino de enfermagem no campo da historiografia da profissão' foi nosso primeiro objetivo específico, que pode ser revelado na seção 3.0 desta tese na qual trabalhamos o Estado da nossa Questão. Com o EQ de um total de 343 trabalhos inventariados em bancos como: BVS, BDTD, REBEn, HERE e acervo particular, foram selecionados e analisados 46 trabalhos, dentre artigos, dissertações e teses, por estarem relacionados ao nosso tema. Encontramos 32 biografias sobre 24 personalidades (Quadro 08), número pouco representativo, se se levar em consideração a história da enfermagem e todas as personalidades que marcaram e marcam essa profissão. Consideramos assim que o quantitativo de biografias, historiografias a serem reveladas se torna terreno fértil para novas produções acadêmicas. Constatamos ainda que as biografias, historiografias de enfermeiras, de professoras enfermeiras, presentes em nosso EQ (n=24), são advindas, em sua maioria, da região Sudeste (eixo: Rio/São Paulo), que é destaque com 54% (n=13) delas, em seguida, vem a região Nordeste com 33%(n=8) e a região Sul com 13% (n=3). Dentre as enfermeiras biografadas que fizeram história na região Nordeste, especificamente no Ceará, localizamos no mapeamento apenas a enfermeira e professora Maria Grasiela Teixeira Barroso, que desenvolveu sua profissão nesse estado atuando principalmente na UFC, tendo sido formada na Escola de Enfermagem SVP. Apesar de localizarmos nessas pesquisas biográficas proximidades a nossa temática, em nenhuma delas consta a história e contribuições da enfermeira, professora e gestora Maria da Glória Ferreira Façanha, dado que evidencia a importância e o ineditismo desta tese.

Com relação ao objetivo específico 'Descrever e caracterizar a história e memória de Maria da Glória Ferreira Façanha, assim como seus contributos nos cursos de enfermagem cearenses, particularmente no período de 1968 a 1980', foi contemplado nas narrativas explícitas e submergidas na história dessa protagonista nas seções: 6.0, 7.0 e 8.0 deste escrito.

Quanto à seção 6.0, que trata da presença de *Maria da Glória Ferreira Façanha em fragmentos de vida em histórias e memórias que importam registrar* e que no corpo do texto se subdividem em *Laços de família - Nascimento e letramento; Formação na Escola de Enfermagem Ana Neri – Experiência de inserção e convicção de profissão* e, finalmente, em *Caminho profissional - Experiência e vivências na Fundação SESP* – podemos inferir que Glória foi uma mulher que avançou uma

geração ao se lançar fora de sua condição de gênero - que era, à época, a saída do lar para o casamento - para os grandes centros urbanos em busca de formação e trabalho.

A formação em enfermagem proporcionou a oportunidade de ingresso na Fundação SESP e se lançar em terras bem longínquas, lá pelo Pará e Amazonas, quebrando os desafios postos a sua condição de mulher naqueles tempos, sempre à frente de seu tempo. Vamos constatar por meio de sua profissão uma caminhada que aprofundou seus conhecimentos formando e desenvolvendo sua práxis profissional: administrativa, junto aos técnicos e auxiliares de enfermagem, pedagógica, com as visitadoras sanitárias, e de assistência e cuidado com a população em suas visitas para as campanhas de vacinação, prevenção a doenças e outras ações sanitárias tão necessárias à época. Todas essas experiências foram formando essa profissional que expandia seus conhecimentos, tornando-a apta à função de supervisora-chefe de enfermagem da fundação SESP, cargo de confiança atribuído graças as suas habilidades e competências firmadas no desenvolvimento do seu trabalho, triunfo fruto do trabalho reconhecido.

Com relação à seção 7.0, que se intitula de *Chegada à Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo: desafio e luta pela federalização do curso*, como sendo um registro mais longo e mais diretamente antenado ao foco da vivência que se quer situar, analisar e registrar, esta parte do estudo se subdivide em duas partes assim denominadas *Universidade do Ceará: início de uma caminhada no ensino superior* e a outra *Glória Façanha: luta pela federalização da Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo*. Uma temporalidade longa que pode ter como inferência sua expertise de administração e organização financeira, visto que ela recebeu a Escola de Enfermagem SVP com problemas dessa ordem, na qual realiza a organização contábil e administrativa, além de contribuir na preparação do memorial (documento histórico social da Escola de Enfermagem SVP) para entrega à UFC com a finalidade de pleitear a federalização junto a esta instituição, solução para equalizar as dificuldades financeiras da escola. Outra ação desenvolvida é a gestão pedagógica e docência ao atuar na direção da Escola de Enfermagem SVP como primeira diretora laica na construção e adaptação do currículo, adequando-o à reforma universitária (5.540/68) para que este se enquadrasse às estruturas da universidade, visando também atender ao perfil de enfermeira a ser formada na docência, ministrando as disciplinas, dando apoio aos alunos, na política, quando transcende os muros da

escola em busca de apoio à comunidade civil e legislativa do estado e, fora dele, para sua federalização junto à UFC. Aqui na escola apresenta uma excelente desenvoltura ao articular e dialogar com políticos na luta pela federalização além de apresentar uma matriz curricular adequada à reforma e finanças organizadas. Glória Façanha, portanto, assume a luta enfrentando os mais diversos desafios nessa caminhada pela Escola ESVP em busca da consolidação do ensino de enfermagem na primeira instituição universitária cearense. Uma luta que a fortalece e consagra sua expertise.

E finalmente na seção 8.0, que no texto traz *A enfermagem chegando à Universidade de Fortaleza: inserção e trabalho de Glória Façanha*, uma temporalidade que marca ao todo quatro anos intensos de trabalho, que são finalizados com o seu retorno à Fundação SESP (1977) e que podemos inferir que todo o seu aprendizado contribuiu para o convite de participar e atuar na implantação do primeiro curso de enfermagem da Universidade de Fortaleza-UNIFOR.

Como resultado de um caminhar que escreve uma história significativa como mulher e profissional de enfermagem, Glória Façanha precisou das ações de gestão e docência pedagógica para preparar o projeto pedagógico, a matriz curricular, organização do corpo docente, posteriormente ministrar disciplinas, desenvolver reuniões, além de realizações de ações administrativas e políticas. Em conversas com suas ex-alunas do curso de enfermagem da Universidade de Fortaleza foram destaques suas qualidades éticas e organizacionais como pessoa e profissional, sobretudo na coordenação do curso e nas disciplinas ministradas.

As atividades aqui registradas e sublinhadas desenvolvidas pela nossa protagonista durante sua trajetória de vida e trabalho mostram uma práxis enraizada e contextualizada advinda dessa experiência profissional adquirida ao longo de sua caminhada, fatos e inferências que nos remetem ao nosso último objetivo específico a ser contemplado, que foi 'registrar e analisar os elementos predominantes da expertise profissional de Maria da Glória Ferreira Façanha na consolidação do ensino superior de enfermagem do Ceará'. A expertise de Glória, ao mesmo tempo em que era construída na temporalidade vivida, mais se fortalecia e a credenciava para os desafios assumidos em cada instituição nas quais deixou sua marca. Esta expertise foi alimentada no desfecho de cada etapa profissional vivenciada por nossa protagonista. A trajetória histórica referendada na consolidação do ensino superior em enfermagem pode ser inferida nos registros das reconhecidas e expressas homenagens, momentos de glória narrados na seção 9.0 deste escrito e que trazem

as honrarias recebidas por Glória Façanha. Justas homenagens para uma mulher que, apesar das limitações da época vivenciada, sobretudo quanto ao espaço feminino nos cenários de profissão e gestão, conseguiu trabalhar, estudar e formar muitos outros enfermeiros e enfermeiras cearenses.

Contemplados os objetivos, retomamos nosso pressuposto de tese: *A atuação pioneira da enfermeira docente Maria da Glória Ferreira Façanha, por meio de sua expertise profissional, contribuiu para o fortalecimento do ensino da enfermagem no Ceará e da profissão na sociedade cearense e brasileira.* Entendemos que ela foi CONFIRMADA, sim, a história agora revelada mostrou a posição de protagonismo na história do ensino da enfermagem cearense e brasileira dessa mulher, enfermeira, professora e gestora.

Para o desenvolvimento da realização e da escrita desta tese, entendemos que o caminho da pesquisa não é fácil e tivemos algumas dificuldades, tais como: algumas de ordens pessoais, o momento de pandemia com a COVID-19, no Ceará, desde março de 2020, com isolamento rígido, visto que é uma doença altamente contagiosa e com severos sintomas não curáveis, levando muitos a óbito. Este fato não só gerou o problema relacionado à doença como também problemas psicossociais devido à mudança repentina no modo de vida de todos nós, visto que foi necessária a prática do isolamento social. A COVID, diante de tantas consequências produzidas, permitiu alargar o nosso tempo de defesa no programa de doutorado em mais seis meses, o que possibilitou com ajudas a finalização deste trabalho.

Outro fator limitante do caminho foi estabelecer a construção da narrativa da história de uma personalidade com o rigor científico e empreendimento necessário para a escrita acadêmica de uma tese, além de perceber a limitação na coleta de alguns relatos orais, sobretudo de seus familiares, devido ao “tempo de pandemia” vivenciado. Trouxe também algumas dificuldades a não familiarização com a história e com a história da enfermagem, sendo, portanto, espaço para aprendizado diário e desafiador.

E por fim, a maior de todas as dificuldades foi ter conhecimento da morte da nossa querida Glória Façanha, aos 89 anos, por COVID, no dia 27 de abril de 2021, quando tentei entrar em contato com ela para lhe passar este escrito sobre sua trajetória histórica, com a finalidade de mais contribuições, se necessário e, sobretudo, acreditação final de sua caminhada, como também o momento de mostrarmos a esta

mulher a grandeza de seu trabalho e o registro deste para sempre na história da enfermagem brasileira e cearense.

Glória Façanha, como diz a sabedoria japonesa, *leva tempo bom aonde quer que vá. Com ela por perto não tem tempo ruim. E como diz ela própria 'A impressão de que a luta terminou não é real! A luta começa agora[...]* como uma mulher de grandes batalhas empreendidas acrescentaríamos que a luta dela, agora em outro plano, permanece de outra forma, no exemplo e no legado deixado. Obrigada, Maria da Glória Ferreira Façanha.

Complementando conclusões na compreensão do movimento de pesquisa sobre a formação docente e profissional, reconhecendo que esta envolve personalidades importantes que ainda são desconhecidas até por seus pares, entendemos como oportuno para pesquisas futuras indicar alguns caminhos, como: pesquisar a história e memória de outras enfermeiras docentes que marcaram a história da enfermagem cearense, articular as pesquisas ao NUDIHME evidenciando esse local como ponto essencial da salvaguarda da memória da profissão e pesquisar a história contemporânea das personalidades que estão fazendo a história da enfermagem hoje.

Nossa caminhada de conhecimento e garimpagem dessa história e memória possibilitou discorrer sobre a narrativa dessa mulher, enfermeira, professora, que marcou a trajetória historiográfica da Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo ao ser a sua primeira diretora laica a lutar por sua federalização, bem como por ter sido a responsável pela implantação do curso de enfermagem da Universidade de Fortaleza, primeira instituição privada de ensino superior no Ceará. Conhecer, cartografar, biografar seu desenvolvimento pessoal e profissional, as vivências e apreensões de toda uma vida sendo compartilhada em situações existenciais concretas foram mais do que proveitosas em todos os sentidos, sobretudo no registro de fatos e acontecimentos importantes na construção de uma profissional e de uma profissão. Fez-se, portanto, evidente nessa longa parceria um estudo que desse visibilidade a essa profissional que influenciou tanto a formação acadêmica quanto profissional das enfermeiras, sobretudo cearenses.

A história e a memória de Glória Façanha referida nessa tese não encerram toda a experiência dessa mulher que, com seu empenho profissional, marcou com pioneirismo a história da enfermagem cearense. Narrar a história de Glória Façanha foi um processo de construção gradual e participativo, visto que, até abril de 2021, ela

pôde nos privilegiar com sua presença amigável e de excelente memória, recebendo-nos em sua residência até 15 de janeiro de 2020, complementando a pesquisa com elementos orais de sua experiência. Nossas conversas também ocorriam por telefone. Nosso último contato foi no dia 7 de abril de 2021 para combinarmos a entrega do material escrito por nós com sua história. Infelizmente, após nosso contato, ainda no mês de abril, Glória Façanha, aos 88 anos, foi acometida pela COVID-19, não resistindo e vindo a óbito em 27 de abril de 2021. Em agosto de 2021, mês que Glória Façanha completaria 89 anos (15.8), trazemos esse texto *in memoriam*, com gratidão a essa profissional que tanto contribuiu para o crescimento e engrandecimento ao ensino da enfermagem, sobretudo cearense.

REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, Ana Lúcia; DAHER, Donizete Vago; SANTOS, Nathalia Telles Paschoal. Uma vida, uma história, uma enfermeira: Sidênia Alves Sidrão de Alencar Mendes. **Hist. enferm. Rev. Eletrônica**, v. 11, n. 1, maio 2012.
- ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2013.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENFERMAGEM. Comissão permanente de Educação em Enfermagem. **Sobre uma nova proposta de currículo mínimo para formação do enfermeiro**. Brasília: ABEn, 1989.
- AZEVEDO, Miguel Angelo de. **Cronologia Ilustrada de Fortaleza - Roteiro para um turismo histórico e cultural** - Nirez - Data do Fato: 25/fevereiro/1967.
- BARBOSA, Elane da Silva. **Do estágio ao internato: o percurso da formação da enfermeira para o cuidado**. 2019. 381 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2019.
- BEZERRA, Camila de Oliveira. FREITAS, Genival Fernandes de Freitas. Isabel Cristina Kowal Olm Cunha: Conhecendo A Trajetória De Uma Enfermeira. **HERE - História da Enfermagem Revista Eletrônica**, v. 4, n. 1, p. 72-87, jan./jul. 2013
- BARREIRA, Leda de Alencar; BAPTISTA, Suely de Souza. Haydée Guanais Dourado: carisma e personalidade a serviço de um ideal. **Rev. Bras. Enferm.**, v. 55, n. 3, p.275-292, fev. 2002.
- BARROS, José D'Assunção. Memória e história: uma discussão conceitual. **Revista Tempos Históricos**, v. 15, p. 317-343, 201. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/tempohistoricos/article/view/5710/4287>. Acesso em: 03 nov. 2018.
- BARROSO, Maria Grasiela Teixeira. **Dez Anos Curso de Enfermagem/UFC**. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1992.
- BIBLIOTECA VIRTUAL EM SAÚDE, ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Guia BVS 2011**. Disponível em: <https://bvsalud.org/sobre-o-portal/> Acesso em: 08 abr. 2020.
- BIBLIOTECA VIRTUAL EM SAÚDE. **Diretrizes para enfermagem no brasil: Relatório final do Levantamento de Recursos e Necessidades de Enfermagem no Brasil 1956-1958**. Brasília: ABEn, 1980.
- BORENSTEIN, Miriam Süsskind; PADILHA, Maria Itayra; **O método de pesquisa histórica na Enfermagem**. Texto Contexto Enferm, Florianópolis, v. 14, n. 4, p. 575-84, out./dez. 2005

BORENSTEIN, Miriam Süsskind; PADILHA, Maria Itayra Coelho de Souza; CAETANO, Tatiana Lúcia; MANCIA, Joel Rolim. **Hilda Anna Krisch: pioneira na enfermagem catarinense - formação e contribuição.** Rev. bras. Enferm., v. 57, n. 3, p. 366-370, jun. 2004.

BORENSTEIN, Miriam Süsskind. PADILHA, Maria Itayra. MAIA, Ana Rosete. COSTA, Eliani. GREGÓRIO, Vitória Regina Petters. ESPINDOLA, Ana Maria Koerich. **Ottillie Hammes: pioneira da enfermagem catarinense.** Rev. Brasileira de Enfermagem, v. 62, n. 2, abr. 2009.

BOSI, Ecléia. **A pesquisa em memória social.** Psicologia USP, São Paulo, v. 4, 1993

BOSI, Ecléia. **Memória e Sociedade: Lembranças de velhos.** São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOSI, Ecléia. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social.** São Paulo: Ateliê, 2018.

BOURDIEU, Pierre. Espaço físico, espaço social e espaço físico apropriado. **Estudos Avançados**, v. 27, n. 79, p. 133-144, 2013. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/68707>. Acesso em: 03 nov. 2018.

BOURDIEU, Pierre. Bourdieu e a questão das classes: Capital simbólico e classes sociais. **Journal of Classical Sociology**, v.13, n. 2, maio 2013.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** Lisboa: Difel, 1989.

BRASIL. Decreto lei nº 20.109, de 15 de junho de 1931. Regula o exercício da Enfermagem no Brasil e fixa as condições para a equiparação das Escolas de Enfermagem e Instruções Relativas ao Processo de Exame para Revalidação de Diplomas. **Diário Oficial República Federativa do Brasil**, Brasília, 1931.

BRASIL. Decreto nº 79.172, de 26 de Janeiro de 1977 - Concede reconhecimento à Universidade Estadual do Ceará, com sede na cidade de Fortaleza, Estado do Ceará. **Diário Oficial da União**, Seção 1 – 27jan. 1977. 1090p. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1970-1979/decreto-79172-26-janeiro-1977-428076-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 20 out. 2020.

BRASIL. **Parecer n. 837/68.** Criação do curso de Licenciatura em Enfermagem. Brasília: Ministério da Educação, 1968b.

BRASIL. Secretaria de Ensino Superior. **O ensino superior no Brasil - 1974-1978:** relatório. Brasília: MEC, SESu, CODEAC, 1979.

CONSELHO NACIONAL DE SECRETÁRIOS DE SAÚDE. **Sistema Único de Saúde.** Brasília: CONASS, 2007.

BRASIL. **Decreto nº 791/1890, 27 de Setembro de 1890.** Cria no Hospício Nacional de Alienados uma escola profissional de enfermeiros e enfermeiras. Brasília, 1890.

BRASIL. **Decreto nº 19.402, 14 de novembro de 1930.** Cria uma Secretaria de Estado com a denominação de Ministério dos Negócios da Educação e da Saúde Pública. Brasília, 1930.

BRASIL. **Decreto nº 20.109, 15 de junho de 1931.** Regula o exercício da enfermagem no Brasil e fixa as condições para a equiparação das escolas de enfermagem. Brasília, 1931.

BRASIL, Ministério da Saúde. Normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. **Resolução n. 466/12 de 12 de dezembro de 2012.** Brasília, DF: CNS, 1996.

BRASIL. Parecer n. 163/72 de 28 de janeiro de 1972. Dispõe sobre o currículo mínimo dos cursos de enfermagem e obstetrícia. *In*: BRASIL. Ministério da Saúde. Fundação Serviços de Saúde Pública. **Enfermagem, legislação e assuntos correlatos.** 3. ed. Rio de Janeiro: MS, 1974. v. 3, p. 721-4.

BRASIL. Portaria n. 1721, de 15 de dezembro de 1994. Dispõe sobre currículo mínimo e duração do curso de Enfermagem. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, 15 dez. 1994. Seção 1:1.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF: MEC, 1996.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, 1988.

BRASIL. **Decreto nº 15.230/21.** Aprova o regulamento para o Serviço de Saúde do Exército em tempo de paz. Brasil, 31 de Dezembro de 1921.

BRASIL. **Decreto nº 16300/23, 31 de Dezembro de 1923.** Aprova o regulamento do Departamento Nacional de Saúde Pública. Brasília, 1923.

BRASIL. **Decreto Federal nº 87.497/82, 18 de agosto de 1982.** Regulamenta a Lei nº 6.494, de 07 de dezembro de 1977, que dispõe sobre o estágio de estudantes de estabelecimentos de ensino superior e de 2º grau regular e supletivo, nos limites que especifica e dá outras providências. Brasília, 1982.

BRASIL. **Lei 5.540/68, 28 de novembro de 1968.** Fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média, e dá outras providências. Brasília, 1968.

BRASIL. **Lei nº 6.494/77, 07 de dezembro de 1977.** Dispõe sobre os estágios de estudantes de estabelecimentos de ensino superior e de ensino profissionalizante de 2º grau e supletivo, e dá outras providências. Brasília, 1977.

BRASIL. **Lei nº 8.080/90, 9 de setembro de 1990.** Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. Brasília, 1990.

BRASIL. **Lei nº 8.142/90, 28 de dezembro de 1990.** Dispõe sobre a participação da comunidade na gestão do Sistema Único de Saúde (SUS) e sobre as transferências intergovernamentais de recursos financeiros na área da saúde e dá outras providências. Brasília, 1990.

BRASIL. **Parecer CNE/CES nº 329/2004, 11 de novembro de 2004.** Carga horária mínima dos cursos de graduação, bacharelados, na modalidade presencial. Brasília, 2004.

BRASIL. **Parecer nº 314/94, 06 de abril de 1994.** Dispõe sobre o novo currículo mínimo do curso de graduação em Enfermagem. Brasília, 1994.

BRASIL. **Portaria 1721/94, 15 de dezembro de 1994.** Dispõe sobre currículo mínimo e duração do curso de Enfermagem. Brasília, 1994.

BRASIL. **Resolução nº 9/69, 10 de dezembro de 1969.** Incorpora ações aos Pareceres CFE nº 292/62 e 672/69 acerca dos currículos mínimos dos cursos que habilitam ao exercício do magistério. Brasília, 1969.

BRASIL. **Resolução nº 4/72, 25 de fevereiro de 1972.** Dispõe sobre o currículo mínimo dos cursos de enfermagem e obstetrícia. Brasília, 1972.

BRASIL. **Resolução CNE/CES nº 03/2001, 07 de novembro de 2001.** Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem. Brasília, 2001.

BURKE, Peter. **Variedades de História cultural.** Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2000

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BURKE, Peter. **História e teoria social.** São Paulo: Unesp, 2012.

CARDOSO, Maria Manuela Vila Nova; MIRANDA, Cristina Maria Loyola. **Anna Justina Ferreira Nery: um marco na história da Enfermagem brasileira.** Rev. Bras. Enferm., v. 52, n. 3, p.339-348. set 1999.

CARLOS, Djailson José Delgado. MOREIRA, Jaime Alonso Caravaca. PADILHA, Maria Itayra. **Enfermeira Elita Marinho: uma representante potiguar na Segunda Guerra mundial.** Hist. enferm., Rev. Eletrônica, v. 3, n. 2, p. 190-205, 2012.

CARRASCO, Ana Virgínia de Almeida. **Professor-enfermeiro: significados e Profissão Docente.** 2009. 211 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Santos, Santos, 2009

CARRIJO, Alessandra Rosa. **Registros de uma prática:** anotações de enfermagem na memória de enfermeiras da primeira escola nightingaleana no Brasil (1959 – 1970). 2007. 145f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo, 2007.

CAVALCANTE, Maria Beatriz de Paula Tavares; LIMA, Camila Viana; ALVES, Maria Dalva Santos. Grasiela Barroso: ícone da Enfermagem. **História da Enfermagem Revista Eletrônica**, v. 1, n. 2, p.295-303, 2010.

COELHO NETO, Antero. **Uma universidade para o Nordeste**: projeto da universidade. Fortaleza: Fundação Educacional Edson Queiroz, 1972

COELHO NETO, Antero. **Universidade verbo ir**. Fortaleza: Fundação Educacional Edson Queiroz, 1973

COELHO NETO, Antero. **A universidade verbo ir no presente do indicativo**. Fortaleza: Fundação Educacional Edson Queiroz, 1977. 128 p.

COELHO NETO, Antero. **A universidade verbo ir no pretérito perfeito**. Fortaleza: Fundação Educacional Edson Queiroz, 1980

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM. **Decreto no 94.496, de 08 de junho de 1987**. Lei do Exercício Profissional no 7.498, de 25 de junho de 1986. Rio de Janeiro, 1990.

COSTA, Roberta. PADILHA, Maria Itayra. AMANTE, Lúcia Nazareth. COSTA, Eliani. BOCK, Lisnéia Fabiani. **O legado de Florence Nightingale: uma viagem no tempo**. Texto contexto - Enfermagem vol.18 no.4 Florianópolis, out./dez. 2009

DURHAM, E. R. **Uma política para o ensino superior brasileiro**: diagnóstico e proposta. São Paulo: Universidade de São Paulo; Nupes, 1998. 66p. (Documento de Trabalho Nupes n. 1/98).

FARIAS, Isabel Maria Sabino de; JARDILINO, José Rubens Lima; SILVESTRE, Magali Aparecida; ARAÚJO, Regina Magna Bonifácio. **Pesquisa em Rede**: diálogos de formação em contexto coletivos de conhecimento. Fortaleza: EdUECE, 2018.

FARIAS Isabel Maria Sabino de. ROCHA Cláudio César Torquato Desenvolvimento Profissional de Professores da Educação Básica: reflexões a partir da experiência no PIBId. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 24, n. 3, p.123-140, set./dez. 2016.

FORMOSINHO, João. **Dilemas e tensões da universidade frente à formação de profissionais de desenvolvimento humano**. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2009. (Cadernos pedagogia Universitária)

FORTE, Vanessa de Carvalho. **Formação de formadores uma experiência no curso de Administração à distância**. 2010. 86f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2010.

FRAZÃO, Eneida Schramm. **30 anos**: Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo. 1943-1973. Fortaleza: [s.n.], 1973.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FONSECA, Rosa maria Godoy Serpa da. FORCELLA, Hideko Fakeuchi; BONIN Barbara Barrionuevo. Maria Rosa Sousa Pinheiro: Uma bela mulher feita de tango, ousadia e Enfermagem. **História da Enfermagem Revista Eletrônica**, v. 3, n. 1, p.47-55, 2012.

FUNDAÇÃO ROCKFELLER. **Nossa história.** Copyright 2021. Disponível em: <https://www.rockefellerfoundation.org/about-us/our-history/> Acesso em 21/06/2021.

GARCÍA, Marcelo Carlos. **Formação de professores:** para uma mudança educativa. Portugal: Porto Ed., 1999.

GERMANO, Raimunda Medeiros. Organização da Enfermagem Brasileira. **Enfermagem em Foco**, v. 1, n. 1, p. 14-17, 2010.

GHEDIN, Evandro. FRANCO, Maria Amélia. **Pesquisa em educação:** alternativas investigativas com objetos complexos. São Paulo: Edições Loyola. 2006

GONÇALVES, Sun-Eiby Siebra. **História da formação da enfermeira no Brasil:** o estado da arte. 2017. 137f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2017.

GREGÓRIO Neto, João. FREITAS, Genival Fernandes de. BONINI, Barbara Barrionuevo. SILVA, Giane Christina A. da. Silva, Stael Silvana B. E. da. PORTO, Fernando Rocha. Josete Luzia Leite: opção e trajetória na enfermagem brasileira. **Hist. enferm., Rev. Eletrônica**, v. 3, n. 1, p. 36-45, 2012.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** Tradução de Beatriz Sidou. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2013.

HERZINGER, Ana Rotília. Alice Michaud: dedicação e glória: a primeira enfermeira do Paraná. **Rev. Bras. Enferm.**, v. 60, n.1, p.99-101, fev. 2007.

IMBERNON, Francisco. **A educação no século XXI:** os desafios do futuro imediato. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. Seminário da Prainha: indícios da memória individual e da memória coletiva. Fortaleza: EDUECE, **2014**.

JUCÁ, Gisafran N. M. **A Oralidade dos Velhos na Polifonia Urbana.** 2. ed. Fortaleza: Premius, 2011. 153p.

JUCÁ, Gisafran N. M. As trilhas opcionais nos caminhos da história. *In:* VASCONSELOS, José Gerardo; MAGALHÃES JUNIOR, Antônio Germano (Orgs.). **Memórias no plural.** Fortaleza: Imprece, 2003, p. 11-17.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. A história de Fortaleza através da imprensa e dos depoimentos dos idosos. **Trajetos**: Revista de História UFC, Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 45-60, 2001.

KUNTZE, Tânia Denise. **Faculdade Adventista de Enfermagem: memória histórica 1968-1998**. 2010. 282f. Tese (Doutorado em Enfermagem) - Escola de Enfermagem, Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo, 2010.

LEAL, Maria Patrícia Moraes. **História e memória da FUNEDUCE e UECE: entre narrativas e documentos oficiais**. 2017. 131f. Tese (Doutorado em Educação) – Pós-graduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.

LE GOFF, Jacques. **1924 História e memória**. Campinas, SP: UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios). Disponível em: <https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/Hist%C3%B3ria-e-Mem%C3%B3ria.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2020.

LE GOFF, Jacques. **A história nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LOPES, Gertrudes Teixeira; CALDAS, Nalva Pereira; LIMA, Tábata Cristina Silva. MARTINGIL, Izabella de Carvalho. A vida e a obra de Zaira Cintra Vidal. **Rev. bras. Enferm.**, v. 54, n. 2, p. 253-260, abr./jun. 2001.

LOPES, Roberlândia Evangelista. **Formação e prática da enfermeira cearense: implicações e consequências da implantação da Lei nº 775 de 1949**. 2017. 205f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2017.

MISSIO, Lourdes. **O entrelaçar dos fios na construção da identidade docente dos professores do Curso de Enfermagem da UEMS**. 2007. 260f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/252106>. Acesso em: 9 ago. 2018.

MANCIA, Joel Rolim; PADILHA, Maria Itayra Coelho Souza. Trajetória de Edith Magalhães Fraenkel. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 59, n. suplementar, p. 432-437, 2006.

MARTINS FILHO, Antônio. **Uma universidade para o Ceará**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2004.

MARTINS FILHO, Antônio. **Depoimentos para História da UFC**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2004.

MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA, F. **História oral: como fazer como pensar**. São Paulo: Contexto, 2010.

MEIHY, J. C. S. B.; RIBEIRO, S. L. S. **Guia prático de História oral**: para empresas, universidades, comunidades, famílias. São Paulo: Contexto, 2011.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral**: como fazer, como pensar. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019.

MEIHY, J. C. S. B.; SEAWRIGHT, Leandro. **Memórias e Narrativas**: história oral aplicada. São Paulo: Contexto, 2021.

MENDES, Emanoela Therezinha Bessa. **A Formação da Enfermeira Cearense e a Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo (1943 - 1977)**. 2013. 125f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2013. Disponível em: <http://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=75226> Acesso em: 4 ago. 2021

NÓBREGA-THERRIEN, Silvia Maria; THERRIEN, Jacques. Os trabalhos científicos e o estado da questão: reflexões teórico-metodológicas. **Estudos em Avaliação Educacional**, v. 15. n. 30. p.5-16, jul/dez. 2004

NÓBREGA-THERRIEN, Silvia Maria; ALMEIDA, Maria Irismar de. **Enfermeira Profissão, saberes e prática**: potencialidades, limites e possibilidades. Fortaleza: EDUECE, 2007.

NÓBREGA-THERRIEN, Silvia Maria.; ALMEIDA Maria Irismar de; SILVA, Marcelo Gurgel Carlos da. Ensino de enfermagem no Ceará de 1942-1956: a memória que projeta o futuro. **Rev. bras. enferm.**, Brasília, v. 61, n. 1, jan./fev. 2008

NÓBREGA-THERRIEN, Silvia Maria. O estado da questão: aportes teóricos-metodológicos e relatos de sua produção em trabalhos científicos. In: FARIAS, Isabel Maria Sabino de; NUNES, João Batista Carvalho; NÓBREGA THERRIEN, Silvia Maria (Org.). **Pesquisa científica para iniciantes**: caminhando no labirinto. Fortaleza: EdUECE, 2010. (Coleção Métodos de Pesquisa).

NÓBREGA-THERRIEN, Silvia Maria. **Discurso Inauguração do Núcleo de Documentos História e Memória da Enfermagem**. Fortaleza: UECE, 2018.

NÓBREGA-THERRIEN, Silvia Maria. ALMEIDA, Maria Irismar de. SILVA, Marcelo Gurgel Carlos da. Enfermagem no Ceará: fatos, reflexões e propostas para preservação da história e memória da profissão. **Rev. bras. enferm.**, Brasília, v. 61, n. 2, mar./abr. 2008

OSÓRIO, Ivanilda Bruno. **Memórias de uma enfermeira**. Fortaleza: LCR, 2007.

OGUISSO, Taka. El consejo internacional de enfermeras: su historia, organización, objetivos y alcances. **Revista Panamericana de Enfermería**, México, v. 2, n.2, p.142-153, 2004.

OGUISSO, Taka; FREITAS, Genival Fernandes. Ensino e pesquisa sobre história da enfermagem na graduação e pós-graduação da Escola de Enfermagem da

Universidade de São Paulo. **Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental**, Rio de Janeiro, ano 9, n.1/2, p.79-91,2005.

OGUISSO, Taka. **Trajetória histórica e legal da enfermagem**. 2. ed. Barueri, SP: Manole, 2007.

OGUISSO, Taka; FREITAS, Genival Fernandes de; SILES GONZÁLEZ, José. **Enfermagem: história, cultura dos cuidados e métodos**. [S.l: s.n.], 2016.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia. Desenvolvimento profissional dos professores. *In*: FORMOSINHO, João. (Coord.). **Formação de professores: aprendizagem profissional e ação docente**. Portugal: Porto Ed., 2009.

OLIVEIRA, Fábio Maurício Valério de; GOUVEIA, Carlos Alberto Vieira de. Aposentadoria especial do enfermeiro em virtude da insalubridade. **Revista Elet. Âmbito Jurídico**, v. 1, 2018. Disponível em: <https://ambitojuridico.com.br/cadernos/direito-previdenciario/aposentadoria-especial-do-enfermeiro-em-virtude-da-insalubridade/> Acesso em: 28 dez. 2021

OLIVEIRA, Nubia Lino de; SILVA, Gilberto Tadeu Reis da. Maria José de Oliveira: trajetória de vida e contribuições para a construção da identidade profissional da enfermeira na Bahia. **Hist. enferm., Rev. Eletrônica**, v. 9, n. 1, p. 61-75, jan-jun. 2018.

PEREIRA, Mariza Da Costa. **Maria Grasiela Teixeira Barroso: legado para a formação da Enfermagem cearense**. 2021. 260 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico ou Profissional em 2021) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2021. Disponível em: <http://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=101390>. Acesso em: 19 jul. 2021

PEREIRA, Rosane Carrion Jacinto.; GALPERIM, Mara Regina de Oliveira. Cuidando — ensinando — pesquisando. *In*: WALDOW, Vera Regina; LOPES, Marta Julia Marques; MEYER, Dagmar Estermann. **Maneiras de cuidar/maneiras de ensinar: a Enfermagem entre a escola e a prática profissional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. p. 189-203.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PIMENTA, Selma Garrido. **O estágio na formação dos professores: unidade teoria e prática?** 3. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

PIRES, D. **Hegemonia Médica na Saúde e a Enfermagem - Brasil: 1500 a 1930**. Brasil. São Paulo: Cortez, 1989.

PIRES, Sandra Maria Bastos. MÊIER, Marineli, Joaquim. DANSKI, Mitzy Tannia Reichembach. Fragmentos da trajetória pessoal e profissional de Wanda Horta: contribuições para a área da enfermagem. **Hist. enferm., Rev. Eletrônica**, v. 2, n. 1, p. 1-15, jan./jul. 2011.

PONTE, Sebastião Rogério. **Fortaleza Belle Époque**: reformas urbanas e controle social (1860-1930). Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, Multigraf Editora Ltda, 1993.

PORTO, Fernando Rocha Stael. SILVA, Silvana B. E. da. SILVA, Giane Christina A. da. NETO, João Gregório; FREITAS, Genival Fernandes de. BONINI, Barbara Barrionuevo. Josete Luzia Leite: opção e trajetória na Enfermagem brasileira. **História da Enfermagem Revista Eletrônica**, v. 3, n. 1, p.36-46, 2012.

PORTO, Fernando; AMORIM Wellington (org.). **História da Enfermagem brasileira**: lutas, ritos e emblemas. Rio de Janeiro: Águia Dourada, 2007.

RENOVATO, Rogério Dias; BAGNATO, Maria Helena Salgado; MISSIO, Lourdes; BASSINELLO, Greicelene Aparecida Hespanhol. As identidades dos enfermeiros em cenários de mudanças curriculares no ensino da Enfermagem. **Trab. Educ. Saúde**, Rio de Janeiro, v. 7 n. 2, p. 231-248, jul./out.2009.

RODRIGUES, Rosa Maria. **Diretrizes curriculares para a graduação em enfermagem no Brasil**: contexto, conteúdo e possibilidades para a formação. 2005. 253f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/253895>. Acesso em: 4 ago. 2018.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da educação no Brasil (1930/1973)**. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.

ROSA, José Guimarães. **Grande sertão**: veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

SACCOL, Amarolinda Zanela. Um retorno ao básico: Compreendendo os paradigmas de pesquisa e sua aplicação na pesquisa em administração. **Revista de Administração da Universidade Federal de Santa Maria**, v. 2, n. 2, p. 250-269, maio/ago. 2009

SACRISTÁN, J. Gimeno. **O currículo**: uma reflexão sobre a prática. Tradução de Ernani F. da F. Rosa. 3. ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

SACRISTÁN, J. Gimeno. **Saberes e incertezas sobre o currículo**. Tradução de Alexandre Salvaterra; revisão técnica: Miguel Arroyo. Porto Alegre: Penso, 2013.

SAMPAIO, Helena. O setor privado de ensino superior no Brasil: continuidades e transformações. **Revista Ensino Superior Unicamp**, n. 4, out. 2011.

SAMPIERI, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, Maria del Pilar Batista. **Metodologia de Pesquisa**. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

SANTIAGO, Nilza Bernardes. **De profissional: enfermeira a enfermeira professora: um estudo sobre a formação docente no ensino superior.** 2003. 157 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

SANTOS, Fernanda Batista Oliveira. **Escola de Enfermagem Carlos Chagas: projeto, mudanças e resistência - 1933-1950.** 2014. 141f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

SANTOS, Geralda Fortina. CALDEIRA, Valda da Penha. MOREIRA, Sabrina Antonieta. A inserção de Waleska Paixão na Enfermagem. **Esc. Anna Nery Rev. Enferm.**, v. 14, n. 2, p. 268-274, abr./jun. 2010.

SANTOS, Silvana Sidney Costa. Currículos de enfermagem do Brasil e as diretrizes: novas perspectivas. In: **Rev Bras Enferm.**, Brasília, v. 56, n. 04361-364, jul-ago, 2003.

SANTOS, S.M.R.; JESUS, M.C.P.; MERIGHI, M. A. B.; OLIVEIRA, D. M.; SILVA, M. H.; CARNEIRO, C. T.; AQUINO, P. S. Licenciatura e Bacharelado em Enfermagem: experiências e expectativas de estudantes. **Rev Gaúcha Enferm.**, Porto Alegre, v. 32, n. 04, p.711-8, dez. 2014.

SANTOS, Tânia Cristina Franco. BARREIRA, Ieda de Alencar. Rachel Haddock Lobo, mito de enfermeira nos anos 30. **Esc. Anna Nery Rev. Enferm.**, v. 6, n. 1, p. 29-38, abr. 2002.

SANTOS, Tânia Cristina Franco; OLIVEIRA, Sonô Taíra. Rachel Haddock Lobo: vida profissional e sua contribuição para a REBEn. **Rev. Bras. Enferm.**, v. 55, n. 3, p.264-268, fev. 2002.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil.** Campinas, SP: Autores Associados, 2007. (Coleção memória da educação).

SÁ-SILVA, Jackson R; ALMEIDA, Cristóvão D; GUINDANI, Joel F. Pesquisa documental: pistas históricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, n.1, jul., 2009.

SAUPE, Rosita (org.). **Educação em Enfermagem: da realidade construída a possibilidade de construção.** Florianópolis: UFSC, 1998.

SCHWARTZMAN, J.; SCHWARTZMAN, S. **O ensino superior privado como setor econômico.** Rio de Janeiro: [s.n.], 2002.

SOUSA, J. V. **O ensino superior privado no Distrito Federal: uma análise de sua recente expansão (1995-2001).** 2003. 279f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2003.

SOUZA, José Geraldo. Evolução Histórica Da Universidade Brasileira Abordagens Preliminares. **Revista Da Faculdade De Educação**, Campinas, v. 1, n.1, p. 42.58, ago. 1996.

SGUISSARDI, Valdemar. Fundações privadas na universidade pública: a quem interessam? **Avaliação**, Campinas, v. 7, n. 4, p. 43-72, 2002.

SILVA, Andréa da Costa. **Formação em enfermagem**: estudo à luz da construção de um campo de conhecimento refletido em matrizes curriculares. 2015. 126f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2015

SILVA, Alcione Leite da. O saber Nightingaliano no cuidado: uma abordagem epistemológica. *In*: WALDOW, Vera Regina et al. **Maneiras de cuidar maneiras de ensinar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. p. 41-60.

SILVA, Francisca Aline Amaral da, NUNES, Benevina Maria Vilar Teixeira. História e memória de Maria do Amparo Barbosa. **Hist enferm. Rev eletrônica**, v. 9, n. 1, p. 76-81, jan-jun.2018.

SILVA JUNIOR, Osnir Claudiano da. História Social: possibilidades Teórico metodológicas em Estudos Históricos na Enfermagem. *In*: OGUISSO, Taka; FREITAS, Genival Fernandes de; GONZÁLEZ, José Siles. (Orgs.) **Enfermagem**: História dos cuidados e métodos. Rio de Janeiro: Águia Dourada, 2016.

SILVA, Renata Colbeich. **“Sou guerreira, sou valente, do primeiro regimento, enfermeira e combatente”**: narrativas sobre a Cabo Toco em Cachoeira do Sul. 2017. 123f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2017.

SILVA, Renata Lucas Mercês; BARREIRA, Ieda de Alencar. Nalva Pereira Caldas, uma trajetória de sucesso. **Rev. enferm. UERJ**, v. 13, n. 3, p. 397-402, set./dez. 2005.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de Identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 3. ed. Belo Horizonte: Autentica, 2014.

SILVA, Lidiane Rodrigues Campelo da; DAMASCENO, Ana Daniella; MARTINS, Maria da Conceição Rodrigues; SOBRAL, Karine Martins; FARIAS, Isabel Maria Sabino de. Pesquisa documental: caracterização e interface na produção acadêmica em Educação. *In*: NÓBREGA-THERRIEN, Silvia Maria; FARIAS, Isabel Maria Sabino de; NUNES, João Batista Carvalho. (organizadores) **Pesquisa científica para iniciantes**: caminhando no labirinto. Fortaleza: EdUECE, 2011.

SIMÕES, Luiza Lúlia Feitosa. **Saberes docentes e formação pedagógica de professores enfermeiros**: um estudo de caso. 2019. 171f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2019.

SOARES, M. de S.: ‘Médicos e mezinheiros na Corte Imperial: uma herança colonial’. **História, Ciências, Saúde**, Manguinhos, v. 8, n. 2, p. 407-38, jul./ago. 2001.

SZYMANSKI, Heloisa. **A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva**. Brasília: Plano, 2002. 87p.

SZYMANSKI, Heloisa. **A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva**. Brasília: Plano, 2002. 87p.

SUA PESQUISA.COM. **Ditadura Militar no Brasil**. Disponível em <http://www.suapesquisa.com/ditadura/>. Acesso em: 10 jan. 2015.

SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE. **Historia**. Disponível em: <http://sistemaunicodesaude.weebly.com/histoacuteria.html> Acesso em: 10 jan. 2015.

TANAKA, Oswaldo Yoshimi; ESCOBAR, Eulália Maria A.; GIMÉNEZ, Aparecida Silvia M.; CAMARGO, Katia G.; LELLI, Carmen L.S.; YOSHIDA, Tania M. Gerenciamento do setor saúde na década de 80, no Estado de São Paulo, Brasil. **Revista Saúde Pública**. São Paulo, v. 26, n. 3, p. 185-194, 1992.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de integração humana**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

TARDIF, Maurice. LESSARD, Claude. (Org.). **O ofício de professor: história, perspectivas e desafios internacionais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008

TEIXEIRA, Anísio. **Ensino superior no Brasil: análise e interpretação de sua evolução até 1969**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1989.

TEODÓSIO, Sheila Saint-Clair da Silva. **Formação e processos identitários de enfermeiros no Rio Grande do Norte: memória de egressos (anos de 1970)**. 2014. 154f. Tese (Doutorado em enfermagem) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

TEODÓSIO, Sheila Saint-Clair da Silva; SILVA, Edilene Rodrigues da; BACKES, Vânia Marli Schubert; MARTINI, Jussara Gue; REIBNITZ, Kenya Schmidt. Oscarina Saraiva Coelho: Uma história de dedicação à enfermagem. **Rev. baiana enferm.**, v. 30, n. 2, 2016.

TEODÓSIO, Sheila Saint-Clair da Silva. SILVA, Edilene Rodrigues da; BACKES, Vânia Marli Schubert; MARTINI, Jussara Gue REIBNITZ, Kenya Schmidt. Oscarina Saraiva Coelho: Uma história de dedicação à Enfermagem. **História da Enfermagem Revista Eletrônica**, v. 4, n. 1, p. 58-71, 2013.

TERRIEN, Jacques; SOUZA, A. T. A racionalidade prática dos saberes da gestão pedagógica da sala de aula. In: CANDAU, V. M. (Org.) **Cultura, linguagem e subjetividade no ensinar e aprender**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p. 01-13.

THERRIEN, Jacques. Os saberes da racionalidade pedagógica na sociedade contemporânea. **Educativa**, Goiânia, v. 9, n. 1, p. 67-81, 2006.

THERRIEN, Jacques. Docência Profissional: a prática de uma racionalidade pedagógica em tempos de emancipação de sujeitos. *In*: D'ÁVILA, Cristina Maria; VEIGA, Ilma Passos Alencastro. (Orgs.). **Didática e Docência na Educação Superior**: implicações para a formação de professores. Campinas, SP: Papirus, 2012. p.109-132. 160 p.

TORRES, Carlos Henrique Duarte Alves; CZERESNIA, Dina. A institucionalização da epidemiologia como disciplina na Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro. **Hist. Cienc. Saúde**, Manguinhos, v.10, n.2, p. 525-548, 2003.

TORRES, Maria Nahir Batista Ferreira. **O ensino de História da Enfermagem: trajetórias e lugar na formação do enfermeiro**. 2019. 378f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2019.

TRALDI, Lady Lina. **Currículo**: conceituação e implicações, metodologia de avaliação, teoria e prática, formas de organização e supervisão. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1984.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ. **Plano de Desenvolvimento Institucional**. Fortaleza: EDUECE, 2011.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ. **Informações retiradas da página on line da Universidade Estadual do Ceará**. Disponível em: <http://www.uece.br/uece/index.php/graduacao/presenciais> Acesso em: 17 fev. 2014.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ. **Projeto Político Pedagógico do Curso de Graduação em Enfermagem**: Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, 2002.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ. **Projeto Político Pedagógico do Curso de Graduação em Enfermagem**: Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, 2004.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ. **Projeto Político Pedagógico do Curso de Graduação em Enfermagem**: Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, 2007.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ. **Resolução nº 46/82**: Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão. Fortaleza: CONSEPE, UECE, 1982.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ. **Resolução CONSEPE/UECE Nº 290/88** – Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão. Fortaleza: CONSEPE, UECE, 1988.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ. **Resolução CEPE/UECE nº 3241/2009**. Estabelece critérios e normas para institucionalização das Atividades Complementares como componente curricular dos Cursos de Graduação. 05 de outubro de 2009.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ. **Chamada Pública de Seleção nº 39/2018**. Estabelece normas e condições para o Processo Seletivo com vistas ao ingresso no Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado e Doutorado – TURMA 2018, com área de concentração em Formação de Professores, do Centro de Educação da Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza: CONSEPE, UECE, 2018.

VASCONCELOS, Jose G; MAGALHAES JUNIOR, Antonio G. **Memórias no Plural**. Fortaleza: LCR, 2001. p.11-17.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro; FERNANDES, Zenilda Botti. **Desenvolvimento profissional docente na educação superior (entre redes e sentidos)**. Fortaleza: UFC, 2009.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro (Org.). **Didática e docência na educação superior: implicações para a formação de professores**. Campinas: Papirus, 2012. p. 109-132.

VIANA, Carla Daniele Mota Rêgo. **Formação pedagógica dos docentes enfermeiros: a pesquisa como mediadora da prática professoral e da sua reflexividade crítica**. 2019. 258f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2019.

VIDERES Arieli Rodrigues Nóbrega. NÓBREGA Maria Miriam Lima. Lenilde Duarte de Sá: vida e docência inspiradas na arte do cuidar. **Hist enferm Rev eletrônica**, v. 9, n. 2, p. 141-148, 2018.

VIEIRA, Sofia Lerche. **História da Educação no Ceará: sobre promessas, fatos e feitos**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

PESQUISA: **MARIA DA GLÓRIA FERREIRA FAÇANHA, ENFERMEIRA DOCENTE: e a consolidação do ensino da Enfermagem no Ceará**

Proponente: Vanessa de Carvalho Forte

Orientadora: profa. Dra. Sílvia Mária Nóbrega-Therrien

Você está sendo convidado (a) para participar do estudo: **MARIA DA GLÓRIA FERREIRA FAÇANHA, ENFERMEIRA DOCENTE: e a consolidação do ensino da Enfermagem no Ceará**, na qual objetivamos demarcar a consolidação do ensino da Enfermagem cearense na história profissional de Maria da Glória Ferreira Façanha e sua atuação nas Universidades cearenses a partir da Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo nos idos de 1968 a 1979. Nessa pesquisa com abordagem qualitativa buscaremos responder de forma contextualizada nossas indagações propostas envolvendo nossa protagonista professora enfermeira Maria da Glória Ferreira Façanha partindo do seu grupo social, profissionais que atuaram com ela, além de seus familiares partícipes de sua história. A pesquisa contará com os critérios, cautelas e providências pautadas no rigor científico, zelando pelo anonimato, confidencialidade e responsabilidade com o material coletado. Para coleta dos depoimentos faremos usos de entrevistas temáticas. As gravações serão utilizadas para análise dos dados. Após as transcrições dos depoimentos as entrevistas serão enviadas aos participantes para validação das informações. Vale salientar que a pesquisa não lhe trará nenhum ônus e que tem a liberdade para participar ou deixar de participar a qualquer momento, sendo-lhe assegurado o direito de desistir da participação na referida pesquisa se desejar, sem que isso lhe acarrete qualquer dano. Informamos também que não haverá divulgação personalizada das informações no texto da pesquisa, que você não receberá qualquer espécie de reembolso ou gratificação devido à participação neste estudo e que terá o direito a uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Se necessário, pode entrar em contato com a responsável pela pesquisa, **Profa. Ms. Vanessa de Carvalho Forte**, pelo telefone/WhatsApp (85) 98821.6346 ou pelo *e-mail*: profa.vanessaforte@gmail.com. Também poderá entrar em contato com o Programa de Pós-Graduação em Educação da UECE, pelo telefone (85) 3101.9918, para atestar a veracidade da pesquisa.

Assinatura da responsável pela pesquisa

Fortaleza/CE, _____, de _____ de _____

Tendo sido informado sobre a pesquisa, concordo em participar da mesma de forma livre e esclarecida.

Nome _____

Assinatura

Fortaleza/CE, _____ de _____ de _____

ANEXO A – DOCUMENTAÇÃO DO PERCURSO FORMATIVO DE MARIA DA GLÓRIA FERREIRA FAÇANHA (1952-1987).

Documentos percurso Formativo Glória Façanha				
DATA	TIPO	ÓRGÃO	DESCRIÇÃO	LOCAL
19/12/52	Certificado	Universidade do Brasil	VII Curso de História da Medicina	Rio de Janeiro
25/8/53	Diploma	Escola de Enfermagem Ana Neri da Universidade do Brasil	Diploma de Enfermeira	Rio de Janeiro
9/1/55	Certificado	XII Congresso Brasileiro de Higiene	Membro efetivo	Belém
14/7/63	Certificado	XV Congresso Brasileiro de Enfermagem - Associação Brasileira de Enfermagem	Participação como membro efetivo - 14 a 21/7/1963	Fortaleza
18/7/65	Diploma	XVII Congresso Brasileiro de Enfermagem	Membro efetivo	Rio de Janeiro
5/5/66	Diploma	Ministério da Saúde - Escola Nacional de Saúde Pública	Curso básico de Saúde Pública para Enfermeiros	Rio de Janeiro
7/7/68	Diploma	Associação Brasileira de Enfermagem	Participante no XX Congresso Brasileiro de Enfermagem - Curso Planejamento de Saúde	Fortaleza
7/7/68	Diploma	XX Congresso Brasileiro de Enfermagem	Membro efetivo	Recife
23/8/68	Certificado	FSESP - Fundação Regional	Participação na Semana de Estudos de Educação Sanitária - 19 a 23/8/1968.	Fortaleza
22/5/69	Certificado	Ministério do Planejamento e Coordenação-Geral - Escritório da Reforma Administrativa.	Simpósio sobre Reforma Administrativa e Descentralização Regional	Fortaleza
3/6/69	Registro Títulos- Ata	Cartório Moraes	Registro da ata de 10/1/1969 - dando posse à diretora da Escola de Enfermagem São Vicente	Fortaleza

			de Paulo – Sra. Glória Façanha	
10/7/69	Certificado	Universidade Federal do Ceará	Seminário sobre Sistemas Acadêmicos Flexíveis	Fortaleza
30/6/70	Certificado	Escola Nacional de Saúde Pública	Seminário sobre Estudo e Elaboração do Currículo para o Curso Intensivo de Auxiliar de Enfermagem	Rio de Janeiro
20/7/70	Certidão	Ministério da Saúde - Departamento de Ensino	Conclusão do curso de pós-graduação em saúde pública em 1965.	
7/12/70	Certificado	Universidade Federal do Ceará - Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo - Associação Brasileira de Enfermagem	Curso extensão universitária de atualização em didática	Fortaleza
15/7/71	Certificado	XXIII Congresso Brasileiro de Enfermagem - Associação Brasileira de Enfermagem	Planejamento Curricular	Manaus
15/7/71	Certificado	XXIII Congresso Brasileiro de Enfermagem - Associação Brasileira de Enfermagem	Curso de Planejamento Curricular	Fortaleza
19/7/71	Diploma	XXIII Congresso Brasileiro de Enfermagem	Membro efetivo	Manaus
29/7/71	Registro Títulos – Ata	Cartório Roberto Fiuza Maia	Registro da ata de 23/4/1971 - dando posse á diretora da Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo – Sra. Glória Façanha	Fortaleza
14/9/71	Diploma	Escola Superior de Guerra	Participação nos trabalhos Ciclos de Estudos sobre Segurança Nacional e Desenvolvimento	Rio de Janeiro
5/10/71	Certificado	Ministério da Saúde, Ministério da Educação e Cultura, Organização Pan-Americana da Saúde e Fundo das Nações Unidas para a Infância	Seminário sobre Currículo para o Curso Intensivo de Auxiliar de Enfermagem	Fortaleza

22/10/71	Certificado	I Congresso Nacional de Professores do Ensino Superior	Membro efetivo	Fortaleza
12/6/72	Certificado	Ministério da Educação e Cultura - Fundação Centro Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal para a Formação Profissional	II Reunião Regional de Avaliação de Objetivos do Programa Intensivo de Preparação de Mão de Obra - PIPMO	São Paulo
25/8/72	Declaração	Ministério da Educação e Cultura - Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo	Ministrou a disciplina Enfermagem Obstétrica - 1969 a 1970.	Fortaleza
25/8/72	Declaração	Ministério da Educação e Cultura - Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo	Representou a escola durante os anos de 1969 a 1971, na Associação dos Professores do Ensino Superior do Ceará.	Fortaleza
25/8/72	Declaração	Ministério da Educação e Cultura - Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo	Ministrou a disciplina Ética - 1968 a 1970.	Fortaleza
25/8/72	Declaração	Ministério da Educação e Cultura - Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo	Cargo de diretora da Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo - janeiro de 1969 a abril 1972.	Fortaleza
25/8/72	Declaração	Ministério da Educação e Cultura - Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo	Ministrou a disciplina Enfermagem em Saúde Pública – 1971	Fortaleza
25/8/72	Declaração	Ministério da Educação e Cultura - Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo	Ministrou a disciplina Higiene e Profilaxia - 1969 a 1971. - Curso Auxiliar de Enfermagem	Fortaleza
25/8/72	Declaração	Ministério da Educação e Cultura - Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo	Membro da Direção Colegiada da Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo - 4/5 a 31/12/1968.	Fortaleza
29/8/72	Declaração	Fundação Serviços de Saúde Pública	Função de supervisora de enfermagem da diretoria Regional de Saúde do Ceará da Fundação SESP - 20/5/1966 a 1º/1/1969.	Fortaleza

29/8/72	Declaração	Fundação Serviços de Saúde Pública	Coordenar e ministrar o curso de visitadora sanitária na unidade sanitária de Maranguape - set 1966 a mar 1967.	Fortaleza
29/8/72	Declaração	Fundação Serviços de Saúde Pública	Função de supervisora de enfermagem do Serviço Cooperativo de Saúde no Estado do Ceará. 2/1/1964 a 1º/1/1966.	Fortaleza
29/8/72	Declaração	Fundação Serviços de Saúde Pública	Disposição na Universidade Federal do Ceará de 1º/1/1969 a 3/4/1972, para dirigir a Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo.	Fortaleza
25/6/73	Certificado	Instituto Nacional de Previdência Social - Hospital Geral de Fortaleza	Palestra sobre higiene da gestante	Fortaleza
25/6/73	Certificado	Instituto Nacional de Previdência Social - Hospital Geral de Fortaleza	Palestra sobre higiene da gestante	Fortaleza
25/6/73	Certificado	Instituto Nacional de Previdência Social - Hospital Geral de Fortaleza	Palestra sobre higiene e educação sanitária	Fortaleza
29/9/73	Certificado	Prefeitura Municipal de Fortaleza - Secr. de Saúde	Programa de Saúde Escolar - aulas sobre: enfermagem de saúde escolar.	Fortaleza
15/10/73	Certificado	Instituto Nacional de Previdência Social - Hospital Geral de Fortaleza	Aulas sobre higiene e educação sanitária.	Fortaleza
15/10/73	Certificado	Instituto Nacional de Previdência Social - Hospital Geral de Fortaleza	Aulas sobre higiene e educação sanitária.	Fortaleza
3/4/74	Certificado	UNIFOR - Universidade de Fortaleza	Participação no III Seminário sobre Atualização Pedagógica	Fortaleza

8/1/75	Ofício	Secretaria de Saúde do Estado do Ceará - DCR - FSESP	Prestando serviço na Campanha de Vacinação Trivirótica	Fortaleza
12/3/75	Certificado	Secretaria de Saúde do Estado do Ceará - Departamento Técnico de Saúde e Dep. De Coordenação Regional	Programa Estadual de Imunizações - 11/1974 a 2/1975.	Fortaleza
12/3/75	Certificado	Secretaria de Saúde do Estado do Ceará - Dep. Técnico de Saúde e Dep. De Coordenação Regional	Programa Estadual de Imunizações	Fortaleza
28/5/75	Certificado	Ministério da Saúde - Governo do Estado do Ceará	Campanha Nacional de Vacinação contra Meningite	Fortaleza
28/5/75	Certificado	Ministério da Saúde - Governo do Estado do Ceará	Função de Chefe do Núcleo IV - Sudoeste de Fortaleza, na Campanha de Vacinação contra Meningite	Fortaleza
14/7/75	Certidão	Fundação Serviços de Saúde Pública	Certidão tempo de serviço	Fortaleza
15/7/75	Contrato	Fundação Serviços de Saúde Pública	Contrato de trabalho	Fortaleza
30/8/75	Certificado	Ministério da Saúde - Ministério da Cultura - Universidade Federal de Pernambuco	Seminário Nacional sobre Ensino Superior de Enfermagem	Garanhuns
20/5/77	Certificado	UNIFOR - Universidade de Fortaleza	Participação no curso de extensão processo de enfermagem	Fortaleza
20/5/77	Certificado	UNIFOR - Universidade de Fortaleza	Participação no VIII Seminário de Atualização Pedagógica	Fortaleza
28/10/77	Certificado	Secretaria de Saúde do Estado do Ceará - Dep. de Coordenação de Saúde	Participação no II Encontro de Coordenadores do PSMI e PNS do Nordeste	Fortaleza
16/10/78	Certificado	Ministério da Saúde - Secretaria Nacional de Programas Especiais de Saúde	Curso de atualização em Hanseníase	Brasília

11/8/79	Atestado de Frequencia	XXXI Congresso Brasileiro de Enfermagem - Associação Brasileira de Enfermagem	Comparecimento - 5 a 11 de agosto de 1979.	Fortaleza
15/3/84	Diploma	Universidade de Fortaleza - UNIFOR	Bacharel em administração de empresas	Fortaleza
17/2/87	Certificado	Secretaria de Saúde do Estado do Ceará - Dep. de Coordenação de Saúde	Participação no Seminário de Programação do PIASS-CE	Fortaleza
26/10/87	Atestado de Frequência	Ministério da Saúde - Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição	Participação no Seminário de 24 a 26/10/1978.	Fortaleza

Fonte: Acervo da colaboradora Glória Façanha

ANEXO B – ATA 266^a 13/12/1968 CONSUNI, UFC.

PROCESSO NÚMERO 15.660/68 (MEMORIAL DIRIGIDO À REITORA PELA ESCOLA DE ENFERMAGEM SÃO VICENTE DE PAULO)

Abertos aos trabalhos da Ordem do dia, **o Magnífico Reitor submeteu inicialmente ao exame do Conselho o processo número quinze mil, seiscentos e sessenta (15.660), relativo a um memorial que lhe fora endereçado pela direção da Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo, no qual pleiteia a sua federalização.** Encaminhado o processo a consideração do Vice-Reitor para Assuntos de Planejamento e Finanças, este proferiu despacho no sentido de ser a matéria submetida, preliminarmente, ao exame da Comissão de Implantação da Reforma Universitária. Após os necessários estudos por parte do órgão acima referido, este se manifestara sobre o assunto de que se ocupa o processo em causa, através do seguinte pronunciamento: **O Magnífico Reitor submete à apreciação da Comissão de Implantação da Reforma Universitária a exposição de motivos com que a Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo pleiteia a sua integração entre as unidades que compõem a Universidade Federal do Ceará, em razão de carência de recursos e dificuldades outras que impossibilitam o seu funcionamento como instituição de natureza privada.** Examinando o assunto com o maior interesse, pela consideração que dispensa aquela tradicional Escola de Ensino Superior, cuja situação, lamentavelmente, é das mais precárias, a Comissão entende que o problema escapa ao seu âmbito de ação, que se estende tão somente sobre as unidades que constituem, como órgãos próprios, a Universidade Federal do Ceará.

No caso, trata-se de uma Escola agregada que pretende federalizar-se, não estando relacionada entre os órgãos de ensino e pesquisa de que trata o Decreto nº 62 279, de 20 de fevereiro de 1968, que dispõem sobre a nova composição da nossa Universidade. É o que cabe informar". Posteriormente, acrescido do pronunciamento supra, fora o processo submetido também ao exame da Comissão de Ensino e Legislação, cujo parecer, lido em plenário pelo seu Presidente, conselheiro Walter de Moura Cantídio, estava consubstanciado nos seguintes termos: "A Comissão de Ensino e Legislação tomou conhecimento do circunstanciado e judicioso memorial apresentado pela Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo e do despacho interlocutório do Vice-Reitor Para Assuntos de Planejamento e Finanças. Considerou, outrossim, o parecer da Comissão de Implantação da Reforma Universitária, que opina no sentido de que se trata de uma Escola agregada que pretende federalizar-se, não estando relacionada entre os órgãos de ensino e pesquisa de que trata o Decreto nº 62 279, de 20 de fevereiro de 1968, que dispõe sobre a nova composição da nossa Universidade'. Esta Comissão, editando a tese da Comissão de Implantação da Reforma, é de parecer que o processo seja encaminhado ao Ministério da Educação e Cultura, para que seja apreciado pelos órgãos competentes e, afinal, decidido quanto ao que pleiteia a entidade mantenedora da referida escola. Ass. Walter de Moura Cantídio; Padre Francisco Batista Luz; Wagner Turbay Barreira".

Em discussão o parecer no plenário, usou inicialmente da palavra o conselheiro Aílton Gondim Lóssio, para dizer que, respondendo eventualmente pela Reitoria, fora procurado por uma Comissão, que lhe passara às mãos o memorial da Escola de Enfermagem objeto do processo em referência, Lera atentamente o referido documento, achando-o quase que tecnicamente perfeito. A leitura do precipitado memorial despertara-lhe interessa-se pela causa da Escola, qual fosse a da sua incorporação à Universidade. Lembrou que aquela unidade vem, há bastante tempo, prestando relevantes serviços à causa do ensino, no setor especializado cuja demanda de profissionais cresce a cada momento, não apenas em nosso

Estado como em todo o Brasil. **Era, portanto, favorável a que o Conselho visse, com simpatia, a solicitação de Escola de Enfermagem e aprovasse o memorial em que se postulava e sua incorporação a esta Universidade.** Desejava também sugerir que, ao ser o processo encaminhado ao MEC, consoante a recomendação expressa no final do parecer da Comissão de Ensino e Legislação, fizesse o Magnífico Reitor uma exposição de motivos mostrando os benefícios que adviriam com a federalização da referida Escola e fazendo sentir, ao mesmo tempo, o desejo da Universidade, de ver concretizada a ideia. Este, o seu ponto de vista, que já expressava o seu voto a favor da incorporação pleiteado, acrescido da sugestão de que o processo foi encaminhado ao Ministério da Educação e Cultura através de exposição de motivos, nos termos acima referidos. **A Diretora da Escola de Enfermagem usou a seguir da palavra, a fim de prestar alguns esclarecimentos ao Conselho. Declarou que, ao tratar do caso junto ao Ministério da Educação e Cultura, havia sido informada, pelo titular da Pasta, de que o problema da federalização da Escola de Enfermagem depende do interesse que a Universidade viesse a manifestar pela iniciativa,** desejava, por isso, chamar a atenção do Conselho para a importância da sugestão apresentada pelo Vice-Reitor Aílton Gondim Lóssio, no sentido de ser o processo submetido à consideração do MEC através de exposição de motivos, em que ficasse expresso o desejo da Reitoria, de ver efetivada a federalização. Em longo pronunciamento, o conselheiro Eduardo Sabóia de Carvalho manifestou a opinião de que, por uma questão de coerência, a Universidade deveria tratar também, embora que posteriormente, de encaminhar ao Ministério da Educação e Cultura, o pedido de federalização da Escola de Serviço Social, desde 1956 agregada a esta Universidade, contanto que idênticas providências fossem adotadas pela Reitoria, com vistas a colocá-la em condições de igualdade, de acordo com o novo Estatuto (Art.22, letra c), poderia propor ao Governo a criação de novas unidades, pareciam-lhe bem maiores probabilidades de conseguir a incorporação de escolas que já funcionavam há bastante tempo e cujas atividades se revestiam de singular importância para o desenvolvimento do nosso Estado. O acadêmico Henrique Sérgio Abreu usou também de palavra, manifestando ponto de vista idêntico ao do conselheiro Eduardo Sabóia de Carvalho, no sentido de ser igualmente solicitada, na devida oportunidade, a federalização da Escola de Serviço Social. Falando em nome da Faculdade de Direito, o manifestou, na oportunidade, a sua simpatia pela ideia da federalização da Escola de Enfermagem, parecendo-lhe igualmente necessária de igualdade com a Escola de Enfermagem. Se a Universidade ao Governo a criação de novas unidades, pareciam-lhe bem mais, conselheiro Wagner Turbay Barreira pediu que fosse idêntica iniciativa tomada em relação à Escola de Serviço Social. O Magnífico Reitor expendeu longas considerações em torno do assunto. Durante a sua explanação, procurou demonstrar que vinha de alguns anos a sua preocupação no tocante à Escola de Enfermagem, cuja função social, mais como médico do que como reitor, sabia ser da maior importância para o desenvolvimento do nosso Estado, recordou a seguir que, quando Presidente da Comissão de Ensino e Legislação, trabalhando ao lado dos inesquecíveis professores Renato Braga e Andrade Furtado, tivera oportunidade de funcionar como Relator do processo de agregação da Escola de Enfermagem à Universidade do Ceará, em consequência sendo escolhido posteriormente como paraninfo de uma das turmas formadas pela referida Escola. Ainda por esse tempo, numa viagem que empreendera a Salvador, a fim de compor a banca examinadora de um concurso, pudera verificar que a Escola de Enfermagem da Universidade da Bahia funcionava nascendo-lhe fosse adotada em relação à Escola de Enfermagem do Ceará. **A esse tempo, em discursos e palestras informais, já havia assumido o compromisso de trabalhar pela incorporação da referida Escola à Universidade, apesar de ter encontrado certa relutância em torno da iniciativa, O Magnífico Reitor concluiu as suas palavras fazendo um apelo aos senhores membros do**

Conselho, no sentido não apenas de e aprovar o parecer da Comissão de Ensino e Legislação, favorável que fosse o processo encaminhado ao Ministério da Educação e Cultura, mas também a sugestão do Vice-Reitor Ailton Gondim Lóssio, para que o assunto fosse encaminhado através de exposição de motivos, em que dada. No tocante no caso da Escola de Serviço Social, concordava inteiramente com o ponto de vista do conselheiro Eduardo Sabóia de Carvalho e dos demais membros do Conselho que se haviam manifestado sobre o problema. Desejava lembrar, entretanto, que este assunto não constava da pauta dos trabalhos da Ordem do Dia, e que a apreciação somente poderia ser feita mediante a formalização de processo por parte da unidade interessada, o que certamente seria providenciado em outra oportunidade. O conselheiro Carlos Roberto Martins Rodrigues desejava apenas lembrar que, embora o assunto não estivesse incluído na pauta dos trabalhos, não haveria prejuízo algum se o conselho universitário, ao aprovar o pedido de federalização da Escola de enfermagem, aprovasse, igualmente, não já idêntica proposta em relação a Escola de Serviço Social, mas a tese da necessidade da federalização, ficando a efetivação da proposta do Vice Reitor para assuntos Estudantis a depender de estudos posteriores. O conselheiro Ailton Gondim Lóssio declarou que não era contrário à sugestão apresentada pelo conselheiro Carlos Roberto Martins Rodrigues. Apenas lhe parecia que a maneira de como estava sendo apresentado o problema fugia a sistemática de trabalho do Conselho Universitário, que normalmente só discute matérias que lhe ações técnicas. E, segundo era do seu conhecimento, a Escola de Serviço Social estaria formalizando processo, a ser submetido preliminarmente ao exame dos órgãos técnicos acima referidos. Não obstante os esclarecimentos prestados pelo conselheiro Ailton Gondim Lóssio, o conselheiro Carlos Roberto Martins Rodrigues declarou que mantinha de pé a sua proposta, por considerar que se tratava de um problema de essência e não de forma. Declarando encerradas as discussões, o Magnífico Reitor colocou em votação nominal o parecer da Comissão de Ensino e Legislação, acrescido da sugestão de que Ensino e Legislação, acrescido da sugestão de que o processo foi encaminhado ao Ministério da Educação e Cultura através de exposição de motivos, em que ficasse expresso o desejo da Reitoria no sentido de ser efetivada federalização da Escola de Enfermagem. Votaram a favor do parecer, acrescido da proposta supra, os conselheiros Ailton Gondim Lóssio, Wagner Turbay Barreira, Carlos Roberto Martins Rodrigues, José Arthur de Carvalho, Oswaldo Rabelo, Francisco das Chagas Costa Tito, Américo Gomes da Silva, José Dario Soares, Hugo de Alcântara Moto, Eduardo Sabóia de Carvalho, Pedro Paulo de Sousa Montenegro, Luís Alberto dos Santos Brasil, Paulo de Avelar Cavalcante Roche, Raimundo Alberto Normando, Paulo Auber Roquayrol, Henrique Sérgio Abreu e Nathaniel Carneiro Neto. **O conselheiro Walter de Moura Cantídio (Diretor da Faculdade de Medicina) votou a favor do parecer da Comissão de Ensino e Legislação. Votou, entretanto, contra a sugestão para que o processo fosse encaminhado ao MEC através de exposição de motivos, com manifestação expressa da Reitoria no sentido de ser efetivada a federalização. Como declaração de voto, fez o seguinte pronunciamento: "O Plano de Reestruturação da Universidade Federal do Ceará inclui a implantação de um Curso de Enfermagem, a ser integrado dentro do Centro de Ciências da Saúde e vinculado à Faculdade de Medicina. Evitam se, desse modo, duplicações desnecessárias e custosas, melhoram se as condições de formação profissional, estimulando a sua interação na área da saúde. Daí o motivo pelo qual não posso votar a favor do pedido de federalização da Escola de Enfermagem "São Vicente de Paulo", por mais judiciosos e sentimentais que possam ser os termos do memorial encaminhado à Reitoria da Universidade.** O documento, na forma pleiteada pela unidade interessada, deverá, no entanto, ser encaminhado ao Ministério da Educação e Cultura, órgão a que, em última análise, cabe a solução definitiva do

assunto. Como declaração de voto, o conselheiro Oswaldo Rabelo fez o seguinte pronunciamento: Trago aqui não apenas a minha simpatia pessoal, como também a dos professores e alunos da Faculdade de Farmácia, em virtude dos justos anseios pelos quais se vem batendo a nossa Escola de Enfermagem. Estou de pleno acordo, não somente eu, como todos os professores e alunos da minha escola. Justificando o seu voto, declarou o Conselheiro Eduardo Sabóia de Carvalho que a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, por força da implantação do Plano de Reestruturação, havia sido desmembrada em sete unidades, donde se concluir que os objetivos da Reforma não impediam em absoluto a incorporação de novas unidades. Votara, por isso, favorável ao pedido de federalização da Escola de Enfermagem. Após a aprovação da proposta, a Diretora da Escola de Enfermagem manifestou agradecimentos ao Magnífico Reitor e a todos os membros do Conselho Universitário pela alta compreensão demonstrada no encaminhamento do assunto. **Fez sentir ainda que, uma vez efetivada a incorporação pretendida, a Congregação da Escola de Enfermagem renunciaria judicialmente ao seu pequeno patrimônio, para que tudo fosse encampado à Universidade Federal do Ceará. Tudo isso seria feito em benefício da continuação da Escola, que de outra maneira não teria absolutamente condições de sobreviver.** Em seguida o Magnífico Reitor colocou em discussão a proposta do Conselheiro Carlos Roberto Martins Rodrigues, para que o Conselho aprovasse a tese da necessidade da federalização da Escola de Serviço Social. Antes, porém, esclareceu que a respeito do assunto mantivera entendimentos com o Governador do Estado, prof. Plácido Aderaldo Castelo, tendo S. Exa. Se manifestado inteiramente de acordo com a iniciativa. Depois de prolongadas discussões, o Magnífico Reitor declarou encerrados os debates e colocou em votação nominal a proposta do Conselheiro Carlos Roberto Martins Rodrigues. Votaram a favor da tese da necessidade da federalização da Escola de Serviço Social os conselheiros Wagner Turbay Barreira, Carlos Roberto Martins Rodrigues, José Arthur de Carvalho, Oswaldo Rabelo, Francisco das Chagas Costa Tito, Américo Gomes da Silva, José Dário Soares, Eduardo Sabóia de Carvalho, Hugo de Alcântara Mota, José Neudson Bandeira Braga, Luís Alberto dos Santos Brasil, Raimundo Alberto Normando, Paulo Auber Rouquayrol, Henrique Sérgio Abreu e Nathaniel Carneiro Neto. Abstiveram-se de votar os conselheiros Walter de Moura Cantídio, Aílton Gondim Lóssio e Paulo de Avelar Cavalcante Rocha. O conselheiro Aílton Gondim Lóssio justificou a sua abstenção com as seguintes palavras: Em princípio, não sou contrário a ideia de federalização da Escola de Serviço Social. Apenas me absteve de votar porque entendo que o Conselho Universitário deveria aguardar a marcha do progresso. O Conselheiro Paulo de Avelar Cavalcante Rocha, explicando os motivos de sua abstenção, declarou o seguinte "Eu acompanho a orientação do Professor Lóssio. Tendo servido a um Tribunal durante vinte anos, aprendi que se deve respeitar justamente essa praxe, essa orientação, e não quero me afastar dela. Porque também defendo o princípio da disciplina, da hierarquia, e não quero transplantar para julgamento essa indisciplina e essa falta de respeito à hierarquia. Por conseguinte, acho que o professor Lóssio tem razão. Não sou representante da Faculdade de Ciências Econômicas, mas o suplente. Venho pela primeira vez ao Conselho, mas o ofício que me convocou se fez acompanhar de uma pauta. Não está na pauta, lamentavelmente, a tese e, só o fato de ser tese, constitui um assunto mais ou menos abstrato. Não é concreto, não é objetivo. Isso não significa, entretanto, que eu esteja contrário a ideia da incorporação, também da Escola de Serviço Social. Com a mesma satisfação, com os mesmos aplausos com que votei pela incorporação da Escola de Enfermagem, votaria também por ela, mas o faria na oportunidade devida. Daí porque acompanho o pensamento do professor Lóssio. Justificando o seu voto a favor da tese, o Conselheiro Wagner Turbay Barreira declarou o seguinte: Entendo que não há nenhum inconveniente na adoção da proposta do conselheiro Carlos Roberto Martins Rodrigues. O que ele deseja é que o Conselho se manifeste,

em tese, favoravelmente a federalização da Escola de Serviço Social. Entendo que o ensino deve estar na área do Governo Federal, que dispõem dos recursos e meios necessários para dotar a Nação de ensino mais eficiente. Acho que tanto quanto possível o controle do ensino deveria sair das iniciativas governamentais, estaduais e particulares. Então, dentro desse quadro, eu me inclino necessariamente por aquela tese e votei no sentido de nos manifestássemos pela ideia da federalização da Escola de Serviço Social. O conselheiro Carlos Roberto Martins Rodrigues declarou que endossava plenamente as palavras proferidas pelo Conselheiro Wagner Turbay Barreira, ao levantar a tese de que o ensino, como serviço público especial que era, deveria ficar na área da União, escapando à iniciativa dos governos estaduais, geralmente deficitários, e muito menos na órbita da iniciativa privada. (CONSUNI, Ata 266ª 13/12/1968).

ANEXO C – ATA 272ª 13/12/1969 CONSUNI, UFC.

PROCESSO NÚMERO 9752/1968 (PEDIDO DE AGREGAÇÃO DA FACULDADE DE VETERINÁRIA DO CEARÁ)

Em prosseguimento ao exame dos assuntos constantes da pauta, foi trazido a plenário o processo mencionado na epígrafe, através do qual a Faculdade de Veterinária do Ceará faz solicitação no sentido de ser agregada à Universidade Federal do Ceará. Designado anteriormente para relator da matéria, usou da palavra o conselheiro Antônio Enéas Mendes Bezerra. Disse que o processo fora encaminhado à Comissão de Implantação da Reforma, onde funcionara como relator o conselheiro Luciano Pamplona, cujo parecer estava assim redigido: "COMISSÃO DA IMPLANTAÇÃO DA REFORMA. PARECER. PROCESSO Nº 9752/68. Recebendo o presente processo, considerou a Comissão necessário empreender diligências para dar-lhe melhor ordenação e dispor de maiores dados informativos. Em decorrência, foi-nos transmitido pronunciamento da douta Congregação da Faculdade de Veterinária, especificando as latitudes da pretendida agregada. PRELIMINARMENTE. Cumpre-nos, preliminarmente, definir o cabimento de figura de AGREGAÇÃO, em consonância com o espírito da Reforma Universitária. Não obstante reconhecer a valiosa contribuição com a abertura de mais um curso de graduação e pesquisa, de suma importância para a economia e no processo de desenvolvimento da região, somos levados a nos manifestar em desfavor da proposição em pauta. **Assim o fazemos, porquanto o item I do art. 153 do Estatuto da Universidade estaria sendo preterido, dadas as implicações de ordem financeira que o projeto impõe. Mas, o ponto nuclear da nossa objeção da agregação pura e simples advém de sua incompatibilidade com a filosofia que ordenou o sistema legal aplicável a Universidade brasileira. A agregação afasta a ideia de integração no complexo universitário, impedindo que se estabeleça uma unidade orgânica de objetivos e processos, reduzindo-se apenas a relações de plano financeiro.** NO MÉRITO. Afastada a ideia de agregação nos moldes propostos, podemos nos pronunciar sobre o mérito da participação desse estabelecimento estadual na esfera da Universidade Federal do Ceará, compartilhando dos seus deveres e responsabilidades. Não é possível deixar de considerar que a economia cearense é predominantemente pecuarista, colocando o veterinário em destacada posição no mercado de trabalho da área. **Parece-nos que a medida legalmente cabível e mais consentânea com a atual política universitária, e que está implícita no conteúdo da proposta, seria promover-se a integração a Universidade, devendo ser observada uma posição coerente, de acordo com o critério sufragado com relação às Escolas de Serviço Social e de Enfermagem. Resolveu a Comissão, em manifestação unânime, pronunciar-se preliminarmente em contrário ao pedido de agregação, considerando, porém, cabível a sua integração à Universidade, na forma acima exposta.** Sala de reuniões da Comissão de Implantação da Reforma, em 26 de novembro de 1969. Ass.) Fávila Ribeiro Presidente; Luciano Ribeiro Pamplona Relator; Pe. Francisco Batista Luz; Pedro Teixeira Barroso; e Antônio Enéas Mendes Bezerra". Fez ver o relator que em seguida fora o processo encaminhado ao Magnífico Reitor, tendo sido por este submetido à consideração do Conselho Universitário. Ao tomar conhecimento das conclusões contidas no parecer, a Faculdade de Veterinária oficiara novamente à Reitoria (ofício 852/69) para dizer que, no momento, não deseja a modalidade de integração sugerida pela Comissão de Implantação da Reforma, como também para renovar o pedido feito anteriormente e solicitar que se fizesse um reestudo da matéria, "no sentido de recomendar a agregação como for possível à Universidade, dentro dos itens propostos pela Faculdade de Veterinária, ou mesmo com a inclusão de outros que a Comissão julgar oportuno estabelecer, para a efetivação do

convênio". Ao concluir a sua exposição, o Relator desejava propor se encaminhasse o novo requerimento da Faculdade de Veterinária à Comissão de Implantação da Reforma, a fim de que este órgão estudasse a possibilidade de reexaminar a matéria à luz dos novos dados fornecidos pela referida unidade. Justificou a sua proposta dizendo que, muito embora a Comissão tivesse se pronunciado desfavoravelmente à agregação nos termos propostos pela Faculdade de Veterinária, o atual requerimento constitui matéria nova, uma vez que postula a agregação sem o usufruto de privilégios, livre de qualquer condicionamento para a Universidade. Em discussão no plenário, o conselheiro Antônio Gomes Pereira pediu ao Relator que sintetizasse a sua proposta, no que foi atendido prontamente. O Conselheiro Aderbal Nunes Freire manifestou sua estranheza em face da proposta. Segundo declarou, não lhe parecia que o assunto fosse da competência da Comissão de Implantação da Reforma. Era de opinião que, estando a matéria regulamentada no Estatuto, cumpria ao Conselho Universitário decidir se poderia ou não ser concedido a agregação pleiteada. Em resposta a um aparte do conselheiro Antônio Enéas Mendes Bezerra, disse Freire que o processo poderia ser reformulado sem que fosse necessário encaminhá-lo à Comissão de Implantação da Reforma, achando, inclusive, necessário fosse ouvido antes o Departamento Jurídico. O conselheiro Hiderval Gomes Leite aludiu a uma decisão aprovada anteriormente pelo Conselho Universitário, em sua reunião de 5 de setembro de 1969, no sentido de que o problema das agregações fosse estudado com a necessária profundidade, sobretudo em função dos novos dados oferecidos pela Reforma Universitária, de modo a ser estabelecido um convênio-padrão em que ficassem expressamente definidas todas as responsabilidades e implicações decorrentes da agregação de escolas isoladas à UFC. De acordo, ainda, com o teor da decisão supracitada, o convênio-padrão poderia ser o conselheiro Aderbal Nunes utilizado, inclusive, para reformular as bases das agregações concedidas anteriormente pela Universidade. O conselheiro Francisco José Amaral Vieira manifestou total aquiescência aos termos da proposta do Relator. Concordava inteiramente que se deveria encaminhar tendo em vista que este órgão já examinara o problema em sua etapa inicial, sob o prisma da Reforma, o conselheiro José Ubirajara Alves usou da palavra para formular proposta constante com os seguintes itens: a) encaminhar o processo à Comissão de Implantação, em seguida, à Câmara de Planejamento, a fim de que este órgão submeta ao Conselho Universitário, a minuta em apreço deveria ser examinada pela congregação da Faculdade de Veterinária. Com referência ao item c da proposta, objetou o Relator que à Câmara de Planejamento compete deliberar sobre assuntos de ordem financeira, o que não lhe parecia ocorrer no caso em questão, uma vez que a Faculdade de Veterinária aceitaria a agregação sem qualquer ônus para a Universidade. O conselheiro Walter de Moura Cantídio fez uma abordagem do problema em função das implicações contidas na atual estrutura universitária e manifestou a opinião de que os futuros convênios deveriam mencionar expressamente todos os vínculos e responsabilidades da agregação em sua nova configuração doutrinária. Em demorado pronunciamento, **o conselheiro Antônio Martins Filho abordou os seguintes aspectos do problema:**

- a) a configuração atribuída inicialmente à figura da agregação, numa das fases de implantação da universidade brasileira, permitindo que unidades isoladas de ensino superior fossem agregadas às universidades existentes no respectivo contexto regional, sem que dessa vinculação lhes resultasse ônus de qualquer natureza;**
- b) a concepção dada ao instituto da agregação pela Universidade Federal do Ceará;**
- c) as agregações concedidas pela UFC para suprir falhas existentes no mosaico universitário;**
- d) instituição, pelo Conselho Federal de Educação, de novos princípios doutrinários, através de numerosos e importantes pareceres,**

modificando substancialmente a figura da agregação adotada pela UFC, nos seus primórdios. Agora, já na vigência da Lei nº 5.540, acreditava não mais haver razão para que as Escolas mantidas pelo Governo do Estado fossem agregadas à Universidade. Em abono de seu ponto de vista, mencionou o art. 8º do referido diploma legal, consubstanciado nestes termos: **“Art. 8º - Os estabelecimentos isolados de ensino superior deverão sempre que possível incorporar-se a universidades ou congregar-se com estabelecimentos isolados da mesma localidade ou de localidades próximas, constituindo, neste último caso, federações de escolas, regidas por uma administração superior e com regimento unificado”**. Depois de prestar informações relacionadas com a situação de alguns dos estabelecimentos de ensino mantidos pelo Executivo Estadual, o Conselheiro Antônio Martins Filho opinou no sentido de se fazer uma revisão geral em todas as agregações concedidas com base na legislação anterior. A respeito do assunto, o conselheiro Valnir Chagas fez substancial pronunciamento, em parte para concordar com algumas das ideias expendidas pelo conselheiro Antônio Martins Filho e em parte para discordar da afirmação de que sob a égide da Lei nº 5.540 ¹³⁷já não haveria possibilidade de novas agregações. Recordou que as experiências adquiridas ocasionalmente no Ceará haviam permitido que de 1962 para 1963, juntamente com outros membros do Conselho Federal de Educação, corporificassem um conjunto de doutrinas que viriam mais tarde contribuir para dar nova dimensão à figura da agregação. Quanto ao destino a ser dado ao novo requerimento da Faculdade de Veterinária, concordava que fosse encaminhado a Comissão de Implantação da Reforma, que já se encarregara dos estudos iniciais do problema. Achava que a Comissão deveria se pronunciar sobre a matéria em função da atual implantação da Reforma. O conselheiro Eduardo Sabóia de Carvalho era de opinião que o Conselho Universitário deveria conceder a agregação pleiteada, tendo em vista, sobretudo, o fato de que a medida não importaria em ônus algum para a Instituição. Considerava, além do mais, que a agregação teria a vantagem de trazer a Faculdade de Veterinária para o âmbito da Universidade. O conselheiro Francisco José Amaral Vieira voltou a usar da palavra, ocasião em que fez apelo a Presidência da mesa no sentido de colocar em votação a proposta do conselheiro Relator. O conselheiro Wagner Turbay Barreira fez algumas objeções a proposta, com fundamento no fato de que o processo já havia sido examinado pela Comissão de Implantação da Reforma, cujas conclusões foram trazidas ao Conselho Universitário. A este órgão, segundo declarou, cumpria deliberar sobre o mérito, independente ou não da existência do novo requerimento. O conselheiro Antônio Martins Filho sugeriu então que o relator retirasse o processo da pauta. O relator declarou que o novo requerimento da Faculdade de Veterinária, posterior ao pronunciamento da Comissão, contrário a agregação nos termos pretendidos, havia sido encaminhado ao Conselho pelo Magnífico Reitor. Nessas condições, achava que apenas o Magnífico Reitor poderia determinar a retirada do processo, da pauta dos trabalhos. Em face da sugestão supra, e para que as discussões não se prolongassem por mais tempo, o Magnífico Reitor resolveu retirar o processo da Ordem do Dia, dando por encerrados os debates em torno do assunto. (CONSUNI, Ata 272ª 13/12/1969).

¹³⁷A Lei 5540, de 28 de novembro de 1968 - Fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média e dá outras providências.

ANEXO D – RELATÓRIO DE ENFERMAGEM FSESP – MARIA DA GLÓRIA FERREIRA FAÇANHA, FEVEREIRO DE 1964

Relatório de Enfermagem
Enf^a Maria da Glória F. Façanha
Fevereiro, 1964

INTRODUÇÃO – Recebemos autorização para comparecermos a um curso sobre Saúde Pública, que seria ministrado às Irmãs de Caridade, a fim de lhes dar conhecimentos básicos sobre assuntos gerais.

Educação a grupos – Tendo-se reunido 25 Irmãs de Caridade na Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo, foi iniciado no dia 27/01 um pequeno curso que seria ministrado por várias enfermeiras e cujo fim seria tentar conseguir a cooperação dessas Irmãs de Caridade, no sentido da melhoria da saúde da população através da educação sanitária.

A seção inaugural não foi presenciada por nós em virtude de termos que realizar uma viagem de urgência. Assim sendo quando comparecemos a Escola, as referidas Irmãs haviam sido divididas em três grupos, a fim de se estudar quais as suas atribuições e quais os assuntos que mais lhes interessavam.

Verificou-se então que a maioria entre seus afazeres era a de visitar os pobres; assim sendo nessas visitas poderiam aproveitar para levar alguns informações sobre higiene materna e infantil, saneamento, etc.

Sob a orientação de D. Emengarda de Faria Alvim, enfermeira da Superintendência, Maria Walderez Borges, atualmente no Rio, enfermeiras Ester Colares, da Diretoria Regional, Odete Beltrão do S.C.S. do Maranhão, Maria das Graças Miranda Alvarenga do S.C.S. do R.G. do Norte e Penélope Barros, do S.C.S. do Piauí, foi realizada uma reunião na qual foram distribuídos vários assuntos e nos coube a orientação sobre criança sadia.

Conteúdo das aulas – Abordamos tudo que se relaciona à criança sadia, desde o nascimento, secção do cordão umbilical, curativo umbilical, antissepsia ocular, banho de esponja. Foram realizadas demonstrações de curativo umbilical e antissepsia ocular, após palestras e vários slides foram mostrados inclusive sobre oftalmia purulenta do recém-nascido.

Quando se falava nos cuidados prestados, eram esclarecidos quais os perigos a que estavam as crianças: tétano umbilical e oftalmia genocócica.

Profilaxia das doenças através de vacinações: Ao abordarmos o tema vacinação, falamos sobre o início da mesma, relacionando às doenças: Tuberculose – Vacina- B.C.G.; Varíola – Vacina – anti-variólica; Difteria – Tétano e Coqueluche – Vacina – D.T.P. Apenas a vacina anti-variólica foi demonstrada e aproveitamos o ensejo para se vacinar todas as Irmãs. Mostramos um quadro com dados colhidos em Maranguape no qual foram relacionados por semestre as doenças transmissíveis notificadas por aquela Unidade, e as vacinações realizadas. Foi possível, desse modo, mostrar o valor das vacinas e das instruções às curiosas em relação ao tétano umbilical e oftalmia neo-natorum.

Alimentação do Infante: Abordamos o tema Alimentação do Infante, procurando mostrar as vantagens da alimentação materna, para que as Irmãs possam orientar as mães, futuramente.

A introdução de vários alimentos de acordo com a idade foi explicada e após orientação sobre alimentação artificial, foi demonstrado o preparo de mamadeira utilizando material improvisado, isto é, aquele que normalmente se encontra nas residências de mães pobres.

Vários folhetos reativos a criança: alimentação, vacinação, assim como quadro de alimentação, orientações sobre a infância, etc., foram distribuídos. Os demais temas abordados foram:

Gestação: - A enfermeira Ester Colares abordou o assunto gestação, como se processa, o que é menstruação, desenvolvimento do feto, cuidados com a gestante, higiene e alimentação da gestante, preparativos para o parto,

cuidados relacionados ao parto, fases do mesmo; puerpério, cuidados com a puérpera, higiene e alimentação puérpera.

Alimentação: - A enfermeira Maria Walderez Borges, falou sobre alimentação em geral, o que devemos comer, porque e o que acontece se a alimentação não for suficiente. Falou de um modo geral sobre crianças, gestantes e adultos.

Criança Doente: - Desenvolveram o tema as enfermeiras Odete Beltrão e Maria Walderez Borges. Falaram sobre diarreias, distrofias, suas causas, como evita-las; doenças causadas por ausência de vitaminas, etc.

Desnutrição: Tema abordado por D. Emengarda Faria Alvim: Subnutrição-Desnutrição proteica; Grupos de população mais atingida pela desnutrição. Consequência da desnutrição para gestante e crianças. Diferentes causas de desnutrição; educação alimentar das mães, escolares e adultos. O que ensinar às mães, aos escolares e aos adultos. Como combater a desnutrição. Vários filmes foram obtidos a fim de complementar as diversas aulas. Foram utilizados alguns seriados, cartazes, quadro de pregas, flanelógrafo e slides. Educação Sanitária: -A parte de educação sanitária foi desenvolvida por Dra. Acácia Araújo Mendonça, que orientou sobre a confecção de material áudio-visual. Foi também responsável pela exibição dos filmes e slides.

Saneamento: - O Sr. Otacílio Paulino de Matos desenvolveu a parte de saneamento, orientando às Irmãs sobre as funções de auxiliar de saneamento e o modo como esse funcionário pode influenciar na melhoria das habitações. Entre os vários assuntos teve destaque o cuidado com a água e a parte de provadas higiênicas.

As aulas terminaram dia 07/02 com reunião social.

Viagens de Supervisão: - I – Canindé – Dia 24 de fevereiro, viajamos pela manhã para Canindé, regressando a tarde, em companhia do Dr. Hélio Wanderley Uchôa, Supervisor Odontológico, Dr. Francisco Leite de Mesquita, médico em transferência para a referida Unidade e Sr. José Augusto Batista. Visitamos os vários setores e após uma reunião informal com as atendentes, passamos ao nosso trabalho de supervisão.

Arquivo: - Procuramos metodizar o trabalho da atendente responsável pelo arquivo. As fichas estão bem preenchidas e o fichário bem organizado. Os dados não estavam sendo colhidos como mandam as instruções. Procuramos orientar nesse setor.

Farmácia: - Foi suprimido sem qualquer instrução os mapas da Farmácia. Orientamos sobre a necessidade dos mesmos.

Ambulatório: - Não foi possível uma Supervisão detalhada por falta de tempo; entretanto orientamos sobre o mapa do ambulatório, anotações nas fichas sobre injeções aplicadas e imunizações.

Visitadoras: - Verificamos os modelos utilizados pelas visitadoras e o mapa de trabalho diário. Falamos sobre entrevistas pós-clínica; encarregamos uma visitadora de controle do almoxarifado. Com a possibilidade de se conseguir um mapa da cidade procuramos dividir a cidade em zonas, a fim de se poder controlar os casos de visitas através de alfinetes diversos.

Almoxarifado: - Não vem sendo controlado e demos orientação a uma visitadora sobre o modo como devem ser preenchidas as fichas de material e o controle da entrada e saída dos medicamentos e materiais diversos.

Observamos boa aceitação da vacina anti-tífica, pois apesar de não se contar nessa época com médico na Unidade, várias crianças estavam chegando para tomar a referida vacina.

Reunião com o pessoal: - Foi realizada uma reunião com todos os funcionários, onde Dr. Hélio Wanderley Uchoa apresentou o Dr. Francisco Leite Mesquita como novo chefe da Unidade esperando a cooperação de todos os funcionários para que o trabalho da Unidade continuasse com toda a harmonia como vinha sendo realizado pelo Dr. Eliezer Magalhaes Karam dentista da Unidade, ficaria ainda por alguns dias respondendo pela Chefia, até a chegada definitiva de Dr. Mesquita.

Após a reunião regressamos a Fortaleza.

II – CRATO – Dia 24 de fevereiro viajamos com destino a Crato, a fim de verificarmos o andamento do curso para atendentes que estava sendo desenvolvido pelas enfermeiras Ma. Luiza Alencar Bandeira e Benedita Felizola Cavalcante. A Unidade já estava mais ou menos organizada e o treinamento ao seu término.

Reunimos todas as atendentes com a presença das enfermeiras e procuramos dar ênfase aos ensinamentos já ministrados, referindo-nos aos itens de maior importância.

Falamos sobre a Organização da Unidade Sanitária – Necessidade do treinamento das atendentes, suas relações com o público e os companheiros de trabalho. Cooperação das atendentes entre si – Movimento geral da Unidade.

Supervisão: - O que se entende por supervisão e qual o serviço e cooperação que a enfermeira pode dar à Unidade e seus funcionários.

Falamos ainda sobre as atividades gerais de cada setor e sobre a necessidade de um treinamento em Juazeiro do Norte.

Assim sendo, viajamos dia 26 para a Unidade de Juazeiro do Norte, acompanhada pelas enfermeiras e atendentes onde permanecemos todo o dia e a manhã do dia 27.

Procuramos conhecer toda equipe, após a entrevista com o médico Dr. Mário Malzone. Estivemos no Arquivo orientando sobre organização do fichário, metodizando seu trabalho e explicando às atendentes ao mesmo tempo, sobre coleta dos dados para o mapa do setor.

Explicamos as atendentes vindas de Crato como deveria funcionar o arquivo e deixamos que elas organizassem o fichário.

A atendente Maria Aila que é a responsável pela secretaria, foi orientada sobre os preenchimentos dos modelos do relatório mensal e teve oportunidade de acompanhar a enfermeira Ma. Luiza até o Cartório para colher os dados referentes a óbitos, de novembro, dezembro e janeiro, enquanto nós preparávamos a parte estatística do relatório.

Ambulatório: - Orientamos sobre o funcionamento geral do mesmo e com a chegada da vacina DTP, tivemos oportunidade de orientar as atendentes sobre a sua aplicação, preenchimento do cartão e mapa de vacinação.

Conversamos com os auxiliares de saneamento sobre o modelo SESP-786-D que deverá acompanhar o relatório mensal da Unidade e que deverá ser arquivado na secretaria.

Escolas: - Organizamos escolas e orientamos a enfermeira Ma. Luiza que ficará responsável por essa Unidade sobre o que deverá continuar a fazer até o próximo funcionamento da Unidade Sanitária de Crato.

Viajamos dia 28 de fevereiro com destino a Fortaleza, onde em entrevista com o diretor do Programa Dr. João Paiva Freitas, demos conhecimento sobre o trabalho que efetuou em nossa viagem de supervisão.

(Relatório de Enfermagem FSESP – Maria da Glória Ferreira Façanha, 1964)

ANEXO E – MATRIZ CURRICULAR DA ESCOLA DE ENFERMAGEM SÃO VICENTE DE PAULO (EESVP) – ANO 1967 A 1969

Distribuição de disciplinas em séries/anos

Disciplinas 1ª Série/Ano	C/H	Disciplinas 2ª Série/Ano	C/H	Disciplinas 3ª Série/Ano	C/H
Anatomia e Fisiologia	160	Bioestatística	15	Administração Aplicada à Enfermagem	50
Bioquímica	80	Cultura Religiosa II	30	Antropologia	20
Cultura Religiosa I	32	Deontologia	36	Cultura Religiosa III	30
Educação Sanitária	30	Enfermagem Cirúrgica	88	Enfermagem de Saúde Pública	90
Ética	34	Enfermagem em Centro Cirúrgico	98	Enfermagem Obstétrica	90
Farmacologia	20	Enfermagem Médica e Doenças Transmissíveis	122	Inglês III	30
Fundamentos da Enfermagem	488	Enfermagem Psiquiátrica	58	Problemática da Enfermagem/Ética	15
História da Enfermagem	20	Epidemiologia	15		
Inglês I	32	Higiene Mental	22		
Introdução à Filosofia	20	Inglês II	30		
Nutrição	22	Psicologia do Desenvolvimento	30		
Parasitologia e Microbiologia	130				
Patologia Geral	15				
Psicologia Geral	68				
Saneamento	20				
Sociologia	40				
Carga Horária	1.211	Carga Horária	544	Carga Horária	405

ANEXO F – MATRIZ CURRICULAR DA ESCOLA DE ENFERMAGEM SÃO VICENTE DE PAULO (EESVP) – ESTÁGIOS PRÁTICOS, 1967 A 1969

CAMPOS DE PRÁTICA	Carga Horária DIURNO	Carga Horária NOTURNO	Carga Horária TOTAL
Adaptação	144	--	144
Administração Aplicada à Enfermagem	300	--	300
Enfermagem Cirúrgica	250	--	250
Enfermagem de Saúde Pública	230	--	230
Enfermagem em Centro Cirúrgico	180	24	204
Enfermagem em Doenças Transmissíveis	70	--	70
Enfermagem Médica	320	24	344
Enfermagem Obstetrícia e Ginecologia	300	24	324
Enfermagem Pediátrica	200	24	248
Enfermagem Psiquiátrica	180	--	180
Nutrição e Dietética	20	--	20
CARGA HORÁRIA TOTAL	2.194	96	2.290

ANEXO G – MATRIZ CURRICULAR DA ESCOLA DE ENFERMAGEM SÃO VICENTE DE PAULO (EESVP) – ANO 1970 A 1973

Distribuição de disciplinas em séries

Disciplinas 1ª Série/Ano	C/H	Disciplinas 2ª Série/Ano	C/H	Disciplinas 3ª Série/Ano	C/H
Anatomia e Fisiologia	160	Bioestatística	15	Administração Aplicada à Enfermagem	50
Bioquímica	70	Cultura Religiosa (extinta em 1972)	30	Antropologia	20
Cultura Religiosa	30	Deontologia	36	Bioestatística	15
Educação Sanitária	30	Enfermagem Cirúrgica	88	Cultura Religiosa/ Introdução à Pesquisa	30
Ética	30	Enfermagem em Centro Cirúrgico	90	Enfermagem de Saúde Pública	90
Farmacologia	20	Enfermagem Médica e Doenças Transmissíveis	122	Enfermagem Obstétrica	90
Fundamentos da Enfermagem	428	Enfermagem Psiquiátrica	58	Enfermagem Pediátrica	80
História da Enfermagem	20	Epidemiologia	15	Epidemiologia	15
Inglês	30	Higiene Mental	20	Inglês (extinta em 1973)	30
Introdução à Filosofia	20	Inglês	30	Moral e Cívica (extinta em 1973)	28
Moral e Cívica	28	Moral e Cívica (Problemas Brasileiros)	28	Problemas de Enfermagem/Exercício de Enfermagem Legislação Profissional	15
Nutrição	22	Psicologia do Desenvolvimento	30		
Parasitologia e Microbiologia	130				
Patologia Geral	12				
Psicologia Geral	68				
Saneamento	20				
Sociologia	40				
Carga Horária	1.158	Carga Horária	562	Carga Horária	463

ANEXO H – MATRIZ CURRICULAR DA ESCOLA DE ENFERMAGEM SÃO VICENTE DE PAULO (EESVP) – ESTÁGIOS PRÁTICOS, ANO 1970 A 1973

CAMPOS DE PRÁTICA	Carga Horária DIURNO	Carga Horária NOTURNO	Carga Horária TOTAL
Adaptação	144	24	168
Administração Aplicada à Enfermagem	300	--	300
Enfermagem Cirúrgica	250	48	298
Enfermagem de Saúde Pública	230	--	230
Enfermagem em Centro Cirúrgico	180	24 a 48	204 a 228
Enfermagem em Doenças Transmissíveis	70	24	94
Enfermagem Médica	320	48	368
Enfermagem Obstetrícia e Ginecologia	300	24	324
Enfermagem Pediátrica	200	48	248
Enfermagem Psiquiátrica	180	--	180
Nutrição e Dietética	20	--	20
CARGA HORÁRIA TOTAL	2.194	240 a 264	2.434 a 2458

ANEXO I – MATRIZ CURRICULAR DA ESCOLA DE ENFERMAGEM SÃO VICENTE DE PAULO (EESVP) – ANO 1974 A 1978.

Continua

Disciplinas	Crd	C/H	Disciplinas	Crd	C/H
1º SEMESTRE			2º SEMESTRE		
Biologia	6	90	Bioquímica	6	90
Cálculo	6	90	Embriologia e Histologia	6	90
Estudos dos Problemas Brasileiros I	2	30	Estudos dos Problemas Brasileiros II	2	30
Física	6	90	Psicologia I	4	60
Química	6	90			
TOTAL	26	390	TOTAL	18	270
3º SEMESTRE			4º SEMESTRE		
Anatomia	6	90	Deontologia e Ética Profissional	3	45
Biofísica	4	60	Fisiologia	6	90
Microbiologia	3	45	Fundamentos da Enfermagem I	4	60
Nutrição e Dietética	4	60	Imunologia	4	60
Sociologia	4	60	Parasitologia	3	45
TOTAL	21	315	TOTAL	20	300
5º SEMESTRE			6º SEMESTRE		
Fundamentos da Enfermagem II	11	165	Enfermagem Psiquiátrica	9	135
História da Enfermagem	2	30	Farmacologia	6	90
Saúde da Comunidade	4	60			
TOTAL	17	255	TOTAL	15	225
7º SEMESTRE			8º SEMESTRE		
Enfermagem Médico Cirúrgica	13	195	Enfermagem Doenças Transmissíveis	6	90
Epidemiologia	4	60	Enfermagem Materno-Infantil	13	195
Estatística Vital e Demográfica	4	60			
TOTAL	21	315	TOTAL	19	285

Conclusão

9º SEMESTRE			Disciplinas OPTATIVAS		
Administração Aplicada à Enfermagem	9	135	Antropologia Cultural	4	60
Didática Aplicada à Enfermagem	4	60	Dietoterapia	4	60
Enfermagem em Saúde Pública	9	135	Enfermagem em Centro Cirúrgico	8	120
Exercício de Enfermagem	4	60	Enfermagem em Obstetrícia	4	60
			Estatística	6	90
			Genética e Evolução	4	60
			Ginástica	2	30
			Higiene e Saneamento	3	45
			Introdução à Pesquisa	4	60
			Medidas Gerais de Profilaxia	4	60
			Patologia Geral	4	60
			Processos Patológicos Gerais	4	60
			Psicologia II	4	60
			Puericultura	4	60
			Relações Humanas	4	60
			Supervisão e Treinamento de Pessoal de Enfermagem	4	60
TOTAL	26	390	TOTAL	67	1.005

ANEXO J – OFÍCIO ACESSO AS ATAS DE REUNIÕES DO CONSELHO UNIVERSITÁRIO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (1955-1969), FORTALEZA/CEARÁ.



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ-FUNECE
Centro de Ciências da Saúde- CCS
Laboratório de Educação, História e Saúde Coletiva-LEHSC
Núcleo de Documentação, Informação, História e Memória da Enfermagem no Ceará-
NUDIHME

Ofício Nº. 01/2018

Fortaleza, 18 de julho de 2019

Ao Sr. Antônio Aritomar Barros

Secretário do Conselho Universitário da Universidade Federal do Ceará

Assunto: Acesso às atas do CONSUNI

Senhor secretário,

O *Laboratório de Educação, História e Saúde Coletiva* da UECE, inserido no Centro de Ciências da Saúde por meio de seu **Núcleo da Documentação, Informação, História e Memória da Enfermagem no Ceará-NUDIHME**, pretende expor materiais referentes à História da Enfermagem no Ceará. O Acervo a ser exposto é composto por materiais hemeográficos, iconográfico, bibliográfico, objetos tridimensionais e arquivos - originários da 1ª Escola de Enfermagem resultando de coleta, preservação e doação, pessoais e institucionais.

Por esse motivo solicitamos vosso auxílio na construção do referido acervo, por meio do **acesso às atas de reuniões do Conselho Universitário (CONSUNI)**. Como responsáveis por esta atividade de coleta de dados, foram nomeadas as alunas do Programa de Pós-Graduação em Educação e colaboradoras do NUDIHME: **Mariza da Costa Pereira e Vanessa de Carvalho Forte**.

Atenciosamente,

Prof.ª Dr.ª Maria Irismar de Almeida
Diretora do Laboratório de Educação, História e Saúde Coletiva
Coordenadora do NUDIHME